VIDA NO ESPÍRITO

NO CASAMENTO NO LAR E NO TRABALHO

EXPOSIÇÃO SOBRE EFÉSIOS 5.18-6.9

D. M. LLOYD-JONES

PES

VIDA NO ESPIRITO

NO CASAMENTO, NO LAR E NO TRABALHO

Exposição de Efésios 5:18 a 6:9

D.M. LLOYD - JONES

PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS Caixa Postal 1287 01059 São Paulo — SP

Título original:

Life in the Spirit

Editora:

The Banner of Truth Trust

Primeira edição em inglês: 1974

Copyright:

Lady E. Catherwood

Tradução do inglês:

Odayr Olivetti

Capa:

Ailton Oliveira Lopes Revisão:

Antonio Poccinelli

Primeira edição em português: 1991

Composição e impressão: Imprensa da Fé

INDICE

I Nova Vida no Espírito *Efésios* 5:18-21

PREFACIO

Este volume segue-se ao anterior volume de sermões sobre o capítulo dois da Epístola aos Efésios, publicado sob o título, “O Caminho de Deus para a Reconciliação” (God’s Way of Reconciliation, Evangelical Press). O fato de aparecer antes de um volume sobre o capítulo 3 é devido unicamente à urgência dos problemas de que trata. Minha esperança é que afinal tome seu próprio lugar como um tomo componente de uma série sobre esta grandiosa epístola.

Os sermões desta série foram pregados na Capela de Westminster, Londres, aos domingos de manhã, durante os anos de 1959 e 1960. Não épreciso salientar a relevância do manejo que o apóstolo faz dos assuntos aqui tratados, numa época em que a instituição do casamento está sendo questionada, o chamado choque de gerações está recebendo ênfase, a autoridade dos pais está sendo escarnecida e ridicularizada, e tem havido excessivas lutas na esfera industrial. “Na verdade que já os fundamentos se transtornam: que pode fazer o justo?”, pergunta o salmista (Salmo 11:3). O apóstolo aqui nos traz à lembrança esses fundamentos da maneira que lhe é costumeira; e, em minha opinião, o manejo deles deve ser explanado de forma expositiva e mediante sermões.

Os sermões incluídos nos primeiros cinco capítulos já foram impressos na Westminster Record de 1968/9, mas os onze restantes, que tratam das relações entre pais e filhos e vice-versa, entre senhores e servos, no capítulo 6, aparecem pela primeira vez. Para evitar exagerada extensão, resolvi omitir os sermões sobre os versículos 19 e 20 do capítulo 5, uma vez que não têm relação direta com os temas tratados neste volume.

Janeiro de 1974

Muitos testificaram do auxilia recebido da leitura dos sermões já impressos, e insistiram comigo para lançá-los nesta forma permanente, com os sermões adicionais. Só me resta orar, pedindo a Deus que os abençoe e os utilize para dar ajuda a muitas pessoas confiisas, cristãs ou não.

D.M. Lloyd-Jones

- NOVA VIDA NO ESPÍRITO
  - O PODER DO ESPÍRITO Efésios 5:18
  - SUBMISSÃO NO ESPÍRITO Efésios 5:21
  - O ESPÍRITO DE CRISTO
- CASAMENTO
  - A ORDEM DA CRIAÇÃO Efésios 5:22-24
  - O VERDADEIRO AMOR Efésios 5:25-33

- A PURIFICAÇÃO DA ESPOSA Efésios 5:23-33
- UMA SÓ CARNE Efésios 5:25-33
- OS DEVERES DO ESPOSO Efésios 5:25-33

- O LAR
  - A DISCIPLINA E A MENTALIDADE MODERNA Efésios 6:1-4
  - EDUCAÇÃO CRISTÃ NO LAR Efésios 6:1-4
- TRABALHO
  - OS SANTOS NA SOCIEDADE Efésios 6:5-9
  - NOSSO MESTRE E SENHOR NO CÉU Efésios 6:5-9

NOVA VIDA NO ESPÍRITO

Efésios 5:18-21

18 E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito;

19 Falando entre vós em salmos, e hinos, e cânticos espirituais: cantando e salmodiando ao Senhor no vosso coração;

20 Dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo:

21 Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Deus.

O ESTÍMULO DO ESPÍRITO

Efésios 5:18

Nada é mais notável acerca do apóstolo Paulo do que o variado caráter do seu ministério. Ele foi ao mesmo tempo evangelista e pregador, fundador de igrejas, teólogo e mestre, e também um pastor bondoso e compassivo. Suas exposições das grandes doutrinas da fé cristã são incomparáveis; mas igualmente notável é o modo pelo qual ele mostra e elabora as implicações dessas doutrinas. Ele se interessava tanto pela aplicação quanto pela exposição porque, como constantemente acentua, o cristianismo é viver - não mera filosofia ou ponto de vista.

O resultado disto é que ele jamais aborda qualquer problema prático da vida cristã de maneira imediata ou direta: sempre o faz doutrinariamente. Ele coloca todo problema no contexto do conjunto completo da verdade cristã. Assim, nesta passagem vemos que quando o apóstolo passa a tratar dos problemas do cristão em sua vida conjugal e familiar, e em seu trabalho, ele o faz lembrando-nos que a vida cristã é vida no Espírito.

Ele expõe isto de maneira extraordinária, com as palavras, “E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito”. Podemos descartar imediatamente, é claro, qualquer noção de que ele esteja falando aqui apenas da questão da embriaguez ou da bebida excessiva. Pois, usar alguém este versículo meramente como um texto para aquilo que, penso eu, é chamado Sermão de Temperança, é revelar completa incompreensão do versículo. O objetivo do apóstolo não é apenas denunciar ou proibir a embriaguez. Isso certamente está incluído no texto; mas não constitui o toque principal, a mensagem principal do versículo. E se

nos detivermos aí, correremos grave risco de tomar-nos legalistas. Mas, acima de tudo, perderemos a glória desta exortação particular.

Aqui o apóstolo começa a dar-nos uma visão ainda mais positiva da vida cristã do que fizera até esta altura. Até este ponto, ele se interessara mormente em expor, de maneira negativa, a diferença existente entre a velha vida e a nova. Agora, porém, ele se toma muito mais positivo e pinta o quadro da nova vida no Espírito em termos mais positivos. No entanto, por que faz a transição com o que, a princípio, parece um modo estranho, deveras surpreendente? É quase um choque para nós, no meio de tudo que estivera dizendo e de tudo que iria dizer, ler de repente: “E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito”. Por que Paulo não expôs este ensino positivo da vida daquele que está cheio do Espírito de maneira direta? Por que introduziu

este elemento de embriaguez, de bebida excessiva?

Parece-me haver duas principais respostas para essa questão. A primeira é que não havia nada mais característico da velha vida que essas pessoas levaram, e que os seus contemporâneos ainda viviam, do que a embriaguez e a devassidão. O mundo antigo, quando da vinda do Senhor, era caracterizado justamente por esse tipo de coisa. Há muitas descrições clássicas disto. Vemo-lo, por exemplo, na segunda metade do capítulo primeiro da Epístola aos Romanos, e também no capítulo quarto de Efésios. A forma comum de viver era de embriaguez e libertinagem, era, de fato, de todas as coisas que geralmente acompanham o beber em excesso. Esse era o modo de viver desses efésios, em geral. Mas agora, haviam sido transformados. Tomaram-se novas pessoas, são cristãos, estão “no Espírito"; por isso o apóstolo salienta mais uma vez o fato de que a nova vida é completamente diferente. Todavia, mesmo isso não é suficiente; ele está ansioso por mostrar que esta vida nova não é apenas diferente da velha vida, mas é, na verdade, um completo contraste com ela.

Ao mesmo tempo, ele tem também um segundo objetivo em mente -mostrar que, nalguns aspectos, há certa similaridade entre os dois estados e vidas. É por causa desse fato curioso que ele resolveu empregar esta linguagem e esta ilustração em particular. Não tenho dúvida de que havia na mente do apóstolo, neste ponto, a lembrança do que estivera falando acerca da reação dos cidadãos de Jerusalém, no dia de Pentecoste, quando vira que algo estranho tinha acontecido com os seguidores do Senhor Jesus Cristo. O relato é dado em Atos, capítulo 2, versículos doze e dezesseis. Os apóstolos estavam falando “noutras línguas”. É-nos dito que pessoas de diferentes países os ouviam em “nossas próprias línguas falar das grandezas de Deus. E todos se maravilhavam e estavam suspensos, dizendo uns para os outros: que quer isto dizer? E outros, zombando, diziam: estão cheios de mosto”. Estão bêbados! “Pedro, porém, pondo-se em pé com os onze, levantou a sua voz, e disse-lhes: varões judeus, e todos os que habitais em Jerusalém, seja-vos isto notório, e

escutai as minhas palavras. Estes homens não estão embriagados, como vós pensais, sendo a terceira hora do dia. Mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel: e nos últimos dias acontecerá, diz Deus, que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne". A passagem fala de homens que subitamente foram cheios do Espírito Santo; mas certas pessoas pensavam que eles estavam bêbados, cheios de vinho.
Há, portanto, certa semelhança entre os dois estados e condições.

Opino, pois, que o apóstolo se expressa desta maneira para poder apresentar tanto o elemento de contraste como o de similaridade. Existem essas claras diferenças essenciais entre as duas vidas; mas há certos aspectos em que ambas são semelhantes. E não poderemos ter um genuína concepção da vida cristã, se não tivermos em mente o elemento de semelhança, como também o de contraste. Assim, mediante a colocação feita deste modo, o apóstolo nos dá um notável e maravilhoso quadro da vida cristã em toda a sua plenitude, e especialmente nalgumas das suas características mais essenciais. Primeiramente, daremos uma olhada no que ele nos fala acerca desta vida do cristão

cheio do Espírito. Depois consideraremos como esta vida se toma possível, e o sentido exato da expressão "Encher-se (Ser cheio) do Espírito". E posteriormente, passaremos a considerar como esta espécie de vida se mostra e se manifesta.

Há duas expressões que nos cabe considerar antes de examinarmos o quadro geral. A primeira é a palavra "embriagar-se". "E não vos embriagueis"; que significa? Wycliffe, quando traduziu a Bíblia, traduziu esta palavra por "encher-se", "Não vos enchais de vinho, mas enchei-vos do Espírito". Noutras palavras, a noção toda não é apenas a de um homem que toma um trago de vinho, ou um pouco de vinho, mas de um homem cheio de vinho. De fato, é sumamente interessante observar e constatar que a própria palavra que o apóstolo empregou aqui, também era empregada com referência ao processo de "embebedar-se", "encharcar". Por exemplo, quando queriam fazer uso da pele de um animal e desejavam esticá-la, viam que era muito difícil fazê-lo. O método a que recorriam era embeber a pele em diversos óleos e gorduras, e deste modo ela ficava mais flexível e eles podiam esticá-la mais facilmente. Pois bem, a mesma palavra era empregada para esse processo de embeber; pode, pois, ser traduzida por "encharcar": "Não vos encharqueis com vinho, mas enchei-vos do Espírito". Esse é o sentido da nossa palavra "embebedar-se".

A palavra subseqüente é "excesso" (que aparece no texto bíblico em inglês, correspondendo ao termo "contenda"). Vê-se claramente que é uma palavra muito importante. Entender isto dá-nos a chave para explicar a ilustração que o apóstolo está empregando. Quando ele diz: "E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda" (ou "excesso"), não está simplesmente chamando a atenção para a quantidade de vinho consumida, mas está afirmando que embriagar-se com vinho

leva a excesso, e é uma condição de estar em excesso. Que quer dizer isso? É muito interessante observar que é precisamente a mesma palavra empregada com relação ao filho pródigo. Lemos sobre ele em Lucas 15, que "desperdiçou a sua fazenda, vivendo dissolu-tamente" - a palavra traduzida por "dissolutamente" é exatamente a mesma do nosso texto aqui em Efésios. O filho mais novo, o pródigo, foi para uma terra distante com os bolsos cheios de dinheiro; mas desperdiçou "a sua fazenda", o seu dinheiro, "vivendo dissolutamente". Assim, podemos ler em Efésios: "E não vos embriagueis com vinho, que "causa dissolução". Ou poderíamos usar a palavra "prodigalidade". Esta é a conduta de um pródigo, pelo que podemos denominar aquela parábola, "Parábola do Filho Pródigo". Ele dissipou a sua fazenda de maneira pródiga, fez-se réu de "prodigalidade". Poderíamos empregar ainda a palavra "esbanjamento", ou a palavra "desregrado" ou a palavra "libertino". Mas é interessante notar o sentido radical da palavra: é uma palavra que tem um prefixo negativo, mas seu significado essencial é "poupar". "Poupar" é, naturalmente, o oposto de "esbanjar". Ê "econimizar" - cuidar do que se tem e ser cuidadoso. Mas aqui também há um prefixo negativo na palavra, de modo que "excesso" é o oposto de "poupança". Quando nos pesa a culpa de "excesso", é porque não poupamos, não guardamos, não conservamos;

desperdiçamos de maneira estulta, pródiga, desregrada, com esbanjamento; e acabamos ficando sem absolutamente nada. Portanto, em última análise, a palavra leva consigo a idéia de destrutibilidade. Longe de poupar e conservar, é um processo de destruição. Agora temos, então, o sentido: "E não vos encharqueis com vinho, que leva ao desregramento, ao esbanjamento, ao desperdício e à destruição final; mas enchei-vos do Espírito".

À luz disso, observemos o quadro positivo que o apóstolo nos dá aqui da vida cristã. Eis a primeira coisa que ele nos diz sobre isso: é uma vida controlada, ordenada. Temos aqui um elo de ligação com o que veio antes; porque ali Paulo nos disse que devemos andar "prudentemente", "não como néscios, mas como sábios". "Pelo que não sejais insensatos, mas entendei qual seja a vontade do Senhor." Na passagem que estamos focalizando, ele desenvolve aquela idéia. A vida cristã é uma vida controlada, uma vida ordenada; é exatamente o inverso da condição do ébrio, que perdeu o controle e está sendo controlado por alguma outra coisa, por assim dizer, e que, portanto, jaz num estado de completa desordem e desarranjo. O excesso de vinho leva a uma condição caracterizada acima de tudo pela perda do entendimento, pela perda da delicadeza, pela perda da capacidade de julgar, pela perda do equilíbrio. É o que a bebida faz.

A bebida não é um estimulante, é um agente de depressão. Deprime antes de tudo os núcleos mais elevados do cérebro. Estes são os primeiros a serem influenciados e afetados pela bebida. Eles controlam tudo que dá ao homem o domínio próprio, a sabedoria, o entendimento, a discriminação, o juízo, o equilíbrio, a capacidade de

avaliar tudo; noutras palavras, controlam tudo que faz o homem comportar-se no nível máximo e melhor. Quanto melhor for o autocontrole de um homem, melhor homem ele será. O homem que pode controlar os seus sentimentos, o seu temperamento, as suas disposições e as suas paixões, obviamente é melhor e maior do que o homem que não tem esse autocontrole. Um homem pode ser muito capaz, porém, às vezes, quando estamos conversando sobre gente assim, temos que dizer: "Sim, ele é um homem e tanto, um homem competente, mas, infelizmente, não consegue controlar o seu temperamento", ou este ou aquele aspecto da sua vida. Em certo sentido, não há nada mais elevado do que este poder de controle, este domínio próprio, este equilíbrio, esta disciplina. As Escrituras ensinam isto de capa a capa, e afirmam que este é o selo de garantia de qualidade do homem verdadeiramente "sábio". Mas a bebida é algo que imediatamente escapa do controle; essa é, na verdade, a primeira coisa que ela faz; e aqui o apóstolo nos está lembrando que não há nada que deva ser mais óbvio quanto ao cristão, nem mais característico deste, do que a ordem - esta qualidade do que é bem ordenado, este equilíbrio, esta delicadeza, esta disciplina. É a "moderação" de que ele fala na Segunda Epístola a Timóteo* capítulo primeiro, versículo sete. Significa disciplina. É essa, então, a primeira coisa. Não deve existir nada no cristão que lembre aquela falta de controle que constitui o sinal mais patente da embriaguez, o excesso que a caracteriza.

Em segundo lugar, a vida cristã não é de desperdício ou dissipação, mas, sim, uma vida produtiva. Isso é óbvio em nossos próprios termos. Que é um cristão? Não posso pensar num melhor modo de descrevê-lo do que este: ele é exatamente o oposto do filho pródigo. Nessa parábola temos, creio eu, um comentário perfeito deste versículo que estamos examinando. Vemos dois lados: o filho pródigo na terra distante, o filho pródigo depois que voltou para casa; e, de novo, o filho pródigo e o pai. Aqui está este maravilhoso contraste. A bebedeira sempre leva ao excesso, à prodigalidade, ao desregramento, ao esbanjamento e à destruição. Quero dizer que a bebedeira é sempre dissipadora, que ela sempre esbanja. Esbanja o que? Em primeiro lugar, esbanja tempo. Um homem na condição de ébrio não se preocupa com o seu trabalho nem com coisa alguma; sempre tem tempo para conversar, e quanto as outras coisas, que esperem. Ele desperdiça o seu tempo. Do mesmo modo, esbanja a sua energia. Ele faz coisas que não faria em seus momentos de sobriedade. Ele joga fora sua energia, apenas para mostrar como é forte, como é maravilhoso. O excesso, a embriaguez, é coisa pródiga, e é pródiga principalmente no desperdício de energia. O bêbado a atira longe, por assim dizer, com as duas mãos. E o faz em seu falar, em suas ações, em tudo.

Mas esse tipo de vida joga fora outras coisas mais importantes ainda. Lança fora a castidade, lança fora a pureza. Longe de preservá-las, lança-as para longe. Os mais preciosos dons que Deus dá ao homem, esse tipo de vida joga fora - a capacidade de pensar, de raciocinar, de calcular, de compreender, e de todo o equilíbrio de que

venho falando. Tudo isso é dissipado. Essa é a característica do excesso produzido pela embriaguez; esta leva o homem a jogar fora a sua castidade, a sua pureza, a sua moralidade. É isso que faz da embriaguez uma coisa tão terrível. Vemos um homem assim atirar pela janela as coisas mais preciosas que lhe pertencem; ele as dissipa. A embriaguez é sempre destrutiva.

Por outro lado, a vida cristã é o oposto exato disso tudo. Desenvolverei este tema mais tarde. Mas a grande característica da vida cristã é que ela conserva, edifica e aumenta o que temos. O cristão está sempre ganhando algo, sempre aprendendo algo novo. Sobre a vida piedosa, o Velho Testamento declara que é uma vida que enriquece - que nos faz ricos em todos os aspectos; de fato nos introduz nas "insondáveis riquezas de Cristo". A vida cristã faz isso. É uma vida que preserva, conserva e aumenta tudo que há de melhor no homem. É precisamente o oposto do tipo de vida que o filho pródigo levava; e o é em todos os aspectos. O pródigo jogou fora seu dinheiro com as duas mãos. O cristão não é um miserável, mas diz o Novo Testamento que ele é um "mordomo". Ele retém e conserva; não joga fora dinheiro a mancheias, sem pensar no que está fazendo. Compreende que lhe foi confiada uma solene responsabilidade, e que lhe cabe desincumbir-se dela corretamente. Portanto, ele é verdadeiramente um mordomo do seu dinheiro e de tudo mais.

Outro contraste notável é este: a vida cristã, diversamente da vida de embriaguez e de excesso, não esgota o homem. Essa é a tragédia daquela outra

maneira de viver, não é? O pobre sujeito pensa que está sendo estimulado; na verdade está se exaurindo por causa do seu pródigo uso da sua energia e de tudo mais. Mas a vida cristã não produz exaustão; na verdade faz exatamente o oposto, graças a Deus.

Neste ponto emerge um grande princípio. Aplica-se não somente à bebida, mas também a muitos outros instrumentos de ação que têm exatamente o mesmo efeito da bebida. Em termos simples, ele nos diz que a diferença entre a operação do Espírito em nós e qualquer outra influência que, à primeira vista, pode parecer *semelhante* à influência do Espírito é esta: que todas as outras fontes de influência nos esgotam, ao passo que o Espírito sempre coloca poder dentro de nós.

Permitam-me ilustrar o que quero dizer. Lembro-me de ter ouvido, há alguns anos, que certa missão fora mantida sob os auspícios de uma organização cristã, durante determinado período. E depois me lembro de ter ouvido que o período subseqüente foi um dos piores períodos, no sentido espiritual, da história daquela determinada organização. Menos pessoas iam às reuniões de oração e às várias outras reuniões. As pessoas não estavam apenas deixando de comparecer às reuniões de oração ou de fazer o seu trabalho cristão regular, mas também não estavam lendo as Escrituras, como costumavam. Alguém quis saber a causa desse estranho fenômeno, e a resposta dada foi que sua causa era o que denominaram "exaustão pós-campanha". Todos os

participantes estavam cansados e exaustos. Isso não nos faz pensar profusamente?

O Espírito Santo, volto a dizê-lo, não nos esgota; Ele coloca poder dentro de nós. Muitos outros elementos esgotam os homens. Se uma igreja ou uma organização cristã fica exausta após uma campanha evangelística, eu questionaria muito a base sobre a qual a campanha foi conduzida. O Espírito não esgota ninguém, mas a energia produzida e gasta pelo homem esgota. O álcool, ou qualquer estímulo artificial produzido pelo homem, sempre nos deixa exaustos e fatigados. O Espírito não! A embriaguez esgota; o Espírito Santo não esgota, mas comunica energia.

Da mesma maneira podemos indicar que este excesso, esta embriaguez, sempre empobrece. O pobre bêbado se vê sem nada. Observem isto na parábola do filho pródigo. Lá estava ele, coitado: o dinheiro tinha acabado, tudo tinha desaparecido, e ele estava tentando conservar-se vivo comendo as bolotas que eram dadas para alimentar os porcos. "E ninguém lhe dava nada." Ele não possuía absolutamente nada; estava completamente empobrecido. Lembra-se do seu lar e do seu pai, e diz: "Ora, os servos de meu pai estão em melhor situação que eu, têm pão "para dar e vender", e eu não tenho nada". Ei-lo ali, esgotado; tudo se foi, completamente, e ele fica sem um tostão, sem esperança, sem amparo e sem amigos. A vida cristã é o exato oposto disso. O apóstolo o expressa novamente, escrevendo a Timóteo: "Que entesourem para si mesmos um bom fundamento para o futuro" (1 Timóteo 6:19). Estamos edificando, estamos aumentando, estamos crescendo, estamos a desenvolver-nos? Esse é um penetrante teste para vermos se o Espírito está em nós em Sua plenitude, ou

não. A vida antiga, natural e pecaminosa nos empobrece e nos deixa sem nada.

Agora me apresso a passar para o terceiro princípio. Tenho acentuado que a vida cristã é uma vida controlada e ordenada, que é uma vida produtiva, em contraste com todas as outras maneiras de viver. Mas, acima de tudo, quero acentuar que a vida cristã não é uma vida meramente negativa. Acredito que foi para dizer isso que o apóstolo usou esta comparação. Podemos ler esta Epístola aos Efésios, especialmente do versículo dezessete do capítulo quatro até este ponto, e talvez, lendo-a superficialmente, fiquemos com a impressão de que a vida cristã é tão somente negativa - que não devemos fazer isto, não devemos praticar aquilo, que não nos devemos dar a conversas tolas e pilhérias, que não devemos embebedar-nos, e assim por diante. Muitos pensam assim, e dizem: "Sua vida cristã é puramente negativa; é apenas uma vida de proibições, e vocês estão sempre dando ênfase a ordem, controle, disciplina, zelo e coisas semelhantes. Esta sua vida cristã é inteiramente negativa?" A resposta é: "Não, mil vezes não".

Como expor e salientar isto? Podemos expressá-lo nestes termos: como temos visto, há algo concernente à vida cristã que leva o incrédulo a pensar que o cristão está bêbado: "Estão cheios de mosto" (Atos 2:13). "E não vos embriagueis com vinho,

em que há contenda (ou “excesso”), mas enchei-vos do Espírito." Não, esta não é nenhuma vida negativa! E creio que o apóstolo estava particularmente interessado em mostrar isto. Alguns parecem pensar que o cristão é um homem que, para empregar as palavras de Milton, “zomba dos prazeres e vive dias afanosos”, que é um homem triste, quase miserável, um homem meramente moral.

Acaso poderia ser expresso mais vigorosamente o fato de que o cristianismo não é mera moralidade negativa, do que o faz este versículo? Supreende-se alguém de que eu fale deste modo da moralidade? Faço isto porque, de muitas maneiras, a moralidade é o maior inimigo do cristianismo. São os homens morais e bons da igreja que hoje constituem os maiores inimigos da cruz de Cristo; e, portanto, eles devem ser denunciados. O cristianismo não é moralidade apenas ou ausência de certas coisas da vida do homem. Certamente não há nada que faça mais dano à fé cristã do que esse modo de ver. Estou dando ênfase a este ponto porque cada vez me convenço mais de que muita coisa das condições da Igreja cristã hoje se explica principalmente pelo fato de que por quase cem anos a Igreja tem estado pregando moralidade e ética, e não a fé cristã. É esta pregação do “viver bem”, de que o cristão deve ser “cavalheiro”, e do conceito de religião como “moralidade tocada de emoção”, como o expressa Matthew Arnold, que é a maldição. Tais homens deixam cair as doutrinas; eles não gostam da idéia de expiação, eliminam toda a noção do miraculoso e do sobrenatural, e consideram ridículo falar do novo nascimento. Para eles, cristianismo é aquilo que ensina o homem a viver bem.

Mas isso é inteiramente falso. O cristianismo dá vida nova ao homem. Não é apenas uma espécie de moralidade negativa e mecânica que entorpece a alma e a priva de todo vigor e vitalidade. O apóstolo, digo eu, ao utilizar esta

comparação, troveja para nós este fato tremendo, que a vida cristã não é tão somente uma vida negativa, uma simples ausência do mal e do pecado.

Permitam-me agora expressar isso em quarto lugar, numa forma positiva. O cristianismo é estimulante, o cristianismo é entusiasmante, o cristianismo é emocionante! É isso o que Paulo está dizendo: “E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda" (ou “excesso”) - não vão atrás de bebida, se é que vocês estão procurando emoção, ou estímulo, ou alguma alegria - “mas enchei-vos do Espírito”, e terão isso tudo, e mais. Esta é a tremenda idéia que é tão característica do ensino do Novo Testamento. O vinho - o álcool - como já lhes tenho lembrado, farmacologicamente falando não é estimulante; é depressivo. Apanhem algum livro de farmacologia, vejam “álcool”, e sempre verão que ele vem classificado entre os depressivos. Não é um estímulo. “Bem", vocês dirão, “por que as pessoas tomam álcool em busca de estímulo?" Num sentido eu já respondi esta pergunta. Eis o que o álcool faz: ele abate os centros mais elevados e, assim, os elementos mais primitivos do cérebro vêm à tona e assumem o controle; e o homem se sente melhor,

temporariamente. Perde o seu senso de temor, perde sua capacidade de discriminação, perde sua capacidade de avaliação. O álcool simplesmente abate os seus centros mais elevados e libera os elementos mais instintivos, mais primitivos; mas o homem acredita que está sendo estimulado. O que realmente é verdade a respeito dele é que ele se tomou mais animalesco; seu controle sobre si mesmo diminuiu.

Isso é exatamente o oposto do encher-se do Espírito; pois o que o Espírito faz é estimular de verdade. Se fosse possível colocar o verbete "Espírito" num livro-texto de farmacologia, eu o colocaria entre os estimulantes, pois é a classe a que Ele pertence. Ele realmente estimula. Não apenas parece fazê-lo, como acontece com o álcool, e por isso este nos entontece e nos ilude. O Espírito Santo é um estímulo real, positivo, ativo.

Que é que Ele estimula? Estimula todas as nossas faculdades. Estimula a mente e o intelecto. Posso prová-lo com muita simplicidade. A história prova que o desejo de educar-se sempre acompanha um avivamento e despertamento espiritual. Aconteceu na Reforma, aconteceu após o despertamento puritano, aconteceu de maneira mais notável ainda após o despertamento evangélico, há 200 anos. Lá estavam aqueles mineiros e outros beberrões embrutecidos na região central, no norte e nas vizinhanças de Bristol. De repente, foram convertidos por este poder do Espírito, e começaram a clamar por escolas, e queriam aprender a ler. O Espírito Santo estimula a mente. Ele é um estímulo direto para a mente e para o intelecto. Ele realmente desperta as faculdades da pessoa e as desenvolve. Ele não produz sobre eles o efeito que o álcool e outras drogas produzem. É o oposto exato disso; é um estímulo verdadeiro.

Todavia, Ele não estimula somente o intelecto. Também estimula o coração. Toca o coração; e não há nada que possa tocar as profundezas do coração como o Espírito Santo. O álcool não toca o coração. O que o álcool faz, tomo a dizê-lo, é liberar o elemento instintivo da vida; e o homem o confunde com os sentimentos. Não é verdadeiro; é falso; tudo isso não passa da superfície.

O alcoolizado realmente não se sente responsável pelo que faz, e depois fica aborrecido pela generosidade que demonstrou enquanto estava bêbado. Seu coração não foi tocado, absolutamente; tudo aquilo simplesmente pôs fora de ação o seu controle superior. Parecia generoso; no dia seguinte deplora isso, e gostaria de poder anular o ato praticado. Isso não toca o coração. Mas eis aqui algo que toca o coração, dilata-o, abre-o. E igualmente a vontade. Certo é que a bebida paralisa a vontade e deixa ao desamparo o homem. "Olhem para ele", dizemos, "irremediavelmente bêbado, incapacitado". A influência do Espírito Santo, porém, é uma coisa que toca e estimula a vontade.

Os cristãos de todos os tempos sempre concordaram em que a vida cristã que

receberam é o maior estímulo que se pode conceber. Está sempre levando a algo novo, a algo maior. Posso dar meu testemunho pessoal a respeito disto? Talvez vocês pensem que um homem que por mais de vinte anos prega no mesmo púlpito, começa a achar que já esgotou a Bíblia, ou que esta já deixou de estimulá-lo. Ao contrário, o que acho é que estou apenas começando. É um trabalho cada vez mais maravilhoso. Acho-o cada vez mais emocionante, semana após semana. Às vezes gostaria que houvesse dois domingos por semana, e até mais! É tão extraordinário! A riqueza, a profundidade e a amplitude são tais que sinto como se estivesse apenas nas antecâmaras; e lá dentro estão estes grandes tesouros. Tive um vislumbre deles, e quero examiná-los. Que vida estimulante, emocionante, entusiasmante é esta! Nela sempre estamos em movimento, sempre nos movendo para diante, virando esquinas e contemplando sempre panoramas mais majestosos. Nunca tínhamos ouvido nada a respeito deste, e eis outro além dele, e outro mais, e ainda outro.

De glória em glória somos transformados, até assumir no céu nosso lugar; nossas coroas pondo aos pés de Cristo, cheios de amor, de enlevo e de louvor.

O cristão é o homem cuja mente se expande, cujo coração é tocado e se alarga. E ele deseja fazer alguma coisa, deseja dar de si, deseja ampliar as fronteiras do reino de Deus, para que outros venham a partilhar dele. A vida cristã afeta o homem completo - o intelecto, as emoções, a vontade. Que estímulo!

Meu quinto ponto é que a vida cristã é uma vida feliz; é uma vida repleta de alegria. Por que aquele pobre sujeito vai atrás da bebida? Porque sua vida é uma miséria! Ele deseja ser feliz, mas é infeliz. Pensa na vida, e fica mais infeliz ainda. Olha para outras pessoas, e estas lhe parecem tão infelizes como ele; mas todo o seu pensamento é ser feliz. Daí ele se sente atraído pela bebida. Ele está em busca de alegria, de felicidade. "Vocês estão interessados em felicidade e alegria?", pergunta o apóstolo. Pois bem, se estão, "enchei-vos do Espírito". "E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito." Vocês pensavam que esta vida cristã era uma vida insípida e

enfadonha? Se a resposta é sim, estavam errados em sua opinião sobre isso. "Mas", alguém dirá "é essa a impressão que eu tenho dos cristãos." Tanto pior para eles! Deus tenha misericórdia de nós se representarmos esta vida como insípida e enfadonha! Digo novamente que ela é emocionante, feliz e repleta de alegria. Ouçam o Velho Testamento: "A alegria do Senhor é a vossa força" (Neemias 8:10). Ouçam o apóstolo, em sua Epístola aos Filipenses 4.4: "Regozijai-vos no Senhor; outra vez digo, regozijai-vos". Estas são as grandes expressões da vida cristã e da fé cristã.

Ainda mais: esta vida não é apenas feliz e alegre, é uma vida que capacita a pessoa a ser feliz e alegre, mesmo em meio a provações e tribulações. Ouçam o que apóstolo Pedro diz sobre isso. Falando acerca do evangelho e suas bênçãos, diz ele: "Em que vós grandemente vos alegrais, ainda que agora importa sendo necessário, que

estejais por um pouco contristados com várias tentações" (1 Pedro 1:6). Eles estavam passando por um período muito duro e difícil, estavam em meio a provações e tribulações, e, contudo, ele diz: "Sei que vós grandemente vos alegrais". Ele reforça essas palavras no versículo oito do mesmo capítulo. Falando de Cristo, diz: "Ao qual, não o havendo visto, amais; no qual, não o vendo agora, mas crendo, vos alegrais com gozo inefável e glorioso." Isto é cristianismo! Ou retomemos a Paulo e vejamos a colocação que ele faz disso em Romanos, capítulo cinco. Vem ele dizendo que, sendo justificados pela fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo, "Pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes, e nos gloriamos na esperança da glória de Deus. E não somente isto, mas também nos gloriamos nas tribulações". Os cristãos se regozijam, mesmo em meio a tribulações, Como fazemos isso? Bem, temos uma esperança, diz ele, e "porquanto o amor de Deus está derramada em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado". Vida miserável, infeliz? Esta é a única vida verdadeiramente feliz!

O salmista tem a mesma mensagem para nós, no Salmo 4: "Muitos dizem: Quem nos mostrará o bem?" Eis a resposta: "Senhor, exalta sobre nós a luz do teu rosto". Essa é a resposta! "Puseste alegria no meu coração, mais do que no tempo em que se multiplicaram o seu trigo e o seu vinho." Nunca os homens ficam tão contentes como na época da colheita, diz o salmista. Recolhem o trigo, armazenam os produtos e fazem vinho. Eles têm o seu festival da colheita, alegram-se e mantêm as suas celebrações. Comem, bebem, conversam, e se sentem felizes. O trabalho do verão e do outono está concluído, e eles estão prontos para o inverno. É tempo de grande alegria. "Puseste alegria no meu coração", diz o salmista, "maior do que toda e qualquer alegria que os homens jamais experimentaram ou que jamais poderão experimentar, com todo o seu trigo e com todo o seu vinho." As alegrias naturais muitas vezes levam à miséria e à infelicidade, ao "dia que vem depois da noite", ao remorso e à exaustão. A alegria do Senhor não me faz feliz somente de noite, mas também de manhã, e durante o dia subseqüente, e dez, vinte anos depois - em meu leito de morte, e para todo o sempre na glória. "Mais do que no tempo em que se multiplicaram

o seu trigo e o seu vinho." Esta é a única alegria que persiste até na adversidade. "Minha alegria", diz Cristo à sombra da cruz, "vos darei, e minha alegria ninguém tirará de vós." Graças a Deus, homem nenhum poderá tirá-la, porque se trata da alegria do Senhor, da alegria do Espírito Santo.

A sexta característica da vida cristã é que é uma vida convival. O outro tipo de gente quer companheiros alegres, convivência social, felicidade; e argumenta que não pode ter convivência social sem bebida. Tenho lido livros sérios que tratam disso. "Convivência social", dizem eles, "é impossível sem o estímulo da bebida" - naturalmente querem dizer, sem o efeito soporífico da bebida! Mas pensam que estão

desfrutando convivência e amizade. A réplica apostólica é que somente encontramos isso aqui: “E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito; falando entre vós em salmos, e hinos, e cânticos espirituais”. Naturalmente, os cristãos gostam da companhia uns dos outros. Se você não gosta da companhia de cristãos, não posso ver como você pode ser cristão, de maneira nenhuma. “Nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos” (1 João 3:14). Porventura há na terra alguma coisa comparável ao encontro de cristãos? Eu sacrificaria tudo que o mundo tem para oferecer para ter cinco minutos com um santo! Que é que o mundo tem para oferecer-nos de melhor e mais elevado, em todos os seus palácios, em todos os seus refinamentos, em toda a sua arte e literatura, em tudo que é seu, quando o vemos à luz disto - a comunhão das mentes congêneres e cristãs, os filhos de Deus reunindo-se, conversando acerca da grande libertação, acerca da nova vida e da bendita esperança que jaz diante deles, conversando acerca do lar, conversando acerca da glória vindoura, contentes juntos, enfrentando juntos os problemas, ajudando uns aos outros, fortalecendo uns aos outros, estimulando uns aos outros? Essa é a alegria dos cristãos que convivem em comunidade na vida da igreja. Não há nada que se lhe iguale, contanto que seja genuinamente cristã. Ser membro da igreja não lhes dará isso necessariamente, como tampouco o fará a moralidade. Mas quando os membros da igreja estão cheios do Espírito, a resultante é essa vida comunitária feliz; têm amor, têm interesse uns pelos outros, têm compaixão, desejo de ajudar, e estão todos juntos num grande e glorioso espírito de convivência, louvando o Senhor, unindo as suas vozes em cânticos e antecipando juntos aquilo que ainda lhes está reservado!

Deste modo, por intermédio da sua estranha comparação, o apóstolo descortina um panorama diante de nós e nos propicia a visão de algumas das glórias essenciais da vida cristã. Não, não se trata meramente, nem unicamente, de um vida de abstenção de bebidas, de renúncia ao cinema, de não fumar, de não fazer isto ou aquilo. A pessoa pode ser transparentemente limpa em todas essas questões e ainda não ser cristã. É cristão o homem que é estimulado pelo Espírito Santo. Sua personalidade se expande; ele é feliz, alegre, fraterno, útil. Vive a mais emocionante e entusiasmante vida que o ser humano jamais pode experimentar, e isso tudo é produzido pelo Espírito Santo. Nada mais e ninguém mais podem produzir essas coisas, e produzi-las todas ao mesmo tempo. O

homem dotado de grande poder de vontade, ou de elevada moral, pode controlar-se. Sim, mas não pode fazer-se feliz. É por isso que eu tenho denunciado o tipo de homem que é meramente moral, que dá a impressão de que o cristianismo é uma coisa negativa e triste.

Mas, deixem-me dizer isso também, para ser justo - denuncio igualmente o tipo de cristão que tenta produzir uma jovialidade e alegria falsa, ilusória e fictícia. Não é essa a obra do Espírito Santo. Refiro-me àqueles que vestem uma espécie de alegria

exibicionista, e dizem: “Eu sempre mostro que sou feliz como cristão”. O efeito que eles sempre causam em mim é fazer-me sentir num estado extremamente miserável ao ver a exibição da sua camalidade, e a sua incapacidade de compreender a doutrina concernente ao Espírito Santo! Eles tentam criar essa alegria e a usam como máscara. Então procuram fazer as suas reuniões vivas e alegres. Agora até chegam a falar de “edifícios cheios de vida e de alegria”. Alguns até argumentam que isso é essencial para a obra de evangeli-zação! Isso é embriaguez, isso é excesso, isso é parecido com o efeito do álcool; é o homem tentando produzir uma aparência de felicidade.

Não há nada mais revoltante do que um homem tentando dar a impressão de que é feliz! O cristão não faz isso, porque ele é feliz. Este é o estímulo do Espírito Santo, esta é a alegria do Senhor. Não há nada de exibicionismo nisso. Não é uma representação teatral, não é uma coisa que se veste. Aqui não é tanto o homem que se vê, mas o Senhor, que faz dele o que ele é. É “alegria no Espírito Santo”. “Mas o fruto do Espírito é: caridade, gozo” (ou “alegria”) - é isso! Abominemos, pois, e reprovemos a espécie de cristão que dá a impressão de que o cristianismo é infeliz; mas, abominemos e reprovemos igualmente a espécie de cristão que dá a impressão de que o cristianismo é um tipo de vivacidade, de jovialidade, de atividade e de comoção que não é senão carne, na categoria do efeito produzido pelo excesso de vinho. “E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda (ou “excesso”), mas enchei-vos do Espírito.”

O PODER DO ESPÍRITO Efésios 5:18

Como vimos, o apóstolo formula aqui um daqueles princípios absolutamente vitais e essenciais relacionados não somente com a nossa compreensão da fé cristã, mas, na verdade, com toda a nossa vida como cristãos neste mundo. Ele está lembrando a estes efésios, e a todos os cristãos, que há realmente só um modo pelo qual a vida cristã pode ser vivida, que há só um modo pelo qual os grandes problemas que agitam a vida da sociedade e a levam a tão trágica desordem, podem ser solucionados.

Ele começa com esta afirmação geral: "Agora", diz ele, "vocês devem encher-se, não de vinho, mas do Espírito, se é que hão de resolver certos problemas que defrontam". Que problemas? Um dos primeiros é o problema de harmonizar-se uns com os outros. Daí dizer ele no versículo vinte e um: "Sujeitai-vos uns aos outros no temor de Deus". Não é fácil relacionar-nos harmoniosamente uns com os outros. O mundo é caracterizado por divisões, por conflitos, cada qual querendo ser o primeiro, cada qual querendo ser importante. Essa é, naturalmente, a principal causa de todos os problemas e dificuldades que estão assediando o mundo na época atual. Ora, a declaração do apóstolo assevera que há realmente só uma solução para esse problema, e essa é, que os homens e as mulheres se encham do Espírito Santo de Deus. Somente quando estão cheios do Espírito Santo de Deus é que podem sujeitar-se uns aos outros no temor de Deus.

Depois ele passa para outro grande problema, o problema de maridos e esposas. Eis aqui um importante problema moderno. Tentem avaliar a calamidade e a infelicidade do mundo de hoje devidas ao conflito entre cônjuges. Que infelicidade isso causa a homens, mulheres e crianças! Pensem como isso está afetando todas as nações do mundo - as mais adiantadas, como também as mais atrasadas. Como resolver esse problema? Como tratar disso? A resposta do apóstolo é que só há um meio, e é o seguinte: que os homens e as mulheres se encham do Espírito Santo. Somente maridos e mulheres cheios do Espírito é que terão um verdadeira idéia do que um esposo deve ser e do que uma esposa deve ser, e em que deve consistir o relacionamento entre ambos. É o único meio pelo qual obter paz, unidade e concórdia, em vez de desunião, briga e separação, com tudo que resulta desses males. Essa é a única solução para este problema também.

Depois o apóstolo passa para o problema de pais e filhos. De novo, bem que ele poderia estar escrevendo para os nossos dias. Este é outro dos nossos

maiores problemas, como todos nós sabemos - delinqüência juvenil, ilegalidade entre as crianças, pais com controle cada vez menor sobre os filhos, filhos completamente irresponsáveis, exigindo direitos e não reconhecendo nenhuma autoridade. Às vezes há excessiva severidade da parte dos pais, que

reconhecem que a indisciplina é um mal, mas não sabem lidar com o problema. Há grande agonia e aflição no mundo hoje, como resultado deste multilateral problema de pais e filhos.

Depois disso, Paulo parte para o problema final que expõe aos efésios, a saber, a relação entre senhores e servos. Como estamos familiarizados com este problema, em termos de greves de empregados, greves de empregadores, e de todas as coisas que ferem o trabalho da sociedade e põem em perigo a paz desta e doutras terras! Senhores e servos!

Meu ponto de vista é que, neste versículo, o apóstolo está firmando um grande princípio universal. O modo de lidar com todos estes problemas, diz ele, é encher-nos do Espírito. Eles só podem ser tratados desta maneira particular.

Este princípio é ensinado em toda parte na Bíblia. Este é o único meio pelo qual o problema fundamental da guerra poderá ser resolvido, pois a guerra nada mais é do que aquilo que esbocei acima, mas em grande escala. Éporque tantos não conseguem enxergar isto, que consomem muito do seu tempo, do seu fôlego e da sua energia; não conseguem enxergar que a guerra, afinal de contas, não é senão uma disputa entre duas pessoas, ampliada - uma disputa entre duas pessoas da mesma família, ou do mesmo país, uma disputa entre marido e mulher, pais e filhos, senhores e servos. À guerra é justamente o que está envolvido numa destas situações, multiplicado e ampliado. A guerra não é uma coisa especial e diferente, não é um problema único, singular; é apenas o problema das relações humanas em larga escala. Assim aqui, digo eu, estamos face a face com este princípio deveras vital, ensinado na Bíblia toda; e aqui está o argumento - que não há solução para estes problemas fora da solução dada pelo Espírito Santo de Deus.

Noutras palavras, o apóstolo está procurando mostrar a estes efésios a sua singularidade como povo cristão; e o seu argumento é que, uma vez que são cristãos, e não são mais o que tinham sido, agora lhes é possível viver de maneira certa e feliz. Virtualmente, ele está dizendo: “Agora, uma vez que são cristãos, não devem ocorrer brigas e dificuldades de maridos e esposas entre vocês. Ele pode dirigir-lhes um apelo especial, que não poderia dirigir a ninguém mais. E a mesma coisa com pais e filhos, e senhores e servos. É justamente porque o cristão pode ser cheio do Espírito, que o apóstolo está escrevendo como o faz. “Graças a Deus”, diz ele, “afinal há uma solução, no que nos diz respeito. Agora, pois”, continua Paulo, “ponham isso em prática, tirem proveito disso.”

Quem quer que venha ao Novo Testamento com mente aberta, sem preconceito, haverá de concordar que esse é o ensino do Novo Testamento. Mas, naturalmente, todos somos sabedores do fato de que não é o que está sendo feito no presente, e que o que está sendo ensinado em nome do cristianismo e da Igreja cristã muitas vezes é coisa essencialmente diferente. A idéia agora é que

a “ética” cristã, como lhe chamam, o ensino cristão, tem que ser extraído da Bíblia, e deve ser apresentado, pregado e ensinado a toda gente, que deve ser dirigido aos Estados como também aos indivíduos. Está sendo ensinado que esta ética cristã é uma coisa que todos são capazes de aplicar e pôr em prática; que o Estado pode fazê-lo, e que o mundo todo pode fazê-lo. Essa é a noção e idéia moderna. E assim, temos dignitários da Igreja dizendo que um líder como Nikita Khrushchev fez uma declaração cristã magnífica. Esse é o modo pelo qual o evangelho está sendo mal compreendido e pervertido hoje em dia.

A resposta simples para isso é que homem nenhum pode falar como cristão, a menos que seja cristão. Mas alcançou aceitação geral a idéia de que o cristianismo é isto: basta que tomemos a ética cristã e a ensinemos, como digo, a toda gente - toda gente é capaz de apreciá-la e de entendê-la, toda gente é capaz de aplicá-la e de pô-la em prática e em ação. E assim somos confrontados por um ensino que, como pretendo demonstrar, é uma total perversão do ensino do Novo Testamento. De fato, não hesito em ir além: é esse ensino que constitui o maior perigo para a verdadeira fé cristã; é, finalmente, a derradeira negação dos princípios fundamentais deste evangelho cristão. Digo isso porque esse conceito ensina, fundamentalmente, que o cristianismo visa a reformar o mundo, e que, embora os homens neguem completamente as grandes doutrinas da fé cristã, podem, não obstante, aplicar esta ética cristã. Podemos livrar-nos da guerra, podemos livrar-nos dos armamentos, podemos livrar-nos de todos estes grandes problemas mediante a simples aplicação da ética cristã; e essa é a principal função do evangelho cristão, dizem-nos. E assim, no “Domingo Memorial”[1], em milhares de púlpitos essa é a mensagem apregoada. O cristianismo será apresentado como nada mais do que um ensino que pode ser aplicado pelas autoridades civis e políticas; e, por conseguinte, serão pregados sermões sobre questões políticas e sociais, por exemplo, sobre como evitar a guerra, como livrar-nos de todas as nossas armas, e assim seremos todos perfeitamente felizes juntos. Essa é a idéia de muitos, quanto ao que constitui a mensagem cristã.

Desejo demonstrar que esse ensino é errôneo, por todos os ângulos concebíveis. Teologicamente, é completamente errôneo, do ponto de vista da doutrina do Novo Testamento; também é inteiramente oposto à prática da Igreja Primitiva. Em terceiro lugar, falha completamente na prática, e leva ao resultado diretamente oposto àquilo que os seus proponentes desejam.

Vejamos de relance os pontos dois e três, antes do meu exame do primeiro, que é realmente o importante. Isso tudo, digo, é oposto à prática do Novo Testamento. Tomem o Livro de Atos dos Apóstolos. Acaso vêem aqui os apóstolos constantemente pregando sobre negócios de Estado? Passavam o tempo pregando sobre o problema da escravatura? Ou tomando resoluções e enviando-as ao governo

romano e ao imperador, em Roma? É o que a Igreja

moderna está fazendo. O tempo é dedicado à política e a questões sociais, e nos é dada a impressão de que, se não ficamos constantemente pregando contra armamentos, bombas, guerras e problemas raciais, realmente não somos cristãos. Certamente é essa a impressão que nos dão os jornais, os comunicados telegráficos e a televisão. Isto, dizem-nos, é cristianismo; e devemos estar perpetuamente objetando, protestando e falando contra certas coisas, fazendo representações aos governos e exercendo pressões sobre eles. Mas eu lhes peço solenemente que submetam isso tudo à prova do Novo Testamento. Poderiam imaginar coisa mais diferente daquilo que vocês encontram no Livro de Atos dos Apóstolos? Não era essa a prática da Igreja Primitiva e jamais foi essa a prática da Igreja nos períodos de avivamento e despertamento. Constitui uma contradição da prática da verdadeira Igreja. Não somente isso; digo que é uma coisa que falha na prática. Houve tempos e épocas na história deste país em que a mensagem cristã indubitavelmente exercia grande influência geral. Quero dizer com isso, tempos em que o ensino cristão permeava a vida da comunidade como um todo. Quando foi assim? A resposta simples e clara é que sempre sucedeu assim quando havia grande número de pessoas cristãs. O mundo só ouve a voz cristã quando esta é poderosa. O mundo, naturalmente, está interessado em política e em números, e quando havia grande número de cristãos que podiam exercer o direito de voto, os estadistas e os políticos lhes davam atenção. Eles podiam afetar o resultado de uma eleição, de modo que lhes davam atenção e tinham que dar "sopa" ao ponto de vista do cristão e da Igreja.

Noutras palavras, o ensino cristão penetrou mais a vida geral da sociedade nos períodos subseqüentes aos grandes despertamentos religiosos. Assim, se a Igreja pretende que o seu ensino penetre a vida da sociedade, o caminho mais rápido e mais curto para realizá-lo não é pregar política, não é pregar sobre temas sociais, não é viver protestando contra isto e aquilo; é produzir maior número de cristãos. E como se faz isso? Pregando o puro evangelho, pregando um evangelho que possa converter as pessoas. Pregar contra a guerra e contra as bombas não converte ninguém. Portanto, esse ensino mesmo frusta o seu próprio propósito. Muitas de nossas igrejas estão vazias porque muitos pregadores só têm pregado sermões sobre assuntos políticos e sociais. Não têm pregado o evangelho, e não têm convertido homens e mulheres; e, assim, há cada vez menos cristãos, e "os poderes que existem" nos ignoram e podem dar-se ao luxo de esquecer-nos inteiramente. Desse modo, também segundo este ponto de vista, essa perversão do ensino do Novo Testamento é completa e inteiramente errada.

Mas, vamos para a coisa mais importante, vamos ver quão completa negação é do verdadeiro ensino do Novo Testamento propriamente dito. Observem-no do seguinte modo: a primeira coisa que é tão errônea nisso é que causa divórcio entre a ética

cristã e a doutrina cristã. Frequentemente me refiro a esta questão nos dias presentes porque se ouve falar disso constantemente. Já na semana passada uma pessoa me falava de um problema. Era um problema

puramente médico, num sentido; e aquele bom amigo me dizia que o médico lhe havia sugerido seguir certo tipo de tratamento. Ele quis muito saber se o médico que sugerira esse tratamento era cristão, de modo que lhe perguntou qual era a sua posição nessas coisas. A resposta do médico foi: "Naturalmente, acredito na ética cristã; mas lamento não aceitar o que você considera como doutrina". Esta posição é de fato comum - que podemos defender a ética cristã, sem crer no nascimento virginal de Cristo e em Suas duas naturezas numa pessoa, nos milagres, na morte sacrificial e expiatória de Cristo, na ressurreição física literal e na pessoa do Espírito Santo. Não estão interessados , dizem eles, nestas "doutrinas e dogmas", mas somente na ética, no ensino de Cristo, no Sermão do Monte. "É isso que queremos", dizem eles, "é isso que precisamos ensinar ao povo; a viver desse modo; e então eliminaremos a guerra, e tudo ficará bem."

Não há nada, assevero, que seja tão anticristão como falar dessa maneira, e pensar que podemos tomar a ética e despejar a doutrina. Por que digo isto? A resposta se acha no Novo Testamento. Vejam o método de Paulo na epístola que estamos estudando. Qual é? Os três primeiros capítulos são dedicados inteiramente à doutrina; e é só depois de ter formulado a sua doutrina, que ele começa a tratar da sua aplicação prática. Noutras palavras, o apóstolo, num sentido, está dizendo em toda parte que ele não tem nenhuma ética separada da sua doutrina. Vocês jamais encontrarão ensinamento ético no Novo Testamento que não esteja no contexto da doutrina. É a segunda metade da epístola que contém os ensinamentos éticos, e estes sempre são introduzidos pelo termo "portanto", ou seus equivalentes. "Portanto" - à luz de tudo que estive dizendo - "portanto". Mas, sem esse "portanto" não temos ética nenhuma.

Noutras palavras, a pressuposição básica do apóstolo é esta: "Agora", diz ele, "vou falar-lhe sobre algumas questões muito práticas. Vou falar-lhes sobre como devem conviver uns com os outros, maridos e esposas, pais e filhos, senhores e servos". E, diz ele, "Estou muito contente ao fazer isto com vocês porque são o que são, porque não são como os outros gentios continuam sendo, nem como eram outrora; porque isto lhes é possível". Esse é o seu pressuposto básico. O apóstolo não estava escrevendo um tratado para o Estado, ou para o povo em geral; não era algo para ser enviado ao imperador romano e seu governo em Roma. Não, ele está escrevendo para a Igreja, para várias igrejas; ele está se dirigindo ao povo cristão. Por isso escreve com total confiança.

O que o apóstolo faz aqui é o que fazem todos os outros escritores do Novo Testamento; é o que foi feito pelo nosso bendito Senhor. Tomem toda a prosa atual

sobre o Sermão do Monte como uma espécie de carta magna social, como o meio pelo qual introduzir no mundo o reino de Deus e segundo esta legislação, reformar a sociedade. O Sermão do Monte, dizem eles, é o de que se necessita - voltar a outra face, em vez de fabricar armas, dar um grande exemplo moral, e tudo estará bem. Mas, leiam o Sermão do Monte, e o que verão é que o Senhor afirma que essa espécie de vida só é possível a certa espécie de pessoa. Que espécie? É a pessoa que Ele descreve nas bem-aventuranças. "Bem-aventurados os pobres de espírito"; são estas as únicas pessoas aptas a oferecer a outra

face. Há outras pessoas que poderão fingir fazê-lo, a fim de alcançar os seus nefandos fins pessoais; mas nunca veremos ninguém oferecer a outra face no sentido bíblico, a não ser alguém que seja "pobre de espírito", que "chore", que seja "manso", que tenha "fome e sede de justiça", que seja "pacificador" e limpo de coração".

O Senhor deixa isso bem claro. É ocioso requerer esse tipo de conduta, a não ser que o homem já seja um possuidor do Espírito Santo. Se posso expressá-lo assim, não poderemos viver a vida do reino de Deus enquanto não tivermos entrado no reino de Deus. Não podemos participar da vida do reino de Deus sem sermos cidadãos desse reino. Portanto, é errôneo falar de homens que estão fora do Reino como se estivessem vivendo a vida do Reino; é uma contradição de todo o ensino do Novo Testamento. Não há maior negação da fé cristã do que precisamente essa.

Permitam-me expressá-lo doutra forma. Este ensino moderno é uma negação completa da doutrina bíblica do pecado e da depravação do coração humano natural. Essa é realmente a essência da dificuldade toda. O verdadeiro problema quanto a todo este ensino, tão popular hoje em dia, é que ele não conhece e não compreende a verdade acerca do homem como ele é, como ele é em resultado da Queda, como ele é em resultado do pecado. Ou, se posso dizê-lo doutra maneira, toda a tragédia de tal verbosa conversa é o seu otimismo fatal. É isso que me espanta e me alarma a seu respeito. Como algum homem, que já tenha lido a Bíblia, pode ter o otimismo que estes pregadores antibíblicos têm, excede o meu entendimento. Eles de fato acreditam, nos dias presentes (1959), que uma declaração feita pelo Sr. Khrushchev garante a maravilhosa possibilidade de estarmos a ponto de, afinal, no século vinte, abolir a guerra, e de serem eliminados todos os armamentos - eles realmente acreditam que isso vai acontecer. Que extraordinário otimismo! Já é um estranho otimismo, mesmo para as pessoas que leram alguma coisa sobre o curso da história da humanidade; mas, como alguém que alguma vez leu a Bíblia pode acreditar nesse tipo de coisa, ultrapassa completamente a minha comprensão.

E por esta razão: se vocês aceitam o ensinamento bíblico concernente ao "homem em pecado", verão que ele é uma criatura controlada mormente por luxtírias e desejos. "Ah", dirá alguém, "mas esse é um modo de ver pessimista". Contudo, esta não é

questão que se resolve atirando epítetos a seu respeito, é uma questão de encarar os fatos e de ser realista. O homem, segundo a Bíblia, é uma criatura de cobiças e desejos; ele não é governado por sua mente ou por sua razão; nunca o foi, desde que caiu em pecado pela primeira vez. O apóstolo afirma claramente isso no capítulo dois desta epístola: "E vos vivificou, estando vós mortos em ofensas e pecados, em que noutro tempo andastes segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe das potestados do ar, do espírito que agora opera nos filhos da desobediência, entre os quais todos nós também antes andávamos nos desejos da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira, como os outros também" (Efésios 2:1-3). Esse é o ensino bíblico, do começo ao fim. Diz esse ensino que

o homem é uma criatura egoísta e egocêntrica. O que para mim é tão difícil entender é como alguém, que tenha os olhos bem abertos, pode discutir essa proposição. Por que há tanta aflição no mundo? Por que é difícil viver com outras pessoas? "Ora, pois", você dirá, "é porque a outra pessoa é difícil". Sim, mas aquela outra pessoa está dizendo a mesma coisa a respeito de você; e a verdade é que vocês dois estão certos! Todos somos difíceis; e somos difíceis porque todos somos egoístas, porque todos somos egocêntricos, porque todos damos ouvidos a uma coisa elementar que há dentro de nós e que quer as coisas para nós. Somos todos injustos, somos todos incorretos, somos todos capazes de praticar terrível desonestidade, perversidade, falsidade - cada um de nós! Quem questionaria isso?

Tal é o homem por natureza, o homem resultante do que está registrado no capítulo três de Gênesis. No momento em que o homem deu ouvidos ao inimigo, ao inimigo de Deus, colocou-se sob o seu poder; e a partir daí, sua vida tem sido uma vida de inimizades e conflitos. Vemos isso já nos filhos de Adão e Eva - Caim e Abel. Aí está! Caim ainda está vivo, sua natureza ainda vive em cada um de nós, por herança. Varia em suas manifestações, mas está em cada um de nós. "Donde vêm as guerras e pelejas entre vós?", pergunta a Epístola de Tiago; e responde: "dos vossos deleites, que nos vossos membros guerreiam" (4:1). Por que ficam surpresas as pessoas ante uma nação cobiçando outra? Por que ficarem surpresas com o que a China está fazendo com a India no presente (1959)? Com o que nações agressivas estão fazendo com nações mais fracas? E o que tem acontecido na história da humanidade desde o princípio. Por que havemos de ficar surpresos quando isto acontece em nível pessoal? Por que havemos de esperar que uma corporação de pessoas seja diferente de indivíduos? Um Estado é apenas a junção de pessoas individuais, e, havendo cobiça no indivíduo, haverá cobiça no Estado. Não é surpreendente; na verdade, é uma coisa que devemos esperar.

Todavia, é dolorosa e tragicamente evidente que isso está sendo esquecido por completo hoje. A idéia, hoje em dia, é que o homem é fundamentalmente reto, em si e por si mesmo, e que as suas dificuldades são devidas ao fato de que ele é vítima das

circunstâncias. “Ah”, dizem eles, “somos herdeiros de antigas tradições. Se tão somente rompermos com elas e nos livrarmos delas, tudo ficará bem.” Eles acreditam que o homem deseja isto e que é capaz de realizá-lo.

Entrar nos domínios da política não é comigo - j á estive abominando o fato de que a Igreja faz muito disso - mas, permitam-me colocar a questão desta maneira: a essência do ensino bíblico, como o vejo, é que realmente não devemos confiar totalmente em ninguém que não seja cristão! Isso parece extremismo? É ensino bíblico típico. Por que trancamos as portas à noite? Por que temos uma força policial? E porque sabemos perfeitamente bem que na natureza humana há algo que é predatório, egoístico, injusto, desonesto, e que, portanto, precisamos proteger-nos. A própria sabedoria do mundo ensina que uma pressuposição com a qual devemos enfrentar a vida e seus problemas, é que todo homem é mentiroso, e que todo homem é vão. Este é um conceito

pessimista? - É um conceito realista.

Não somente a sociedade, como é hoje, comprova isso, mas todo o curso da história o comprova. Porventura a segunda guerra mundial não foi ocasionada principalmente pelo fato de que o povo não captou verdades como esta, mas acreditou no óbvio mentiroso que foi Hitler, quando ele dizia que desejava a paz e que ia realizar um grande feito? Acreditaram nele! É quase incrível. Mas o ponto que defendo é que, não compreender o evangelho é que leva o povo a cair em tão colossais erros. O evangelho nos ensina que o homem em pecado é um caráter deveras mau, que nada o deterá no caminho do seu propósito. Ele aparecerá como um “anjo de luz”, dirá, “extingamos todas as armas”, e assim por diante. Tudo que digo é que, se você não tiver examinado, não só o que ele é e diz na superfície, mas também tudo que ele é, e tudo de que é capaz nas profundezas do seu ser, se você acreditar nele, você é um tolo!

“Que significa isto?”, alguém perguntará. “Significa que você está defendendo a guerra e as armas?” Não. De maneira nenhuma. Mas significa, sim, que não confiamos nas simples afirmações dos homens, porque o homem em pecado é mentiroso, e ele dirá qualquer mentira que pareça favorecer os seus fins e propósitos. Significa que a lei, e o poder para fazê-la cumprir, são indispensáveis.

“Maridos e esposas”; qual a causa de todas as dificuldades modernas nessa esfera? quando leio os jornais, vejo que essas dificuldades são resultantes do descumprimento dos votos solenes, da mentira e do fingimento, e de dizerem as pessoas que não fizeram o que fizeram, ou que fizeram o que não fizeram. Um homem mentirá para satisfazer as suas cobiças e os seus desejos. E, todavia, o ensino popular atual é que basta oferecer às pessoas esta ética cristã, e elas se nivelarão a ela, estarão prontas a ouvi-la, prontas a crer nela. Não apenas isso; ensina-se que o homem moderno é de fato capaz de pô-la em prática. Esse é

o erro decisivo - crer que o homem, como ele é, pode praticar esta ética cristã; que os homens, como eles são, estão prontos a "sujeitar-se uns aos outros no temor de Deus", que os casais estão prontos a fazer isso naturalmente, e que os pais e filhos se dispõem a resolver todos os seus problemas de acordo com este ensino. Basta que lhes digamos: "Vocês não conseguem ver que estão agindo mal? Ora, se tão somente fizessem isto e aquilo, tudo ficaria bem. Venham, decidamo-nos todos a fazê-lo". E a crença é que todos dirão: "Excelente! Concordamos com isso; agora vamos começar a fazê-lo".

Contesto: se acreditam que são capazes de fazê-lo, tudo que pergunto é: por que demoraram tanto tempo para pôr em prática sua crença? Este tipo de coisa, devemos lembrar-nos, tem sido ensinado durante muitos séculos. Os filósofos gregos ensinavam utopias "possíveis" antes da vinda de Cristo. Depois, veio o Sermão do Monte; ele tem estado perante o mundo por quase dois mil anos. Se um exemplo moral é suficiente, por que não seguem a Cristo? A resposta pura e simples é que não podem e não querem fazê-lo. O homem está paralisado pelo pecado; o mal é a força mais poderosa em sua natureza.

Não há necessidade de gastar mais tempo sobre isto, pelo menos para os

que conhecem bem o ensino do capítulo sete da Epístola aos Romanos. Pois o que Paulo ensina ali é que a santa Lei de Deus, que Ele deu a Moisés por intermédio de anjos, em vez de salvar os homens os tomou piores! Atentem para as suas palavras (nos meus termos): "A Lei de Deus provocou, estimulou o pecado dentro de mim, produziu em mim toda forma de concupiscência" (versículos 5,8). "A Lei de Deus", declara Paulo, "afundou-me cada vez mais no pecado, matou-me, destruiu-me". Por que? Não é porque haja algo de errado com a Lei, diz ele, mas, sim, é devido a este "pecado que habita em mim"; "o pecado, para que se mostrasse pecado, operou em mim a morte pelo bem; a fim de que pelo mandamento o pecado se fizesse excessivamente maligno". E, no entanto, a despeito de tudo isso, o que se prega com tanta regularidade é simplesmente a ética cristã, e se dirigem apelos a Estados e governos para a porém em prática. Dizem-nos: "Se tão somente todos fizermos isso, a guerra será extirpada e tudo ficará bem."

Dá-se isto porque os homens acreditam na perigosa falácia de que o homem em pecado é propenso a seguir um exemplo moral. Vocês já conhecem bem a argumentação. Dizem eles: basta que esta nação, basta que uma só nação destrua todos os seus armamentos, e as outras nações a olharão admiradas e dirão: "que coisa maravilhosa! Devemos todas levantar-nos e fazer a mesma coisa"! Acreditam nisso; acreditam que isso acontecerá. Talvez vocês se recordem de como, antes da segunda guerra mundial, começou uma guerra entre o Japão e a China, quando um bem conhecido clérigo se propôs a postar-se entre os dois exércitos, porque acreditava que quando os dois lados o vissem, diriam: "Isso é tão maravilhoso! Não

podemos continuar combatendo”! Ele acreditava que o homem em pecado pode sentir-se tão tocado por um exemplo moral, que dirá: “Ah, como estou errado! Devo desistir disso tudo. Doravante vou viver esta vida nova, esta vida maravilhosa”! Se isso fosse verdade, o Filho de Deus nunca teria vindo a este mundo; Sua vinda não teria sido necessária. Os ensinamentos divinos e os bons exemplos dos homens teriam sido suficientes.

Chego, pois, ao último ponto. O que está vitalmente errado nesse ensino é que constitui uma negação completa da doutrina bíblica do Espírito Santo. O apóstolo não diz às pessoas que “se sujeitem umas às outras” - aos “maridos e esposas” que se sujeitem mutuamente do jeito certo e com espírito certo, e igualmente aos “pais e filhos” e aos “senhores e servos” - não lhes pede que façam isto sem antes de tudo dizer-lhes: “Enchei-vos do Espírito”. Ele afirma que tal conduta é totalmente impossível sem que se preencha aquela condição preliminar essencial. Mas as pessoas de hoje não crêem no Espírito Santo; não crêem na pessoa do Espírito Santo. Elas falam acerca do “espírito cristão” e do “espírito de fraternidade e de boa vontade”, e assim por diante. Isso não é cristianismo; é moralidade; é ensino pagão.

Aqui temos uma doutrina sobre a terceira pessoa da bendita e santíssima Trindade, o Espírito Santo de Deus. O ensino bíblico é que não há esperança para o homem, fora do Espírito. Que Lhe cabe fazer? A primeira coisa que Ele faz é “convencer o mundo do pecado, e da justiça, e do juízo” (João 16:8). O

mundo não acredita no pecado; precisa ser persuadido dele. O Espírito Santo é enviado para isto. A despeito do fato de que o cristianismo tem sido pregado durante quase dois mil anos, o mundo ainda não acredita no pecado, não acredita na justiça, não acredita no juízo. Acredita em si próprio, no homem, na capacidade do homem, na bondade do homem. Isso é o oposto exato ao ensino de Cristo. Que mais o Espírito Santo faz? Por que nos é enviado? Permitam-me recordar-lhes este bendito ensinamento: depois de nos convencer do pecado, e depois de nos revelar a salvação que há em Cristo “mediante Seu sangue”, que é que Ele faz? Dá-nos vida nova - regeneração. Vemo-lo no ensino de Cristo a Nicodemos! Ouçamos o Senhor. Diz El e, noutras palavras: parede falar, páre de fazer perguntas; na verdade, na verdade, eu lhe digo que aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus; você precisa nascer de novo, precisa nascer do Espírito (João 3:3-8). Não posso discutir o Meu reino com você, disse o Senhor àquele homem excelente, moral, religioso - Nicodemos; não posso discuti-lo com você porque não tem a mínima possibilidade de compreendê-lo, como é. “Não te maravilhes de te ter dito: necessário vos é nascer de novo. O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito.” Você está procurando entender, mas não pode. Tem que nascer de novo antes de poder entrar neste reino; então começará a entender. E, contudo, os homens ainda defendem que se ministre o ensino da ética cristã a Estados ímpios e ateus, e a homens e mulheres que não nasceram de novo, que não são cristãos.

Tal conduta é uma negação de toda a base do cristianismo. O Espírito Santo é enviado a regenerar os homens, para dar-lhes uma nova natureza, uma nova mente, uma nova perspectiva, um novo tudo. Não há esperança fora disso. Ele é enviado, igualmente, para promover a nossa santificação - "Enchei-vos do Espírito". Somente os que são controlados pelo Espírito Santo de Deus podem viver em paz uns com os outros. Esta é a solução dos problemas do casamento, dos problemas do lar, dos problemas industriais. Uma vez que os homens sejam governados pelo Espírito e dEle se encham, compreenderão, verão o mal que há neles, refrear-se-ão, controlar-se-ão, "crescerão na graça e no conhecimento do Senhor", a amizade e a concórdia serão possíveis. Mas, somente quando nos enchermos do Espírito Santo. Sem o Espírito, é impossível. Assim, o Espírito Santo tem em vista e nos é enviado para promover a nossa santificação, para exercer controle sobre nós e para capacitar-nos a viver a vida que Deus quer que vivamos.

Finalmente, o Espírito Santo nos é enviado para produzir avivamento e despertamento religioso. Eu disse no inicio que os períodos em que a ética cristã teve sua maior influência na vida da sociedade neste país, sempre foram os períodos imediatamente posteriores a algum avivamento, sendo a razão disto que, nessas ocasiões, milhares de pessoas se tornaram cristãs. A era vitoriana, com os benefícios que trouxe para muitos, deve ser explicada em termos do Despertamento Evangélico ocorrido há 200 anos. E porque tanta gente era cristã, e porque em tantos templos e capelas esta mensagem era pregada, e tantas pessoas creram, que a Igreja cristã era levada em conta. O próprio numero dos

cristãos produziu "a consciência não conformista", e os estadistas tinham que lhes dar ouvidos. O Espírito Santo é enviado com tal poder nas épocas de avivamento, que ocorrem numerosos conversões ao mesmo tempo. Quando Ele é "derramado", milhares podem ser convertidos num só dia. As condições da sociedade podem sofrer transformação, bares e casas de libertinagem podem ser fechados. As pessoas começam a pensar de nova maneira, e realmente começam a procurar aplicar os princípios cristãos a todos os aspectos da vida. Jamais se pode exercer influência sobre políticos, câmaras, congressos ou parlamentos sem os números; e assim, como se vê, embora crescente número de pregadores estejam pregando sobre assuntos políticos e sociais, o principal resultado tem sido o de esvaziar as igrejas. A vida da sociedade vai de mal a pior, e a situação vai ficando cada vez mais sem esperança.

Há somente um modo de viver a verdadeira vida cristã; é "encher-nos do Espírito". É desperdício de fôlego apelar às pessoas para que melhorem, é desperdício de fôlego apelar às pessoas em termos do "Domingo Memorial", dos horrores da guerra, e coisas do gênero. Poderão ficar um pouco emocionadas e um pouco melhores pelo resto do dia, e talvez até o dia seguinte. Mas tudo se evaporará logo, como o orvalho da manhã, justamente como nos esquecemos todos os anos, com suma regularidade, das resoluções tomadas na entrada de cada novo ano. O homem

não tem capacidade para a verdadeira vida. O homem necessita de uma nova natureza. Ele precisa ser transformado; e somente o Espírito de Deus pode fazer isso. O homem precisa "encher-se do Espírito". Então será capaz de fazer estas coisas. Antes disso, não.

Povo cristão, nossa principal ocupação em tempos como estes consiste em esclarecer bem a todos aqueles com quem tivermos contato, o que é realmente o cristianismo. O conceito popular predominante é uma negação da fé cristã. Levemos luz a homens e mulheres. Mas, acima de tudo, continuemos a instar em oração por avivamento, por despertamento, porum poderoso derramamento do Espírito de Deus, para que a Sua verdade seja autenticada, para que grandes multidões sejam trazidas para a vida e para a fé, e se ponham a demonstrá-lo na prática e, deste modo, influenciem a vida geral da sociedade. "Enchei-vos do Espírito", do Espírito do Deus vivo.

do espírito de Deus, de sabedoria, e de entendimento, e de ciência, em todo o artifício". Este homem Bazaleel foi cheio do Espírito de Deus a fim de poder fazer aquele trabalho particular. Foi um revestimento especial, um ato especial pelo qual foi cheio do Espírito, para que ele pudesse cumprir aquela tarefa. Mas existe demonstração mais interessante de como certas pessoas foram cheias do Espírito antes do dia de Pentecoste. Esta é a profecia concernente a João Batista, em Lucas 1:15: "Será cheio do Espírito Santo, já desde o ventre de sua mãe". Depois se nos fala de Isabel, mãe de João: "Isabel foi cheia do Espírito Santo; e exclamou com grande voz, e disse" (Lucas 1:41-42). A mesma coisa lemos a respeito de Zacarias, pai de João Batista, no versículo sessenta e sete: "E Zacarias, seu pai, foi cheio do Espírito Santo, e profetizou".

Em cada um destes casos, pode-se observar, estas pessoas foram cheias do Espírito Santo para poderem falar ou fazer alguma coisa. É um revestimento de poder com um propósito especial.

O outro emprego do termo no Novo Testamento está, como já disse, em Atos 2:4: "E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem". Essa é uma proposição singular, porque as duas coisas aconteceram juntas. Houve o batismo e, inclusive, o encher-se do Espírito; e foi isso que os capacitou a falarem noutras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem. Mas há aqui um ponto interessante. O apóstolo Pedro, com todos os demais apóstolos, e com os seus seguidores, naquele dia de Pentecoste, foram batizados com o Espírito e foram cheios do Espírito. Mas em Atos 4:8 lemos isto: "Então Pedro, cheio do Espírito Santo, lhes disse". Aqui é outro encher-se do Espírito. O homem que já fora batizado e cheio naquele dia de Pentecoste, agora é cheio de novo, com um objetivo especial. O objetivo especial, em Atos 4, era que ele e João, que tinham sido acusados diante das autoridades, e

agora estavam sob j ulgamento porque haviam curado o inválido que se sentara à Porta Formosa do templo, tinham que falar. O Espírito Santo pousou sobre Pedro, e este foi cheio do Espírito para que pudesse falar com autoridade e poder a estas autoridades que o estavam julgando. O mesmo Pedro é enchido do Espírito outra vez. Estou confirmando o ponto que há esta diferença essencial entre ser batizado e ser cheio. Mas ainda estamos tratando do encher-se do Espírito em termos de capacidade e poder outorgados para a realização de uma tarefa específica.

A seguir, tomemos outro exemplo. Após o seu julgamento, Pedro e João voltaram aos seus companheiros, à igreja, e relataram o que lhes acontecera, e todos se puseram a orar. Depois, é-nos dito no versículo trinta e um do capítulo quatro de Atos: "E, tendo orado, moveu-se o lugar em que estavam reunidos; e todos foram cheios do Espírito Santo, e anunciavam com ousadia a palavra de Deus". Repetiu-se a mesma coisa. Estas pessoas já haviam sido batizadas, tinham sido cheias quando foram batizadas, mas tornam a ser cheias novamente. Isto é uma coisa que pode repetir-se muitas vezes. Na verdade, há outro exemplo notável, em conexão com o apóstolo Paulo. A narrativa da sua conversão e a do seu batismo com o Espírito Santo estão no capítulo nove do

Livro de Atos. Mas no capítulo treze vemos que Paulo está falando, e eis o que nos diz o versículo nove: "Paulo, cheio do Espírito Santo, e fixando os olhos nele, disse". Lucas, o historiador, está tratando do caso do encantador Elimas, que estava acompanhando um certo oficial romano. O apóstolo tomou a resolução de repreender esse homem pelo que ele dissera. Daí se nos diz que Paulo, cheio do Espírito Santo, fixou os olhos nele. Ele foi "cheio" para poder falar a esse homem e repreendê-lo severamente.

À luz disso tudo, é óbvio que estamos lidando com uma experiência nítida, precisa. Todas estas pessoas estavam cônscias do fato de que o Espírito lhes sobreviera, que tinham sido dotadas de novo poder e de autoridade. Sabiam exatamente o que havia acontecido. Portanto, esta é uma experiência que descreve algo que nos sucede, a nossa tomada de consciência de aumento de poder com um propósito específico. É, pois, uma coisa bem distinta e clara.

No entanto isto não se restringe ao novo Testamento, graças a Deus. Leiam as biografias dos grandes pregadores da Igreja através dos séculos, e especialmente nas épocas de avivamento e despertamento, e verão essa espécie de coisa repetida interminavelmente. O pregador, subitamente, fica ciente de que o Espírito de Deus veio sobre ele e se apossou dele. Deixa de ter domínio sobre si, e recebe luminosidade, compreensão, poder e capacidade para falar com convicção; e coisas tremendas acontecem. O homem toma consciência pessoal disso, e o mesmo se dá com os que o estão ouvindo. Muitos são os exemplos disto, durante a longa história da Igreja cristã.

Graças a Deus, isto não se limite à história passada. Pela graça de Deus, continua acontecendo. Há homens ainda vivos que sabem disso, que se regozijam com isso, homens que servem a Deus com honestidade e sinceridade e que de vez em quando ficam conscientes desta experiência. Então, esse é um modo como se emprega a expressão; estas diversas pessoas foram cheias do Espírito, e receberam poder e capacidade incomuns.

Agora se levanta a questão: é esse o sentido desta proposição de Efésios 5:18? Opino que não, e que é preciso que não nos deixemos confundir pela simples similaridade da expressão. Então, que será? Para mim é uma descrição de um estado ou condição. Talvez a melhor maneira de entendê-la seja relembrar o que se nos diz do Senhor no versículo primeiro do capítulo quatro do Evangelho Segundo Lucas. Lemos que "Jesus, cheio do Espírito Santo... foi levado pelo Espírito ao deserto", para ser tentado pelo diabo. Pois bem, essa é uma afirmação de que o Senhor foi "cheio do Espírito Santo". Igualmente nos fala a Seu respeito o capítulo três do Evangelho Segundo João, dizendo que "não lhe dá Deus o Espírito por medida" (João 3:34). Ele sempre estava cheio do Espírito, em toda a Sua plenitude.

Mas observemos outras afirmações. Tomemos, por exemplo, o que lemos acerca de Estevão em Atos dos Apóstolos. Ele foi um dos escolhidos, como vemos no capítulo seis, para tratar de várias questões para que os apóstolos pudessem entregar-se à oração e à pregação da Palavra. E isto lemos sobre ele: "Estevão, homem cheio de fé e do Espírito Santo." Ele era cheio do Espírito

Santo. Não se declara que num dado momento ele foi cheio do Espírito para fazer certa coisa. Não, ele foi escolhido para fazer esse trabalho porque já estava "cheio do Espírito Santo". Mas tomemos outra afirmação sobre ele no capítulo sete, versículo cinqüenta e cinco, de Atos. Aqui Estevão estava sendo julgado, e lemos: "Mas ele, estando cheio do Espírito Santo, fixando os olhos no céu, viu a glória de Deus, e Jesus que estava à direita de Deus; e disse..."

Ora, para mim essa declaração é duvidosa, duvidosa neste sentido, que não estou certo se devo colocá-la na categoria que estamos considerando agora, ou na categoria anterior. Na verdade, ela se enquadra nas duas categorias. Estevão estava habitualmente cheio do Espírito Santo, mas, em função das circunstâncias, da crise em que agora se achava, embora estivesse cheio do Espírito, foi "cheio do Espírito" outra vez. Significa que, embora estivesse cheio do Espírito, houve uma manifestação posterior, um posterior aumento de poder, um posterior "encher-se" até ao transbordamento, e lhe foi dada uma capacidade particular para enfrentar os seus caluniadores e acusadores, e a proferir a Palavra de Deus com ousadia e convicção. Portanto, essa é uma declaração interessante. Mas examinemos também a declaração a respeito de Bamabé, companheiro de Paulo. Sobre Bamabé lemos em Atos 11:24: "era homem de bem, e cheio do Espírito Santo e de fé". Parecido com Estevão.

Era cheio de fé, e também era cheio do Espírito Santo. Concluo com uma declaração a respeito dos discípulos como um grupo. Em Atos 13:52 leio: "E os discípulos estavam cheios de alegria e do Espírito Santo".

Vocês vêem a distinção. Nestes casos - sendo um caso muito especial o de Atos 7:55 - estamos agora vendo pessoas sendo cheias de "poder" para fazer certa tarefa. É-nos dada uma descrição do estado normal destas pessoas, da sua condição. Temos aqui uma descrição de um "estado" moral e espiritual. Não é tanto uma questão de poder agora; é mais uma questão de como vive a pessoa. Estevão do escolhido - por quê? Porque era um homem "cheios de fé e do Espírito Santo". Assim falavam dele e, portanto, quando foram escolher os diáconos, disseram: pois bem, aí está um homem cheio de fé e cheio do Espírito Santo. Bamabé foi escolhido pela mesma razão. E sobre o corpo geral dos discípulos, lemos que eles eram "cheios de alegria e do Espírito Santo".

Há, portanto, uma óbvia diferença entre estas duas proposições, que parecem semelhantes à primeira vista; e o que toma tão importante diferenciá-las é que não devemos esperar que a expressão sempre indique o encher-se especial, para uma tarefa. Esse vem e vai. Mas nos cabe estar sempre "cheios do Espírito". Daí a importância de diferenciar ambos os casos. Por conseguinte, estabelecemos outro ponto. Um homem que está cheio do Espírito pode, subitamente, ser cheio do Espírito Santo para uma finalidade especial. Ilustrei isso com o caso do julgamento de Estevão. Ilustrei-o também com o caso dos próprios discípulos, no dia de Pentecoste.

À luz de todas estas passagens das Escrituras, acaso não fica clara e evidente que neste versículo - Efésios 5:18- estamos lidando com o segundo emprego da expressão? Aqui nos é dado um relato de um estado ou condição.

De fato penso que se pode provar isso, além de toda dúvida, da seguinte forma: "E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda, mas continuai enchendo-vos do Espírito". O tempo verbal é da maior importância, e aqui consta o presente, o presente contínuo. A tradução mais correta deste versículo é a seguinte: "Não vos embriagueis com vinho, em que há excesso, mas continuai enchendo-vos do Espírito - sede perpetuamente cheios do Espírito. Prossiga, continue, seja constantemente esta a vossa condição". É o presente contínuo. Argumento que, sendo o presente contínuo, não pode ter o primeiro significado, que, evidentemente, é algo que vem, e toma a vir, e ainda se repete, como aconteceu com Pedro, com Estevão e com o apóstolo Paulo em várias circunstâncias difíceis ou críticas. O ser cheio para uma tarefa é algo que vem e passa; já este ser cheio do Espírito significa uma condição constante, permanente, que não varia nem muda. Noutras palavras, o que nos é dito nesta passagem é que se tem em vista que sejamos sempre como Estevão, como Bamabé, como Paulo e como outros que eram homens "cheios do Espírito".

É vital que isso fique firmado, pois, do contrário, não haverá nada senão confusão. Há grande confusão acerca disso tudo, e as pessoas ficam esperando por uma experiência de encher-se do Espírito porque têm uma concepção equivocada deste ensino particular. Então já está firmado o que isto significa em termos do uso típico do Novo Testamento. Mas, que significa na prática hoje? Eis aqui a questão prática para nós.

Parece-me que a maneira de abordar isto é lembrar-nos de que o Espírito Santo é uma Pessoa. Não é apenas uma influência. Muitos parecem falar em encher-se do Espírito como se o Espírito Santo fosse uma espécie de líquido. Falam em ter um "vaso vazio", um jarro vazio, e em ter o Espírito derramado dentro dele. Isso é um erro completo, porque esquece que o Espírito Santo é uma Pessoa. Ele não é uma substância, nem um líquido, nem um poder ou força como a eletricidade. Todos tendemos a cair neste erro. Temos até a tendência de referir-nos ao Espírito Santo como a uma coisa neutra, olvidando que o Espírito Santo é a terceira Pessoa da bendita e santíssima Trindade. Nossas idéias quanto a "encher-nos do Espírito" são inteiramente erradas justamente porque nos esquecemos de que Ele é uma Pessoa. Mas, se é assim, por que a Bíblia emprega as expresões "derramar" etc., com referência ao Espírito? Estas são apenas figuras, é claro. As Escrituras desejam transmitir a idéia de que a influência do Espírito sobre nós é um poder. Costumamos falar da "influência" da personalidade de uma pessoa; mas não é alguma substância, e sim, a pessoa mesma, que gera a influência. Estes são apenas termos e expressões empregados com o fim de colocar a verdade para nós de maneira vivida, para podermos perceber as variações que ocorrem na força da influência e do poder pessoais. Quando esta influência é poderosa, ela é "derramada"; mas não devemos literalizar uma analogia ou uma ilustração e começar a pensar nela de algum modo materialista. A influência é influência exercida por uma Pessoa, a Pessoa do Espírito Santo.

Então, que significa ser "cheio", neste sentido? Vou citar uma definição

que se acha no Dicionário Grego e Inglês do Novo Testamento, de Thayer (Greek Lexicon), obra padrão, de autoridade reconhecida. Vem nestes termos: "Daquilo que toma plena posse da mente se diz que a enche". Essa é uma expressão da atualidade. E comum dizer que uma coisa que toma posse da minha mente, enche a minha mente; assim, na conversação comum inglesa, falamos em ser ou estar "cheio" de alguma coisa. Alguém, de repente, passa a ter um novo interesse. "Ah", dizemos, "ele está cheio disto, não fala doutra coisa". [2] Ora, é isso - ele está cheio desta coisa. Ou falamos disto em termos de pessoas. Se vemos uma pessoa ficar falando sempre doutra, dizemos: "Ah, ele está absolutamente cheio de Fulano". [2] Estamos falando acerca da influência da pessoa "A" sobre a pessoa "B", e dizemos que a pessoa "B" está cheia de "A", sempre falando dessa pessoa, não podendo parar de falar dessa pessoa. É como expomos, noutras palavras, a influência controladora de uma pessoa

sobre outra.

Isso tudo é com referência a pessoas. Mas, deixem-me fazer a seguinte colocação: tomemos a analogia do apóstolo aqui - "Então vos embriagueis com vinho, em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito". Que é que dizemos de um bêbado? Dizemos: "Ele está sob a influência da bebida". Assim, o que o apóstolo está dizendo, em certo sentido, é: "Não fiquem sob a influência do vinho; fiquem sob a influência do Espírito Santo" - é exatamente o que significa. "Ser cheio" significa "estar sob a influência de". O homem que está cheio de vinho, em que há excesso, o homem que está "encharcado" de vinho, está sob a influência do vinho. Muito bem, diz o apóstolo, não fiquem sob a influência do vinho, mas fiquem sob a influência do Espírito Santo. E exatamente a mesma expressão.

Estar "sob a influência" significa que toda a nossa personalidade - mente, coração e vontade - está sendo dominada por essa outra influência ou poder. O homem que está sob a influência da bebida, acha-se totalmente sob essa influência - sua mente é afetada e influenciada, e assim com o seu coração e a sua vontade. Não se preocupem com a exata farmacologia disso - esta é uma expressão pictórica. Como vimos, o que de fato acontece no caso do homem com o vinho é que, não é tanto que ele esteja debaixo da influência do vinho; é mais que o vinho afasta a influência mais elevada e melhor que ele tem dentro de si. Dá no mesmo, na prática. Mas aqui há uma analogia - como a mente, o coração e a vontade daquele homem são afetados por aquele vinho, assim devemos ser influenciados e afetados na mente, no coração e na vontade pelo Espírito Santo. O homem que está sob a influência do vinho, não pode mais controlar-se. Muito bem, Paulo diz, deixem que o Espírito Santo os controle. É isso que significa ser cheio do Espírito. Não é uma coisa derramada em mim de modo que eu tenho que tentar esvaziar o vaso primeiro, e então receber.... Essa maneira de pensar é completamente errada, faz violência à Pessoa do Espírito. Não, a exortação é: "Continuem sendo dominados pelo Espírito Santo". Como

um assunto ou uma pessoa do seu interesse pode encher-lhes, assim sejam plenamente cheios do Espírito Santo.

Se é esse, então, o seu significado, a subseqüente questão que se levanta é: como isso vem a ser possível? Como uma pessoa pode encher-se do Espírito? Eis aí uma questão sumamente importante. Nossa primeira observação é que se trata de uma ordem, uma injunção: "Enchei-vos", "continuem sendo cheios" do Espírito, "continuem sendo dominados pelo Espírito Santo". Infere-se, pois, necessariamente, que não se trata de uma experiência isolada. Dado que é uma ordem, não é uma experiência; dado que está no presente contínuo, não é uma crise, não é um experiência crítica; e, portanto, não deve ser procurada como "uma bênção". Há muitos que giram por todo lado, de reunião em reunião, procurando, esperando

conseguir “a bênção” de serem “cheios do Espírito”. Às vezes são convidados para virem à frente, no fim de uma reunião, para “receberem” a plenitude do Espírito. Mas, certamente, isso é fazer total violência à linguagem empregada aqui, bem como a toda a analogia do ensino das Escrituras. Não é uma experiência crítica, é um estado ou condição em que devemos viver sempre, permanentemente. É como devem ser sempre, diz o apóstolo; e ele nos ordena que sejamos assim. Daí deduzo que isto não é uma coisa que nos acontece; é uma coisa que nós controlamos, e que nós determinamos. Assim como o homem decide e controla se vai ou não vai se encher de vinho, semelhantemente é ele que controla e decide se vai ser dominado pelo Espírito ou não. Portanto, é-lhe dada uma ordem, uma injunção, uma exortação. Devemos, pois, parar de pensar nisso em termos de “ter uma experiência”.

De novo, permitam-me fazer a seguinte colocação, para maior clareza. O que aconteceu com os discípulos no dia de Pentecoste foi uma experiência, e não só eles ficaram sabendo disso, mas todos os demais o souberam. O que aconteceu com Comélio e sua família, quando o Espírito caiu sobre eles, foi uma experiência, e todos os demais ficaram sabendo disso. O que aconteceu com os de Samaria, quando Pedro e João desceram para lá, de Jerusalém, e impuseram as mãos sobre eles e oraram por eles, foi uma experiência, e eles e todos os demais o souberam. Igualmente, com as pessoas mencionadas em Atos 19:1-6. Ser “selado”, ser “batizado” com o Espírito é um experiência definida. Não dominamos isso; é inteiramente ação do Senhor. É algo que Ele nos faz. Mas é patente que este encher-se é uma coisa que está sob o nosso controle; e, portanto, é-nos colocado na forma de uma ordem ou de uma exortação: “Continuem sendo cheios do Espírito e dominados por Ele”. Noutras palavras, devemos livrar-nos de todas as noções de passividade, aqui; não esperamos, apenas, que isto aconteça. Está em nosso poder determinar se estamos cheios do Espírito ou não. Está claro? Não está em nosso poder determinar se vamos ser regenerados ou não, não está em nosso poder determinar se vamos ser batizados com o Espírito ou não, mas está em nosso poder decidir se vamos continuar sendo cheios do Espírito ou não. Confundir este último fato com o batismo com o Espírito é nada menos que uma grave perversão das Escrituras. Encher-se do Espírito não é uma experiência pela qual esperamos, ou pela qual oramos, ou

pelo qual ansiamos. Ao contrário, vocês e eu temos que fazer certas coisas, se desejamos continuar a encher-nos do Espírito. Quais?

Primeiro, permitam-me colocá-las negativamente. Se pretendo continuar a encher-me do Espírito, não devo “entristecer” o Espírito. Encontramos essa expressão no capítulo quatro, versículo trinta: “E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual estais selados para o dia da redenção”. Que quer dizer? Quer dizer que se eu e vocês nos rendermos a alguma coisa oposta ao Espírito, não estaremos sob o

controle do Espírito. Se eu permitir que minhas cobiças e paixões me dominem, então o Espírito Santo não me estará dominando. "Porque a carne cobiça contra o Espírito, e o Espírito contra a carne; e estes opõem-se um ao outro" (Gálatas 5:17). Se eu desejo ser cheio do Espírito e ser dominado por Ele, preciso cuidar que as minhas cobiças, paixões e maus propósitos não me estejam dominando; nem tampouco o diabo deverá dominar-me. Devo resistir ao diabo, e também devo resistir ao "mundo". Isso é óbvio; não devo entristecer o Espírito. Se estou levando uma vida de pecado, Ele Se entristece; e Ele não me controla; quando está entristecido. Ele Se retira. Lembremo-nos de que estamos lidando com uma Pessoa. Portanto, devo ser muito cuidadoso para, em termos negativos, não entristecê-lO de modo nenhum. Ele é comparado com uma pomba - gentil e sensível.

De igual modo, não devemos "extinguir" o Espírito. O Espírito está em nosso interior estimulando, dando idéias, produzindo pensamentos, fazendo sugestões. Toda vez que as recuso ou as rejeito, toda vez que digo, "Não, espera um minuto, quero fazer isto primeiro, e depois...", estou extinguindo o Espírito, e na mesma proporção não estou sendo dominado pelo Espírito. Isto é voluntário, está sob o meu controle. Se deliberadamente O rejeito, se deliberadamente faço coisas que Ele me diz que não faça, bem, não estou sendo controlado pelo Espírito; e não desfrutarei os resultados da bênção de ser dominado pelo Espírito.

Mas, passemos para a visão positiva - isso é o mais importante. A visão negativa certamente é óbvia. Não podemos encher-nos de vinho e do Espírito Santo ao mesmo tempo; não podemos encher-nos do pecado e do Espírito Santo; são incompatíveis. "Não há comunhão entre a luz e as trevas, entre Deus e Belial" (2 Coríntios 6:14-16). Isso é elementar, por certo. Temos que parar de entristecer o Espírito; temos que resistir ao diabo, temos que sujeitar o corpo, temos que lutar contra os resíduos e restos do pecado que há em nós. Essa é a primeira parte, mas é negativa.

E a positiva, que é? É isto - e nada pode ser mais importante que isto -temos que dar-nos conta de que Ele está dentro de nós. O Espírito Santo está em todo cristão. "Ou não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos?" (1 Coríntios 6:19). Essa é a primeira coisa; e é porque tão constantemente esquecemos isto, que não somos cheios do Espírito, e não somos dominados por Ele. Para empregar as palavras de um hino, Ele está dentro de nós - "hóspede bondoso e bem disposto".

Já notaram como o Senhor se expressa a respeito? Ele ia deixar os Seus discípulos, e eles estavam desanimados. Disse Ele: "Não se turbe o vosso coração" - não se entristeçam. "Não lhes deixarei sem consolação"; que significa: "Não lhe deixarei órfãos, enviarei outro Consolador" (João 14). "Enviar-lhes-ei Alguém que fará por vocês o que tenho feito enquanto estive com vocês. Vocês me procuravam quando estavam em dificuldade, me consultavam. Eu estava sempre aqui para responder-

lhes. Porque lhes digo que parto, dizem: “E agora, que faremos?” Não se pertubem, porém. Vou enviar-lhes outro Consolador, vou enviar-lhes outro Advogado, Alguém que estará para sempre com vocês, em vocês; estará com vocês o tempo todo para guiar-lhes, dirigir-lhes e fazer tudo de que tiverem necessidade. O meio pelo qual somos dominados pelo Espírito Santo consiste em lembrar-nos de que Ele está aí, “hóspede bondoso e bem disposto” dentro de nós, habitando em nós. Temos que fazê-lo deliberadamente. Temos que repetir para nós mesmos estas passagens bíblicas. Devemos começar o nosso dia dizendo a nós mesmos alguma coisa como isto: “O Espírito Santo está morando em mim, Ele está em meu corpo; o meu corpo é templo do Espírito Santo, que vive e mora dentro de mim. Devo lembrar-me disso”.

Permitam-me usar uma ilustração simples, Que é que os pais que têm filhos pequenos fazem quando têm em casa um hóspede ou um amigo? Geralmente as crianças acordam cedo, de manhã. Que lhes dizem os pais? Vocês diriam: “Fiquem quietos, não perturbem o nosso hóspede”. Vocês os fariam lembrar-se de que este hóspede está na casa, e lhes diriam: “Agora, tenham cuidado, não gritem, fiquem quietos, vejam bem quem está aqui”. É precisamente isso que eu e vocês temos que fazer, se é que havemos de ser dominados pelo Espírito Santo - lembrar-nos de que Ele está aí, está em nós, habita em nós. Sem esta percepção, nunca seremos dominados por Ele. Temos que recordar isto, que lembrar-nos disto, e continuar lembrando.

Mais que isso; temos que desejar tê-lO, temos que ansiar por Ele, por Sua companhia e Sua comunhão. Já notaram quantas vezes o Novo Testamento fala da “comunhão do Espírito Santo”? Vejam a bênção: “A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com vós todos” (2 Coríntios 13:13). Precisamos que nos lembrem desta comunhão, temos que lembrar-nos a nós mesmos dela, e que buscá-la. Se Ele está em mim, devo não somente captar o fato, mas devo comungar com Ele, devo ter comunhão com Ele. Devo consultá-lO, considerar Sua presença e pedir-Lhe que Se manifeste a mim cada vez mais. É assim que podemos ser cheios do Espírito.

Em seguida, também, preciso prestar a máxima atenção a todas as Suas sugestões: “operai a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar” (Filipenses 2:12-13). Como o faz? Mediante o Espírito Santo. Ele “opera em vós tanto o querer como o efetuar”. Se alguma vez vocês sentirem um súbito desejo de ler a Palavra de Deus, será o Espírito Santo agindo em vocês. Ele está em vocês, Ele os está incitando. Obedeçam-Lhe; vão fazê-lo. Se se sentirem impulsionados a orar, façam-no.

Obedeçam-Lhe; parem de fazer o que estiverem fazendo; não adiem a obediência. ELE lhes solicitou isto; portanto, larguem tudo; façam o que Ele pede. Sejamos sensíveis às Suas sugestões. Dessa maneira é que seremos cada vez mais dominados

pelo Espírito. Quanto mais Lhe obedecermos, mais indicações dará dos Seus desejos, mais sugestões nos dará. Portanto, devemos ser cuidadosos e meticulosos na obediência a cada um dos Seus mandados ou exigências, a cada uma das sugestões ou apelos que dEle nos venham.

Todas estas coisas nos sucedem com freqüência. Ele quer conduzir-nos avante, quer guiar-nos. Sempre o faz, sempre está desejoso de mostrar-nos mais e mais do Senhor Jesus Cristo. Deixem-nO fazê-lo.Não nos pesará a culpa de apagar saudáveis insinuações acerca da freqüência à casa de Deus, acerca da leitura das Escrituras, acerca da oração, e acerca de mil e uma coisas mais? Ocorrem as sugestões do Espírito Santo com vistas a conduzir-nos, dominar-nos e dirigir-nos. Deixemos que Ele o faça. Esse é o sentido da exortação em foco.

Não recebemos isto como uma experiência isolada. Quase ia dizendo: quisera Deus que o fosse! Quão mais fácil seria! Mas o exposto é o método de Deus. E questão de relacionamento pessoal; e, como cristãos, somos criaturas responsáveis. Ele não vai ficar fazendo tudo enquanto ficamos na passividade. Não é que tudo é feito maravilhosamente para nós, não nos restando mais nenhuma luta. Há luta! O mundo, a carne e o diabo continuam aí, e temos que resistir-lhes. E também temos que ouvir positivamente o Espírito e dedicar tempo e atenção para fazê-lo.

Nessas questões não existem atalhos. Não recebemos isso num pacote fechado e amarrado, como artigo de pronta entrega, já tudo pronto e completo. Não, esse método é próprio das seitas; não é esse o ensino do Novo Testamento. É psicologia; não é o ensino das Escrituras.

Demos ouvidos às sugestões do Espírito, e a seguir demos ouvidos à Palavra, às Escrituras. Que é esta Palavra? É a Palavra do Espírito Santo. Ele é o Autor. "Homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo" (2 Pedro 1:21). Nada desta Palavra é de particular interpretação; ela não é do homem, é a Palavra de Deus. Leiam-na, digo-lhes, estudem-na, devorem-na, procurem compreendê-la, dediquem-lhe tempo e atenção. Vocês têm aproveitado todas as oportunidades para aprofundar-se nesta Palavra? Basta comparecer a um culto por semana? Quantas vezes damos atenção à exposição pública da Palavra e ao estudo privado para compreendê-la? É dessa maneira que somos conduzidos pelo Espírito. Conhecer a Sua Palavra e todas as suas injunções, dar-lhes ouvidos; ter sensibilidade ante elas, e então obedecê-las! Obedecer à Palavra de Deus! O Espírito Santo agrada-Se quando um de nós toma uma palavra das Escrituras e a põe em prática, quando deixamos que ela governe as nossas decisões, as nossas ações e todo o nosso comportamento.

Aí estão, pois, alguns dos princípios. Mencionei apenas alguns títulos dos meios pelos quais havemos de encher-nos do Espírito. Constitui submissão voluntária ser dominado em toda a nossa vida, mente, coração e vontade, pelo Espírito Santo de

Deus.

A que isso leva? É o que o apóstolo vai dizer, na seqüência. Significa que o fruto do Espírito se manifestará em nós. Onde Ele exerce o controle, o fruto é evidente e óbvio - “caridade (ou “amor”), gozo, paz, longanimidade, benig-nidade, bondade, fé, mansidão, temperança” (Gálatas 5:22). Ei-los! São evidentes. E também todas as coisas que o apóstolo passa a dizer no versículo seguinte, o versículo dezenove deste capítulo cinco de Efésios - acerca de como devemos conduzir-nos na casa de Deus, de como devemos conviver harmoniosamente, maridos e esposas, pais e filhos, senhores e servos. Quando os homens e as mulheres são dominados pelo Espírito Santo na mente, no coração e na vontade, essa é o tipo de vida que levam. Prossigamos, continuemos sendo dominados pelo Espírito Santo, que habita em nós como “hóspede bondoso e bem disposto”.

1

Refere-se ao dia do armistício da Primeira Guerra Mundial (11.11.1918) - comemorado anualmente.

2

Sentido diverso do uso popular da expressão em português. Nota do tradutor.

SUBMISSÃO NO ESPÍRITO Efésios *5:21*

Há uma questão técnica na afirmação em epígrafe a que devo referir-me antes de dar continuidade às considerações sobre ela; e a questão é que todos concordam que devia ser: "Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo". Não é problema de tradução, mas, antes, de manuscritos; e, fora de toda dúvida, os melhores manuscritos dizem aqui, "no temor de Cristo", e não, "no temor de Deus". Naturalmente, em última instância, vem a dar na mesma; mas dá uma ênfase adicional ao que o apóstolo diz, como veremos.

Aí está uma proposição que deve ser cuidadosamente vista em seu cenário e em seu contexto. É importante fazê-lo, para que possamos compreender verdadeiramente o que o apóstolo de fato está dizendo. Noutras palavras, devemos dar atenção à conexão por um momento. Há os que a traduzem de molde a fazer dela uma injunção nova e separada. Dizem eles que nesta seção o apóstolo está dando uma série de exortação separadas. Mas isso é inteiramente injustificável. Ele não disse: "Sujeitai-vos uns aos outros"; disse: "Sujeitando-vos uns aos outros". Portanto, não devemos considerá-la uma afirmação ou exortação independente. Outros dizem que se trata meramente e apenas de uma introdução ao que vem a seguir, como se dissesse: "Sujeitai-vos uns aos outros no temor de Deus. Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor - e assim por diante, com "filhos" e "servos". Assim, fazem dela uma espécie de introdução ao que segue. Mas, certamente, estas duas opiniões estão erradas. A segunda é menos errada que a primeira. Não obstante, é patente que o que o apóstolo está fazendo é continuar o que já vinha dizendo e, ao mesmo tempo, introduzir o que vai dizer. Parece-me que essa é a única maneira certa de interpretar esta proposição. É uma espécie de elo de ligação entre o texto anterior e o posterior. Noutras palavras, é uma ilustração suplementar do que ele tinha formulado como princípio fundamental no versículo 18, "E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito". Defendo a idéia de que ele ainda tem isso em mente, e se dirige a homens e mulheres cheios do Espírito. Ele já lhes havia falado certas coisas sobre eles mesmos que eram inevitavelmente verdadeiras, se é que eram cheios do Espírito. Então, aqui é mais outro ponto. Assim, interpretamos esta proposição à luz do versículo 18, com sua exortação para que continuemos sendo cheios do Espírito.

Estou dando ênfase a isto porque nenhum homem tem a menor possibilidade de fazer o que está neste versículo, a menos que esteja cheio do Espírito.

É inútil sair pelo mundo, dizendo: "Sujeitai-vos uns aos outros no temor de Cristo". O mundo não somente não faz isso; não quer e não pode fazê-lo. Esta é uma exortação sem sentido para quem não está cheio do Espírito. Daí, insisto em que aqui o apóstolo está dando seqüência às duas idéias que tem em mente no versículo 18: "E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda (ou "excesso")". O bêbado

não se submete a ninguém. Ele se afirma a si próprio. Isso caracteriza o ébrio. Falta-lhe controle, principalmente neste aspecto. Gaba-se, louva-se a si próprio e se acha maravilhoso. Se havemos de sujeitar-nos uns aos outros, temos que ser inteiramente diferentes dos que estão cheios de vinho e vão chegar àquele excesso. E, por outro lado, temos que encher-nos do Espírito.

Aí está, segundo penso, a conexão essencial. Aí está a idéia básica. Temos de ser diferentes do que temos sido, temos de ser diferentes do mundo, temos de ser completamente diferentes, em nossas características essenciais, dos homens e mulheres que ainda pertencem aos domínios do mundo. Devemos encher-nos do Espírito. Como demonstramos isso? Até aqui o apóstolo o esteve ilustrando com a nossa relação com Deus. Esteve tratando do nosso culto, "Falando entre vós (uns aos outros) em salmos e hinos, e cânticos espirituais: cantando e salmodiando ao Senhor no vosso coração; dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo". São cheios do Espírito, diz ele, e vocês encontram em suas reuniões, em suas reuniões conviviais de felicidade e de alegria. Devem expressar todas essas coisas juntos no culto de Deus, em louvor e adoração. Não somente isso, porém, diz ele; devem manifestar este mesmo espírito em seu trato uns com os outros, no companheirismo que têm uns com os outros ao nível puramente humano e terreno. Assim, ele está salientando o seu tema básico, mostrando que os homens e as mulheres cheios do Espírito devem apresentar essa característica em seu relacionamento uns com os outros.

Essa é a maneira de abordar este versículo particular. É indispensável entender exatamente o que significa, porque o apóstolo vai ilustrar esta verdade em três aspectos particulares. Ele formula o princípio e depois, tendo feito isso, diz, aplicando-o a casos particulares: "Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor... Vós, filhos, sede obedientes a vossos Pais no Senhor, porque isto é justo... Vós, servos, obedecei a vossos senhores segundo a carne". Como já vimos, estas três colocações são ilustrações separadas e particulares deste princípio fundamental que sempre deve reger a relação dos cristãos, uns com os outros.

"Sujeitando-vos uns aos outros". Notem que a própria maneira como o apóstolo o expressa, confirma o que acabo de dizer sobre a conexão deste versículo com o seu contexto. "Vós, que sois cheios do Espírito, deveis, portanto, cantar juntos, sujeitar-vos uns aos outros, e portar-vos como convém, nas cruciais relações da vida."

Mas, que significa "sujeitando-vos uns aos outros"? Uma tradução melhor, talvez, seria: "Sendo sujeitos uns aos outros". A idéia que obviamente ele

tem em mente, em vista da palavra que emprega, é mais ou menos esta: é o quadro de soldados de um regimento, soldados alinhados, sob o comando de um oficial. A característica de um homem nessa posição é que, num sentido, ele já não é mais um indivíduo; é agora membro de um regimento; e todos eles juntos ouvem as ordens e

instruções que o oficial lhes dá. Quando um homem se alista no exército ele abre mão do seu direito de determinar sua própria vida e atividade. Quando um homem se alista no exército ou na força aérea ou na marinha, ou seja no que for, não mais se governa, não mais tem domínio sobre si; ele tem que fazer o que lhe dizem. Não pode sair de folga quando lhe dá na telha, não pode levantar-se de manhã na hora que quer. Está debaixo de autoridade, e as regras mandam nele; e se começar a agir por conta própria, e independentemente dos outros, faz-se culpado de insubordinação e será adequadamente punido. Dessa natureza é a palavra que o apóstolo emprega; portanto, o que ele diz eqüivale a isto - que nós, que somos cheios do Espírito, devemos comportar-nos voluntariamente desse modo, em relação uns com os outros. Somos membros do mesmo regimento, somos unidades deste mesmo exército grandioso. Cabe-nos fazer voluntariamente o que o soldado é "forçado" a fazer.

Como funciona isso na prática? Não é suficiente usar apenas palavras; estas coisas têm que ser aplicadas à vida. O Senhor Jesus o expressou aos discípulos: "Se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as fizerdes" (João 13:17). O que será que isto envolve? Que significa termos que nos sujeitar, e sujeitar-nos uns aos outros? Em termos negativos significa, evidentemente, certas coisas. Não devemos ser irrefletidos. Muitas aflições da vida, e muitos conflitos, são devidos ao fato de que as pessoas não pensam. Ações impetuosas são a maior causa de conflitos, brigas e infelicidade em todas as esferas da vida. Se as pessoas tão somente pensassem antes de falar, ou antes de olhar, ou antes de agir, que diferença isso faria! Mas o problema com o homem natural é que ele não reflete; tem uma idéia, e logo a expressa; tem um sentimento, e imediatamente o quer pôr em ação; mal lhe vem um impulso, e ele age. Portanto, numa colocação negativa, o apóstolo está dizendo que o cristão nunca deve ser uma pessoa destituída de pensamento, nunca deve viver aquele tipo de vida instintiva, intuitiva. Como o apóstolo já nos estivera falando demoradamente, o cristão é pessoa governada pela verdade, governada por princípios; o cristão é sábio. Paulo já se expressara, "mas como sábios". E de novo: "Pelo que não sejais insensatos, mas entendei qual seja a vontade do Senhor" (Efésios 5:15,17). O sábio pensa, olha antes de pular, reflete antes de falar. É homem governado pelo pensamento e pelo entendimento, pela meditação e por um espírito de ponderação.

E assim que começa a pensar, descobre outro fator negativo muito importante, a saber, que não deve ser egoísta e egocêntrico. O verdadeiro problema com as pessoas egoístas e egocêntricas é que nunca pensam - exceto, é claro, nelas mesmas. Mas isto, na verdade, significa que não pensam, agem como animais. O animal é sempre o que se vê, não pensa, age de acordo com

os seus instintos. Falando em termos gerais, esse é o problema com o não cristão; é egoísta e egocêntrico, porque não pensa.

Ou, recordando a palavra do apóstolo e a ilustração que ela sugere, deixem-me

expressá-lo doutra forma. Embora o cristão continue sendo um indivíduo, jamais deverá ser individualista. No momento em que somos individualistas, erramos. Este princípio, esta característica de ser individualista, é impossível, como digo, no exército. É a primeira coisa que tem que ser reprimida pelo homem que vai para o exército. Pode ser um processo muito penoso, mas ele tem que compreender que não poderá mais agir como outrora. Talvez tenha sido um menino estragado em casa - conseguia na hora o que queria, era o mandão. Mas tudo isso tem que cessar. No exército ele terá que submeter-se a outros. Seria impossível comandar um exército composto de individualistas. Tudo isso tem que ser enterrado.

Para exprimir a matéria doutra maneira - temos que parar de ser auto-afirmativos. A auto-afirmação é a antítese do que o apóstolo está dizendo: "Sujeitando-vos uns ao outros no temor de Cristo". Quem vai por esse caminho, jamais será auto-afirmativo. O ego é a causa radical de todos os nossos problemas. O diabo entendeu isso logo no princípio, quando tentou o homem pela primeira vez: "Deus disse que não devem comer isto? Claro que disse, pois sabia que seriam como deuses. Isso é um insulto a vocês; é manter-lhes por baixo. Não se sujeitem a isso; afirmem suas personalidades". - Não se sujeite a isso; afirme-se. Auto-afirmação! Oh, quanto dano está sendo causado neste mundo devido à auto-afirmação! Esta foi a causa das duas guerras mundiais que já tivemos neste século. Isto pode ser nacional, bem como individual - "Meu país, certo ou errado!" - daí as guerras e os conflitos. Mas é a mesma coisa ao nível das relações individuais; todo o problema surge deste horrível ego, sempre desejoso de seguir o seu próprio caminho.

Ainda outro modo de expressar isso é dizer que o cristão jamais deve ser obstinado, opiniático. O cristão tem, e deve ter, opiniões; mas nunca deverá ser opiniático. Que diferença, entre o homem que tem opiniões, boas opiniões, opiniões vigorosas, e o opiniático - cheio de si e orgulhoso das suas opiniões! Jamais devemos ser opiniáticos porque, de novo, essa é outra manifestação do ego. O opiniático está muito mais interessado no fato de que ele crê, do que naquilo em que crê; está sempre olhando para si mesmo; faz desfile de suas crenças. Naturalmente, o modo como age, sempre denuncia o homem. Ele se mostra orgulhoso do seu conhecimento. Isso porque, na verdade, não compreende o assunto sobre o qual tem pequeno conhecimento. Se compreendesse, se humilharia. No entanto ele não está interessado na verdade; está interessado em seu relacionamento com ela, em seu conhecimento dela. Gente opiniática sempre causa conflitos.

Este problema, por sua vez, leva a outro. Tal pessoa sempre tende a ser ditatorial - mais uma manifestação do ego - e (para empregar a expressão do apóstolo Pedro), a "ter domínio" sobre os outros. Em sua primeira epístola, capítulo 5, Pedro escreve: "Aos presbíteros, que estão entre vós, admoesto eu".

Ele se dirige aos presbíteros porque esta tentação confronta particularmente o

homem que se toma presbítero. Ele é um homem capaz, possui qualidades de liderança e, portanto, galga esta posição; e, em razão da sua liderança, está particularmente exposto a este perigo. "Aos presbíteros, que estão entre vós, admoesto eu... Apascentai o rebanho de Deus, que está entre vós, tendo cuidado dele, não por força, mas voluntariamente: nem por torpe ganância, mas de ânimo pronto; nem como tendo domínio sobre a herança de Deus, mas servindo de exemplo ao rebanho." Não deve haver nenhum dominador na igreja; os presbíteros devem ser exemplos para o rebanho. Exercer domínio é sempre uma tentação, um perigo, para esses homens; e quanto mais claras forem as idéias do homem, mais exposto ele estará a esta tentação particular. Mas vocês não devem cair nessa tentação, diz o apóstolo; deve "sujeitar-se uns aos outros".

Este tema pode ser ilustrado quase interminavelmente. Talvez possamos resumir o que dissemos com a seguinte colocação: o cristão jamais deve ser interesseiro. Estive explicando as manifestações do interesse próprio; o egocentrismo sempre leva ao interesse próprio. Então, para desenvolver mais o ponto, porque este homem do mundo com quem o apóstolo está contrastando o cristão, é essencialmente interesseiro e egocêntrico, ele é irrefletido e não se preocupa com os outros. É tão preocupado consigo mesmo que nunca tem um momento para outras pessoas. Ele quer uma coisa, mas não lhe ocorre que algum outro talvez a queira também. Ele deseja progredir, mas o outro também quer. Pois bem, ele não percebe isso; assim, visto que ele é tão egocêntrico e indiferente, é particularmente desinteressado e não se preocupa com a situação, as necessidades, os desejos e o bem-estar dos outros. Na verdade, provavelmente irá mais longe e será até propenso a desprezar os outros, e a tratá-los com algum desdém. Ha uma excelente ilustração disto na Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios. O mal que venho descrevendo era o real problema lá; por isso Paulo teve que escrever o capítulo doze, acerca da Igreja como o Corpo de Cristo. Os membros "mais honrosos" estavam desprezando os "menos honrosos", e estes estavam invejando aqueles por sua ostentação e sua importância, e pela honra que lhes era dada. Assim, sua falha fundamental estava em não compreenderem este princípio.

Um último modo de expressar esta consideração negativa é dizer que o homem egocêntrico, egoísta, individualista, negligente e interesseiro é, ao mesmo tempo e quase invariavelmente, incapaz de receber críticas e de tolerar pontos de vista alheios. Se tenho muito orgulho da minha opinião, então, o fato de alguém se atrever a questioná-la ou de pô-la em dúvida será um grosseiro insulto a mim - não à verdade, mas a mim. O que importa é o que *eu* creio. Daí, este homem se ressente das críticas e não tolera os pontos de vista dos outros. Não quer ouvi-los e, de fato, fica ofendido com eles. E excessivamente sensível. Que coisa extraordinária é este "ego"! Que louca moléstia é o egocentrismo! Observem a multiplicidade dos sintomas. Afeta a perspectiva toda de um homem, todas as partes dele - seu intelecto, sua vida emocional, afetiva, sua ação, sua vontade, a volição - tudo fica envolvido.

Vejam a descrição desta

pessoa - egoísta, egocêntrica, opiniática, propensa a ser ditatorial, hiper-sensível. Que sucede depois? O que vem em seguida é que este homem está sempre ameaçando renunciar. Acha que está sendo contestado, que as pessoas não confiam nele, que não vão fazer o que ele diz, ou não vão dar valor ao que ele pensa. É injusto -e, portanto, ele vai partir, vai renunciar! O apóstolo está escrevendo a respeito da vida da Igreja, e diz: não devem ser assim; arrumarão a Igreja se forem assim, e se estiverem sempre "caindo fora". É essa, pois, a maneira negativa de interpretar as palavras, "Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo."

Contudo, que significam essas palavras positivamente? Elas são, naturalmente, a exata antítese de tudo que estive dizendo; e ainda mais. "Enchei-vos do Espírito". Significa que "os olhos do vosso entendimento são iluminados", com relação à verdade. A que isto leva? Eis como funciona. Aqui está uma solução para todos os nossos problemas - problemas pessoais, individuais, relações interpessoais no casamento, no trabalho, nas atividades, nas profissões, no Estado - com as diversas classes, grupos, raças, e tudo mais. Bem fácil seria ilustrar isto, por exemplo, em termos de anti-semitismo. Essa é apenas uma ilustração deste grande princípio. Acontece que é matéria política e muitas vezes está sob os olhares do público; mas os homens não conseguem ver que o que importa é o princípio que está por trás. Se estivermos certos quanto ao princípio, resolveremos não somente esse problema; resolveremos muitos outros também.

A maneira cristã funciona deste jeito: se os olhos do entendimento foram verdadeiramente iluminados, a primeira coisa que aprendemos é a verdade sobre nós mesmos. Significa que nos damos conta de que não há esperança para nós, de que estamos todos perdidos, que estamos todos condenados, que somos todos pecadores - todos e cada um de nós. "Não há um justo, nem um sequer" (Romanos 3:10). O homem que vê que isso é verdade pára de gabar-se imediatamente. Não se gaba da sua moralidade, da sua bondade, das suas boas obras, das suas boas realizações, do seu conhecimento, da sua erudição ou de outra coisa qualquer. Se tão somente soubéssemos a verdade a respeito de nós mesmos, estes problemas de relações seriam resolvidos logo. É só o evangelho que consegue isso; nenhuma outra coisa o consegue. O evangelho nos reduz ao mesmo nível, a cada um de nós. Não há diferença, "todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus" (Romanos 3:23). "Judeu e gentio" são uma coisa só; não há nenhuma raça soberana, nenhum povo superior, absolutamente nenhum - todos são idênticos. Seja qual for a verdade a nosso respeito individualmente, somos todos reduzidos ao mesmo nível.

Paulo faz uma soberba colocação disto quando escreve aos coríntios (1 Coríntios 4:7): "Porque, quem te diferença? E que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te glorias, como se não o houveras recebido?" Não é

maravilhoso? Todavia, como as pessoas são lentas para compreendê-lo! Eis aí um homem a jactar-se do seu grande cérebro, da sua grande mente, da sua grande capacidade, e a desprezar os outros. Espera um

momento, diz Paulo. De que se orgulha? Produziu sozinho esse cérebro, gerou-o, trouxe-o à existência? Que tem você que não tenha recebido? O que faz você diferente dos outros? Você fez a diferença? Claro que não; tudo que tem, recebeu; é dom de Deus. Se tem um grande cérebro, muito bem, não se gabe disso, mas dá graças a Deus por ele. E isso o manterá humilde. Alguns se orgulham da sua boa aparência; mas foram eles que a produziram? Outros se orgulham de sua habilidade, neste ou naquele aspecto - na música, nas artes ou na oratória - porém, onde a obtiveram ? No momento em que compreendemos que todas estas coisas são dádivas, paramos de jactar-nos, deixamos de orgulhar-nos desta insensata maneira.

Entretanto, é somente o Espírito que pode levar o homem a este ponto. O mundo faz exatamente o contrário; ele gradua os homens. O mundo tem suas honras, seus prêmios deslumbrantes, e dá atenção a essas coisas; estas são tudo para os homens do mundo, e eles se orgulham delas, e ficam enfatuados com a sua vaidade e o seu sucesso. “Vocês não devem ser assim”, diz Paulo - “isso é embebedar-se com vinho, em que há excesso. Encham-se do Espírito, e se se encherem do Espírito, entenderão que tudo que têm lhes é dado por Deus, e não têm nada de que se gabarem. De algum modo o Espírito os levará a entender que, com tudo que têm, ainda são pobres, ainda são muito ignorantes, ainda são falíveis e ainda fracassam, e muito. “Vocês”, diz ele aos de Corinto, “vocês”, que se enfatuam com o seu conhecimento, o que sabem realmente? Ainda são apenas bebês em Cristo. Não pude alimentá-los com alimento sólido, só lhes pude dar leite, porque ainda são bebês - e ainda se jactam do seu conhecimento” (cf. Romanos 3). O meio de solucionar estas dificuldades nas relações é saber a verdade acerca de nós mesmos. No momento em que começamos a tomar conhecimento desta verdade, vemos que não passamos de crianças, que estamos apenas no começo. O homem que pensa que sua cabeça está atulhada de conhecimento, quando se defronta com a verdade como ela se apresenta aqui à luz do Espírito, percebe que não sabe nada, que é apenas um principiante, um bebê, e que está cheio de fiascos e defeitos.

Daí o apóstolo pode prosseguir, dizendo: “Quem és tu que julgas a outrem?” Na verdade o Senhor já dissera isso com outras palavras: “Não julgueis, para que não sejais julgados. Porque... com a medida com que tiverdes medido vos hão de medir a vós” (Mateus 7:1-2). Trata de dar-se conta, diz o Senhor, de que está por baixo de alguém. Você, que se elevou e de cima olha para os outros embaixo, olha para Deus, que de cima o observa cá embaixo, e perceberá que nào é nada. Naturalmente, o problema é que temos a tendência de pensar em centímetros, em vez de quilômetros, e a nossa colina que mal chega a trezentos metros de altura, parece-nos uma magnífica montanha, porque muitíssima gente está ao nível do mar. Comparemo-la

com o Monte Everest, comparemo-la com o céu, e deixaremos de gabar-nos da nossa colina verruga. É assim que o Espírito opera. Ele abre o nosso entendimento.

Não somente isso, porém. Ele nos ajuda a compreender que somos membros de um só corpo. Esse tema aparece logo no início desta epístola.

"Sujeitando-vos uns aos outros". - Por quê? Porque sois todos como as diferentes partes e membros de um corpo. O apóstolo introduziu essa noção no fim do primeiro capítulo, e a desenvolveu no capítulo 4, versículos 11 a 16. E, como já disse, esse é o grande tema de 1 Coríntios capítulo 12: "Ora, vós sois o corpo de Cristo, e seus membros em particular" (versículo 27). Se você compreender isso, compreenderá também que o que é realmente importante não é que você é uma parte, e sim que é uma parte do todo. O todo tem maior importância que a parte. E, outra vez, essa é a maneira de resolver todos os nossos problemas. Noutras palavras, isto o levará a considerar sempre o corpo e o bem dele, em vez de apenas o seu benefício particular e pessoal. Seguramente, a metade dos problemas de hoje se deve ao fato de que somos demasiadamente individualistas em toda a nossa idéia da salvação. Graças a Deus, a salvação é pessoal, é individual, como devemos acentuar sempre; mas não devemos pensar nela de maneira individualista. As pessoas estão sempre pensando em si mesmas e tendo em vista a si mesmas. Vêm à igreja para conseguir alguma coisa para si mesmas. Procuremos ter um fiel concepção da Igreja, esta grande entidade na qual fomos colocados. Somos apenas pequenas partes, membros, porções; portanto, pensemos no todo, não numa parte. O homem que está no exército não está lutando por si próprio, está lutando por seu país - esse é o argumento.

No momento em que um homem começar a compreender todas estas coisas, estará preparado para renunciar aos seus direitos, aos seus direitos pessoais individualistas. Ê preciso que ele entenda esta concepção da Igreja como o corpo de Cristo, e o grande privilégio de ser uma pequenina parte ou porção dele. Então, ele não pensará primordialmente em seus direitos: agora estará interessado no desenvolvimento e no progresso do todo, de cada uma das outras partes também - do seu próximo, daquele que está perto dele, e assim por diante. Juntos eles vêem esta grande unidade, esta unidade orgânica e vital do todo. O homem que enxerga isso não se preocupa mais com os seus direitos como tais, nem fica a falar deles, nem fica sempre a vigiá-los e a protegê-los -isso deixa de existir. Ademais, ele está pronto a ouvir, pronto a aprender. Compreendendo que não possui o monopólio de toda a verdade, e que as outras pessoas também têm suas opiniões e idéias, ele está sempre disposto a ouvi-las, está sempre disposto a aprender. Ele não rejeita automaticamente as coisas; é paciente, compreensivo, e se alguém lhe diz, "Mas, amigo, espere um pouco, eu acho...", ele o ouvirá, ele lhe dará a devida atenção. Não lhe cortará a palavra de imediato; dará à pessoa ampla oportunidade para expor a sua posição. Daí, tratará dessa posição da melhor maneira que puder. Noutras

palavras, ele é a antítese daquele homem que descrevi em termos negativos.

Mas podemos ir além. Digo que este homem está pronto a sofrer, e até a sofrer injustiça, se necessário for, por amor da verdade, por amor da "causa", por amor do "corpo". Paulo expressa isso de forma final e definitiva em sua grandiosa proclamação: "A caridade (o amor) é sofredora, é benigna: a caridade não é invejosa: a caridade não trata com leviandade, não se

porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal; não folga com a injustiça, mas folga com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. A caridade nunca falha" (1 Cor. 13:4-8). É o que o apóstolo áqui nos diz que devemos pôr em prática: "Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo". Não se enfatuem, não sejam suspeitosos. Livrem-se do ego, encham-se de amor, creiam, esperem todas as coisas, nunca falhem, sejam pacientes e benignos. De fato posso resumir tudo isso expressando-o neste termos: o único homem que pode sujeitar-se a outro no temor de Cristo é aquele que realmente está cheio do Espírito, porque o homem que está cheio do Espírito é aquele que mostra e demonstra o fruto do Espírito. E o fruto do Espírito é "caridade (amor), gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança". Se um homem tem essas características, não criará dificuldades nem problemas. Ele será o tipo de homem que se sujeitará prontamente, de boa vontade e voluntariamente, sempre pelo amor dos outros e pelo bem da "causa". O único homem capaz de fazer isto é aquele que apresenta o fruto do Espírito por ser cheio do Espírito.

Isto se demonstra mediante um número infindável de meios. Darei uma só ilustração, bastante prática aliás. Em 1 Coríntios capítulo 14, versículo 29 a 32, o apóstolo escreve: "E falem dois ou três profetas, e os outros julguem. Mas se a outro, que estiver assentado, for revelada alguma coisa, cale-se o primeiro. Porque todos podereis profetizar, uns depois dos outros; para que todos aprendam, e todos sejam consolados. E os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas". Que ilustração perfeita! Eis o problema, em Corinto: um homem se levantava e se punha a falar. Estava tão cheio de assuntos, e achava que somente ele tinha o que falar, que continuava falando, sem parar. Contudo, outro homem tinha uma verdade, e queria falar; no entanto, o primeiro não lhe dava oportunidade. Ora, diz o apóstolo, está errado. "Mas", diz o primeiro homem, "estou cheio do Espírito, não posso evitá-lo, estou cheio de assuntos, não posso refrear-me". Pode, sim, afirma Paulo, "os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas". Controle-se, e quando vir que outro homem tem algo para dizer, e você já teve a sua oportunidade, sente-se, deixe-o falar. E esse homem, por sua vez, fará o mesmo com o terceiro. "E falem dois ou três profetas, e os outros julguem". Considerem a matéria juntos. Essa é a maneira de evitar estes problemas, diz o apóstolo: "Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo."

Essa é, pois, a exposição do que o apóstolo está dizendo. Mas se eu parasse por aqui, estaria fazendo uma coisa sumamente perigosa; na verdade, estaria fazendo uma coisa que talvez seja uma das mais perigosas que um homem pode fazer atualmente. Eu expus o que Paulo diz; mas, lembrem-se do que eu disse no princípio, que isso deve ser tomado em seu contexto, e que somente é verdadeiro em seu contexto. Quero dizer - esse é o tipo de texto que está sofrendo muito abuso hoje em dia. "Sujeitem-se", dizem eles, "uns aos outros no temor de Cristo." "Perfeitamente; vocês, evangélicos problemáticos, que não se juntariam aos anglicano-romanos, vocês, que dizem: "Não, não podemos fazer isso, não nos juntaremos à igreja de Roma", vocês e sua recusa a sujeitar-

se uns aos outros, são toda a causa do problema." "Vejam o comunismo", acrescentam eles, "vejam os adversários do cristianismo: o que é necessário hoje é ter-se uma grande e unida igreja mundial que inclua os católicos romanos, os ortodoxos orientais, os modernistas liberais, os conservadores, todo mundo." Na verdade, alguns vão ainda mais longe, e acrescentam: "todos os que crêem em Deus - os maometanos, os hindus, os judeus, etc. Que sejam incluídos; esta não é ocasião para a afirmação de crenças particulares". "Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo" significa, dizem eles, que não devemos fazer esse tipo de resistência e, se o fizermos, estaremos negando nossa própria doutrina.

O texto em foco está sofrendo abusos desse gênero, hoje em dia. E eles tomam a dizer: "Cristo não rogou, na grande Oração Sacerdotal, "para que todos sejam um"? Daí, indagam: "Por que vocês não se submetem a isto?" Eles acreditam que esse texto é o argumento final em prol do movimento ecumênico, da fusão de todas as divisões, diferenças e distinções, e de se ter uma grande igreja mundial. Vemos, pois, a importância de considerar uma proposição como a que estamos analisando, dentro do seu contexto. Acaso vocês imaginam que, neste versículo, o apóstolo Paulo está apregoando paz a qualquer preço, e dizendo que o homem deve ir a passo leve e frouxo em pós da verdade, e que deve ser flexível, amoldável e transigente quanto à doutrina? Estará ele ensinando uma falsa humildade aqui? Estará dizendo que a lealdade ao cristianismo institucional vem antes de tudo mais, e que o homem deve pôr de lado as suas opiniões e se acomodar à linha geral de pensamento e dizer o que todos os outros estão dizendo? Será que o ensino do apóstolo segue aquelas linhas? Eis a reposta: o apóstolo que escreveu este versículo tinha escrito os três primeiros capítulos desta epístola, nos quais formula as doutrina cristãs básicas, essenciais, fundamentais. A proposição em foco é dirigida somente às pessoas que estão de acordo quanto à doutrina. Ele não está discorrendo aqui sobre as relações entre pessoas que estão em desacordo sobre doutrina. Ele presume que os seus destinatários estão firmados "sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas" (Efésios 2:20) e que estão "na unidade da fé" (cf. Efésios 4:5). Não se permitia que um herege permanecesse na igreja; devia ser excluído; os crentes não deviam ter comunhão com ele.

Aplicar uma exortação como esta à "Igreja" como ela é hoje, é entender de maneira completamente equivocada o conteúdo total do Novo Testamento. Paulo aqui está escrevendo a pessoas que estão de acordo na doutrina. Está tratando do espírito com que elas aplicam a doutrina comum, acerca da qual estão de acordo. Se vocês interpretarem doutra maneira, verão passagens bíblicas contradizendo passagens bíblicas. As Escrituras nos exortam a "batalhar pela fé" (Judas 3). O apóstolo agradece aos filipenses o terem estado com ele na sua "defesa e confirmação do evangelho" (Filipenses 1:7). Se aquela outra interpretação estivesse certa, eles estariam errados agindo como agiram. Depois, vocês se lembrarão do que lemos no capítulo dois de Gálatas sobre a atitude de Paulo para com Pedro. Pedro não tinha a mente e o entendimento claros como Paulo, sobre a questão de comer com os que não haviam sido

circuncidados. O mesmo Pedro, que fora tão proeminente, estava errado em seu ensino, neste ponto. Que fez o apóstolo Paulo? Sujeitou-se a Pedro, no temor de Cristo, e disse, "Bem, quem sou eu para discutir com Pedro? Afinal de contas, ele foi um dos mais íntimos dos que pertenciam ao grupo que estava com Cristo. Eu nunca estive com Cristo, durante Sua vida na carne; nesse tempo eu era um blasfemo e um fariseu. Quem sou eu para levantar-me contra um grande homem como Pedro? Não devo falar nada, devo ficar em silêncio e orar; e então devemos trabalhar juntos, num espírito de amizade e cooperação?" Que coisa espantosa! Ao contrário, Paulo diz:"... lhe resisti na cara..." (Gálatas 2:11). Ele repreendeu a Pedro em público porque Pedro estava errado, e todo o futuro da Igreja estava em perigo. Vocês vêem como é importante examinar uma proposição em seu contexto, e quão extremamente perigoso é isolar do seu contexto qualquer proposição como esta. Pode levar à negação do ensino do Novo Testamento. Vou dar um último exemplo, tirado da Segunda Epístola de João, versículos 10 e 11, onde o assunto é exposto com muita clareza: "Se alguém vem ter conosco, e não traz esta doutrina, não o recebais em casa, nem tampouco o saudeis. Porque quem o saúda tem parte nas suas más obras". Isso significa culpa por associação, e não devemos sujeitar-nos a ele.

"Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo" não significa que você deve acomodar-se a ensinos e doutrinas errôneos, que não deve dizer nada quando a falsidade está sendo propagada. Não! Pois isso é negar todo o Novo Testamento! Não somente isso, é negar algumas das mais gloriosas épocas e eras da Igreja cristã. Quais são os pontos culminantes da história da Igreja? Eis um deles: *Athanasius contra mundum.* Atanásio teve que agüentar sozinho contra o mundo inteiro, quanto à doutrina da Pessoa de Cristo. Martinho Lutero - que fez? Bem, foi um homem que agüentou absolutamente sozinho contra a grande igreja papista e quinze séculos de tradição. Naturalmente, o que lhe diziam era: "Quem é você? Por que não se sujeita, no temor de Cristo?" "Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo". "Quem é você?" Todavia, ele se manteve firme e disse: "Não posso fazer outra coisa, assim Deus me ajude"! Por quê? Por que o Espírito o tinha iluminado. Lutero estava certo;

a igreja do papa estava errada.

Não permita Deus que interpretemos mal um texto como este. Esta proposição tem que ser entendida em seu contexto. Paulo está escrevendo a pessoas que estão de acordo quanto à verdade, e eis o que ele diz: vocês, que estão de acordo quanto à verdade, façam-no do modo certo; não sejam opiniáticos, obstinados; ouçam pacientemente o outro lado; não percam a calma; procurem ser indulgentes nas discussões; permitam que os outros falem, que dêem expressão às suas idéias; não sejam críticos; não condenem uma pessoa por uma palavra - por questões de somenos; estejam prontos a ouvir; sejam caritativos; façam tudo que puderem; quando, porém, o que estiver em jogo for a verdade vital, resistam mas sempre da maneira certa, no Espírito. Façam-no com humildade, com amor, com discernimento, transbordando esperança. Não sejam ofensivos e grosseiros; não sejam obstinados; "sujeitai-

vos uns aos outros no temor de Cristo".

Aí está, parece-me, o significado do que o apóstolo diz nesta importante e vital proposição. Ainda resta a última frase, "no temor de Cristo". Posteriormente haveremos de examiná-la. Mas, acima de tudo, devemos ter a certeza de que compreendemos o contexto no qual o apóstolo faz esta afirmação. Existem certas coisas essenciais, fundamentais, sobre as quais não deve haver objeção ou dúvida. Há no cristianismo um mínimo irredutível, e nisso devemos permanecer firmes. Aí não devemos sujeitar-nos; lutaremos, se necessário, até à morte. E devemos fazer isso da maneira certa e com os espírito certo. Todavia, quando vocês se defrontarem com questões sobre as quais não pode haver certeza e conclusão definitiva, será então, e especialmente, a hora de se lembrarem desta exortação. Os membros da igreja de Corinto em geral estavam de acordo quanto às questões fundamentais e vitais, os princípios que compõem o alicerce do cristianismo. O apóstolo não tem por que instruí-los acerca destes princípios, mas somente que fazê-los lembrar-se deles (1 Cor. 15:1-4). A respeito de que, ele tem que instruí-los? A respeito da maneira como falavam uns com os outros, a respeito do fato de que alguns comiam carne oferecida a ídolos, e outros não, e assim por diante. Eles estavam de acordo sobre o meio de salvação, sobre a divinidade de Cristo e sobre a expiação. Todos eles concordavam nisso, do contrário não estariam na igreja. Mas você pode concordar nessas coisas e ainda dividir a igreja, carregando a culpa de causador de cisma, com relação a outros pontos. É justamente aqui que temos de aprender a sujeitar-nos uns aos outros no temor de Cristo. Se você não tem opiniões, você não é cristão; mas se você é opiniático, é um mau cristão. Queira Deus nos capacitar a traçar essa distinção! O que se nos diz não é que não tenhamos opiniões, nem que as vendamos barato. O que se nos diz é que as tenhamos e as defendamos, mas que nunca sejamos opiniáticos. Temos que sustentá-las na qualidade de pessoas "cheias do Espírito", manifestando caridade, gozo, paz, longaminidade, benignidade,

bondade, fé, mansidão, temperança - os gloriosos frutos do bendito Espírito Santo. “E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda” - não se gabem, não sejam bombásticos, não sejam violentos. “Enchei-vos do Espírito”; defendam, preguem e ensinem a verdade com amor, e então as relações pessoais serão suaves, afetuosas e amenas, e o nome de Deus será glorificado no mundo inteiro.

O ESPÍRITO DE CRISTO

Efésios 5:21

Nesta grande injunção, que deve dominar todo o nosso viver cristão, o apóstolo não se detém no dito: "Sujeitando-vos uns aos outros". Há este acréscimo, para o qual chamo a atenção - "no temor de Cristo".

Aqui nos é dito exatamente como e por que devemos sujeitar-nos uns aos outros. Noutras palavras, esta última frase do apóstolo nos fornece os motivos para sujeitar-nos uns aos outros. Vamos dividi-la do seguinte modo: primeiro, observaremos por que devemos sujeitar-nos uns aos outros - a razão para fazê-lo. É "no temor de Cristo". Ora, não se trata de um acréscimo casual, não é apenas uma frase para completar bem a injunção; não é uma coisa que Paulo escreveu sem pensar, quase acidentalmente, como às vezes cometemos o erro de fazer. Os que gostam de fazer-nos conhecer a sua espiritualidade, muitas vezes entremeiam a sua conversa com clichês e frases feitas. Vivem dizendo, "glória a Deus" ou "louvado seja Deus" depois de quase cada sentença. Não foi desse modo que o apóstolo acrescentou a frase, "no temor de Cristo"; não o fez impensada, prolixa e superficialmente.

Obviamente, a frase foi feita porque é parte essencial do seu ensino. Posso prová-lo facilmente. Ele está firmando aqui o seu princípio geral - devemos levar uma vida caracterizada por isto, que nos sujeitemos uns aos outros. Depois ele se ocupa de três casos particulares, esposas e esposos, filhos e pais, servos e senhores. Mas o que é deveras interessante observar é que, em cada um dos três casos, como também na declaração geral do princípio, ele toma muito cuidado ao fazer este acréscimo.

Primeiramente, vemos isso no princípio geral, "Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo". Depois, na primeira aplicação, no versículo 22: "Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor". Ele não se limita a dizer: "Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos", mas acrescenta: "como ao Senhor". Depois, na segunda aplicação, no caso dos filhos, "Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais no Senhor" (6:1). Ainda aí o mesmo acréscimo! Ele não diz apenas, "Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais, porque isto é justo", mas, sim, "sede obedientes a vossos pais no Senhor, porque isto é justo". E então, na terceira aplicação, concernente aos servos e aos senhores, temos a mesma coisa, no capítulo 6, versículos 5 e seguinte: "Vós, servos, obedecei a vossos senhores segundo a carne, com temor e tremor, na sinceridade de vosso coração, como a Cristo; não servindo à vista, como para agradar aos homens, mas como servos de Cristo, fazendo de coração a vontade

de Deus; servindo de boa vontade como ao Senhor, e não como aos homens, sabendo que cada um receberá do Senhor todo o bem que fizer, seja servo, seja livre. E vós,

senhores, fazei o mesmo para com eles, deixando as ameaças, sabendo também que o Senhor deles e vosso está no céu, e que para com ele não há acepção de pessoas".

A passagem toda demonstra que, sem sombra de dúvida, este princípio é determinante; e nos é inútil continuar considerando os deveres das esposas para com os seus esposos, ou dos filhos para com os pais, ou dos servos para com os senhores, a não ser que tenhamos com clareza na mente este princípio soberano, concernente ao modo pelo qual fazemos estas coisas e a razão por que devemos fazê-las.

Então, que é que isto significa exatamente? Podemos expressá-lo primeiro de uma forma geral. Este é o motivo que deve governar todo o viver cristão. Tudo que o cristão faz, deve fazê-lo "no temor de Cristo". O apóstolo salienta isso, repetindo a expressão em todos os casos individuais, sem exces-são. Aqui está uma coisa que ignoramos para nosso próprio risco: tudo deve ser feito "no temor de Cristo".

Permitam-me, antes de tudo, colocar o assunto negativamente. Devemos sujeitar-nos uns aos outros, e fazer todas as coisas que disso advenham, não porque seja bom fazê-lo e mau não fazê-lo. Há homens do mundo que fazem esse tipo de coisa porque acreditam que é a coisa certa que têm de fazer. Mas não é esta razão pela qual o cristão age deste modo. O que marca o cristão, diferenciando-o do não cristão, não é apenas que ele crê no Senhor Jesus Cristo para a salvação e confia nEle e em Sua obra expiatória, mas sim que, em acréscimo, a vida do cristão é totalmente governada por esta Pessoa. Jesus Cristo é Senhor; e o cristão crê no Senhor Jesus Cristo. Você não pode crer nEle como Salvador, sem crer nEle como Senhor. Se você tem fé nEle, esta fé é no Cristo completo; e, portanto, Ele vem a ser o Senhor da sua vida. O cristão não faz isto ou aquilo meramente porque é bom e certo, e porque é errado fazer certas outras coisas; o sinal distintivo do cristão é que ele faz tudo "como para o Senhor", "no temor de Cristo", porque Cristo é o seu Senhor.

Isto revoluciona todo o nosso pensamento. Expressemo-lo, pois, na forma de outro argumento em termos negativos. "Sujeitando-vos uns aos outros." "Eis aí", dirá alguém, "um princípio com o qual estou inteiramente de acordo. Não vejo utilidade em sua conversa sobre o sangue de Cristo, a expiação etc., mas quando você diz que devemos sujeitar-nos uns aos outros, eu concordo. Essa é a base de um estado igualitário; consiste na eliminação de todas as classes, divisões e distinções, para que todos sej am um, e todos os homens sej am iguais" - "sujeitando-vos uns aos outros".

Mas não é isso que o apóstolo diz. Não devemos sujeitar-nos uns aos outros em atendimento a algum ensino político ou social que acaso defendamos. Há pessoas que defendem esse ensino, essa filosofia igualitária - de que todos devem ser reduzidos ao mesmo nível comum. Independentemente do que ou de quem sejam, todos devem ser levados àquele nível. Isso não é, absolutamente,

o que o apóstolo diz. “Sujeitando-vos uns aos outros”. Por quê? Não porque é nossa teoria política ou social, mas “no temor de Cristo” - uma coisa completamente diversa.

Ao falar assim, não estou expressando a minha opinião sobre quaisquer teorias políticas, sociais e filosóficas. Tudo que me interessa acentuar é que o motivo cristão para fazer estas coisas é completamente diverso daquele que funciona no caso do não cristão. Ademais, confundir o ensino cristão com uma teoria política, com o socialismo ou com qualquer outra coisa, ou reduzi-lo ao nível destas coisas, é mascarar o evangelho. Não estou interessado em política, é o que digo, mas sim, em mostrar que a posição cristã é sempre esta - “no temor de Cristo”. Conquanto seja possível reduzir todos os homens a um denominador comum mediante leis constitucionais, por este meio não é possível tomá-los cristãos. Se não for a razão dada pelo apóstolo, tudo que se fizer não terá valor, no sentido espiritual.

Ou tomemos outro elemento negativo. Não é para sujeitar-nos uns aos outros simplesmente porque é a coisa certa para fazer-se em certos ambientes e sob certas condições. Existem convenções sociais que nos compelem a agir assim; vocês recuam com polidez e dão passagem a outros - sujeitando-se uns aos outros. Não é disso que o apóstolo está falando. Ele não diz que vocês devem vestir uma espécie de uniforme social, ou fingir as maneiras de determinada classe ou grupo, para darem a impressão de que estão se sujeitando uns aos outros, ao passo que, na verdade, o tempo todo, em seus corações, estão fazendo exatamente o contrário. O problema com essa sujeição aparente é que, na realidade, é um sinal de superioridade, e vocês se orgulham de sua posição e dos seus costumes sociais. Mas aqui não se trata de etiqueta! O mundo parece por demais maravilhoso. Olhamos e vemos um homem recuando e se inclinando, e dando passagem para outro. Mas a questão é: que dizer do seu coração? Por que ele está fazendo isso? Será que é “no temor de Cristo”? As convenções sociais não estão na mente do apóstolo, de modo nenhum, porque elas são sempre superficiais e geralmente falsas. O cristão age motivado por uma profunda e intensa força motriz; é “o temor de Cristo”. E isto que o governa, é isto que o dirige sempre.

Prossigamos ainda com mais um dado negativo. Pergunto-me se este não nos causará um choque. Devemos sujeitar-nos uns aos outros - na questão de esposas e esposos, filhos e pais e servos e senhores - não, porém, por amor da observância da lei, nem mesmo da lei de Deus. Não é esse o motivo primordial do cristão. O motivo do cristão é sempre, “no temor de Cristo”. Naturalmente, algumas coisas que lhe são ditas que faça já tinham sido estabelecidas na lei. Consideremos, por exemplo, os filhos: “Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais no Senhor, porque isto é justo. Honra a teu pai e a tua mãe, que é o primeiro mandamento com promessa.” O mandamento dizia isso, e o cristão deve fazer o que o mandamento indica. Sim, mas

ele tem outra razão, uma nova razão fazê-lo. Do judeu se espera que guarde o mandamento, mas o cristão age "no Senhor", "no temor de Cristo". Ele não está meramente preocupado em guardar

a lei, tem este motivo mais elevado, que é, "no temor de Cristo".

Então, sempre a marca distintiva do cristão é esta. O cristão não mais pensa em termos da lei, mas sempre pensa segundo esta relação - "não como estando sem lei, mas como estando sob a lei de Cristo", "no temor de Cristo", em termos desta relação pessoal com seu Senhor e Salvador (cf. 1 Coríntios 9:21). Portanto, o apóstolo vai repetindo isso com o fim de levar-nos a gravá-lo; e, naturalmente, é essencial pela seguinte razão: somente quando somos governados por este motivo, é que somos capazes de fazer todas estas coisas. Quem é cheio do Espírito está sempre se lembrando do Senhor Jesus Cristo. O Espírito aponta para Ele, o Espírito O glorifica, o Espírito sempre leva a Ele; e assim, quem é cheio do Espírito sempre estará olhando para Cristo. Este é o seu grande motivo - "no temor de Cristo". Tendo isto no centro de todo o seu pensamento, ele fica habilitado para fazer estas diversas coisas.

Resumo com a seguinte colocação: eis a diferença entre o cristão e o não cristão: o cristão sempre sabe por que faz uma coisa, sempre sabe o que está fazendo. Como já nos foi lembrado, o cristão "não é insensato, mas entende qual é a vontade do Senhor". Isso está no versículo 17, e essa é a diferença. O outro não sabe por que faz o que faz, amolda-se a um esquema, imita os outros, observa o que eles fazem, e faz a mesma coisa. Ele não sabe o porquê, não tem nenhuma filosofia efetiva da coisa, apenas o faz - sempre em atitude de acomodação. Mas o cristão, ao contrário, pensa, raciocina; tem sabedoria, sabe exatamente o que faz; e seu motivo é sempre, "no temor de Cristo".

Como funciona? Quais são as razões e motivos particulares do cristão? Obviamente, o primeiro motivo do cristão é este: ele se sujeita aos outros e faz estas outras coisas porque este modo de agir foi simples e claramente ensinado pelo próprio Senhor Jesus Cristo. Seria coisa simples citar numerosas passagens dos Evangelhos que mostram isto com clareza. Há uma no capítulo 20 do Evangelho Segundo Mateus, que ilustra e ilumina todo este assunto. Vejam o relato que começa no versículo 20: "Então se aproximou dele a mãe dos filhos de Zebedeu, com seus filhos, adorando-o, e fazendo-lhe um pedido. E ele diz-lhe: Que queres? Ela respondeu: Dize que estes meus dois filhos se assentem, um à tua direita e outro à tua esquerda, no teu reino. Jesus, porém, respondendo, disse: Não sabeis o que pedis; podeis vós beber o cálice que eu hei de beber?", etc. A narrativa de Mateus prossegue: "E quando os dez ouviram isto, indignaram-se contra os dois irmãos". Mas, por que? Porque eles desejavam ocupar a posição suprema. Ficaram aborrecidos com os dois irmãos porque eles tomaram a dianteira, por assim dizer. Este tipo de deficiência nós

vemos claramente nos outros; assim, os dez se encheram de indignação. “Então Jesus, chamando-os para junto de si, disse: Bem sabeis que pelos príncipes dos gentios são este dominados, e que os grandes exercem autoridade sobre eles. Não será assim entre vós; mas todo aquele que quiser entre vós fazer-se grande seja vosso serviçal; e qualquer que entre vós quiser ser o primeiro seja vosso servo; bem como o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir, e para dar a sua vida em resgate de muitos.” Aí o Senhor nos dá um ensinamento explícito

sobre este mesmo assunto. O cristão não tem necessidade de ficar em dúvida ou hesitação, pois este é um dos mais claros mandamentos e ensinos que o nosso bendito Senhor já nos deu.

Depois há aquela outra extraordinária ilustração pertinente, em João 13:12. Aqui o Senhor está às vésperas da Sua morte. Diz-nos a passagem, no inicio do capítulo, que como Jesus “havia amado os seus, que estavam no mundo, amou-os até o fim”. E depois aconteceu esta coisa notável: “Depois que lhes lavou os pés e tomou os seus vestidos, e se assentou outra vez à mesa, disse-lhes...”. Vocês certamente se recordam do que sucedera pouco antes. “Jesus, sabendo que o Pai tinha depositado nas suas mãos todas as coisas, e que havia saído de Deus e ia para Deus, levantou-se da ceia, tirou os vestidos, e, tomando uma toalha, cingiu-se. Depois deitou água numabacia, e começou a lavar os pés aos discípulos, e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido.” Os discípulos não podiam entender isto, e Pedro fez tal objeção, que o Senhor teve que repreendê-lo e ensiná-lo. “Depois que lhes lavou os pés, e tomou os seus vestidos, e se assentou outra vez à mesa, disse-lhes: Entendeis o que vos tenho feito?” Compreendem? Percebem o seu significado? Vêem o seu alcance? “Vós me chamais Mestre e Senhor, e dizeis bem, porque eu o sou. Ora, se eu, Senhor e Mestre, vos lavei os pés, vós deveis também lavar os pés uns aos outros. Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também. Na verdade, na verdade vos digo que não é o servo maior do que o seu senhor, nem o enviado maior do que aquele que o enviou. Se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as fizerdes.” Jamais houve ensino mais claro do que este. Não há necessidade de argumentar a respeito disto, não há necessidade de ficar com nenhuma dificuldade, nem com nenhuma dúvida ou cegueira sobre isto. O Senhor Jesus, uma vez por todas, naquele ato de lavar os pés aos discípulos, colocou-o diante de nós. Ele fez algo, e sua descrição deve estar sempre diante de nós.

Aí está por que nos sujeitamos uns aos outros - porque Ele nos ensinou a fazê-lo. Ouçam-nO dizer ainda: “Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (versículo 35). É assim que vão saber disso. Na verdade Ele torna a dizê-lo em Sua grande Oração Sacerdotal, onde ora no sentido de que todos sejam um como Ele e o Pai são um, para que os homens saibam que eles são Seus discípulos e que o Pai O enviou. Portanto, a nossa grande e primeira razão para darmos atenção a isso é que o nosso Senhor deixou de lado Sua posição para nos

comunicar este ensino. Ei-10 aí, o Senhor da glória; mas Se humilhou. Senhor e Mestre - sim! Mas Ele não é como os príncipes do mundo. É doutra categoria. Temos que renunciar a todo pensamento humano aqui. Ele é o Filho de Deus que desceu à terra para servir-nos. "O Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir, e para dar a sua vida em resgate de muitos."

A segunda razão para fazer estas coisas, ou a segunda maneira de explicar por que devemos fazê-las, é para mostrar nossa gratidão a Ele. Se realmente cremos naquilo que alegamos crer, como cristãos, o nosso supremo desejo na

vida deve ser o de mostrar nossa gratidão ao Senhor. Cremos realmente que Ele é o Filho de Deus, e que desceu à terra para nos salvar? Cremos que Ele nos salva não somente por viver Sua vida perfeita, mas especialmente por ir deliberada-mente à cruz e levar sobre Si os nossos pecados, sofrendo a punição deles? Cremos que Ele deu Sua vida, morreu para que pudéssemos ser perdoados, para que pudéssemos ser reconciliados com Deus? O argumento é que, se de fato cremos nisso, o nosso maior desejo deve ser o de agradá-lO, de mostrar-Lhe nossa gratidão. Ele fez tudo aquilo por nós. Que deseja Ele de nós? Ele nos pede que guardemos os Seus mandamentos para que o Seu nome seja engradecido e glorificado entre outras pessoas.

Mais uma vez vemos na grande oração sacerdotal que Ele expressa algo semelhante a isto. Orando ao Pai, Ele diz: "Eu te glorifiquei na terra"; e depois

- "E neles eu sou glorificado" (João 17:10). É isto que sempre deve governar toda a nossa prática, para que o Senhor Jesus Cristo seja glorificado em nós e através de nós. Isto não é questão de argumento, não é questão de gostarmos ou não; Ele o disse, e evidentemente é verdade. Os homens e as mulheres de fora julgam o Senhor Jesus Cristo e fazem avaliação dEle por aquilo que vêem em nós. Se olharem para nós e virem conduta e comportamento idênticos aos do mundo - cada qual lutando por superioridade, cada qual procurando exibir-se e chamar a atenção para si mesmo, dirão: "O mundo é isso, isso é o que o mundo faz." O mundo não trabalha em harmonia; sempre há conflitos; o mundo está repleto de individualistas que estão sempre se afirmando pessoalmente para chamar a atenção para si. É desse modo que o mundo vive e faz tudo; portanto, se virem a mesma coisa em nós, como poderão crer no Senhor Jesus Cristo e servi-lo? O que Cristo se arroga não é somente que Ele morreu por nós, mas também que nos dá vida nova, que nos cria de novo, que nos regenera, que somos essencialmente diferentes, que somos cheios do Espírito que estava nEle

- "neles eu sou glorificado". Assim, o cristão é uma pessoa que sempre se lembra disto. Ele não pergunta: "Que é que eu quero fazer, que é que eu gostaria de fazer, o que me agradará?" Ele morre de amor por Cristo, de gratidão a Ele. Seu desejo é mostrar sua gratidão; tem zelo pelo nome do Senhor; ele quer que outros creiam em Cristo. E sabe que o modo de fazê-lo é primordialmente

viver da maneira esboçada pelo apóstolo aqui. É inútil falar às pessoas, se você o nega na prática; minha pregação é vã, se eu nego a mensagem com o meu viver. O povo nos observa e observa o que somos e o que fazemos. Portanto, Paulo diz, "Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo". Este deve ser o motivo que nos governe e nos dirija.

No entanto, considerarei o caso de um ângulo mais elevado. Nosso desejo é agradar a Cristo e demonstrar-lhe nosso amor. Paulo emprega a palavra "temor" - "no temor de Cristo". Significa, entre outras coisas, o medo de desapontá-lO, no medo de entristecê-lO. Diz-nos a Epístola aos Hebreus que Cristo declara: "Eis-me aqui a mim, e aos filhos que Deus me deu." (2:13). Somos Sua possessão, somos Seu povo. lavamos o Seu nome, somos Seus representantes, somos o povo que Ele "comprou", e o relacionamento que existe

entre nós é um relacionamento de amor. Portanto, o cristão é governado por esses pensamentos. O Senhor nos vigia; Sua reputação, por assim dizer, está em nossas mãos - "neles eu sou glorificado". Ele declara: "Eu sou a luz do mundo", mas também diz: "Vós sois a luz do mundo". O mundo não O vê; vê-nos, e nós somos a luz, a única luz de que o mundo dispõe. O cristão é gente que vive, anda e faz tudo que faz à luz dessa compreensão. "Será que eu O estou decepcionando?" É assim que o amor pensa, não é? Essa é a espécie de temor que penetra os domínios do amor. É muitíssimo mais elevado que a lei. Este é o temor de ferir ou entristecer ou decepcionar alguém que nos ama, que tem fé em nós, que confia em nós, que nos quer bem, que fez muito por nós. Isso é o que há de maravilhoso no amor.

Por isso o amor é o maior poder e a maior força motriz do mundo. O homem é capacitado pelo amor a fazer coisas que não consegue fazer pelo poder da sua vontade, nem por nenhuma outra coisa. O amor é o maior e o mais grandioso motivo, e em parte opera dessa maneira. Haveria coisa mais terrível do que perceber que estamos decepcionado Aquele que tanto nos amou que Se entregou por nós - que O entristecemos, que somos indignos dEle? Os pais têm este sentimento acerca dos seus filhos, e os filhos devem ter o mesmo sentimento quanto aos seus pais. É desta maneira que o cristão vive. Não é, digo eu, o uso de um uniforme, nem se baseia nalguma teoria política ou social. É Seu amor por nós, e a nossa relação com Ele, e o nosso temor ou medo, para que não suceda que O entristeçamos e O decepcionemos.

Mas devo tecer considerações num plano mais alto ainda. Há um temor que deve governar tudo que somos e que fazemos, que nos deve governar na questão do nosso viver e da nossa santificação, e em todo o nosso serviço. É uma coisa freqüentemente exposta no Novo Testamento. Pergunto-me quanto somos influenciados por este temor particular para o qual vou agora chamar a atenção. O apóstolo expõe isto aos coríntios, na primeira epístola, capítulo 3, começando no versículo 9: "Porque nós somos cooperadores de Deus: vós sois

lavoura de Deus e edifício de Deus. Segundo a graça de Deus que me foi dada, pus eu, como sábio arquiteto, o fundamento, e outro edifica sobre ele; mas veja cada um como edifica sobre ele. Porque ninguém pode pôr outro fundamento, além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo. E, se alguém sobre este fundamento formar um edifício de ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno, palha, a obra de cada um se manifestará: na verdade o dia a declarará, porque pelo fogo será descoberta; e o fogo provará qual seja a obra de cada um. Se a obra que alguém edificou nessa parte permanecer, esse receberá galardão. Se a obra de alguém se queimar, sofrerá detrimento; mas o tal será salvo, todavia como pelo fogo. Não sabeis vós que sois o templo de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá; porque o templo de Deus, que sois vós, é santo". Aí estamos tratando de um diferente tipo de temor - "o dia a declarará".

Vejamos alguns outros exemplos disto, antes de delinearmos a respectiva doutrina. Tomemos o que Paulo diz no final do capítulo 9 dessa Primeira

Epístola aos Coríntios, do versículo 24 até o fim. "Não sabeis vós que os que correm no estádio, todos, na verdade, correm, mas um só leva o prêmio? Correi de tal maneira que o alcanceis. E todo aquele que luta de tudo se abstém; eles o fazem para alcançar uma coroa corruptível, nós, porém, uma incorruptível. Pois eu assim corro, não como a coisa incerta: assim combato, não como batendo no ar. Antes subjugo o meu corpo, e o reduzo à servidão, para que, pregando aos outros, eu mesmo não venha dalguma maneira a ficar reprovado." Depois, na Segunda Epístola aos Coríntios, capítulo 5, versículo 9: "Pelo que muito desejamos também ser-lhe agradáveis, quer presentes, quer ausentes. Porque todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem, ou mal. Assim que, sabendo o temor que se deve ao Senhor, persuadimos os homens à fé, mas somos manifestos a Deus; e espero que nas vossas consciências sejamos também manifestos". "Sabendo o temor que se deve ao Senhor, persuadimos os homens." "Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo". - "O temor do Senhor"! Vamos ao capítulo 7 desta mesma epístola, versículo primeiro: "Ora, amados, pois que temos tais promessas, purifiquemo-nos de toda a imundícia da carne e do espírito, aperfeiçoando a santificação no temor de Deus". De novo, em Gálatas capítulo 6, a partir do versículo primeiro: "Irmãos, se algum homem chegar a ser surpreendido nalguma ofensa, vós, que sois espirituais, encaminhai o tal com espírito de mansidão; olhando por ti mesmo, para que não sejas também tentado. Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo". E ainda: "Porque, se alguém cuida ser alguma coisa, não sendo nada, engana-se a si mesmo. Mas prove cada um a sua própria obra, e terá glória só em si mesmo, e não noutro. Porque cada qual levará a sua próprio carga." Depois temos aquela grandiosa declaração em Filipenses 2:12-13: "De sorte que, meus amados, assim como sempre obedecestes, não só na minha presença, mas muito mais agora na minha ausência, assim também operai a vossa salvação com temor e tremor". Aí está como devem

levá-lo avante, aí está por que devem sujeitar-se uns aos outro no temor de Cristo. "Operai a vossa salvação com temor e tremor." Depois, escrevendo a Timóteo, Paulo diz exatamente a mesma coisa, na segunda epístola, capítulo 2, versículo 19: há pessoas, diz ele, que andam dizendo e fazendo coisas erradas - "Todavia o fundamento de Deus fica firme, tendo este selo: O Senhor conhece os que são seus, e qualquer que profere o nome de Cristo aparte-se da iniqüidade". Mas, de muitas formas, o supremo exemplo disso tudo está no final do capítulo 12 da Espítola aos Hebreus, nos versículo 28-29: "Pelo que, tendo recebido um reino que não pode ser abalado, retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus agradavelmente com reverência e piedade; porque o nosso Deus é um fogo consumidor".

É evidente que tudo isso não tem nada a ver com a nossa justificação; nada tem que ver com o nosso recebimento da salvação. O caso aqui é diferente; o temor referido é o que se relaciona com a questão de recompensa ou galardão. Tomemos a exortação do apóstolo, que consta da primeira citação acima, de 1

Coríntios capítulo 3. Diz ele: "O fogo provará qual seja a obra de cada um, e, se alguém sobre este fundamento formar um edifício de madeira, feno ou palha, será queimado". Não sobrará nada, "sofrerá detrimento; mas o tal será salvo, todavia como pelo fogo" (cf. versículos 13c, 12, 15a, 15b). Este é um grande mistério. Não tenho a pretensão de compreendê-lo; ninguém o compreende. Mas o ensino se nos mostra claro, e se aplica a todas as outras passagens. Nenhuma dessas passagens faz referência à salvação do homem, mas, antes, todas elas se referem à recompensa que ele vai receber. É possível a um homem ser salvo "todavia como pelo fogo". E é exatamente o que se vê em todas estas outras passagens. Não significa que o homem pode cair da graça; mas significa, sim - que a pessoa salva pode experimentar "o temor do Senhor" (ou "o terror do Senhor", K. James). "Porque todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem, ou mal" (2 Coríntios 5:10).

Portanto, diz o apóstolo, "Sujeitai-vos uns aos outros no temor de Cristo". Povo cristão, vamos ter que postar-nos diante dEle e olhá-lO no rosto e nos olhos. Podemos imaginar o que vamos sentir naquele momento? "Ah, sim, eu acreditava no Senhor que morreu por mim, eu cria no Seu sangue derramado; eu brincava com isso, fazia o que queria, não obedecia aos Seus mandamentos, não fazia o que me dizia e não procurava aperfeiçoar a santidade no temor de Deus. Eu não me sujeitava aos outros, buscava a minha afirmação pessoal, continuei tendo muito do homem natural em mim"!

Poderíamos imaginar como será olharmos para Ele em Seus olhos? Posso dar-lhes uma idéia disso. Os Evangelhos nos dizem que o Senhor advertira ao apóstolo Pedro de que O negaria três vezes antes de cantar o galo, e como Pedro tinha protestado. Então chegou a ocasião do julgamento do Senhor, quando a criada incriminou a

Pedro, e este, querendo salvar a pele, em sua covardia, negou a seu Senhor. Lembram-se, porém, do que nos é dito mais tarde? “E virando-se o Senhor, olhou para Pedro. E saindo Pedro para fora, chorou amargamente" (Lucas 22:61a, 62). O Senhor não lhe disse uma palavra, mas simplesmente olhou para ele. Olhou-o com olhar de decepção, de tristeza, porque Pedro tinha falhado com Ele; não foi um olhar de reprimenda. Pedro não poderia agüentar isso; ele preferiria palavras, preferiria levar uma sova, preferiria ser posto na cadeia. Foi aquele olhar que o quebrantou e quase o matou.

“O Senhor olhou para Pedro.” Adicione-se o elemento de julgamento, e se terá - “sabendo o temor que se deve ao Senhor”. “Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo.” “Esposas e esposos”, não há necessidade de argumentar; “filhos e pais”, não há argumento ou discussão; “servos e senhores”; o Senhor nos contou qual é a Sua vontade; e nos deu exemplo. Não temos desculpa. Portanto, vamos “sujeitar-nos uns aos outros no temor de Cristo”. Este é o único motivo; e é motivo suficiente.

Mas, graças a Deus, Ele nos dá alento, Ele nos dá incentivo. Temos este glorioso encorajamento. Qual? - O Seu próprio exemplo. Paulo já se utilizara

dele no início deste capítulo cinco. “Sede pois imitadores de Deus, como filhos amados; e andai em amor, como também Cristo vos amou, e se entregou a si mesmo por nós, em oferta e sacrifício a Deus, em cheiro suave.” Depois tomemos aquela exposição sumamente gloriosa disso, em Filipenses 2:3-5. “Nada façais por contenda ou por vanglória, mas por humildade; cada um considere os outros superiores a si mesmo. Não atente cada um para o que é propriamente seu mas cada qual também para o que é dos outros. De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus”. Seria difícil sujeitar-nos aos outros da maneira que temos indicado? Seria difícil dominar-nos e sepultar-nos, e livrar-nos desse antagonismo, etc. - Seria difícil? Bem, se você acha isso difícil, como cristão, aqui está sua resposta: ”Haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus. Mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz.”

Se isso não os capacitar a sujeitar-se, nada poderá fazê-lo. “Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo”, “para que sigais as suas pisadas. O qual não cometeu pecado, nem na sua boca se achou engano... quando padecia não ameaçava, mas entregava-se àquele que julga justamente: Levando ele mesmo em seu corpo os nosso pecados sobte o madeiro, para que, mortos para os pecados, pudéssemos viver para a justiça; e pelas suas feridas fostes sarados” (2 Pedro 2:21-24). “Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo.” Devemos viver esta vida, não porque é a coisa que se deve fazer, não porque é um “uniforme” que vestimos agora que somos salvos

e convertidos, nem porque outros estão fazendo isso; na verdade, por nenhuma outra razão, senão esta, e unicamente esta - “no temor de Cristo”. E, graças a Deus, essa não é apenas suficiente, é mais que suficiente. “Haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus.”

CASAMENTO

Efésios 5:22-33

22 Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor;

23 Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja: sendo ele próprio o salvador do corpo.

24 De sorte que, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seus maridos.

25 Vós maridos, amai vossa mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela,

26 Para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra,

27 Para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível.

28 Assim devem os maridos amar a suas próprias mulheres, como a seus próprios corpos. Quem ama a sua mulher, ama-se a si mesmo.

29 Porque nunca ninguém aborreceu a sua própria carne; antes a alimenta e

sustenta, como também o Senhor à igreja;

30 Porque somos membros do seu corpo.

31 Por isso deixará o homem seu pai e sua mãe, e se unirá a sua mulher; e serão dois numa carne.

32 Grande é este mistério: digo-o, porém, a respeito de Cristo e da igreja.

33 Assim também vós cada um em particular ame a sua própria mulher como

a si mesmo, e a mulher reverencie o marido.

PRINCÍPIOS BÁSICOS Efésios 5:22-33

Chegamos agora ao que descrevi como a aplicação prática do princípio que o apóstolo formulou no versículo vinte e um, “Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo”. Estabeleceu o princípio geral e, agora, como é seu costume, passa à sua

aplicação particular.

Não se pode contestar que isso é o que o apóstolo está fazendo. Podemos prová-lo de três maneiras diferentes. A primeira é a palavra "sujeitar-se", que se acha na versão "King James" e noutras versões (Almeida, Revista e Corrigida: "sujeitai-vos"; Atualizada: "sejam submissas"; Tradução Brasileira: "sejam sujeitas"). "Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos." Na verdade, no original não consta a palavra "sujeitai-vos", mas apenas se lê: "mulheres, aos vossos maridos, como ao Senhor". Como explicar a omissão da palavra? Explica-se: o apóstolo estende a injunção sobre "sujeitando-vos" do versículo 21 ao 22. O fato de que a palavra não é repetida explicitamente é, pois, uma prova de que o versículo 22 é continuação do 21, e que Paulo ainda está tratando do mesmo tema, o princípio geral da sujeição. Ele sabe que isso estará nas mentes dos seus leitores e, portanto, diz: "Mulheres (nesta questão de sujeição), aos vossos maridos". Assim, a mera ausência da palavra "sujeitai-vos" no original é por si mesma uma prova de que é isso mesmo que o apóstolo está fazendo aqui.

Mas há uma segunda prova. Acha-se no fato de que ele menciona as mulheres antes dos maridos. Isso não é acidental; tampouco é por polidez ou pelo princípio de "primeiro as senhoras". A Bíblia jamais faz isso. Como veremos, a Bíblia, e como o apóstolo a expõe, invariavelmente usa a outra ordem. Na verdade, é como o requer o direito público, e nós também fazemos a mesma coisa em nossa conversação diária. Nós não dizemos senhora e senhor Fulano e Fulana; dizemos senhor e senhora - e assim por diante. Daí, quando o apóstolo coloca primeiro as mulheres em suas considerações sobre o relacionamento entre esposos e esposas, tem uma boa razão para fazê-lo. A razão é que ele está paiticularmente interessado nesta questão de sujeição - "sujeitando-vos". Esse é o princípio esboçado no versículo 21. Ora, no relacionamento matrimonial o aspecto de sujeição, como ele mostra, aplica-se particularmente às esposas, Há outro aspecto que se aplica aos maridos - e ele trata disso, porque a sua exposição é completa e equilibrada - mas como ele está primordialmente preocupado com a questão da sujeição, inevitalmente, e de modo muito natural, coloca as mulheres primeiro. Temos aí, pois, uma segunda prova da alegação

de que aquilo de que estamos tratando aqui é uma ampliação do princípio geral firmado no versículo 21.

Outro argumento, o terceiro, é que ele emprega a expressão "a vossos maridos". Notem a ênfase: "Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos", No versículo 21 ele formulou o princípio geral da sujeição da parte de todos os cristãos para com os outros - "Sujeitando-vos uns aos outros". O argumento é, pois, este: se vocês fazem isso em geral, se o fazem a toda gente, por assim dizer, quanto mais deverão as mulheres fazê-lo a seus maridos, nesta relação peculiar tão adequadamente definida

no Velho Testamento?

Eu me afano em salientar isto porque, se não estiver claro para nós que o versículo 21 é realmente o princípio determinante, não teremos a mínima possibilidade de compreender corretamente o seu ensino pormenorizado. Esclarecido esse ponto, prossigamos.

Antes de entrarmos neste assunto vital e da máxima importância -principalmente nos dias atuais - é muito importante examinar a proposição do apóstolo de modo geral. Observemos o seu método. Tenho muitas razões para fazê-lo. O que o apóstolo faz aqui, vê-lo-emos fazer nos casos dos "filhos e pais" e dos "servos e senhores". Observem a ordem em cada caso. Os filhos vêm antes dos pais. Por que ? Porque ele está interessado na sujeição. Os filhos não vêm antes dos pais; mas, na questão em apreço vêm, porque é caso de sujeição. Os servos vêm antes dos senhores, de novo pela mesma razão. Meu argumento é que, ao estudarmos uma porção das Escrituras como esta - e, como já disse, no momento estou interessado em tratar da matéria em geral - veremos que o apóstolo emprega o seu método costumeiro; e se conseguirmos captar seu método num caso particular, encontraremos uma chave para o entendimento dos seus outros escritos. Não somente isso; se investigarmos com exatidão como o apóstolo trata de qualquer problema, se realmente descobrirmos qual o seu método, então, quando confrontados por um problema, veremos que tudo que precisamos fazer é aplicar o método e, ao aplicarmos o método, poderemos descobrir a resposta. Então, o que estamos fazendo especialmente por ora, é estudar o método do apóstolo. Havendo feito isso, abordaremos o assunto particular do qual ele está tratando.

Há certas coisas que saltam à vista neste parágrafo particular que ilustra o método do apóstolo. Eis a primeira delas: o fato de que nos tomamos cristãos não significa que estaremos certos em tudo que pensarmos e fizermos. Há algumas pessoas que parecem achar que é assim. No momento em que uma pessoa se toma cristã, segundo elas, tudo fica perfeitamente simples e claro. Muitas vezes os responsáveis por isto são os evangelistas, porque, em seu desejo de obter resultados, fazem afirmações extravagantes e, com isso, deixam problemas e mais problemas aos pastores e mestres. Dá-se a impressão de que você entra nalguma atmosfera mágica; nada é a mesma coisa de antes, tudo é diferente, nenhum problema, nenhuma dificuldade! Tudo que lhe cabe fazer é tomar sua decisão, e o ditado será, "e todos viveram felizes para sempre" - sem nenhum problema ou dificuldade. É claro que isso está completamente errado.

Se fosse verdade, nunca teria existido uma só epístola sequer, no Novo Testamento. O fato de que nos tomamos cristãos, que a questão básica da nossa relação com Deus foi acertada, não significa que agora estamos automaticamente certos em tudo que pensamos, dizemos e fazemos. O próprio parágrafo que estamos focalizando é, por si

mesmo, uma prova de que necessitamos de instrução acerca de questões particulares.

O segundo princípio é o seguinte: não somente é verdade, como tenho dito, que o cristão não está automaticamente certo em tudo, por ser cristão; podemos até dizer que o fato de que um homem se tomou cristão, provavelmente levantará para ele novos problemas que dantes jamais defrontara. Ou, se não, certamente lhe apresentará problemas que nunca enfrentara dessa maneira. Ele vê agora as situações como nunca as vira antes. Enquanto que realmente nunca pensava antes, agora é compelido a pensar. E no instante em que se põe a pensar, e uma vez que pensa, é confrontado por novos problemas.

Havia muito disso na Igreja Primitiva. Vejam o caso de uma esposa. Marido e mulher tinham vivido juntos como pagãos. Nenhum dos dois sendo cristão, levaram sua vida matrimonial como os pagãos daqueles dias. Teremos que referir-nos a isso mais tarde. Mas agora a mulher se converte e se toma cristã. A tentação que imediatamente sobrevinha a essa mulher era de dizer: "Muito bem, agora estou livre. Entendo coisas que não entendia. O evangelho me revelou que "não há bárbaro, cita, macho nem fêmea, servo nem livre" (cf. Colossenses 3:11 e Gálatas 3:28). Portanto, não continuarei vivendo como costumava. Tenho uma compreensão que o meu marido não tem". O perigo era a mulher interpretar tão mal a nova vida que chegasse a arruinar o seu relacionamento matrimonial. Dava-se o mesmo com filhos e pais, e a tendência continua sendo a mesma. Muitas vezes, quando filhos se convertem e seus pais não, e os filhos passam a ter uma compreensão que os pais não têm, os filhos interpretam mal a nova situação e são levados pelo diabo a aplicá-la erroneamente e a exceder-se. Daí, por fim, acabam quebrando o mandamento de Deus, que manda que os filhos honrem seus pais. Assim, quase inevitavelmente, com a iluminação que vem com o cristianismo, surgem novos problemas jamais enfrentados antes. Portanto, deduzimos desta passagem que a grande mudança que ocorre na regeneração tende a levantar novos problemas. O resultado é que temos que pensar cautelosamente, para vermos exatamente o que é certo nesta nova vida, e como devemos aplicar este novo ensino à nova situação em que nos vemos.

Eis o terceiro princípio: o cristianismo tem algo que dizer acerca da nossa vida completa. Não há aspecto da vida que ele não considere e que não governe. Não devem existir compartimentos em nossa vida cristã. Com muita freqüência existem, como vocês sabem. O risco que os cristãos primitivos corriam era que estas pessoas - marido e mulher, ou filhos, ou pais - ao se converterem e se tomarem cristãos, dissessem a si mesmas coisas como esta: "Bem, naturalmente, isso é uma coisa que só pertence à minha vida religiosa, ao elemento relacionado com o culto que devo a Deus; não tem nada que ver com o meu

casamento, com o meu trabalho, com a minha relação com meus pais" - e assim por diante. Ora, segundo o ensino que estamos analisando, isso está completamente

errado. Não há nada que seja tão errado e fatal como viver a vida em compartimentos. Chega domingo de manhã, e eu digo: "Ah, eu sou religioso." Portanto, pego a minha pasta religiosa. Depois chega segunda-feira de manhã, e digo a mim mesmo: "Sou homem de negócio", ou outra coisa qualquer, e apanho outra pasta. Assim vivo minha vida em compartimentos; e fica difícil perceber na segunda-feira que sou cristão. Naturalmente mostrei que o sou no domingo, quando fui ao local de culto. Esta concepção é inteiramente errada. A vida crista é integral; a fé cristã tem o que dizer acerca de cada esfera e cada aspecto da vida.

Cada um destes pontos é de suma importância e poderia ser amplamente desenvolvido. Há os que dizem e até certo ponto estou disposto a concordar com eles que, em grande parte, o presente estado da Igreja e do cristianismo se deve ao fato de que muitos dos nossos antepassados tiveram a grande culpa da específica incapacidade de compreender que o cristianismo governa a vida completa do homem, e não apenas parte dela. Muitos deles foram pessoas profundamente religiosas; alguns deles realizaram reuniões devocionais em suas oficinas ou em seus escritórios de manhã, e depois, acabadas as orações, mostravam-se duros, avaros, grosseiros, injustos e legalistas. Indubitavelmente, colocavam muitos em antagonismo à fé cristã, porque, muitíssimas vezes havia esta espécie de dualismo, esta incapacidade de perceber a abrangência total da vida cristã, e que o cristão jamais deverá viver sua vida dividida em compartimentos. O meu cristianismo tem que penetrar na minha vida conjugal, na minha relação com os pais, na minha ocupação profissional, em tudo que sou e em tudo que faço.

Chego agora ao quarto princípio, que de novo é de muita importância do ponto de vista doutrinária e teologica e, por isso, na vida comum também. O ensino cristão nunca contradiz nem desfaz o ensino bíblico fundamental com relação à vida e ao modo de viver. Quero dizer que não há contradição entre o Novo e o Velho Testamentos. Isto precisa ser salientado nos dias atuais, em razão da atitude comum para com o Velho Testamento. Com língua solta e com superficialidade, há gente que diz: "Ora, pois, é claro, não estamos mais interessados em coisa alguma dita no Velho Testamento; somos povo do Novo Testamento". Alguns são suficientemente insensatos para dizer que não crêem no Deus do Velho Testamento. Dizem eles: "Creio no Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo." Também há pregadores cristãos, assim chamados, que, sob aplauso, afirmam em seus púlpitos que não crêem no Deus do Sinai, no Deus dos Dez Mandamentos e da Lei Moral. Rejeitam o ensino do Velho Testamento e dizem que devemos guiar-nos unicamente pelo ensino do Novo Testamento. Alguns vão mais longe ainda, e dizem que não devemos ser governados nem pelo Novo Testamento, porque temos muito maior conhecimento agora.

Existe esta tendência de rejeitar todo o ensino bíblico. Eis minha resposta: o Novo Testamento, o ensino especificamente cristão, nunca contradiz, nunca

põe de lado o ensino bíblico fundamental quanto às relações humanas e às ordens da vida. Refiro-me, naturalmente, a questões como o casamento, como veremos aqui. O argumento de Paulo está baseado, em parte, naquilo que é ensinado no Velho Testamento, precisamente no Livro de Gênesis. A mesma coisa se dá com relação à família e, com todas estas ordens fundamentais da vida. O fato de nos tomarmos cristãos não mexe com elas, de modo algum. O que isso produz de fato é suplementar o Velho Testamento, dar-lhe maior abertura, dar-nos visão mais ampla dele, ajudar-nos a ver o espírito por trás da injunção original. Nunca o contradiz, porém.

Este é um princípio sumamente importante e vital. Estou dando ênfase a isto porque, como pastor, muitas vezes tive que lidar com ele. De alguma forma as pessoas ficam com a noção de que, porque são novas criaturas em Cristo, os antigos princípios fundamentais não valem mais. A resposta do Novo Testamento é que vale. Notem como o apóstolo cita o Velho Testamento em todos estes casos, a fim de mostrar que o ensino original veio de Deus, e que deve ser observado sempre, por mais que seja suplementado por este ensino mais recente.

Vamos ao quinto princípio. O novo Testamento sempre nos dá razões para os seus ensinamentos. Sempre nos dá argumentos - e não há nada, neste aspecto, em que eu me alegre tanto como nisso. O Novo Testamento não nos atira simplesmente certo número de regras e regulamentos, dizendo-nos: agora, pois, tratem de cumpri-los. Não! Ele sempre explica, sempre nos oferece argumento, sempre nos dá um motivo. O tipo de cristianismo que meramente impõe ao povo regras e regulamentos é um desvio do ensino do Novo Testamento; é tratar-nos como crianças. É pena, mas existem esses tipos de cristianismo! Consiste em vestir um uniforme; e todos os cristãos são “como ervilhas na vagem”. Lá vão eles, em sua ordem unida. Isso não é cristianismo! Sempre devemos saber por que nos comportamos desta ou daquela maneira; sempre devemos entender a razão disso. Sempre devemos ser claros e ágeis sobre isso; e, portanto, nada de contradição, nada de murro em ponta de faca, nada de trabalhar a contragosto, ou de pensar: tenho que fazer isso, mas bem que eu gostaria de não precisar fazê-lo, e de estar o mais longe possível disso. Isso não é cristianismo. O cristão se regozija com o seu modo de viver. Ele o vê com clareza e não deseja outra coisa; é inevitável -sua mente está satisfeita.

É por isso que digo que o não cristão não sabe verdadeiramente o que é ser homem. Não há ensino no mundo que nos valorize como esta Palavra de Deus. Não nos trata como crianças nem nos governa com regras e regulamentos. Ela o coloca para a nossa razão, para o nosso entendimento. Esse é ensino de verdadeira santidade - não uma coisa que recebemos num pacote, não é uma coisa que nos vem quando estamos mais ou menos passivos e inconscientes. É raciocinar sobre o ensino, tomar um

princípio e desenvolvê-lo, como o apóstolo faz aqui. Esse é o método neotestamentário de santidade e santificação. Graças a Deus por isso!

O sexto princípio que observo aqui é deveras glorioso. Como é maravi-

lhosa esta passagem de Efésios! Deixa-me atônito que, ao observarmos este ensino, pensamos primeiro: ora, naturalmente isso é apenas um ensinamento sobre casamento, maridos e esposas. Mas depois começamos a descobrir os tesouros aí presentes; vamos de sala em sala, e, conforme andamos, mais esplendores vamos vendo. Vocês já notaram, ao ler esta passagem, a íntima relação que há entre a doutrina e a prática? A doutrina e a prática nunca devem estar separadas, porque uma ajuda a outra e uma ilustra a outra. Há certos aspectos nos quais a passagem que estamos examinando é uma das mais surpreendentes da Bíblia. Não digo que seja a mais grandiosa, mas que é uma das mais surpreendentes. Aqui estamos nesta Epístola aos Efésios, no capítulo 5, já rumando para o fim do capítulo. O que acontece nesta parte da epístola? Bem, todos dizem, estamos agora na seção práticas da epístola. A grande seção doutrinária está, naturalmente, nos três primeiros capítulos. Um pouco aparece no capítulo 4, mas agora entramos nos domínios das coisas práticas, das relações comuns e doutras questões bem comuns. Nunca o apóstolo foi mais prático que nesta seção - sobre esposas e esposos, filhos e pais, servos e senhores - seção puramente prática da sua epístola. Todavia você observa - e não fica admirado sempre que a lê, ou sempre que assiste a uma cerimônia nupcial em que esta porção das Escrituras é lida? - não fica surpreso e emocionado até à medula quando vê que o apóstolo, ao tratar desse assunto extremamente prático, de repente nos introduz na mais elevada doutrina? Ao falar às esposas e esposos como conduzir-se uns para com os outros, ele introduz a doutrina da natureza da Igreja e da relação da Igreja com Cristo. De fato, devo ir mais longe. Precisamente nesta seção o apóstolo nos dá o seu mais elevado ensino sobre a natureza da Igreja e sobre a relação desta com Cristo. Isso é uma coisa que nunca devemos perder de vista. Quando ler esta epístola, prepare-se para surpresas. Não diga a si próprio: "ora, ora, eu não preciso dar muita atenção a isto; naturalmente, isto é prático, simples e direto". Repentinamente, quando você menos espera, o apóstolo abrirá uma porta e você se verá confrontado pela mais magnificente e gloriosa doutrina que jamais encontrou em sua vida.

Isso me leva a fazer este comentário prático: cuidado com análises superficiais das Escrituras! Você conhece o tipo de gente que diz, "capítulo 1, isto; capítulo 2, aquilo. Tudo tão perfeito, limpo e bem arrumado!" Se você tentar fazer isso com este capítulo da Epístola aos Efésios, ver-se-á desnorteado, e verá arruinado o seu diminuto esquema. Aqui, nesta mais prática das seções, subitamente Paulo introduz esta tremenda doutrina da natureza da Igreja e da sua relação com o Senhor Jesus Cristo. Mas o que devemos ter em mente -porque resulta disso tudo - é que a doutrina e a prática se relacionam tão intimamente que não podem separar-se.

Portanto, quem quer que diga, “Só estou interessado na prática”, realmente estará negando a essência da mensagem cristã. Esta grandiosa passagem demonstra isso perfeitamente.

Havendo dito essas seis coisas, digo em sétimo lugar: obviamente, à luz disso tudo, quando somos confrontados por algum problema, nunca o abordemos diretamente, nunca iniciemos considerando a coisa “per se”, a coisa

propriamente dita. É isso que todos temos a tendência de fazer. Quantas vezes vejo isto nos grupos e reuniões de debate! Apresenta-se uma questão - um problema da vida diária de alguém - e eu a coloco na reunião. A tendência da pessoas é de levantar-se logo e falar diretamente sobre a questão, dando suas opiniões a respeito. E por essa razão, naturalmente, em geral estão erradas; porque não é esse o modo de abordar um problema.

O apóstolo não aborda este problema de maridos e mulheres, e de mulheres e maridos diretamente, de imediato “per se”, como se fosse uma questão isolada. Seu método é o seguinte - devemos abordá-lo sempre indiretamente. É, uma vez mais, “a estratégia da abordagem indireta”. Quando sou confrontado por uma questão em particular, não devo de imediato aplicar o meu raciocínio diretamente a ela. Devo primeiro inquirir: há algum princípio, alguma doutrina nas Escrituras que governe este tipo de problema? Noutras palavras, antes de começar a tratar do problema individual, que, por assim dizer, está em sua frente, diga: bem, a que família ele pertence? Você poderá ampliar mais a investigação e dizer: a que nação ele pertence? Obtenha uma classificação ampla, e, tendo descoberto a verdade sobre o grupo ou classe ou comunidade maior, parta desse ponto e aplique o princípio a esse caso ou exemplo particular. É o que o apóstolo faz aqui. Ele vai do geral ao particular.

Tenho usado muitas vezes a seguinte ilustração: alguém que alguma vez fez química, e lhe pedem que identifique uma substância, logo adotará o método acima. Como procede? Faz exatamente o que acabei de dizer. Começa com os teste gerais, com os testes de grandes grupos. Com isso ele pode excluir certos grupos; e os vai reduzindo até chegar a um grupo. Depois divide esse grupo, estabelecendo as suas subdivisões; e depois vai reduzindo mais e mais até que, por fim, chega à particular substância individual. É esse o método do apóstolo aqui; na verdade, é esse o seu método em toda parte. É “a estratégia da abordagem indireta”, o movimento do geral para o particular. Jamais salte num problema, jamais caia sobre ele, isoladamente; apegue-se ao grande princípio ou doutrina determinante.

Assinalo o último ponto, outra vez muito prático. Deduzo-o de tudo o que o precede. Notem o espírito com que o apóstolo conduz a discussão. Aqui ele está absorvido no problema do relacionamento entre esposas e esposos, e entre esposos e esposas; mas observem o seu método, o espírito com que ele o faz. Este assunto é objeto de

constantes pilhérias no mundo, não é? É sempre uma coisa capaz de provocar risada. O mais limitado comediante procura tirar alguma coisa disto, quando não lhe resta mais nada - relações matrimoniais, maridos e mulheres. Não é preciso salientar que o apóstolo não trata do assunto deste modo. Não devemos tratar assim nenhum problema cristão.

Mas há outros aspectos negativos também. Paulo não somente não o trata de maneira chistosa, irreverente e superficial; há na passagem uma completa ausência de espírito partidário. Não há nada de animoso, de auto-afirmativo, de defesa de direitos, nenhum desejo de provar que um está certo e o outro está errado. É assim que os assuntos são tratados normalmente, não é? E é por isso

que há tanto problema. O apóstolo foge disso tudo, como estive dizendo, elevando-lhes o nível e colocando-os noutro contexto; e, fazendo isso, evita todas estas dificuldades.

Seu método, positivamente considerado, é este: é o princípio, "no temor de Cristo", que já havia formulado no versículo 21 - "Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo". Depois o repete: "Vós, mulheres, sujeitai-vos aos vossos maridos, como ao Senhor". Antes que comecemos a tomar posição de um lado ou de outro - e, se o fizermos, estaremos fadados ao fracasso, porque estaremos com um espírito partidário - ele evita todo espírito partidário, eleva ambas as partes imediatamente "ao Senhor". Todo assunto discutido pelos cristãos deve ser discutido dessa maneira. O cristão ou a cristã que perde a clama numa argumentação, não deveria falar. Quer provemos o nosso ponto quer não, perdemos tudo se perdemos a calma. É "no Senhor", "no temor de Cristo". Paulo está falando de sujeição, e o ponto que defende é que, antes de considerarmos os méritos destas duas pessoas, ambas devem sujeitar-se ao Senhor, "Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo". E quando ambas fizerem isso, terão a sua divergência "de joelhos". Que diferença isso faz! Se posso usar um vulgarismo, não precisamos subir pelas paredes; precisamos nos pôr de joelhos. Se tão somente conduzíssemos estas difíceis questões dessa maneira, que diferença faria!

Isto é verdade não somente quanto à questão de maridos e esposas. Veja-se o acaloramento gerado pela argumentação sobre o pacifismo e sobre várias outras questões que estão envolvendo as pessoas hoje em dia - a veemência, o espírito partidário, a animosidade! O método, isto é - o espírito, diz o apóstolo, é que sempre devemos fazê-lo em submissão ao Senhor, com o desejo de agradá-lO, sempre prontos a sermos instruídos e guiados por Ele e Sua Palavra.

Eis aí, pois, vimos oito princípios gerais que não governam somente esta questão particular, mas governam todo e qualquer problema que surja em nossa vida cristã. Tendo feito isso, passemos à questão particular. Tudo que estive dizendo é ilustrado à perfeição pela maneira como o apóstolo trata do conceito cristão do casamento, do

ensino cristão sobre o matrimônio. Mas, uma vez mais, devemos seguir o seu método. Antes de passarmos aos pormenores, vejamos o que ele nos diz em geral sobre isto.

A primeira coisa importante que ele nos diz é que o conceito cristão sobre o casamento é único; é um conceito inteiramente diverso de todos os demais; é um conceito que só se encontra na Bíblia. Qual é a idéia que o cristão tem do casamento? Qual é o ensino? Comecemos de novo em termos negativos. O modo pelo qual o cristão entende o casamento não é o modo pelo qual o casamento é geralmente entendido pela imensa maioria das pessoas. Você já pensou nisso? Que seria se, nesta altura, eu lhe pedisse que escrevesse um relato do conceito cristão sobre o casamento? Já fez isso alguma vez? Que vexame para nós, cristãos, se não tivermos um conceito claro e bem definido! Acaso temos descoberto a singularidade do conceito cristão, temos compreendido quão essencialmente difere do conceito geral? Em que consiste esse conceito

geral?

Por desagradável que seja, devo recordá-lo a vocês. O conceito comum a respeito do casamento é puramente físico. Baseia-se quase exclusivamente na atração física e no desejo de gratificação física. É uma legalização da atração física e da gratificação física. Assim, muitas vezes não passa disto - daí o escândalo da escalada do divórcio. As partes nem sequer pensam sobre isso, não têm absolutamente nenhum conceito do casamento; são governadas inteiramente por instintos e impulsos; seu nível é puramente animal, e nunca sobe acima disso. Não há pensamento nenhum acerca do casamento propriamente dito; é apenas uma legalização de algo que estão desejosos de fazer.

Há ainda um segundo conceito comum, um pouco mais elevado do que o primeiro. É um pouco mais inteligente que o primeiro porque considera o casamento como um arranjo humano e como uma invenção humana. A antropologia nos ensina isto, dizem. Houve, sem dúvida, um tempo em que os seres humanos eram mais ou menos como os animais; eram promíscuos e se portavam como os animais. Mas quando o homem começou a se desenvolver e a evoluir, começou a perceber que certo arranjo era necessário, que a promiscuidade levava à confusão, a excessos e a muitos problemas; assim, após um longo processo de tormento, de desenvolvimento, de experiências e de ensaio e erro, a natureza humana, em sua sabedoria, isto é, civilização, chegou à conclusão de que seria certo, ficaria bem e seria bom que houvesse monogamia - um homem desposando uma mulher. É questão de desenvolvimento social -esse é o ensino da antropologia. Mas é sempre uma coisa que o homem descobriu ou inventou. Assim como ele promulga leis e decretos para controlar o comércio, o trânsito, o estacionamento etc., assim descobriu um meio de resolver este problema de homem e mulher e de seus relacionamentos recíprocos

bem como com os filhos. É coisa que se acha inteiramente no plano humano. Essa é provavelmente a pressuposição comum, feita pela vasta maioria das pessoas. Lastimavelmente, às vezes a encontro até entre pessoas cristãs!

Outra característica deste conceito - e surge porque lhe falta uma idéia fundamentalmente correta do casamento - é que faz uma abordagem do casamento que quase espera problema. Isso acontecia muito no mundo pagão. Os maridos tendiam a tiranizar suas esposas e a fazer delas verdadeiras escravas, e as esposas agiam falsamente. A atmosfera era de ciúme e antagonismo, levando necessariamente a conflitos e brigas. Em vez da comum sujeição ao Senhor, de que falamos, cada um lutava por seus direitos. Não havia um verdadeiro companheirismo, mas uma espécie de acordo de que, para certos propósitos, iam fazer certas coisas juntos; mas, na realidade, havia subjacentes amargor e antagonismo de espírito e um sentimento de oposição.

Examinem a idéia comumente sustentada sobre o casamento, o estado de casados e as relações matrimoniais. Vê-se isto nos desenhos animados, nas estórias em quadrinhos, nas caricaturas, nas reportagens de demandas judiciais, vê-se, tomo a dizê-lo, nas anedotas populares. Por que há de ser assim? Como é que isto veio a ser tão generalizado? É devido a esta idéia completamente

errada do significado real do casamento. Hoje a questão toda é agravada pelas noções modernas da igualdade de homens e mulheres resultantes do movimento feminista assim chamado. Isto agravou o problema, e toma o assunto de que estamos tratando particularmente urgente nos dias atuais. Tem havido este movimento feminista moderno, que reclama que o homem e a mulher são iguais em todos os aspectos, e que não deve existir absolutamente nenhuma divisão ou distinção, mas sim, igualdade completa. Ora, enquanto, por um lado, há aspectos desse ensino com os quais todo cristão - de fato, qualquer homem saudável e inteligente - deve concordar de alma e corpo, por outro lado, tomando-o em termos gerais e como um princípio, vai contra o claro ensino das Escrituras sobre este ponto. É incontestavelmente causa de muita angústia e muito dano, não só para a condição matrimonial, mas também para a família como uma unidade fundamental da vida. O resultado é que a disciplina se foi, a ordem se foi e não se dá genuína oportunidade aos filhos. Por que? Porque seus pais não mantêm um relacionamento mútuo correto; e a criança fica desorientada ao ver esta competição, este conflito, onde deveria haver união. Este movimento feminista moderno tem tido a tendência de obscurecer toda a questão; e, infelizmente, parece que ele está penetrando até mesmo no pensamento de muitos que se denominam evangélicos (cristãos bíblicos) e que dizem crer nas Escrituras como a infalível Palavra de Deus e nossa única autoridade.

Vemos imediatamente aqui que essa não é a abordagem cristã do casamento. O conceito cristão do casamento é governado inteira e unicamente pelo ensino das

Escrituras - Velho e Novo Testamentos. O apóstolo deduz o seu argumento do Velho Testamento, bem como de Cristo. Portanto, o homem que se diz cristão não diz, "Pois bem, o que penso sobe o casamento é isto". Ao invés disso, ele diz, "Que diz a Bíblia sobre o casamento?" Assim, já no começo há uma diferença completa - ele "se sujeita" ao ensino deste Livro. Ele não diz, "Naturalmente, agora estamos muito desenvolvidos e adiantados. As mulheres eram virtualmente tidas como escravas, até pelo apóstolo Paulo, você sabe. Ele estava tão certo sobre a expiação, mas não sobre as mulheres! " No momento em que você diz isso, já não crê nas Escrituras, e não tem o direito de dizer que crê que elas são a infalível Palavra de Deus. Não, o cristão diz, "Fora o que as Escrituras me dizem eu nada sei". Assim, ele se sujeita ao Velho e ao Novo Testamentos. Toda a sua vida deve ser governada com base nesse princípio -tanto na questão de pensamento como na de conduta.

Em segunda lugar, descobrimos que o casamento não é uma invenção ou um arranjo humano, mas ordenança de Deus, algo instituído por Deus, algo que Deus, em Sua infinita graça e bondade designou, ordenou, preparou e estabeleceu para os homens e as mulheres. É de Deus, e não do homem. O ensino dos antropólogos está baseado na especulação e na imaginação; não é verdadeiro. O ensino da Bíblia é a verdade sobre esta matéria; é invenção de Deus e ordenança de Deus.

Em terceiro lugar, os termos da relação estão firmados com clareza e franqueza, como veremos.

Em quarto lugar, só podemos compreender plenamente o casamento quando compreendemos a doutrina do Senhor Jesus Cristo e da Igreja. Vocês vêem que isso é central; o apóstolo desenvolve o argumento sobre Cristo e a Igreja em toda esta passagem. Noutras palavras, chega ao seguinte: se não temos entendimento claro sobre o Senhor Jesus Cristo e a Igreja, e sobre a relação da Igreja com Ele, não podemos compreender o casamento. È impossível, porque somente à luz daquela doutrina é que realmente compreendemos a doutrina concernente ao casamento.

Portanto, eu tiro estas duas deduções: só o cristão entende e aprecia verdadeiramente o casamento. Esse é um dos esplêndidos resultados de ser cristão. O cristianismo não trata somente da nossa alma e da nossa salvação final, de como evitarmos o inferno e irmos para o céu; o cristianismo toca em todos os aspectos da nossa vida, enquanto estamos neste mundo. Creio que posso dizer sinceramente que, em minha experiência pastoral, não houve nada mais maravilhoso do que ver a diferença que o cristianismo faz no relacionamento marido/esposa. Onde havia entre as duas pessoas a tendência de rompimento e afastamento uma da outra, de antagonismo, mordacidade e ódio, elas tomando-se cristãs fizeram verdadeiro descobrimento uma da outra pela primeira vez. Também descobriram pela primeira vez o que o casamento realmente é, embora cônjuges durante anos. Agora vêem que coisa bela e gloriosa é. Ninguém poderá entender o casamento, se não for cristão.

Posso aventuar-me a fazer esta colocação? A luz disso tudo, o que é de admirar não é que haja tantos divórcios, mas que não haja muito mais. Porventura não é espantoso e surpreendente que na ausência de pensamento, e ainda com a presença de pensamento errado quando começam a pensar, há casamentos que ainda perduram? Nenhum homem e nenhuma mulher não cristãos têm um verdadeiro conceito do casamento; mas, se somos cristãos, não haverá dificuldade quanto a saber o que é casamento ou o que significa. Não há por que argumentar, não há por que discutir. Se você acredita no ensino doutrinário, o conceito sobre o casamento é inevitável. É tão maravilhoso, tão glorioso, tão elevado! Não há dificuldade, não há regateio, não há argumentação. Você se sujeitou a Cristo; o outro cônjuge também. E ambos se sujeitaram não somente um ao outro, mas também a todos os outros membros da igreja, da comunidade a que pertencem. São governados por uma lealdade superior, pela lealdade Àquele que não levou em conta os Seus direitos e prerrogativas, mas só levou em conta vocês e sua desesperada e aterradora necessidade. Ele Se humilhou a Si mesmo, pôs de lado os Seus direitos e prerrogativas, assumiu a forma de servo, e enfrentou a morte, sim, a morte de cruz. Olhando para Ele, e vendo como Ele veio, não somente para salvá-los do inferno, mas para dar-lhes vida, vida mais abundante, e encheu plenamente o seu entendimento para a Sua glória - vendo isso, vocês verão seu casamento com outros olhos, verão *tudo* com outros olhos. Não farão objeção ao ensino bíblico; não somente se sujeitarão a ele, mas se alegrarão com ele e louvarão a Deus por ele.

Aí está, pois, a nossa introdução ao pormenorizado ensino do apóstolo Paulo em Efésios, capítulo 5, com relação ao casamento cristão. Agora podemos passar a considerar o ensino pormenorizadamente.

A ORDEM DA CRIAÇÃO Efésios 5:22-24

Vamos agora considerar mais detalhadamente o ensino da passagem que, na verdade, é o ensino do Novo Testamento e da Bíblia toda com relação ao casamento. Examinamos o assunto em geral, e isso devido ao modo pelo qual o apóstolo no-lo apresenta; é essencial termos isso em mente.

O espírito com que abordamos esta questão é muito importante. Tudo que se faz na esfera da Igreja é diferente do que se faz fora dela. O mundo, em suas entidades de debate, discute a questão do casamento, e o faz de maneira particular - dois lados, pró e contra, defensores e demandantes. Mas não é esta a maneira como a Igreja encara o problema; ela não enfrenta nenhum problema desse modo. Aqui, somos confrontados pela autoridade que nos vem da Palavra. Não nos interessa expressar nossas opiniões; nosso único propósito é entender o ensino da Palavra. E o fazemos juntos - não um grupo aqui e outra ali, oposição e governo, por assim dizer, defesa e ataque. Nós nos reunimos com o fim de encontrar o ensino da Bíblia; e temos visto que certos princípios grandiosos são formulados com tanta clareza que tudo isso se eleva ao nível da doutrina cristã em suas maiores alturas. Somos confrontados por alguns dos mais profundos ensinamentos das Escrituras concernentes à natureza da Igreja cristã.

Tendo examinado aqueles princípios gerais, podemos agora partir para a aplicação particular. Vocês vêem que a primeira coisa é uma injunção dada às esposas. Vocês se lembram de que as esposas são colocadas antes dos esposos por uma única razão, que o apóstolo está tratando da questão da sujeição. O princípio está no versículo 21: "Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo". Nesta questão de sujeição, diz ele primeiramente: "Vós, mulheres, sujeitai-vos (ou sede sujeitas) a vossos maridos, como ao Senhor". O que devemos considerar é esta "sujeição" das esposas aos esposos. O apóstolo não só lhes lembra isso, mas lhes diz franca e claramente que é dever delas fazê-lo - assim como é dever de todos nós sujeitar-nos uns aos outros. Eis uma coisa muito especial, diz ele: "Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos". Isto é mais evidente ainda porque eles são seus maridos, seus próprios maridos, e devido ao ensino sobre toda a questão do casamento. O ponto importante que emerge aqui é esta questão de sujeição - é o que ele está ressaltando. Portanto, devemos examinar bem este ponto; e, afortunadamente, o apóstolo nos ajuda a fazê-lo. Não se trata apenas de uma injunção lançada ao acaso.

Paulo nos dá primeiro o grande motivo para a sujeição: "Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, *como ao Senhor"*. Precisamos ter uma clara

compreensão desta frase, porque ela pode ser, e tem sido, mal entendida. Não significa: "Vocês, mulheres, sujeitem-se a seus maridos exatamente da mesma maneira como se sujeitam ao Senhor". Isto seria ir longe demais. A sujeição

de todas as esposas, e na verdade de todos os crentes cristãos, homens e mulheres, ao Senhor Jesus Cristo é absoluta. O apóstolo não diz isso, quanto ao relacionamento das mulheres para com os seus maridos. Todos nós somos "escravos" de Jesus Cristo; mas nunca se diz que a esposa é escrava do seu esposo. Nossa relação com o Senhor é de completa, inteira, absoluta sujeição. As esposas não são exortadas a tal sujeição.

Que significa então? Significa: "Vocês, mulheres, sujeitem-se a seus maridos porque isso faz parte dos seus deveres para com o Senhor, porque é uma expressão da sua sujeição ao Senhor". Noutras palavras, não estarão fazendo isto somente para o marido, mas, primordialmente, para o Senhor. É uma repetição do princípio geral estabelecido no versículo 21: "Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo". Em última análise, não o fazem pelo marido; a razão, o motivo final não jaz aí; a sujeição é "ao Senhor". Vocês o fazem por amor a Cristo, porque sabem que é Ele que as exorta, porque é agradável aos Seus olhos este seu procedimento. Faz parte da sua conduta cristã, faz parte do seu discipulado. "Portanto, quer comais, quer bebais", diz o apóstolo, usando o mesmo tipo de argumento ao escrever aos coríntios, na primeira epístola, capítulo 10, versículo 31, "quer comais, quer bebais, ou façais outra qualquer coisa, fazei tudo para glória de Deus - façam tudo "como ao Senhor". Tudo que fazemos é por amor a Ele, para agradá-lO, porque sabemos que Ele quer que o façamos.

Assim, logo no inicio, o apóstolo eleva esta questão muito acima da esfera da controvérsia e nos habilita a abordá-la com o espírito apropriado. Se desejam, diz ele, agradar ao Senhor Jesus Cristo e cumprir Suas ordens e Sua vontade, sujeitem-se aos seus maridos. Não pode existir motivo mais estimulante que esse para qualquer ação; e toda esposa cristã que se preocupe acima de tudo em agradar ao Senhor Jesus Cristo, não verá dificuldade nesta passagem; de fato, seu maior prazer será fazer o que Paulo nos diz aqui. Eu iria mais longe. Jamais talvez tenhamos tido, como povo cristão, maior oportunidade de mostrar o que o cristianismo significa realmente do que nesta conjuntura atual, quando a vida neste mundo está cada vez mais revelando as suas verdadeiras cores. Essa vida está se tomando cada vez mais caótica, nesta questão do relacionamento matrimonial e em todos os demais aspectos. Aí está uma gloriosa oportunidade que temos de mostrar que diferença faz ser cristão. Portanto, mulheres cristãs, diz o apóstolo, vocês têm uma oportunidade magnífica; podem mostrar que não são mais pagãs, que não são mais irreligiosas, que não pertencem mais ao mundo. E estas outras pessoas - que vivem como vivem, que afirmam os seus direitos, que exibem a arrogância a qual leva ao caos que caracteriza a vida atual - quando olharem para vocês, verão algo tão diferente que dirão: "Que é isto? Por que vocês se comportam desta maneira? Qual a razão disto?" E a sua resposta não será: "Bem, simplesmente nasci deste jeito", mas:

"Comporto-me assim porque esta é a vontade do meu Senhor". Assim terão

imediatamente uma oportunidade para pregar e expor o evangelho.

É por isso que o apóstolo as exorta a que procedam deste modo. O ponto presente em sua exortação, que vemos no conteúdo total deste capítulo e na maior parte do capítulo anterior - é que estes cristãos devem mostrar em todos os pormenores das suas vidas que, uma vez que alguém se tomou cristão, é diferente em todos os aspectos. Daí, esta grande característica da vida cristã pode ser demonstrada pelas esposas com sua sujeição aos seus esposos. Esse é o grande motivo; e se não formos movidos e animados por ele, nenhum outro argumento nos atrairá. Se já não estivermos sujeitos ao Senhor Jesus Cristo e interessados em Seu nome e em Sua honra acima de tudo mais, todos os outros argumentos nos deixarão impassíveis. O apóstolo coloca isso primeiro; e nós temos que colocá-lo primeiro.

Havendo dito isso, porém, Paulo prossegue e nos dá razões particulares, razões adicionais. Aqui de novo vemos a riqueza e a glória das Escrituras. Há duas grandes razões subsidiárias, diz ele, pelas quais a esposa cristã deve sujeitar-se ao seu esposo. A primeira é a que podemos denominar "ordem da criação"; a segunda, que isto é algo que pertence à esfera da relação da Igreja com o Senhor Jesus Cristo. Ambas as razões estão no versículo vinte e três: "Porque" - aqui está a primeira razão - "o marido é a cabeça da mulher". A segunda razão é: "Como também Cristo é a cabeça da igreja: sendo ele próprio o salvador do corpo".

Observem a primeira razão. É que esta faz parte da ordem da criação, uma parte das ordenaças de Deus, do decreto de Deus, da vontade de Deus, daquilo que Deus estabeleceu quanto à esta relação entre homens e mulheres. Este ensino encontra-se em várias porções das Escrituras. Vê-se primeiramente no capítulo dois de Gênesis, logo em seguida à criação; e se pode observar como as referências do Novo Testamento nos remetem de volta para lá. É o que quero dizer quando afirmo que isto pertence à ordem da criação. Antes de podermos considerar o casamento do ponto de vista especificamente cristão, devemos ir aos antecedentes, porque a estes o Novo Testamento nos envia. Envia-nos ao livro de Gênesis, a toda a questão da criação. Também nos remete à questão da Queda. O relato desta acha-se no capítulo três de Gênesis. O versículo crucial é o 16, onde lemos o que Deus disse à mulher por ter ela dado ouvidos a Satanás e à sua tentação, e por ter comido do fruto proibido. "E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua conceição; com dor terás filhos, e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará." Esse é um adendo ao capítulo 2, e devemos prestar muita atenção nele.

A fim de resumir o ensino das Escrituras concernente a esta importante questão do casamento e da família, podemos extrair os princípios postos diante de nós nestas várias porções das Escrituras. Lembrem-se de que estamos tratando essencialmente do "casamento", e não da posição da mulher (ou das mulheres) como tal. Certamente temos que deduzir das Escrituras o ensino quanto às mulheres em geral, e de matérias

como a questão das mulheres

adotarem profissões etc. Mas não estou tratando disso, estou tratando unicamente da questão do casamento. É o que o apóstolo faz aqui; ele está se dirigindo às esposas. Não está se dirigindo a mulheres não casadas, neste ponto. Há ensino sobre isso, mas não entra em nosso terreno aqui, a não ser indiretamente.

O ensino é o seguinte: primeiro, vemos que a ênfase é dada constantemente ao fato de que o homem foi criado primeiro, não a mulher. Assim, uma prioridade natural favorece o homem. As Escrituras também ressaltam o fato de que a mulher foi feita do homem, tirada do homem, e destinada a ser um auxílio, uma "adjutora" para o homem, uma adjutora que estivesse diante dele - "que lhe fosse idônea". Nenhum dos animais poderia satisfazer essa necessidade. "E Adão pôs os nomes a todo o gado, e às aves dos céus, e a todo o animal do campo; mas para o homem não se achava adjutora que lhe fosse idônea". E foi porque não se achou "adjutora" satisfatória para o homem dentre os animais, que foi criada a mulher.

Esse é o ensino básico, e observe, que o apóstolo lhe dá forte ênfase. O homem foi criado primeiro. Não somente isso, porém, também foi constituído o senhor da criação. Ao varão foi dada esta autoridade sobre a natureza e sobre os animais; o varão é que foi convocado para dar-lhes nomes. Aí estão indicações de que o varão foi colocado numa posição de liderança, de senhorio, de autoridade e poder. Ele toma as decisões, ele estabelece as regras. Esse é o ensino fundamental a respeito de toda esta matéria.

O apóstolo Pedro sublinha tudo isso com aquela sua frase significativa na qual diz aos maridos que dêem honra à esposa " como vaso mais fraco" (1 Pedro 3:7). Que será que ele quer dizer com "vaso mais fraco"? Vê-se claramente que ele quer dizer o que é ensinado com muita clareza nos primeiros capítulos de Gênesis, e, na verdade, em toda parte na Bíblia. Quer dizer primordialmente esta questão toda da chefia e liderança do varão. Falando em termos físicos, o homem é mais forte que a mulher; foi criado para ser mais forte, e é. Eu poderia entrar em minúcias a respeito. Poderia prová-lo com extrema facilidade, não meramente do ponto de vista da anatomia, mas ainda mais do ponto de vista da fisiologia. A mulher não foi destinada a ser forte como o homem fisicamente, quanto aos nervos e às emoções, e em muitos outros aspectos. Ela foi consituída de maneira diferente; e quando o apóstolo afirma que ela é o "vaso mais fraco", absolutamente não está falando num sentido depreciativo. Está simplesmente dizendo que ela é essencialmente diferente do homem, e que o homem sempre deve ter isso em mente. Ele não deve tratar a mulher como se fosse sua igual nestes aspectos. Deve lembrar que ela foi criada diferentemente, e que, por conseguinte, deve respeitá-la e honrá-la, defendê-la e protegê-la.

Eis, pois, o ensino fundamental, básico - o homem deve ser a cabeça da esposa e o

chefe da família. Deus o fez desse modo, dotou-o de faculdades, capacidades e propensões que o habilitam a cumprir isto; e fez a mulher de modo que seja o "complemento" do homem. Ora, a palavra "complemento" traz consigo a idéia de sujeição; sua principal função é suprir uma deficiência do homem. É por isso que os dois se tomam "uma came"; a mulher é o comple-

mento do homem, Mas a ênfase é, portanto, esta - que o homem não é responsável somente por si, mas também por sua esposa e por sua família em todas as questões fundamentais. À esposa cabe auxiliá-lo, apoiá-lo, assisti-lo e fazer tudo que puder para habilitá-lo a agir como o senhor da criação, posição em que Deus o colocou. Ela foi trazida à existência com o fim de ajudar o homem a realizar essa grande e maravilhosa tarefa. Esse é o ensino básico quanto à relação de esposos e esposas nos termos exarados na própria ordem da criação, as regras fundamentais quanto à vida do homem neste mundo.

Todavia devemos ir além. Era assim antes da Queda. Enquanto o homem e a mulher ainda eram perfeitos, enquanto ainda estavam no Paraíso sem pecado, sem terem eles nenhum defeito, essa era a ordenação de Deus. Mas, infortunadamente, algo aconteceu - a Queda. Sua importância é exposta com muita clareza, principalmente pelo apóstolo Paulo na Primeira Epístola a Timóteo, no capítulo 2, versículos 11a 15, no fim da seção. Notem que o apóstolo dá grande importância ao fato de que foi a mulher que foi enganada e caiu primeiro, e não o homem. Assim a Queda fez mais outra diferença. Gênensis 3:16 demonstra isso. Ei-lo outra vez: "E à mulher disse: (Por isso) multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua conceição". Daí se pode deduzir que provavelmente o parto seria sem dor, não fora o pecado e a Queda. "Com dor terás filhos." Mas, para o nosso propósito agora - "o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará". Aí está algo adicional. Não somente reitera o senhorio, a liderança e a chefia já estabelecidos antes da Queda, saliente isso -"ele te dominará". Há um novo elemento aqui; a subordinação da mulher ao homem aumentou como resultado da Queda. Ora, pode-se argumentar que o edito de Deus foi promulgado por esta razão - que a quintessência da Queda, do que aconteceu com Eva, foi que ela, sendo confrontada pela insinuação e pela sugesção do diabo, em vez de fazer o que devia, o que fizera até então e que fora ensinada a fazer, isto é, procurar Adão e consultá-lo sobre essa questão, tomou a decisão por conta própria e se colocou na posição de liderança. Ela enfrentou a situação, em vez de deixar isso com Adão, e, em conseqüência, caiu. Ela o envolveu igualmente na Queda e, daí, toda a raça humana caiu. De modo que, em certo sentido, o pecado original consistiu em que a mulher desconsiderou o seu lugar e sua posição na relação matrimonial, usurpou autoridade, poder e posição e, com isso, sobrevieram a calamidade e o caos. Isso não consta apenas em Gênesis 3:16; forma a base do argumento apostólico quanto às mulheres assumirem autoridade, ensinarem e pregarem, na Primeira Epístola a Timóteo, capítulo dois.

Esse é o ensino, em sua essência. Mas surge logo uma objeção, uma objeção que se lê e se ouve com muita freqüência - e, ah, muitas vezes partindo de pessoas evangélicas que alegam crer nas Escrituras como a inspirada e infalível Palavra de Deus! Eis o que se ouve tantas vezes: "Ah, mas isso não passa de opinião do apóstolo Paulo. Obviamente ele era antifeminista e defendia o conceito comum naquela época sobre as mulheres". Salienta-se que, naquele tempo, a mulher estava em posição extremamente baixa. Todos, sem

exceção, tinham essa idéia; a mulher, por assim dizer, era apenas uma "mercadoria", uma escrava. E esta verdade abrange até os judeus, sendo que o apóstolo não era nada mais que um típico judeu rabínico. Assim se desenrola o argumento.

Não é surpreendente que as pessoas que não crêem nas Escrituras como a Palavra de Deus digam essas coisas. Não hesitam em dizer, não somente que Paulo estava errado, mas também que o Senhor Jesus Cristo estava errado. Essas pessoas são a autoridade; elas é que sabem, que entendem. Não discuto com tais pessoas; simplesmente lhes digo que não posso discutir com elas porque não se trata de meramente pôr a minha opinião contra a delas. Não há nada mais que dizer sobre sua opinião - esta não é cristã, de modo nenhum. O cristão é alguém que se submete inteiramente à revelação bíblico; nada sabe fora desta. Assim, quando ouvimos este argumento, não somente o deploramos e nos entristecemos; temos que responder-lhe, e lhe respondemos deste modo: falando em termos gerais, é mais que certo dizer que no conceito comum no tempo do Senhor Jesus e do apóstolo Paulo, a mulher era humilhantemente inferior. Mas esse não era o conceito dos judeus, pois eles tinham estas Escrituras e criam nelas. E é bem certo que não era esse o conceito do apóstolo Paulo. Notaram o que ele diz em 1 Coríntios 11:11? Suas palavras são: "nem o varão é sem a mulher, nem a mulher sem o varão, no Senhor." Este grande apóstolo gloriava-se no fato de que em Cristo Jesus não há bárbaro, cita, servo ou livre, macho nem fêmea (Colossenses 3:11; Gálatas 3:28). Constituía parte vital da sua pregação do evangelho dizer: "Neste assunto da salvação, os homens e as mulheres são iguais, e o homem e a mulher têm igual oportunidade de salvação. Ele se gloriava nisso, e não há ninguém que fale com mais delicadeza nem mais gloriosamente sobre a condição da mulher e de sua glória do que o apóstolo Paulo. Ademais, observem que ele não se limita unicamente a dar-nos uma descrição dos deveres da mulher para com o seu marido; também nos fala sempre dos deveres do marido para com a sua mulher; e demonstra que o conceito do marido cristão sobre a condição da mulher, sobre a mulher em geral e sobre a sua esposa, é mais elevado do que qualquer outra coisa que o mundo jamais conheceu. Ele coloca todas as coisas em seu devido lugar. Ele sempre nos dá os dois lados.

No entanto, fora disso tudo, o apóstolo nunca apresenta estas coisas como sua opinião pessoal; ele sempre retoma a Gênesis e à ordem da criação. Com efeito, diz

ele: não é minha opinião; é o que Deus estabeleceu. A única preocupação do apóstolo é que a verdade de Deus seja conhecida, e que o que Deus ordenou seja posto em prática constantemente. Portanto, a tendência de dizer que isso "não passa de opinião de Paulo", é uma negação das Escrituras. Devemos ver isto com bastante clareza. Se vocês crêem que a Bíblia é a inspirada e infalível Palavra de Deus, não devem falar como o mundo fala sobre o apóstolo Paulo; porque, quando ele escreve, não somente cita as Escrituras mas também escreve como apóstolo inspirado. Quando emite sua opinião pessoal, sempre tem o cuidado de dizê-lo, e se não avisa que é sua opinião

pessoal, o que escreve é Inspirado. Vocês recordam como o apóstolo Pedro diz aos seus leitores que ouçam o apóstolo Paulo. Diz ele que algumas pessoas torcem os argumentos de Paulo e os seus escritos, "e igualmente as outras Escrituras, para a sua própria perdição" (2 Pedro 3:16). O que Paulo escreve é Escritura; assim, os seus críticos não contestam Paulo, contestam a Deus, contestam o Espírito Santo. Ao mesmo tempo, colocam-se a si mesmos na contraditória posição de dizer que crêem na Bíblia somente na medida em que ela não contradiz aquilo em que eles acreditam como criaturas do século vinte. Isso é uma negação da crença na autoridade das Escrituras.

Tendo tratado dessa estulta objeção - e não há nada mais estulto que essa prosa — deixem-me resumir de novo esta doutrina. A mulher, de acordo com este ensino, a esposa, recebe certa posição. Ser sujeita ao seu marido não significa que é escrava dele, não significa que lhe é inferior em tal condição -nem por um momento! Veremos isso com maior clareza ainda quando considerarmos os deveres do esposo para com a esposa. O que ele está dizendo é que a mulher é diferente, que ela é complemento do homem. O que ele proíbe é que a mulher procure ser máscula, isto é, que a mulher procure comportar-se como homem, ou que procure usurpar o lugar, a posição e o poder que foram dados por Deus ao varão. Isso é tudo que ele está dizendo. Não é escravidão; ele está exortando os seus leitores a cumprir o que Deus ordenou. Portanto, a esposa deve alegrar-se com a sua posição. Ela foi feita por Deus para ajudar o homem a agir como representante de Deus neste mundo. Ela deve ser a construtora do lar, a mãe, a auxiliadora do homem, sua consoladora, alguém com quem ele possa falar e de quem possa buscar consolo e estímulo - ela é uma auxiliadora própria para o homem. O homem entende a verdade sobre si mesmo, ela também entende a verdade sobre si mesma e, assim, ela o complementa e lhe assiste; e juntos vivem para a glória de Deus e do Senhor Jesus Cristo.

Uma ilustração pode ser de ajuda neste ponto. A idéia de liderança ou chefia causa tropeço a certas pessoas, porque estas parecem pensar que, necessariamente, isso traz a idéia de uma inferioridade inerente e essencial. Não só isso, porém. Toda esta idéia de chefia do homem, do marido, na relação matrimonial, é comparável de muitas maneiras à relação das tropas com o seu chefe. Um exército ficaria

completamente caótico se cada componente tivesse o direito de decidir o que fazer a cada passo. Como eu já disse, no momento em que um homem se junta às forças armadas, está se sujeitando, está dizendo que vai obedecer às ordens que lhe sejam dadas, não importa o que pense delas; é o que lhe compete fazer. Ele cede o seu direito de comando próprio àquele que é colocado acima dele; e conquanto possa ter suas idéias e opiniões pessoais, agora renuncia a elas; ele se submete e fica em sujeição.

Ou, se preferirem, pensem num grupo de homens de uma equipe jogando futebol ou críquete. A primeira coisa que precisam fazer é nomear um capitão. Não são todos capitães; se fossem, jamais ganhariam uma partida. A primeira coisa que fazem é designar um dentre eles para ser o capitão. Este nem mesmo deve ser o melhor jogador da equipe, mas eles decidem que, de modo geral, ele

tem maior dom de liderança. Assim, eles o colocam na posição de capitão e, tendo feito isso, sujeitam-se a ele. Se deixam de fazê-lo, o caos retoma.

Ou imaginem uma comissão sendo nomeada para considerar dado assunto. São designados alguns homens. A primeira coisa que fazem é nomear um presidente. Naturalmente! Por que? Porque é preciso haver alguma autoridade. Não se poderá fazer transações se não houver uma Presidência à qual dirigir-se, e temos que obedecer ao comando do Presidente. Aqui, de novo, não entra em cena a questão da inferioridade. Simplesmente significa que, para agir eficientemente, é preciso ter um líder. Tomemos uma Câmara dos Comuns recém-formada. A primeira coisa que fazem é indicar um Orador; e o trabalho do Orador consiste justamente em ocupar o assento da Presidência e exercer controle, impor a sua autoridade. De novo, não quer dizer que ele é o maior homem da Câmara dos Comuns, e que todos os demais lhe são inferiores. Não! Em sua sabedoria, e porque nenhuma resolução poderá ser tomada sem isso, eles colocam alguém nesta posição de autoridade. Pois bem, a Bíblia ensina que Deus colocou o homem, o marido, nessa posição . Portanto, diz o apóstolo às esposas: “Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos”, porque o marido foi nomeado chefe.

Mas um argumento maior ainda se acha em 1 Coríntios capítulo 11, onde se nos diz que o homem, o marido, é a cabeça da mulher, que Cristo é a Cabeça do homem e que Deus é a Cabeça de Cristo. Este argumento é incontestável. Em que sentido Deus é a Cabeça de Cristo? A resposta está naquilo que às vezes denominamos Economia da Trindade. O Pai, o Filho e o Espírito Santo são co-iguais e co-etemos. Então, como pode o Pai (Deus) ser a Cabeça de Cristo? Quanto ao propósito da salvação, o Filho subordinou-Se ao Pai, e o Espírito subordinou-Se ao Filho e ao Pai. É uma subordinação voluntária para que a salvação fosse levada a cabo. É essencial para a execução da obra. Disse o Filho: “Eis-me aqui, envia-me”. Foi voluntário. Ele põe de lado este aspecto da igualdade, toma-Se um servo do Seu pai, e o Pai O envia - a

Cabeça de Cristo é Deus (1 Coríntios 11:3). Esse é o modo como Paulo o coloca: "Como a Cabeça de Cristo é Deus, assim Cristo é a Cabeça do homem, e o homem é a cabeça da mulher"; portanto, "Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor".

Essa é a exposição positiva deste tremendo ensino que, somente ele, nos dá um genuíno conceito sobre casamento. Diga-se de passagem, tenho lidado com um argumento, outra vez um argumento estulto, apresentado muitas e muitas vezes. Diz alguém: "Você sabe, isso está completamente errado; conheço muitos casos em que a esposa é uma pessoa muito mais capaz do que o esposo, muito mais talentosa em todos os aspectos. Você está dizendo que uma mulher tão brilhantemente dotada tem que sujeitar-se a seu marido, a um homem que lhe é inteiramente inferior?" Há somente uma resposta para esse argumento: a pessoa que o formula está argumentando contra Deus. Deus não ignora esse casos. O que Deus diz é que, se essa mulher talentosa e brilhante não se sujeitar a seu marido, estará pecando. Sejam quais forem os seus talentos, ela

deve sujeitar-se a seu consorte.

Neste ponto farei dois comentários. Mulher nenhuma, sejam quais forem os seus talentos, tem o direito de sequer pensar em desposar dado indivíduo, se não estiver preparada para lhe ser sujeita. Trata-se de uma sujeição voluntária, como Cristo Se sujeitou e Se subordinou. Ela deve portar-se da mesma maneira e, a menos que esteja preparada para fazê-lo, a menos que esteja convicta de que poderá submeter-se ao homem em vista, não deverá desposá-lo. Se entrar na vida matrimonial com qualquer outra idéia, estará indo contra a vontade de Deus e estará cometendo pecado.

Eis meu segundo comentário: às vezes penso que uma das coisas mais maravilhosas que já tive o privilégio de testemunhar foi um acontecimento do tipo a que estou me referindo. Durante bom número de anos, preguei habitualmente em certa igreja num dos distritos, e depois de pregar costumava passar a noite na residência do ministro e sua esposa. Sempre era muito interessante, pois, desde a minha primeira visita me ficou evidente que, do ponto de vista da habilidade pura e simples, não havia comparação entre o marido e a esposa. Esta era uma mulher excepcionalmente capaz e brilhante. O marido não era destituído de dons, mas estes pertenciam à esfera da personalidade - ele era excepcionalmente gentil, bondoso, humano e cortês. Mas, quanto à pura capacidade intelectual, não havia comparação. De fato, seu histórico acadêmico - ambos tinham formação universitária - tinha comprovado isto. A esposa se graduara numa matéria que bem poucas mulheres assumiam naquela época em particular, e ela fora classificada entre os do primeiro nível. O esposo, que escolhera uma matéria de estudo muito mais fácil, conseguira apenas graduar-se em segundo nível. Digo que não havia como questionar, no que diz respeito à capacidade - sua percepção de questões intelectuais e seu entendimento me

impressionaram, e me ficaram cada vez mais evidentes à medida que os conhecia melhor. Mas o que quero dizer é que não sei se alguma vez vi algo mais maravilhoso que o modo pelo qual aquela mulher sempre colocava o seu marido em sua posição verdadeiramente bíblica. Ela o fazia de maneira muito inteligente e sutil. Ela colocava argumentos na boca dele, mas sempre de tal modo que dava a idéia de que eram dele, e não dela! Há um aspecto divertido nisso, mas estou relatando o fato como uma das coisas mais comoventes e mais tremendas que já experimentei. Ela não era apenas uma mulher capaz, era uma mulher cristã e estava acionando o princípio segundo o qual o marido é a cabeça. Á ele sempre cabia determinar a decisão, embora fosse ela quem lhe fornecia as razões. Ela agia como uma auxiliadora idônea para ele. Ela possuía as qualidades que a ele faltavam; ela o complementava e o suplementava. Mas o marido era o chefe, e os filhos eram sempre encaminhados a ele. Ela velava pela posição do marido.

Permitam-me demonstrar a importância de perceber, captar e compreender este ensino. Por que isso tudo é tão importante, e especialmente hoje em dia? Por que é mais importante eu estar fazendo o que tenho feito, em vez de dar minha opinião sobre política ou sobre algum problema internacional? É porque

a falta de compreensão e de execução deste ensino é a causa da maioria dos problemas do mundo atual. O problema básico do mundo de hoje é problema de autoridade. O caos no mundo se deve ao fato de que, em todas as áreas da vida, as pessoas perderam todo o respeito pela autoridade, quer entre nações ou entre regiões, quer na indústria, quer em casa, quer nas escolas, ou em toda e qualquer parte. A perda da autoridade! E, em minha opinião, tudo começa realmente no lar e na relação matrimonial. Por isso me aventuro a indagar se um estadista cujo casamento se arruinou tem de fato o direito de falar sobre os problemas do mundo. Se ele falha na esfera para a qual lhe foi dada a maior competência, que direito tem de falar sobre as outras? Ele deveria retirar-se da vida pública. O verdadeiro colapso começa em casa, e no relacionamento conjugal.
Estou afirmando que o espantoso aumento do divórcio que vem ocorrendo desde a segunda guerra mundial (disseram-me que no momento está diminundo um pouco, mais opino que isso é apenas temporário e pode ser explicado) é devido a uma única coisa, a saber, que os homens e as mulheres não entendem este ensino escriturístico sobre o casamento e sobre esposos e esposas.

A mesma falta de entendimento é também a explicação da ruína da família e da vida doméstica, de novo tão evidente nos dias atuais. A família está deixando de ser o centro que era. Os membros da família estão sempre fora de casa, nalgum lugar, e freqüêntemente estão fora até alta hora da noite. A vida familiar, com a sua maravilhosa coesão - esta unidade fundamental da vida -está desaparecendo. Encontramos aqui, também, a explicação do desgoverno e da indisciplina existentes entre os filhos e, daí, a principal explicação da delinqüência juvenil. Até pela

estatística se pode provar isso! Os jovens que se tomaram delinqüentes quase invariavelmente são filhos de lares desfeitos, de casamentos desfeitos. Nunca lhes foi dada uma "chance", como dizemos. Eles foram criados numa atmosfera de incerteza, indecisão e conflito, onde a esposa é contra o esposo, e o esposo contra a esposa, e eles se tomam cínicos já em seus tenros anos. Não respeitam pai e mãe, não respeitam nada e ninguém. O lugar onde a criança deveria ter confiança e deveria poder buscar autoridade, liderança e direção, desapareceu; não há mais nada ali e, assim, a pobre criança vem a ser um delinqüente. Ela foi criada nesta atmosfera de conflito entre pai e mãe, marido e mulher.

Na verdade, há outros aspectos desta tendência que me parecem mais sinistros ainda. Não é um fato, cada vez mais presente, que os varões estão abrogando sua posição e se afastando dela, deixando de cumprir os seus deveres como maridos e pais por pura preguiça e egoísmo? Os maridos estão cada vez mais deixando a disciplina da vida doméstica a cargo das esposas, das mães. Eles não podem ser incomodados; chegam em casa cansados do trabalho e pedem a suas esposas que mantenham os filhos longe deles e que respondam às suas perguntas. Acaso não é o que está acontecendo cada vez mais? O marido está deliberadamente deixando vaga a posição em que Deus o colocou. Isso está acontecendo entre cristãos, porém muito mais entre não cristãos. O marido está abandonando a sua posição e, em sua preguiça, a está deixando com a esposa.

Isso está acontecendo atualmente em muitas outras direções também. Tantos cristãos hoje em dia não se ligam à política porque, dizem, a política é um "jogo sujo". Mas que argumento pavoroso! Seu dever de cidadãos da pátria é interessar-se e preocupar-se. Mas, aqui, estamos particularmente interessados no terreno do matrimônio.

Depois, por outro lado, o feminismo tem levado à agressividade da parte da esposa, da mãe. Ela está se posicionando como igual ao pai, e está minando a influência do pai sobre a mente dos filhos. O infeliz resultado é a abordagem totalmente falsa e errônea de toda a questão. Não digo isto com espírito crítico. Estamos vendo isto crescentemente neste país (Inglaterra), mas nem um pouco na extensão com que se vê nos Estados Unidos da América. Ali se vê o que mais ou menos se pode chamar sociedade matriarcal, e o homem está sendo cada vez mais considerado como aquele que fornece dólares, o assalariado, o homem que traz o dinheiro necessário. A mulher, a mãe, é a pessoa que sabe das coisas, é a cabeça do lar, e os filhos olham para ela. Este falso e antibíblico conceito do homem e da mulher, do pai e da mãe, leva a uma sociedade matriarcal que, ao que me parece, é sumamente perigosa. O resultado é, naturalmente, o crescimento do crime e de todos os terríveis problemas sociais com que estão pelejando naquele país. Daí, uma vez que influenciam todos os outros países por meio dos seus filmes e doutras diversas maneiras, esta atitude está se propagando pelo mundo inteiro. Uma sociedade matriarcal, com a mulher

como cabeça e centro do lar, é uma negação do ensino bíblico e, de fato, é uma repetição do antigo pecado de Eva.

O problema está sendo crescentemente reconhecido. Por isso foram constituídos os Conselhos de Orientação Matrimonial e outras organizações semelhantes. Entretanto - que pena! - geralmente focalizam os problemas em termos da psicologia. Todavia, se vocês examinarem a vida conjugal de muitos desses psicólogos, levarão um choque. Estas pessoas que dão conselhos sobre como adentrar o estado matrimonial, e como preservar e manter o casamento, não conseguem aplicar o ensino aos seus próprios casamentos. Naturalmente, não conseguem! Não é questão de psicologia. O que é preciso não é apenas um pouco de bom senso, prudência e espírito de camaradagem, e de dar e receber. Os homens e as mulheres sabem tudo sobre isso, e sempre souberam; mas não conseguem praticá-lo. Não, há somente uma esperança. Enquanto Deus não for aceito como a Autoridade, e o homem e a mulher não se submeterem a Ele, enquanto não fizerem todas as coisas "como ao Senhor", e não puserem em ação a mesma espécie de chefia que Deus exerce sobre Cristo, e Cristo sobre o homem, não haverá esperança. É na medida em que os homens e as mulheres nestes últimos cem anos têm-se apartado crescentemente da autoridade da Bíblia, que este terrível mal social, este problema social terrível, se evidencia cada vez mais. Sei que me dirão: "É óbvio que você quer retomar àquele tipo de marido e pai vitoriano, severo, repressivo e autoritário". Isso está completamente errado! Bem sei que grande parte do problema moderno se deve a uma reação contra a mentalidade vitoriana, e eu também condeno a mentalidade

vitoriana como condeno a situação atual. Devemos retomar à Bíblia. Não defendo um retomo à idéia vitoriana. O que digo é: voltem para Deus, voltem para Cristo, voltem para a revelação presente na fidedigna Palavra de Deus. Observem de novo o Seu plano perfeito - o homem e, ao seu lado, a mulher completando-o, sua auxialidora apropriada, idônea; amando-se um ao outro, acatando-se, respeitando-se, honrando-se um ao outro, mas nunca confundindo as duas esferas.

Que Deus, por Sua graça, nos capacite não somente a enxergar o ensino, mas também a sujeitar-nos ao ensino e, com isso, a honrar e glorificar o nome do bendito Senhor. "Como ao Senhor".

A ANALOGIA DO CORPO Efésios 5:22-24

Retomamos a esta proposição porque até aqui só pudemos examinar detalhadamente um dos seus aspectos. O apóstolo nos dá dois grandes motivos particulares pelos quais as esposas devem sujeitar-se a seus maridos. Já consideramos o primeiro deles, segundo o qual esta questão pertence à ordem da natureza. Diz ele: "Porque o marido é a cabeça da mulher"; Deus ordenou isto quando fez o homem e a mulher no princípio; e vimos como o Novo Testamento não só confirma isso, mas

constantemente retoma a essa ordenança original de Deus. Portanto, aqui estamos lidando com algo básico, fundamental para toda a vida do homem na terra, e para o seu bem-estar.

Ora, nisso tudo ainda não dissemos nada de peculiar e especificamente cristão. Que se trata de ensino do Velho Testamento, todos devem reconhecer, sejam cristãos ou não. Isto é uma ordenação de Deus com relação à integrali-dade da vida. Assim como reconhecemos a família, devemos reconhecer isto. O Deus que ordenou a família, ordenou o casamento; o Deus que ordenou o estado, ordenou o casamento; e assim como devemos sujeitar-nos ao estado, devemos dar ouvidos a esta fundamental ordenação de Deus quanto às posições relativas dos esposos e das esposas, e ao relacionamento que deve substituir entre eles. Pois bem, até aqui tudo isso é geral. O fato de sermos cristãos não significa que não temos necessidade do Velho Testamento. Ele continua sendo um alicerce; edificamos sobre ele; é por isso que o apóstolo o coloca em primeiro lugar.

Mas agora ele passa ao seu segundo motivo, peculiarmente cristão: "O marido é a cabeça da mulher". Em seguida vem o acréscimo cristão: "como também Cristo é a cabeça da igreja". Isto nos leva mais adiante; não elimina o primeiro, mas lhe acrescenta algo, e na verdade nos ajuda a entender o primeiro. É isso que a fé cristã faz com relação à vida, em todos os seus aspectos. Só o cristão pode apreciar realmente a vida em geral neste mundo. Quero dizer que, em última análise, somente o cristão pode realmente desfrutar a natureza. O cristão vê a natureza de maneira diferente do homem do mundo. Há uma novidade aqui. Ele não vê apenas a coisa em si; vê o grande Criador e a maravilha dos Seus métodos, a variedade, a cor, a beleza. Noutras palavras, ser um cristão significa que toda a perspectiva da vida é enriquecida. Não importa qual seja, todo e qualquer dom que o homem possua e que manifeste, só poderá ser verdadeiramente apreciado pelo cristão. Ele enxerga com maior profundidade, tem entendimento mais completo. Isto é, a mensagem cristã não apenas

acrescenta algo ao que já tínhamos, mas enriquece o que tínhamos e nos dá um discernimento mais profundo disso. Aqui veremos que este acréscimo especi-ficamente cristão não somente nos ajuda a compreender a ordem da natureza já estabelecida, mas, além e acima disso, acrescenta uma nova qualidade, outro aspecto, por assim dizer, outra ênfase a toda a questão.

Eis a proposição: "o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja: sendo ele próprio o salvador do corpo". O que estamos vendo aqui é uma coisa que só o cristão pode entender; ninguém mais. A pessoa que não crê no Senhor Jesus Cristo e não conhece o caminho da salvação, obviamente não pode entender o que as Escrituras querem dizer quando afirmam: "Cristo é a cabeça do corpo, que é a igreja". Não tem sentido para ela; não entende absolutamente nada disso. Portanto,

tal pessoa não pode compreender este conceito especificamente cristão do casamento. Esta é uma dedução da doutrina cristã da Igreja; portanto, se a pessoa não entender a doutrina cristã da Igreja, segundo o apóstolo ela não poderá entender totalmente o conceito cristão do casamento.

Isto logo nos leva a tirar certas conclusões. A primeira é que, obviamente, jamais o cristão deve casar-se com pessoa não cristã. Lemos na Segunda Epístola aos Coríntios: "não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis" (2 Coríntios 6:14). Indubitavelmente nós temos aí uma referência a esta questão do casamento. Se precisávamos de uma razão para aceitar a exortação em foco, temo-la aqui. Se crente se casa com não crente, a situação resultante será que um dos cônjuges terá este elevado conceito cristão do matrimônio, ao passo que o outro o ignorará completamente. Já haverá um defeito no casamento. Não serão os dois um só; não estarão entrando no novo estado da mesma maneira; já haverá uma divisão. Já haverá uma semente de discórdia, como o apóstolo o demonstra naquela mesma proposição de 2 Coríntios capítulo 6.

A segunda dedução que tiro é que um serviço cristão em conexão com o casamento só é apropriado para cristãos. Este é um tema amplo, e faz parte do tema da disciplina da Igreja cristã. A situação tomou-se caótica, e às pessoas que ignoram totalmente o cristianismo é oferecida uma cerimônia nupcial religiosa cristã na qual é lida esta proposição apostólica sobre o marido como cabeça da esposa "como Cristo é a cabeça da igreja". Isto não significa absolutamente nada para elas. Deduzo, pois, que não se deve fazer isso. Não devemos ensinar alta doutrina cristã aos não cristãos; a estes devemos pregar tão somente o arrependimento e a necessidade da fé. Eles não têm a menor possibilidade de entender a doutrina concernente ao matrimônio. A pessoa tem que estar na vida cristã antes de poder entendê-la. Portanto, eu argumento no sentido de que uma cerimônia nupcial cristã deve ser reservada única e exclusivamente para cristãos. Realizá-la para outros é fazer dela uma farsa.

Em terceiro lugar, deduzo que tal cerimônia é apropriada e correta, e deve ser admitida e dirigida quando os que se casam são cristãos. O que quero dizer é isto: alguns dos puritanos, há 300 anos, em sua violenta reação contra o catolicismo romano, decidiram que não deveria haver nenhum serviço religioso

relacionado com o casamento. O casamento, diziam eles, não passa de um contrato legal. Pois bem, podemos muito bem entender sua reação, e esta conta com a nossa simpatia. A igreja romana ensinara (e ensina) a falsa e antibíblica idéia de que o matrimônio é sacramento, pelo que os puritanos achavam que deviam afastar-se tão longe quanto pudessem dessa idéia. Daí, não quiseram ter nenhum tipo de cerimônia religiosa. Mas, certamente, à luz do ensino do apóstolo aqui, isso foi um erro completo! A reação foi demasiado violenta; foi tão violenta que se tornou

antibíblica. Há aspectos do casamento que requerem um serviço religioso - o ensino e o entendimento desta porção particular das Escrituras, e outros pontos. E como o ensino é que o matrimônio é uma coisa comparável à união mística entre Cristo e Sua Igreja, digo que é boa ocasião para culto e para uma cerimônia verdadeiramente cristã. O casamento não é apenas um contrato legal, e devemos ter todo o cuidado, como estive assinalando, de não permitir que pessoas cujo pensamento é errôneo governem o nosso pensamento e a nossa conduta. O cristão jamais deve ser apenas uma reação contra alguma coisa; ele deve ser positivo, deve ser bíblico. Mas há aqueles que, em sua aversão ao catolicismo romano, vão tão longe para o outro lado que acabam negando as próprias Escrituras que dizem defender.

Contudo, permitem-me asseverar que, embora o conceito cristão do casamento sugira aquelas três coisas, não ensina aqui, nem em nenhum outro lugar, como os católicos romanos ensinam, que o matrimônio é um sacramento. Não há nenhum ensino, em parte alguma da Bíblia, que dê apoio a essa idéia. Desafio quem quer que seja a mostrar uma passagem das Escrituras que o faça. O matrimônio não é sacramento. Então, qual é o ensino? É aquele que é dado aqui, a saber, esta idéia da união mística. A relação entre marido e mulher, e entre mulher e marido, é comparável à relação entre Cristo e a Igreja, e a Igreja e Cristo. Para nosso conforto, o apóstolo diz mais tarde: “Grande é este mistério!” A relação entre Cristo e a Igreja é um mistério. É um fato, mas é um grande mistério - esta união mística entre a Igrej a e Cristo, e o crente individual e Cristo. Mas, sendo um fato, devemos procurar entendê-lo cada vez mais. Paulo afirma que a relação entre marido e esposa, e esposa e marido, é comparável a esse fato. Pertence a essa ordem, e essa é a maneira pela qual devemos começar a pensar nela. Aqui somos introduzidos na esfera desta alta doutrina concernente à Igreja cristã.

O apóstolo, com sua mente lógica, sabe que não deve haver dificuldade sobre isso nas mentes destes efésios, porque já os ensinara sobre essa mesma doutrina. Ele o fizera no capítulo primeiro da epístola, onde, no fim, ele ora no sentido de que eles conheçam “a sobreexcelente grandeza do seu poder” — do poder de Deus para com eles. Explica que se trata do poder que Deus “manifestou em Cristo, ressuscitando-o dos mortos... E sujeitou todas as coisas a seus pés, e sobre todas as coisas o constituiu como cabeça da igreja, que çe o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos”. Lá Paulo os introduzira na doutrina da Igreja; aqui ele a está aplicando. Quem corre para o fim da epístola sem ler o começo, sempre erra. O que temos aqui são deduções.

Ele fizera a mesma coisa de novo, e acrescentara um pouco mais à definição, no capítulo 4, versículos 15 e 16, onde lemos: “Antes, seguindo a verdade em caridade, cresçamos em tudo naquel que é a cabeça, Cristo, do qual todo o corpo, bem ajustado, e ligado pelo auxílio de todas as junta, segundo a justa operação de ele extrai esse ensino para que eles possam compreender a verdadeira natureza do

casamento cristão.

Qual é o ponto? É essencialmente este : ele está salientado a união orgânica, a união vital, a relação íntima. Ele se referira a "ligações de suprimento" (lit., grego) no capítulo 4:16, àquelas "bainhas", por assim dizer, os nervos e as artérias que levam alimento da cabeça, do centro, a todos as partes do corpo. Essa é uma maneira de ressaltar esta união orgânica e vital que existe entre um esposo e sua esposa. É uma só vida, e uma só vida da mesma maneira que a vida da Igreja em sua relação com a Cabeça, que é Cristo. Aqui, naturalmente, o apóstolo está particularmente interessado num aspecto disso tudo, no aspecto da dependência: "Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor; porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja". Ele está tratando deste aspecto de dependência e submissão, e introduz mais este elemento para que tenhamos um claro entendimento de como ele entra, e porque inevitavelmente entra na composição do assunto. Mais adiante ele irá tratar do outro lado da questão, do marido com respeito à esposa.

Ao considerarmos esta grande afirmação, somos logo confrontados por um problema. Vejamo-la de novo: "Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja: sendo ele próprio o salvador do corpo". O problema que tanto ocupa a atenção dos comentadores, e com razão, é este: por que o apóstolo acrescenta esta outra afirmação? Por que não diz: o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da Igreja... Portanto, como a Igreja é sujeita a Cristo, assim as esposas sejam em tudo sujeitas a seus maridos? Por que será que ele acrescentou: "sendo ele próprio o salvador do corpo"? Há aqueles - e constituem a maioria, incluindo até grandes nomes como, por exemplo, Charles Hodge - que não hesitam em dizer, neste ponto, que este é um acréscimo puramente independente, e que a referência do apóstolo, quando diz, "sendo ele próprio o salvador do corpo", é, evidentemente, que o Senhor Jesus Cristo é o Salvador da Igreja. Dizem eles, ainda, que isso nada tem que ver com o marido. Então, por que Paulo o diz? Bem, dizem eles, Paulo disse isso por esta razão: ele se incumbira de declarar que o marido é a cabeça da mulher, como Cristo é a cabeça da Igreja, e a simples menção do nome de Cristo o leva a bradar: "e ele é o salvador do corpo". Isso nada tem que ver com aquilo sobre o que ele está argumentando no momento, mas a simples menção do nome de Cristo o leva a dizer esta coisa maravilhosa. Portanto, eles argumentam que esta é uma frase independente, e que não se aplica ao relacionamento do marido com sua esposa.

Estes são os seus argumentos. Indagam: você pode afirmar que o marido é o salvador da sua mulher como Cristo é o Salvador da Igreja? Isso, dizem eles,

é um absurdo. Cristo, sabemos, morreu pela Igreja. Ele nos salva por Sua morte expiatória e por Sua ressurreição; mas não se pode dizer isso a respeito de nenhuma

outra relação. É absolutamente única, a relação redentora de Cristo conosco. O apóstolo foi apenas levado pela intensidade do seu sentimento, e colocou esta frase independente, que não tem nada a ver com a relação marido/ mulher.

Que diremos sobre isso? Temos que conceder, naturalmente, que, se lermos uma afirmação como a que estamos focalizando, superficialmente, e sem examiná-la cuidadosamente, teremos que concordar com isso. Não há por que argumentar a respeito. Cristo, como o Salvador da Igreja, é o único, e é óbvio que isso nào se aplica ao marido.

Mas a argumentação deles não se restringe a isso. Eles têm outro argumento, a que atribuem grande importância. Baseia-se na palavra traduzida por "portanto" (Authorized Version), no início do versículo 24.0 versículo diz: "*Portanto*, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seus maridos". Eis o ponto que defendem aqui: dizem eles que a tradução "portanto" é completamente errada; e, de fato, têm razão nisso. Mas, então, eles vão adiante e afirmam que a tradução deveria ser, "não obstante". É uma expressão de contraste, e sempre apresenta um contraste. Daí, afirma que deveríamos ler a frase deste modo, ou de modo semelhante a este: "Pois o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, e ele é o Salvador do corpo". "Não obstante" - embora isso não seja verdade quanto ao marido, com respeito à esposa, apesar disso - "as mulheres sejam em tudo sujeitas a seus maridos". Daí acham que o caso é incontestável; que, noutras palavras, o apóstolo diz: "Ora, quando digo que Ele é o Salvador do corpo, esqueci por um momento a minha analogia da relação de Cristo e a Igreja, e a do marido e sua esposa - "Não obstante" - apesar disso, embora não seja verdade na esfera do marido e sua esposa, as mulheres devem sujeitar-se a seus maridos, assim como a Igreja é sujeita a Cristo".

No meu modo de ver, há uma resposta adequada a toda esta argumentação. Em primeiro lugar, ela limita o sentido da palavra "salvador". Este vocábulo nem sempre tem o sentido de entregar Cristo Sua vida pela Igreja, com Seu sangue derramado. Este é o sentido comum (no linguajar cristão), mas não é o único; existe um sentido mais amplo do temor "salvador". Há um exemplo disto na Primeira Epístola a Timóteo, capítulo 4, versículo 10: "Porque", diz o apóstolo, "para isto trabalhamos e lutamos, pois esperamos no Deus vivo, que é o salvador de todos os homens, principalmente dos fiéis". Ora, é essa mesma palavra que é empregada aqui, sobre "o salvador do corpo". Lá se nos diz que Deus, o Deus vivo, é o salvador de todos os homens, principalmente dos fiéis. Vocês não podem dizer que isto significa que todos os homens gozam a salvação num sentido espiritual, porque, nesse caso, vocês seriam universalistas. Naturalmente, não podem! Pois bem, então, significa que lá a palavra "salvador" tem outra significação. Quer dizer "preservador" - aquele que olha por, que cuida de. Ele é o Preservador de todos os homens, principalmente dos que crêem.

Lembra-nos o Senhor que Deus "faz que o seu sol se levante sobre maus e bons, e a chuva desça sobre justos e injustos" (Mateus 5:45); sim, Ele dá alimento a todos. É neste sentido que Ele é o salvador de todos os homens. Assim, por que não atribuir esse sentido à palavra "salvador" aqui? Ele é Aquele que cuida do corpo e o protege. Essa é a réplica que vocês podem apresentar contra o citado argumento.

Mas eu tenho ainda outras razões para rejeitar a exposição que limita esta pequena frase unicamente ao Senhor Jesus Cristo e Sua obra salvadora. Minha segunda razão é a seguinte; meu argumento é que os versículos 28 e 29, que vêm em seguida, militam em prol da nossa interpretação desta frase como se aplicando ao marido e à esposa, como também a Cristo e à Igreja. Paulo diz: "Assim devem os maridos amar a suas próprias mulheres, como a seus próprios corpos. Quem ama a sua mulher, ama-se a si mesmo. Porque nunca ninguém aborreceu a sua própria carne". Bem, que faz ele? "Antes a alimenta e sustenta" - sim, age como seu salvador, cuida dela, preserva-a. "Porque nunca ninguém aborreceu a sua própria carne; antes a alimenta e sustenta, como também o Senhor à igreja", que é o Seu corpo - etc. Diz ele que o marido deve tratar sua esposa como sua própria carne, seu próprio corpo. Ele não negligencia o seu corpo, mas o alimenta e o sustenta. Noutras palavras, ele é "o salvador do corpo". Quão importante é tomar o versículo sempre em seu contexto! Mesmo os intérpretes famosos podem cair neste ponto. Eu argumento que esses dois versículos propugnam esta outra interpretação aqui, e que esta não é uma frase isolada e independente, só válida com referência ao Senhor Jesus Cristo. Paulo ainda está falando sobre esposos e esposas: "Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja: sendo ele próprio o salvador do corpo". Isto é verdadeiro em ambos os casos.

Mas, que dizer da palavra traduzida "portanto", no princípio do versículo 24? Pois bem, é realmente interessante. Dei-me ao trabalho de consultar alguns dos melhores dicionários sobre esse ponto. É uma palavra grega, "alia", e vejo que não é necessário traduzi-la sempre como uma espécie de antítese a alguma coisa oposta ou em contraste. Vejam, por exemplo, o Greek/English Lexicon of the New Testament (edição de 1952), de Amdt e Gingrich, um dos melhores e mais bem credenciados. Os autores realmente dizem que o termo significa "agora" ou "então". Cito-os a seguir. Dizem eles: "Emprega-se para fortalecer o mandado"; não para significar contraste ou diferença, mas para fortalecer a ordem que ele está dando, E eles de fato usam Efésios 5:24 como uma ilustração deste emprego particular da palavra. Grimm-Thayer dá uma explicação semelhante.

Portanto, julgo que, com base em todos esses pontos, devemos rejeitar a interpretação que diz que esta é uma frase independente, e que se refere unicamente ao Senhor. Na verdade, por assim dizer, seria completamente sem propósito neste ponto; seria uma confusão. O apóstolo não é dado a fazer esse tipo de coisa. Assim, o que lemos é, pois, que "o marido é a cabeça da mulher,

como também Cristo é a cabeça da igreja: sendo ele próprio o salvador do corpo". Então - "assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seus maridos."

Qual é, então, a doutrina? Evidentemente é esta: a esposa é guardada, preservada, velada, defendida e sustentada pelo seu esposo. Essa é a relação -como Cristo alimenta e sustenta a Igreja, assim o esposo alimenta e sustenta sua esposa - e a esposa deve compreender que essa é a sua posição neste relacionamento. O marido é o preservador, o salvador do corpo. A esposa deve começar com esta idéia, e deve agir sempre à luz disso.

Mas podemos ir além. Qual a relação do corpo com a cabeça? O que é verdade sobre a Igreja em relação a Cristo, é verdade sobre a esposa em relação ao esposo. Tomemos a ilustração que Paulo usa aqui e nos exemplos que dei anteriormente sobre a Igreja como o corpo de Cristo, tais como os de 1 Coríntios, capítulo 12, e Romanos, capítulo 12. Qual é o ensino? A esposa é para o esposo o que o corpo é para a cabeça, o que a Igreja é para Cristo. É de novo a idéia de "complemento". O essencial no conceito cristão do matrimônio é esta idéia de integralidade, de inteireza. Encontramo-la em Gênesis, capítulo 2 -"adjuntora que esteja como diante dele" ("adjuntora própria para ele"), tirada de Adão, parte dele; sim, mas complementando-o, compondo uma integralidade. Essa é precisamente a idéia que você tem inevitavelmente quando pensa no seu cotpo, no corpo como um todo. O corpo não é uma coleção de partes, não é um certo número de dedos, mãos e pés grudados uns nos outros, e de membros vagamente interligados. Essa noção do corpo é completamente falsa. O corpo é uma unidade orgânica, vital; é uno; é um todo. Pois bem, essa é a idéia que temos aqui. O marido e sua mulher não são separados, não são como dois reinos que mantêm relações diplomáticas, mas sempre em estado de tensão, e sempre correndo o risco de entrar em conflito. Esse é o exato oposto do conceito cristão daquilo que o casamento realmente é. Cristo e a Igreja são um, como o corpo e a cabeça são um. Mas este ideal coaduna-se com diferentes funções; e é isso que devemos entender - funções diferentes, propósitos diferentes, deveres especiais que somente cada parte pode cumprir. Mas é vital lembrar-nos de que cada parte é parte de um todo, e que todas as ações separadas são parte integrante de uma ação unificada que leva a um resultado incorporado.

Permitam-me desenvolver isto, irmãos, um pouco mais minuciosamente com o fim de esclarecer esta questão do estado e relação matrimonial. Como isto é importante! Já dei algumas razões disso. Creio que muita irreligiosidade dos dias atuais é, em parte, uma reação contra aquele tipo de vida vitoriana na qual muitos maridos e esposas pareciam ser grandes cristãos, porém dos quais o povo dizia: "Se vocês os conhecessem em sua vida privada!" Nada causa maior dano ao cristianismo do que a pessoa não ser a mesma coisa na igreja e no lar, ou na rua e no escritório. E no lar que se conhece realmente um homem. Quais são as relações ali? Por essa razão estas

coisas são importantes, não somente pelo que são em si mesmas, mas como parte do nosso testemunho geral como cristãos.

Então, que é que isto nos ensina sobre o relacionamento entre a esposa e

o esposo nesta questão de sujeitar-se? Parece claro que não ensina uma pura e simples passividade; a esposa não deve ser inteiramente passiva. E uma interpretação errônea desta convivência dizer que a esposa nunca deve falar, nunca deve dar opinião, mas deve ficar muda ou calada e completamente passiva. Isso é forçar uma analogia e ilustração a ponto de deixá-la sem sentido. Mas o que significa é isto: a esposa jamais deve tomar-se culpada de ação independente. A analogia do corpo e da cabeça reforça isso. O que compete ao meu corpo não é agir independentemente de mim. Eu é que resolvo agir com minha mente, meu cérebro e minha vontade. Meu corpo é o meio pelo qual eu o expresso. Se o meu corpo se puser a agir isoladamente de mim, ficarei sofrendo de uma espécie de "convulsão". E isto exatamente o que significa "convulsão": partes do corpo se movem de maneira irracional. Não é uma ação feita com algum propósito; ele não quer que elas ajam, mas não pode detê-las; agem independentemente da sua mente e da sua vontade. Isso é caos, é convulsão. Aqui está a analogia: "Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos; sede em tudo sujeitas e obedientes a vossos maridos". Por quê? Porque como esposa, e neste relacionamento, você não age independentemente do seu marido. Se o fizer, será o caos será a convulsão.

Ou permitam-me subdividir o ponto ainda mais. A esposa não deve agir antes do marido. O ensino todo indica que ele é a cabeça, é ele que exerce o controle definitivo. Assim, ela não somente não age independentemente dele; não age antes dele. Todavia, deixem-me salientar isso também: assim como é certo dizer que ela não deve agir antes dele, é igualmente certo dizer que ela não precisa retardar a ação, não deve "fazer cera", não deve recusar-se a agir. Voltemos à analogia do corpo. Pensemos em alguém que sofreu um derrame. Esta pessoa quer agir, mas o membro está paralisado, de modo que ele não consegue. Embora a pessoa esteja querendo movimento, este não ocorre - o braço não está bem, resiste ao movimento. Esta é uma parte do ensino; a sujeição envolve a idéia de que a mulher não agirá antes do seu marido, nem tampouco retardará nem impedirá a ação, não paralisará a ação. Estes pontos são vitais em todo este relacionamento matrimonial; e é porque as pessoas não percebem e não sabem estas coisas que o casamento está decaindo por toda parte ao redor de nós. Independência, agir antes, não agir, "fazer cera", recusar-se, é tudo errado; e tudo isso porque os homens e as mulheres não entendem este conceito cristão do casamento.

Podemos resumi-lo assim: o ensino é que a iniciativa e a liderança cabem em última instância ao marido, mas a ação deve ser sempre coordenada. É esse o sentido dessa

figura - ação coordenada, mas a cabeça execendo a liderança. Isto não sugere nenhum sentimento de inferioridade. A esposa não é inferior ao seu marido; é diferente. Ela tem a sua própria e peculiar posição, cheia de honra e respeito. Por isso, depois, o homem recebe a incumbência de alimentar e sustentar sua esposa, amá-la e cuidar dela, respeitá-la e honrá-la. Isto não envolve inferioridade. O que Paulo está ensinando é que toda mulher cristã que compreender tudo isso, gostará de agradar seu marido, ser-lhe benéfica, auxiliá-

Io, assessorá-lo, habilitá-lo a exercer as suas funções. Não estará fingindo quando prometer "obedecer" (ou "ser submissa") durante a cerimônia nupcial. Que coisa triste! - recentemente um amigo me contou que um clérigo que ia ministrar numa cerimônia matrimonial dissera que não ia usar a expressão "e obedecer". Achava que estava sendo moderno, que com isso atrairia "os homens da rua" - mostrando que, afinal de contas, o cristianismo não é estreito! Ele não percebeu que estava rejeitando a doutrina bíblica. E quão completamente incoerente tais pessoas são! Suponho que um homem como esse, se estivesse num jogo de futebol, se gabaria do espírito de equipe. Embora estejam jogando individualmente e todos tenham habilidade, os jogadores dão de si dizendo que só um deles é o capitão. Cada um deles diz: "Não sou o capitão, eu me submeto ao capitão". Isso é maravilhoso, é o espírito de equipe; cada jogador obedece ao capitão. Mas vocês não diriam isso com relação ao casamento! Isso é depreciativo para a mulher, é antiquado, é Paulo, é o fariseu duro, isso é legalismo, é o Velho Testamento! Entretanto, isso nega a doutrina toda, e é até incoerente em sua pseudo-modemidade. A esposa cristã, compreendendo estas coisas, quer dizer, "e obedecer-lhe" ("e ser-lhe submissa"), "amá-lo, cuidar dele e obedecer-lhe". Naturalmente! Por que está se casando? Não seria para constituir "uma só carne", uma integralidade? Não seria para partilhar esta ação coordenada, esta inteireza, que deve ser demonstrada ao mundo? Isso não é escravidão; é viver como a Igreja vive com relação ao seu Senhor; isso manifesta o espírito essencial do cristianismo.

Mas, deixem-me dizer uma palavra final. Observaram que o fim da exortação é, "De sorte que (então, agora então), assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seus marido"? "Em tudo"! Realmente seria isso que significa? Aqui respondemos de novo em termos da analogia das Escrituras em sua inteireza. Quando as Escrituras fazem uma ampla e geral afirmação como essa, sempre esperam que a interpretemos à luz do seu próprio ensino. Assim, quando lemos aqui a afirmação de que a esposa deve ser sujeita a seu marido em tudo, eqüivale exatamente a dizer que o cristão deve ser sujeito ao Estado, aos poderes que existem, como em Romanos capítulo 13 e noutros lugares. Significaria então, que a esposa terá que fazer literalmente tudo que o seu marido lhe disser que faça, em todas as circunstâncias e condições? Claro que não! Isso seria declarar ridículas as Escrituras. Há condições aqui. Quais? Eis uma delas: uma regra fundamental das Escrituras é que ninguém, homem ou mulher, jamais deve agir contra

a própria consciência. Dentro da relação conjugal, dentro dos termos do casamento, o marido não tem direito de mandar na consciência da sua esposa.

Aqui poderíamos citar um bom número de casos deveras interessantes. Às vezes há muita confusão entre obedecer à consciência e manter uma opinião. Não são a mesma coisa. As Escrituras nos exortam a obedecer à consciência em todas as circunstâncias; isso porém não é a mesma coisa que ficar agarrado à própria opinião. Deixem-me dar uma ilustração disto. Da leitura do livro do Dr. John Macleod sobre a teologia escocesa, lembro-me de um caso muito interessante que ensina justamente este ponto. Havia uma discussão na Escócia, no século dezoito, sobre a relação do cristão com o governo local, e uma parte da

igreja dividiu-se em duas seções, conhecidas como as seções "Cidadão" e "Anticidadão" ("Burgher" e "anti-Burgher"). Foi tema de grande controvérsia. Havia um ministro, de nome James Scott, cuja esposa era verdadeiramente notável. Seu nome era Alison. Era filha daquele extraordinário homem, Ebenezer Erskine [1], um dos fundadores da Secessão, na Escócia. Alison tinha personalidade forte e era esposa de um homem competente. Scott e sua esposa discordaram nesse ponto - ele fazendo parte do partido "Anticidadão" e ela do partido "Cidadão". Surgiram muitas situações difíceis, e o Sr. Scott participou de uma reunião sinodal que de fato censurou e depôs o pai, o tio e cunhado de sua esposa - ato deveras corajoso da parte dele. Depois disso feito, teve que ir para casa e contar à esposa o que fizera. Em reposta, Alison Scott fez esta famosa declaração: "James Scott, você continua sendo o meu marido, mas não é mais o meu pastor". E também pôs isso em prática, pois que todo domingo ia a uma das igrejas do partido "Cidadão", e não à igreja na qual o seu marido dirigia o culto e pregava. Que é que vocês fariam com um caso como esse? Eu não hesito em dizer que Alison Scott estava inteiramente errada, porque estava pondo a opinião acima da consciência. Certamente aí está um exemplo em que, por todos os motivos, ela devia ter-se sujeitado à liderança e à direção do seu marido. Não teria violado sua consciência; era pura questão de opinião. Digo e repito que nunca devemos cometer o engano de confundir consciência com opinião. A mulher pode dar opinião, mas quando vê que o seu marido está determinado, deve cumprir a decisão dele.

Permitam-me dar outra ilustração para contrabalançar a que acabei de contar. Uma das mais extraordinárias e comoventes experiências que tive desde que sou pastor da Capela de Westminster, deu-se há uns dezoito meses, se bem me lembro. Eu estava pregando à noite, no primeiro domingo após o meu regresso das férias de verão; o texto era, "Somos embaixadores da parte de Cristo" (2 Coríntios 5.20). Dei ênfase ao aspecto da vocação do embaixador, e assim por diante. Saí do púlpito para o meu gabinete, e logo me foi conduzida uma mulher que evidentemente estava muito agitada. Disse-me que o sermão tinha sido pregado para ela. Fazia uns dez anos que se casara. O marido sentiu que estava sendo chamado para o ministério e renunciou a

seu cargo de professor numa escola. Ela não concordou, de jeito nenhum. Fez tudo que pôde para impedir seu marido, mas este continuou convicto e foi avante em seu propósito, passando a haver uma grave crise em sua vida conjugal. Contudo, durante o culto aquela mulher ficou profundamente convicta sobre a questão, e me procurou para confessar isto e dizer-me que ia correr para o telefone mais próximo e telefonar ao marido, que estava na região oeste do país para submeter-se, no domingo subseqüente, a um exame para entrar no ministério. Ela viu que estivera errada em fincar o pé em sua opinião e, deste modo, opor-

se ao próposito de Deus para a vida do marido. Não era consciência; era insistência numa opinião. Digo que jamais devemos violar a consciência, mas também digo que devemos estar prontos a submeter-nos nas questões de opinião. A posição da mulher na relação matrimonial não deve ser pressionada a ponto de levá-la a ir contra a sua consciência; tampouco deve ela permitir que o seu marido a leve a cometer pecado. Se o marido estiver tentando fazer que a esposa cometa pecado, ela deverá dizer. "Não!" Não dizer isso é tomar as Escrituras ridículas. Se o marido perdesse o equilíbrio mental e se tomasse insano, evidentemente ela não lhe obedeceria em tudo. As Escrituras nunca são ridículas; as Escrituras trazem em seu conteúdo o seu sentido; e aí estão estes limites inevitáveis.

O quarto ponto que defendo é que a esposa não deve sujeitar-se a seu marido a ponto de deixá-lo interferir em sua relação com Deus e com o Senhor Jesus Cristo. Até este limite ela deve fazer tudo, mas isso não!

Finalmente, o adultério rompe o relacionamento conjugal; e se o marido se fizer culpado de adultério, a esposa não estará mais obrigada a prestar-lhe obediência em tudo. Poderá divorciar-se dele; as Escrituras lhe permitem agir assim. Terá o direito de fazê-lo porque o adultério rompe a unidade, rompe o relacionamento. Estarão separados daí em diante, e deixarão de ser um só. Ele terá rompido a unidade, desfazendo-se da união. Portanto, não devemos interpretar esta porção das Escrituras como se ensinasse que a mulher está irrevogável e inevitalmente presa a um marido adúltero pelo resto da sua vida. Ela pode resolver que sim - cabe a ela decidir. Tudo que estou dizendo é que esta passagem bíblica não manda isso, não o toma inevitável. Noutras palavras, há certos limites para estas questões.

Aí estão, pois, como as vejo, as principais deduções desta ilustração maravilhosa. A grande verdade salientada é que a esposa deve ir até os últimos limites da sujeição ao seu marido, por amor a Cristo e pelas razões dadas, sob pena de violar os princípios que acabamos de formular. À esposa que acaso esteja em dificuldades nesta questão, tomo a liberdade de sugerir certos auxílios práticos. Se você está em dificuldade, faça a si mesma as seguintes perguntas: por que me casei com este homem? O que aconteceu? Isso não poderia ser reparado? Procure recuperar aquele

objetivo, no espírito de Cristo e do evangelho. “Ah, mas é impossível”, você dirá, “não conseguirei”. Bem, então digo-lhe: como cristã tenha pena do homem, ore por ele. Ponha em prática o ensino do apóstolo Pedro, em sua primeira epístola, capítulo 3, onde ele diz claramente às esposas que sejam sujeitas a seus maridos, e não somente aos que são cristãos: “Vós, mulheres, sede sujeitas aos vossos próprios maridos; para que também, se alguns não obedecem à palavra, pelo porte de suas mulheres sejam ganhos sem palavra; considerando a vossa vida casta, em temor”. Tente pôr isso em prática; procure ganhar seu marido com humildade e mansidão. “O enfeite delas não seja o exterior, no frisado dos cabelos, no uso de jóias de ouro, na compostura de vestidos; mas o homem encoberto no coração; no incorruptível trajo de um espírito manso e quieto, que é preciso diante de Deus.” Faça

tudo que puder, vá até aos limites, vá além dos limites mínimos estabelecidos por estes princípios. E, finalmente, faça a si mesma esta pergunta: poderei sin-ceramente comparecer, com minha atual atitude e condição, perante o Senhor que, apesar de mim, da minha vileza e da minha pecaminosidade, veio do céu, enfrentou a cruz do Calvário e Se entregou ali por mim? Se você puder encará-10, tudo bem; nada terei que dizer. Mas se você sentir condenada em Sua presença, quanto à sua atitude, quanto ao seu relacionamento nalgum aspecto, vá acertar isso. De maneira que, quando voltar a Ele de novo, estará com a consciência tranqüila, com espírito aberto, e poderá regozijar-se em Sua santa presença. Esta é uma questão cristã; é semelhante à relação da Igreja com Cristo, o corpo e a cabeça. Tão logo vejamos as coisas neste termos, não haverá problemas; isso é um grande privilégio, é uma coisa que Deus contempla com agrado e prazer. “Vós, mulheres, sede sujeitas” - “um espírito manso e quieto, que é precioso diante de Deus”, e, por mais que você tenha que sofrer aqui na terra, sua recompensa no céu será grandiosa.

1

E. Erskine (1680-1756), um dos fundadores da Igreja da Secessão na Escócia, em 1733. Nota do tradutor.

O VERDADEIRO AMOR Efésios 5:25-33

Até aqui estivemos examinando o que o apóstolo diz às esposas; agora chegamos ao que ele tem para dizer aos maridos. Isto se vê na notável declaração que ele faz desde o versículo 25 até o fim do capítulo. É notável em dois aspectos importantes: naquilo que ele nos fala dos deveres dos maridos e, mais notável ainda, no que nos fala da relação do Senhor Jesus Cristo com a Igreja cristã. Isso é sempre uma das coisas assombrosas das epístolas deste homem; quando menos esperamos, encontramos uma pérola do maior valor. Aqui, nesta parte essencialmente prática desta epístola, repentinamente ele nos lança a mais sublime e maravilhosa declaração, jamais feita por ele em parte alguma, acerca da natureza da Igreja cristã e da sua relação com o Senhor Jesus Cristo. Vocês podem observar que, ao tratar desta questão de esposos, e de como estes devem portar-se com suas esposas, ele trata também desse outro assunto, e de ambos trata desta maneira maravilhosa.

As duas coisas, vocês verão, estão entrelaçadas; assim, nosso primeiro trabalho será chegar a algum tipo de divisão de matéria. Ele passa de um assunto para o outro, e depois volta ao primeiro. Muitas vezes é esse o seu método; nem sempre faz uma exposição completa de um lado e o aplica; ele dá uma parte da sua exposição, aplica-a, e depois outra parte, e a aplica. Sugiro esta classificação: nos versículos 25,26 e 27 ele nos diz o que Cristo fez pela Igreja, e por que o fez. Depois, no versículos 28 e 29, dá nos uma dedução preliminar disso quanto ao dever de um marido para com a sua esposa, especialmente em termos da união que subsiste entre Cristo e a Igreja, e o marido e a esposa. Depois, numa parte do versículo 29 e nos versículos 30 e 32 desenvolve a sublime doutrina da união mística entre Cristo e a Igreja. E então, nos versículos 31 e 33, tira suas deduções práticas finais.

Parece-me ser essa a análise dos versículos que estamos estudando. No entanto, para podermos captar o seu ensino mais claramente, sugiro que o focalizemos desta maneira: primeiro, iniciamos com a sua injunção geral: “Vós, maridos, amais vossa mulheres”. É o que ele deseja acentuar acima de tudo. Noutras palavras, a idéia determinante com respeito ao marido deve ser o amor. Vocês se lembram de que a idéia determinante com respeito às esposas era a sujeição - “Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos”. Sujeição da parte da mulher, amor da parte do marido! Devemos ver isso com clareza. Naturalmente, não significa que é só o marido que deve amar. Alguém poderia observar: “Paulo não diz uma palavra aqui sobre as mulheres amarem seus maridos”.

Dizer isso é entender de maneira completamente equivocada o objetivo do apóstolo. Ele não nos está dando aqui um tratado exaustivo sobre o matrimônio. Em sua idéia da sujeição da esposa o amor está implícito. Devemos entender o que o apóstolo está interessado em fazer. Realmente, o seu interesse se concentra num único ponto básico, a saber, harmonia, paz e unidade como se mostram na relação conjugal e no

lar. Sendo esse o seu tema dominante, ele apanha nos dois lados o elemento que precisa ser ressaltado acima de todos os demais. O que se requer que a mulher mantenha sob sua atenta vigilância, na manutenção da harmonia, é o elemento da submissão; ao passo que o esposo deve velar pelo elemento de amor. Assim, Paulo toma a principal característica, a principal contribuição que cada um dos parceiros deve fazer neste magnífico relacionamento que pode demonstrar a glória da vida cristã com tanta clareza. Portanto, a mensagem dirigida aos maridos é: "Amai vossas mulheres".

Isto é sumamente importante, particularmente em conexão com o ensino anterior. Ele salvaguarda o ensino anterior, e é importante que o vejamos desse modo. Ele esteve salientando que o marido "é a cabeça da mulher, como também Cristo é a Cabeça da igreja". Vimos que o marido está na posição de liderança, que ele é o senhor da esposa. Esse é o ensino do Velho e do Novo Testamentos, e o apóstolo esteve dando ênfase a isto. Mas imediatamente acrescenta: "Vós, maridos, amai vossas mulheres", como que dizendo ao marido: "Você é a cabeça, é o lider, é, por assim dizer, o senhor neste relacionamento; todavia, uma vez que ama sua esposa, a liderança nunca se tomará uma tirania e, embora seja "senhor", nunca será um tirano". Essa é a conexão que há entre os dois preceitos.

Isto se encontra muito geralmente no ensino do Novo Testamento. Deixem-me dar um exemplo. De muitas maneiras, o melhor comentário sobre esta matéria é o que se encontra na Segunda Epístola de Paulo a Timóteo, capítulo 1^2, versículo 7, onde ele diz: "Porque Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor, e de moderação" (disciplina). Temos aí a mesma coisa outra vez. "Deus não nos deu o espírito de temor." Bem, o que é que Ele deu? "O espírito de fortaleza" (ou "de poder"); mas, para que ninguém pense que isso é algo tirânico, ele acrescenta, "e de amor". É o poder do amor. Não é um poder nu e cru, não é o poder de um ditador, ou de alguém um tanto tirano, não se está pensando aí num homem que se arroga certos direitos, pisa nos sentimentos da esposa e noutras coisas, e se assenta no lar como um ditador. Num estudo anterior me referi ao que talvez seja o maior defeito da perspectiva vitoriana da vida, e mesmo do seu cristianismo; e era justamente isso. Tendiam a acentuar um lado em detrimento do outro. E muitos dos nossos problemas hoje se devem a uma reação, a uma violenta e exagerada reação contra a falsa ênfase daquele período particular.

Portanto, devemos manter sempre este equilíbrio. Precisamos lembrar-nos de que o poder deve ser temperado pelo amor; deve ser controlado pelo amor, é o poder do amor. Nenhum marido tem direito de dizer que é a cabeça da esposa, se não ama a sua esposa. Se não for assim, ele não estará cumprindo

a injunção bíblica. Estas coisas andam juntas. Noutras palavras, é uma manifestação do Espírito, e o Espírito Santo não outorga somente poder, mas outorga amor e

também disciplina. Assim, quando o marido exerce o seu privilégio de cabeça da esposa e de chefe da família, ele o faz deste modo. Ele deve ser sempre dominado pelo amor e pela disciplina. Deve disciplinar-se a si próprio. Pode haver a tendência de agir como ditador, mas ele não deve fazê-lo -"fortaleza ("poder"), amor, moderação" (disciplina). Tudo isso está implícito, na passagem em foco, nesta grande palavra, "amor".

Assim, o governo do marido terá que ser um governo de amor; é uma liderança de amor. Não é a idéia de um papa ou de um ditador; não um caso de "ipse dixit" (falou, está falado); ele não fala "ex-cathedra" (de cadeira, arrogando-se autoridade soberana). Não, é o poder do amor, é a disciplina do Espírito, resguardando este poder, esta autoridade e esta dignidade que são outorgados ao marido. Essa é, evidentemente, a idéia fundamental e determinante em toda esta questão - "Maridos, amai vossas mulheres".

Agora, no entanto, podemos começar a considerar em geral o caráter ou a natureza desse amor. Isto de novo é muito necessário nos tempos atuais. Há duas coisas que sobressaem com grande evidência no mundo de hoje - o abuso da idéia de poder, e o abuso maior ainda da idéia de amor. O mundo nunca falou tanto de amor como fala hoje em dia. Entretanto, será que já existiu uma época em que houve menos amor? Estes termos grandiosos se rebaixaram tão completamente que muitos não têm idéia do significado da palavra "amor".

"Maridos, amai vossas mulheres." Que é este amor? Afortunadamente para nós, o apóstolo no-lo diz; e o faz de dois modos. "Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja." Há duas definições aí. A primeira está na própria palavra "amor". A própria palavra que o apóstolo empregou aqui para "amor" é sumamente eloqüente em seu ensino e em seu significado. Na língua grega, como era falada nos dias do apóstolo Paulo, havia três palavras que podem ser traduzidas pela palavra "amor". É muitos importante que possamos discernir claramente as diferenças que há entre elas; porque grande parte do frouxo modo de pensar hoje nesta esfera é devida à incapacidade de avaliar isto. Uma das três - e esta não ocorre no Novo Testamento - é a palavra "eros", que descreve um amor inteiramente ligado à carne. O adjetivo "erótico", comumente empregado hoje, lembra-nos do conteúdo da palavra. Certamente é uma espécie de amor. Todavia é um amor ligado à carne, é desejo, é algo carnal; e a característica desse tipo de amor é que ele é egoísta. Ora, ele não é necessariamente errado por ser egoísta, mas essa espécie de amor é essencialmente egoísta; nasce, como digo, do desejo. Ele deseja algo, e nisto coloca o seu maior interesse. Esse é o seu nível. É, por assim dizer, a parte animal do homem. E é isso que geralmente passa por "amor" no mundo atual. O mundo se gloria em seus "maravilhosos" romances, e nos conta como eles são magníficos. Nada se diz, notem isto, acerca do fato de que o homem foi infiel à sua esposa, e vice-versa, e que filhos pequenos vão sofrer. Outro

“maravilhoso romance” entrou na vida do homem e da mulher amante. Não se menciona que

ambos têm sobre si a culpa do rompimento dos seus votos e de profanarem a santidade; o que se publica é este maravilhoso “jogo do amor”, este maravilhoso romance! Vê-se esse tipo de coisa nos jornais todos os dias. Isso não passa de desejo erótico, egoístico, carnal, luxurioso. Mas quero fazê-los lembrar-se de que “eros” é certamente considerado pelo mundo atual como sendo amor.

Quanto às duas palavras geralmente traduzidas por “amor” no Novo Testamento, uma delas na verdade significa “gostar de”. Entra como raiz em palavras como “filantrópico” e“FiladéIfia”. Ailustração clássica do seu emprego acha-se no último capítulo do Evangelho Segundo João, no incidente que narra como Pedro e os outros foram pescar de noite e, voltando-se, de repente viram o Senhor Jesus na praia. Ali Ele preparou um desjejum para eles, e começou a falar-lhes. Lemos o seguinte: “... disse Jesus a Simão Pedro: Simão, filho de Jonas, amas-me mais do que estes? E ele respondeu: sim, Senhor; tu sabes que te amo. Disse-lhe: apascenta os meus cordeiros”. Pois bem, o ponto interessante aí e que quando Pedro diz, “Tu sabes que te amo”, emprega a expressão: “Tu sabes que gosto de ti”. O Senhor, empregando a terceira palavra, que não estudamos ainda, pergunta-lhe se ele de fato O ama, mas Pedro responde: “Tu sabes que gosto de ti”. “Tornou a dizer-lhe segunda vez: Simão, filho de Jonas, amas-me? Disse-lhe: sim, Senhor; tu sabes que gosto de ti” -“Disse-lhe: apascenta as minhas ovelhas”. Então chegamos ao versículo 17: “Disse-lhe terceira vez: Simão, filho de Jonas, amas-me?” Aqui o Senhor Jesus faz uma coisa muito interessante, não emprega a mesma palavra que empregara; agora utilizava a palavra empregada por Pedro. “Disse-lhe terceira vez: Simão, filho de Jonas, realmente gostas de mim?” Baixou o nível da Sua idéia. “Realmente gostas de mim?” “Simão entristeceu-se por lhe ter dito pela terceira vez: amas-me? e disse-lhe: Senhor, tu sabes tudo; tu sabes que eu te amo”. Pedro entristeceu-se porque o Senhor parecia duvidar de que gostava dEle; assim, tendo em vista o seu recente fracasso, só podia confiar-se ao conhecimento do Senhor e dizer-lhe: “Tu sabes que eu te amo”. Mas tenhamos em mente que a palavra traduzida por “amar” pode significar “gostar de”. __

A outra palavra do Novo Testamento eleva-se a muito maior altura. É a palavra sempre empregada na Bíblia para expressar o amor de Deus por nós. “Deus amou o mundo de tal maneira” - “agapao”. Ora, esta é a palavra empregada no texto que estamos considerando. “Maridos, amai vossas mulheres” neste sentido, amar como Deus ama. Não existe nada mais elevado que isto. Ou, expressemo-lo doutra maneira. Tomemos a lista que descreve o fruto do Espírito, em Gálatas 5:22.0 apóstolo está fazendo um contraste entre as obras da carne e o fruto do Espírito, e diz: “O fruto do Espírito é caridade” (ou “amor”), não uma sensação erótica, nem meramente gostar de, mas o amor que se assemelha ao amor de Deus - amor, gozo,

paz, etc. Esse é o amor, diz o apóstolo, que os maridos devem ter e mostrar para com as suas mulheres. Vocês vêem como tudo isso se articula tão perfeitamente com o versículo 18: "E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito". Se estivermos cheios do Espírito, estaremos cheios do fruto do Espírito, e o fruto

do Espírito é "amor".

O apóstolo está se dirigindo a pessoas cheias do Espírito, pois somente estas podem mostrar este amor. É ocioso dizer isto ao não cristão. Ele é incapaz disso; não pode amar com esta classe de amor. Mas diz o apóstolo que os cristãos devem manifestar esta espécie de amor porque estão cheios do Espírito. Portanto, uma das maneiras pelas quais demonstro que estou cheio do Espírito, não é tanto que eu experimente êxtases e manifeste certos fenômenos; é a maneira como me porto com minha esposa quando estou em casa, é este amor que é "o fruto do Espírito".

A própria palavra que o apóstolo escolhe induz-nos imediatamente à precisa idéia que almeja transmitir. Permitam-me, pois, expressá-la nestes termos: coloquemos em foco toda esta questão de casamento e de relação conjugal. Não estou dizendo que o apóstolo ensina que aquele primeiro elemento pertencente à carne não deve entrar nisso. Esse entendimento é um erro completo. Há gente que ensina isso. O ensino católico romano concernente ao celibato baseia-se, em última análise, nesse falso conceito. Tenho visto que há muitos cristãos com dificuldades sobre a questão. Parecem pensar que o cristão deixou de ser humano, deixou de ser natural; e consideram o sexo um mal. Ora, isso não somente não é ensino cristão; é um engano, um erro. Esse elemento de "eros" deve entrar, está incluído. O homem é homem. Deus o fez assim. Deus nos deu os dons que temos, o sexo inclusive. Nada há de errado no elemento erótico propriamente dito; de fato vou além, e digo que ele deve estar presente. Refiro-me a isto porque com freqüência me pedem que trate destas coisas. Conheço cristãos que com muita sinceridade, em vista deste errôneo conceito sobre o sexo e daquilo que é natural, chegaram mais ou menos à conclusão de que qualquer cristão pode desposar qualquer mulher cristã. Dizem que a única coisa que importa e conta agora é que são cristãos. Omitem completamente o elemento natural. Mas a Bíblia não age assim. Embora cristãos, está certo sentir-nos mais atraídos por uma pessoa do que por outra. O natural entra em conta, e não devemos excluí-lo. Jamais devemos assumir a posição de que qualquer de nós pode casar-se com qualquer outro. Poderiam viver juntos, mas isso seria excluir o elemento natural.

Tenho-me esforçado bastante para mostrar que o ensino cristão nunca elimina o natural, o modo como fomos criados. E Deus nos criou de molde a que cada um sinta mais atração por uma pessoa do que por outra; e isso é mútuo. Isso está certo; não o ponhamos de lado. Isso está sendo suposto aqui. O apóstolo está pressupondo que

este homem e esta mulher estão casados porque se sentiram mutuamente atraídos, porque, se preferirem, para usar a frase comum, "se apaixonaram". Os cristãos devem portar-se desse modo, como toda gente. Isso não é algo mecânico. O cristão não diz: "Agora que sou cristão, vou dar uma olhada por aí e resolver com quem me casarei", com a cabeça fria, por assim dizer. Não é esse o ensino bíblico. Isto pode parecer excêntrico e divertido para alguns, mas há muitos cristãos que agem baseados exatamente nesse princípio. Falo com base na minha experiência pastoral. São pessoas sinceras, porém,

considerando o sexo um mal, tomam esta posição falsa. Não obstante, não devemos excluir o natural. O apóstolo está pressupondo que este homem e esta mulher sentiram esta atração mútua, e que, com base nisso, contraíram núpcias.

Mais que isso, o apóstolo pressupõe que ambos gostam um do outro. O que quero dizer é que eles gostam da companhia um do outro. Deixem-me acentuar que isso também faz parte do casamento cristão. Há certas afinidades naturais, e as ignoramos, para nosso risco. De novo, muitas vezes vejo isto. Duas pessoas imaginavam que, porque são cristãs, nada mais importa, e se casam firmadas nisso. Contudo, na vida conjugal é muito importante que as duas pessoas gostem uma da outra. Se não, se se casarem apenas com base no fator físico, logo se acabará. Esse casamento não tem nada que o faça perdurar; mas, por outro lado, um dos fatores da permanência é que ambos gostem um do outro. Há certos imponderáveis no estado matrimonial. É bom que os cônjuges tenham as mesma afinidades, os mesmos interesses, sintam-se atraídos pelas mesmas coisas. Não importa quanto se amem, se houver diferenças fundamentais neste sentido, isto levará a problemas. O problema da vida conjugal e da vida em harmonia será muito maior. É importante, digo eu, que este segundo elemento, a expressão que Pedro insistiu em usar, "gosto de ti", desempenhe o seu papel.

O apóstolo está pressupondo ambas as considerações. É provável que alguns cristãos tivessem contraído núpcias enquanto eram pagãos, e que o seu casamento incluísse tanto "eros" como "phileo". Muito bem, afirma Paulo, aí é que entra o cristianismo. Agora, uma vez que vocês se tomaram cristãos, entra o elemento adicional; e este eleva os outros dois, santifica-os, dá-lhes glória, dá-lhes esplendor. Essa é a diferença que Cristo produz no casamento. Somente o cristão pode subir a este nível. Podem existir casamentos felizes e bem sucedidos sem isto; ainda existem, graças a Deus. Há casamentos felizes ao nível humano e natural, e se baseiam nos fatores expressos nas duas primeiras palavras de que tratei. Se se tomar o primeiro elemento, mais este gostar um do outro, e um certo temperamento, pode-se produzir casamentos muito felizes e bem sucedidos. Mas nunca chegarão a este nível superior. Todavia, é a este ponto que o apóstolo quer que nos elevemos. Acima de tudo o que é possível ao homem natural, entra em ação este amor verdadeiro, este amor que é de Deus, o amor definido em 1 Coríntios capítulo 13.

É claro que, ao escolher a palavra, o apóstolo nos diz muita coisa. É, portanto, dever de todo marido que ouve ou lê esta exortação, examinar-se à luz desta palavra. Estão presentes em você os três elementos? Acaso tudo é coroado e glorificado por este "amor" que só pode ser atribuído ao próprio Deus?

No entanto, para não ficarmos em dificuldade em relação a isto, o apóstolo passa a dar-nos mais uma ilustração, no segundo ponto que ele defende. Diz ele: "Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também" - "como também Cristo amou a igreja". Aqui, de novo, ele mostra quão desejoso está de ajudar-nos. A simples menção do nome de Cristo o leva imediatamente a desenvolver a proposição. Ele não pode limitar-se a dizer pura e simplesmente, "Como também Cristo amou a igreja", ele tem que prosseguir e dizer, "e a si mesmo se

entregou por ela, para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra, para a apresentar a si mesmo, igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível". Ele diz tudo isso para ajudar o marido a amar sua esposa como deve.

Então, por que ele desenvolve a matéria deste modo? Creio que há três razões principais: a primeira é que ele quer que cada um de nós conheça o grande amor de Jesus por nós. Ele quer que compreendamos a verdade acerca de Cristo, de nós mesmos e de nossa relação com Ele. Por que é que ele se preocupa com tudo isso? Transparece este seu argumento: é somente quando compreendemos a verdade sobre a relação de Cristo com a Igreja, que podemos realmente agir como os maridos cristãos devem agir. Para que isto fique claro, ele termina dizendo: "Grande é este mistério; digo-o, porém, a respeito de Cristo e da igreja". Mas por que ele está falando a respeito de Cristo e da Igreja? Por que nos levou a esse mistério? A fim de que os maridos saibam amar suas esposas. E é aqui que as pessoas levianas e superficiais, que zombam da doutrina, põem à mostra a sua insensatez e a sua ignorância. "Ah", dizem elas, "aquela gente está interessada só em doutrina; nós somos pessoas práticas." Entretanto você nào pode ser prático sem doutrina; você não pode amar de verdade a sua esposa, se não compreende alguma coisa desta doutrina acerca deste grande mistério. "Ah", dizem outras, "é muito difícil, não conseguirei seguí-la." Todavia, se você quiser viver como cristão, terá que seguí-la, terá que aplicar sua mente a isso, terá que pensar, que estudar, terá que entender, terá que agarrar-se a isso. Essa verdade aqui está para você, e se você lhe der as costas, estará rejeitando uma coisa que Deus lhe dá, e você estará sendo um terrível pecador. Rejeitar a doutrina é um pecado terrível. Jamais coloque a prática contra a doutrina, porque você não poderá ter a prática sem ela. Daí o apóstolo dar-se ao trabalho de elaborar esta magnífica doutrina acerca da relação de Cristo com a Igreja, não somente para expô-la, por importante que seja, mas para que eu e você, em nossos lares, possamos amar nossas esposas como devemos - "como também Cristo amou a igreja".

Assim, agora podemos examinar o problema da seguinte maneira: o princípio que deve determinar a nossa prática é que o relacionamento entre marido e mulher é, na essência e por natureza, a mesma relação que existe entre Cristo e a Igreja. Então, como abordá-la? Devemos começar estudando a relação entre Cristo e a Igreja e, depois, somente depois, poderemos examinar a questão do relacionamento entre o marido e a esposa. Isso é o que o apóstolo está fazendo. "Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja." Dito isto, ele nos fala exatamente como Cristo amou a Igreja. Então ele diz: vão e procedam de igual modo; essa é a primeira regra. Essa é a primeira grande doutrina.

Começamos, pois, considerando a relação de Cristo com a Igreja. Eis aqui algo que interessa a todos; não somente aos maridos, mas a todas as pessoas. O que nos é dito a respeito da relação de Cristo com a Igreja é verdade quanto a cada um de nós. Cristo é o esposo da Igreja, Cristo é o esposo de cada crente

individual. Vocês perguntarão: onde você vê este ensino? Vejo-o, por exemplo, na Epístola aos Romanos, capítulo 7, versículo 4: "Assim, meus irmãos, também vós estais mortos para a lei pelo corpo de Cristo, para que sejais doutro (AV: "para que desposeis outro"), daquele que ressuscitou dentre os mortos, a fim de que demos fruto para Deus". Cristo é o esposo da Igreja, a Igreja é a esposa de Cristo. Cada um de nós pode, nesse sentido, ver no Senhor Jesus Cristo o nosso esposo, e, da mesma forma, coletivamente, como membros da Igreja cristã.

Que nos diz o apóstolo sobre isto? A primeira coisa que ele fala é sobre a atitude do Senhor Jesus Cristo para com a Igreja, sobre como Ele a vê. Aí há instrução para os maridos. Qual é a sua atitude? Como você vê a sua esposa? Precisamente aqui o apóstolo nos diz algumas coisas maravilhosas. Amados irmãos, porventura dão-se conta de que estas coisas são verdadeiras quanto a vocês, na qualidade de membros da Igreja cristã? Observem as características da atitude do Senhor Jesus para com a Sua esposa, a Igreja. Ele a ama: "como também Cristo amou a igreja". Que expressão eloqüente! Ele a amou apesar de sua indignidade, Ele a amou apesar das deficiências que a caracterizam. Observem o que Ele fez por ela. Ela precisa ser lavada, purificada. Ele viu os seus andrajos, a sua vileza; mas amou-a. Esse é o ponto culminante da doutrina da salvação. Ele nos amou, não por alguma coisa que visse em nós; amou-nos a despeito do que havia em nós, "sendo nós ainda pecadores". Ele amou ímpios, amou-nos quando ainda éramos "inimigos" (Romanos 5:8,10). Em toda a nossa indignidade e vileza, Ele nos amou. Amou a Igreja, não porque fosse gloriosa e bela - não; mas para poder tomá-la tal. Dêem atenção à doutrina, e vejam o que ela tem para dizer aos maridos. O marido se depara com deficiências e dificuldades, coisas que ele acha que pode criticar em sua esposa, mas deve amá-la "como Cristo amou a igreja". Essa é a espécie de amor que ele deve demonstrar. Isso basta quanto ao primeiro princípio.

O segundo princípio é o seguinte: “e a si mesmo se entregou por ela”. Não somente estava pronto a sacrificar-Se por ela. Sacrificou-se de fato por ela. Tal é o amor de Cristo pela Igreja! Ele só poderia salvá-la dando a Sua vida por ela; e a deu. Essa é a característica do Seu amor.

A seguir, atentem para o Seu grande interesse por ela e por seu bem-estar. Ele olha por ela. Preocupa-Se com ela. Ele vê as possibilidades dela, por assim dizer. Deseja que ela seja perfeita. Por isso Paulo prossegue: “Para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível”. Vocês vêem como Ele Se interessa por ela, como a ama, como Se orgulha dela. São essas as características do amor de Cristo pela Igreja - este grande desejo de que ela seja perfeita. E Ele não ficará satisfeito enquanto ela não for perfeita. Ele quer poder apresentá-la a Si mesmo “igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante”. Quer que ela seja perfeita, além de toda crítica. Quer que o mundo *inteiro* a admire. Por isso lemos no capítulo 3 desta epístola, no versículo 10, que Cristo fez isso tudo “para que agora, pela

igreja, a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e potestades nos céus”. É o orgulho do esposo por Sua esposa; Ele Se orgulha da sua beleza, da sua aparência, de tudo que lhe diz respeito; quer mostrá-la à família, a todas as Suas criaturas. Essa é a espécie de relacionamento que existe entre o Senhor Jesus Cristo e Sua Igreja. Primeiro estou extraindo o princípio dos pormenores, porque estes nos ajudam a entender esta relação maravilhosa e mútua. E, assim, a figura é do Senhor Jesus alegrando-Se na relação, feliz nela, triunfante nela, gloriando-Se nela. Não há nada que Ele não faça por Sua esposa, a Igreja.

Essa é a primeira grande matéria que emerge na abordagem apostólica deste vasto e elevado assunto. Temos de começar com esta figura de Cristo e a Igreja. Vocês vêem como Ele a considera, e o que Ele fez por ela por considerá-la desse modo, o que Ele tem em vista para ela - Seu objetivo final. E em razão disso há este extraordinário conceito da relação mística, da união mística, a idéia de que eles são uma só carne, e de que ela é o Seu corpo. “Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja”.

Aí está, pois, o nosso primeiro grande princípio - Cristo ama a Igreja. O relacionamento entre Cristo e a Igreja é aquela que deve existir entre marido e mulher. Assim, comecem com isso. Examinem a grande doutrina da Igreja. Venham todos vocês, casados e não casados. Essa verdade diz respeito a todo nós, porque estamos na Igreja. Que maravilha, perceber que estamos nesta relação com Cristo! É assim que Ele os vê, essa é a Sua atitude para com vocês. Este é o princípio: este amor, este amor divino é absolutamente superior ao erótico e ao filantrópico - o mais alto que o mundo pode conhecer. A grande característica deste amor divino - e é

nisto que ele é essencialmente diferente dos outros - é que é mais governado pelo desejo de dar do que de ter. “Deus amou o mundo de tal maneira”. Como? “Que deu”. Não há nada de errado com os outros tipos de amor - já o tenho dito - porém, mesmo quando os temos em sua melhor expressão, eles são sempre autocentralizados, estão sempre pensando em si mesmos. Mas a característica do amor cristão é que não pensa em si mesmo. Cristo entregou-Se; morreu pela Igreja - “até à morte”. O sacrifício caracteriza este amor. Este amor é um amor que dá; não está sempre considerando o que vai ter, mas o que pode dar em benefício do outro. “Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja.”

Tendo, assim, examinado em geral a atitude de Cristo para com a Igreja, podemos agora começar a mostrar como essa atitude se manifesta na prática. Depois veremos o Seu objetivo final e, por último, a relação e união mística. Demos graças a Deus porque, ao considerarmos o casamento, que é tão comum e, aparentemente, vulgar, descobrimos, se somos cristãos, que temos que considerá-lo de tal maneira que nos leva ao próprio centro da verdade cristã, ao cerne da teologia e da doutrina, aos mistérios de Deus em Cristo, como se vê na Igreja e através dela. Queira Deus abençoar-nos nessa consideração!

A ESPOSA DE CRISTO Efésios 5:25-33

A proposição fundamental do apóstolo, como vimos, é que não poderemos compreender os deveres dos esposos e esposas, se não compreendermos a verdade sobre Cristo e a Igreja; portanto, começamos com essa verdade, como faz o apóstolo. O esposo deve amar sua esposa, “como também Cristo amou a igreja”. Temos recordado o conteúdo da palavra “amor”. É a palavra mais elevada que a Bíblia conhece. É o mesmo tipo de amor com o qual Cristo amou a Igreja; na verdade com o qual Deus amou o mundo. Daí, vamos concentrar-nos neste amor do Senhor Jesus Cristo pela Igreja. Até aqui só o examinamos de maneira geral. Vimos Sua atitude em geral para com a Igreja - Seu interesse por ela, Seu prazer nela, o modo pelo qual Ele a defende, guarda e protege. Isso foi exposto até aqui.

Devemos avançar ainda além desse aspecto, porque o apóstolo se empenha em lembrar-nos que esta atitude de Cristo para com a Igreja é algo que se manifesta na prática. Esse é o assunto que agora vamos examinar. “Vós, maridos, amai vossa mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela.” Não é suficiente considerar Sua atitude para com a Igreja, o modo como Ele vê e considera a Igreja. Isso é uma coisa que se manifesta na prática, afirma Paulo. E devemos dar ênfase a isto, porque esta é a ênfase de Paulo aqui.

Portanto, o princípio é que o amor não é uma coisa teórica. O amor não é meramente algo sobre o que falar; o amor não é apenas uma coisa sobre o que escrever, nem meramente uma coisa sobre a qual escrever poesia. O amor não é meramente o tema

de alguma grande ária numa ópera, nem de alguma grande canção, nem das canções populares da moda. O amor não é uma coisa que se deva examinar só teórica ou exteriormente. O amor é a coisa mais prática do mundo. Esse é o grande princípio que aprendemos aqui. Não há, talvez, nenhuma palavra que esteja sendo mais envilecida atualmente que a palavra "amor". É óbvio que muita gente não tem idéia do que ela significa. Talvez o mundo jamais tenha usado expressões de afeto com tanta liberdade e com tanta freqüência; mas nunca houve tão pouco amor. Todo mundo se dirige a todo mundo com expressões carinhosas; os superlativos não faltam. Pessoas que mal se conhecem trocam entre si estas expressões de ternura por todo lado; mas não há conteúdo nelas. É por isso que há pessoas que, a julgar pelo que falam, fazem-nos imaginar que são as mais amorosas que o mundo já conheceu, e que, na verdade, não sabem nada sobre o amor e podem divorciar-se quase que no dia

seguinte. Por alguma razão, espalhou-se a idéia de que o amor é assunto de conversa e tema de canção. Aí é onde os poetas podem ser deveras perigosos. Acaso já notaram o extraordinário contraste entre as coisas que os poetas em geral cantam em seus poemas, e a vida que levam? Não é coisa trágica que isso pode acontecer com homens capazes de escrever linda e maravilhosamente sobre o amor? Quando você lê as biografias destes homens, você fica chocado, espantado, e custa a acreditar nos fatos. Isso tudo porque eles nunca entenderam o sentido do amor. Pensam nele de maneira teórica, como uma coisa bela, mas a verdade sobre o amor é que é a coisa mais prática do mundo.

Esse é o ensino do próprio Senhor Jesus. "Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama" (João 14:21). Como isto soa prosaico para nós, com todo o nosso assim chamado conceito romântico do amor! É claro que não é romântico; é ridículo, é sentimental, é carnal. "O amor é isto", Cristo diz, "guardar os meus mandamentos". Pois não é aquilo que eu e você dizemos que prova definitivamente que de fato estamos manifestando amor; é o que fazemos. Certamente esta é a questão essencial no relacionamento entre marido e mulher. A questão não é se o homem pode escrever cartas maravilhosas e empregar grandiosas expressões e protestos do seu amor; o teste do amor de um homem é sua conduta em casa, dia após dia. Não o que ele foi antes do casamento, não o que ele é na lua de mel, não o que ele é durante os primeiros meses de vida conjugal. A pergunta vital é: como é ele quando há problemas e dificuldades, provações, doença, e quando vão chagando a meia idade e a velhice?

Muitos casamentos se rompem porque as pessoas não compreendem, de início, o que significa o amor. Lembremo-nos da descrição que dele faz o apóstolo em 1 Coríntios capítulo 13, onde salienta o seu caráter essencialmente prática. Diz ele que o amor não faz isto, faz aquilo, e resume tudo dizendo: "A caridade ("o amor") nunca falha". Essa é a prova do amor! Se quiserem verificar se o amor de um homem para com sua

esposa é o que deve ser, não procurem ouvir o que ele diz; observem o que ele faz e o que ele é. Essa é a prova!

O apóstolo põe tudo às claras aqui, e o faz desta maneira admirável: "Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja". Como sabemos que Ele amou a Igreja? Eis a resposta: "e a si mesmo se entregou por ela". Isso é amor - "a si mesmo se entregou por ela". Mas Paulo não para aí. "Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela, para (a fim de) a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra, para (a fim de) a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível."

Vejamos o texto cuidadosamente e façamos uma análise dele. Há três ramos no que o apóstolo diz aqui. Ou seja, este amor de Cristo, esta atitude de Cristo para com a Igreja manifesta-se na prática em três aspectos principais: primeiro, há o que Ele já fez pela Igreja. Cristo amou a Igreja e "se entregou" - Ele já fez isso - "e a si mesmo se entregou por ela". Aqui, naturalmente,

estamos no centro vital e no cerne da verdade cristã. Sem isso não haveria Igreja cristã. Esta é a primeira coisa, e é absolutamente essencial; este é o alicerce. E, portanto, o apóstolo diz, quando escreve aos coríntios: "ninguém pode pôr outro fundamento" (1 Coríntios 3:11). Este fundamento é só Jesus Cristo e o que Ele fez. Por isso Paulo decidiu nada saber entre eles, "senão a Jesus Cristo, e este crucificado" (1 Coríntios 2:2). Não existiria igreja em Corinto, senão por isso; tampouco existiria em nenhum outro lugar. E, naturalmente, esta é uma verdade que deve ser ressaltada em toda parte. E bom trazer à memória a narrativa das palavras de despedida do apóstolo aos presbíteros desta igreja de Éfeso. Encontrarão o registro disso no capítulo vinte do Livro de Atos dos Apóstolos. Diz ele: "Olhai por vós, e por todo o rebanho... para apascentardes a igreja de Deus, que ele resgatou com seu próprio sangue". Isso faz parte do grande romance de Cristo e a Igreja, o Esposo e a esposa. Para que esta fosse Sua esposa, precisou comprá-la antes. O apóstolo o expressa em termos da Igreja em sua totalidade, mas, lembremo-nos, e fiquemos bem seguros disto em nossas mentes, que esta verdade se aplica a cada um de nós individualmente, a cada cristão, a cada membro da Igreja. O apóstolo não hesita em dizê-lo quanto ao seu próprio caso. Diz ele em Gálatas, capítulo 2, versículo 20: "...na fé do Filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim". Cristo amou a Igreja e Se entregou por ela - sim, mas também "por mim", a favor de cada um de nós, como indivíduos.

O apóstolo já introduzira este grande tema nesta mesma epístola. Vê-se no capítulo primeiro, versículo 7, onde ele diz: "Em quem temos a redenção pelo seu sangue, a remissão das ofensas, segundo as riquezas da sua graça". É também o grande tema do capítulo dois: "Mas agora em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, já pelo

sangue de Cristo chegastes perto". Como chegaram perto? - "pelo sangue de Cristo". Porque ele é a nossa paz... e, derribando a parede de separação que estava no meio...". Eliminou a separação. Como? "Na sua carne." "E pela cruz reconciliar ambos com Deus em um corpo, matando com ela as inimizades." E assim por diante. E na verdade, neste capítulo que estamos considerando (Efésios capítulo cinco) ele introduzira o mesmo pensamento nos dois primeiros versículos: "Sede pois imitadores de Deus, como filhos amados; e andai em amor, como também Cristo vos amou, e se entregou a si mesmo por nós, em oferta e sacrifício a Deus, em cheiro suave." Ele continua repetindo isso; e nós também devemos continuar repetindo-o. Alguns insensatos dirão: "Ah, a cruz só se aplica à minha conversão, à minha salvação original, e então prossigo...". Não! Os crentes nunca ultrapassam isso! É algo que jamais deveríamos desejar esquecer; é algo que tem continuidade. Isto não somente constitui o alicerce e a base, é a fonte da vida e do poder que têm continuidade - "amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela."

Então, o que Paulo está dizendo - e é doutrina suprema - é que tudo o que o Senhor Jesus Cristo fez, Ele o fez pela Igreja. "Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela". Não há doutrina que lhe seja superior! O nosso Senhor lembra ao Pai disto em Sua grande oração sacerdotal registrada no

capítulo dezessete de João. Eis como o expressa: "Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que também o teu Filho te glorifique a ti; assim como lhe deste poder sobre toda a carne, par que dê a vida eterna a todos quantos lhe deste". Estes constituem o Seu povo, a Sua Igreja. Diz Ele: "Eu rogo por eles: não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus". E aqui se nos faz lembrar que Ele morreu pela Igreja. Nunca devemos perder isto de vista. Ele morreu pela Igreja; não morreu por ninguém mais. Como Calvino e outros expositores no-lo fazem lembrar, é porque a Sua morte foi morte eterna, e por ser Ele o Filho de Deus, é suficiente para o mundo inteiro; mas é eficiente somente para a Igreja. Seu propósito, ao morrer, foi redimir a Igreja. Ele Se entregou pela Igreja, por todos os que lhe pertencerem quando estiver inteiramente completa e perfeita. Tudo é do conhecimento de Deus desde a eternidade, e o Filho veio e Se entregou pela Igreja.

Portanto, o que temos que lembrar é que jamais seriamos dEle, e jamais gozaríamos quaisquer benefícios desta vida cristã, se Ele não tivesse feito o que fez. Eu e você fomos resgatados e redimidos antes que púdessemos pertencer à Igreja, Nenhuma outra coisa nos toma cristãos. Lembremo-nos disto de passagem. Você pode ser o homem da mais alta moralidade do mundo, mas isso jamais fará de você um cristão; jamais fará de você um membro de Cristo, jamais fará de você um membro da Igreja. Há somente uma coisa que introduz alguém na Igreja, e é que Cristo o comprou com o Seu sangue, que Cristo morreu por ele, redimiu-o. Este é o único meio pelo qual se pode entrar na Igreja verdadeira - não na Igreja visível, mas na Igreja verdadeira, na Igreja invisível - o corpo espiritual de Cristo. Somos salvos pelo "precioso sangue

de Cristo" (1 Pedro 1:19).

Observem, no entanto, que o grande interesse de Paulo aqui é, particularmente, acentuar a verdade do ponto de vista de mostrar a grandeza do amor de Cristo pela Igreja. Por que fez Ele estas coisas por nós, e como as fez? Temos a reposta em muitos lugares nas Escrituras. Como o marido deve amar a sua esposa? Como Cristo amou a Igreja e Se entregou por ela. Que é que isso envolve? Talvez a melhor colocação sobre a matéria seja a que se encontra na Epístola aos Filipenses, capítulo 2, versículo 5: "De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, que sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz". Que significa isso? Significa que foi assim que Cristo amou a Igreja e Se entregou por ela. Ele não levou a Si próprio em consideração. "Não teve por usurpação ser igual a Deus"; o que significa que Ele não considerou a Sua igualdade com Deus como uma presa a que agarrar-se. Ele era o eterno Filho de Deus, tinha compartilhado a glória com Seu Pai e com o Espírito Santo desde toda a eternidade, mas não Se apegou a isso, dizendo: "Por que deverei ir para a terra, por que deverei pôr de lado os sinais da Minha glória, por que deverei rebaixar-Me e ser esbofeteado e cuspido?" Não! Ele "não teve por usurpação ser

igual a Deus", não considerou isso como uma coisa à qual devesse apegar-Se a todo custo por ser Suà, de direito. Em vez disso, "aniquilou-se a si mesmo". Ele não tinha necessidade de fazer isso; não havia compulsão nenhuma neste sentido, exceto a compulsão do amor. Se o Senhor Jesus Cristo tivesse levado a Si próprio em consideração, se tivesse considerado Sua glória e Sua dignidade eternas, não teria vindo a existir a Igreja, de modo nenhum. Ele foi Aquele por intermédio de quem todas as coisas foram criadas; todos os anjos O adoravam, e todos os grandes poderes e principados Lhe prestavam homenagem. Eles O adoravam como Filho de Deus e O glorificavam. Que seria, se Ele dissesse: "Ah, eu não posso, não posso pôr nada disso de lado! Tenho que ter este respeito que me é devido, tenho que manter a minha posição". Ele fez exatamente o oposto: "Ele se fez sem nenhuma reputação" (AV) - "aniquilou-se a si mesmo". Nasceu como um bebê, semelhante ao homem, na forma de homem. Não somente isso; até Se tomou um servo. Não Se preocupou conSigo, em absoluto. Se o tivesse feito, nenhum de nós seria salvo, e não haveria Igreja. Ele não falou dos Seus direitos, não falou dos Seus deveres; não disse: "Por que hei de sofrer, de humilhar-Me?" Não levou em conta o custo, não levou em conta a vergonha. Ele sabia o que era envolver-Se, sabia que seria esbofeteado por aqueles fariseus, escribas, saduceus e doutores da lei, sabia que o povo iria escarnecer dEle, iria atirar pedras nEle, iria cuspir nEle - sabia que iria passar por tudo isso, embora sem ter feito nada para merecê-lo. Então, por que agiu assim? Pela Igreja; por Seu amor à Igreja. "Humilhou-se a si mesmo"; "aniquilou-se a

si mesmo". Só tinha um pensamento - o bem da Igreja, o corpo que se tomaria Sua esposa. Ele a estava comprando, não estava pensando em ninguém mais, senão nfela. Não em Si mesmo, mas nela! "Haja em vós o mesmo sentimento", em vós, maridos! "Vós, maridos, amai vossa mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela."

Há ainda outro aspecto disto que devemos salientar a fim de trazer à luz a profundidade do ensino. O Senhor Jesus fez isso por nós, pela Igreja, enquanto ainda éramos pecadores, enquanto ainda éramos ímpios, enquanto ainda éramos inimigos. Em sua argumentação em Romanos capítulo 5, Paulo emprega precisamente estes termos: "Cristo... morreu a seu tempo pelos ímpios", "sendo nós ainda pecadores". "Porque se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida," Notem os termos. Éramos "ímpios", éramos "inimigos", éramos "pecadores", éramos vis, não havia absolutamente nada que nos recomendasse. Você que acha que deve ler romances e que se delicia com a estória de Cinderela, olhe para isto. Olhe para a Igreja em sua baixeza, em seus farrapos, em seu pecado, em sua inimizade, em toda a sua fealdade. O Filho de Deus, o Príncipe da Glória, amou-a quando ela era daquele jeito, e apesar disso; amou-a até o ponto de entregar-Se por ela, de morrer por ela. "Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja." Nós não somos chamados a amá-las na medida em que Ele amou a Igreja. Mas Ele, apesar de tudo, amou até o ponto de entregar-Se; Seu sangue foi literalmente

derramado por nós.

"Pois bem", diz o apóstolo, "vocês que estão nesta relação matrimonial, vêem um no outro coisas de que não gostam e que não aprovam - deficiências, faltas, falhas, pecados - e são críticos, e se firmam em sua dignidade, e condenam, e brigam, e se separam. Por que? Simplesmente porque são incapazes de lembrar a maneira pela qual foram salvos e se tomaram cristãos e membros da Igreja cristã." O apóstolo lhes lembra que se o Senhor Jesus Cristo reagisse ante eles como eles reagem face uns aos outros, não haveria Igreja. "O amor nunca falha", o amor continua amando, apesar de tudo. Esse é o amor com o qual Cristo amou a Igreja.

Haverá alguma coisa tão errada, tomo a indagar, como separar da prática a doutrina? Como somos culpados disso! Quantos de nós compreenderam que sempre devemos pensar na vida conjugal em termos da doutrina da expiação? É esse o nosso modo costumeiro de pensar no casamento - esposos, esposas, todos nós? É assim que instintivamente pensamos no casamento - em termos da doutrina da expiação? Onde achamos o que os livros dizem acerca do casamento? Em que seção? Na que trata da ética. Mas não pertence a essa seção. Devemos considerar o casamento em termos da doutrina da expiação.

Os cristãos mais tolos são os que não gostam de doutrina e menosprezam a

importância da teologia e do ensino. E isso não explicaria por que eles fracassam na prática? Não podemos separar estas coisas. Não devemos relegar a doutrina da expiação simplesmente à nossa conversão ou ao estudo. Por que será que tantos cristãos não freqüentam o culto vespertino? "Oh", dizem eles, "o sermão vai ser sobre a cruz, vai ser sobre o perdão, que é o início da vida cristã. Faz anos que sou cristão e, naturalmente, isso não me diz nada". Cristão estulto! Cansou-se de ouvir falar da cruz? Você sabe tudo sobre isso, entende isso tão exaustivamente que o tema não comove mais? "Ah", você dirá, "quero um ensino mais alto agora, quero agora ensinamentos pormenorizados sobre como devo viver a vida santificada." Você nunca viverá a vida santificada, a não ser que esteja sempre ali graças a essa cruz, e a não ser que ela esteja governando toda a sua vida, e influenciando toda a sua perspectiva e cada uma das suas atividades. Estamos aqui na chamada seção prática da Epístola aos Efésios, na segunda metade, onde Paulo se ocupa destas questões comuns; sim, mas é precisamente neste contexto que ele subitamente nos põe face a face com a doutrina da Igreja e com a doutrina da expiação. Você não pode deixar atrás a cruz, você nunca será um cristão tão adiantado que isso possa ser considerado como um mero começo, no que se refere a você. Esse é o meio pelo qual se leva o casamento, e tudo mais, ao naufrágio. Não! "Amor tão admirável, tão divino, exige a minha alma, a minha vida, todo o meu ser" - sempre! Eu começo ali, mas continuo ali; e ai de mim, se alguma vez eu deixar de estar ali!

Esse é o primeiro ponto defendido pelo apóstolo - o amor de Cristo. Depois ele passa para o segundo ponto - aquilo que Cristo, devido Seu grandioso amor, está fazendo, ou continua a fazer pela Igreja. Ele o expressa com, "a si mesmo se entregou por ela, para a santificar, purificando-a com a lavagem da

água, pela palavra" (versículo 26). Aqui está outra declaração gloriosa e sumamente vital. Observem que este versículo tem duas funções principais. A primeira é a que já mencionei, que nos lembra o que o Senhor Jesus Cristo está continuando a fazer pela Igreja. Mas há um segundo objetivo também. Diz-nos por que Ele fez a primeira coisa. "A si mesmo se entregou por ela; para (a fim de)" - este é Seu objetivo. Por que Cristo morreu? Morreu "a fim de santificá-la e purificá-la com a lavagem da água pela palavra". Esse é o ensino que temos aqui, concernente à doutrina da santificação. Acha-se tudo aqui - a expiação, a justificação; e agora a santificação.

O primeiro ponto que estabelecemos e salientamos é o seguinte: o perdoar-nos e o libertar-nos da condenação e do inferno nunca constituem um fim em si mesmos, e nunca devem ser considerados como tal. São apenas um meio para um fim ulterior. Não podemos deter-nos no perdão e na justificação.

Vamos examinar mais de perto o que o apóstolo ensina aqui sobre esta grande doutrina da santificação. O primeiro princípio é que nada é tão completamente antibíblico como separar justificação e santificação. Muitos o fazem. Dizem eles:

“Você pode crer no Senhor Jesus Cristo como seu Salvador, e seus pecados serão perdoados, e você será justificado. E poderá parar aí”. Dizem mais: “Naturalmente você não deve fazer isso, deve prosseguir e dar o segundo passo. Contudo existem muitos cristãos”, dizem eles, “que param aí. Crêem em Cristo para a salvação e são justificados e perdoados; certamente são cristãos, porém não se ocupam da santificação”. E então eles o exortam a “aceitar” a santificação como anteriormente “aceitaram” a justificação. Tal ensino é uma completa negação daquilo que o apóstolo diz aqui, e é completamente anti-bíblico. A morte de Cristo não visa meramente a dar-nos perdão, e a justificar-nos, e a tomar-nos legalmente justos aos olhos de Deus. “A si mesmo se entregou por ela, para (a fim de)...”. É somente uma primeira ação de uma série; não é uma ação final, em nenhum sentido, e jamais deveríamos parar ali.

O apóstolo não ensina esta verdade somente aos efésios; ele a ensina a todas as igrejas. Vocês a encontrarão na Epístola aos Romanos, capítulo oito, versículo 3 e 4. Também em Tito 2:14: “Jesus Cristo, o qual se deu a si mesmo por nós para nos remir de toda a iniqüidade, e purificar para si um povo seu especial, zeloso de boas obras”. É por isso que Ele Se entregou por nós; não meramente para que pudéssemos ser perdoados, nem meramente para salvar-nos do inferno, mas para purificar e separar para Si este povo peculiar, zeloso de boas obras. O Senhor Jesus disse tudo isso em Sua oração sacerdotal (João 17:19): “E por eles me santifico a mim mesmo, para que também eles sejam santificados na verdade”.

Parar na justificação não é somente errado quanto ao pensamento; é impossível por esta razão: que é uma obra realizada por Cristo; é Ele que faz isto em nós. Ele Se entregou pela Igreja. Por que? Para poder santificar e purificar a Igreja. Ele é que vai fazer isso. Todo o problema surge do fato de que alguns persistem em considerar a santificação como uma coisa que compete a nós

realizar. Isso jamais é ensinado em parte alguma das Escrituras. O ensino das Escrituras é o seguinte: Cristo pôs Seu coração e Seu afeto na Igreja. Lá estava ela, sob condenação, em seu pecado, em seus trapos e em sua baixeza! Ele veio, houve a encarnação, Ele tomou sobre Si a “semelhança da carne do pecado” (Romanos 8:3). Ele tomou os pecados dela sobre Si, e os suportou em Seu próprio corpo no madeiro. Ele sofreu o castigo, Ele morreu, Ele fez a expiação e nos reconciliou com Deus. Assim a Igreja está livre da condenação. Mas isso não O satisfaz. Ele quer que ela seja gloriosa, Ele quer apresentá-la “a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante”. Portanto, Ele começa imediatamente a prepará-la para esse destino. Não pode parar no primeiro passo; Ele vai adiante, para santificá-la. Noutras palavras, Sua morte na cruz por nós e por nossos pecados foi simplesmente o primeiro passo neste grande processo. E Ele não se detém no primeiro passo. Ele tem um propósito completo para a Igreja, e o vai cumprindo passo a passo.

Gostaria de expressar isto vigorosamente. Em última análise, eu e você não temos escolha nesta questão da santificação. É algo que Cristo realiza. Ele morreu por você, e depois, tendo morrido por você, Ele vai lavá-lo, santificá-lo, purificá-lo - e Ele mesmo fará isso. Que ninguém se engane sobre isto. Se Ele morreu por você, levará adiante o processo de santificação em você, e finalmente o tomará perfeito. Há algo de alarmante em tomo disto; no entanto, é ensino bíblico essencial. Se eu e você não nos submetermos voluntariamente a este ensino, Ele tem outro meio de purificar-nos; e o usará - "Porque o Senhor corrige a quem ama, e açoita a qualquer que recebe por filho" (Hebreus 12:6). Ele não permitirá que você fique onde estava, em sua imundície e vileza, dizendo: "Está tudo bem comigo, Cristo morreu por mim, eu estou perdoado, sou cristão". Ele não aceitará isso! Ele o amou, você Lhe pertence; e Ele o tomará puro. Se você não vier voluntariamente, e do modo certo, Ele o colocará naquela academia de ginástica sobre a qual lemos em Hebreus. Ele aparará as arestas, eliminará a imundície e a vileza; Ele lavará você. Isso pode acontecer por meio de uma enfermidade que Ele fará sobrevir a você. Estes pregadores da "cura divina" que dizem que Deus nunca envia doença, estão simplesmente negando as Escrituras. Como um dos Seus métodos, Ele castiga. As circunstâncias que o cercam podem ser más, você pode perder o emprego, ou uma pessoa que lhe é cara pode morrer. Cristão! Uma vez que você Lhe pertence, uma vez que Cristo morreu por você, Ele o tomará perfeito. Lute contra Ele quanto quiser em sua estultícia, Ele o lançará por terra, Ele o purificará, Ele o aperfeiçoará. Esse é o ensino; é uma coisa que Ele realiza. A santificação não é determinada por mim e por você - "E a si mesmo se entregou por ela, para (a fim de) a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra". O primeiro princípio que devemos entender é que a santificação é primária e essencialmente uma coisa que o Senhor Jesus Cristo faz para nós. Ele tem os Seus meios para fazê-lo. Naturalmente, a santificação inclui obediência da nossa parte. Mas você não precisa colocar aí a sua ênfase principal. A decisão pela santificação não é nossa; É dEle. Foi tomada na eternidade, antes da

fundação do mundo. É Sua atividade, Sua operação; e, tendo morrido por você, Ele o fará. Resista a Ele, e o risco será seu. Ele levará cada um dos filhos, que foram chamados, para aquela glória final e sempitema. Como Hebreus o expressa, se Ele não tratar você deste modo, significará que você é um "bastardo", e não um filho legftimo (Hebreus 12:5-11).

Esse é, pois, o grande princípio que constitui a base deste ensino apostólico. Como Cristo o leva a efeito? Veja-se a resposta na palavra "santificar"; "como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela, para a santificar". Esta palavra "santificar" é empregada de muitas maneiras na Bíblia, mas o seu sentido primário é, "ser separado" ou "separar"; "ser separado para Deus, para Sua posse peculiar e para Seu uso". Você verá em Êxodo 19, por exemplo, que o monte no qual Deus se encontrou com Moisés e lhe deu os Dez Mandamentos, foi "santificado"

desse modo. É chamado “monte santo” porque foi separado. Não houve alteração na montanha, mas foi separada para os propósitos de Deus, para o uso de Deus, para ser possessão peculiar de Deus. Os vasos que eram usados no cerimonial do templo eram igualmente santificados ou separados. Não houve mudança material nos copos e nos pratos, todavia como deviam ser utilizados somente no templo e para o serviço de Deus, não podiam ser empregados no uso comum. Ser santificado significa ser separado para Deus e para o Seu uso e propósito especial, como Sua possessão peculiar. Portanto, somos um “povo para Sua possessão pessoal”.

Aparece então um sentido secundário. Dado que são assim separados, são também “feitos santos”. Ora, aqui em nossa passagem não pode ser levantada dúvida quanto ao sentido da palavra “santificação”. Traz aquela primeira conotação. “Para a santificar.” Tem o sentido de “separar para Si”, “separar de tudo mais, para Sua possessão pessoal, para Seu próprio uso, para Seu prazer". Ela não significa mais que isso aqui, pois notamos que o apóstolo acrescenta a palavra “purificar”, dando-nos o segundo significado de santificar. Ele faz uma divisão em dois passos. Aqui está a Igreja em seus farrapos, em sua imundície e vileza! Cristo morreu por ela, salvou-a da condenação. Ele a toma de onde estava e a separa para Si. Ela é transportada “da potestade das trevas... para o reino do Filho do seu amor” (Colossenses 1:13) - isto é, ela é removida do mundo para a posição especial que, como Igreja, deve ocupar.

Esta é uma coisa maravilhosa. É o que o Senhor Jesus Cristo fez com a Igreja. A mesma coisa ocorre quando um homem vê que o seu afeto e o seu amor se fixam numa jovem dentre milhares. Ele a escolhe para si, e a seleciona dentre todas as demais. “Ela há de ser minha”, diz ele. Assim, ele a separa, isola-a, “santifica-a”, considera-a uma jovem única. Ele a quer para si. Essa é a verdade pura e simples acerca de cada cristão entre nós, de cada membro da Igreja num sentido real. Vocês já tinham compreendido isso - que o Senhor da glória, o eterno Filho de Deus, nos separou, nos isolou para Si, para que pudéssemos ser “um povo para sua possessão particular”?

Permitam-me recordar-lhes de novo o versículo 9 do capítulo 2 da Primeira Epístola de Pedro, que expõe esta verdade tão gloriosamente. Sabem

de fato qual é a verdade a respeito de vocês neste exato momento? “Sois a geração eleita, o sacerdócio real (reino de sacerdotes), a nação santa (separada)”. Não somos perfeitos e sem pecado, mas somos uma “nação santa” no sentido de que somos um grupo, uma nação de gente separada. E Pedro prossegue, “o povo adquirido” (“um povo peculiar”), “um povo para sua possessão pessoal e peculiar” - “para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para sua maravilhosa luz”. Foi isso que Cristo fez pela Igreja. Ele nos chamou; esse é um sentido da palavra “ecclesia” - os “chamados para fora de”. Somos chamados para

fora do mundo, agregados aqui para formar este corpo, esta esposa para Cristo. E então Cristo continua a ocupar-Se de nós.

Noutras palavras, para utilizar a linguagem de Pedro nesse mesmo capítulo outra vez, eu e você, como cristãos, somos "peregrinos e forasteiros" neste mundo. Notem como ele o expressa: "Amados, peço-vos, como a peregrinos e forasteiros" (versículo 11). Não pertencemos mais a este mundo. Fomos tirados dele, fomos separados, santificados. Aqui somos somente estrangeiros e peregrinos; não pertencemos a esses domínios, como outrora. O apóstolo Paulo já dissera isso tudo no fim do capítulo dois desta Epístola aos Bfésios. Diz ele: "Já não sois estrangeiros, nem forasteiros, mas concidadãos dos santos, e da família de Deus. "Vocês eram estrangeiros para esta realidade antes, mas agora estão nela e são estrangeiros para aquela - santificados, separados para Ele. Interpretado, isso significa que agora a esposa não é mais livre para fazer certas coisas que fazia antes, mas vive para o seu esposo, e ele vive para ela. O marido não atenta para outras mulheres porque a sua esposa é a que ele selecionou, separou, santificou para si. É como Cristo vê a Igreja. É como o marido deve considerar sua esposa. E nós, povo cristão, na qualidade de esposa de Cristo, devemos considerar-nos como não sendo mais livres, não mais pertencentes a nós mesmos, não mais decidindo o que fazer, não mais pertencendo ao mundo.

Colocarei isso tudo na forma de uma questão. Dirijo-me a cristãos, membros da Igreja. Mais adiante faremos a aplicação aos maridos. Eis a questão que dirijo a todo aquele que se diz crente no Senhor Jesus Cristo, a todo aquele que diz: "Eu creio que Cristo morreu por mim e pelos meus pecados, para me resgatar". Você está ciente do fato de que Cristo o separou e o está santificando? Porque, acredite-me, se não está, você está se iludindo e se enganando a si mesmo ao pensar que Ele morreu por você. Quando Cristo morre por uma pessoa, Ele a move e a coloca nesta posição peculiar. "E a si mesmo se entregou por ela, para (a fim de)". Este foi o primeiro passo do movimento, mas Ele nunca se detém aí. Esse é o passo preliminar que leva à santificação. Assim, é tolice pretender que Cristo morreu por nós, a não ser que saibamos que Ele nos separou. Você tem a certeza de que não pertence mais ao mundo, que houve mudança em você, você foi removido, que foi transportado "da potestade das trevas para o reino do Filho do seu amor"? Você se sente estrangeiro aqui? Você diz com Paulo, "a nossa cidade ("a nossa cidadania") está nos céus"? (Filipenses 3:20). "E a si mesmo se entregou por ela, para (a fim de) colocá-la de lado para

si mesmo, para ser sua possessão peculiar." Ah, que privilégio ser cristão, pertencer às fileiras daqueles por quem Cristo morreu, e a quem Ele está preparando para Si próprio - separados do mundo para a glória que haveremos de gozar com Ele! Maridos, amem assim as suas esposas.

A PURIFICAÇÃO DA ESPOSA Efésios 5:23-33

Em nossas considerações sobre a declaração que o apóstolo faz concernente aos deveres dos maridos para com as suas esposas, estamos dando atenção ao ensino concernente ao Senhor Jesus em Sua relação com a Igreja. Temos visto o Seu interesse por ela, a Sua atitude com respeito a ela; e estamos salientando como esta atitude e este interesse se expressaram na ação, na prática. Temos visto o que o Senhor fez pela Igreja - "a si mesmo se entregou por ela". Também temos considerado o que Ele ainda está fazendo pela Igreja. Aquela primeira obra Ele fez uma vez para sempre - entregou-Se por ela. Mas não a deixa ali; continua a fazer algo para a Igreja e pela Igreja.

Também estivemos examinando a palavra "santificar" e seu significado. O Senhor separou a Igreja para Si; somos o Seu "povo peculiar", um povo para ser Sua possessão especial, peculiar, pessoal - Sua esposa. Ele a pôs numa posição especial, à parte, a fim de poder fazer certas coisas por ela.

Desse ponto partimos agora. A palavra subseqüente que vamos ver é "purificar". "Para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra." É por meio da palavra "purificar" que a idéia de purificação — que normalmente chamamos "santificação" - realmente entra em cena.

Aqui devemos ter o cuidado de observar o pleno conteúdo da palavra "purificar". Há alguns que a limitam unicamente ao ato de sermos lavados da culpa dos nossos pecados. Entretanto, é óbvio que isso não é suficiente. Já vimos esse aspecto na declaração de que Ele Se entregou pela Igreja e a separou. Aí está implícita a idéia de que somos libertos da culpa do pecado, porém não me disponho a contender com os que desejam incluí-la na palavra "purificar". Certamente Cristo nos purifica da culpa do nosso pecado; mas esta palavra nos leva mais longe ainda. Penso que posso provar que não se trata apenas de uma questão de opinião. O próprio fato de que Paulo acrescenta que a purificação é efetuada "com a lavagem da água, pela palavra" é prova de que é um processo contínuo e em desenvolvimento. A lavagem da culpa do pecado é feita uma vez para sempre. É uma ação única, singular; contudo, aqui a ação é continuada, "purificando-a com a lavagem da água, pela palavra". Essa afirmação mostra que não se trata meramente de uma questão de livrar-nos da culpa. Mas então, o versículo 27 estabelece o ponto de maneira ainda mais positiva - "Para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível". Estas palavras definem o objetivo final de Cristo - que

a Igreja não somente seja liberta da culpa do pecado, porém que seja inteira e completamente liberta do pecado em todos os seus aspectos e formas. Seguramente

Toplady expõe esta idéia com perfeição, quando assim a expressa:

Sê do pecado a dupla cura, limpa-me da sua culpa e do seu poder.

O Novo Testamento nunca pára na culpa; sempre vai adiante, rumo a esta ulterior idéia da purificação do poder do pecado também. Na verdade, quero acrescentar algo mais a isso. Esta purificação não é só da culpa do pecado e do poder do pecado, e sim também da corrupção do pecado. Esse terceiro aspecto é esquecido com muita freqüência. Vocês verão que muitas associações em sua "Base de fé" mencionam o poder do pecado, mas omitem a corrupção do pecado. Todavia, de muitas maneiras a coisa mais terrível a respeito da Queda é que ela corrompeu a nossa natureza. O pecado é poderoso dentro de nós em grande medida por causa da nossa natureza corrompida. É isto que o apóstolo descreve de maneira tão impressionante no capítulo 7 da Epístola aos Romanos, versículo 18. "Porque eu sei", diz ele, "que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum." Pois bem, isso é corrupção; não é poder. Leva ao poder; mas é porque a nossa natureza é corrupta, manchada, suja e tomada impura pela Queda, que o pecado é tão poderoso dentro de nós. Portanto, precisamos ser purificados não somente da culpa e não somente do poder do pecado, mas particularmente desta terrível corrupção do pecado - sua mácula e sua perversão.

O pecado penetrou na tessitura da natureza humana; nossa natureza é vil, retorcida e perversa. Quão vitalmente importante é que compreendamos que essa verdade atinge a nós todos por natureza! Não é que somos neutros por natureza, e que de fora somos tentados. Não! Nós nascemos em pecado, fomos formados em iniqüidade. "Em pecado me concebeu minha mãe" - é o ensino das Escrituras (Salmo 51:5). O apóstolo já estabelecera isto claramente no início do capitulo 2 de Efésios, onde ele diz, "estando nós ainda mortos em nossas ofensas" (versículo 5; cf. vers. I[9]) - etc., e fala dos "desejos da carne e dos pensamentos". Essa é outra maneira de descrever esta "lei do pecado que está nos meus membros" (Romanos 7:23). Não é apenas um poder, é uma infecção, é de fato, como digo, uma corrupção. É como um rio corrompido em sua fonte, ao contrário de um rio que se corrompe durante o seu curso. É disso que temos que ser purificados antes de podermos ser apresentados pelo Senhor a Si mesmo como "igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível".

Portanto, a questão para nós é: como se realiza isto? Diz o apóstolo que é feito "com a lavagem da água, pela palavra". Aqui temos uma frase muitas vezes mal entendida e mal interpretada. Muitos vêem aqui o ensino do que chamam "regeneração batismal" - segundo o qual somos inteiramente libertos e purificados do pecado pelo batismo. Esse erro começou a engatinhar na Igreja nos primeiros séculos; erro perpetuado pelo ensino da igreja católica romana e por outras formas de catolicismo, até aos dias atuais. Não vou tratar a fundo

disso porque me parece uma interpretação tão completamente artificial das palavras, impondo-lhes um sentido que, tomadas com naturalidade, e pelo que valem pura e simplesmente, elas nunca teriam sugerido. Naturalmente, essa interpretação foi apresentada com vistas aos interesses do poder da Igreja; e todos os que ainda a ensinam, seja qual for a forma de catolicismo que digam

ter, continuam sendo culpados do mesmo erro. O ponto aqui não é alguma ação mágica que se dá no batismo, nem tampouco a fórmula particular utilizada. Alguns têm salientado esta última, dizendo que o que importa é a palavra dita pelo homem que está ministrando o batismo à criança, e que a fórmula fornece o poder eficaz. De novo, isso não passa de sacerdotalismo; nada mais é que um modo de reforçar a autoridade de um sacerdócio.

Que é então o significado desta palavra? Obviamente, há uma referência ao batismo aqui, ao fato e ao ato do batismo. Naturalmente, isso não deve espantar-nos, porque estamos lidando com pessoas que tinham sido pagãs. Ouviram o evangelho, creram nele, e então antes de serem admitidas na Igreja, tiveram que ser batizadas; e, tendo sido batizadas, foram recebidas como membros da Igreja cristã. Por isso o batismo permanecia em suas mentes como uma coisa destinada a representar esta purificação, esta libertação de uma esfera e transferência para outra esfera. E assim vemos o apóstolo Paulo, ao escrever à igreja de Corinto, expressá-lo assim (1 Coríntios 6:9-11): "Não sabeis", diz ele, "que os injustos não hão de herdar o reino de Deus? Não erreis: nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avarentos, nem o bêbados, nem os maldizen-

tes, nem os roubadores herdarão o reino de Deus. E é o que alguns têm sido, mas haveis sido lavados, mas haveis sido santificados, mas haveis sido justificados em nome do Senhor Jesus, e pelo Espírito do nosso Deus." Aí outra vez a idéia de "lavagem" é empregada. Diz ele: "Vocês eram daquele jeito; agora não estão mais naquela condição; agora são santos na Igreja - foram lavados". Um dos própositos do batismo é representar essa mudança.

É muito semelhante o pensamento do apóstolo Pedro, registrado em sua primeira epístola, capítulo 3, versículo 20 e seguintes. Ele está falando dos "espíritos em prisão; os quais noutro tempo foram rebeldes, quando a longa-nimidade de Deus esperava, nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca; na qual poucas (isto é, oito) almas se salvaram pela água: que também, como uma verdadeira figura, agora vos salva, batismo, não do despojamento da imundícia da carne, mas da indagação de uma boa consciência para com Deus, pela ressurreição de Jesus Cristo; o qual está à destra de Deus, tendo subido ao céu". Temos aí, com bastante clareza, a idéia da qual estamos tratando, no exame da proposição que está diante de nós. O batismo é uma figura, e é uma representação, de maneira simbólica, daquilo que o Senhor

Jesus Cristo faz por nós neste processo de santificação. O objetivo do batismo é, pois, representar isso e selar isso em nós, em nossas mentes e em nossos corações. Não faz mais que isso. Em si e por si, o batismo não é nada. Meramente sermos batizados não nos muda. Crer que nos muda constitui um falso conceito das ordenanças, A expressão

técnica utilizada pelos católicos romanos e por todo o seu ensino é que “os sacramentos” agem e são eficazes “ex opere operato". Noutras palavras, que eles, operam por si mesmos, sem nenhuma atividade da parte de quem os recebe. O próprio ato do batismo regenera crianças e adultos.

Não há esse ensino nas Escrituras. O batismo, como diz Pedro, é uma “figura”, “uma verdadeira figura”; é uma representação dramática. A mesma coisa se dá com a Ceia do Senhor, naturalmente. Não cremos que o pão se transforma no corpo de Cristo. Éuma representação. O nosso Senhor diz, com efeito, “Vejam este pão; quando vierem comê-lo, ele lhes fará lembrar o Meu corpo partido, ele o representará e o figurará para vocês. E igualmente com o vinho; “este cálice é o Novo Testamento”. Essa é a nossa resposta aos católicos romanos que dizem que o vinho vira sangue. Dizem eles que devemos entender literalmente estas palavras. Pois bem, se as tomarmos literalmente, o que o nosso Senhor disse, foi, “Este cálice”; Ele não disse, “Este vinho”, mas disse, “Este cálice é o Novo Testamento no meu sangue”, provando que é simplesmente representativo e simbólico.

Assim com o batismo. Que é que o batismo representa? Evidentemente representa o sermos lavados da culpa do pecado. Ali estávamos nós, pecadores, em pecado, sob a ira de Deus. Fomos libertos disso por nossa fé no Senhor Jesus Cristo, pelo que Ele fez por nós. O batismo nos lembra essa libertação. Em segundo lugar, lembra-nos o fato de que estamos sendo purificados do poder e da corrupção do pecado. É uma espécie de “lavagem", uma representação simbólica de um processo de limpeza, de purificação. Inclui essa idéia também. E, em terceiro lugar, representa todo o nosso conceito do ato de sermos batizados em Cristo pelo Espírito Santo. Vocês se lembram de como Paulo, escrevendo aos coríntios (1 Coríntios capítulo 10), afirma que os israelitas foram batizados em Moisés pela “nuvem” que estava sobre eles. Eles não foram imersos na nuvem, a nuvem estava sobre eles. E do mesmo modo o batismo representa o fato de que fomos dessa forma batizados em Cristo pelo Espírito Santo. Essa é toda a idéia que Paulo tem em mente aqui - nossa união com Cristo. “Somos membros”, diz ele, “do seu corpo, da sua carne e dos seus ossos”. Como acontece isso? Acontece porque “somos batizados em Cristo por um Espírito”; o batismo representa isso também. Assim, ei-lo aqui! É uma representação externa e simbólica das três coisas que Paulo ressalta tão proeminentemente nesta seção particular.

É óbvio, então, que o principal objetivo de Paulo aqui é mostrar-nos como Cristo

está purificando a Igreja e a está preparando para Si; e que Ele o faz por intermédio do Espírito Santo. Evidentemente não é acidental que, quando o Senhor Jesus estava no Jordão, por ocasião do Seu batismo, o Espírito Santo desceu sobre Ele, na forma e semelhança de pomba. Portanto, no batismo sempre devemos estar pensando nesse aspecto, na vinda do Espírito Santo sobre nós, a fim de que Ele nos batize em Cristo e dê seguimento a esta obra e processo de santificação.

Daí, então, a nossa reflexão sobre a frase em seus termos reais. Éuma frase

muito difícil, e sempre causou muita discussão - "a lavagem da água". Mas a expressão realmente importante aqui é, sem dúvida, "pela palavra". "Purificando-a com a lavagem da água, pela palavra", ou (se vocês acharem útil mudar a ordem dos termos), "purificando-a pela palavra por meio da lavagem da água". O que é vital aqui é a expressão "pela palavra", que deve ser ligada ao termo "purificando-a". Há uma representação disso no batismo, mas não é nada mais que uma representação. A verdadeira obra de santificação é realizada pela Palavra, ou por meio da Palavra, e o Espírito Santo realiza esta obra em nós por intermédio da Palavra. Esta é uma verdade sumamente importante, que o cristão deve captar e entender. O instrumento utilizado pelo Espírito Santo em nossa purificação é a Palavra.

Este é o ensinamento essencial do Novo Testamento sobre a santidade e a santificação; é algo feito em nós pelo Espírito Santo com o uso da Palavra. E vamos acentuar que isso é um processo. É uma purificação progressiva, até ficarmos livres de toda mancha, ou ruga, ou coisa semelhante; fazendo-nos irrepreensíveis, seremos inteiramente santos. Há pessoas que ensinam que o que acontece com o cristão é que ele é um homem salvo, porém que permanece em seu pecado. Na medida em que ele "permaneça em Cristo", será mantido sem pecar, mas não há mudança quanto à corrupção do pecado. Isso só se resolve quando ele morre. No entanto, é evidente que, de acordo com o ensino apostólico em foco, isso está completamente errado. Lemos aqui sobre um processo de purificação; ele prossegue. Conforme o homem avança na vida cristã, deverá haver cada vez menos corrupção do pecado nele; deverá tomar-se progressivamente santificado à medida que este processo prossiga. Ele não é apenas capacitado a resistir ao poder do pecado; ele está sendo purificado da corrupção do pecado; ele está sendo progressivamente levado a um estado no qual será finalmente aperfeiçoado. E isto é feito por meio da Palavra. "Pela palavra."

O grande princípio a que devemos apegar-nos é que as operações do Espírito Santo em nós são geralmente na Palavra e pela Palavra. Por isso é sempre perigoso separar da Palavra o Espírito Santo. Muitos têm feito isto, e tem havido graves abusos. Na verdade, o virtual abandono da fé cristã pelos chamados quaeres deve-se exatamente a isto; eles dão tanta ênfase à "luz interior", que ignoram a Palavra. Tendem a dizer que a Palavra não tem importância; o que importa é esta luz interior.

E chegaram a uma posição em que ficam mais ou menos desligados das doutrinas do Novo Testamento, sendo que o Senhor Jesus Cristo é pouco necessário ao seu sistema. E há outros que a tal ponto deram ênfase ao Espírito Santo, que O separaram da Palavra. Não querem aprender, não querem receber instrução; vivem no terreno dos sentimentos, da disposição e das experiências, e se metem em êxtases que muitas vezes não somente os levam ao "naufrágio da fé", mas também a imoralidade grosseira, a excessos e a fracassos. A Palavra e o Espírito Santo geralmente andam juntos. A Palavra foi dada pelo Espírito, e Ele usa a Sua Palavra. Ela é o instrumento que Ele utiliza. Não estou negando que o Espírito possa falar-nos diretamente;

mas estou dizendo que isso é a exceção. E vou além; digo que qualquer coisa que possamos pensar que é obra do Espírito em nós deve sempre ser provada pela Palavra. O Espírito Santo nunca fará nada que entre em contradição com a Sua Palavra. Assim, somos exortados a "provar os espíritos", a "examinar os espíritos", a "testar os espíritos". Nem todos os espírito são de Deus; portanto, você precisa submeter à prova todo espírito particular. O que nos fornece tal prova? A Palavra. Portanto, esta obra é realizada pelo Espírito, mas é realizada pela Palavra e por meio da Palavra.

Permitam-me demonstrar este ponto, porque é de vital importância. Para mostrar como quase toda a obra que o Espírito realiza no crente é feita por meio da Palavra, comecemos com a nossa regeneração. Tiago o expressa desta maneira: "Pelo que, rejeitando toda a imundícia e superfluidade de malícia, recebei com mansidão a palavra em vós enxertada, a qual pode salvar as vossas almas". A Palavra! Outra vez Tiago faz esta colocação: "Segundo a sua vontade, ele nos gerou pela palavra da verdade, para que fôssemos com primícias das suas criaturas" (Tiago 1:21,18). Pedro ensina a mesma coisa: "Sendo de novo gerados", diz ele, "não de semente corruptível, mas da incorruptível, pela palavra de Deus, viva, e que permanece para sempre" (1 Pedro 1:23). A regeneração é obra do Espírito Santo, mas Ele a realiza pela Palavra - "sendo de novo gerados, não de semente corruptível, mas da incorruptível, pela palavra de Deus". É a Palavra, e esta empregada pelo Espírito, que nos dá vida nova. Veja-se ainda Paulo, na Primeira Epístola aos Tessalonicenses, capítulo 2, versículo 13: "Pelo que também damos sem cessar graças a Deus, pois, havendo recebido de nós a palavra da pregação de Deus, a recebestes, não como palavra de homens, mas (segundo é, na verdade), como palavra de Deus, a qual também opera (eficazmente) em vós, os que crestes". Esta Palavra está operando eficazmente em nós, que cremos. Ela nos introduziu na vida eterna; ela continua a operar eficazmente em nós. "Operai a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar" (Filipenses 2:12-13). Como Deus faz isso? Por meio da Palavra.

Permitam-me dar mais exemplos desta mesmíssima coisa. O Senhor Jesus mesmo ensino isto clara e objetivamente. No capítulo oito do Evangelho Segundo João vocês encontrarão um relato de como o Senhor estava pregando um dia, e nos é dito que, quando ouviram as Suas palavras, muitos creram nEle. Depois lemos o seguinte (versículo 31 e 32): "Jesus dizia, pois, aos judeus que criam nEle: Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente sereis meus discípulos; e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará". Vocês notam que eles têm que permanecer na Sua Palavra e, se o fizerem, a verdade os libertará. Ou, ouçam-no de novo em João 15, versículo 3: "Vós já estais limpos", diz Ele, "pela palavra que vos tenho falado". É a Palavra que limpa. E ainda há dois exemplos disto no capítulo dezessete do Evangelho Segundo João. O primeiro está no versículo 17: "Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade". Ele está deixando os Seus discípulos no mundo, e o inimigo está atacando. Diz Ele: "Não peço que os tires do mundo, mas que os livres (os

limpes, os guardes) do mal". "Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade." E depois observamos a tremenda declaração de Jesus, e que diz: "E por eles me santifico a mim mesmo". Ele está falando agora em colocar-Se à parte para a morte na cruz. Por que fará isso? "Para que também eles sejam santificados na verdade." Este é, pois, o grande princípio que vemos ensinado por toda parte no Novo Testamento. Cristo está purificando a Igreja mediante a obra do Espírito Santo que Ele enviou, e que utiliza a Palavra ao realizar a obra.

Contudo, isso nos deixa com esta questão vital: qual é esta Palavra que o Espírito Santo usa? Devemos ser santificados por meio desta *Palavra.* Em que consiste a Palavra da santificação? Qual é o ensino que leva à nossa progressiva santificação e libertação do poder e da corrupção do pecado? Eis aqui, de novo, um ponto vital em toda esta questão da doutrina da santificação; porque existe o real perigo de estreitarmos esta mensagem concernente à santificação, e de reduzi-la a um ensino ou fórmula especial quanto à santificação. Todos conhecemos bem esse ensino. Há os que dizem que a santificação é "muito simples" (e esta expressão é deles). Eles têm, eles pretendem ter uma mensagem especial sobre a santificação e a santidade que, segundo eles, é "muito simples". Realmente esta se resume nisto: "Confie e obedeça" "Solte-se e deixe com Deus". Dizem eles que esse é o ensino das Escrituras concernente à santificação. Daí vocês verão que, com muita freqüência, para não dizer geralmente, eles apresentam o seu ensino em termos de algumas histórias do Velho Testamento, com relação às quais eles podem deixar sua imaginação correr solta. A única coisa que lhes interessa é apresentar esta fórmula, esta fórmula simples, dizem eles, acerca da santificação. "É muito simples, você pára de pelejar e lutar, e apenas "confia e obedece"; "você a recebe pela fé", acredita que a tem, e segue adiante." Dizem eles que não há nada mais que dizer ou fazer.

Entretanto, será que isso corresponde fielmente à Palavra? Será essa "a palavra" que leva à nossa santificação? Porventura alguma passagem das Escrituras apresenta a santificação apenas como uma "fórmula" que você imagina e depois ignora mais ou menos todas as epístolas do Novo Testamento e seu ensino, e encontra ilustrações deste processo simples em várias narrativas do Velho Testamento? Certamente isso é mutilar o ensino escriturístico. Qual é a Palavra que nos ensina a santificação, e que nos santifica? Naturalmente, a resposta é que é a Bíblia toda, toda a verdade que se encontra na Bíblia, ou em qualquer destas epístolas do Novo Testamento. Por que o apóstolo Paulo escreveu esta carta aos efésios? Escreveu-a para que a santificação deles progredisse. Eles tinham crido na verdade, como ele os leva a lembrar no capítulo primeiro. Mas ele quer que eles cresçam na graça, quer que se desenvolvam, quer que se livrem do pecado - da culpa, do poder e da corrupção do pecado. Quer que vejam que o objetivo é que sejam perfeitos e santos, inteiramente sem culpa e sem mancha; e ele escreve a fim de que eles sejam trazidos a esse ponto. É preciso que passem por este processo. Toda esta epístola fala sobre a santificação. Esta é "a palavra". Não é uma pequena fórmula "muito

simples" que você tão somente aplica, e então "a" tem. Absolutamente não! Você tem que aprofundar-se em tudo que o defronta nesta epístola. Noutras palavras, a Palavra pela qual somos santificados é o conjunto total do ensino bíblico. Consiste, em particular, de todas as grande doutrinas ensinadas através das páginas da Bíblia inteira; e é somente quando compreendemos isto que vemos como aquela outra idéia que estreita e reduz o ensino da santificação e da santidade a apenas uma pequena fórmula é ignorar, em última análise, a maior parte da Bíblia.

Em que consiste esta Palavra pela qual o Espírito Santo nos santifica? Primeiro e acima de tudo é a Palavra acerca de Deus. Quando se ensina a santificação não se começa pelo homem. Todavia é como se faz comumente, não é? Dizem: há alguma falha em sua vida? Você é infeliz? Tropeçou nalguma coisa? Está em situação desconfortável? Sua vida é um fracasso? Eles começam por aí. "Escute", dizem eles, "você pode ficar livre dessas aflições. Tudo que precisa fazer é entregar esses problemas; basta entregá-los ao Senhor, e Ele o livrará deles. Ele os tirará de você e, depois, tudo que lhe restará fazer é permanecer no Senhor, e Ele o manterá bem. Não é isso típico de muito ensino sobre santificação e santidade? Começa com o homem e seu problema - "Como posso ser mais feliz?", "Segredo Cristão de uma Vida Feliz", etc. Mas não é assim que a Bíblia ensina a santificação.

Como, então, a Bíblia ensina a santificação? Começa-se olhando para a face de Deus! Não se começa com o homem; começa-se com Deus. Não há maneira mais profunda de ensinar a santificação e a santidade do que simplesmente ensinar as doutrinas concernentes ao ser, à natureza e ao caráter de Deus! Você não começa consigo próprio e com os seus problemas e necessidades; começa com Deus. Não

começa com os seus desejos, começa com o Todo-Poderoso - “santo, santo, santo, Senhor Deus Todo-Poderoso”! Haverá alguma coisa que favoreça a santificação e a santidade tanto como isso? A Bíblia está repleta deste ensino. Recordemos aquela grandiosa exposição acerca da vocação do profeta Isaías, registrada no capítulo 6: “No ano em que morreu o rei Uzias, eu vi o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono; e o seu séquito enchia o templo. Os serafins estavam acima dele; cada um tinha seis asas: com duas cobria o seu rosto, e com duas cobria os seus pés e com duas voava, Eles clamavam uns para os outros, dizendo: santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos: toda a terra está cheia da sua glória. E os umbrais das portas se moveram com a voz do que clamava, e a casa se encheu de fumo. Então disse eu: ai de mim, que vou perecendo! Porque eu sou um homem de lábios impuros, e habito no meio de um povo de impuros lábios: e os meus olhos viram o rei, o Senhor dos Exércitos”. Esse é o modo pelo qual a Bíblia ensina a santidade e a santificação!

Por que somos como somos? Por que há tantas falhas em nossas vidas, e tanto pecado? A resposta acha-se aqui; simplesmente não conhecemos a Deus! “Pai justo”, disse o Senhor Jesus, “o mundo não te conheceu; mas eu te conheci.” “Oh”, disse Ele, “se eles tão somente te conhecessem, não viveriam

como vivem, mas não te conhecem!” Eles falam de Deus, e argumentam, mas não O conhecem. “Pai justo, o mundo não te conheceu.” Mesmo conosco, que somos cristãos, o problema é que não conhecemos a Deus. Esqueçam das suas fórmulas, esqueçam-se de si próprios e daquilo que os está mantendo na fossa. Não é esse o seu problema. A sua natureza e corrupta, e se vocês se livrarem desse problema particular, terão alguma outra coisa contra o que lutar. O verdadeiro problema é que não conhecemos a Deus. Os homens que buscavam a Deus e buscavam Sua face é que foram mais santos. O de que necessitamos primordialmente não é de alguma experiência, é deste conhecimento de Deus, dos atributos de Deus - Sua glória, Sua inefabilidade, Sua santidade, Sua onipotência, Sua eternidade, Sua onisciência, Sua onipresença. Se eu e você simplesmente tivéssemos a percepção de que onde quer que estivermos, e o que quer que fizermos, Deus nos estará vendo, isso tranformaria as nossas vidas! Portanto, a Bíblia, esta Palavra a respeito da qual o nosso Senhor está falando, é a Palavra acerca de Deus, o “Pai justo”.

Isso é o ensino do Novo Testamento concernente à santidade. Começa-se com esta primeira doutrina, que é central, abrangente e determinante. Vê-se não somente em Isaías; Ezequiel mostra a mesma coisa. Ele teve esta visão de Deus, sentiu-se com a mesma impureza e foi ao chão. Jó, como sabemos, estivera falando muito sobre Deus, e criticando; porém, enfim ele vê, e diz: “agora te vêem os meus olhos”. Agora ele diz: “A minha mão ponho na minha boca”, e, “me abomino e me arrependo no pó e na cinza” (40:4 e 42:5-6). Acaso vocês têm ouvido muitos ensinamentos sobre o ser e o caráter de Deus em suas reuniões de edificação espiritual? Quantas vezes vocês ouviram sermões sobre a natureza, o ser e os atributos de Deus? Tudo isso é

tomado como coisa aceita tacitamente. Começamos conosco mesmos e com nossos problemas, e queremos saber como podemos livrar-nos dos problemas ou receber alguma bênção especial. A abordagem é errônea. A Palavra - "a tua palavra" - é a coisa essencial. E ela é intrinsicamente uma Palavra acerca de Deus, uma revelação do ser e do caráter de Deus. "Com a lavagem da água, pela palavra."

A mesma Palavra também nos revela o nosso estado pecaminoso. Ela nos diz como era o homem originariamente. Não há melhor maneira de pregar a santificação do que pregar sobre Adão, como este era antes da Queda. Assim é que o homem estava destinado a ser. Quantas vezes vocês ouviram sermões sobre Adão em reuniões sobre santificação e santidade? Ou sermões sobre a Queda - a queda do homem e suas terríveis conseqüências? Santificação? Leiam a Epístola aos Romanos, capítulo 5, versículos 12 a 21 sobre o fato de estarmos em Adão e envolvidos em seu pecado. Aí está a raiz do problema; e devemos entendê-lo bem. A Palavra nos ensina acerca disso tudo. Esse é o ensino do Novo Testamento acerca da santificação - esta elevada doutrina presenta nestas epístolas, em vez de histórias sobre algumas personalidades do Velho Testamento, que podemos usar como ilustrações em prol da nossa teoria! A santificação se baseia na exposição da verdade concernente à aversão de Deus pelo pecado e ao castigo com que Deus ameaça todo pecado. Que vem em

seguida? Os Dez Mandamentos! Eles comprovam o fato do pecado, pontuam-no, focalizam-no, fazem-nos compreender o pecado - de sorte que eles fazem parte deste ensino. Não nos detemos nas "dez palavras", mas elas entram em ação, para convencer-nos da nossa necessidade. A Lei foi "um aio, para nos conduzir a Cristo" (um preceptor, um mestre, para nos levar a Cristo) uma revelação da santidade de Deus. Por isso os chamados "pais" (da Igreja) costumavam pintar os Dez Mandamentos nas paredes das suas igrejas. A Lei não é meio de salvação, mas é um meio de mostrar-nos a nossa necessidade dela, e a continuada necessidade de sermos purificados. Depois, o misericordioso propósito redentor de Deus, a aliança da redenção anterior à fundação do mundo, o Pai, o Filho e o Espírito Santo planejando juntos a libertação do homem. Paulo já nos falara a respeito disso no início desta epístola: "Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo" - eis como se começa a pregar a santificação - "o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo; como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em amor." É isso! E depois, tudo sobre a pessoa e a obra do próprio Senhor Jesus Cristo, tudo que Ele fez e tudo que suportou. Na verdade, não há melhor maneira de pregar sobre a santificação do que pregar sobre a cruz, pois, se eu olhar para a cruz e a "contemplar", chegarei a esta conclusão:

Amor tão admirável, tão divino, exige minha alma, minha vida, todo o meu ser.

“Mas, ah”, dizem “agora estamos preocupados com a nossa santidade; concluímos a parte inicial da salvação, concluímos o que se refere ao perdão dos pecados. Não se prega a cruz numa conferência sobre santidade. Claro que não! Agora estamos interessados em fórmulas pró santificação. Não se prega a cruz aqui!” No entanto, haverá alguma coisa tão bem planejada para fomentar a santidade e a santificação como a cruz?

Quando a cruz assombrosa contemplei, na qual morreu o Príncipe da glória, meus lucros eu tomei por perda e escória, e desprezo sobre meu orgulho lancei.

Somos o que somos porque nunca vimos o pleno significado da cruz. Essa é a causa do nosso fracasso e da nossa fraqueza. Nunca chegamos a compreender o amor de Cristo por nós. Oh, se tão somente enxergássemos de fato o sentido da cruz! Se tão somente tivéssemos a experiência do conde Zinzendorf, que olhando aquele quadro da cruz, clamou -

“Tu fizeste isto por mim, que posso fazer por Ti?”

Ao contemplá-la, disse ele também: “Tenho uma só paixão, é Cristo, e somente Cristo.”

Esta é a Palavra - todas as grandes doutrinas, incluindo-se também o Espírito Santo, Sua pessoa, Sua obra, Seu poder. Depois o que? Batizar-nos em Cristo, nossa união com Cristo! Depois esta doutrina da Igreja. Esta é a Palavra que promove a santificação. E devemos ir com todas estas doutrinas até à doutrina da Segunda Vinda. Aqui está, no versículo 27: “para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível.” Quando foi a última vez que vocês ouviram um sermão sobre a Segunda Vinda numa reunião sobre a santidade? “Mas”, dizem ,“isso é um erro. Para isso vamos a uma reunião que trate do Segundo Advento, não a uma reunião sobre santidade e santificação!” E assim se vê como nos desviamos das Escrituras. Introduzimos vários departamentos especiais na vida da Igreja. Santificação? “Você não precisa da cruz aqui, não precisa do Segundo Advento aqui; só precisa desta coisa “muito simples”!” Somente quando compreendo o propósito do Senhor para mim no glorioso dia por vir, quando Ele apresentará a Si mesmo a Igreja como uma Igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, é que a minha santificação é fortalecida. É esse ensino que me concita à santificação.

Eis como o apóstolo João diz a mesma coisa: “Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifestado o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim como é o veremos”. E depois: “E qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também ele é puro” (I João 3:2-3). A doutrina da Segunda Vinda leva à santificação, à purificação. A Palavra sobre a qual o apóstolo está falando aqui, é a completa Palavra das

Escrituras - toda a doutrina, toda a redenção, do começo ao fim, a Bíblia inteira. “Com a lavagem da água, pela palavra.”

Tendo apresentado esta gloriosa doutrina, termino com uma palavra de exortação. Uma vez que tudo isso é verdade, que espécie de pessoas deveríamos ser? Uma vez que tudo isso é verdade, como Paulo o explica, vocês não podem ser como eram; devem separar-se do mal. Prossigam com a sua santificação. “Purifiquemo-nos de toda a imundícia da carne e do espírito, aperfeiçoando a santificação no temor de Deus”; “Alimpai as mãos, pecadores; e, vós de duplo ânimo, purificai os corações” (2 Coríntios 7:1; Tiago 4:8). Estas são as exortações das Escrituras. Todavia, muitos se levantam e fogem das grandes doutrinas.

Assim, vemos aqui o processo de santificação executado pelo Senhor Jesus Cristo mediante a instrumentalidade do Espírito Santo que Ele enviou, é realizado pela Palavra, nela e por intermédio dela. “Santifica-os na verdade: a tua palavra é a verdade.” E não importa em que circunstâncias você a vê, ela o humilhará, e o guiará em sua santificação. Acima de tudo, no entanto, comece com Deus: “Bem-aventurados os limpos de coração; porque eles verão a Deus” (Mateus 5:8). Temos tempo para desperdiçar ou poupar? O de que necessitamos

não é de livrar-nos daquele pequeno problema em nossas vidas; é estarmos prontos para a glória. É quando fitamos a face de Deus que percebemos a necessidade de santificação, e nos é exposto o meio pelo qual pode ser realizada a nossa santificação, e é função do Espírito fazê-lo. Ele nos conduz à Palavra, Ele nos abre a Palavra, Ele a implanta em nossa mente, em nosso coração, em nossa vontade, Ele nos revela o Senhor, e assim a nossa santificação, a nossa purificação prossegue dia após dia, semana após semana, ano após ano, E como ainda veremos, Ele prosseguirá com isto até completar-se a obra, e seremos santos e irrepreensíveis em Sua santa presença. Esta é a obra que o Senhor continua realizando em Seu povo, a Igreja.

A CEIA DAS BODAS DO CORDEIRO Efésios 5:25-33

Ainda vamos continuar examinando esta extraordinária declaração na qual o principal objetivo do apóstolo é ensinar aos maridos seus deveres para com suas esposas; e ele o faz em termos do relacionamento do Senhor Jesus Cristo com a Igreja. O apóstolo toma ora um assunto ora outro, mas nós decidimos que o melhor procedimento, para melhor compreensão do seu ensino, é tomá-los separadamente. Temos considerado primeiro o que ele diz sobre a relação de Cristo com a Igreja para que, tendo visto essa doutrina em sua inteireza e plenitude, pudéssemos estar em condições de aplicá-la aos maridos em seu relacionamento com suas esposas.

Já consideramos como o nosso Senhor morreu pela Igreja, entregou-Se por ela, e

como Ele prossegue a separá-la para Si (santifica-a, põe-na à parte, dedica Sua peculiar afeição a ela) para poder purificá-la e continuar este processo de purificação espiritual.

Há ainda duas expressões por considerar em conexão com este continuado tratamento que o Senhor dá à Igreja. São as duas palavras que se acham no versículo 29, onde lemos que "nunca ninguém aborreceu a sua própria carne; antes a alimenta e sustenta, como também o Senhor à igreja". Paulo não diz que "no passado o Senhor alimentou e sustentou a Igreja"; o propósito é mostrar que Ele continua realizando essa obra. Isto se coaduna inteiramente com o que nos é dito acerca da purificação, que evidentemente é um contínuo processo de santificação. Este alimentar e sustentar também é uma coisa que continua, e não é apenas uma ação realizada uma vez para sempre no passado. Por isso, os que reduzem a uma ação unicamente passada aquilo de que tratamos até o versículo 26, parecem-me estar omitindo todo o fio do ensino desta seção. A morte do Senhor Jesus aconteceu uma vez por todas, mas todo o restante tem continuidade, com este objetivo culminante em vista.

Examinemos, pois, estas três palavras; são muito interessantes. "Antes a alimenta." Esta expressão explica-se a si mesma. Seu sentido essencial é o de prover alimento, comida, nutrição. Cristo Se preocupa com a saúde, o crescimento, o desenvolvimento e o bem-estar da Sua Igreja, pelo que Ele a alimenta. De certo modo, o apóstolo tratou deste tema no capítulo 4, onde o expressa nestes termos: "E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores". Para que? "Para aperfeiçoamento dos santos"; para este processo que continua. É algo que prossegue, "para a obra do ministério, para edificação" - para a construção - "do

corpo de Cristo; até que todos cheguemos..." - aí está de novo o objetivo final! Assim, aqui, temos outro modo de dizer a mesma coisa, e é maravilhoso compreendermos, como membros da Igreja cristã, que o Senhor alimenta dessa maneira a vida da Igreja.

É uma expressão do Seu amor e do Seu cuidado por nós, suprindo-nos do alimento espiritual de que necessitamos. A Bíblia é dada por Deus, pelo Senhor Jesus Cristo, mediante o Espírito, como alimento para a alma. É uma parte da nutrição que Ele nos dá. E todo o ministério da Igreja, como no-lo recorda o capítulo 4, é destinado ao mesmo fim. Noutras palavras, não há escusa para a Igreja quando ela é ignorante ou subdesenvolvida ou fraca ou marasmática. Igualmente não há escusa para nenhum cristão individual. O próprio Senhor Jesus nos alimenta.

Pedro, em sua segunda epístola, diz-nos que o Senhor "nos deu tudo o que diz respeito à vida e piedade" (1:3). É isso que toma grave a situação do cristão queixoso. Nunca poderemos pleitear a escusa de que não houve alimento suficiente porque estávamos num deserto. O alimento está disponível, o

“maná celestial” (cf. João 6:31-32,49-51) é fornecido; tudo que se pode necessitar está aí, na Bíblia. Aí está o alimento concentrado, não adulterado, como o mesmo Pedro o expõe em sua primeira epístola, no capítulo 2: “o leite racional, não falsificado, para que por ele vades crescendo”. O Senhor o providenciou. Esta é uma coisa magnífica, para nossa ponderação - que o Senhor está alimentando a Igreja. O marido, em seu cuidado pela esposa, trabalha para providenciar alimento e tudo de que ela necessite. Os pais que cuidam dos seus filhos têm para estes o alimento certo, e abundante, na hora certa. Que preocupação demonstram eles neste aspecto! O Senhor está fazendo isso por nós de maneira infinitamente mais grandiosa.

Como estamos reagindo a isso? Damo-nos conta de que Ele nos está alimentando? Uma parte do Seu cuidado consiste em prover atos de culto público. O culto público não é uma instituição humana, uma invenção do homem. Não é uma coisa dirigida como uma instituição; e as pessoas não vêm à casa de Deus - pelo menos não devem vir - por uma questão de dever. Devem vir porque compreendem que não poderão crescer se não vierem. Vêm para alimentar-se, para encontrar alimento para a alma. O Senhor o providenciou. Deus sabe que eu não vou ao púlpito só porque resolvo ir. Não fora pela vocação do Senhor, eu não o faria. Tudo que fiz foi resistir a essa vocação. Este é o Seu método. Ele chama homens, separa-os, dá-lhes a mensagem, e o Espírito está presente para dar iluminação. Tudo isso faz parte do método pelo qual o Senhor alimenta a Igreja.

Tomemos em seguida a palavra “sustenta” (Almeida, Atualizada: “dela cuida”). Esta palavra é empregada somente duas vezes no Novo Testamento. É uma palavra que comunica uma idéia bem definida, geralmente a de vestir. É disso que a noiva, a esposa, necessita. Essas são as duas primeiras coisas em que você pensa - o alimento e o vestuário. Mas o termo transmite mais uma idéia, a saber, a de cuidar de, olhar por, proteger. É expressão de solicitude. Quando

você alimenta e sustenta uma pessoa, você mostra, com uma vigilância constante, um cuidado e um anelante desejo de que ela floresça, desenvolva-se e cresça. Essas são as idéias dadas pelo termo “sustenta” (“cuida”), acrescentado ao termo “alimenta”.

Nosso maior problema é que não temos uma verdadeira concepção do interesse do Senhor por nós e do Seu zelo por nós. Essa é a nossa carência fundamental - não conhecemos o Seu amor. Muitas vezes as pessoas se preocupam, e naturalmente com razão, com o seu amor a Ele; mas eu e você nunca O amaremos, enquanto não começarmos a conhecer alguma coisa do Seu amor por nós. Você pode produzir excitação ou alguma coisa carnal, mas não pode produzir amor. No caso da Igreja, o amor é sempre uma resposta, uma reação: “Nós o amamos a ele porque ele nos amou primeiro” (1 João 4:19). Somos incapazes, até que, subitamente, Ele irradia sobre nós os fulgentes raios do Seu amor; e quando nos damos conta disso, começamos a

amar. E chegamos a dar-nos conta disso mediante este modo muito prático de entender algo do que Ele fez por nós, e do que Ele provê para nós, alimentando-nos e sustentando-nos, cuidando de nós. Quanto mais enxergarmos isso, e nos dermos conta disso, mais maravilhados ficaremos, e mais O amaremos, em resposta ao Seu amor.

Não devemos deter-nos em Sua obra por nós na cruz. Começamos aí, mas vemos que, tendo terminado essa obra, Ele prossegue e faz toda esta imensa e ampla provisão para nós, e cuida providencialmente de nós, nas coisas que nos sucedem, dirigindo-nos e guiando-nos. De mil e uma maneiras Ele alimenta e sustenta a vida da Igreja, pela qual Ele morreu. Não significa que olvidamos a cruz, ou que voltamos as costas para ela, porém que, em acréscimo, percebemos mais esta obra que Ele realiza por nós.

Por que o Senhor faz tudo isso? Por que morreu pela Igreja? Por que este processo de santificação e purificação? Por que a alimentação e o sustento, o cuidado? Qual o propósito disso tudo? A resposta acha-se na tremenda declaração do versículo 27: "Pva a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível". Tudo visa a esse fim. Tudo que estivemos examinando é o objetivo imediato, mas tendo em vista esse objetivo final. Esse é o propósito, essa é a grande finalidade para a qual o Senhor fez e continua fazendo as coisa que estivemos considerando.

No entanto, para apanharmos a força total desta expressão, devemos mudar um pouco a tradução. Uma tradução mais fiel é, certamente, esta: "Para ele próprio a apresentar a si mesmo". Temos que introduzir adicionalmente ali a expressão, "ele próprio". E a razão do acréscimo é que nos lembra logo que todas as analogias, mesmo as analogias das Escrituras, são inadequadas. São apenas tentativas de oferecer-nos vislumbres do entendimento daquilo que a verdade é realmente. Mas nenhuma ilustração é suficiente. Aqui, o apóstolo está ilustrando esta relação entre Cristo e a Igreja em termos de marido e mulher; e todavia, imediatamente encontramos algo que mostra que a analogia é inadequada, não indo suficientemente longe. Todos sabemos que o procedi-

raento normal é que alguém entregue a noiva ao noivo - o pai, ou um parente, ou um amigo. Ele conduz a noiva até ao noivo, na cerimônia matrimonial. Tendo sido ajudada por outros em todos o seus preparativos - em sua criação e educação, e mesmo em seu vestuário etc. - a noiva é apresentada ao noivo por outra pessoa. Contudo, nesta passagem não é assim. Aqui, o Senhor apresentará Sua noiva a Si mesmo. "Para apresentá-la a si mesmo."

Este é simplesmente outro modo de salientar aquilo que constitui o grande tema da Bíblia toda - que em sua inteireza a nossa salvação procede do Senhor. E Sua realização. Ele mesmo apresenta Sua noiva a Si mesmo porque ninguém mais pode fazê-lo, ninguém mais é competente para fazê-lo. Somente Ele pode fazê-lo. Ele fez

tudo por nós, do princípio ao fim, e concluirá a obra apresentando-nos a Si mesmo com toda esta glória aqui descrita.

O quadro que temos diante de nós, portanto, é o de nosso Senhor e Salvador divisando prospectivamente o momento, o dia em que irá apresentar a Igreja a Si mesmo. E como será a Igreja? Será "uma igreja gloriosa" - que significa uma Igreja caracterizada por glória. Aqui está uma expressão com a qual estamos familiarizados, no sentido individual, nas Escrituras. O destino final de cada um de nós, o último evento da nossa salvação individual é a glorificação - justificação, santificação, glorificação. Às vezes a glorificação é descrita como "redenção", como, por exemplo, na grande declaração de 1 Coríntios, capítulo Iª, versículo 30: "o qual para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção". Isso realmente significa "glorificação". Ou, como Paulo o expressa em Romanos 8:30: "aos que justificou, a estes também glorificou". Esse é o fim. Ou como o temos na Epístola aos Filipenses, no fim do capítulo três: "Mas a nossa cidade está nos céus, donde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que transformará o nosso corpo abatido (ou o corpo da nossa humilhação), para ser conforme o seu corpo glorioso (o corpo da Sua glorificação) segundo o seu eficaz poder de sujeitar também a si todas as coisas". Isso é para nos acontecer individualmente; mas a Igreja também, em seu conjunto total, haverá de ser glorificada.

É isso que significa a frase "igreja gloriosa". Ela estará num estado de glória. O apóstolo nos ajuda a entendê-lo, primeiro descrevendo sua aparência externa. Descreve isto em termos de duas negativas. A Igreja, em sua glória, não terá mácula nem ruga. Não haverá nela nem mancha nem desonra. É muito difícil percebermos bem isso. Enquanto a Igreja caminha neste mundo de pecado e vergonha, ela se suja de lama e lodo. Portanto, há manchas e nódoas nela. E é muito difícil livrar-se delas. Todos os medicamentos que conhecemos, todos os produtos de limpeza são incapazes de remover estas manchas e nódoas. Algreja não é limpa aqui, não é pura; embora esteja sendo purificada, ainda há muitas manchas nela.

Entretanto, quando ela chegar àquele estado de glória e de glorificação, ficará sem uma única mancha; não haverá nódoa alguma nela. Quando Ele a apresentar a Si mesmo, com todos os principados e poderes, e com todas as

compactas fileiras de potestades celestes e contemplar esta coisa maravilhosa, a sondá-la e a examiná-la, não haverá nela nenhuma mácula, nenhuma nódoa. O exame mais cuidadoso não será capaz de detectar a menor partícula de indignidade ou de pecado. O apóstolo já introduzira esta idéia no capítulo 3, versículo 10, onde ele diz: "Para que agora, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e potestades nos céus". Estes principados e potestades estarão olhando para ela; e o Senhor, em Seus gozo, não somente a apresentará a Si mesmo, mas o

fará na presença deles. A noiva e o Noivo estarão diante das hostes da eternidade, e Ele solicitará a sua inspeção. Pedirá que a observem, e elas não poderão achar mancha alguma, nem mácula, nem nódoa nenhuma nela - "sem mácula".

Sim, e graças a Deus, "nem ruga" - "sem mácula, nem ruga". As rugas, como sabemos, são sinais de velhice, ou de doença, ou de algum tipo de transtorno constitucional. As rugas são um sinal de imperfeição. Quando envelhecemos, desenvolvemos rugas. A gordura desaparece da pele. A enfermidade também pode privar-nos dessa camada de gordura, e assim fazer-nos parecer prematuramente velhos. Não importa qual seja a causa - qualquer espécie de aflição ou de ansiedade leva às rugas. É sinal de fadiga e de decadência, de idade avançada e de bancarrota. Neste mundo a Igreja tem muitas rugas; parece idosa, velha. Contudo, graças a Deus, diz o apóstolo Paulo, quando chegar o grande dia em que Cristo vai apresentar a Igreja a Si mesmo em toda a sua glória, não somente não haverá nela mácula nenhuma; também não haverá nenhuma ruga.Tudo será apagado e alisado, sua pele será perfeita, cheia e bem formada. É impossível descrever esta perfeição. A idéia toda é, num sentido, sugerida no Salmo 110, onde ao salmista, numa prospectiva profética, é propiciado um vislumbre deste estado de perfeição: "O teu povo", diz ele no versículo três, "se apresentará voluntáriamente no diz do teu poder, com santos ornamentos: como vindo do próprio seio da alva, será o orvalho da tua mocidade". A Igreja terá renovada a sua mocidade. Ousaria eu expressá-lo assim? O Especialista em Beleza terá dado Seu toque final à Igreja, a massagem terá sido tão perfeita que não restará nem uma ruga sequer. Ela parecerá jovem e na florescência da juventude, com a cor das faces, com a pele perfeita, sem mácula nem ruga. E permanecerá assim, para todo o sempre. O corpo da sua humilhação terá desaparecido, terá sido transformado e transfigurado no corpo da sua glorificação.

É isto que nos é dito em geral aqui, acerca da Igreja. Permitam-me, porém, lembrá-los de que em Filipenses 3, versículos 20 e 21, Paulo nos diz que essa mesma coisa nos irá acontecer individualmente. É coisa maravilhosa de se ver. Estes nossos corpos, individualmente, o seu e o meu, vão ser glorificados. Nenhuma enfermidade restará, nenhum vestígio de doença ou de falha ou de sinais de velhice; haverá uma grandiosa renovação da nossa mocidade. E viveremos naquela eternidade de perpétua juventude, sem decadência nem doença, nem qualquer diminuição da glória a nós pertencente. Assim será a aparência externa da Igreja. Não se esqueçam de que a idéia que o apóstolo

deseja transmitir é a do prazer do Noivo na Sua noiva. Ele a está preparando para "aquele dia". Será realizada a Sua grandiosa celebração; é Sua intenção mostrá-la ao universo inteiro.

Essa verdade, no entanto, não se refere somente ao exterior, e sim também à sua

interioridade. De um modo deveras extraordinário, o Salmo 45 é uma perfeita descrição profética disso tudo: “A filha do rei é toda ilustre (ou “gloriosa”) no seu palácio”. O salmista não se contenta em dizer que “as suas vestes são de ouro tecido”, e que “levá-la-ão ao rei com vestidos bordados”; ele ressalta igualmente que ela será “toda ilustre (“toda gloriosa”) no seu palácio”.

Isso é o que o apóstolo apresenta aqui - ela será “santa e irrepreensível”. Será positivamente santa. A declaração do apóstolo é essencialmente positiva. A santidade, a retidão ou justiça da Igreja não é mera “ausência” do pecado e de pecados; é a participação na retidão de Deus.

Aí é onde os homens meramente moralistas ficam sem entender nada. Eles não têm concepção de coisa nenhuma, senão de uma moralidade negativa; para eles a moralidade significa não fazer certas coisas. Não é o que a Bíblia quer dizer com retidão; o termo bíblico significa “ser como Deus”! Deus é santo, e a Igreja se toma santa, com esta esplêndida retidão, com esta perfeição. É muito mais que mera ausência do mal. É essencialmente positiva retidão íntegra, verdade, beleza e tudo aquilo que é glorioso em sua essência como o é em Deus. A Igreja compartilha disto. Ela está agora revestida da justiça de Cristo. Graças a Deus, Ele vê isso, e não a nós. Mas, naquele dia, haverá mais que isso. Ela será na verdade semelhante a Ele, positivamente, inteiramente justa e santa.

E então, para garantia de que o entendamos, o apóstolo diz, “irrepreensível”, isto é, “sem culpa”. Já dissera isto no versículo 4 do capítulo primeiro: “Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais no lugares celestiais em Cristo; como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo”. Para que? “Para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em caridade” (“em amor”). Foi o prelúdio. Os temas dominantes sempre estão no prelúdio. Agora Paulo toma o tema que apenas mencionara lá; aqui, no capítulo cinco, ele o desenvolve mais completamente. A Igreja, então, vai estar neste glorioso estado.

Permitam-me resumir tudo isso da seguinte maneira: os termos empregados pelo apóstolo Paulo são destinados a comunicar perfeição de beleza, saúde e simetria físicas, a perfeição absoluta de caráter espiritual. Pensem na noiva mais bela que já viram. Multipliquem isso pela infinidade, e ainda nem começarão a compreender isto. Mas é como será a Igreja. Nunca existiu nem existirá beleza perfeita neste mundo. Um rosto bonito, quem sabe, porém com mãos feias. Há sempre alguma coisa, algum tipo de defeito, não há? Todavia, ali não haverá nenhum. E essa é, suponho, a suprema qualidade desta beleza que esta sendo descrita - sua simetria, sua perfeição absoluta em todos os aspectos.

Esta é a realidade à qual devemos aspirar mais que tudo. Somos todos muito assimétricos. Alguns estão cheios de conhecimento intelectual, de conhecimento

teórico da doutrina, e nunca se movem além disso. Outros não têm

doutrina, mas falam de suas atividades e de suas vidas - são igualmente defeituosos. O homem que só tem entendimento teórico destas coisas, e que não demonstra o poder delas em sua vida, é um indigno representante do seu Senhor. A mesma coisa com o outro! O homem prático, assim chamado, não tem tempo para doutrina; o outro, não tem nada senão doutrina: ambos estão igualmente enganados. Graças a Deus pelo dia que há de vir, quando seremos completos, não nos faltando nada, e bem proporcionados e equilibrados. Ah, a gloria da beleza aqui descrita e para a qual o nosso bendito Senhor e Salvador nos está preparando dia após dia, semana após semana, mês após mês, e ano após ano! Falo a cristãos. Vocês já se tinham dado conta disto, sobre si próprios? Tinham compreendido que privilégio é serem membros da Igreja cristã? É isto que significa ser cristão! Você que está pronto a correr para o salão de beleza, porventura está correndo ao salão de beleza de Cristo? E o que a Igreja faz. Você tem um real entendimento da Igreja como a noiva de Cristo por quem Ele morreu e por quem continua fazendo todas estas coisas? Sabe que Ele cuida de você, que o sustenta? Sabe que o seu nome está escrito em Seu coração, bem como em Suas próprias mãos? Ele nos amou com um amor eterno, Ele morreu por nós, Ele nos separou para Si, Ele fez toda esta provisão para nós, em preparação para aquele grande dia em que nos apresentará a Si mesmo Igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas havendo nós de ser santos e irrepreensíveis.

Este é o processo em andamento. E é bom lembrá-los de novo de que o processo prosseguirá sem interrupção, até ser concluído. Nada poderá detê-lo, nada terá permissão para detê-lo, porque ela é a Sua noiva. E se posso aventurar-me a empregar este antropomorfismo, Seu grande prazer de Si e dela é tal, que Ele não pode permitir que nada detenha ou impeça a obra! Ela está em andamento, digo eu; e continuará em andamento. Aqui está a garantia bíblica. O apóstolo já no-la dera no capítulo 3, versículos 20 e 21: "Ora", diz ele, "àquele que é poderoso para fazer tudo muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos, segundo o poder que em nós opera, a esse glória na igreja, por Jesus Cristo, em todas as gerações, para todo o sempre". Esse é o poder que opera em nós, e continuará operando. Ele não parou com a Sua morte; Ele não pára na justificação; Ele continua a operar com o Seu poder em nós. Ele faz tudo o que o apóstolo vem descrevendo, para que seja "a esse glória na igreja, por Jesus Cristo, em todas as gerações para todo o sempre".

Esse poder é irresistível. Farei, pois, mais uma vez esta exortação: se você é de fato um filho de Deus e um membro da Igreja, um membro do corpo de Cristo, permitam-me admoestá-lo, à luz deste elevado e glorioso ensino de que este corpo está sendo aperfeiçoado e afinal será perfeito. Portanto, não resista ao Senhor, não resista aos ungüêntos, aos emolientes e ao gentil ensinamento que de várias outras maneiras, Ele

oferece pela instrução na Palavra. Porque, acredite-me, se você se manchar profundamente com o pecado, Ele tem alguns ácidos muito fortes que poderá usar, e que de fato usará, para arrancar você do pecado! "Porque o Senhor corrige o que ama, e açoita a qualquer que recebe por

filho" (Hebreus 12:6). Estamos acostumados, quando celebramos a ceia do Senhor, a recordar o que o apóstolo diz sobre isso em 1 Coríntios 11:23-28. "Examine-se pois o homem a si mesmo". O argumento é que, se nos examinarmos a nós mesmos e nos julgarmos a nós mesmos, não seremos julgados; mas se deixarmos de fazê-lo, Ele no-lo fará; Ele o fará por nós. Não há dúvida acerca disto; é absolutamente categórico: "Examine-se pois o homem a si mesmo, e assim coma deste pão e beba deste cálice. Porque o que come e bebe indig-namente - quer dizer, de maneira descuidada, sem pensar no que está fazendo. Pois sim, ele pode pensar um pouco no cristianismo no domingo, mas esquecê-lo nos seis dias da semana, e então vir a uma celebração da Ceia porque é membro da igreja. Se você age dessa maneira, diz o apóstolo, cuidado: "Examine-se pois o homem a si mesmo, e assim coma deste pão e beba deste cálice. Porque o que come e bebe indignamente, come e bebe para sua própria condenação" - e condenação significa julgamento - "não discernindo o corpo do Senhor". Esse homem não compreende o que está fazendo. "Por causa disto" - porque não se examinam a si mesmos, porque não percebem que a Igreja é a noiva de Cristo e que Ele vai aperfeiçoá-la e glorificá-la - "por causa disto, há entre vós muitos fracos e doentes, e muitos que dormem." "Muitos fracos", quer dizer, pessoas que nunca se sentem bem sem saber por que razão. "E doentes", isto é, estão positivamente mal. "Por causa disto" - porque não se examinam a si mesmos, o Senhor tem esse outro modo de levar a efeito esse aperfeiçoamento. Leiam as biografias dos santos, e verão que muitos deles deram graças a Deus por alguma doença que lhes sobreveio. Para mim, um dos melhores exemplos disto é o caso do grande doutor Thomas Chalmers, que provavelmente nunca teria sido um pregador evangélico se não tivesse sofrido uma moléstia que o manteve preso ao leito por quase doze meses. Foi essa a maneira pela qual Deus o levou a enxergar plenamente a verdade. "Por causa disto, há entre vós muitos fracos e doentes" - sim - "e muitos que dormem" - o qual significa que estão mortos. É um grande mistério, e não tenho a pretensão de compreendê-lo, mas o ensino do apóstolo é simples e claro. O que ele diz é, "Se nos julgássemos a nós mesmos" - se nos examinássemos, e nos tratássemos e nos punníssemos a nós mesmos - "não seriamos julgados. Mas quando somos julgados" - que significa isso? - "somos repreendidos pelo Senhor, para não sermos condenados com o mundo".

Isso tudo, interpretado, significa justamente o que estou tentando dizer - isto é, uma vez que a Igreja é a noiva de Cristo, e uma vez que o Seu anelo por ela O leva a olhar para o futuro, para aquele grande dia em que ela será uma "igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante", mas será "santa e irrepreensível diante dele em amor" (cf. Efésios 1:4), Ele leva avante a Sua obra até aquele fim. E se não

correspondermos a Ele, e não nos rendermos ao Seu carinho e às manifestações do Seu temo amor e dos Seus galanteios, assevero em Seu nome, que Ele o ama tanto que purificará você e o levará lá. Talvez lhe aplique o ácido da "fraqueza", ou o da "doença", mas será para o seu bem. Não me entenda mal. Não significa que toda vez que você estiver doente

será necessariamente por castigo. As Escrituras não dizem isso; mas dizem que pode ser. Isso tem acontecido muitas vezes. Pode-se ler muitos exemplos disso nas Escrituras. Paulo compreendeu que o espinho na came lhe fora dado para mantê-lo humilde e para que ele não se exaltasse (2 Coríntios 12:7-10). Há pessoas tolas e tagarelas que dizem que jamais é da vontade do Senhor que alguém fique doente. As Escrituras ensinam que "o Senhor corrige o que ama", e esta é uma das maneiras de que se utiliza - "há entre vós muitos fracos e doentes, e muitos que dormem". Se você é realmente um filho de Deus, tenha cuidado, esteja alerta. Desde que você pertence ao corpo do qual Ele é a Cabeça, Ele o purificará, Ele o aperfeiçoará, Ele fará que você venha a ser aquilo que Ele determinou que fosse.

O que acabo de dizer nos deixa com uma questão final. Quando irá acontecer tudo isso? Parece não haver nenhuma dúvida quanto a isso. Tem que ver com a "Segunda Vinda" do nosso Senhor. Será quando Ele vier e levar a Igreja para estar com Ele. Esse é o ensino das Escrituras. "Vou preparar-vos lugar. E, se eu for, e vos preparar lugar, virei outra vez e vos levarei para mim mesmo, para que onde eu estiver estejais vós também (João 14:2-3).

Na oração sacerdotal registrada em João capítulo 17, temos exatamente o mesmo ensino. A vontade de Cristo é que a Igreja veja "aquela glória que tinha contigo (com o Pai) antes que o mundo existesse" (versículo 5). É isso que eu e você, como cristãos, vamos ver. "Assim como é o veremos" (1 João 3:2). Agora Ele voltou a ter a glória que desde a eternidade partilhara com o Pai. Ele pôs de lado os sinais dessa glória enquanto esteve cá na terra. É por isso que eu nunca aprovo nenhuma tentativa de pintar retratos do Senhor Jesus. E pura imaginação, e quase certamente errônea. Não existem fatos concernentes à Sua aparência física. As Escrituras silenciam sobre este ponto. Ele esteve aqui "em semelhança da carne do pecado" (Romanos 8:3), e há aquela insinuação no capítulo 8 do Evangelho Segundo João, versículo 57, de que Ele parecia muito mais velho do que era. Jesus dizia de Si mesmo: "antes que Abrão existisse eu sou". Os judeus diziam: "De que é que ele está falando? Ele ainda não tem cinqüenta anos". Ele tinha cerca de trinta e três anos, mas eles falavam em cinqüenta. Isso tem pouca importância - o que importa é que quando Ele subiu ao céu a glória retomou, e agora Ele Se acha em Seu estado glorificado. Paulo O viu de relance, no caminho de Damasco, em toda a Sua glória. Foi tão maravilhoso, que ficou cego e caiu ao solo. Mas eu e você iremos vê-lo "assim como é". Precisamos ser glorificados antes de podermos suportar essa visão, porém com absoluta certeza isso nos acontecerá. E O "veremos face a face" (1 Coríntios 13:12). Na qualidade de

noiva de Cristo, estaremos lá, ao lado dEle, partilhando esta glória.

Quando será? Será quando tudo estiver completo, quando a plenitude dos gentios e a de Israel forem salvas, e a Igreja estiver inteira e completa. Nenhuma pessoa estará perdida ou faltando, nem uma só. O diabo não frustará esta realização; ele já é um inimigo derrotado. O apóstolo sempre se deleita em dizer isto. Ele o diz gloriosamente na Epístola aos Filipenses, capítulo primeiro,

versículo 6: "Tendo por certo isto mesmo, que aquele que em vós começou a boa obra, a aperfeiçoará até" - até quando? - "até ao dia de Jesus Cristo". Esse é o dia, "o dia do Senhor", "o dia de Jesus Cristo", "o dia de Cristo", "o grande e glorioso dia", "aquele dia" que "se vai aproximando" (cf. Filipenses 1:6,10; Atos 2:20; Hebreus 10:25 etc.). Ou como Paulo o expressa no final do capítulo 3 de Filipenses: "Mas a nossa cidade está nos céus, donde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que" - quando vier - "transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o seu corpo glorioso, segundo o seu eficaz poder de sujeitar também a si todos as coisas". Nada pode detê-lo! Outra vez o apóstolo, escrevendo aso romanos, no capítulo 8, nos versículos 22 e 23, diz: "Porque sabemos que toda a criação geme e está juntamente com dores de parto até agora. E não só ela, mas nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, esperando a adoção" - Que é isso? - "a saber, a redenção" - a glorificação - "do nosso corpo. Isso significa ficar a Igreja livre das manchas, nódoas e rugas, e de todas as coisas semelhantes a essas, e estar completa e gloriosa em Sua presença.

Vocês já notaram isto no capítulo 19 do Livro de Apocalipse, versículos 6 a 9?: "E ouvi como que a voz de uma grande multidão, e como que a voz de muitas águas, e como que a voz de grandes trovões, que dizia: aleluia pois já o Senhor Deus Todo-Poderoso reina. Regozijemo-nos, e alegremo-nos, e demos-lhe glória; porque vindas são as bodas do Cordeiro, e já a sua esposa se aprontou. E foi-lhe dado que se vestisse de linho fino, puro e resplandecente; porque o linho fino são as justiças dos santos. E disse-me: escreve bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro". Ah, o privilégio de ser convidado para a ceia das bodas do Cordeiro, quando Ele vai apresentar a esposa a Si mesmo! Ela estará vestida com vestes de justiça por fora, e por dentro será perfeita. Ah, que bênção, estar presente naquela maravilhosa festa de casamento! Não nos surpreende que Judas termine a sua pequena epístola dizendo: "Ora, àquele que é poderoso para vos guardar de tropeçar, e apresentar-vos irrepreensíveis, com alegria, perante a sua glória, ao único Deus, Salvador nosso, por Jesus Cristo, nosso Senhor, seja glória e majestade, domínio e poder, antes de todos os séculos, agora, e para todo o sempre".

Como deveríamos sentir-nos? Deveríamos sentir-nos exatamente como se sente toda mulher comprometida para casar-se. Deveríamos estar olhando para o futuro, para o grande dia, ansiosos por ele, vivendo para ele. Isto deveria estar no centro das

nossas vidas, com a exclusão de tudo mais. Deveríamos ser alentados por isto, estimulados e motivados por isto, e sempre olhando e aguardando isto - o dia das bodas, a cerimônia, os amigos assistindo, o banquete, a maravilha, a glória e o esplendor disso tudo!

“Para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível.” Ele olhando-a nos olhos; ela olhando-O nos olhos! Foi esse o objetivo do nosso bendito Senhor quando Ele veio à terra, viveu, morreu e ressuscitou. É Seu objetivo por nós. Ele morreu por nós para podermos chegar lá! Ele nos separou para podermos chegar lá! Ele nos

está purificando para podermos chegar lá! Ele nos alimenta para podermos chegar lá! Ele nos sustenta e cuida de nós para podermos chegar lá! Queira Deus dar-nos graça para compreendermos o privilégio de ser um membro da Igreja cristã! Oxalá nos sejam dadas também graça e força e entendimento para captarmos algo da glória que nos aguarda, de modo que canalizemos para ela o nosso afeto, e não para as coisas da terra!

UMA SÓ CARNE Efésios 5:25-33

Continuamos considerando a doutrina do relacionamento de Cristo com a Igreja. Mas ela não termina com o que vimos. Temos que ir além; e veremos que a doutrina do apóstolo sobe a alturas ainda maiores. Vocês devem ter imaginado que não poderia haver nada mais elevado que o versículo 27, onde nos é dado um vislumbre daquilo que nos espera como noiva de Cristo, como membros da Igreja cristã. Entretanto a doutrina vai mais longe; há ainda uma coisa mais maravilhosa, e quase inacreditável; é a extraordinária doutrina da união mística entre Cristo e a Igreja. O argumento do apóstolo é que não compreendemos verdadeiramente o que significa o casamento enquanto não compreendermos esta doutrina da união de Cristo e a Igreja. Veremos que cada uma destas doutrinas ajuda a iluminar a outra. A união mística entre Cristo e a Igreja nos ajuda a entender a união entre marido e mulher e, por sua vez, a união entre marido e mulher lança boa dose de luz sobre a união mística entre Cristo e a Igreja. Isso é o que há de maravilhoso quanto a toda esta exposição. A analogia e a ilustração humanas ajudam-nos a entender a verdade divina, porém, em última análise, é a compreensão da verdade divina que nos capacita a entender tudo mais; por isso o apóstolo passa de uma para a outra.

Devemos, pois, dirigir-nos a esta elevada doutrina da união entre Cristo e a Igreja. Sem dúvida, somos todos consolados pelo que Paulo diz no versículo 32: "Grande é este mistério". É, de fato, um grande mistério. Portanto, devemos abordá-la com cuidado, e também com espírito de oração. É certo que, sem a unção que somente o Espírito Santo nos pode dar, não seremos capazes de entendê-la, de modo nenhum. Para os não regenerados, para os incrédulos, para o mundo, isto não passa de puro absurdo; e é o que o mundo diz que é. Mesmo para o cristão é um grande mistério. Contudo, graças a Deus, o emprego do termo "mistério" no Novo Testamento nunca traz a idéia de que é uma coisa que não se pode compreender de maneira alguma. "Mistério" significa algo inacessível à mente humana desassistida. Não importa quão vigorosa seja essa mente. O maior cérebro do mundo, o maior filósofo, se se trata de um homem não regenerado, não somente é um novato; é menos que um bêbe; na verdade está morto, no sentido espiritual. Não tem absolutamente nenhum entendimento de um assunto como este. Esta é uma verdade espiritual, e só se compreende de maneira espiritual. O melhor comentário sobre isto é, mais uma vez, a Primeira Epístola aos Coríntios, capítulo 2, versículo 6, até o fim do capítulo. Portanto, não admira que um assunto assim elevado tenha sido freqüentemente mal

interpretado, e mal interpretado de maneira drástica.

Tomemos, por exemplo, o ensino da igreja católica romana sobre este ponto. Essa igreja traduz por "sacramento" a palavra que a Versão Autorizada verte para "mistério" (e também Almeida). Dizem os católicos romanos (Vulgata): "Grande é este sacramento", e a partir desta afirmação é que eles elaboram a sua doutrina de

que o matrimônio é um dos sete sacramentos. Falam em "sete sacramentos" - não apenas nos dois que os protestantes reconhecem, a saber, o batismo e a ceia do Senhor - e dos sete o matrimônio é um. Sua suposta prova disso é este versículo. Sobre tal fundamento, eles apresentam a sua noção de que o matrimônio é sacramento e, portanto, naturalmente, só pode ser efetuado por um sacerdote. Isto é apenas uma ilustração do modo pelo qual eles elevam o sacerdócio e introduzem um elemento mágico no cristianismo. Tudo visa a esse fim. Todavia isso mostra como as Escrituras podem ser pervertidas, usadas falsamente e forçadamente adaptadas aos interesses de uma teoria dominante da qual você parte. Se você começa exaltando a sua igreja e o sacerdócio, você terá que cercá-los por todos os lados, e por todos os meios possíveis - e é o que eles fazem. A "extrema unção" é, de novo, uma coisa que só pode ser ministrada por um sacerdote, de maneira que é um sacramento; e assim por diante. Todas estas coisas têm por fim reforçar este poder puramente artificial do sacerdote. Estou fazendo esta advertência simplesmente para mostrar como uma afirmação como esta pode ser mal interpretada. O que mostra, finalmente, quão inteira e completamente errada é essa interpretação católica romana, é o que o apóstolo prossegue dizendo precisamente neste versículo - "digo-o, porém, a respeito de Cristo e da Igreja". Esse é o mistério ao qual se refere. Isto lança alguma luz sobre o casamento humano entre um homem e uma mulher, mas ele está falando "a respeito de Cristo e da Igreja." Assim, o real mistério é a relação entre Cristo e a Igreja. Daí, os católicos romanos são levados a acreditar que a relação entre Cristo e a Igreja é um sacramento. Mas não dizem isso, pois para eles seria um disparate dizê-lo. Todavia, aí está um dos modos pelos quais este assunto pode ser totalmente mal compreendido.

Rejeitando o conceito romanista, examinemos de novo a frase: "Grande é este mistério". Paulo quer dizer que se trata de um assunto muito profundo; assunto que requererá todos os recursos dos seus leitores, e que mostra a necessidade daquilo pelo que ele já tinha orado, em benefício destas pessoas, no capítulo I^{s} - que tivessem "iluminados os olhos do entendimento" pelo Espírito Santo. Se não fizermos a abordagem desse modo, ungidos pelo Espírito, seremos confrontados por três grandes perigos. O primeiro é o de não estudarmos o assunto. É pena, mas esta é a posição de muitos cristãos. "Ah", dizem eles, "é difícil esta questão", e, porque é difícil, nem tentam entendê-lo, e passam para a proposição subseqüente. Certamente não temos necessidade de ficar com essa atitude. E uma coisa que jamais pode ser defendida, nem deve ser praticada. O simples fato de que há dificuldades nas Escrituras não significa que devemos passar de largo por elas. Elas estão lá para nosso conhecimento e nossa

instrução; e por mais difíceis que sejam as questões, devemos fazer o máximo para compreendê-las e apreender o sentido delas. Essa é uma das razões para a existência da Igreja cristã. É por isso que o Senhor "deu uns para apóstolos, e outros para

evangelistas, e outros para doutores" ("mestres"); etc. É para instruir-nos nestas coisas; é para nós lutarmos com elas. Não devemos dizer, "Ah, isto é muito difícil", e precipitar-nos em busca de outra coisa. Você jamais compreenderá o seu próprio casamento, se você é casado, a não ser que procure entender isto. Foi para ajudar-nos a entendê-lo que o apóstolo escreveu isto.

O segundo perigo é tratar deste assunto pondo de lado o mistério ou diminuindo o mistério. Tem havido muitos, comentadores inclusive, que têm agido assim. Eles têm tido tanto receio desta "união mística", e deste ensino sobre ela, que a reduziram a uma simples questão de semelhança geral, a uma simples unidade de interesses, e assim por diante. No entanto, isso é pôr para fora o "mistério". Dizem eles: "Isto é apenas uma hipérbole, é uma linguagem altamente dramática empregada pelo apóstolo". Mas isso é ignorar o fato de que Paulo deliberadamente nos diz que se trata de um "grande mistério". Não devemos reduzir o "mistério", não devemos fazer dele uma coisa de somenos. Este é um perigo que nos confronta em muitos pontos da vida cristã, e no ensino cristão. É o perigo que nos confronta com relação às nossas duas ordenanças -o perigo de, em nosso temor de falar demais, falar muito pouco! Devemos evitar esse perigo.

O terceiro perigo é o de querer elaborar isso tudo com muitas minúcias. Decidindo que é nosso dever enfrentar o assunto e tentar entendê-lo e desenvolvê-lo, de tal maneira o desenvolvemos que ele acaba ficando sem mistério nenhum. É óbvio que isso é igualmente errôneo, porque o próprio apóstolo diz: "Grande é este mistério". Não significa, digo eu, que não compreendemos absolutamente nada dele, e sim que não o compreendemos perfeitamente, que não o compreendemos inteiramente, que ainda há alguma coisa que nos escapa, alguma coisa que nos deixa ofegantes de espanto e admiração.

Tratemos de evitar essas armadilhas particulares ao enfrentarmos este grande mistério. Esta é uma verdade maravilhosa; e aqui subimos àquelas alturas rarefeitas que só se encontram nas Escrituras.

Qual é o ensino do apóstolo a respeito desta relação mística entre Cristo e a Igreja? Podemos começar com uma coisa que já conhecemos bem, porque a encontramos antes, nesta epístola. A primeira coisa que ele nos diz é que a Igreja é o "corpo" de Cristo: "Assim devem os maridos amar a suas próprias mulheres, como a seus próprios corpos" (versículo 28). Depois ele acrescenta, no versículo 29: "Porque nunca ninguém aborreceu a sua própria carne; antes a alimenta e sustenta, como também o Senhor à igreja". E em seguida, mais particularmente: "Porque somos membros do seu corpo". Ele já tinha apresentado este ensinamento no final do capítulo primeiro e, depois, no capítulo 4, versículo 16. Mas o apóstolo tem o cuidado de fazer-nos lembrar isto porque seu desejo é expor o princípio do caráter íntimo do relacionamento. E a relação existente entre a cabeça e os membros de um

corpo. O que ele está interessado

em salientar é que o relacionamento entre marido e mulher não é mera relação externa. Há uma relação externa, mas é muito mais que isso. A característica essencial do casamento não é simplesmente que duas pessoas vivem juntas. Esse é apenas o começo; há muita coisa além disso; e há algo mais profundo aqui, uma coisa muito mais maravilhosa. A Igreja, afirma Paulo, é realmente uma parte de Cristo. Como os membros do corpo são uma parte do corpo, do qual a cabeça é a parte principal, assim Cristo é a Cabeça da Igreja. Como Paulo o coloca no fim do capítulo primeiro, "E sujeitou todas as coisa a seus pés, e sobre todas as coisas o constituiu como cabeça da igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos". E de novo, no capítulo 4: "Antes, seguindo a verdade em caridade, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, do qual todo o corpo, bem ajustado, e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo ajusta operação de cada parte, faz o aumento do corpo, para sua edificação em amor". Devemos apegar-nos a esse princípio, pois ele é uma preliminar essencial para a compreensão da doutrina da união mística.

Isso, porém, é apenas introdução. Ele vai adiante e, no versículo 30, acrescenta: "Porque somos membros do seu corpo" - e então faz este extraordinário acréscimo: "da sua carne e dos seus ossos". Ele está falando sobre o relacionamento da Igreja com o Senhor Jesus Cristo. É aqui que realmente penetramos o mistério. A noção da Igreja como o corpo de Cristo, embora difícil, não é tão difícil como este acréscimo, "da sua carne e dos seus ossos". Alguns têm procurado evitar totalmente isto assinalando que em certos manuscritos não está presente este acréscimo; mas todas as maiores autoridades concordam que essa frase está presente nos melhores manuscritos. Portanto, não podemos resolver o problema dessa forma. E, na verdade, todo o contexto, e a subseqüente citação de Gênesis capítulo 2, toma essencial que a mantenhamos aqui; doutro modo, não haveria razão nem propósito na citação. É evidente que, tanto no contexto como aqui, Paulo está se referindo a Gênesis capítulo 2.

Aqui entramos no âmago deste mistério. Devemos ter em mente que a intenção do apóstolo, seu propósito, continua sendo o mesmo. Se ele ficasse somente com a afirmação de que a Igreja é o corpo de Cristo, haveria o perigo de continuarmos a pensar nisso em termos de uma ligação frouxa. É claro que não devemos pensar assim, porquanto quem sabe alguma coisa sobre o corpo, sabe que ele não consiste de uma frouxa ligação de um certo número de partes. Nunca será demais repetir que o corpo não consiste de alguns dedos afixados nas mãos, e as mãos afixadas nos antebraços, e assim por diante. Não! O essencial quanto a um corpo é que se trata de uma unidade orgânica vital. E é para ressaltar e salvaguardar esse princípio que o apóstolo faz o acréscimo e diz: "Porque somos membros do seu corpo, da sua carne e dos seus ossos".

A única maneira de solucionar o problema, parece-me, é seguir a pista que nos é dada pelo próprio apóstolo, e retomar à afirmação que ele cita do capítulo 2 do Livro de Gênesis, versículo 23: "E disse Adão" - referindo-se à mulher — "Esta é agora osso dos meus ossos, e came da minha carne". Aqui, de novo, está uma afirmação que tem sido mal interpretada. Há os que dizem que o apóstolo,

neste versículo 30 do capítulo 5 de Efésios, está se referindo à encarnação, que é apenas um modo indireto de dizer que quando o Senhor Jesus Cristo veio a este mundo, assumiu a natureza humana, assumiu, noutras palavras, nossa carne e nossos ossos. Mas essa interpretação é completamente impossível. O que o apóstolo está dizendo não é que o Senhor Jesus Cristo, a segunda Pessoa da bendita e santa Trindade, assumiu "nossa" carne e "nossos" ossos; o que ele diz é que "nós" assumimos Sua carne e Seus ossos, que nós somos membros do Seu corpo, da Sua carne e dos Seus ossos. É o contrário do que foi dito acima, de modo que não é aquela a explicação.

Tem havido, pois, graves incompreensões disto em termos da ordenança da ceia do Senhor. Há os que dizem que quando o apóstolo escreve, somos membros do Seu corpo, da Sua carne e dos Seus ossos, ele está se referindo ao corpo glorificado do nosso Senhor. O corpo que o Senhor Jesus Cristo assumiu foi glorificado, e eles dizem que somos literalmente partes e membros do Seu corpo glorificado. Entretanto, certamente há uma ponderação que elimina isso, de uma vez para sempre, a saber, que o corpo glorificado está no céu. Portanto, isso não pode ser aplicado a nós. Todavia, ainda além disso, como digo, eles levantam toda a questão da Comunhão, isto é, a ceia do Senhor. Os católicos romanos dizem que não há dificuldade quanto a isto. Seu ensino é que, à mesa da Comunhão, o sacerdote realiza um milagre, transforma um pedaço de pão na "carne e nos ossos" do Senhor Jesus Cristo. Essa é a doutrina da transubstan-ciação. O que está no prato parece pão, mas isso é só o "acidente", a "substância" sofre mudança. Permanece o elemento puro e simples, mas o que é oferecido aos comungantes é agora, de fato, o corpo de Cristo. De modo que, quando você come, está comendo "sua carne e seus ossos", e assim se toma parte dEle. Eles extraem esse ensino do capítulo 6 do Evangelho Segundo João, em sua tentativa de buscar-lhe suporte.

Depois a doutrina luterana, a qual não é transubstanciação, e sim o que se chama de "consubstanciação", vem a ser praticamente a mesma coisa. Eles dizem que o pão não é realmente transformado no corpo de Cristo, mas que o corpo glorificado de Cristo penetra no pão e fica ali com ele. Daí, você tem o pão mais o corpo glorificado de Cristo, e come ambos.

Certamente deve estar patente que isto é meramente insinuar uma coisa que de modo algum é sugerida pelo apóstolo, quer no próprio versículo, quer no contexto inteiro. É uma tentativa de explicar o mistério de um modo não coerente com o contexto; e,

em última análise, quase acaba com o mistério.

Seguramente, se seguirmos o rumo ditado pelo apóstolo, chegaremos à verdade explicação. Ele está obviamente citando Gênesis 2:23: “E disse Adão: esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne: esta será chamada varoa”. Mas por que seria chamada “varoa”? A resposta dada é: “porquanto do varão foi tomada". A verdadeira definição de mulher é, pois, alguém que do varão foi tomado. Esse é o verdadeiro sentido da palavra “mulher”. A mulher, por definição, por origem, por nome, é alguém que foi tirado do varão. Contudo, observem de novo o modo pelo qual isso foi feito. “E disse o Senhor Deus: não

é bom que o homem esteja só: far-lhe-ei uma adjutora que esteja como diante dele” (versículo 18). De novo se nos diz, no fim do versículo 20: “mas para o homem não se achava adjutora que estivesse como diante dele.” Os animais foram criados, e são magníficos, mas nenhum deles é um ajudador à altura do homem. Há uma diferença essencial entre o homem e o animal. Afinal de contas, o homem é uma criação especial; não evoluiu dos animais. O melhor animal é essencialmente diferente do mais rebaixado tipo de homem; este pertence a uma outra ordem, a uma esfera completamente diferente. O homem é único, foi feita à imagem de Deus. Portanto, embora os animais sejam maravilhosos, não havia um que pudesse fazer companhia ao homem, a companhia de que o homem necessita. Assim, vamos adiante, e lemos: “Então o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre Adão, e este adormeceu: e tomou uma das suas costelas, e cerrou a carne em seu lugar. E da costela que o Senhor Deus tomou do homem, formou uma mulher”. A mulher foi tirada do homem, foi extraída da sua substância, da “sua carne” e dos “seus ossos”. Deus toma uma parte do homem, e dela faz uma mulher. Que é, então a mulher? Ela é da mesma substância do homem, “da sua carne e dos seus ossos”. Deus efetuou a operação. O homem foi posto num estado de profundo sono, e então a operação foi realizada, a parte foi tomada, e dessa parte foi feita a mulher.

“Grande é este mistério: digo-o, porém, a respeito de Cristo e da igreja." Somos membros do Seu corpo, da Sua carne e dos Seus ossos. Como? A mulher foi criada no princípio em decorrência de uma operação que Deus fez no homem. Como é que a Igreja veio a existir? Em decorrência de uma operação que Deus fez no segundo homem, em Seu unigênito e bem-amado Filho, no monte do Calvário. Caiu um profundo sono sobre Adão. Um profundo sono caiu sobre o Filho de Deus, Ele entregou o espírito, Ele expirou, e aí, nessa operação, a Igreja foi tomada. Assim como a mulher foi tomada de Adão, a Igreja foi tomada de Cristo. A mulher foi tomada do lado de Adão; a Igreja provém do sangue vertido, do lado ferido do Senhor (cf. João 19:34). Essa é a origem dela; e assim ela é “carne da sua carne e osso dos seus ossos”. “Grande é este mistério”.

Vocês deram-se conta disso? Não é por acidente que Cristo é mencionado no Novo

Testamento como “o segundo homem” e como “o último Adão” (1 Coríntios 15:45,47). Aqui o apóstolo ensina que esta verdade também se aplica a Ele neste aspecto. Normalmente pensamos em nossa relação com Ele no sentido individual, e isso está certo. Tomemos o ensino concernente à relação do cristão com o Senhor Jesus Cristo como se acha em Romanos, capítulo 5, onde outra vez temos esta mesma comparação entre o primeiro homem e o segundo; fala-nos sobre como estamos todos envolvidos na transgressão de Adão, e como estamos envolvidos na justiça de Cristo. Como aquela relação, assim é esta. Ali a ênfase recai no pessoal. Aqui, recai na Igreja como um todo, na relação comunitária; e esta é a grande e misteriosa verdade que Paulo está ensinando. Assim como é certo dizer da mulher, que ela foi tirada do lado do homem, da sua substância, da “sua carne e seus ossos”, também é certo dizer que

a Igreja é tirada de Cristo, e nós somos parte dEle, membros do Seu corpo e dos Seus ossos. Ele é o último Adão, o segundo homem. E como Deus operou no primeiro homem para produzir a sua esposa, sua coadjutora satisfatória, assim Ele operou no segundo homem, para fazer a mesma coisa, de maneira infinitamente mais gloriosa.

Todavia, vamos avançar mais ainda. Fazemo-lo com temor e tremor; prossigamos, porém. O apóstolo está acentuando que somos parte da própria natureza de Cristo. Note-se que ele emprega a expressão “a si mesmo” no versículo 28. “Nunca ninguém aborreceu a sua própria carne”, diz ele no versículo 29; “antes a alimenta e sustenta, como também o Senhor à igreja.” E no versículo 28: “Antes devem os maridos amar a suas próprias mulheres, como a seus próprios corpos. Quem ama a sua mulher, ama-se a si mesmo.” Ainda a mesma idéia! O corpo é uma parte do homem, e portanto, quando ele dá atenção ao seu corpo, está dando atenção a si mesmo. Ele não pode divorciar-se de si mesmo. O que ele faz por seu corpo, está fazendo por si mesmo; e isso porque o seu corpo é parte de si mesmo. Essa é a relação entre Cristo e a Igreja. Não significa que somos divinos. Precisamos ser cuidadosos quanto a isso. Nós, cristãos, não somos deuses, nem somos divinos. Mas o que significa é que o Senhor Jesus Cristo é o autor e o iniciador de uma nova humanidade. Uma humanidade começou em Adão; uma nova humanidade começou no Senhor Jesus Cristo. Partilhamos disso! Somos participantes disso! É por isso que Pedro diz em sua segunda epístola, capítulo primeiro, versículo 4, que somos (ou poderemos ficar sendo) “participantes da natureza divina”. Somos participantes desta natureza que o Mediador agora tem, sendo que Ele veio mediante a encarnação e fez tudo que veio fazer. DELE derivamos nossa vida, nosso ser, e somos verdadeiramente partes dEle.

Mas precisamos dar o passo final, e ir aos versículos 31 e 32: “Por isso deixará o homem seu pai e sua mãe, e se unirá a sua mulher; e serão dois numa carne. Grande é este mistério: digo-o, porém, a respeito de Cristo e da Igreja”. Aqui, de novo, só

poderemos entender o que o apóstolo quer dizer se retomarmos ao capítulo dois de Gênesis. A passagem acima é uma citação direta de Gênesis 2:24. No entanto, o que ela significa exatamente? Há muitos que ficam assustados neste ponto, e dizem: "Ah, isso é um grande mistério, e devemos ter o cuidado de não forçá-lo demais". Daí dizem eles que o apóstolo introduziu as palavras, "e serão dois numa came", citação de Gênesis 2:24, simplesmente para arrematar a citação que fez. O apóstolo, contudo, não faz esse tipo de coisa; o apóstolo não faz citações, a menos que tenha um objetivo e um propósito. Dizem aquelas pessoas: "Naturalmente é patente que isso não tem nada a ver com o Senhor Jesus Cristo e a Igreja. Aqui, na verdade, Paulo está apenas falando sobre maridos e esposas; não está falando da Igreja neste ponto". Mas não posso aceitar isso, pois Paulo diz: "Isto" - que acabo de dizer - "éum grande mistério, mas eu estou falando a respeito de Cristo e da igreja."

Acredito que esta expressão concernente a "uma came" aplica-se à relação entre Cristo e a Igreja como se aplica à relação entre marido e mulher.

Mas, tenhamos cuidado, porque isso é um grande mistério. Não estou tentando nem pretendendo dizer que o entendo plenamente, porém, ao mesmo tempo, não desejo subtrair-me ao mistério. Desejo apegar-me a este ensino concernente a esta relação mística, a esta unidade extraordinária, a esta indivisão de que Paulo está falando. Parece-me que a explicação é como segue: voltem para Gênesis capítulo 2, e isto é o que verão. Adão era originariamente um homem uno, perfeito, completo. E, contudo, havia uma espécie de carência, faltava-lhe uma ajudadora que lhe fosse satisfatória. Assim, o que nos é dito é que Deus fez a operação, e este homem, outrora uno, começa a ser dois - Adão e Eva, homem e mulher. A mulher foi tomada dele, de modo que é uma parte dele; ela não foi criada do pó, como o fora o homem. Ela foi tirada do homem e, assim, é uma parte do homem. Entretanto, a coisa não pára aí - e é nisto que eu vejo despontar este mistério. Num sentido eram agora dois, mas noutro sentido não eram: "Por isso deixará o homem seu pai e sua mãe, e se unirá a sua mulher; e serão dois numa carne". Aí está a essência do mistério. Há um sentido em que eles são dois, e há um sentido em que não são dois. Jamais devemos esquecer esta unidade, esta indivisão, esta idéia de "uma carne".

Subamos, então, ao pico culminante do mistério. Adão era incompleto sem Eva; e a deficiência, a falta, foi suprida pela criação de Eva. Portanto, há um sentido em que podemos dizer que Eva completa a "plenitude" de Adão, supre o que faltava em Adão. E é exatamente isso que Paulo diz acerca da Igreja em sua relação com Cristo. Afortunadamente para nós, ele já dissera isso no capítulo primeiro, versículo 23, onde lemos: "Que é o seu corpo" - ele está falando da Igreja - "e sobre todas as coisa o constituiu como cabeça da igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos". A Igreja é a "plenitude" de Cristo. É a Igreja, diz ele, que "completa", por assim dizer, esta plenitude de Cristo. E minha opinião é que aqui, no capítulo 5, ele está apenas repetindo aquela verdade. Como Adão e Eva se tomaram

uma came, e como Eva, por assim dizer, completa a plenitude de Adão, assim a Igreja completa a plenitude de Cristo. Esse é o sentido ligado à palavra "plenitude" em toda parte no Novo Testamento, no que concordam as autoridades lingüísticas. Cristo não é a plenitude da Igreja; a Igreja completa a Sua plenitude, "a plenitude daquele que cumpre tudo em todos."

Podemos examinar a questão deste modo: o Senhor Jesus Cristo, como o eterno Filho de Deus, é e sempre foi, desde toda a eternidade, perfeito e completo - "nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade" (Colos-senses 2:9). Ele é e sempre foi co-igual e co-etemo com o Pai. Toda a plenitude da divindade está em cada uma das três Pessoas. Nada Lhes falta, não há nada que precisa ser completado, não há carência de nada nessa plenitude. Mas, como o Mediador, Cristo não estará completo sem a Igreja. Ora, isto é um mistério, o mais glorioso dos mistérios. Jesus Cristo como Mediador não será plenitude completo, enquanto não foram reunidas todas as almas pelas quais Ele morreu - "a plenitude dos gentios" e "todo o Israel" (cf. Romanos 11:12,26). Só então Ele estará completo, só então a plenitude estará completa.

Este é o grande mistério da salvação, e é por isso que precisamos ser tão cuidadosos. Mas a doutrina da salvação sugere isto, que o bendito e eterno Filho de Deus, para salvar-nos, impôs a Si próprio uma limitação. Ao Se revestir da natureza humana, revestiu-Se de uma limitação. Ele continua sendo Deus, eternamente - não há limite nisso, não há diminuição da Sua divindade. E um grande mistério, e não devemos tentar entendê-lo no sentido final. Não pode ser compreendido.Todavia este é o ensino. Ali está Ele, Uno eImutável! Sim, mas Ele Se fez homem, e Se fez sujeito à ignorância de fraqueza, enquanto esteve neste mundo, enviado "em semelhança da carne do pecado" (Romanos 8:3). E como Mediador, digo e repito, Ele não será completo enquanto a Igreja não estiver completa. Ele tem uma esposa, à qual deve unir-se, tornando-se ambos "uma carne". Quando o Senhor Jesus Cristo voltou para o céu, não deixou para trás o Seu corpo; levou-o conSigo. Essa natureza humana está nEle agora, e sempre estará. Ele continua sendo a segunda Pessoa da bendita e santa Trindade, porém esta natureza humana que eu e vocês temos agora, lá está nEle, e nEle estaremos por toda a eternidade. Ele Se sujeitou a algo. Aventuro-me àquilo que é quase uma especulação, mas o apóstolo cita estas palavras: "Por isso deixará o homem seu pai e sua mãe, e se unirá a sua mulher; e serão dois numa carne". Não forço os pormenores, no entanto isto eu digo - que o Senhor Jesus Cristo deixou as mansões da glória e veio a este mundo terrenal em busca da Sua esposa. Houve um "deixar" em Seu caso, como no caso do homem que deixa seu pai e sua mãe para unir-se à sua esposa. Sim, Cristo deixou as mansões da glória - como no-lo recorda Charles Wesley -

O trono de Seu Pai deixou em cima, tão livre e infinita é Sua graça!

Deixou o céu e as mansões da glória por amor a Sua esposa. Houve um pavoroso momento em que Ele bradou: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" Por aquele momento Ele foi separado de Seu Pai. E por que? Ah, para que pudesse comprar e salvar esta Sua esposa que, agora, em decorrência dessa operação, é uma parte do Seu corpo, da Sua carne e dos Seus ossos.

Este é, digo eu, o supremo mistério. Não há nada mais maravilhoso, não há nada mais glorioso do que isto. Somos participantes da Sua natureza humana, estamos unidos a Ele, e o estaremos por toda a eternidade. Por isso nos dizem as Escrituras que estaremos acima dos anjos e os "julgaremos". "Não sabeis vós", diz Paulo em 1 Coríntios 6, "que os santos hão de julgar o mundo, que havemos de julgar os anjos?" Até os anjos! Por que? Porque somos elevados acima deles, estamos no Filho, somos parte dEle, estamos unidos a Ele, somos "uma carne" com Ele. A Igreja é a esposa de Cristo, e quando pensamos nesta relação, devemos sempre fixar-nos neste mistério e dar-nos conta de que somos membros do Seu corpo, da Sua came e dos Seus ossos. Sobretudo, porém, demonos conta do que Ele fez para que viéssemos a ser dEle. Ele deixou o trono de

Seu Pai nas alturas, "humilhou-se a si mesmo", "esvaziou-se a si mesmo" - é assim que Ele ama a Igreja! "Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela."

OS PRIVILÉGIOS DA ESPOSA Efésios 5:25-33

Estivemos traçando nosso curso através desta grande afirmação, primariamente destinada à edificação dos maridos, mas que, como vimos, tem uma gloriosa mensagem para todo o povo cristão. Isto porque, ao dirigir sua mensagem ao marido, o apóstolo o faz empregando a comparação com o relacionamento que existe entre Cristo e a Igreja. Essa é a analogia que o marido sempre deverá ter em mente.

Há, porém, mais uma coisa que nos cabe fazer antes da aplicação do ensino aos deveres particulares dos maridos para com as suas esposas. Há implícita naquilo que o apóstolo vem dizendo, mais uma coisa que será de grande importância quando chegarmos à aplicação prática, mas que é de inestimável valor para cada um de nós, cristãos, quando nos damos conta da nossa relação com o Senhor Jesus Cristo, e de que, juntos, somos a esposa de Cristo. Deixem-me explicar isto.

Dado tudo que estivemos considerando, segue-se necessariamente que o marido concede certas coisas a Sua esposa; e agora vamos ver o que o Senhor Jesus Cristo, como Esposo da Igreja, lhe concede. Ao fazê-lo, compreenderemos melhor o glorioso privilégio de sermos cristãos e membros da Igreja cristã. Demoro-me nesta verdade porque é minha crescente e profunda convicção que o maior problema, a maior dificuldade hoje é que cristãos como nós não se dão conta do privilégio e da

dignidade de serem membros da Igreja cristã e do corpo de Cristo. Bem sei, e concordo, que está certo preocupar-nos com as condições do mundo. Não poderemos ser cristãos, se não tivermos essa preocupação; todavia não consigo entender como se pode ser complacente quanto às condições da Igreja. Para mim a coisa mais triste e mais séria dos dias atuais é a omissão do povo cristão de considerar o que o Novo Testamento diz acerca de nós mesmos, e o que significa ser membro do corpo de Cristo. Num mundo que dá tanta importância a honras, glórias e posições, não é espantoso darmos tão pouca atenção ao fato de sermos membros da Igreja? Muitos parecem entender isso como sendo eles que conferem à Igreja alguma dignidade, em vez de perceberem que esse é o supremo e o mais glorioso privilégio que se pode ter ou conhecer. Outros acham que ser membro da Igreja é um trabalho e um dever, e ficam mais satisfeitos consigo mesmos se desempenham alguma função. Ora, isso revela uma completa incapacidade de entender o que significa realmente sermos membros do Seu corpo, o qual é a esposa do Senhor Jesus Cristo.

Vejamos, pois, algumas das coisas que Ele nos concede, coisas que dizem

respeito a nós como povo cristão e membros da Igreja. Se a Igreja tão somente percebesse estas coisas, deixaria de estar cheia de racionalizações defensivas, deixaria de ser frouxa e desanimada, e de apresentar o infeliz aspecto que apresenta; transbordaria de genuíno gozo, alegria e glória.

Que é que Cristo nos concede? Primeiramente, Sua vida. Já estudamos essa verdade, mas preciso mencioná-la outra vez, neste contexto. Ele nos dá uma parte da Sua própria vida - tomamo-nos partícipes da Sua vida. É o que acontece quando alguém se casa, não é? Ele vivia sua própria vida, porém agora não a vive exclusivamente; sua esposa se toma participante da sua vida. Como é uma parte dele, ela se toma participante da sua vida, das suas atividades e de tudo que lhe diz respeito. A primeira coisa que um homem casado tem que aprender é que, quando se vê confrontado por situações diversas, agora lhe compete fazer algo novo. Antes, o principal problema para ele era: como isto me afeta, qual a minha reação a isto? Entretanto, agora ele não pára aí. Agora ele tem que pensar em como isto afeta sua esposa. Já não leva uma vida isolada, digamos, por sua própria conta; sempre terá que considerar outra pessoa, que é partícipe da sua vida. Certas coisas podem ser-lhe aceitáveis, mas agora há alguém mais que ele tem de levar em consideração.

Eu poderia desenvolver isto; poderia falar baseado em muita experiência pastoral sobre problemas e dificuldades de que já tive de tratar porque os maridos se esquecem justamente deste ponto. Permitam-me dar-lhes uma ilustração disso. Uso-a porque é uma experiência que muitas vezes tive de enfrentar, e a respeito da qual muitas vezes fui mal compreendido. Mas, correndo esse risco, conto-a de novo, com o fim de ilustrar este ponto. Um homem me procura e me diz que se sente chamado para servir nalgum campo missionário estrangeiro. Bem, isso é excelente. No

entanto, então eu tenho que lhe fazer uma pergunta - e sempre a faço, se o homem é casado: que diz sua esposa sobre isso? Algumas vezes tenho de lidar com homens que não parecem preocupados com isso, e parecem considerar a matéria como se fosse de decisão puramente pessoal. Todavia não é! O homem não tem direito de isolar-se sobre uma questão como essa, deixando de lado a sua esposa. Uma vez que ambos são uma carne, ele tem de considerar as opiniões da sua esposa. Já estivemos tratando dos deveres das esposas para com os seus maridos. Há muito que dizer sobre esse outro lado também; mas o ponto que estou firmando é que é um cristão bem pobre aquele que diz: "Se me sinto chamado para uma obra particular, não importa o que a minha esposa diga". Claro que importa! Isso mostra uma compreensão completamente falsa deste ensino.

Vejamos, no entanto, outro aspecto do assunto, e tratemos de aperceber-nos de que somos partícipes da vida do Senhor Jesus Cristo. É um pensamento tremendo, mas temos direito de dizer que estamos sempre em Sua mente; que em toda a Sua perspectiva temos nossa parte e nosso lugar. Estamos "em Cristo", somos participantes da Sua vida. Escrevendo aos colossenses, o apóstolo utiliza esta extraordinária frase no capítulo 3, versículo 4: "Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar". Ele é "a nossa vida", o que é outra

maneira de dizer que somos participantes da Sua vida. Ora, não há nada que supere isso! De fato, já estivemos examinando isso quando estávamos estudando a afirmação de que somos membros do Seu corpo, da Sua carne e dos Seus ossos. Agora o estamos examinando de um ângulo ligeiramente diferente; não tanto do ângulo da união mística, e sim da consciência pessoal do Senhor de que Ele está dando Sua vida, partilhando-a, e de que nós somos incluídos nela e nos tomamos parte integrante da Sua vida.

Prossigamos, porém, para mostrar isto em suas várias manifestações. Uma é que Ele nos outorga Seu nome. Tomamos sobre nós o Seu nome porque Ele mesmo no-lo dá. Somos chamados "cristãos", e essa é a maior verdade concernente a nós. Não somos mais o que éramos; mudamos de nome. Quando a mulher se casa, muda de nome. Quão importante é isso, para ajudar-nos a entender o ensino do grande apóstolo neste capítulo cinco desta Epístola aos Efésios! Quanta coisa ele tem para dizer também acerca deste insensato movimento moderno chamado "feminismo"! Quando uma mulher se casa, renuncia ao seu nome e toma o nome do seu marido, Isso é bíblico, e também é o costume do mundo inteiro. Isso nos ensina sobre a relação entre marido e mulher. Não é o marido que muda de nome, mas a esposa. Há uma notável ilustração disto, de tempos recentes. Refiro-me a ela porque espero que ajude a fixar estas verdades em nossas mentes. A nação toda sabe o que aconteceu no caso da princesa Margaret, como o nome do marido dela é apresentado sempre que ela é mencionada; e isso está certo. Não proceder assim é antibíblico. O nome do marido é que é tomado, não o da mulher. Não importa quem sejam

os cônjuges, esta é a posição escriturística.

Contudo, examinemos isso tudo do nosso ponto de vista, como membros da Igreja cristã. Cristo colocou Seu nome em nós. Não se pode fazer maior cumprimento do que esse. Essa é a mais clara expressão deste relacionamento matrimonial. O Novo Testamento nos apresenta isto de muitas maneiras. "Já não há judeu nem gentio, bárbaro nem cita, escravo nem livre" (cf. Gálatas 3:28 e Colossenses 3:11). Costumava haver. Aqueles eram os nomes que tínhamos antes. Não mais, porém! Agora somos cristãos, temos um novo nome. Ou tomemos o modo pelo qual este mesmo apóstolo o expressa em sua Segunda Epístola aos Coríntios, capítulo 5: "Daqui por diante a ninguém conhecemos segundo a carne". "Eu costumava conhecer as pessoas segundo a carne", é o que ele diz; "como judeu, eu costumava dizer: "Quem é esse homem? É judeu? Se não é, não passa de um cão". "Entretanto", diz ele, "não penso mais segundo essas categorias; agora utilizo novos termos. O que desejo saber é: "Este homem é cristão?" Não me interessa qual era o seu nome antigo; este é o nome em que estou interessado agora - "cristão!" Leva ele o nome de Cristo sobre si?" Assim nos damos conta de que o Senhor Jesus Cristo nos dá o Seu nome. A realidade disto é tal, diz ainda o apóstolo, escrevendo aos gálatas, que chega a este ponto: "vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim". Essa é a idéia. Em certo sentido, Paulo está submerso, desaparecido, todavia ele continua, e diz: "a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou, e se

entregou a si mesmo por mim" (2:20). Que esplêndida exposição é essa, desta relação matrimonial! Há um sentido em que toda a vida do cristão está no Esposo e, no entanto, ele não se perdeu inteiramente, ele ainda está lá - "a vida que agora vivo na carne".

Aí está o grande mistério do relacionamento matrimonial! Mas devemos apegar-nos a este grande fato - que levamos sobre nós o nome do Senhor Jesus Cristo. O que importa, e deve importar, para cada um de nós é que mudamos de nome. Aqui, no terreno da Igreja, os outros nomes absolutamente não importam. Não importa o nome que a pessoa tenha, qual a sua posição ou o seu ofício, qual a sua capacidade, e tudo mais. A única coisa que importa a seu respeito agora, é que ela tem sobre si o nome de Cristo. Somos todos um aí, estamos todos juntos em Cristo. Ele nos tomou para Si - a Igreja é a esposa de Cristo. Eis o que praticamente Ele nos diz: "Esqueça esse velho nome, tome sobre si este Meu nome; você Me pertence". Encontramos isto no Livro de Apocalipse, capítulo 3, versículo 12: "A quem vencer, eu o farei coluna no templo do meu Deus e dele nunca sairá; e escreverei sobre ele o nome do meu Deus, e o nome da cidade do meu Deus, a nova Jerusalém, que desce do céu, do meu Deus, e também o meu nome". É isso!

Teu novo nome escreve em meu coração,

Teu novo e melhor nome de amor.

Está é a coisa espantosa que acontece com todos os que de fato são cristãos, com todos os membros deste corpo, que é a esposa de Cristo. Foi-lhes dado pelo Príncipe da glória e, maravilha das maravilhas é o Seu nome! Não há honra ou glória maior do que esta. Você desaparece num novo nome, e é o nome mais elevado de todos. Lemos que vem o dia em que "ao nome de Jesus" se dobrará "todo o joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra" -e esse é o nome que nos é dado, a nós que fomos constituídos em esposa de Cristo.

Então vemos que disso decorre o fato de que somos participantes da Sua dignidade, da Sua grandiosa e gloriosa posição. O apóstolo já dissera algo equivalente no capítulo 2, onde nos dissera a admirável verdade de que Deus "nos ressuscitou juntamente com ele (com Cristo) e nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus". Essa verdade agora nos abrange. Se somos cristãos, estamos "em Cristo", o que significa que estamos assentados com Ele "nos lugares celestiais". Onde quer que o esposo esteja, ali está a esposa também, e a reputação, a dignidade e a posição que pertencem a ele, pertencem a ela. Não tem a menor importância quem ela era; no momento em que ela se toma sua esposa, participa de todas as coisas com ele. E ai daquele que não lhe conceda a posição e a dignidade a que faz jus! Não há maior insulto ao esposo do que recusar a honrar a sua esposa. Esta verdade, diz o Novo Testamento, vale para o cristão. Isto nos é dito repetidamente. Uma declaração disso ocorre no capítulo 17 do Evangelho Segundo João, versículo 22, onde o Senhor Jesus diz:

"E eu dei-lhes a glória que a mim me deste". A glória que o Pai Lhe dera, diz Ele, Ele deu a Seu povo. É uma coisa que invariavelmente sucede no casamento: a esposa, sendo uma parte do marido e tendo sobre si o nome do marido, compartilha toda a posição dele. "Dei -lhes a glória que a mim me deste".

Tomemos, porém, outra colocação do assunto. O Senhor Jesus Cristo disse a respeito de Si mesmo: "Eu sou a luz do mundo" (João 8:12). É Sua reivindicação, e não existe reivindicação superior a essa. Sem mim, o mundo fica em trevas, diz Ele. Sou a luz que o mundo pode receber sempre, sendo que tudo mais não passa de tentativas feitas pelos homens para descobrirem alguma luz; e invariavelmente fracassam. Fora de Cristo não há luz. Mas, observem o que Ele diz a nosso respeito: "Vós sois a luz do mundo" (Mateus 5:14). Noutras palavras, uma vez que Ele é o que é, e dada a nossa relação com Ele, igualmente viemos a ser a luz do mundo. É-nos muito difícil compreender isso, não é? Somos apenas um pequeno grupo nesta nossa terra pagã (Inglaterra!), somente dez em cem a dizer-se cristãos, e só a metade destes freqüentando a casa de Deus. Daí, ficamos cheios de desculpas, e nos sentimos um tanto envergonhados de nós mesmos. Contudo, a verdade acerca de nós é esta: somos a luz do mundo! Foi o Senhor Jesus Cristo que o disse. Este mundo mau e trevoso não conhece nenhuma luz, não tem nenhuma luz, exceto a luz que eu e vocês estamos

disseminando.

No entanto, pensemos na questão quanto ao aspecto da nossa dignidade, da nossa glória - o que Ele é, Ele faz que sejamos. Isso é inevitável por causa da nossa relação. Há muitas outras exposições magníficas disto. Ouçam, de novo, o Senhor dizer, no Livro de Apocalipse, à igreja de Laodicéia, a respeito de toda gente: "Ao que vencer lhe concederei que se assente comigo no meu trono; assim como eu venci, e me assentei com meu Pai no seu trono" (3:21). Posto que a Igreja é a esposa de Cristo, ela vai sentar-se com Ele no Seu trono. "Ela é plebéia", dirão vocês. Sim, mas não importa; ela se casou com o Principe, e compartilha o trono com Ele. Essa é a dignidade, esse é o privilégio que Ele nos confere!

Em seguida, atentem para isto: o apóstolo Paulo, procurando ensinar aos membros da igreja de Corinto algo desta grandeza e desta glória, faz a seguinte colocação, no capítulo 6 da primeira epístola, versículo 2: "Não sabeis vós que os santos hão julgar o mundo?" E mais adiante: "Não sabeis vós que havemos de julgar os anjos?" Isto se refere a mim e a vocês. Vejam esses tristes membros da igreja de Corinto. "Que há com vocês?", pergunta o apóstolo. "Por que estão brigando uns com os outros? Por que vocês se orgulham deste ou daquele homem, e ficam levando uns aos outros às barras do tribunal por suas contendas? Não percebem que todos vocês, como cristãos, estão em tal relação com Cristo, que irão julgar o mundo, que irão julgar os anjos?" Eis aí a dignidade que nos pertence.

Permitam-me expressá-lo deste modo: pensem no cristão em relação aos anjos. Já se deram conta de que nos está determinado um destino que nos colocará acima dos anjos? Os anjos são seres maravilhosos, "magníficos em

poder" (Salmo 103:20); mas estamos destinados a uma posição que será superior à dos anjos! O autor da Epístola aos Hebreus faz esta colocação: "Porque não foi aos anjos que sujeitou o mundo futuro, de que falamos. Mas em certo lugar testificou alguém, dizendo: que é o homem, para que dele te lembres? ou o filho do homem, para que o visites? Tu o fizestes um pouco menor do que os anjos, de glória e de honra o coroaste, e o constituíste sobre as obras de tuas mãos; todas as coisas lhe sujeitaste debaixo dos pés" (Hebreus 2:5-8). "Mas", diz alguém, "não vejo todas as coisas sujeitas ao homem; de que é que você está falando?" "Oh não", diz o autor daquela epístola, "... ainda não vemos que todas as coisas lhe estejam sujeitas; vemos, porém, coroado de glória e de honra aquele Jesus que fora feito um pouco menor do que os anjos, por causa da paixão da morte" (versículo 9). Estas palavras significam que eu e vocês vamos ocupar aquela posição. Aos olhos de Deus já a ocupamos; não vemos isto, no entanto, já é coisa certa quanto a nós. Estamos acima dos anjos porque somos a esposa de Cristo; e como Ele está acima deles nos lugares celestiais, temos essa dignidade, essa grandeza e essa posição agora mesmo.

Isso nos leva ao ponto subseqüente, ou seja, que participamos não somente da Sua

vida, mas também dos Seus privilégios. No momento em que uma mulher desposa um homem, passa a participar dos privilégios dele. Sejam estes quais forem, ela se toma participante deles. O apóstolo está dizendo aqui que isto se aplica à Igreja. Participamos do que? Participamos do amor do Pai. Há um versículo que, de muitas maneiras, é para mim o versículo mais espantoso da Bíblia. É o versículo 23 do capítulo 17 do Evangelho Segundo João. Diz o Senhor: "para que o mundo conheça que tu me enviastes a mim, e que os tens amado a eles como me tens amado a mim". É uma afirmação que significa que Deus o Pai nos ama, na qualidade de povo cristão, como ama a Seu próprio Filho. O que significa que, devido à nossa relação com o Filho, estamos nessa relação com Deus. Pensem num homem, sem filhas, cujo filho homem se casou. Ele agora diz à esposa do seu filho: "Você é minha filha. Nunca antes tive uma filha, mas agora você é minha filha". E a considera como tal. Ela e seu filho são um; portanto, ele estende a ela o seu amor paterno - "para que o mundo conheça que os tens amado, como me amas". O privilégio é esse. Opera deste modo - dá-nos acesso ao Pai. Um pai está sempre pronto a receber a esposa do seu filho. Antes ela não tinha acesso a ele; não havia nenhum relacionamento entre ela e o pai; mas no momento em que o filho se casa, ela passa a ter direito de acesso à presença do pai. Como o Pai está pronto a receber seu filho e a dar-lhe privilégios que não concederia aos seus servidores favoritos e mais dignos de confiança, assim agora ele os concede à nora, porque é esposa do seu filho. Povo cristão, será que tiramos proveito destes altos privilégios? Será que nos apercebemos de que temos direito de entrada e acesso à presença do Pai? Apesar de ser Ele o Governador do universo, se vocês tiverem alguma necessidade, lembrem-se de que têm direito de chegar à Sua presença. Por amor a Seu Filho, Ele não os rejeitará. Esposa de Cristo, Ele sempre lhe dará ouvidos, Ele sempre terá tempo para você. Não há maior privilégio do que este. Ele nos ama como

ama a Seu Filho, e nos dá este direito de entrada e acesso à Sua santa presença.

Mais ainda, estou simplesmente dando títulos para que reflitam e meditem. Devemos dedicar muito do nosso tempo a estes pontos, pensando neles. Quando vocês se ajoelharem para orar, não comecem a falar imediatamente; parem e pensem. Pensem mesmo antes de dobrar os joelhos. Procurem dar-se conta do que estão fazendo; lembrem-se do que são, e porque são o que são; tragam à memória aquilo que lhes diz respeito, e os direitos e privilégios que lhes são dados. Depois, passem a considerar as possessões que o Senhor nos dá. Somos participantes das Suas possessões. O apóstolo Paulo, numa extraordinária exposição escrita à igreja de Corinto, diz, como se fosse, o seguinte: "Com que vocês se preocupam? Por que se dividem e têm ciúme e inveja uns dos outros? Que é que há com vocês? Todas as coisas são suas. Tudo! Não importa o que seja, tudo e todos são seus. Por que? Porque vocês são de Cristo, e Cristo é de Deus." Estudem isso com esmero, no final do capítulo 3.

Tomo a inquirir: não estou certo quando digo que a verdadeira tragédia hoje está na falha evidenciada pela Igreja de não compreender a verdade sobre si mesma? "Tudo é vosso" - tudo! Em certo sentido, o cosmo é nosso, porque pertencemos a Cristo. O apóstolo Paulo ficava emocionado com este conhecimento; e a prova do nosso cristianismo, a prova da nossa espiritualidade, é se nos comovemos e vibramos com estas coisas. Pode ser que estejamos passando por períodos difíceis, que estejamos sendo perseguidos, que estejamos sendo desprezados, que estejam rindo de nós porque somos cristãos. Sabem o que devemos dizer a nós mesmos? Devemos dizer: "se nós somos filhos, somos logo herdeiros também, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo" (Romanos 8:17). Pouco importa o que o mundo pense ou diga - "tudo é vosso"; os cristãos são "co-herdeiros de Cristo".

Mas eu gosto particularmente da maneira como isto é expresso pelo autor da Epístola aos Hebreus, no capítulo 2, versículo 5. Já o citei, mas volto a fazê-lo: "Porque não foi aos anjos que sujeitou o mundo futuro, de que falamos". É uma pena que a Versão Autorizada e a Versão de Almeida façam a tradução dessa maneira negativa. O sentido é: ele não sujeitou o mundo futuro, do qual falamos, aos anjos, mas a nós. Qual é este "mundo futuro" de que ele fala? É este velho mundo em que eu e vocês vivemos atualmente. Sim! No entanto, não como ele é agora. É o mesmo mundo de hoje, mas como será quando Cristo voltar e destruir todos os Seus inimigos, todo o mal, e todo vestígio e todos os restos do mal; quando ocorrer o grande incêndio, a grande purificação, a regeneração, quando surgirem "novos céus e nova terra, em que habita a justiça" (2 Pedro 3:13; cf. Mateus 19:28). Esse é o "mundo futuro" do qual ele está falando. E esta é uma parte vital da mensagem cristã essencial. Este mundo, no qual estamos neste momento, é apenas um mundo passageiro; este não é o mundo real, o mundo duradouro. O que vemos é o mundo resultante do que o homem fez dele. Vemos o caos que o homem produziu. Naturalmente, o mundo mesmo está muito interessado no vísivel e no atual; e todo mundo fica se perguntando que será que a última conferência vai realizar - haverá desarma-

mento, será abolida a guerra, tudo será perfeito por todo o tempo restante? Mas tudo em vão. Este mundo é mau, e o mal e o pecado continuarão a manifestar-se, enquanto não chegar o dia do juízo determinado por Deus. Todavia, há um "mundo futuro"; é a Nova Jerusalém que descerá do céu, este velho mundo restaurado com toda a sua pristina glória, este velho mundo como Deus o fez no princípio, mas ainda mais glorioso. Isso acontecerá na segunda vinda de Cristo. Ele mesmo o habitará, e Sua esposa com Ele. Esse é "o mundo futuro, de que falamos". Quem irá viver nesse mundo, quem herdará esse mundo? Bem, diz a epístola que não serão os anjos. "Porque não foi aos anjos que sujeitou o mundo futuro, de que falamos", e sim a nós. Somos nós os herdeiros desta glória vindoura. Amados irmãos, vocês refletiram nisso alguma vez? Lembraram-se disso alguma vez? Pode ser que estejam tendo tempos difíceis, lutando com o mundo, a carne e o diabo; podem estar enfrentando

dificuldades e obstáculos. Dêem as costas para isso! Não olhem só para isso! "Não atentando nós nas coisas que se vêem, mas nas que se não vêem; porque as que se vêem são temporais, e as que se não vêem são eternas" (2 Coríntios 4:18). Levantem a cabeça; vocês compartilham a herança de Cristo, as Suas possessões! Vocês O desposaram -ou melhor, Ele os desposou - e coloca todas estas coisas em suas mãos. Vocês são participantes das possessões de Cristo.

Permitam-me salientar de novo que somos partícipes dos interesses de Cristo, dos Seus planos e dos Seus propósitos. "Cooperadores de Deus" (1 Coríntios 3:9). Não pense em sua igreja local, ou nalguma outra igreja, apenas em termos de si próprio e daquilo que você faz. A mesma coisa se aplica à sua denominação ou movimento. Eleve-se a um nível superior e considere os interesses do Senhor. Tomo a citar, "Vós sois a luz do mundo". O Senhor tem um propósito com respeito a este mundo, e eu e você estamos envolvidos nesse propósito e somos participantes dele. O marido conta tudo à sua esposa. Ela conhece todos os seus segredos, todos os seus desejos, toda ambição, toda esperança, todos os projetos que penetram sua mente. Ela e ele são um. Ele lhe diz coisas que não diria a ninguém mais; ela participa de tudo, nada fica para trás, nada se lhe oculta. Essa é a relação de marido e mulher. É igualmente a relação entre Cristo e a Igreja; somos Seus parceiros neste serviço de salvar homens. Vocês sabem desse interesse? Sentem-no, pensam nisso, dão valor ao privilégio de serem participantes do segredo? Sentem alguma porção do fardo, e O estão ajudando? O cristão é para isso, a esposa é para isso - uma ajuda satisfatória - e a Igreja é a esposa de Cristo. Quantas vezes vocês oram pelo bom êxito da pregação do evangelho? Até que ponto vocês estão interessados na mensagem evangelística da Igreja? Vocês pensam nisto, sentem-se parte disto, oram por isto? A esposa digna do título não precisa ser exortada a interessar-se pelas ocupações do marido; ela considera seu maior privilégio ajudar seu marido; interessa-se vitalmente por tudo que ele faz e pelo seu sucesso em tudo. A Igreja é a esposa de Cristo; Ele partilha tudo conosco. Tratemos de nos conscientizar destas coisas e de elevar-nos à dignidade e ao privilégio que lhes são próprios.

Mas, deixem-me mencionar uma coisa que, para mim, é um dos seus mais fascinantes e encantadores aspectos. O Senhor não partilha conosco somente as Suas possessões, os Seus interesses, os Seus planos e os Seus propósitos; também partilha conosco os Seus servos. Você pode ter sido uma Cinderela (Gata Borralheira); a Igreja toda era uma Cinderela, em seus trapos, com sua dura vida de escrava, fazendo todos os trabalhos caseiros em lugar de suas irmãs. Mas Cinderela casou-se com o príncipe; e o que sucede? Em vez de mourejar como escrava daquela maneira, agora ela tem os seus servos. Que servos? Os dele! Uma vez que ela se tomou esposa deste príncipe, todos os servos dele são servos dela e lhe prestam serviço como prestam serviço a ele. Vocês já se deram conta de que esta verdade se aplica a nós? Voltemos mais uma vez à Epístola aos Hebreus, capítulo primeiro. O escritor compara e contrasta o Senhor Jesus Cristo com os anjos e eis como se expressa: "a qual dos anjos disse

jamais: assenta-te à minha destra até que ponha a teus inimigos por escabelo de teus pés?" E a seguir: “Não são porventura todos eles espíritos ministradores, enviados para servir a favor daqueles que hão de herdar a salvação?” (versículos 13 e 14).

O sentido é que, devido sermos cristãos, os anjos de Deus nos servem: aí está como a epístola descreve um anjo. Este é um “espírito ministrador”, enviado para nos servir e para ministrar a nosso favor, que somos herdeiros do “mundo futuro” do qual ela está falando. Receio que negligenciamos o ministério dos anjos; não pensamos suficientemente nisso. Entretanto, quer estejamos cientes quer não, há anjos que cuidam de nós; eles estão ao redor de nós. Não os vemos, mas isso não importa. As coisas mais importantes nós não vemos; só enxergamos as coisa visíveis. Contudo, estamos cercados de anjos; são designados para tomar conta de nós e para ministrar a nosso favor- anjos da guarda. Não tenho a pretensão de entender isso tudo; nada sei além daquilo que a Bíblia me diz - no entanto isto eu sei: os servos do Senhor, os anjos, são meus servos. Eles estão ao redor de todos nós, cuidando de nós e manipulando as coisas por nós de um modo que não podemos compreender. E sei mais, que quando morrermos, eles nos levarão para o lugar que nos está destinado. Foi o próprio Senhor Jesus Cristo que ensinou essa verdade na parábola do rico e Lázaro, em Lucas capítulo 16. É-nos dito que o rico morreu e foi sepultado. Mas o que aconteceu com Lázaro? Ele “foi levado pelos anjos para o seio de Abraão”. Porventura, damo-nos conta de que os anjos de Deus ministram a nosso favor porque somos a esposa do Filho? Desde sua origem eles têm ministrado para Ele e nEle têm esperado; e devido à nossa nova relação, agora são nossos servos, ministrando para nós. Queira Deus dar-nos a graça de perceber que estamos rodeados de tais ministérios e ministrações, e de tais ministros! Nada pode fazer-nos dano definitivamente; aí estão eles, enviados pelo Senhor para velar por nós.

Lembrem-se, porém, de que também somos participantes dos Seus problemas, dificuldades e sofrimentos. Ele disse: “Se a mim me perseguiram, também vos perseguirão a vós” (João 15:20). Também falou de ódio. Partilha-

mos algo dos Seus problemas? Estamos cientes disto? “Meus filhinhos”, diz Paulo aos gálatas, “por quem de novo sinto as dores de parto, até que Cristo seja formado em vós” (4:19). Ele sentia alguma coisa dessas dores. Todavia, de modo ainda mais notável ele diz, em Colossenses 1:24: “Regozijo-me agora no que padeço por vós, e na minha carne cumpro o resto das aflições de Cristo, pelo seu corpo, que é a igreja”. O apóstolo Paulo estava tão consciente desta relação com o Senhor Jesus Cristo, que dizia que estava cumprindo em seu corpo o que restava dos sofrimentos de Cristo. A esposa digna deste título sofre sempre que o seu marido sofre; sofre em seu coração quando o vê sofrer; ela o partilha com ele, suporta-o com ele. Assim o apóstolo Paulo completou em seu próprio corpo algo do que restava dos sofrimentos de Cristo à medida que Este leva a efeito o Seu propósito no mundo, a agonia do Filho de Deus, que continuará até chegar o “dia da coroação”. A Igreja é a esposa de

Cristo. Será que nós, como partes e porções do corpo, temos alguma experiência desta agonia, deste sofrimento, dos sofrimentos da Cabeça?

Finalmente, participaremos de toda a glória das Suas prospectivas. Tomo a referir-me ao "mundo futuro". "Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então também vós vos manifestareis com ele em glória" (Colossenses 3:4). "Igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível" - quando Ele vier em sua glória. Se todos nós tivermos morrido, viremos com Ele; se estivermos vivos, seremos tranformados e arrebatados para encontrar-nos com Ele nos ares. Estaremos na glória etema com o Filho de Deus (cf. 1 Coríntios 15:51-52 e 1 Tessalonicenses 4:17). Esta é Sua oração especial ao Pai: "Pai, aqueles que me deste quero que, onde eu estiver, também eles estejam comigo, para que vejam a minha glória que me deste". "Eu dei-lhes a glória que a mim me deste." Participaremos dela com Ele por toda a eternidade. Haverá alguma coisa comparável a isto, a sermos membros do corpo de Cristo, a sermos como partes da Igreja, a esposa de Cristo?

Que vergonha, por nossa fraqueza, nosso desalento, nossas queixas, nossa letargia, nossa quase-inveja do mundo e da sua vida pretensamente maravilhosa, da sua pretensa alegria e do seu pretenso gozo. É um mundo agonizante; é um mundo mau; está sob condenação; vai desaparecer. O mundo já "está passando". Mas eu e você temos esta glória vindoura que podemos divisar, a glória que compartiremos com o Senhor Jesus Cristo naquele grande dia. A glória daquele "mundo futuro" é indescritível; e nele viveremos e reinaremos com o Senhor.

Havendo tomado a Igreja como Sua esposa, Ele lhe outorga isso tudo. Suas prospectivas são nossas, Sua glória é nossa, tudo é nosso. "Os mansos herdarão a terra" (Salmo 37:11; Mateus 5:5). Reinaremos com Ele sobre o universo todo; julgaremos os anjos. Eu e vocês! Assim é o cristão! Assim é a Igreja cristã, na qualidade de esposa de Cristo!

OS DEVERES DO ESPOSO Efésios 5:25-33

Nas considerações feitas sobre esta exposição, vimos que há dois temas principais. Um é o tema sobre o relacionamento entre o Senhor Jesus Cristo e a Igreja, e o outro é sobre o relacionamento entre o marido e a esposa. O ensino do apóstolo é que só poderemos compreender verdadeiramente a relação de marido e mulher quando compreendermos a grandiosa doutrina de Cristo e a Igreja. Por isso estivemos considerando primeiro a doutrina de Cristo e a Igreja, e, tendo feito isso, agora estamos em condições de começar a aplicação disso, particularmente ao marido, embora, como vêem, o apóstolo tenha o cuidado de, no fim (versículo 33), considerá-la também segundo o aspecto e o ponto de vista da esposa. A aplicação da doutrina é introduzida pelas expressões "assim" e "como". "Vós, maridos, amai vossas mulheres, *como* também" - e depois, no fim, *"Assim* também vós, cada um em particular, ame a sua própria mulher *como* a si mesmo". Noutras palavras, ele está desenvolvendo a comparação que nos desvendara, da relação de Cristo com a Igreja em termos da relação do marido com a esposa.

Como chegamos, pois, à aplicação, parece-me que a melhor maneira de tratá-la é dividi-la em duas partes. A primeira é a porção na qual são ensinados certos princípios concernentes aos maridos e suas mulheres. Depois, tendo firmado os princípios gerais, podemos marchar para a segunda, que consiste da aplicação prática detalhada dos princípios à situação concreta.

Os princípios gerais, como os vejo, são os seguintes: primeiro, devemos dar-nos conta, quanto ao casamento, como na verdade com tudo mais na vida cristã, de que o segredo do sucesso está em pensar e entender. Isso certamente está evidente na superfície da passagem. Nada acontece automaticamente na vida cristã. Esse é um princípio deveras profundo, pois acredito que, na maioria, os nossos problemas surgem do fato de que tendemos a pressupor que eles acontecem automaticamente. Insistimos em agarrar-nos a uma idéia semi-mágica da regeneração que ensina que, em vista do que aconteceu conosco, o restante da estória é simplesmente este: "E viveram felizes para sempre". É claro, no entanto, que sabemos que isso não é verdade. Há problemas na vida cristã; e uma vez que tanta gente não entende que isso não é uma coisa que se dá automaticamente, metem-se em problemas e dificuldades. Obviamente, o antídoto contra isso é pensar, é ter compreensão, é raciocinar exaustivamente sobre a questão. O mundo não faz isso. Em última análise, o problema que há com o mundo, segundo o ensino da Bíblia, é que ele não pensa. Se as pessoas

tão somente pensassem, muitos dos seus problemas seriam resolvidos.

Tomem o problema da guerra, por exemplo. A guerra é uma coisa inerentemente ridícula; é insana. Então, por que guerreiam? A resposta é: porque não pensam.

Agem instintivamente, deixam-se governar por instintos primitivos, como a cobiça, a avareza, a ira etc., e atacam antes de pensar. Se tão somente parassem para pensar, não haveria mais guerra. A falácia do humanista é, por certo, que ele crê que tudo quanto resta fazer é dizer aos homens que pensem. Mas, desde que são pecadores, não pensarão. Estas forças elementais são tão mais fortes que as forças racionais, que "o homem em pecado" é sempre irracional.

Havendo-nos tomado cristãos, continuamos precisando observar este mesmo princípio. Mesmo o cristão não pensa automaticamente; ele precisa ser ensinado a pensar - daí estas epístolas do Novo Testamento. Por que foram escritas? Se o homem, ao tomar-se cristão, pensa automaticamente a coisa certa, por que o apóstolo escreveu estas epístolas? Ou, se você pode receber a sua santificação como um ato, como uma bênção, por que estas epístolas foram escritas? Aí estão elas, repletas de arrazoados, de argumentos, de demonstrações, de analogias e comparações. Por que? Para ensinar-nos a pensar, para ensinar-nos a resolver as coisas e a obter entendimento.

Pensar é essencial, como o demonstra o apóstolo, em conexão com todo este assunto sobre o casamento. O mundo vê o casamento da seguinte maneira: principia mais ou menos tomando certas coisas importantes como líquidas e certas. Apóia-se no que denomina "amor", apóia-se nos sentimentos. Duas pessoas dizem que "se apaixonaram" mutuamente, e, à vista disso, casam-se. Não se detêm para pensar e questionar, exceto excepcionalmente. São motivadas, animadas e levadas pela sensação de que tudo está fadado a ir bem, que com certeza a sua felicidade será duradoura e nunca poderá falhar. Tudo isso é fomentado pela literatura popular, pelos filmes exibidos nos cinemas e pela televisão em casa. Mas depois você lê os jornais e suas reportagens, e vê que falha. Por que? Eis a resposta: porque nunca pensaram bastante na questão; e, portanto, seu casamento não pode resistir às provas, pressões e tensões que inevitavelmente sobrevêm na vida do dia a dia, com a sua rotina enfadonha, o seu cansaço físico e muitas outras coisas que causam dificuldades. E desde que essas pessoas nunca pensaram no assunto suficientemente, não têm nada a que recorrer. Agiram baseados num sentimento, num impulso; agiram emocionalmente. A mente quase não entrou nisso, dando como resultado que quando se vêem confrontadas por dificuldades, não têm argumentos a que recorrer.
Não sabem o que fazer; parece-lhes que tudo se foi; e assim, entram em pânico e imediatamente iniciam um processo de divórcio; e muitos repetem esse modo de proceder várias vezes. A causa do problema está na ausência de compreensão, na falta de aplicação do pensamento.

Quando se considera a posição cristã, vê-se que a principal diferença é esta: o cristão é exortada a pensar e a compreender, e recebe uma base sobre a qual poderá fazê-lo. Esse é o sentido e o propósito deste ensino que nos é dado;

assim, ficaremos sem desculpa se o negligenciarmos. O mundo não tem esse ensino, mas nós não nos achamos mais nessa situação. Portanto, a primeira coisa que este parágrafo nos lembra é que precisamos pensar. Até se nos diz como fazê-lo, e isso é posto diante de nós com pormenores. Esse é o primeiro princípio.

O segundo princípio é que, como cristãos, a nossa concepção do casamento deve ser positiva. O perigo está em pensarmos que o casamento entre cristãos é essencialmente idêntico ao de todos os demais, sendo a única diferença que, num caso, os nubentes são cristãos, e no outro caso não. Pois bem, se continua sendo esse o nosso conceito do casamento, então nosso estudo deste importante parágrafo foi inteiramente em vão. O casamento cristão, o conceito cristão do casamento é essencialmente diferente de todos os outros conceitos. Seguramente é isto que vai emergindo à medida que abrimos caminho através deste parágrafo.

Obtemos aqui um conceito do casamento que só é possível dentro da fé cristã; chega ele à elevada posição ocupada pela relação que há entre o Senhor Jesus Cristo e a Igreja. Assim, a atitude do cristão para com o casamento é sempre positiva, e ele há de estar sempre se esforçando em busca deste ideal. O conceito cristão não deve ser negativo no sentido de que, visto que certos novos fatores vieram a fazer parte dele, este casamento deve durar, ao passo que o casamento não cristão provavelmente não durará. Isso é puramente negativo. Não deve ser que meramente evitamos certas coisas próprias dos outros; temos que ter esta concepção ideal, positiva do casamento. É uma coisa em que devemos pensar sempre em termos da relação que há entre o Senhor Jesus Cristo e a Igreja. Devemos aprender a provar-nos a nós mesmos constantemente com as seguintes perguntas: a minha vida matrimonial corresponde de fato àquela relação? Manifesta a referida relação? Está sendo governada por ela? Noutras palavras, na posição cristã não paramos de pensar nessas coisas depois de alguns meses de casados. Continuamos pensando, e pensamos cada vez mais, e quanto mais cristãos nos tornamos e mais crescemos na graça, tanto mais pensamos no casamento, e mais interessados ficamos em que o casamento se amolde ao padrão celestial, a este glorioso ideal da relação entre o Senhor Jesus Cristo e a Igreja. Isso é algo difícil de expressar com palavras. O que estou tentando comunicar é que a grande diferença entre o casamento de cristãos e o de não cristãos há de ser que, no caso dos cristãos, o casamento se torna progressivamente mais maravilhoso, mais glorioso, à medida que se vai amoldando ao ideal e o vai alcançando cada vez mais. Certamente todos nós vemos a significação disso quando o aplicamos àquilo que é tão comum acontecer com o casamento, não somente entre os não cristãos, e sim também, lastimavelmente, entre os cristãos! A concepção cristã do casamento é uma concepção que continua a crescer, a desenvolver-se e a ampliar-se.

Meu terceiro e último princípio geral decorre da exposição toda - isto é, em última análise a verdadeira causa do fracasso no casamento é sempre o ego e suas diversas manifestações. Naturalmente, essa é a causa de problemas em

toda parte e em todas as esferas. O ego e o egoísmo são as maiores forças destruidoras do mundo. Todos os grandes problemas que o mundo defronta, quer vejamos a matéria do ponto de vista das nações e dos estadistas, quer do ponto de vista das condições industriais e sociais, quer de qualquer outro ponto de vista - todos estes problemas por fim retomam ao ego, a "meus direitos", a "o que eu quero", e a "quem é ele?" ou "quem é ela?". O ego, com as suas horrendas manifestações, sempre leva a algum problema porque, se dois "egos" entram em oposição, estarão fadados a um conflito. O ego sempre quer tudo para si. Isso é certo quanto ao meu ego, mas é igualmente certo quanto ao seu ego. De imediato haverá dois poderes autônomos, cada qual oriundo do ego, e o conflito será inevitável. Tais conflitos ocorrem em todos os níveis, desde um casal até grandes comunidades, impérios e nações.

O ensino do apóstolo nos versículos em estudo visa mostrar-nos como evitar as calamidades resultantes do ego. Por isso caprichei para salientar o versículo 21 antes de começar a considerar a questão do casamento. Ele é a chave do parágrafo inteiro - "Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Deus". Esse é o princípio básico, e deve ser próprio de todos os membros da Igreja cristã. Casados ou não, todos devemos sujeitar-nos uns aos outros no temor de Deus. Depois o apóstolo prossegue e aplica o princípio ao caso particular do homem e da mulher, do marido e sua esposa, e ele o faz com tanta simplicidade e clareza que certamente ninguém poderá enganar-se. Que é essencial sobre o casamento? Diz ele que é esta unidade - esta dupla, estes dois passaram a ser uma só carne. Daí, temos que parar de pensar neles como dois; tomaram-se um. Portanto, toda e qualquer tendência de afirmar o ego, logo entra em conflito com a concepção fundamental do casamento. No casamento, diz o apóstolo, deveria ser inimaginável o surgimento de tal conflito, porquanto pensar neste dois como dois é negar o princípio básico do casamento, segundo o qual eles são um. "E serão dois numa came." A esposa é "o corpo" do marido, como a Igreja é o corpo de Cristo - e assim por diante. Assim, temos aqui, acima de tudo mais, a denúncia final do ego e todas as suas horríveis manifestações; e o texto nos mostra a única maneira pela qual podemos ficar definitivamente livres dele.

Esses são os três principais princípios que, no casamento, estão subjacentes à aplicação prática da doutrina da relação existente entre o Senhor Jesus Cristo e a Igreja. Ora, o marido deve ser governado por estes princípios. Como isto funciona na prática? Primeiramente, o marido deve compreender que a sua esposa é uma parte dele. Ele não se aperceberá disto instintivamente; terá que ser ensinado; e a Bíblia o ensina em todas as suas partes. Noutras palavras, o marido deve entender que ele e sua mulher não são dois: são um. O apóstolo fica repetindo isso: "Assim devem os maridos amar a suas próprias mulheres, como a seus próprios corpos." "Quem ama a sua mulher, ama-se a si mesmo"; "e serão dois numa carne." "Porque somos membros do seu corpo, da sua carne e dos seus ossos." Isso tudo é certo quanto à

nossa relação com o Senhor, e também é certo quanto a esta outra relação.

Desejo, pois, expressá-lo deste modo - que não nos será suficiente consi-

derar nossas esposas como companheiras. São companheiras, mas são mais que isso. Dois homens podem ser companheiros de negócio, porém a analogia não é essa. A analogia supera isso. Não é uma questão de companheirismo, embora inclua essa idéia. Há outra frase freqüentemente usada - pelo menos era comum

- que coloca isso muitíssimo melhor e que me parece ser uma afirmação inconsciente do ensino cristão. É a expressão empregada por homens ao se referirem a suas esposa dizendo, “minha melhor metade”. Ora, isso está exatamente correto. Ela não é uma companheira, é a outra metade do homem. “E serão dois numa carne”. “Minha melhor metado.” A própria palavra “metade” exprime toda a argumentação que o apóstolo elabora aqui. Não estamos lidando com duas unidades, duas entidades, e sim das duas metades de um ser - ”E serão dois numa carne”. Portanto, à luz disso, o marido não deve pensar mais no sentido singular e individual. Isso tem de ser completamente impossível no casamento, diz o apóstolo, porque, “Quem ama a sua mulher, ama-se a si mesmo”. Em certo sentido ele não está amando uma outra pessoa; está amando a si mesmo. Essa é a diferença que o casamento faz.

Ao nível prático, portanto, o pensamento do marido deve incluir sua esposa também. Nunca deverá ele pensar em si isolada ou separadamente. No momento em que fizer isso romperá o princípio mais fundamental do casamento. Toda gente vê isso quando sucede no nível físico, porém o dano real é feito antes disso, nos níveis intelectual e espiritual. Num sentido, no momento em que um homem pensa em si isoladamente, já rompeu o casamento. Ele não tem direito de fazer isso! Há um sentido em que ele não pode fazê-lo, porque a esposa é uma parte dele. Contudo, se isso acontecer, certamente ele infligirá grave dano à sua esposa; e será um dano em que ele mesmo estará envolvido, porque-ela é parte dele. Portanto, ele estará agindo contra si próprio -oxalá percebesse isso! Por conseguinte, o seu pensamento nunca deverá ser pessoal no sentido de ser individualista. Ele é somente a metade, e o que ele faz envolve necessariamente a outra metade. A mesma coisa aplica-se aos seus desejos. Jamais deverá ter ele algum desejo só para si. Ele não é mais um só ser isolado, não é mais um ser livre, nesse sentido; sua esposa está envolvida em todos os seus desejos. Compete-lhe, pois, ver que esteja sempre plenamente desperto para estas considerações. Noutras palavras, ele nunca deverá pensar em sua esposa como um acréscimo. Menos ainda - lamento ter que usar esta expressão

- como um obstáculo; mas há muitos que fazem isso.

Resumindo, isto constitui um grande mandamento aos homens casados, que nunca sejam egoístas. Tampouco a mulher deve ser egoísta, é claro. Tudo se aplica ao outro

lado, mas aqui estamos tratando particularmente dos maridos. Já vimos que a mulher deve sujeitar-se. Ao fazê-lo, ela age com base no mesmo princípio; agora este é o lado do marido, nesta questão. Portanto, ele sempre deve lembrar-se deliberadamente daquilo que vale para ele no estado matrimonial e que deve governar e dominar todo o seu pensar, todo o seu querer, todo o seu desejar, na verdade a totalidade da sua vida e das suas atividades.

Podemos, no entanto, ir adiante e expressar isto mais vigorosamente. O

versículo 28 termina com as palavras: "Quem ama a sua mulher, ama-se a si mesmo"; mas nos lembramos de que o apóstolo, ao descrever a relação entre o Senhor e a Igreja, utilizou a analogia do corpo. "Assim", diz ele mais, no mesmo versículo, "Assim devem os maridos amar a suas próprias mulheres, como a seus próprios corpos". Depois ele o desenvolve no versículo 29: "Porque nunca ninguém aborreceu a sua própria carne; antes a alimenta e sustenta, como também o Senhor à igreja". Aí, então, está o ensino - que não somente devemos estar cientes de que o marido e a esposa são um, mas também o marido deve levar em conta que a esposa é de fato uma parte dele, segundo a analogia do corpo. A atitude de um homem para com a sua esposa, diz o apóstolo, deve ser, por assim dizer, a sua atitude para com o seu corpo. Essa é a analogia - e é mais que analogia. Já consideramos o assunto como é ensinada no fim do capítulo 2 de Gênesis. A mulher foi tirada originariamente do homem. Temos ali a prova do fato de que ela é uma parte do homem, e isso descreve a característica da unidade. Ao homem se diz, pois, isto: "Assim devem os maridos amar a suas próprias mulheres, como a seus próprios corpos". Pois bem, a pequenina palavra "como" é muito importante e vital, porque facilmente poderemos entendê-la mal. Paulo não diz: "Assim devem os maridos amar a suas próprias mulheres da mesma maneira como amam a seus próprios corpos". O sentido não é esse. O sentido é: "Assim devem os maridos amar a suas próprias mulheres porque elas são os seus próprios corpos". O homem ama sua mulher como seu corpo - é isso que o apóstolo está dizendo. Não é "como" ele ama seu corpo assim deve amar sua esposa. Não! O homem deve amar sua esposa como (sendo) seu corpo, como uma parte dele. Assim como Eva era uma parte de Adão, tirada do seu lado, assim é a esposa para o homem, porque é parte dele.

Estou dando ênfase a isto pelo motivo que o apóstolo expõe claramente, a saber, para mostrar que existe este elemento de indissolubilidade quanto ao casamento, indissolubilidade que, conforme entendo o ensino bíblico, só pode ser desfeita pelo adultério. Todavia, o que nos interessa dizer agora é que o apóstolo faz esta colocação a fim de que o marido veja que não pode desligar-se da sua esposa. Você não pode desligar-se do seu corpo; assim, você não pode desligar-se da sua esposa. Ela faz parte de você, diz o apóstolo; portanto, lembre-se disso sempre. Você não pode viver isolado, não pode viver separado. Se compreender isso, não correrá o

risco de pensar em separação, não correrá o risco de anelar, querer, desejar a separação. Menos ainda poderá haver algum antagonismo ou ódio. Observem como ele se expressa: "Nunca ninguém", diz ele para ridicularizar a coisa, "nunca ninguém aborreceu a sua própria carne; antes a alimenta e sustenta, como também o Senhor à igreja". Assim, todo e qualquer elemento de ódio entre marido e mulher é pura loucura; mostra que o homem ignora totalmente o que significa o casamento. "Nunca ninguém aborreceu a sua própria carne" - mas a sua esposa é a sua própria carne, e o seu corpo; portanto, ele deve amar sua esposa como seu próprio corpo.

A que isto leva na prática? Chego aqui a um ensino muito detalhado do qual todos têm necessidade, os cristãos e os demais. Todos falhamos, Deus o

sabe; todos pecamos deixando de entender este ensino e de aplicá-lo pormenorizadamente. O princípio é que a esposa é, por assim dizer, o corpo do homem. Assim, o que o seu corpo é para a sua personalidade, a sua esposa deveria ser para ele. Disso provém o ensino detalhado do apóstolo. Como o homem deve tratar sua esposa? Permitam-me dar primeiro alguns itens negativos. Ele não deve abusar dela. É possível a um homem abusar do seu corpo, e muitos o fazem - comendo demais, bebendo demais, e de várias outras maneiras. Isso é abusar do corpo, maltratá-lo, ser maldoso para com ele. Ora, diz o apóstolo, o homem que faz isso é insensato, porque, se maltrata o seu corpo e abusa dele, quem vai sofrer é ele. Você não pode desligar-se do seu corpo; e se pensa que pode, e abusa do seu corpo, você é quem irá sofrer. Sua mente sofrerá, seu coração sofrerá, todo o seu viver sofrerá. Talvez você diga: "Não me importo com meu corpo, estou vivendo a vida do intelecto"; mas, se continuar agindo assim, logo verá que já não possui o intelecto que outrora possuía, e que não será capaz de pensar como antes. Se abusar do seu corpo, será você que irá sofrer. Não sofrerá só o seu corpo, mas você mesmo sofrerá também. É exatamente a mesma coisa na relação matrimonial. Se um homem abusar da sua esposa, ele sofrerá, bem como sua esposa. Assim, além do erro inerente ao abuso, o homem será insensato. Se um homem abusar da sua esposa, ocorrerá colapso não somente na esposa, mas também no homem, e no relacionamento entre ambos. Certamente é o que está acontecendo comumente no mundo hoje. Deveria ser uma coisa inimaginável, um cristão abusar da sua esposa.

Mas não somente não deve o marido abusar da sua esposa; em segundo lugar, não deve negligenciá-la. Retomemos à analogia do corpo. Um homem pode negligenciar seu corpo. Acontece muitas vezes e, de novo, isto sempre leva à dificuldades. Negligenciar o corpo é mau, é tolo, é errado. O homem foi constituído de tal maneira que ele é corpo, mente e espírito, e os três estão em íntima relação uns com os outros. Seguramente estamos todos cientes disto. Tome-se um exemplo em termos da fragilidade do corpo. Se sofro de laringite, não posso pregar, ainda que queira fazê-lo. Posso estar com a mente cheia de idéias, e posso estar dominado pelo desejo de pregar, porém, se a minha garganta estiver inflamada, não poderei falar. E assim é

com o corpo todo. Se você negligenciar o corpo, sofrerá por isso. Muitos homens têm feito isso, muitos eruditos têm feito isso, e pela negligência dos seus corpos o trabalho deles padeceu. Isso por causa da unidade essencial que há entre estas partes das nossas personalidades.

Dá-se exatamente a mesma coisa na relação matrimonial, diz o apóstolo. Quão maiores dificuldades são causadas na esfera do casamento simplesmente pela negligência! Recentemente foi publicado nos jornais um documentário médico dando provas de que atualmente numerosas mulheres foram empurradas ao vício de fumar. Por que? Simplesmente porque foram negligenciadas por seus maridos. Os maridos passam suas noites fora, em esportes ou em bares ou jogando com os amigos; e a pobre esposa é deixada em casa com as crianças e com o trabalho. O marido vem para casa na hora de ir para a cama e dormir; de

manhã se levanta e sai. A negligência de que a esposa é vítima está levando a estas condições nervosas que se revelam no ato de fumar excessivamente e noutras manifestações de tensão nervosa. É lamentável que um homem se case e depois se ponha a negligenciar a esposa. Noutras palavras, eis um homem que se casou, mas que em questões essenciais continua vivendo como se ainda fosse um solteirão. Continua com sua vida desligada, continua passando o tempo com os seus amigos.

Eu poderia desenvolver isto com muita facilidade, porém os fatos são tão conhecidos que isso se toma desnecessária. Na verdade tenho a impressão de que existe mesmo nos círculos cristãos, até nos círculos evangélicos conservadores, a tendência de esquecer este ponto particular. O casado não deve continuar agindo como se fosse solteiro; sua esposa deve estar envolvida em tudo. Recentemente recebi convite para uma realização social relacionada com uma organização evangélica conservadora; mas o convite foi dirigido somente a mim, sem incluir minha esposa. Automaticamente o recusei, como sempre faço quando acontece esse tipo de coisa. Este é um caso de organização cristã conservadora que obviamente não tem uma idéia clara sobre estas questões. Aventuro-me a estabelecer como regra que o cristão não deve aceitar convite para programas sociais sem sua esposa. É irreparável o dano feito a muitos casamentos porque os homens se encontram em seus clubes sem suas esposas. Isso é errado, pois é a negação de princípios primordiais. O homem e a mulher devem fazer juntos as coisas. Naturalmente, em seu trabalho profissional o homem tem de estar só, e há outras ocasiões em que tem de estar só; mas se se tratar de uma ocasião social, de algo de que a esposa pode participar, ela deverá participar, e cabe ao marido providenciar para que ela participe. Sugiro que todos os maridos cristãos recusem sem pestanejar todo convite que venha para eles e não inclua as suas respectivas esposas.

Todavia, há outro aspecto desta questão que por vezes me causa grande preocupação. Constantemente ouço falar daquilo que às vezes denominam “viúvas cristãs

conservadoras". A expressão significa que o marido desse tipo particular de mulher fica fora de casa todas as noites, numa ou noutra reunião. Sua explicação, na verdade seu argumento, é que ele está envolvido numa boa obra cristã; mas parece esquecer que é casado. No outro extremo está, é certo, aquele tipo de cristão que não faz nada, indulgente consigo mesmo e com sua preguiça, e que fica o tempo todo em casa. Ambos os extremos sempre são errôneos; entretanto, no momento estou condenando este extremo em particular - o caso do homem que vive tão ocupado com a obra cristã, que negligência a sua esposa. Conheço muitos exemplos disto. Recentemente me falaram de um deles, no norte da Inglaterra - o caso de um homem que todas as noites estava falando em reuniões, organizando isto e aquilo. O homem que me contou isso confessou-me que ele mesmo estivera começando a fazer a mesma coisa, mas foi despertado sobre o problema quando conheceu a mulher do outro homem, a respeito de quem toda gente estava falando. O meu interlocutor me disse que a pobre mulher parecia uma escrava - exausta, esgotada, cansada, negligenciada

e infeliz, e com o coração atribulado. A conduta desse marido é gravemente pecaminosa. Embora se faça isso em nome do trabalho cristão ativo, o homem não pode e não deve subtrair-se dessa maneira à sua vida matrimonial, porque a esposa é parte integrante dele — a sua "melhor metade", não sua escrava. Portanto, os maridos cristãos devem examinar-se sobre esta questão. O lar não é um dormitório para onde o marido volta só para dormir. Não! Tem de haver ali um relacionamento ativo, ideal, positivo; e sempre devemos manter isto na parte frontal da nossa mente. O homem deve, pois, buscar de Deus sabedoria para saber dividir-se nesta relação. Mas, não interessa o que o homem é; se é casado, não deve portar-se como solteiro, mesmo com relação à obra cristã, porque, agindo assim estará negando o próprio ensino do evangelho que ele diz que prega. Justamente aí pode haver egoísmo inconfesso. Sei que isso geralmente acontece como resultado de nada menos que a irreflexão, a negligência; todavia esta em geral leva ao egoísmo. Em todo caso, o cristão não deve fazer-se culpado de irreflexão, de negligência.

Daí parto para a terceiro elaboração prática do ensino. O marido não deve aproveitar-se da sua esposa, não deve negligenciar sua esposa e, em terceira lugar, nunca deve desconsiderá-la como alguém sem valor. O fator positivo sempre deve estar presente. A esposa não é apenas a governanta da casa dele; há este elemento positivo. Qual a melhor maneira de expor isto? Tomo a liberdade de adotar os termos do próprio apóstolo. Ele faz esta colocação: "Assim devem os maridos amar a suas próprias mulheres, como a seus próprios corpos. Quem ama a sua mulher, ama-se a si mesmo. Porque nunca ninguém aborreceu a sua própria came; antes" - o quê? "a alimenta e sustenta, como também o Senhor à igreja". Vocês recordam como, quando consideramos estas palavras, ficamos admirados e estonteados pelo modo como o Senhor nos alimenta e cuida de nós. Mas é como o marido deve portar-se para com a sua esposa. "Alimenta e sustenta", ou "cuida dela". De novo, não se pode fazer isso sem exercer o pensamento.

Mais uma vez, isto pode ser elaborado em termos da analogia segundo a qual o homem não aborrece, não odeia o seu próprio corpo, porém o alimenta e cuida dele. Como o faz? Podemos fazer a seguinte divisão: primeiramente há a questão da dieta. O homem tem que pensar em sua dieta, em sua alimentação. Ele tem que nutrir-se suficientemente, que fazê-lo com regularidade, e assim por diante. Tudo isso tem que ser planejado em termos de marido e mulher. O homem deve pensar no que ajudará sua mulher, no que a fortalecerá. Quando tomamos nossas refeições não pensamos só em calorias, proteínas, gordura e carboidratos; não somos puramente científicos, somos? Outro fator entra na questão dos alimentos. Também somos influenciados pelo que agrada o paladar, pelo que nos dá satisfação e prazer. É assim que o marido deve tratar sua mulher. Deve pensar no que lhe agrada, no que lhe dá prazer, naquilo de que ela gosta e que a satisfaz. Naturalmente, antes de casar-se ele renunciava ao seu gosto para fazer isso; mas, depois de casado, já não o faz. Não é essa a dificuldade? Muito bem, diz o apóstolo, você não deve parar, deve continuar

pensando; e como você é cristão, deve dedicar-se a pensar e a cuidar cada vez mais, não cada vez menos. Esse é o argumento dele. Não estamos todos sob condenação? No entanto este é o ensino apostólico, o ensino do Novo Testamento. Quanto à dieta, considere a personalidade integral e a alma da sua mulher. É preciso que haja este pensamento ativo acerca do desenvolvimento da esposa e da sua vida, neste admirável relacionamento que o próprio Deus estabeleceu.

Ha ainda a questão dos exercícios. A analogia do corpo sugere logo isso. Para o corpo o exercício é essencial; é igualmente essencial na relação matrimonial. Pode significar uma coisa simples como esta - apenas conversar. Ah, sei que muitas vezes a causa de problemas no casamento é a falta de conversação! Todos sabemos quanta coisa se pode dizer como desculpa. O homem está cansado, esteve trabalhando em seu emprego ou no seu escritório o dia inteiro, e chega em casa enfadado, cansado, e quer descanso e paz. Sim, mas essa verdade vale também para a sua esposa, com a diferença de que talvez ela tenha estado sozinha o dia inteiro, ou só tenha tido a companhia de criancinhas. Quer nos sintamos desse modo quer não, temos que conversar. A esposa precisa de exercício neste sentido. Fale com ela sobre seus negócios, sobre suas preocupações, sobre suas ocupações; envolva-a nisso tudo. Ela é seu corpo, faz parte de você; portanto, deixe que ela fale sobre isso. Consulte-a, permita que ela apresente o seu modo de entender as coisa. Ela faz parte da sua vida, pelo que envolva-a na totalidade da sua vida. Obrigue-se você mesmo a conversar. Noutras palavras, é preciso que nós nos esforcemos a pensar, a cuidar. Repito que conheço todas as desculpas e que bem sei como muitas vezes isso pode ser difícil; faço, porém, a seguinte colocação - parece-me um belo argumento. Um homem estava igualmente cansado e trabalhando arduamente antes de casar-se; mas nos dias anteriores às núpcias, fosse o que fosse que estava fazendo, tinha o maior desejo de conversar com a noiva e de pô-la a par de tudo. Por que é que isso deveria parar após o casamento? Não deve parar, diz o apóstolo. O marido e a mulher são

um. Olhe para ela, e tenha por ela a mesma consideração que você tem por seu corpo, e lembre-se deste elemento de exercício. Leve-a a participar de tudo, planejadamente. Será magnífico para ela, para o seu desenvolvimento; e será bom para você, porque o casamento completo crescerá e se desenvolverá, se você agir assim.

E isso nos leva ao quarto ponto, o qual é o elemento de proteção. Eis aí este corpo; ele necessita de alimento, necessita de exercício; porém, em acréscimo, todo homem tem que aprender a entender o seu próprio corpo. O apóstolo desenvolve o seu argumento. O apóstolo Pedro, vocês se lembram, se expressa deste modo: diz ele ao marido que se lembre de que sua esposa é o "vaso mais fraco" (1 Pedro 3:7). Significa que estes nossos corpos estão sujeitos a certas coisas. Todos somos diferentes, mesmo no sentido físico. Alguns de nós talvez estejam mais sujeitos a sentir frio, ou calafrio, de um modo que não parece molestar outras pessoas. Alguns de nós são constituídos de molde a ter estes problemas menores; e estamos sujeitos a estranhas infecções e a diversas outras

coisas que nos sobrevêm para provar-nos. Que faz o homem prudente? Ele toma muito cuidado com estas coisas; usa um pesado sobretudo no inverno, e talvez um cachecol; e se abstém de fazer certas coisas. Ele se protege, e protege sua fraca constituição contra alguns dos perigos que nos confrontam na vida. "Assim devem os maridos amar a suas próprias mulheres." Você descobriu que a sua esposa tem alguma fraqueza peculiar em sua constituição pessoal? Descobriu que ela tem certas características especiais? É nervosa e tímida, ou muito franca? Não importa qual seja em particular; ela tem certas características que, num sentido, são fraquezas. Qual é a sua reação a elas? Você fica irritado, ou aborrecido? E tende a condená-las e a eliminá-las? Proceda como procede com o seu corpo, diz o apóstolo. Proteja-a contra elas, vele por ela contra essas fraquezas. Se sua esposa nasceu com temperamento inquieto, poupe-a disso, proteja-a. Faça tudo que puder para salvaguardá-la das suas fraquezas, debilidades e fragilidades; como procede com o seu corpo, proceda com sua mulher.

Depois, naturalmente, há grandes infecções que nos sobrevêm - gripes, febres, coisas que matam pessoas aos milhares. Coisas correspondentes também podem sobrevir à vida conjugal - tentações, problemas, tribulações, que provarão o casamento até os últimos limites.

Que fazemos quanto a estas coisas? Mais uma vez, que é que você faz com o seu corpo quando você pega esse tipo de enfermidade, quando sofre aquele ataque de gripe, com temperatura devastadora? A resposta é que você se mete na cama, com uma garrafa ou bolsa de água quente, sujeita-se a uma dieta apropriada, e assim por diante. Você faz tudo que pode para tratar da febre e ajudar seu corpo a resistir. "Assim devem os maridos amar a suas próprias mulheres como a seus próprios

corpos.” Se houver alguma tentação ou ansiedade ou problema peculiar, excepcional, alguma coisa que prove ao máximo a sua mulher, então, digo eu, o marido deve deixar seus interesses pessoais para proteger sua esposa, ajudá-la e apoiá-la. Ela é o “vaso mais fraco”.

Isso nos leva ao último ponto. Você procura proteger o seu corpo das infecções, submetendo-se a várias inoculações. Aplique isso tudo ao estado matrimonial. Faça tudo que puder para estruturar a resistência da sua mulher, a fim de prepará-la para enfrentar os males da vida. Cabe a você estruturá-la. Não faça tudo você mesmo, vamos dizer; mas edifique-a, estruture-a de modo que ela venha a ser capaz de agir também; de maneira que, se você for levado pela morte, ela não fique sem eira nem beira. Temos que pensar em todas estas coisas, e minuciosamente, como fazemos com os cuidados com o corpo. E se sobrevier a doença, cuide dela de maneira fora do comum, dê-lhe medicamentos apropriados, altere o seu programa para fazer aquelas coisas incomuns que promoverão e produzirão o restabelecimento da saúde, do vigor e da felicidade.

Paramos por aqui. Todavia aí estivemos examinando um grande princípio que é da maior importância. O homem tem que amar sua esposa “como” -porque ela é - seu próprio corpo. “Porque nunca ninguém aborreceu a sua própria came; antes a alimenta e sustenta” (ou “cuida dela”), “como também o Senhor à igreja.” “Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja.” .

RELAÇÕES TRANSFORMADAS Efésios 5:25-33

Chegamos às nossas considerações finais desta exposição sumamente importante e extraordinária. O apóstolo está tratando primordialmente dos deveres dos maridos para com as suas esposas, embora no último versículo, vocês podem notar, ele retome aos deveres das mulheres para com os seus maridos, a fim de poder apresentar o seu ensino concernente ao matrimônio como um todo e de forma completa. Ao aplicar isso tudo, vimos que a grande questão consiste em compreender o ensino. Dentre todos os tipos de pessoas, o cristão deve ser alguém que pensa e raciocina, que faz uso da sua mente. Não há nada de mágico quanto à vida cristã. O grande ato de regeneração é operação de Deus, porém no momento em que recebemos a vida, passamos a ser capazes de pensar e de raciocinar, e de usar o nosso entendimento. Assim é que todas estas epístolas do Novo Testamento são dirigidas ao entendimento. No início desta epístola o apóstolo orou no sentido de que os efésios tivessem “iluminados os olhos do vosso entendimento” - iluminados pelo Espírito Santo. Temos visto, pois, que o que o apóstolo faz aqui é proclamar esta grandiosa doutrina sobre Cristo e a Igreja e então dizer, “Assim, desse modo mesmo.”

Há uns poucos pontos de que devemos tratar a fim de que a nossa exposição fique

completa. Há certas injunções práticas dadas pelo apóstolo aqui, todas relacionadas com esta grande analogia utilizada por ele. O grande princípio vital é essa unidade. O que temos que compreender é a unidade essencial entre o marido e a esposa - "estes dois devem fazer-se (ou tomar-se) uma came". Esta unidade é comparável à unidade existente entre o homem e seu próprio corpo, e também à união mística entre Cristo e a Igreja.

A unidade é o princípio central do matrimônio; e desde que muitas pessoas deste mundo moderno nunca tiveram nenhuma concepção daquilo que está envolvido no casamento, do ponto de vista da unidade, elas o buscam tão solta e despreocupadamente e rompem tanto os seus votos e compromissos, que o divórcio veio a ser um dos maiores problemas da nossa época. Jamais chegaram a formular um parecer sobre esta unidade; continuam pensando em termos da sua individualidade e, assim, vemos duas pessoas afirmando os seus direitos e, portanto, acabando em choques, discórdia e separação. A resposta a isso tudo, afirma Paulo, está em compreender este grande princípio da unidade.

O apóstolo tinha elaborado a matéria em termos do corpo, mas agora ele a coloca muito explicitamente fazendo-nos recordar de novo o que nos é dito no capítulo dois de Gênesis em conexão com a feitura de Eva, tirada de Adão, para

que Adão tivesse uma "adjutora" (uma auxiliadora satisfatória). No momento em que Deus formou Eva, para que o homem e a mulher pudessem entrar neste estado matrimonial, foi feita a declaração de que o homem deveria deixar seu pai e sua mãe e unir-se à sua mulher, "e serão ambos uma carne". O apóstolo cita as mesmas palavras no versículo 31: "Por isso deixará o homem seu pai e sua mãe, e se unirá a sua mulher; e serão dois numa carne". Esta é uma ordem dada ao homem que está para tomar-se marido. Ele tem que deixar seu pai e sua mãe. Por que? Por causa desta nova unidade que vem a existir entre ele e sua mulher. "Por isso", diz o apóstolo. Por isso, quê? Qual a razão? Ele acabara de dizê-la: "porque somos membros do Seu corpo, da Sua came e dos Seus ossos." Essa é a relação de marido e mulher e, por causa disso - "por isso" - o homem deve deixar seu pai e sua mãe para que possa, assim, unir-se à sua mulher.

Este é um ponto sumamente importante. É, de certa forma, a prova final da unidade que existe no verdadeiro casamento, e é uma indicação externa da unidade. O apóstolo está dizendo, noutras palavras, que quando o homem se casa, entra numa nova unidade que rompe as relações anteriores. Ele não está mais ligada e preso às relações anteriores porque está entrando num novo e mais íntimo relacionamento de unidade. Enquanto não se casara, a principal lealdade do homem era para com seu pai e sua mãe; mas já não é mais o caso; agora ele tem que "deixar seu pai e sua mãe" e entrar nesta nova relação. Essa é uma afirmação estonteante, especialmente em vista da abundância de ensinamentos nas Escrituras acerca da relação entre pais

e filhos. A família é a unidade fundamental na vida e, portanto, o apóstolo irá dizer no capítulo subseqüênte: “Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais no Senhor, porque isso é justo”. Mas, essa afirmação deve ser tomada à luz disto, que quando um homem se casa, não é mais filho nesse sentido. Ele deixa seu pai e sua mãe e entra numa nova unidade. Sai donde estava para entrar nesta nova unidade, nesta nova relação. Ele agora é o chefe de uma nova unidade, a cabeça de uma nova família.

Em grande parte é neste ponto que as tensões tendem a surgir de forma sumamente aguda, e ocorrem as dificuldades no relacionamento matrimonial. Obviamente, em todas estas questões, as proposições bíblicas devem ser tomadas em seu contexto, e com razão. Jamais devemos ser legalistas sobre estas coisas. Vejam esta afirmação sobre o homem “deixar seu pai e sua mãe”. Isso não significa, é claro, que nunca mais deverá ter algo que ver com eles. O termo é “deixará”, pelo que devemos examinar o sentido de “deixar”. É, naturalmente, uma questão muito prática, mas o que é importante é a compreensão espiritual daquilo que está envolvido. Às vezes isto é tratado, como venho dizendo, de maneira legalista, e as pessoas se tomam austeras, quase grosseiras com o pai e a mãe. Não é esse o ensino do apóstolo. No entanto ele está interessado no princípio, e é a isto que devemos dar maior atenção. Na prática, significa que este homem terá que considerar-se, doravante, não primordialmente como filho dos seus pais, e sim, como marido da sua esposa. Toda a sua vida estivera se considerando a si próprio como filho dos seus pais, e com razão. “Honra a teu pai e a tua mãe”, é um dos Dez Mandamentos. Todavia agora ele

tem que fazer um grande ajustamento mental; tem que pensar em tudo, tem de assumir novas responsabilidades e de adotar nova maneira de viver. Não está mais numa condição de subserviência; agora é o chefe de uma nova família. Deve considerar-se como tal e comportar-se como tal. Na realidade, deixar pai e mãe significa que não deve permitir que seu pai e sua mãe mandem nele como sempre mandavam, até então. Neste ponto surgem dificuldades. Durante vinte, vinte e cinco, trinta anos aquela antiga relação estivera em existência - pai e mãe, filho. Tomara-se um hábito, e, seguindo-o, pensava-se instintivamente. Mas agora este homem está casado. É-lhe difícil - e quiça mais difícil para seu pai e sua mãe - aceitar a nova situação que passou a existir; mas o ensino dado aqui é que o homem precisa deixar seu pai e sua mãe para unir-se à sua esposa. Ele tem que manter e salvaguardar o seu novo estado e, como lhes digo, defendê-lo contra a interferência por parte dos seus pais. E em seu próprio comportamento, não deve agir mais simples e unicamente como agia antes, porque agora está unido à sua mulher. Ele não é mais o que era outrora. É o que era - mais alguma coisa, e esse mais alguma coisa cria a diferença entre a velha e a nova relação.

Esse é o sentido da expressão “deixará seu pai e sua mãe”; o homem tem que firmar a nova posição que passou a existir em decorrência do seu casamento. E,

naturalmente, quando o examinamos do ponto de vista do pai e da mãe, a situação deverá ser igualmente clara. Eles precisam reajustar-se, do mesmo modo que o filho. Terão que compreender que a primeira lealdade do seu filho agora é para com a esposa dele, e que ele será um pobre espécime da humanidade, um pobre marido e, finalmente, um pobre filho, se não demonstrar essa lealdade. Eles não devem interferir nesta nova vida conjugal. No passado sempre mandaram em seu filho, de várias maneiras, e estavam certos nisso. Já não devem fazê-lo mais; devem reconhecer que surgiu uma coisa inteiramente nova, e que não devem pensar mais em seu filho simplesmente como seu filho. Agora ele está casado, foi criada um nova unidade, e o que quer que façam para ele, ao mesmo tempo o estarão fazendo para a sua esposa. Portanto, é evidente que não deverão tratá-lo como o tratavam anteriormente. Tudo isso está incluído nesta idéia de um homem deixar seu pai e sua mãe para poder unir-se a sua esposa. Realmente, a essência do ensino do apóstolo acerca do matrimônio é que todas as partes envolvidas têm que entender que uma nova unidade veio à existência. Não existia, porém agora existe. O novel marido tem que compreender que não é mais o que era; a novel esposa tem que compreender que ela também não é mais o que era em seu relacionamento com seus pais. Os pais, em ambos os lados, têm que compreender que não são mais o que eram antes. Tudo é diferente. Terá que haver um reajustamento em todos os aspectos envolvidos, devido à nova unidade que passou a existir em decorrência de um casamento. “Por isso deixará o homem seu pai e sua mãe.”

De acordo com o ensino bíblico, não há nenhum acontecimento mais drástico do que esta dupla ação - “deixar” e “unir-se”. A família é a unidade fundamental da nossa vida terrena, muito embora o homem continue sendo filho

dos seus pais, e embora, naturalmente, pertença à sua família no sentido geral, o importante quanto a ele é que agora é o chefe de uma nova família, e deve ser tratado com a dignidade correspondente ao seu novo estado. Deve pensar sobre si deste modo; não deve voltar a pensar em si como ele era antes; e não deve permitir que seus pais pensem nele desse modo. “Deixará o homem seu pai e sua mãe, e se unirá a sua mulher; e serão dois numa carne.” No momento em que compreendemos isso, o casamento passa a ser uma das coisas momentosas, de fato a coisa mais momentosa da vida. Daí, quando vocês estiveram assistindo a uma cerimônia nupcial, deverão estar cientes de que esta nova unidade está vindo à existência, de que devem reajustar o seu modo de pensar e, daí em diante, pensar na noiva e no noivo segundo esta nova relação. Este novo estado matrimonial tem agora precedência sobre todos os outros relacionamentos humanos. O homem deixa pai e mãe; a mulher faz a mesma coisa; e é na medida em que este princípio é captado e posto em ação que se obterá o estado matrimonial ideal aqui esboçado, e se verá a diferença que há entre o casamento cristão e o não cristão. Essa é, pois, a primeira injunção prática que o apóstolo nos dá.

A segunda é: “Assim também vós, cada um em particular, ame a sua própria mulher como a si mesmo”. Num sentido já tratamos do ponto que o apóstolo está desenvolvendo quando consideramos o homem em relação ao seu corpo, e quanto aos seus pensamentos acerca da sua esposa. O melhor comentário sobre a matéria é a que se acha na Epístola aos Colossenses, capítulo três, versículo dezenove, onde o apóstolo diz: “Vós, maridos, amai a vossas mulheres, e não vos irriteis contra eles.” A ênfase negativa aqui nos ajuda a entender a positiva neste último versículo do capítulo cinco da Epístola aos Efésios. O grande perigo evidentemente é quanto ao marido dominador. A ênfase recai no fato de que ele é o chefe, o líder, que está na posição de responsabilidade. Assim foi estabelecido no princípio por Deus. Portanto, o perigo com o qual o homem sempre se defronta, como o apóstolo o coloca aqui, é “irritar-se”, é “ser áspero”. O antídoto é: “Vós, maridos, cada um em particular, ame a sua própria mulher como a si mesmo”. Você não é áspero consigo mesmo; portanto, não seja áspero com sua esposa, não seja tirano, não seja dominador.

Quando esta declaração foi escrita pelo apóstolo, foi uma das mais espantosas jamais postas no papel antes. Quando lemos sobre o conceito pagão do matrimônio, especialmente sobre a atitude típica dos maridos para com as esposas - e, na verdade, não somente o conceito pagão, mas também o que se lê no Velho Testamento - vemos quão revolucionário e transformador é o ensino apostólico. As esposas virtualmente nada eram senão escravas. Toda a noção de poligamia dá essa idéia. Há a heróica ilustração de mulheres rebelando-se contra esse conceito no capítulo primeiro do Livro de Ester, no caso de Vasti, esposa de Assuero. Entretanto, coisas desse tipo eram excepcionais. Toda a idéia era realmente de escravidão, e assim os maridos eram geralmente culpados desta aspereza, desta atitude dominadora. A esposa era apenas como

um vassalo, uma mercadoria, por assim dizer. Mas logo que a mensagem cristã entra, toda a idéia sofre mudança, é transformada. Foi em questões como esta que a fé cristã sacudiu e venceu o mundo antigo no primeiro século. Nada parecido com isso fora ensinado antes. Foi em parte como resultado desta nova espécie de vida vivida pelo povo cristão, que o evangelho do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo espalhou-se por aquele mundo antigo. É assim que os cristãos dão testemunho da verdade do evangelho. A idéia de que os cristãos dão testemunho levantando-se e falando numa reunião não aparece muito no Novo Testamento, se é que aparece alguma vez. O testemunho era dado em sua vida normal diária. Um homem falar com amabilidade e afetuosamente à sua esposa era uma coisa quase desconhecida; e era quando viam isto que as pessoas começavam a perguntar: que é isto? Especialmente quando o viam num homem que havia sido muito diferente como pagão. Uma nova ternura se introduzira na vida humana.

O verdadeiro casamento é uma ilustração do ensino neotestamentário sobre o amor; é

o que vocês vêem em 1 Coríntios capítulo 13 sendo posto em prática na relação matrimonial. Foi introduzido no versículo dezoito, que é a chave disso tudo: "E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito". Se vocês forem cheios do Espírito, serão diferentes em todas as esferas e em todas as relações. O apóstolo nos está dando aqui uma ilustração disso - o lar. Se há de se ver isto nalgum lugar, só poderá ser no lar; esse é o lugar onde se pode avaliar o homem e a mulher — o lar, o que eles são ali. Agora, diz o apóstolo, seja conhecido no lar que vocês são cheios do Espírito, de modo que todo aquele que os visitar fique zonzo, fique perplexo, e indague: que é isto? Não há maior recomendação da verdade e do poder da fé cristã do que um casal cristão, um casamento cristão, um lar cristão. Isso ajudou a revolucionar o mundo antigo. Lembrem-se, então, da segunda injunção dada ao marido. A ele é dada esta posição de dignidade, liderança e chefia; e se ele compreender o que isto significa, nunca abusará disso, nunca fará mau uso disso sendo áspero ou ditatorial ou maldoso ou injusto. Ser culpado de tal conduta é uma negação do princípio do matrimônio, e significa que o Espírito está ausente.

Tendo dito isso, vejamos o outro lado. A terceira injunção é: "e a mulher reverencie o marido". O apóstolo empregou uma palavra deveras surpreendente aqui. A tradução pelo verbo reverenciar está certa, porém seu sentido real é "temer". "E a mulher tema o marido." Mas devemos lembrar que existem diferentes tipos de temor. Há um temor que, como nos lembra João em sua primeira epístola (capítulo 4), "tem consigo a pena". Esse não é o temor de que Paulo fala aqui; ele fala de um temor "reverente". O que isto significa realmente é "deferência". "Mulheres, tratai vossos maridos com deferência, "com obediência reverente". Aqui, de novo, está uma idéia já introduzida pelo apóstolo quando estava dando instruções sobre as esposas. Ele dissera: "Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor. Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a Cabeça da igreja: sendo ele próprio o salvador

do corpo. De sorte que, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seus maridos". Aqui ele volta ao mesmo ponto. "Que a mulher trate seu marido com a devida deferência, com obediência reverente."

Talvez o melhor comentário disto seja o que se acha na Primeira Epístola de Pedro, capítulo 3, versículo 6, onde Pedro, a seu modo, trata exatamente do mesmo assunto. Pedro retorna ao grande exemplo e modelo deste ensino em particular. Ele se expressa desta forma: "Semelhantemente, vós, mulheres, sede sujeitas aos vossos próprios maridos" - a mesma idéia, "deferência" - "para que também, se alguns não obedecem à palavra, pelo porte de suas mulheres sejam ganhos sem palavra" (versículo 1). Pedro aqui apresenta um assunto ligeiramente diferente, ao qual me referirei já, já. Contudo, para inculcar isto nas mulheres, ele continua e diz (no versículo 5): "Porque assim se adornavam também antigamente as santas mulheres

que esperavam em Deus, e estavam sujeitas aos seus próprios maridos". E então, no versículo 6, "Como Sara obedecia a Abraão, chamando-lhe senhor; da qual vós sois filhas, fazendo o bem, e não temendo nenhum espanto". Interpretado, significa o seguinte: a mulher deve tratar seu marido com deferência; noutras palavras, ela deve reconhecer este conceito bíblico e cristão do casamento, deve considerar o marido como sua cabeça, a cabeça desta nova unidade. Ambos são um, mas há uma cabeça para esta unidade, como há uma cabeça para o nosso corpo, assim com Cristo é a Cabeça da Igreja. Sendo que o marido é a cabeça, a esposa deve tratá-lo com a devida deferência de quem está compreendendo esse relacionamento. Assim, o que isto significa para a esposa é que a deferência que ela demonstrava antes para com os seus pais, agora deve demonstrar para com o seu marido. Esse é o sentido da injunção do Salmo 45, versículo 10, que faz esta colocação: "esquece-te do teu povo e da casa de teu pai". Essa injunção foi dirigida à Igreja cristã; isso é o que ela tem que fazer depois de unir-se ao seu Noivo celestial. Entretanto, é aplicável também no caso da esposa no relacionamento matrimonial. "Esquece-te do teu povo e da casa de teu pai". Assim como o homem recebe ordem de deixar seu pai e sua mãe, a mulher deve esquecer seu povo e a casa de seu pai. Volto a repetir que temos que usar o bom senso para interpretar palavras que tais. A mulher não deve esquecê-los no sentido absoluto, mas sim no sentido de que não mais deve ser governada por seus pais. O homem não deve ser dominado por seus pais, e a mulher não deve ser dominada por seus pais.

Pode ocorrer a alguém fazer esta pergunta: porque, em conexão com o claro ensino sobre o matrimônio, é-nos dito que o homem deve deixar pai e mãe e unir-se à sua mulher, ao passo que não há nenhuma afirmação correspondente acerca da mulher, quer em Gênesis capítulo 2, quer em Efésios capitulo 5. Ao que me parece, a resposta é muito simples. A mulher está sempre na posição de mostrar deferência. O homem está nesta posição antes de casar-se; porém, desse ponto em diante, passa a ser a cabeça. A mulher cabe ter deferência para com os seus pais; casada, passa a tê-la para com o seu marido. Ela está sempre na

posição de demonstrar deferência; nunca é a cabeça. Mas o homem, que anteriormente era criança e filho, agora é a cabeça e recebe deferência da sua esposa. Como temos elaborado isso minuciosamente, acaso não fica evidente que é porque as pessoas não têm nenhuma idéia deste ensino que há tanto problema nos casamentos e, daí, tantos rompimentos?

Não há nada que seja tão fatal para um casamento como o fato de um dos parceiros estar tendo deferência para com terceiros. Agindo assim, estão rompendo a unidade, estão deixando de compreender o fato desta nova unidade e a chefia do homem na nova unidade. Assim, a esposa deve tratar de ter esta deferência reverente para com o seu marido. Ela precisa fazer um ajustamento mental e espiritual, como o seu esposo também precisou fazer no caso dele. Ela já não recebe ordens dos seus pais,

não se submete a eles, submete-se ao seu esposo. Naturalmente, continua mantendo a sua relação de filha; todavia precisa velar no sentido de que a sua atitude seja certa, e de que seja certa a atitude de seu pai e de sua mãe. Daí, muitas vezes há falhas nesse ponto, de um lado e do outro. Sucede que o homem que se casa, deixa-se absorver pela família da sua esposa, ou esta se deixa absorver pela família do marido. Isso é um erro, nos dois lados, e jamais se deve permitir que aconteça. Esta é uma nova família. A relação de amor deve ser mantida com os pais, nos dois lados, mas nunca em termos de deferência e submissão. E a essência, todo o segredo do casamento cristão, e da vida conjugal feliz, está em que o homem e a mulher que se casam compreendam isto no princípio, atuem com base nisso e se mantenham firmes nisso, custe o que custar. Se houver interferência dos pais, de um lado ou do outro, eles estarão pecando e estarão mostrando sua incapacidade de compreender o ensino bíblico concernente ao matrimônio, e de viver em conformidade com esse ensino. "E a mulher reverencie o marido." Esse é o grande ajustamento que ela faz. Sujeita-se a ele. É preciso que ela não entre em competição com ele, que não rivalize com ele; ela precisa reconhecer que a essência do casamento consiste em que ela tenha esta deferência para com ele.

Há uma estranha frase empregada pelo apóstolo Pedro que devemos examinar, ainda que de relance: "Como Sara", diz ele, "obedecia a Abraão, chamando-lhe senhor". Vocês já estiveram interessados nas mudanças da moda com relação a essa matéria? Pode-se ler sobre o povo do século dezoito e observar como a esposa habitualmente se referia ao sei marido como Sr. Fulano de Tal. Vocês podem rir disso, podem ridicularizá-lo, e eu estarei com vocês; mas estou absolutamente certo de que fomos longe demais no outro extremo. Há um equilíbrio certo nestas questões. Sara chamava Abraão de "senhor" e, com isso, aceitava o princípio bíblico. Em seguida lemos, "da qual vós sois filhas, fazendo o bem, e não temendo nenhum espanto". O sentido é este: as esposas cristãs devem tratar seus maridos com deferências, e Pedro lhes diz que devem fazê-lo a despeito do que digam as mulheres pagãs das redondezas. Ali estava algo novo, raro, excepcional, e, naturalmente, produzia grande reboliço. Quando as mulheres pagãs inquietas e rebeldes - com razão - vissem uma mulher comportando-se desta maneira, tendo e demonstrando esta deferência

para com o seu marido, muitas delas a agrediriam e a perseguiriam. Eis o que Pedro está dizendo: continuem fazendo isso, porque é certo; não deixem que elas lhes amedrontem, não deixem que a perseguição que elas movem faça a menor diferença para vocês. Que lhes insultem quanto quiserem; não lhes dêem atenção. Não temam nenhum espanto. E na verdade, mesmo que *o marido o* entenda mal e seja abusivo, continuem agindo assim, diz o apóstolo; "não temendo nenhum espanto". Façam o que é certo. Não fiquem aborrecidas com o que as outras diga. Este mundo pagão do século vinte, no qual vivemos, continua dizendo a mesma coisa; as mulheres cristãs ouvirão dizer-lhes que estão sendo tolas, que estão negando os seus direitos como

mulheres. Não dêem nenhuma atenção, diz Pedro; deixem que as pessoas do mundo digam o que quiserem. Que é que elas entendem? Não têm a mentalidade cristã, não são cheias do Espírito. Estejam sempre cientes de que vocês devem fazer o que é certo, o que é bom; e não se amendrontem, não fujam, não permitam que elas interfiram em sua conduta e em seu comportamento. Essa é, pois, a última injunção do apóstolo. Só podemos anotar o maravilhoso equilíbrio que sempre se mantém nas Escrituras.

O apóstolo Paulo resume tudo no versículo 33: "Assim também vós, cada um em particular, ame a sua própria mulher como a si mesmo, e a mulher reverencie o marido". Na medida em que os dois façam isso, não haverá risco de disputa acerca de "direitos" ou de "posição" ou de "minha categoria". Aqui está um homem incumbido da chefia; sim, mas sendo que ele ama sua esposa como a si mesmo, nunca abusa da sua posição. E aqui está uma mulher que se sujeita a este grande e glorioso ideal. Ela não tem por que temer que será tirado proveito dela, ou que ela será pisada. Marido e mulher se tratam como tais, e o equilíbrio é perfeito e total. Devemos entender, naturalmente, que nesta proposição o apóstolo Paulo está escrevendo baseado no pressuposto de que o marido e a esposa são cristãos. O apóstolo Pedro, como vimos em sua primeira epístola, capítulo 3, estava escrevendo em parte com base no pressuposto de que o marido podia não ser um cristão; mas tudo o que temos aqui é baseado na pressuposição de que ambos os cônjuges são cristãos. E como o apóstolo Paulo não trata de nenhuma outra coisa, eu também me abstenho de fazê-lo. É assim que um homem cristão e uma mulher cristã se casam e se tomam esta nova unidade - e tomo a repetir que não há maneira mais maravilhosa que essa, pela qual dar testemunho da diferença que faz ser cristão.

Certamente, uma das maiores necessidades deste mundo moderno a que pertencemos acha-se precisamente neste ponto. Muita gente está perturbada com a discórdia entre as nações. Isso está certo, e também está certo ficarmos profundamente preocupados com os conflitos internos das nações. As pessoas estão dando as suas opiniões, estão falando com ousadia e estão condenando este ou aquele lado. Mas quando conseguimos saber alguma coisa sobre as vidas particulares de algumas das pessoas mais eloqüentes naqueles assuntos, vemos que em suas próprias vidas de casados fazem exatamente as mesmas coisas que estão condenando! Que coisa ridícula! Uma grande diferença entre o cristia-

nismo e o secularismo é que o secularismo está sempre falando sobre generalidades, esquecendo-se do individual. O cristianismo compreende que a multidão, a nação, afinal de contas não é senão uma coleção de indivíduos. Tenho muito pouco interesse por aquilo que um estadista tem para dizer, se ele não põe em prática em sua vida pessoal os seus princípios. Que direito ele terá de falar sobre a santidade das Alianças Internacionais, e de dizer o que as pessoas devem ou não fazer em grupos, se ele não estiver pondo em prática em sua vida particular os preceitos que dá aos

homens e mulheres em suas várias esferas? É quando os indivíduos são levados a agir corretamente que a nação passa a agir corretamente. As épocas mais gloriosas da história da Inglaterra seguiram-se aos tempos em que foi pregado o evangelho pessoal, e quando numerosos indivíduos se tomaram cristãos. Somente assim começamos a chegar perto de constituir uma nação cristã. Contudo, será inútil dizer às pessoas que adotem princípios cristãos em sua conduta, se elas não forem pessoalmente cristãs, e se não compreenderem a fé cristã num sentido pessoal. Essa é a minha resposta aos que criticam a firme pregação evangélica e a exposição da Bíblia, dizendo: "Eu pensava que você tinha algo que dizer sobre as conferências pró desarmamento, ou sobre o que está acontecendo na África do Sul, e aí está você falando de maridos e esposas. Eu gostaria de saber como resolver os grandes problemas mundiais". Espero que, a esta altura, esteja claro que unicamente a pregação evangélica, bíblica, trata destes grande problemas; tudo mais não passa de falatório. Vocês podem organizar marchas e fazer os seus protestos. Tudo isso dá em nada, e não faz a mínima diferença para ninguém. Mas se vocês tiverem um grande número de indivíduos cristãos numa nação ou no mundo, então, e só então, poderemos esperar uma conduta cristã aos níveis nacional e internacional. Não dou ouvidos a um homem que me diz como resolver os problemas do mundo, se ele não é capaz de resolver os seus problemas pessoais. Se o lar de um homem vive em estado de beligerância, suas opiniões sobre o estado em que se encontra a nação ou sobre o estado em que se acha o mundo são puramente teóricas. Todos podemos falar, porém o problema é como aplicar a doutrina cristã à vida prática. E é precisamente neste ponto que temos que "encher-nos do Espírito".

Portanto, à luz dos diversos princípios surgidos, podemos tirar certas conclusões quanto ao casamento cristão. A primeira é a importância de 2 Coríntios 6:14: "Não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis". Tendo compreendido alguma coisa sobre a verdadeira natureza do casamento, e do casamento cristão em particular, esta não seria uma dedução lógica? O cristão não deve casar-se com elemento não cristão; se o fizer, estará procurando problema. Não se pode manter os dois lados, o equilíbrio indicado neste último versículo, a não ser que os dois cônjuges sejam cristãos. "Não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis."

A segunda é que há somente uma coisa que destrói o casamento, e essa é o adultério. "E serão dois numa carne", e é só quando essa "uma carne" se rompe que o casamento se rompe. De acordo com o ensino bíblico - e vocês o

encontrarão no Sermão do Monte e noutras partes - nada é causa para o divórcio e para o rompimento de um casamento, fora o adultério. Essa é a causa, porque rompe a "uma carne".

A terceira e última conclusão é que a coisa suprema sempre é considerar nosso Senhor Jesus Cristo. Se um marido e sua mulher O consideram juntos, não há por que

preocupar-nos quanto ao seu relacionamento mútuo. Nossas relações, afetos e amores humanos são consolidados por nosso comum amor a Cristo. Se ambos estão vivendo para Ele, para a Sua glória e para o Seu louvor, se ambos têm nas profundezas das suas mentes a analogia de Cristo e a Igreja, e o que Ele fez pela Igreja para resgatá-la, e para que eles, como indivíduos, pudessem tomar-se filhos de Deus - se eles estão dominados por esse pensamento e por ele governados, não haverá perigo de que a sua relação tome-se um desastre. A chefia do marido será da mesma espécie da Chefia de Cristo sobre a Igreja. Ele Se entregou por ela; morreu por ela; alimenta e sustenta sua vida, vive por ela, intercede por ela, e a Sua preocupação é no sentido de que ela seja gloriosa e sem mácula, sem culpa, sem mancha, nem ruga, nem coisa semelhante. Esse é o segredo - que estejamos sempre olhando para Ele, cientes de que o casamento é apenas um pálido reflexo da relação existente entre Cristo e Sua Igreja. Portanto, o princípio do sucesso no casamento é este: "Haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus". Maridos, "assim também vós, cada um em particular, ame a sua própria mulher como a si mesmo, e a mulher reverencie o marido." "Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela." Graças a Deus, fomos trazidos a uma nova vida, é-nos dado um novo poder, e tudo mudou - "as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo" (2 Coríntios 5:17). Todos os relacionamentos da vida passam por uma transfiguração e transformação, elevam-se e se enobrecem, e somos capacitados a viver segundo o modelo e exemplo do Filho de Deus.

O LAR

Efésios 6:1-4

1. Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais no Senhor, porque isto é justo.

2. Honra a teu pai e a tua mãe, que é o primeiro mandamento com promessa;

3. Para que te vá bem, e vivas muito tempo sobre a terra.

4. E vós, pais, não provoqueis a ira a vossos filhos, mas criai-os na doutrina e admoestação do Senhor.

FILHOS SUBMISSOS

Efésios 6:1-4

Aqui chegamos, não somente ao começo de um novo capítulo da Epístola aos Efésios, mas também a uma nova subdivisão, e a um novo assunto - a relação de filhos e pais. Ao iniciarmos, é muito importante que tenhamos em mente que esta porção é apenas mais uma ilustração do grande princípio estabelecido por Paulo no capítulo anterior, e que ele o desenvolve em termos de nossos variados relacionamentos humanos.

Esse princípio é declarado no versículo dezoito do capítulo cinco: "E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito". Essa é a chave - e tudo que ele diz daí em diante é apenas uma ilustração de como a vida do cristão (ou da cristã) cheio do Espírito, é vivida em vários aspectos. Outro princípio geral subsidiário foi declarado no versículo vinte e um: "Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Deus". Noutras palavras, devemos ter em mente que o apóstolo está afirmando que a vida cristã é uma vida inteiramente nova, totalmente diferente da vida "natural", mesmo em suas melhores condições. Ele estava primordialmente interessado em contrastar esta nova vida com a antiga vida pagã que estas pessoas estiveram vivendo antes de sua conversão; e a diferença é virtualmente a que existe entre o ébrio e o homem cheio do Espírito de Deus. Lembro-lhes isto a fim de salientar o fato de que o que temos aqui não é apenas ética ou moralidade; trata-se da aplicação da doutrina cristã e da verdade cristã.

Tendo desenvolvido este princípio em termos de maridos e esposas, o apóstolo começa agora a fazer o mesmo em termos das relações dentro da família, principalmente as que existem entre pais e filhos e filhos e pais. Todos concordarão que este é um assunto tremendamente importante nos dias atuais. Estamos vivendo

num mundo que testemunha um alarmante esfacelamento nas questões de disciplina. A insubmissão é excessiva, a disciplina entrou em colapso nestas unidades fundamentais da vida - no casamento e nas relações familiais. Há um generalizado espírito de insubmissão, e as coisas que outrora se tomavam mais ou menos como líquidas e certas, atualmente não só estão sendo postas em dúvida e questionadas, mas também estão sendo ridicularizadas e repudiadas. É fora de dúvida que estamos vivendo numa época em que há um fermento do mal agindo ativamente na sociedade toda. Podemos ir mais longe - e estou dizendo uma coisa com a qual todos os observadores da vida concordam, sejam cristãos ou não - e dizer que de muitas maneiras estamos face a face com um total colapso, um total esfacelamento daquilo que se chama

"civilização" e sociedade. E não há área de convivência em que isto seja mais evidente e óbvio do que nesta questão do relacionamento entre pais e filhos. Sei que muito do que estamos testemunhando é provavelmente uma reação contra uma coisa que, infelizmente, era por demais comum no fim da era vitoriana e nos primeiros anos do presente século. Terei mais que dizer sobre isso mais tarde, porém faço agora esta menção de passagem para expor com clareza o problema. Sem dúvida há uma reação contra o severo, legalista e quase cruel tipo vitoriano de pai. Não estou escusando a situação atual, entretanto é importante que compreendamos isso e que tentemos rastreá-lo até as suas origens. Mas seja qual for a causa, não há dúvida de que isso é parte integrante deste colapso em toda a questão de disciplina, lei e ordem.

A Bíblia, em seu ensino e em sua história, diz-nos que isto é uma coisa que sempre acontece nas épocas de irreligiosidade, nas épocas em que não há temor a Deus. Temos um notável exemplo naquilo que o apóstolo Paulo diz sobre o mundo, na Epístola aos Romanos, na segunda metade do capítulo primeiro, do versículo 18 até o fim. Nessa passagem ele faz uma descrição das pavorosas condições do mundo por ocasião do nascimento de Cristo. Eram condições de consumada impiedade. E nas várias manifestações dessa impiedade enumeradas por ele, o apóstolo inclui esta mesma questão que agora estamos considerando. Primeiro ele diz: "Deus os entregou a um sentimento perverso, para fazerem coisas que não convêm" (versículo 28). Segue-se então a descrição -"Estando cheios de toda a iniqüidade, prostituição, malícia, avareza, maldade; cheios de inveja, homicídio, contenda, engano, malignidade; sendo murmura-dores, detratores, aborrecedores de Deus, injuriadores, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes aos pais e às mães; néscios, infiéis nos contratos, sem afeição natural, irreconciliáveis, sem misericórdia..." Nessa lista horrível, Paulo inclui esta idéia de desobediência aos pais. Vemo-lo, ainda, na sua Segunda Epístola a Timóteo, provavelmente a última carta escrita por ele, dizer, no capítulo 3, no versículo primeiro: "nos últimos dias sobrevirão tempos trabalhosos". Em seguida expõe as características desses tempos: "Porque haverá homens amantes de si mesmos, avarentos, presunçosos,

soberbos, blasfemos, desobedientes a pais e mães, ingratos, profanos, sem afeto natural, "irreconciliáveis, caluniadores, incontinentes, cruéis, sem amor para com os bons, traidores, obstinados, orgulhosos, mais amigos dos deleites do que amigos de Deus". Até o afeto natural acabou!

Nos dois casos o apóstolo nos faz lembrar que numa época de apostasia, numa época de grosseira impiedade e irreligião, quando os próprios fundamentos se abalam, uma das mais chocantes manifestações de impiedade é "desobedientes a pais e mães". Assim, não é nem um pouco surpreendente que ele chame a atenção para isso aqui, quando nos dá ilustrações de como a vida "cheia do Espírito" de Deus se manifesta. Quando será que as autoridade civis ouvirão e compreenderão que há uma indissolúvel ligação entre a impiedade e a falta de moralidade e de comportamento decente? Há uma ordem nestas coisas. "Porque do céu se manifesta a ira de Deus", diz o apóstolo em Romanos 1:18, "sobre toda

a impiedade e injustiça dos homens".

Se existe a impiedade, sempre existirá a injustiça. Contudo, a tragédia é que as autoridades civis - independentemente do partido político que esteja no poder - parecem todas mais governadas pela psicologia moderna do que pelas Escrituras. Todas elas estão convencidas de que podem lidar com a injustiça diretamente, pelo que ela é em si mesma. Mas isso é impossível. A injustiça é sempre resultante da impiedade; e a única esperança de recuperar algum grau de justiça na vida é haver um avivamento da piedade. É precisamente o que o apóstolo está dizendo aos efésios e a nós outros. Os períodos melhores e moralmente superiores da história da Inglaterra, e de todos os demais países, sempre foram os períodos subseqüentes a poderosos despertamentos religiosos. Este problema de insubmissão e de falta de disciplina, o problema da infância e da juventude, há cinqüenta anos não se fazia presente como hoje. Por que? Porque a vigorosa tradição do Despertamento Evangélico do século 18 ainda estava produzindo efeito. No entanto, como isso passou, estes terríveis problemas morais e sociais estão de volta, como o apóstolo nos ensina, e como sempre estão de volta através dos séculos.

Portanto, as condições atuais exigem que examinemos a exortação do apóstolo. Acredito que os pais e os filhos cristãos, as famílias cristãs, têm uma oportunidade única de testemunhar ao mundo hoje simplesmente sendo diferentes. Podemos ser verdadeiros evangelistas demonstrando em nosso viver esta disciplina, esta lei e ordem, esta genuína relação entre pais e filhos. Podemos ser instrumentos nas mãos de Deus para levar muitos ao conhecimento da verdade. Pensemos, pois, nisso dessa maneira.

Há, porém, uma segunda razão pela qual todos temos necessidade deste ensino, porquanto, segundo as Escrituras, não é só necessário aos que não são cristãos do modo como venho indicando, mas também o povo cristão precisa desta exortação

porque muitas vezes o diabo entra em cena neste ponto de modo mais sutil e procura fazer-nos desviar da rota cristã. No capítulo quinze do Evangelho Segundo Mateus, o Senhor Jesus Se dedica a tratar deste ponto com as pessoas religiosas dos Seus dias, porque, de maneira muito sutil, estavam se evadindo das claras injunções dos Dez Mandamentos. Os Dez Mandamentos os mandavam honrar seus pais, respeitá-los e cuidar deles; porém o que estava acontecendo era que algumas dessas pessoas, que se diziam ultra-religiosas, em vez de fazer o que o mandamento lhes dizia, declaravam, noutras palavras: "Ah, dediquei este meu dinheiro ao Senhor; portanto, não posso cuidar dos senhores, meus pais". Assim se expressa Cristo: "vós dizeis: se um homem disser ao pai ou à mãe: aquilo que poderias aproveitar de mim é Corbã, isto é, oferta ao Senhor" (Marcos 7:11). Diziam: "Isto é Corbã, isto é dedicado ao Senhor. Claro que eu gostaria de cuidar de vocês, de ajudá-los, e assim por diante, no entanto dediquei isto ao Senhor". Desta maneira estavam negligenciando seus pais e seus deveres para com eles.

Esse era um perigo sutil, e esse perigo continua presente conosco. Há jovens que estão fazendo grande dano à Causa cristã por se deixarem iludir por

Satanás neste ponto. São rudes para com seus pais e, o que é mais grave, são rudes para com seus pais em termos das suas idéias cristãs e do seu serviço cristão. Assim, são pedras de tropeço para os pais não convertidos. Tais cristãos não conseguem ver que não deixamos de lado estes grandes mandamentos quando nos tomamos cristãos, mas, que, ao contrário, devemos vivê-los e exemplificá-los em nosso viver mais do que anteriormente.

Notemos, pois, à luz destas coisas, como o apóstolo expõe a matéria. Ele começa - fazendo uso do mesmo princípio utilizado no caso da relação matrimonial - com os filhos. Quer dizer que ele começa com aqueles que devem obediência, que devem sujeitar-se. Ele começara com as esposas, seguindo depois com os maridos. Aqui ele começa com os filhos, e depois prossegue com os pais. Age assim porque está ilustrando este ponto fundamental: "Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Deus". A injunção é, "Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais". E depois lhes lembra o mandamento, "Honra a teu pai e a tua mãe". Notamos de passagem o interessante ponto que mostra que temos aqui, mais uma vez, algo que diferencia o cristianismo do paganismo. Nestas questões os pagãos não ligavam a mãe ao pai, mas só falavam do pai. Entretanto, a posição cristã, como na verdade a posição judaica, nos termos dados por Deus a Moisés, coloca a mãe com o pai. A injunção é que os filhos devem obedecer aos pais, e a palavra "obedecer" significa não somente dar ouvidos a, e sim dar ouvidos com a compreensão de estar sob autoridade, dar ouvidos "sob". É ver com respeito um mandamento, e não somente dar-lhe ouvidos; é reconhecer a posição de subserviência a ele e tratar de pô-lo em prática.

É sumamente importante, porém, que isto seja governado e dominado pela idéia de "honrar". "Honra a teu pai e a tua mãe." Significa "respeitar", "reverenciar". É uma parte essencial do mandamento. Os filhos não devem dar aos pais uma obediência mecânica e com má vontade. Isso é completamente errôneo; é observar a letra, e não o espírito. Foi o que o Senhor condenou tão fortemente nos fariseus. Não, eles devem observar o espírito bem como a letra da lei. Os filhos devem reverenciar e respeitar seus pais, devem dar-se conta da situação que prevalece entre eles, e devem alegrar-se com isso. Devem considerá-lo um grande privilégio e, portanto, devem sempre esforçar-se para mostrar esta reverência, este respeito em todas as suas ações.

O apelo dirigido pelo apóstolo implica que os filhos cristãos devem constituir um total contraste com os filhos não cristãos, que geralmente mostram falta de reverência para com seus pais, e perguntam: "Quem são eles?", "Por que eu deveria dar-lhes ouvidos?" Consideram seus pais como "ultrapassados", e os tratam desrespeitosamente. Firmam-se em seus direitos e em seu "modernismo" em tudo que se refere à conduta. Isso estava acontecendo na sociedade paga da qual estes efésios eram oriundos, e está acontecendo na sociedade pagã que nos cerca nos dias atuais. Lemos constantemente nos jornais sobre como esta insubmissão está se alastrando, e como as crianças, dizem eles, "estão amadurecendo mais cedo". Isto não existe, é claro. A fisiologia não muda. O que está mudando é a mentalidade e as perspectivas que levam à

agressividade, à insubmissão ao governo dos princípios e dos ensinamentos bíblicos. Ouve-se falar disso por todos os lados - de jovens que falam desrespeitosamente com seus pais, que os olham com desrespeito, que zombam de tudo que eles falam, e que se firmam nos seus direitos. Esta é uma das mais feias manifestações da pecaminosidade e da rebeldia da época atual. Pois bem, acima disso e contra todo esse comportamento, diz o apóstolo: "Filhos, obedeçam aos seus pais; honrem seu pai e sua mãe, tratem-nos com respeito e reverência, mostrem que compreendem a sua posição e o que ela significa".

Vejamos, porém, as razões pelas quais o apóstolo dá essa injunção. A primeira é - sigo esta ordem particular por um motivo que aparecerá mais tarde - "Porque isto é justo". Com isto ele quer dizer: é justo, é algo essencialmente certo e bom em si mesmo. E vocês ficam surpresos pelo apóstolo expressar-se desse modo? Há certos cristãos - indivíduos que geralmente se arrogam incomum grau de espiritualidade - que sempre fazem objeção a esta espécie de raciocínio. Dizem eles: "Eu não penso mais segundo o nível natural; agora sou cristão". Mas o grande apóstolo não falava dessa maneira. Diz ele: "Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais". Por que eu deveria obedecer a meus pais?, diz alguém. Sua primeira resposta é: "Porque isto é justo"; é certo fazer isso. O cristão não despreza o nível natural; ele começa com esse nível.

O que Paulo quer dizer por “justo” é, noutras palavras, o seguinte: retomar à ordem da criação estabelecida no princípio, no Livro de Gênesis. Já vimos que, ao tratar do assunto sobre maridos e esposas, ele fizera exatamente a mesma coisa, retrocedendo e citando o capítulo dois de Gênesis: “Por isso deixará o homem seu pai e sua mãe, e se unirá à sua mulher; e serão dois numa came”. Não hesitara, ao tratar da relação matrimonial, em dizer, com efeito: “Só lhes estou pedindo que façam o que é fundamental, o que é natural, o que prevalece desde o princípio, no concernente a homem e mulher, a marido e esposa”. E agora ele nos diz que, quanto a esta questão de filhos, o princípio básico está lá no começo, sempre foi assim, faz parte da ordem da natureza, é um dos componentes das regras fundamentais da vida. Isso é algo que se vê não somente entre os seres humanos; opera até mesmo entre os animais. No mundo animal, a mãe cuida do filhote recém-nascido, vigia-o, alimenta-o, protege-o. Não somente isso; ela o ensina a fazer várias coisas - ensina a avezinha a usar suas asas, o animalzinho a andar, embora tropeçando, a esforçar-se, a lutar. Esta é a ordem da natureza. A tenra criatura, em sua fraqueza e ignorância, necessita da proteção, da direção, do auxílio e da instrução que os pais lhe dão. Portanto, diz o apóstolo, “sede obedientes a vossos pais... porque isto é justo”. Os cristãos não estão divorciados da ordem natural que se acha em toda parte na criação.

É triste ter que dizer isto a cristãos. Como é possível se desviarem, neste ou naquele ponto, de uma coisa que é tão patentemente óbvia e que pertence à ordem e ao curso da natureza? Mesmo a sabedora do mundo reconhece isto. Há pessoas ao nosso redor que não são cristãs, porém que são firmes crentes na disciplina e na ordem. Por que? Por que tudo na vida e tudo na natureza indicam isto. Ora, a prole ser rebelde contra os seus pais e recusar-se a ouvi-los e

obedecer-lhes, isso é ridículo e tolo. Às vezes vemos animais fazendo isso e achamos divertido. Todavia, quanto mais ridículo é quando quem faz esse tipo de coisa é um ser humano! Os filhos não obedecerem aos pais é antinatural; com isso estão violando algo que evidentemente faz parte da tessitura da natureza humana e que se vê em toda parte, de cima a baixo. A vida foi planejada sobre esta base. E, naturalmente, se não fosse, logo se tomaria caótica e sua existência teria fim.

“Isto é justo”! Há algo sobre este aspecto do ensino do Novo Testamento que me parece deveras maravilhoso. Ele demonstra que não se deve separar o Velho Testamento do Novo. Não há nada que manifeste maior ignorância do que um cristão dizer: “Claro, como agora sou cristão, não estou interessado no Velho Testamento”. Isso está completamente errado porque, como o apóstolo nos lembra aqui, o Deus que criou todas as coisas no princípio é o Deus que salva. É o mesmo e único Deus do princípio ao fim. Deus criou o homem e a mulher, os pais e os filhos, tudo mediante a natureza. Ele o fez dessa maneira, e a vida é para funcionar segundo estes princípios. Assim, o apóstolo inicia a sua exortação dizendo virtualmente: “Isto é

justo, isto é básico, isto é fundamental, isto faz parte da ordem da natureza. Não se afastem disto; se o fizerem, estarão negando o Deus que estabeleceu a vida dessa forma e a fez funcionar de acordo com estes princípios. A obediência é justa."

Pois bem, tendo falado assim, o apóstolo parte para o seu segundo ponto. Isto não é somente justo, diz ele, é também "o primeira mandamento com promessa". "Honra a teu pai e a tua mãe, que é o primeiro mandamento com promessa." O que ele quer dizer é que honrar os pais não só é essencialmente correto, mas também é de fato uma das coisas que Deus assinalou nos Dez Mandamentos. Este é o quinto mandamento, "Honra a teu pai e a tua mãe". Eis aqui, de novo, um ponto interessante. Num sentido não havia nada de novo nos Dez Mandamentos. Então, por que foram dados? Pela seguinte razão: a humanidade, os filhos de Israel inclusive, em seu pecado e em sua loucura, tinham-se esquecido e se extraviado destas leis fundamentais de Deus pertinentes à totalidade da vida. Portanto, foi como se Deus dissesse: "Vou declará-los outra vez, um por um; vou escrevê-los e sublinhá-los para que as pessoas os vejam claramente". Sempre fora errado ser desobediente aos pais; sempre fora errado furtar e cometer adultério. Essas leis não passaram a existir quando foram outorgados os Dez Mandanentos. O que os Dez Mandamentos foram destinados a fazer era inculcá-las nas mentes do povo, colocá-las claramente e dizer: "Estas são as coisas que deverão observar". O primeiro mandamento com promessa, o quinto do Decálogo! Deus agiu de maneira incomum para chamar a atenção para isso.

O que o apóstolo quer dizer com a expressão "primeiro mandamento com promessa"? É uma questão difícil, e não podemos dar uma resposta definitiva e final. Obviamente não significa que este é o primeiro mandamento com uma promessa anexada a ele, pois é de se notar que nenhum dos outros mandamentos traz uma promessa anexa. Se fosse certo dizer que os mandamentos 6,7,8,9 e 10

trazem promessas anexas, puder-se-ia dizer: Paulo, por certo, quer dizer que este é o "primeiro" dos mandamentos a que Deus juntou uma promessa". Mas não há promessa ligada aos outros, de modo que esse sentido não prevaleçe. Então, o que significa? Talvez queira dizer que neste quinto mandamento começamos a receber instrução com respeito às nossas relações uns com os outros. Até aqui se trata das nossas relações com Deus, com Seu nome, com Seu dia, e assim por diante. Entretanto, aqui Ele pende para as nossas relações uns com os outros; assim pode ser o primeiro, naquele sentido. Sobretudo, porém, pode significar que é o primeiro mandamento, não tanto quanto à ordem numérica, mas quanto à categoria, no sentido de que Deus estava desejoso de inculcar isto nas mentes dos filhos de Israel em tal medida, que acrescentou esta promessa para que o mandamento fosse cumprido. O primeiro em categoria, poderíamos dizer, o primeiro em importância! Não que definitivamente algum deles seja mais importante que os outros, pois todos são importantes. Não obstante, há uma importância relativa e, daí, vejo-o desse modo,

esta é uma daquelas leis que, quando negligenciadas, levam ao colapso da sociedade. Gostemos disso ou não, o esfacelamento da vida doméstica levará finalmente ao esfacelamento em todas as áreas. Este é, seguramente, o mais perigoso e o mais ameaçador aspecto das condições da sociedade nos tempos atuais. Uma vez que se destrua a idéia de família, a unidade familial, a vida em família - uma vez que isto se vá, logo não haverá nenhuma outra forma de lealdade. Esta é a coisa mais grave de todas. E talvez seja esta a razão pela qual Deus tenha anexado esta promessa ao quinto mandamento.

Contudo, eu creio que aqui se sugere mais uma idéia. Há algo sobre esta relação de filhos e pais que é único, no sentido de que aponta para uma relação mais elevada. Afinal de contas, Deus é nosso Pai. Esse é o termo que Ele mesmo emprega; esse é o termo que o Senhor Jesus utiliza em Sua oração modelar - "Pai nosso, que estás nos céus". O pai terreno é, pois, por assim dizer, uma lembrança daquele outro Pai, do Pai celestial. Na relação dos filhos com os pais temos um quadro descritivo da relação original da humanidade com Deus. Somos todos "filhos" quando face a face com Deus. Ele é nosso Pai, "somos também sua geração" (Atos 17:28). Assim, de maneira maravilhosa, a relação entre o pai e o filho é uma réplica e uma figura, um retrato, uma pregação de toda esta relação que subsiste especialmente entre Deus e os que são cristãos. No capítulo três desta epístola há uma referência a este assunto, nos versículos catorze e quinze. Diz o apóstolo: "por causa disto me ponho de joelhos perante o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, do qual toda a família nos céus e na terra toma o nome". Alguns dizem que a tradução aqui deveria ser: "Deus é o Pai de todos os pais". Seja isso ou não, há de qualquer forma a sugestão de que a relação de pai e filho sempre deve fazer-nos lembrar nossa relação com Deus. Nesse sentido, esta relação em particular e única. Isto não se aplica à relação de marido e mulher que, como vimos, lembra-nos Cristo e a Igreja. Mas esta outra relação nos lembra Deus como Pai, e a nós como filhos. Há algo de muito sagrado acerca da família, acerca desta relação entre pais e filhos; e Deus, podemos assim dizer,

nos disse isso nos Dez Mandamentos. Quando Ele estabeleceu este mandamento, "Honra a teu pai e a tua mãe", anexou ao mandamento uma promessa.

Que promessa? "Para que te vá bem, e vivas muito tempo sobre a terra". Não pode haver dúvida de que, quando a promessa foi dada originariamente aos filhos de Israel, significava o seguinte: "Se querem viver nesta terra da promessa para a qual os estou levando, observem e guardem estes mandamentos, este em particular. Se querem ter um longo período de bem-aventurança e felicidade naquela terra prometida, se querem viver lá sob a minha bênção, observem e guardem estes mandamentos, particularmente este". Não há dúvida de que foi essa a promessa original.

No entanto, agora o apóstolo generaliza a promessa porque está lidando aqui com

gentios, como também com judeus, que se haviam tomado cristãos. Assim, ele diz, noutras palavras: ora, se querem que tudo esteja bem com vocês, e se querem ter uma vida longa e farta na terra, honrem a seu pai e a sua mãe. Quer dizer então que, se eu for um filho ou filha obediente, necessariamente vou ter vida longa? Não, não há essa decorrência. Mas certamente a promessa significa que, se você quiser ter uma vida abençoada, uma vida abundante sob a bênção de Deus, observe, guarde este mandamento. Deus poderá decidir mantê-lo durante longo tempo na terra, como um exemplo e uma ilustração. Entretanto, seja qual for a sua idade quando deixar este mundo, saberá que está sob as bênçãos de Deus e em Suas dadivosas mãos. Não devemos considerar estas coisas de maneira mecânica. O que se quer transmitir é que agradam a Deus as pessoas que guardam este mandamento, e que, se nós nos aplicarmos a guardar estes mandamentos, e em particular este, pelo motivo certo, Deus nos verá com agrado, sorrirá para nós e nos abençoará. Graças a Deus por esta promessa!

Isso nos traz ao terceiro e último ponto. Vocês vêem como Paulo se expressa: "Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais. Honra a teu pai e a tua mãe". A natureza o ordena, mas não somente a natureza; a Lei o ordena. Mas devemos ir além - à Graça! Esta é a ordem - Natureza, Lei, Graça. "Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais "no Senhor". É importante ligar a frase "no Senhor" à palavra certa. Não é "Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais no Senhor". E, antes, "Vós, filhos, sede obedientes no Senhor a vossos pais." Noutras palavras, o apóstolo está repetindo o que dissera no caso dos maridos e das esposas. "Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, *como ao Senhor*." "Vós, maridos, amai vossas mulheres, *como também Cristo amou a igreja."* Quando chegarmos às palavras apostólicas sobre os servos, vê-lo-emos dizer: "Vós, servos, obedecei a vossos senhores segundo a carne... *como a Cristo*". Isso é o que significa *no Senhor.* Noutras palavras, este é o motivo supremo. Devemos obedecer a nossos pais, honrá-los e respeitá-los porque isto faz parte da nossa obediência a nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Em última instância, é por isso que devemos fazê-lo. A natureza o ordena, a Lei o salienta, porém, como cristãos, temos mais este motivo, esta grande e poderosa razão -Cristo nos pede que o façamos; é Seu mandamento; é uma das maneiras pelas

quais demonstramos nosso relacionamento com Ele e nossa obediência a Ele. "Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais, *como ao Senhor".* Existem as referidas razões subsidiárias, mas vocês não devem deter-se nelas; devem obedecer ao mandamento por amor a Cristo.

Aqui, de novo, permitam-me acentuar o fato de que este é um ensino altamente típico do Novo Testamento. O cristianismo nunca põe de lado a natureza. Não me entendam mal; não me refiro à "natureza decaída". Refiro-me à "natureza" que originariamente Deus criou e ordenou. O cristianismo jamais contradiz a natureza nesse sentido. Havia gente, nos primórdios da era cristã, que pensava que sim, e mesmo quanto à

relação matrimonial. Paulo teve que escrever o capítulo sete de 1 Coríntios por essa razão. Alguns, em Corinto, estavam argumentando deste modo: "Tomei-me cristão, mas minha esposa não. Então, como sou cristão e ela não, vou deixá-la". E as esposas diziam a mesma coisa. Mas isso está errado, afirma Paulo. O cristianismo nunca nos impõe que neguemos ou que contrariemos a natureza; não fomos destinados a ser antinatu-rais. O que o cristianismo faz é elevar e santificar o natural.

A mesma coisa é válida quanto à Lei. O cristianismo não põe de lado a Lei como retrato da vida. O que faz é acrescentar-lhe graça, capacitando-nos a cumprir a Lei. Aos filhos diz: "Honra a teu pai e a tua mãe". A Lei deu essa ordem, o cristianismo faz o mesmo; todavia este nos dá um motivo ainda maior para obedecê-la, dá-nos discernimento e compreensão disso. Nós, que somos cristãos, estamos cientes de que o fazemos "como ao Senhor", ao Senhor que desceu do céu. Ele desceu do céu para honrar a Lei do Seu Pai. Ele guardou a Lei, viveu de acordo com a Lei. E nos redimiu para que pudéssemos ser "um povo seu especial, zeloso de boas obras" (Tito 2:14), para que pudéssemos "cumprir" a Lei. Ele Se entregou por nós "para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o espírito" (Romanos 8:4). A graça eleva o mandamento ao nível mais alto, e devemos obedecer a nossos pais, honrá-los e respeitá-los, para agradar ao nosso Senhor e Salvador, que nos vê. O apóstolo já tinha dito isso no capítulo três, versículo 10, de Efésios: "Para que agora, *pela igreja,* a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e potestades nos céus". Vocês dão-se conta de que quando os anjos, os principados e as potestades olham para nós, povo cristão, e nos vêem exemplificando estas coisas em nossa vida diária, admiram-se de que Ele, o Filho, tenha conseguido formar de nós um tal povo, capacitando-nos a viver de acordo com os mandamentos de Deus num mundo pecaminoso como este?

Façam-no "como ao Senhor". Obedeçam ao pai e à mãe "no Senhor". Esse é, de todos, o mais nobre e o maior incentivo. Dá prazer ao Senhor; é uma comprovação do que Ele disse; estamos consubstanciando o Seu ensino. Ele disse que veio ao mundo para redimir-nos, para lavar-nos dos nossos pecados, para dar-nos uma nova natureza, para transformar-nos em novos homens e novas mulheres. Pois bem, diz o apóstolo, provem isso, mostrem isso na prática. Filhos, mostrem isso obedecendo aos seus pais; vocês serão diferentes de todos

os outros tipos de filhos; serão diferentes daqueles filhos arrogantes, agressivos, vaidosos, jactanciosos e maldizentes que os rodeiam nos dias atuais. Mostrem que são diferentes, que o Espírito de Deus está em vocês, que vocês pertencem a Cristo. Vocês têm uma oportunidade maravilhosa; e isto dará ao Senhor grande alegria e grande prazer.

Vamos, no entanto, mais longe ainda. "Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais" por este motivo também, que quando Cristo estava neste mundo, Ele o fazia. E o que

vemos em Lucas 2:51: “E desceu com eles, e foi para Nazaré, e era-lhes sujeito”. Estas palavras se referem ao Senhor Jesus aos doze anos de idade. Ele tinha ido a Jerusalém com José e Maria. Faziam a viagem de volta, e tinham viajado durante um dia, antes de descobrirem que Ele não estava entre os viajores. Regressaram e O encontraram no templo arrazoando com os doutores da Lei, argumentando com eles e interrogando-os, refutando-os e deixando-os confusos, abalados e espantados. Disse Ele: “Não sabeis que me convém tratar dos negócios de meu Pai?” Ele tivera sua realização inicial com doze anos de idade. Mas depois se nos diz que Ele voltou com eles para Nazaré - “E desceu com eles para Nazaré, e era-lhes sujeito”. O Filho de Deus encarnado sujeitando-Se a José e Maria! Embora tendo no íntimo a consciência de que estava no mundo para tratar dos negócios de Seu Pai, humilhou-Se e foi obediente aos Seus pais. Contemplemo-lO, demo-nos conta de que Ele estava fazendo isso primordialmente para agradar a Seu Pai no céu, para que pudesse cumprir Sua Lei em todos os aspectos e deixar-nos exemplo, para seguirmos os Seus passos.

Aí vocês têm, pois, as razões desta injunção, e certamente nada mais há que dizer. É justo cumpri-la. É uma determinação da natureza. A injunção foi estabelecida pela Lei de Deus, subscrita e sublinhada. Agrada ao Senhor. A obediência é prova de que Lhe queremos bem, pois estamos fazendo o que Ele mesmo fez quando aqui esteve, neste mundo pecaminoso e mau. Queira Deus iluminar-nos, a todos e a cada um de nós, para que vejamos a importância de observar e guardar esta injunção!

Veremos que, como sempre, o apóstolo prossegue. Seu ensino é equilibrado, de modo que ele também tem uma palavra para os pais. O que dissemos pode ser mal entendido. Se os pais se detiverem aí, far-se-ão culpados de grave incompreensão. Paulo não terminou; ainda virá uma palavra para os pais. Mas até aqui a palavra é para os filhos. E quando lermos isto à luz do que o apóstolo diz aos pais, seremos capazes, talvez, de tratar de alguns dos problemas que confrontam certos filhos, não importa de que idade, cujos pais quem sabe não são cristãos e que ficam a indagar o que fazer. Queira Deus dar-nos graça para observarmos esta injunção!

PAIS NÃO CRISTÃOS

Efésios 6:1-4

Vimos que este assunto, sobre os pais e seus filhos, que é sempre importante, é extraordinariamente importante na época atual. E é importante para todos nós. Não diz respeito apenas aos filhos como tais, e aos jovens; e não somente aos casais que têm filhos; é um assunto pertinente e aplicável a todos nós. Há uma coisa particularmente patética no fato de que certos cristãos parecem manter-se alheios a estas questões. Tenho ouvido falar de alguns, por exemplo, que acham que o assunto relacionado com maridos e esposas não tem nada a ver com eles porque não são

casados. Isso é de entristecer, porque, casados ou não, pais ou não, os cristãos devem interessar-se pelos princípios da verdade. Além disso, se você não é casado, pode ter um amigo casado que esteja em dificuldade quanto à sua vida conjugal; assim, se você pretende agir como cristão, deve ser capaz de ajudar essa pessoa. Para isso, você precisa saber como dar ajuda, e só poderá descobrir como prestar ajuda mediante a compreensão do ensino escriturístico. Portanto, ninguém deve desligar-se e achar que não tem nada a ver com tal problema. Você pode ser solteiro ou solteira, ou, tendo-se casado, pode não ter filhos, mas deve ter simpatia e compaixão pelos que são pais na presente época deste difícil mundo moderno. É seu dever e sua tarefa ajudá-los e dar-lhes assistência. Estas injunções particulares não se destinam somente a pessoas particulares; são para todos nós.

Mas, além de tudo, devemos estar interessados na ampla exposição da verdade divina e em observar como Deus, em Sua infinita bondade, sabedoria e complacência vem ao nosso encontro nas várias situações que enfrentamos em nosso jomadear por este mundo. As próprias autoridades civis reconhecem a importância do problema todo no presente. Uma importante comissão encarregada de toda a questão da educação declarou recentemente que um dos problemas mais urgentes com que se defronta a Inglaterra hoje é o esfacelamento do lar e da vida em família. Portanto, estamos vendo uma coisa da qual todo o futuro da sociedade, e deste país, poderá depender. De todas as pessoas, nós, cristãos, é que devemos dar urgente atenção a estas questões para podermos dar exemplo para os outros e mostrar-lhes como se vive como filhos e pais, e como a família e a vida doméstica devem ser conduzidas.

Até aqui estivemos examinando a situação somente do ponto de vista dos filhos, e a injunção a eles dada é que sejam obedientes a seus pais. Entretanto, aqui no versículo quatro, o apóstolo nos apresenta o outro lado. “E vós, pais”, diz ele, “não provoqueis a ira a vossos filhos.” Não é que este acréscimo

neutralize o que o apóstolo dissera acerca dos filhos; antes, é dado para salvaguardar isso, e para tirar todo obstáculo que acaso esteja no caminho da obediência dos filhos aos seus pais. É outra notável ilustração do equilíbrio e da eqüidade das Escrituras. Como poderá alguém, diante deste equilíbrio perfeito, desta eqüidade, desta constante colocação dos dois lados justapostos - como poderá alguém negar que esta é a inspirada Palavra de Deus? Temos visto o seu caráter divino no caso dos maridos e das esposas, e aqui o vemos de novo no caso dos pais e dos filhos; e o veremos mais tarde, no caso dos senhores e dos servos.

A obediência exigida dos filhos deve ser prestada a toda espécie de pai. Há pais sobre os quais pesa a culpa de provocarem seus filhos à ira. Ora, deixemos claro que o ensino do apóstolo é que os filhos devem obedecer mesmo a esses pais. E uma

exortação geral. A ordem deve ser obedecida independentemente do caráter dos pais, e se aplica até ao caso de pais não cristãos.

Quero examinar cuidadosamente este aspecto da matéria porque posso dizer verazmente, baseado numa longa experiência pastoral, que este é um dos problemas mais comuns de que tenho tratado, quando as pessoas vinham falar-me das dificuldades em sua vida pessoal. Vocês se lembram do que o Senhor Jesus disse em Mateus 10:34: "Não cuideis que vim trazer a paz à terra; não vim trazer paz, mas espada". Disse Ele que o Seu ensino não ia abrandar as coisas, porém, antes, ia criar divisão entre pai e filho, mãe e filha, e assim por diante, sendo este o motivo, que quando uma pessoa se toma cristã, ocorre uma mudança tão profunda que imediatamente produz efeito em todas as esferas. E não há área em que se sinta isto mais agudamente do que a das relações mais íntimas e mais pessoais; pois no momento em que a pessoa se toma cristã, compreende que a lealdade final é a Deus e ao Senhor Jesus Cristo. Isso inevitavelmente tem seus efeitos sobre todas as outras formas de lealdade. Por isso diz o Senhor que Ele será uma causa de divisão - "E assim os inimigos do homem serão os seus familiares" (Mateus 10:36). É preciso estar preparado, diz Ele, para estas possibilidades, e a experiência prática comprova a situação.

O problema que surge agudamente e com freqüência é o de filhos que se tomaram cristãos e seus pais não. Surge imediatamente um estado de tensão. Que deverão fazer estes filhos? Como deverão comportar-se? Estou simplesmente salientando que o apóstolo diz que estes filhos, estes jovens devem obedecer ao mandamento. O que ele está dizendo é: "Filhos, sejam obedientes a seus pais, quer sejam cristãos quer não, não importa como eles sejam". É uma exortação geral, uma injunção geral; mas, infelizmente, é um ponto em que grande dano inconsciente tantas vezes é feito por muitos jovens cristãos. Há, talvez, mais falhas neste ponto do que noutro qualquer. Como se condizirão estes filhos quanto a seus pais não cristãos? Esse é o problema. Inconscientemente esses filhos causam, como freqüência, muito dano por não entenderem o ensino bíblico sobre este ponto, e por falta de equilíbrio em toda a sua perspectiva. Muitas vezes eles são a causa do antagonismo dos seus pais para com a fé cristã. Esta é, pois, uma questão importantíssima.

Há apenas uma ressalva que é preciso acrescentar a esta injunção geral, "Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais", e é nessa ressalva que nossa relação com Deus está envolvida num sentido vital. Peso minhas palavras com particular cuidado neste ponto. Se os seus pais estão querendo proibi-lo de cultuar a Deus e de Lhe prestar obediência, nesse caso não obedeça a seus pais. Se deliberadamente o estão incitando ou tentando compeli-lo ao pecado, a praticar atos pecaminosos, outra vez você deve recusar obediência. No entanto essa é a única ressalva. Fora disso (e dou ênfase ao fato), devemos ir aos últimos limites; e mesmo nesta questão quando temos de encarar a questão quanto a eles estarem bloqueando nossa relação com Deus,

devemos ir até os últimos limites da conciliação e da concessão.

É justamente aqui, vejo-o na experiência pastoral, que muita gente fica em dificuldade. O que quero dizer é que muitos, como cristãos, se firmam em coisas que para mim são pormenores completamente sem importância. Certamente isso é muito natural. Somos extremistas por natureza; e, havendo nos tomado cristãos, sabemos exatamente como devemos viver. Nosso grande perigo nesse ponto - e o diabo sem dúvida entra aí - é firmar-nos em pontos totalmente ridículos, realmente secundários, e que não afetam em nada a nossa posição cristã.

Deixem-me dar uma ilustração. É o que acontece frequentemente, conforme minha experiência, sobre a questão da cerimônia religiosa de casamento, ou sobre tudo que se refere ao matrimônio. Dois jovens cristãos decidem casar-se e, em ambos os casos, os pais não são cristãos. Os dois jovens cristãos desejam ardentemente que isto venha a ser um excelente exemplo de casamento cristão, e tencionam convidar os seus amigos cristãos para a cerimônia. Todavia, como é natural, os pais também estarão presentes - estes pais não cristãos, dos dois lados - e igualmente alguns dos seus amigos e parentes não cristãos. Tenho visto com muita freqüência que a tendência destes excelentes jovens cristãos é de fincar o pé em minúcias insignificantes da cerimônia religiosa, e acabam fazendo mais mal do que bem. Noutras palavras, dizem eles que tudo terá de ser exclusivamente cristão, evangélico; e tendem a exercer tanta pressão sobre isso, que acabam ofendendo os não crentes que se acham presentes. É justamente aí, penso eu, que eles deixam de exercer o juízo e de pôr em prática o equilíbrio que se vê nas Escrituras. Naturalmente deverá haver uma cerimônia nupcial evangélica, mas há muitas questões incidentais nos arranjos que me parecem simplesmente indiferentes. Se havemos de ser verdadeiramente cristãos, devemos fazer as concessões que pudermos, e devemos fazer o possível para facilitar as coisas para os outros, na esperança de que, quando eles virem o que realmente é um casamento cristão, sintam-se atraídos para a fé. Contudo, se tomarmos uma posição rígida e não fizermos nenhuma concessão nalgum ponto ou nalgum detalhe, e teimarmos em que tudo deverá ser feito à nossa maneira - noutras palavras, se estivermos mais interessados em causar boa impressão aos nossos amigos cristãos do que em ajudar nossos pais incrédulos - então não estaremos cumprindo esta injunção apostólica de

obediência a nossos pais. É o que quero dizer quando falo de firmeza somente nas questões verdadeiramente vitais, e não meramente em minúcias triviais e incidentals.

Ademais, é importante que, quando nos firmamos numa posição, que o façamos num espírito correto. Ao nos firmarmos nalgum princípio cristão, jamais deveremos fazê-lo de maneira desdenhosa ou impaciente. Muito menos de maneira arrogante ou crítica. Muitas vezes nos traímos pela maneira como dizemos as coisas. Tenho notado que as pessoas que têm esse defeito, freqüentemente manifestam sua atitude

errada até quando discutem comigo os arranjos para as bodas. Com um sorriso forçado, dizem-me: "Naturalmente, meus pais não são cristãos"; e os deixam de lado pura e simplesmente. No momento em que a pessoa fala desse jeito, sei que já está no erro. Qualquer posição que tal pessoa queira tomar sobre bases cristãs, é quase certo que será inútil, e terá a probabilidade de fazer muito mais mal do que bem. Se os seus pais não são crentes, não fale com eles daquela maneira, não os repudie, não fale com descaso acerca deles. Você deve sentir-se pesaroso por eles e, portanto, precisa falar deles com pesar e tristeza. Mas acho que é ir longe demais empregar falatório e dureza anticristãos.

Tais "filhos" não estão obedecendo a seus pais, não estão honrando seu pai e sua mãe. Você deve honrar seu pai e sua mãe, sejam eles cristãos ou não; esta é a injunção. Muitas vezes é difícil, porém esta é a injunção; e repito que só há um limite, a saber, o ponto em que eles tentem definida e deliberadamente impedi-lo de adorar a Deus e de servi-10, ou tentem deliberadamente levá-lo a cometer algum pecado. O espírito com que agimos nesse ponto é de vital importância; e toda vez que chegarmos ao ponto onde somos forçados a resistir e desobedecer, devemos fazê-lo de tal maneira que eles percebam que isso nos entristece e nos magoa, que o lamentamos, e que para nós é uma terrível decisão. Para um filho ter de resistir ao pai é uma das coisas mais solenes e mais graves que se possa requerer que façamos nesta vida; por conseguinte, sempre que seja feito em nome de Cristo e de Deus, deve ser feito com o coração quebrantado. Devemos fazer com que os nossos pais sintam que isto nos está magoando, está nos causando pesar e nos está custando muito, que cortaríamos a nossa mão direita para evitá-lo; mas que não temos escolha nessa questão.

Se for feito dessa maneira, poderá ser utilizado por Deus para influenciá-los; entretanto, se for feito com arrogância, desdém e crítica, certamente causará dano. Não terá valor algum e afastará as pessoas de Cristo, fará que pensem e digam: "Desde que estes filhos se tomaram cristãos, mostram-se cabeçudos, sabichões, duros, rígidos e legalistas". Isso colocará uma terrível barreira entre eles e a perspectiva de chegarem ao conhecimento de Deus e de nosso Senhor e Salvador. Toda posição que formos compelidos a tomar, sempre deverá ser tomada com o coração oprimido, com espírito abatido e humilde. Devemos fazê-los sentir que os nossos corações estão sangrando quando somos compelidos por esta coisa maravilhosa que Deus nos fez, e que nos levou a opor-nos aos nossos pais. Sempre devemos pensar desse modo.

Permitam-me dar algumas razões pelas quais devemos agir assim para podermos ser auxiliados e guiados toda vez que nos acharmos nessa situação. Por que deverá o cristão portar-se da maneira que estive indicando, tanto negativa como positivamente? A resposta é, porque o filho cristão deve ser o melhor tipo de filho que existe. Essa é uma afirmação geral, uma afirmação universal. Seja o que for que

o cristão fizer, deve fazê-lo o melhor que puder. Firmo isto como uma proposição geral. O filho cristão deve ser melhor do que qualquer outro filho, o marido cristão, o melhor marido, a esposa cristã, a melhor esposa, a família cristã, o melhor tipo de família de todo o mundo, o negociante cristão, o melhor homem de negócio concebível, o profissional cristão, o melhor em sua profissão. Não digo isso do ponto de vista da habilidade, e sim de todos os outros aspectos. Tudo que o cristão faz deve ser feito com todas as suas forças, com uma eficácia e com um entendimento de que ninguém mais seja capaz. Naturalmente é isso que deve estar por trás de todas essas injunções pormenorizadas que estamos estudando. O cristão, lembrem-se, é um homem cheio do Espírito. "E não vos embriaguei com vinho, em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito". Ora, quando um filho é "cheio do Espírito", por definição esse filho será exemplar, será um filho absolutamente melhor do que qualquer outro que não tenha essa experiência.

A que, então, isso nos leva? À conclusão de que os filhos cristãos devem ser os melhores do mundo, porque unicamente eles têm uma real e verdadeira compreensão desta relação. Há um esfalecelamento da família e da vida doméstica hoje porque ambos os lados, os pais e os filhos, não entendem o sentido destas coisas. Nada sabem da relação de pais e filhos do ângulo bíblico. Não podem ver estas coisas "no Senhor", como devemos vê-las; porém, desde que estamos "no Senhor", temos um novo entendimento destas coisas. Vemos que esta relação de pai e filho é um reflexo e um quadro descritivo da relação de Deus e o cristão, que é Seu filho. Assim, temos esta noção exaltada, elevada da paternidade e da relação dos filhos com seus pais. Posto que unicamente o filho cristão (ou filha) compreende estas questões e esta relação, ele ou ela sempre deve sobrepujar os outros na prática. Como cristãos, não agimos automaticamente. O cristão sempre sabe por que faz o que faz. Ele tem suas razões, tem estas explicações e exposições das Escrituras; ele entende a situação.

Então é somente o cristão que tem o espírito certo - "enchei-vos do Espírito". Todo o problema nestas questões é, em última análise, um problema de espírito. A atitude moderna é, "Por que eu deveria dar ouvidos aos meus pais? Quem são eles? Ultrapassados ou, em todo caso, antiquados! De que é que eles entendem?" Esse é o espírito que está causando muito problema hoje em dia. Por outro lado, os pais são igualmente culpados da mesma falha quanto ao espírito correto. "Estes filhos são um estorvo", dizem eles muitas vezes. "Gostaríamos de sair à noite, como era nosso costume, porém chegaram os filhos e não podemos fazer mais isso." O espírito já está errado, e é por isso que há tantos fracassos. Estes problemas são todos questões do "espírito", e é por isso que os patéticos políticos e estadistas, com os seus Atos do Parlamento, não

estão nem começando a ver a natureza do problema com que estão lidando. Não se pode legislar sobre estas questões; é questão de espírito.

É muito importante que o filho cristão tenha o espírito certo nestas questões; e a última coisa de que deveria ser culpado é de um espírito egoísta. Já me referi a isso anteriormente. Aqui está uma situação muito delicada. Estes jovens cristãos estão para se casar, e aí estão estes pais não cristãos. A tentação que vem a estes jovens crentes é, "Devo insistir nisto e naquilo; sou cristão, entendo disso e, portanto, tudo deve ser feito como digo". O espírito já está errado. O seu desejo é fazer o que considera certo, mas, que dizer destes outros? "Digo, porém, a consciência, não a tua, mas a do outro." "Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas convêm" (1 Coríntios 10:23,29). Que dizer do irmão mais fraco? Que dizer daquele que nem sequer é cristão? Não se deverá ter nenhuma consideração para com eles? Acaso seu único interesse é que tudo seja feito de tal maneira que se veja que você está absolutamente certo e cumpriu a letra da lei nos mínimos detalhes? Essa é a essência do farisaísmo! Esse é o espírito que "dizima a hortelã, o endro e todo tipo de ervas, e esquece as coisas mais importantes da lei, tais como o amor e a misericórdia". Conceda-nos Deus sabedoria nestas questões! Tenho visto tanto dano feito à causa de Cristo por se falhar neste ponto, que lhe dou ênfase especial. Jamais devemos agir com espírito egoístico e de justiça própria.

Deixem-me, porém, acrescentar mais uma coisa. O cristão está numa posição excepcionalmente vantajosa nestas coisas porque, como cristão, há de entender as dificuldades dos seus pais. Tome-se o caso de filhos não crentes entrando em conflito com seus pais não crentes. Que acontece? Imediatamente há um choque de personalidades, um choque das vontades, e os dois lados não se entendem de modo nenhum. O filho diz: "Os pais não têm direito de dizer isto"; e os pais olham para os filhos e dizem: "Estes filhos são impossíveis, estão completamente errados". Os dois lados mantêm posição radical, sem nenhuma tentantiva para compreender o ponto de vista oposto. Todavia, nunca se deveria ter base para dizer isso do cristão. Ele leva esta grande vantagem sobre o não cristão: na qualidade de cristão, compete-lhe saber por que os seus pais não podem compreendê-lo e por que se comportam desse modo. Não os considera apenas como pais difíceis, não se preocupa apenas com as personalidades deles. Ao invés disso, como cristãos, ele diz: "Naturalmente, em certo sentido eles não podem fazer outra coisa; é muito triste, é trágico, mas não devo ficar aborrecido com eles porque eles não têm a mínima possibilidade de ver a questão segundo a posição cristã. Eles não são cristãos, e pedir-lhes que assumam a posição cristã quando eles não são cristãos, é pedir-lhes o impossível. Eu mesmo já estive nessa situação; eu era cego. Graças a Deus, os meus olhos foram abertos e agora veja o caminho certo; mas eles não, pelo que devo ter simpatia por eles e devo ajudá-los e aplacar-lhes o ânimo". Essa é a vantagem de que o cristão goza. "Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais no Senhor"; você tem esta compreensão. Não se limite a opor-se, como uma personalidade contra outra; veja que é a cegueira do pecado que está causando o problema. Não os veja simples-

mente como pais que estão contra você; veja, antes, o pecado que se intromete e

causa a divisão. Foi isso que o Senhor quis dizer sobre "trazer espada" e causar esse tipo de divisão. Não devemos ficar surpresos com isso, mas não devemos reagir violentamente. Nossa abordagem da questão toda deve ser com espírito de compreensão e simpatia.

Isso leva ao meu último motivo. Façamos eu e você o que fizermos como cristãos, façamos o que fizermos como filhos cristãos, toda vez que nos pusermos contra este choque, esta divisão, e nos acharmos até compelidos a dizer, "Não", a nossos pais, devemos estar sempre certos de que o que predomina em nossas mentes nesse ponto é o interesse pelas almas dos nossos pais. "Honra a teu pai e a tua mãe". O fato de você agora ser cristão e eles não, não significa que você deva zombar deles, tratá-los com descaso e desdém, e repudiá-los. É seu dever honrá-los, e você poderá honrá-los mais que tudo estando preocupado com as suas almas. Se como povo cristão não nos interessarmos em nosso espírito e em nosso coração pelas almas daqueles que se acham ligados a nós nesta relação tão íntima, então não estaremos obedecendo aos nossos pais, não estaremos "honrado nosso pai e nossa mãe" do modo indicado pelas Escrituras.

Tratemos, pois, de salvaguardar-nos, com estas considerações, da frívola, superficial e mecânica espécie de conduta que freqüentemente nos é recomendada, senão imposta, por pessoas cristãs bem intencionadas mas ignorantes. Há muitos assim. Dizem eles: "Agora que você se converteu, é isso que deve fazer", e quase chegam a animá-lo a voltar-se contra os seus pais. Jamais lhes permita fazê-lo, Estas normas e leis fundamentais duram e permanecem. A única divisão legítima é a causada por Cristo. Jamais deveremos criar divisões; devemos fazer o máximo para evitá-las, e devemos ir até os últimos limites para evitá-las. A única divisão válida é aquela inevitável e tremenda divisão feita pela espada do Espírito manejada pelo Filho de Deus, nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Jamais devemos fazer-nos difíceis, jamais devemos fincar pé em coisas irrelevantes; jamais devemos fazer qualquer coisa que cause divisão. A única divisão inevitável e permissível é a produzida pela espada que o Senhor Jesus disse que veio trazer (Mateus 10:34-38).

Voltamos agora a nossa atenção para os pais. "Pais", diz o apóstolo, "E vós, pais, não provoqueis a ira a vossos filhos". Notem que ele só menciona os pais, sem incluir as mães. Ele acabara de citar as palavras da Lei — "Honra a teu pai e a tua mãe" - mas agora distingue os pais porque todo o seu ensino é que, como vimos, o pai é aquele que ocupa a posição de autoridade. É o que sempre vemos no Velho Testamento; é como sempre Deus ensinou as pessoas a comportar-se; assim, naturalmente, Paulo dirige esta injunção particular aos pais. Mas não é para limitar-se aos pais; inclui as mães também; e numa época como a nossa, chegamos a uma situação em que a ordem quase se inverteu! Vivemos numa espécie de sociedade matriarcal em que os pais, infelizmente, e os maridos abdicaram de tal maneira da sua posição no lar, que quase tudo está sendo deixado com as mães. Portanto, temos

que compreender que o que aqui

se diz aos pais aplica-se igualmente às mães. Aplica-se a quem está na posição de ter que exercer a disciplina. Noutras palavras, o que nos apresenta este versículo quatro, e está implícito nos versículos anteriores, é todo o problema da disciplina.

Devemos examinar cuidadosamente este assunto e, por certo, é um assunto bastante extenso. Não há assunto, volto a dizê-lo, de importância tão urgente neste país, e em todos os outros países, como todo este problema de disciplina. Estamos presenciando um colapso da sociedade, e isto ocorre principalmente em conexão com esta questão de disciplina. Nós a temos em casa, nós a temos nas escolas, nós a temos na indústria; está em toda parte. O problema confrontado pela sociedade hoje, em todas as atividades da vida é, em última análise, o problema da disciplina. Responsabilidade, relações, como conduzir a vida, como deve transcorrer a vida! Todo o futuro da civilização, parece-me, repousa nisto. A pregação não tem como propósito principal tratar das questões políticas e sociais, embora possamos lançar importante luz sobre elas.

Dizem que a mais importante divisão do mundo atual é a produzida pela "Cortina de Ferro". Em vista disso, aventuro-me a fazer esta asserção, esta profecia: se o Ocidente for derrotado, será por uma única razão - corrupção interna. Não há problema de disciplina do outro lado porque há uma ditadura lá e, portanto, eles têm que mostrar eficiência. Nós não acreditamos na ditadura; não há, pois, nada mais importante para nós do que o problema da disciplina. Se continuarmos a gastar nossas vidas em festas, trabalhando cada vez menos e exigindo cada vez mais dinheiro, cada vez mais prazer e uma pretensa felicidade, cada vez mais indulgência para com as luxúrias da carne, recusando a aceitar nossas responsabilidades, haverá um só resultado - fracasso abjeto e total. Por que os godos, os vândalos e outros bárbaros conquistaram o Império Romano? Por terem poder militar superior? Claro que não! Os historiadores sabem que há somente uma resposta: a queda de Roma sobreveio em razão do espírito de indulgência que invadira o mundo romano - os jogos, os prazeres, os banhos. A corrupção moral que penetrara no coração do Império Romano foi a causa do "declínio e queda" de Roma. Não foi um poder de fora, e sim a corrupção interna que causou a ruína de Roma. E o fato realmente alarmante hoje é que estamos presenciando uma decadência semelhante, neste e na maioria dos outros países ocidentais. Este relaxamento, esta indisciplina, toda a perspectiva e o espírito atuais são característicos de um período de decadência. A mania de prazer, a mania de esportes, a mania de bebidas e drogas tem escravizado as multidões. Este é o problema essencial, esta completa ausência de disciplina, de ordem, de verdadeiras noções de governo!

Ao que me parece, estas questões são levantadas com muita clareza por meio daquilo que o apóstolo nos diz aqui, e prosseguirei para apresentá-

las pormenorizadamente, a fim de mostrar como as Escrituras nos esclarecem com relação a elas. Antes de fazê-lo, porém, permitam-me mencionar uma coisa que ajudará e estimulará todo o seu processo de pensamento. Um dos nossos

problemas atuais é que não pensamos mais por nós mesmos. Os jornais o fazem por nós, as pessoas entrevistadas no rádio e na televisão o fazem por nós, e nós nos sentamos e escutamos. Essa é uma das manifestações do colapso da autodisciplina. Precisamos aprender a disciplinar as nossas mentes. Portanto, farei duas citações das Escrituras, uma sobre um lado, outra sobre o outro lado desta situação toda. O problema da disciplina está entre ambos. Eis o limite de run lado: "O que retém a sua vara aborrece (ou "odeia") a seu filho" (Provérbios 13:24). O outro é: "Pais, não provoqueis a ira a vossos filhos". Todo o problema da disciplina está entre estes dois limites, e ambos se acham nas Escrituras. Equacionem o problema nas Escrituras, procurem apegar-se aos grandes princípios bíblicos que comandam esta vital, esta urgente questão, este enorme problema que confronta todas as nações ocidentais, se não outras também, nesta hora. Todos os nossos problemas resultam do fato de que vamos a um extremo ou ao outro. Isso nunca se vê nas Escrituras. O que caracteriza o ensino das Escrituras, sempre e em toda parte, é seu equilíbrio perfeito, uma eqüidade que nunca falha, a maneira extraordinária pela qual a graça e a lei se combinam. Consideraremos estas questões pormenorizadamente.

A DISCIPLINA E A MENTALIDADE MODERNA Efésios 6:1-4

Continuamos nosso estudo daquilo que constitui uma das questões básicas e fundamentais concernentes à totalidade da vida e da conduta, É um problema não só para o povo cristão, mas também para a sociedade toda. O que particularmente nos afeta, a nós cristãos, é que, como as Escrituras no-lo recordam, somos postos como "luzeiros no mundo" (Filipenses 2:15) como "sal" da sociedade, e como "cidade edificada sobre um monte" (Mateus 5:13-14). Não há esperança para o mundo separadamente da luz que lhe vem do ensino cristão. É, pois, duplamente importante que, como povo cristão, observemos diligentemente e tratemos de compreender o ensino apostólico. Cabe-nos dar exemplo ao mundo sobre como se deve viver verdadeiramente a vida. E temos uma oportunidade única, eu acho, numa época como esta, de mostrar o conceito cristão, bíblico e equilibrado concernente a este tormentoso problema de disciplina.

Este urgente problema não se limita, é claro, à questão dos filhos. O mesmo princípio está implícito na atitude moderna para com o crime, a guerra e toda e qualquer forma de punição, cujo princípio faz parte do mesmo e mais amplo problema. Aqui, porém, estamos vendo como ele afeta em particular a disciplina dos filhos e a disciplina do lar. Temos visto que há duas exortações fundamentais que parecem governar todo pensamento genuíno acerca desta questão de disciplina. De um lado, temos a conhecida exortação, "Quem poupa a vara estraga a criança" (cf. Provérbios 13:24), e as outras formas dessa exortação que se encontram em vários pontos do Livro de Provérbios e nas demais partes da literatura da "Sabedoria" do Velho Testamento. Esse é um lado. O outro é, "Pais, não provoqueis a ira a vossos filhos". Existem as duas posições fundamentais. Dentro da elipse formada entre estes dois focos acharemos a doutrina bíblica concernente a este assunto.

Primeiramente o examinaremos de modo geral. O que nos choca logo de início é a grande mudança que se operou durante o presente século quanto a todo este problema de disciplina, e especialmente durante os últimos trinta anos, aproximadamente. Mas isto vem ocorrendo durante este século todo. Tem ocorrido uma revolução completa na atitude das pessoas para com esta matéria. Anteriormente havia o que o povo hoje gosta de apelidar zombeteiramente de perspectiva vitoriana com relação a esta problemática da disciplina. Admitamos pronta e francamente que não há nenhuma dúvida de que era excessiva. Era

repressiva, às vezes brutal, na verdade se pode dizer que às vezes era até desumana. O pai vitoriano e o avô vitoriano são tipos bem conhecidos e reconhecíveis. Havia um elemento - na verdade um elemento considerável - de tirania em sua concepção da paternidade e da disciplina familiar. Os filhos eram dirigidos severa e rigorosamente, e se costumava dizer: "Os filhos são para a gente ver, não para ouvir". Certamente essa idéia era posta em ação. Os filhos não tinham permissão

para expressar suas opiniões, e às vezes nem fazer perguntas; era-lhes dito o que fazer, e eles tinham que fazê-lo; e se recusavam, eram punidos com muita severidade. Não precisamos tomar muito tempo com isto; tem sido atacado, ridicularizado e caricaturado tanto, que seguramente toda gente já está familiarizada com o quadro. Na maioria, provavelmente, não somos suficientemente idosos para lembrar-nos disso na prática, exceto aqueles que, digamos, já passaram dos sessenta anos de idade; entretanto, todos nós conhecemos bem a descrição geral e a idéia. Essa era a situação há cerca de um século, e continuou até à primeira guerra mundial, mais ou menos.

No entanto, desde então tem havido uma mudança total; e hoje somos confrontados por uma situação que é quase o exato oposto, pois agora nos inclinamos a eliminar completamente a disciplina. Como eu já disse, faz parte de uma atitude geral para com a guerra, para com o crime, para com a punição em geral, e principalmente para com o castigo físico e a pena capital. Introduziu-se uma nova atmosfera que rejeita por completo as idéias que constituíam a perspectiva vitoriana. Na verdade podemos descrever isto como uma oposição às idéias de justiça e retidão, de ira e punição. Todos estes termos são abominados e odiados. Em geral, o homem moderno tem radical aversão por elas. Vemos isso exemplificado em nossos jornais, nas tendências que se pode observar nos Atos do Parlamento, e nas mudanças que se introduzem crescentemente. Raramente se ouvem estes grandes vocábulos - integridade, verdade, justiça, retidão. As palavras muito usadas hoje são paz, felicidade, prazer, repouso, tolerância. O homem moderno tem se revoltado contra os grandiosos termos que sempre caracterizaram os tempos heróicos da história da humanidade, porém em grande parte é uma reação contra as severidades da era vitoriana.

O que toma a situação tão grave é que geralmente esta atitude é apresentada em termos do cristianismo, e especialmente em termos do ensino do Novo Testamento - e isso, em particular, em contraste com o ensino do Velho Testamento. Muitas vezes a situação é descrita assim: “Naturalmente, o problema com aqueles vitorianos era, como aconteceu com os puritanos, que eles viviam no Velho Testamento, adoravam o Deus do Velho Testamento. “Todavia”, acrescentam, “é evidente que nós não cremos mais nisso; seu Deus não passava de um Deus tribal; esse não é o Deus do cristão, não é o *Pai* de Jesus”. Alegam que estas idéias modernas concernentes à disciplina estão baseadas no Novo Testamento, e que eles têm a verdadeira concepção neotestamentária de Deus. Portanto, não estão interessados, dizem eles, em justiça e retidão, em ira e punição. Nada importa, a não ser o amor e a compreensão.

Este é o ponto em que tudo se toma tão grave. E é interessante notar que

homens que nem sequer alegam ser cristãos estão dizendo estas coisas. Pode-se até ler declarações em livros, artigos e periódicos que não hesitam em afirmar que a

posição cristã geralmente está sendo expressa hoje, não pela Igreja, e sim por alguns dos escritores populares, livre-pensadores, que franca e declaradamente não são cristãos. Dizem-nos que a causa cristã vai mal, que a Igreja não a está promovendo, e que na verdade o cristianismo está sendo apresentado hoje por homens de fora da Igreja. Diz-se que eles estão fazendo a verdadeira exposição do ensino do Novo Testamento, contrariamente ao ensino do Velho Testamento. Existe esta curiosa aliança de algumas pessoas que se chamam cristãs, e outras que afirmam abertamente que não são cristãs; mas juntas concordam que o cristianismo e o Novo Testamento ensinam este conceito moderno quanto à disciplina, e que, portanto, estão afastadas do antigo conceito vitoriano, e particularmente do conceito típico do Velho Testamento.

Resumindo, podemos dizer que a idéia básica subjacente a este conceito é que a natureza humana é essencialmente boa. Essa é a filosofia fundamental. Daí, o que é necessário é induzir, encorajar e desenvolver a personalidade da criança. Portanto, não deve haver nenhuma repulsa, nenhum domínio; não deve haver nenhuma punição, e nenhuma administração de corretivos porque isso tende a ser repressivo. Sendo esse o princípio dominante, naturalmente produz os efeitos correspondentes em todos os departamentos da vida.

Vejam, por exemplo, os métodos de ensino. Esta é, certamente, uma das questões mais urgentes com que a Inglaterra se defronta hoje. Durante os últimos vinte anos, aproximadamente, os métodos de ensino têm sido determinados quase inteiramente por esta maneira de ver, por esta nova psicologia que considera a natureza humana como essencialmente boa. A idéia é que não se pode forçar ou coagir a criança. Uma das primeiras personalidades a descrever este ensino foi a doutora Maria Montessori, cujo método de ensino, a grosso modo, chegou a isto - que devemos deixar que as crianças decidam por si mesmas e escolham por si mesmas o que querem aprender. É certo que antes da sua época o método era compulsório, e as pessoas tinham de usá-lo, querendo ou não. As crianças tinham de aprender de cor a tabuada, e muitas outras coisas. Isso era feito mecanicamente, sem nenhuma tentativa de tomá-lo interessante para as crianças. Simplesmente lhes diziam que tinham que aprender o alfabeto, a tabuada e a gramática. Tudo era metido nos ouvidos delas, e elas tinham de repeti-lo mecanicamente até o saberem de memória e poderem repeti-lo de cor. Ora, tudo isso está completamente errado, dizem-nos, porque não desenvolve a personalidade da criança. É preciso que o ensino seja interessante, e que tudo seja explicado à criança. Ela não deve aprender a matéria de maneira mecânica, mas deve compreender o que está aprendendo; estas são as explicações que nos dão. O método antigo foi descartado em termos deste novo conceito da natureza humana, desta nova atitude para com a vida que se diz cristã. Assim, na questão da teoria e dos métodos educacionais, houve esta profunda revolução. Agora estamos começando a descobrir alguns dos seus resultados. Vocês vêem industriais e outros a queixar-se de que muitos que se candidatam a cargos de

auxiliar de escritório e datilografo não sabem soletrar ou ignoram a simples aritmética. A minha preocupação, porém, não é com os resultados práticos e econômicos, e sim com os princípios subjacentes.

Ainda, com respeito à questão da punição, isso também veio a ser, em grande parte, uma coisa do passado. Dizem-nos que não devemos punir; que devemos apelar para as crianças, mostrar-lhes o erro, defrontá-las com um bom exemplo e, depois, recompensá-las positivamente. Devemos conceder, por certo, que há uma boa dose de verdade em tudo isso, mas o perigo é que geralmente os homens vão de um extremo ao outro, e hoje em dia, em grande parte, a noção de punição desapareceu. Na verdade há alguns que insistem nesta noção até o ponto de dizer que nunca se deve punir uma criança. Alguns chegam a dizer que, se uma criança fizer algo de errado, devemos receber o castigo em lugar dela; com isso, envergonhará a criança e a levará a abandonar essa prática errônea e má. Lembro-me muito bem de que, há uns trinta anos, um homem pôs isso literalmente em prática em sua família. Tinha ele um filho que, como todos os filhos, era freqüentemente dado à desobediência e a fazer coisas erradas; mas este homem, havendo-se apegado a esta nova teoria, decidiu que não castigaria mais a criança, de jeito nenhum, e sim aplicaria o castigo a si próprio. Por exemplo, em vez de punir o filho, ele, o pai, não jantaria no dia da falta praticada. Devo acrescentar que a experiência não durou muito tempo. No interesse da sua própia saüde, logo teve que retomar ao velho método!

Essa é uma ilustração típica da atitude moderna. A natureza humana, alegam, é essencialmente boa, e você apenas deve apelar para o que há de melhor e mais elevado nela. Jamais será preciso punir, jamais reprimir, jamais exercer disciplina. Basta que você exponha o ideal e que sofra em si mesmo o castigo pelo mal praticado por outros; e os ofensores reagirão bem. Gente desse tipo acreditava que se tivessem agido desse modo com Hitler, não teria havido guerra; poderiam ter mudado Hitler se o tivessem procurado e falado com ele com delicadeza e bondade, e lhe tivessem mostrado como estavam prontos a sofrer. Havia um pregador muito popular em Londres, antes da segunda guerra mundial, que de fato propôs que ele e alguns outros fossem colocar-se entre os exércitos do Japão e da China, que estavam em combate naquele tempo. Não o fizeram, mas estavam convencidos de que, se tão somente se postassem entre aqueles exércitos rivais, e se sacrificassem, a guerra terminaria imediatamente.

Isso tudo, repito, está baseado na idéia de que a natureza humana é essencialmente boa; assim, você só tem que apelar para ela. Nunca precisará recorrer a castigos. E se chegar a aplicar algum castigo, que nunca seja corporal, dizem-nos; o castigo deve ser reformatório. Este é um ponto interessante. O novo conceito é que a ação punitiva - se tanto se pode dizer em seu favor - visa a reformar, não exercer retribuição ou desforra. Dizem-nos que sempre devemos ser positivos, que sempre devemos pretender estruturar um novo tipo de personalidade e de caráter. Que

resultado dá? Vejam a questão das prisões. A idéia moderna é que o trabalho das prisões não é punir os transgressores, mas reformá-los. Assim, cada vez mais nos dizem que o que é necessário nas prisões

é a abolição de restrições e castigos. Devemos abolir o chicote e todas as formas de castigo corporal, e as prisões devem ser dirigidas por psiquiatras. A prisão é um lugar em que o homem deve receber tratamento psicológica e psiquiátrico. Não se deve punir o prisioneiro pelo que ele fez porque essencialmente é um bom homem. O que se deve fazer é estruturar a bondade nele existente e induzi-la, fazê-la externar-se. Mostrem a ele o mal e o erro de certas idéias que ele tem, e daquilo que ele tem feito contra a sociedade, e logo ele virá a reconhecer os seus erros e a abandoná-los. A grande necessidade é estruturar "o outro lado". E assim, por meio do tratamento psiquiátrico, o homem será reformado e o seu caráter e a sua personalidade serão estruturados.

Essa é a idéia dominante hoje quanto ao tratamento do crime e sua punição. A pena capital foi abolida, todas as formas de punição corporal precisam ser abolidas; na verdade, toda espécie de severidade precisa ser abolida; todas a ênfase deve ser dada a este tratamento pela psiquiatria - a abordagem psicológica, a estruturação, o trabalho fundado neste algo positivo que há na natureza humana! E, naturalmente, a mesma idéia entra na questão do manejo das crianças. Toda a tendência hoje, se uma criança não se porta na escola como deve, é de enviá-la a um psiquiatra de crianças; todas precisam receber tratamento psicológico. Essencialmente todas são boas; portanto, não deve haver punição. Deve-se jogar fora a vara, a bengala. O que é preciso é induzir, extrair este bem inerente e oculto. Daí, quando o professor não consegue manter a disciplina, a criança é enviada ao psiquiatra, ao psicólogo de crianças, para exame e prescrição do tratamento apropriado.

O que ressalto é que tudo isso está sendo feito em nome do cristianismo, e com a alegação de que é o Novo Testamento contra o Velho Testamento. Esta, segundo se nos diz, é a abordagem que Cristo faz destas questões. Portanto, em muitos sentidos, toda a posição cristã está envolvida neste ponto, bem como todo o futuro da Igreja. Aí está um conceito que pessoas incrédulas estão defendendo e apoiando - com tudo que podem - todavia isso está sendo feito em nome do cristianismo e do Novo Testamento.

Ampliemos o nosso exame desta questão. Qual é o ensino bíblico, o ensino cristão sobre isso? Não hesito em asseverar que a atitude bíblica e cristã para com estes dois extremos é que ambos estão errados; que a posição vitoriana estava errado, e que a posição moderna está mais errada ainda. Entretanto, estamos especialmente interessados no argumento atual e predominante. Voltarei mais tarde à idéia vitoriana, a qual pode ser tratada em termos desta exortação: "E vós, pais, não provoqueis a ira a vossos filhos"; pois era exatamente isso que faziam; e esta atitude

moderna é em grande parte uma reação a isso. Mas vejamos essa posição moderna primeiro.

Minha primeira razão para afirmar que, do ponto de vista bíblico e cristão, esta idéia moderna quanto ao problema da disciplina está completamente errada, é que o oposto de um tipo errado de disciplina certamente não é não ter nenhuma disciplina. Todavia, é o que está sucedendo hoje. Os vitorianos, dizem eles, estavam errados; daí, que haja literalmente nenhuma disciplina, nenhuma

punição; deixem a criança fazer o que quiser, e quase todos os outros fazerem o que quiserem. Há um engano fundamental aqui. O oposto da disciplina errada não é ausência de disciplina, e sim a disciplina certa, a disciplina verdadeira. É o que vemos aqui, em Efésios, capítulo 6. "Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais", "E vós, pais, não provoqueis a ira a vossos filhos". Disciplinem os filhos, sim, porém que não seja uma disciplina errônea; que seja o tipo certo de disciplina. "Não os provoqueis a ira, mas criai-os na doutrina e admoestação do Senhor." Pois bem, essa é uma verdadeira disciplina. No entanto, a tragédia de hoje, com o seu pensamento superficial, consiste na suposição de que o oposto da disciplina errada é não se ter nenhuma disciplina. Esse é um completo engano, do ponto de vista do pensamento comum e da filosofia, se é que não o é de nenhum outro ponto de vista.

Permitam-me colocar o assunto doutro modo. Toda e qualquer posição que diga, "somente a lei", ou que diga, "somente a graça", é necessariamente errada porque na Bíblia temos "a lei" e "a graça". Não é, "a lei ou a graça"; é "a lei e a graça". A graça estava presente na lei do Velho Testamento. Todas as ofertas queimadas e todos os sacrifícios e holocaustos o indicam. Foi Deus quem os ordenou. Que ninguém jamais diga que não existia a graça na lei de Deus, nos termos em que ela foi dada a Moisés e aos filhos de Israel. Em última instância, a lei se baseia na graça; é lei contendo em si a graça. E, por outro lado, jamais devemos dizer que a graça significa ausência da Lei; isso é antinomismo, o qual é condenado em toda parte no Novo Testamento. Havia alguns cristãos primitivos que diziam: "Ah, não estamos mais debaixo da lei, estamos sob a graça; quer dizer que o que fazemos não importa. Uma vez que não estamos mais debaixo da lei, mas sim debaixo da graça, vamos pecar, para que a graça seja mais abundante! Vamos fazer o que quisermos; isso não importa. Deus é amor, fomos perdoados, estamos em Cristo, nascemos de novo; portanto, façamos tudo que quisermos". Estas falsas deduções são tratadas nas Epístolas aos Romanos, aos Coríntios e aos Tessalonicenses, e também nos três primeiros capítulos do Livro de Apocalipse. É um trágico engano pensar que quando temos a graça, não há nela nenhum elemento da lei, mas que há uma espécie de licença. Isso é uma contradição do ensino bíblico concernente à lei e à graça. Existe graça na lei; existe lei na graça. Como cristãos não estamos "sem lei", afirma Paulo, porém estamos "debaixo da lei de Cristo" (1 Coríntios 9:21).

Naturalmente há disciplina. De fato, o cristão deve ser muito mais disciplinado que o homem que está debaixo da lei, porque enxerga mais claramente o seu significado, e tem maior poder. Ele tem uma compreensão mais verdadeira e, portanto, deve ter uma vida melhor e mais disciplinada. Não há menos disciplina no Novo Testamento do que no Velho Testamento; há na verdade mais, e num nível mais profundo. Em todo caso, como o apóstolo Paulo ensina, escrevendo aos gálatas, não devemos repudiar a lei, pois "a lei nos serviu de aio, para nos conduzir a Cristo" (Gálatas 3:24). Não coloquemos estas coisas como se fossem opostas. A lei foi dada por Deus a fim de que os homens fossem, por assim dizer, encarcerados e encerrados em Cristo, que havia de vir, que

haveria de outorgar-lhes esta grande salvação. Eu afirmo, pois, que esta idéia moderna entende de forma completamente errada tanto a lei como a graça. É uma balbúrdia completa, uma confusão total; na verdade, não é bíblica, de modo nenhum. Não passa de filosofia humana, de psicologia humana. Emprega termos cristãos, mas os esvazia do seu sentido verdadeiro.

Em terceiro lugar, o ensino moderno - e esta é uma das coisas mais graves a seu respeito - demonstra um entendimento completamente falso da doutrina bíblica sobre Deus. Este é o ponto desesperadamente sério. O homem moderno não formula sua descrição de Deus com base na Bíblia; ele o faz segundo o seu cérebro e o seu coração. Ele não crê na "revelação". Foi por isso que, há cerca de um século e meio, ele começou a sua pretensa Alta Crítica da Bíblia. O homem criou um Deus à sua imagem, um Deus que tem que ser o exato oposto do pai vitoriano. Cito a seguir a descrição feita por um eminente escritor do presente século: "Você não vê", escreve ele, "que o Deus do Velho Testamento é o seu pai vitoriano; e que é um erro total?" Assim, o Velho Testamento foi virtualmente posto de lado. "O Deus em que cremos", dizem os homens, "é o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo." Mas o Senhor Jesus Cristo cria no Deus do Velho Testamento. Disse Ele: "Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas: não vim abrogar, mas cumprir" (Mateus 5:17). Ele cria no Deus que dera uma revelação de Si a Moisés no monte, e nos Dez Mandamentos. Nosso Senhor e Salvador cria e aceitava todo o ensino do Velho Testamento.

Os modernistas não têm direito de alegar que a nova linha é de Cristo. Não é Seu ensino; é deles. O Deus que se nos revelou mediante a Bíblia é Deus santo. Tanto o Novo Testamento como também o Velho Testamento nos dizem que devemos servir "a Deus agradavelmente com reverência e piedade; porque o nosso Deus é um fogo consumidor" (Hebreus 12:29, citando Deuteronômio 4:24). Na verdade o Novo Testamento ensina que no Velho Testamento nos é dada apenas uma pálida noção da santidade, da majestade, da glória e da grandeza de Deus. Lá era apenas uma representação externa. Deus é infinitamente santo. "Deus é luz, e não há nele trevas nenhumas" (1 João 1:5). Deus é reto, Deus é sempre justo. Deus é amor, eu sei, contudo é também todas estas outras coisas; e não há contradição nelas. Todas elas

são uma, e todas estão presentes ao mesmo tempo, e com eterno poder e plenitude, na Deidade. Essa é a revelação das Escrituras. E a idéia de que Deus é Alguém que pode tolerar o pecado e fingir que não o vê, e o acoberta, e perdoa todos os transgressores, e nunca se sente irado e nunca pune ninguém, é, eu o digo, não só negar o Velho Testamento, mas também é negar o Novo Testamento. Foi o Senhor Jesus Cristo quem falou do lugar "onde o seu bicho não morre, e o fogo nunca se apaga" (Marcos 9:44). É Ele que nos fala da separação de ovelhas e cabritos; é Ele que diz a certos homens, "Nunca vos conheci: apartai-vos de mim"; "Apartai-vos de mim para o lugar preparado para o diabo e seus anjos" (cf. Mateus 7:23; 25:41). Nada poderia ser mais monstruoso do que este ensino moderno disfarçar-se servindo-se do nome do Novo Testamento e do nome do Senhor Jesus Cristo. É uma negação da doutrina bíblica sobre Deus, como ela se encontra em ambos

os Testamentos. Deus é um Deus santo, um Deus justo, um Deus reto, que deixou claro que castigaria o pecado e a transgressão, e que o fez muitas vezes, no transcorrer da história. Castigou Seu povo, os filhos de Israel, por suas transgressões; enviou-os em cativeiro; levantou os assírios e os caldeus como Seus instrumentos para castigá-los. O apóstolo Paulo ensina claramente na Epístola aos Romanos (1:18-32) que Deus pune o pecado, e muitas vezes o faz deixando o inundo entregue ao seu mal, à sua iniqüidade. E cada vez fica mais evidente que Ele está fazendo isso na presente hora, sendo que os homens, cegados pela psicologia moderna, não conseguem enxergar isso, pois não entendem a verdade bíblica sobre Deus.

Por que é que o mundo se acha nessa dificuldade? Por que estamos todos, por assim dizer, tremendo quanto ao que irá acontecer em seguida? Por que estamos todos alarmados acerca destes novos e terríveis armamentos e da possibilidade de uma guerra atômica? A explicação, eu opino, é que Deus nos está punindo deixando-nos entregues a nós mesmos, porque nos temos recusado a submeter-nos a Ele e a Suas santas e justas leis. Nosso afastamento do ensino bíblico concernente a Deus, e como conseqüência disso, de todo a verdade revelada sobre disciplina, governo e ordem, resultou na própria punição para a qual os homens se acham tão cegos.

Em quarto lugar, há uma total incapacidade e incompreensão do que o pecado fez ao homem. As idéias modernas de que o homem é fundamental e essencialmente bom, e de que, se você tão-somente extrair e induzir o que nele há de bom, tudo estará bem; de que basta fazer-lhe um apelo, e nunca puni-lo, mas simplesmente você receber pessoalmente a punição, e os transgressores se comoverão com isso e ficarão tão compungidos face ao apelo moral que você lhes está dirigindo, que pararão de agir mal e começarão a comportar-se bem -todas estas idéias, digo eu, são a conseqüência da rejeição da doutrina bíblica sobre o pecado. A simples resposta para essas idéias é que a natureza do homem é má, que, em conseqüência da Queda, o homem é totalmente mau. É um rebelde, é infrator da lei, é governado por forças

perversas e, portanto, é impermeável a todos os apelos que lhe sejam dirigidos.

O mundo moderno está provando isso através de amarga experiência. O método moderno tem sido experimentado durante bom número de anos. Contudo que dizer dos resultados? Problemas que se acumulam - delinqüência juvenil, desordem nos lares, furto, violência, assassinatos, assaltos e toda a sociedade moderna em confusão! À nova teoria foi dado um período de prova de mais de trinta anos, e os problemas resultantes se multiplicam de uma semana para outra e quase de um dia para outro. Mas não se pode esperar outra coisa! O homem não é fundamentalmente bom. "Toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente" (Gênesis 6:5), é a descrição de como eram os homens nos dias anteriores ao Dilúvio. O homem não é uma boa criatura, apenas necessitada de um pouco de estímulo; sua natureza é retorcida, perversa e vil. Ele é rebelde, odeia a luz, ama as trevas; é uma criatura caracterizada pela luxúria e pela paixão. E a falta de reconhecer isto é

responsável por esta desastrosa conceituação moderna.

No entanto, em quinto lugar, há também uma compreensão completamente errônea das doutrinas da expiação e da redenção, bem como da doutrina cardeal da regeneração. Ainda estou por encontrar um pacifista que compreenda a doutrina da expiação! Ainda estou por encontrar um defensor do conceito moderno sobre disciplina e castigo que compreenda a doutrina da expiação. A doutrina bíblica da expiação nos diz que, na cruz do Calvário, o justo, o santo e reto Deus estava punindo o pecado na pessoa do Seu próprio Filho, para que fosse "justo e justificador daquele que tem fé em Jesus" (Romanos 3:25-26). "O Senhor fez cair sobre ele a iniqüidade de nós todos" (Isaías 53:6). "Àquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus" (2 Coríntios 5:21). "Pelas suas feridas fostes sarados" (1 Pedro 2:24). "Ao Senhor agradou moê-lo" (Isaías 53:10). A justiça e a retidão de Deus exigiam isso, a ira de Deus sobre o pecado insistia nisso. Todavia é aí que vemos verdadeiramente o amor de Deus, amor tão grande que a ira se derramou sobre o Seu próprio Filho, com toda a Sua inocência, para que eu e você pudéssemos ser resgatados e libertados. Mas os modernistas não compreendem a expiação, ou não crêem nela. Não vêem nada, senão sentimentalidade na cruz; vêem soldados cruéis dando cabo do Filho de Deus que, não obstante, sorri para eles e diz: "Eu vos perdoo, apesar do que me fizestes."

Isso é o que eles dizem; mas a Bíblia não ensina isso. Ela está repleta de ensinamentos concernentes a ofertas e sacrifícios queimados, sobre a necessidade de derramamento de sangue sacrificial, declarando que "sem derramamento de sangue não há remissão (de pecados)" (Hebreus 9:22). Esse é o ensino do Velho e do Novo Testamentos, e esta idéia moderna é uma completa negação desse ensino. A

necessidade de punição é ensinada de capa a capa; e vemos isto em sua expressão suprema na cruz do monte Calvário.

Tomemos, por outro lado, a doutrina da regeneração. Se o homem fosse essencialmente bom, não precisaria "nascer de novo", não precisaria da regeneração. Entretanto, a regeneração é uma doutrina central na Bíblia; nossa única esperança está em que sejamos feitos "participantes da natureza divina". Assim, este novo ensino é uma negação das doutrinas bíblicas fundamentais e, apesar disso, ele vem e se mascara, apresentando-se em nome do cristianismo. O ensino bíblico é que enquanto a pessoa não estiver "sob a graça", terá que ser mantida "sob a lei", para que o pecado e o mal sejam mantidos dentro de certos limites. E foi o que Deus fez! Quem designou os magistrados? Deus! Leiam Romanos capítulo 13.0 magistrado, diz-nos essa passagem, "não traz debalde a espada". Quem designou os reis e governantes? Deus! Quem designou os Estados? Deus. Para manter o pecado e o mal dentro de certos limites. Se Ele não tivesse feito isso, o mundo teria apodrecido e virado pó há séculos. Deus instituiu a lei devido à natureza pecaminosa do homem, e para restringir e proteger do mal o homem até quando ele viesse a estar "sob a graça". Foi Deus que, nos dias de Moisés, deu a lei, e a deu por essa razão. E obviamente, se a lei

há de ser eficaz, precisa conter sanções. Não haveria utilidade em ter-se uma lei se, quando um homem fosse preso em nome da lei, imediatamente lhe dissessem: "Ora, não se preocupe; nós o prendemos, mas não haverá punição". Haveria eficácia nisso?

Há certamente uma ilustração contemporânea que deveria satisfazer nossas mentes, quanto a esta questão. Considerem a matança que está sendo feita nas estradas. Que é que está sendo feito a respeito? As autoridades estão fazendo apelos, divulgando documentários, introduzindo novos regulamentos, conseguindo que o rádio e a televisão fiquem repetindo advertências, principalmente antes da Páscoa e do Natal. Mas, estas coisas produzem algum efeito? Muito pouco! Por que? Porque o homem é um rebelde, porque ele é naturalmente um transgressor da lei. Há somente um modo pelo qual o Estado pode lidar com este problema, a saber, pela punição dos transgressores. Essa é a única linguagem que eles podem entender. O pecado nunca entendeu outro tipo de linguagem. Vá ao transgressor com um espírito de suave moderação, e ele se aproveitará de você. O governo britânico experimentou esse método com Hitler; isso foi, do apaziguamento. Se conseguimos ver que foi um método errado ali, por que não conseguimos ver que é errado com todos os outros indivíduos? Não há propósito em fazer apelos em termos de suave apazi - guamento a homens que são maus e que são governados pela luxúria e pela paixão.

O ensino bíblico é que tais pessoas precisam ser punidas, e devem sentir sua punição. Se não derem ouvidos à lei, então devem ser-lhes aplicadas as sanções da

lei, Quando Deus outorgou Sua lei, fê-la acompanhar de sanções que deveriam ser aplicadas em seguida à transgressão. Quando a lei era quebran-tada, as sanções eram executadas. Deus não outorgou uma lei dizendo que a desobediência às suas exigências não tem importância. Deus põe em execução a Sua lei. E quando examinamos a história da Inglaterra, para não ampliar o campo, sempre veremos que os períodos mais disciplinados e mais gloriosos dessa história foram os períodos imediatamente subseqüentes a uma reforma religiosa. Vejam o período elisabetano, logo em seguida à Reforma Protestante, quando os homens trouxeram de volta a Bíblia - O Velho e o Novo Testamentos - e a puseram em prática, aplicando suas leis. O período de Elizabeth 1, o período de Cromwell e o período que se seguiu ao Despertamento Evangélico do século dezoito ilustram o princípio bíblico. O ensino bíblico é que, uma vez que o homem é uma criatura decaída, posto que é um pecador e um rebelde, visto que é uma criatura marcada pela luxúria e pela paixão e por elas governada, forçosamente tem que ser restringida, tem que ser mantida debaixo de regras. O princípio aplica-se igualmente aos menores e aos adultos que se façam culpados de má conduta e delito, e de afastamento das leis do país e da lei e de Deus. Experimentem algum outro método, e terão um retomo ao caos, como já estamos começando a sentir. O ensino bíblico, fundado no caráter de Deus e em Seu Ser, e reconhecendo que o homem se acha num estado de pecado, exige que a lei seja imposta a fim de que o homem seja levado a ver e a conhecer

a Deus; e depois, para que seja introduzido na graça; de modo que, finalmente, ele venha a assimilar e obedecer a lei superior sob a qual terá prazer em agradar a Deus e em honrar e cumprir Seus santos mandamentos.

Devemos, pois, partir do princípio de que o ensino de toda a Bíblia é que deve existir disciplina, deve existir castigo. Isso, no entanto, nos deixa com esta interrogação: como, exatamente, essa punição deve ser aplicada, e particularmente no lar cristão? E é aí que o nosso texto é tão importante. Devemos exercer disciplina, mas não devemos “provocar a ba a nossos filhos”. Há um modo errado e um modo certo de exercer disciplina, e a nossa preocupação a segub será descobrir o método certo, o método verdadeiro, o método bíblico de exercer a disciplina que nos é ordenada pela santa lei de Deus. O conceito moderno, embora às vezes se arrogue o nome de Cristo, é uma negação de todas as doutrinas básicas e fundamentais da fé cristã. Não é de admirar que pessoas incrédulas o estejam defendendo em alto e bom som, com relação à pena capital, à guerra, à educação, à reforma dos cárceres, e a muitas outras coisas. Não admba, digo, que o estejam defendendo, porque não esperamos delas um entendimento bíblico e cristão. Mas o cristão precisa ter, deve ter esse entendimento.

DISCIPLINA COM EQUILÍBRIO Efésios 6:1-4

Chegamos agora à questão de como exercer a disciplina. O apóstolo trata disso, em particular, neste versículo quatro. Não há dúvida quanto à necessidade da disciplina, e de que ela deve ser imposta. Mas, como fazê-lo? É aí que muitas vezes se formou grande confusão. Já concordamos que, fora de questão, nossos avós vitorianos erraram nesse ponto e que com freqüência não exerciam disciplina de maneira certa e bíblica. Também vimos que o que temos hoje é, em grande parte, uma violenta reação contra aquilo. Isso não justifica a situação atual, porém nos ajuda a compreendê-la. O importante é que não devemos cair no erro de voltar da situação atual para o outro extremo, igualmente errado, E aqui, se tão somente seguirmos as Escrituras, teremos um conceito equilibrado. A disciplina é essencial e deve ser imposta; no entanto o apóstolo nos exorta a sermos cuidadosos quanto à maneira de exercê-la, porque poderemos causar mais dano do que benefício, se não o fizermos do modo certo,

É claro que, em geral, há pouca necessidade deste ensino na época atual porque, como venho indicando, o problema hoje é que as pessoas não acreditam em nenhuma disciplina. Portanto, há pouco necessidade de dizer-lhes que não exerçam disciplina de maneira errônea. Temos de instar com o homem moderno a reconhecer a necessidade de disciplina e a pô-la em prática. Mas na esfera da Igreja - e talvez na esfera das igrejas cristãs evangélicas em particular, e especialmente nos Estados Unidos da América - o que o apóstolo diz neste versículo quatro será cada vez mais necessário. É da seguinte maneira que surge essa necessidade. O perigo sempre presente é o de reagir violentamente. É sempre errado quando a nossa atitude é determinada por outra atitude que consideramos errada. Nosso conceito nunca deve ser resultante de uma reação meramente negativa. Este princípio vale não somente com respeito a este assunto particular, e sim também em muitos aspectos e departamentos da vida. Muitíssimas vezes deixamos que a nossa atitude seja governada e determinada por algo errôneo. Permitam-me apresentar uma ilustração atual desta tendência. Há cristãos, em certas partes do mundo, que estão reagindo tão violentamente a um tipo errôneo de fundamentalismo dos dias atuais que estão quase perdendo seu conhecimento das doutrinas cristãs essenciais. É seu aborrecimento com alguma coisa errada que determina a posição deles. Isso é sempre errado. Nossa posição deve ser positivamente determinada pelas Escrituras. Não devemos ser apenas reacionários. E nesta questão particular de disciplina no lar, e das crianças, há o perigo real de que bons cristãos evangélicos, bíblicos, tendo visto

claramente que a atitude moderna é inteira e completamente errada, e estando determinados a não aceitá-la, partam para o outro extremo e retrocedam à antiga idéia vitoriana. Portanto, eles têm necessidade da exortação que encontramos nestes versículos desta epístola.

O apóstolo divide o seu ensino em duas seções, negativa e positiva. Este problema ele diz que não se limita aos filhos; os pais e as mães também têm que ter cuidado.

Negativamente, ele lhes diz: “Não provoqueis a ira a vossos filhos”. Positivamente, diz: “Mas criai-os na doutrina e na admoestação do Senhor”. Na medida em que nos lembrarmos dos dois aspectos, tudo irá bem.

Começamos com a negativa: “Não provoqueis a ira a vossos filhos”. Estas palavras podem ser traduzidas, “não exaspereis vossos filhos, não irriteis vossos filhos, não provoqueis vossos filhos, levando-os a ficarem ressentidos”. Esse é um perigo muito real quando exercemos a disciplina. E se cometermos esse erro, faremos muito mais mal do que bem. Não teremos sucesso na aplicação da disciplina aos nossos filhos, só produzindo neles tão violenta reação, tanta ira e ressentimento, que a situação será quase pior do que se não praticarmos disciplina alguma. Todavia, como vimos, ambos os extremos são complem-tamente errôneos. Noutras palavras, devemos exercer esta disciplina de maneira tal, que não irritemos nossos filhos, não os provoquemos levando-os a um ressentimento pecaminoso. Exige-se de nós que mantenhamos o equilíbrio.

Como fazê-lo? Como os pais devem exercer esta disciplina? E não somente os pais, mas também os professores e todo aquele que têm a incumbência de dirigir os mais novos. Mais uma vez devemos retomar ao capítulo 5, versículo 18. “E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito.” A chave é sempre essa. Quando estávamos tratando desse versículo, vimos que a vida vivida no Espírito, a vida do homem cheio do Espírito, é sempre caracterizada por duas coisas importantes - poder e domínio. É um poder disciplinado. Lembrem-se de como Paulo o expressa, escrevendo a Timóteo: “Porque Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor, e de moderação (de disciplina)” (2 Timóteo 1:7). Não um poder descontrolado, mas um poder controlado pelo amor e pela moderação, pela disciplina! É sempre essa a característica da vida daquele que é “cheio do Espírito”.

Noutras palavras, o cristão é completamente diferente do homem que se acha sob a influência do vinho, do homem embrutecido pelo vinho. Há sempre excesso ou contenda nesse caso, e o homem reage violentamente. Pode-se irritar facilmente um ébrio e provocá-lo, levando-o a uma reação violenta. Falta-lhe equilíbrio, falta-lhe juízo, ofende-se por qualquer trivialidade e, por outro lado, fica contente em demasia com coisas triviais. Invariavelmente peca por reação excessiva. O cristão, porém, diz o apóstolo, sempre deve manifestar a antítese desse tipo de comportamento.

Então, como devo exercer a disciplina? “Não provoqueis a ira a vossos filhos.” Este deve ser o primeiro princípio a governar a nossa açãç>. Seremos incapazes de exercer a verdadeira disciplina, se primeiro não formos capazes de

exercer domínio próprio e de disciplinar o nosso gênio. O problema com o homem “cheio de vinho” é que ele não pode dominar-se; ele é dominado por seus instintos e

paixões, e por sua natureza inferior. O álcool põe fora de ação os centros mais elevados do cérebro, incluindo-se o senso de autodomínio. O álcool é uma dessas drogas depressivas que eliminam as mais refinadas capacidades de discriminação do cérebro, os centros mais elevados, dando como resultado que os fatores instintivos, elementares, ganhem expressão. É o que acontece com o homem cheio de vinho; daí seus excessos e sua falta de domínio próprio. Entretanto os cristãos são cheios do Espírito, e as pessoas cheias do Espírito sempre são caracterizadas pelo domínio próprio. Quando você for disciplinar um filho, terá que dominar-se primeiro a si próprio. Se tentar disciplinar seu filho quando você estiver de mau humor, é certo que fará mais malefício do que benefício. Que direito terá de dizer ao filho que ele precisa de disciplina, quando evidentemente você mesmo precisa dela?
O domínio próprio, o domínio do gênio, é um requisito essencial para podermos comandar outros. Mas o problema é esse, não é? Vemos isso nas ruas, em toda parte. Vemos pais aplicando castigo com raiva, muitas vezes a tremer de irritação. Não têm domínio próprio, e o resultado é que acabam exasperando o filho. Assim, o primeiro princípio é que devemos começar por nós mesmos. Precisamos estar certos de que estamos tendo domínio próprio, de que estamos calmos. Seja o que for que tenha acontecido, seja qual for a provocação, não devemos reagir com violência similar à do bêbado; é preciso haver esta disciplina pessoal, este autodomínio que habilita o homem a examinar a situação objetivamente e a lidar com ela de maneira equilibrada e bem controlada. Como isto é importante! As nações precisam aprender justamente esta lição. Suas conferências fracassam porque os homens se portam como crianças, ou pior; não se dominam, reagem violentamente. Esta condição de “embriaguez”, estas reações violentas, são uma causa da guerra. São as causas principais de todos os fracassos da vida - no casamento, no lar e em todas as outras esferas. Todavia, em lugar nenhum esta lição é mais importante do que na área da disciplina aplicada aos nossos filhos.

Em certo sentido, o segundo princípio decorre do primeiro. Se cabe ao pai aplicar esta disciplina da maneira certa, ele jamais deverá agir caprichosamente. Não há nada mais irritante para quem está se submetendo à disciplina do que a percepção de que a pessoa que a está ministrando é caprichosa e incerta. Não há nada mais aborrecido para um filho do que o tipo de pai cujos sentimentos e atos nunca podem ser previstos, pessoa variável, cujas condições pessoais são sempre incertas. Não há pior tipo de pai do que aquele que, um dia, com temperamento bondoso, é indulgente e deixa o filho fazer quase tudo que quer, contudo no dia seguinte fuzila de raiva se o filho mal chega a fazer alguma coisa. Isso toma a vida impossível para o filho. Uma atitude excêntrica do pai é, de novo, indicativa da condição de quem está “cheio de vinho”. As reações de um homem embriagado são imprevisíveis; não se pode dizer se ele vai mostrar-se jovial ou com mau gênio; ele não é governado pela razão, não tem

domínio próprio, não tem equilíbrio. Tal pai, tomo a dizê-lo, não exerce uma

disciplina verdadeira e proveitosa, e a situação do filho fica impossível. Este é provocado e irritado, vindo a irar-se, e perde todo o respeito pelo pai.

Estou me referindo não somente a reações temperamentais, e sim também à conduta. O pai que não é coerente em sua conduta não pode exercer disciplina no caso do filho. O pai que faz uma coisa hoje e o contrário amanhã, não é capaz de ministrar boa disciplina. Tem que haver coerência, não somente na reação, mas também na conduta e no comportamento do pai; precisa haver um padrão quanto à vida do pai, pois o filho está sempre observando e vigiando. No entanto, se o filho vê que o pai é variável e que faz exatamente aquilo que proíbe ao filho, de novo não se pode esperar que o filho se beneficie com qualquer disciplina ministrada por um tal pai. Não pode haver nada de variável, caprichoso, incerto ou inconstante nos pais, se é que estes querem exercer disciplina.

Outro princípio muito importante é que os pais nunca devem ter a mente e os ouvidos fechados para os argumentos do filho. Não há nada que aborreça tanto aquele que está sendo disciplinado como a percepção de que todo o procedimento é completamente irracional. Noutras palavras, é um pai totalmente mau aquele que não se dispõe a levar em consideração quaisquer circunstâncias, ou que não quer ouvir nenhuma explicação concebível. Alguns pais e mães, em seu desejo de exercer disciplina, são propensos a tomar-se inteiramente irracionais, e eles mesmos podem estar equivocados. O relato que receberam a respeito do filho pode ser errôneo, ou podem existir circunstâncias peculiares que eles ignoram; porém ao filho não é dada permissão nem sequer para expor a sua situação ou para dar algum tipo de explicação. Naturalmente se pode ver que o filho poderá tirar proveito disso. O que estou dizendo é que jamais devemos ser irracionais. Deixe que o filho dê a sua explicação e, se não for uma explicação verdadeira, castigue-o por isso, bem como pelo ato particular que constitui a transgressão visada. Mas, negar-se a ouvi-lo, proibir toda espécie de réplica, é indesculpável.

Este princípio nos fica claro quando vemos um Estado portando-se mal. Não nos agrada um Estado policial, temos orgulho da Lei do Habeas Corpus neste país, lei que declara que é um grave mal manter um homem na prisão sem lhe conceder um julgamento. Somos eloqüentes sobre isto, porém muitas vezes fazemos exatamente a mesma coisa em nossos lares. Não é dada ao filho nenhuma oportunidade para expor o seu caso, nem por um momento a razão tem vez na situação, recusamo-nos a sequer admitir a possibilidade de que haja alguma explicação a respeito da qual até então nada ouvimos. Tal conduta é sempre errada; é provocar a ira a nossos filhos. Com todo a certeza, isso vai exasperá-los e irritá-los, levando-os a um estado de rebelião e antagonismo.

No entanto, há outro princípio a considerar - o pai nunca deve ser egoísta. “Pais, não provoqueis a ira a vossos filhos.” Isto acontece às vezes devido ao puro e simples

egoísmo dos pais. Minha denúncia visa aquelas pessoas que não reconhecem que o filho tem sua própria vida e sua própria personalidade, e que parecem achar que os filhos são inteiramente para o prazer delas ou para o seu

uso. Têm uma noção essencialmente falsa da paternidade e do que ela significa. Não entendem que são apenas tutores e guardiães destas vidas que nos são entregues, que não somos seus donos, que elas não nos "pertencem", que não são "mercadorias" ou "bens", que não temos direitos absolutos sobre elas. Mas há muitos pais que se comportam como se tivessem esse direito de propriedade; e a personalidade do filho não recebe nenhum reconhecimento. Não há nada mais deplorável ou repreensível do que um pai dominador. Refiro-me ao tipo de pai ou mãe que impõe a sua personalidade ao filho, e que está sempre esmagando a personalidade do filho; o tipo de pai ou mãe que exige tudo e tudo espera do filho. Geralmente estes pais são descritos como possessivos. Sua atitude é sumamente cruel e, infelizmente, pode persistir na vida adulta dos filhos.

Algumas das maiores tragédias que encontrei em minha experiência pastoral eram resultantes disso. Conheço muitas pessoas cujas vidas foram totalmente arruinadas por pais egoístas, possessivos, dominadores. Conheço muitos homens e muitas mulheres que nunca se casaram por esta razão. Fizeram com que eles se sentissem criminosos só por pensarem em deixar pai e mãe; tiveram que dedicar a vida toda aos pais. Por que teriam vindo ao mundo, senão para isso? Não lhes fora permitido ter sua vida própria, independente, nem desenvolver a sua personalidade; um pai despótico ou uma mãe dominadora esmagara a vida, a individualidade e a personalidade do filho ou da filha. Isso não é disciplina; é tirania do tipo mais repugnante, e uma contradição do claro e simples ensino das Escrituras. É totalmente indesculpável e, à medida que oprime a personalidade do filho, produz ressentimento. Como evitá-lo? Estejamos certos de que estamos completamente livres disso. "E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda." O bêbado só pensa em si, seu único interesse é sua própria satisfação. Se pensasse nos outros, nunca se embriagaria, porque bem sabe que isso os faz sofrer. A embriaguez é uma manifestação de egoísmo, é auto-indulgência consumada. Não devemos ter esse espírito com respeito a coisa nenhuma, e particularmente nesta relação sumamente delicada entre pais e filhos.

Contudo, repito: a punição, a disciplina, jamais deverá ser ministrada de maneira mecânica. Há gente que acredita na disciplina pela disciplina. Esse não é o ensino bíblico, mas sim a filosofia do sargento instrutor. Não há nada que dizer a favor dela; não tem nada de inteligente! Isso é o que há de horrível com tal disciplina. No Exército e nas outras forças armadas a disciplina é pouco ou nada inteligente; é feita em termos de números, e a personalidade não é levada em conta. Pode ser que essa forma de disciplina seja necessária lá, porém quando penetra na esfera do lar, é imperdoável. Noutras palavras, é preciso haver uma razão para aplicar-se a

disciplina de maneira correta e genuína; não deve ser aplicada de maneira mecânica. Sempre deverá ser inteligente; sempre deverá existir uma razão para a sua aplicação, e essa razão deve ser exposta com simplicidade e clareza. Nunca deve ser aplicada à semelhança de alguém que aperta um botão, e espera o resultado inevitável. Isso não é disciplina ver-

dadeira; nem humana é. Pertence aos domínios da mecânica. Mas a disciplina verdadeira sempre se baseia no entendimento; tem mensagem própria; tem explicação para dar.

Observem que em todo o transcurso do nosso estudo, estamos vendo que é necessário atingir um equilíbrio. Ao criticarmos o conceito moderno que não reconhece nenhuma disciplina, observamos que ele parte do pressuposto de que tudo que se tem que fazer é dar explicações e fazer apelos, e tudo estará bem. Vimos claramente que esse conceito não é válido, nem na teoria, nem na prática; todavia, é igualmente errado arrojar-se para o outro extremo e dizer: "Isto tem que ser feito porque eu mando. Não há nada que perguntar, e não será dada nenhuma explicação." A disciplina cristã, equilibrada, nunca é mecânica; é sempre dinâmica, é sempre pessoal, é sempre compreensível e, acima de tudo, é sempre altamente inteligente. Sabe o que faz e nunca peca por excesso. Não perde o domínio próprio, não é uma espécie de cachoeira a derramar-se de maneira descontrolada e violenta. Há sempre este fator inteligente e compreensível no âmago e no centro da verdadeira disciplina.

Isso leva inevitavelmente ao sexto princípio. A disciplina nunca deve ser demasiado severa. Aí talvez esteja o perigo que confronta muitos bons pais atualmente, quando vêem a rebeldia generalizada que os cerca, e a lamentam e a condenam. Correm o perigo de influenciar-se tão intensamente por sua revolta, que vão direto ao outro extremo e se tomam severos demais. O oposto da ausência de disciplina não é a crueldade, e sim a disciplina equilibrada, controlada. Um antigo adágio nos fornece a regra e a lei fundamentais acerca de toda esta matéria. É que "a punição deve ser proporcional ao crime." Noutras palavras, devemos ter o cuidado de não aplicar a punição máxima a todas as transgressões, grandes ou pequenas. Isto simplesmente eqüivale a dizer de novo que a punição não deve ser mecânica; pois se a punição dada for desproporcional ao mau comportamento, ao crime, ou seja ao que for, não pode ser boa. Inevitavelmente dará à pessoa punida uma sensação de injustiça, um sentimento de que a punição é tão severa, tão fora de proporção com o mal praticado, que constitui um ato de violência, não de correção saudável. Isso inevitavelmente produz esta "ira" de que o apóstolo fala. O filho se irrita e acha que a punição é irracional. Embora talvez esteja disposto a admitir alguma culpa, ele está seguro de que a culpa não foi tão grave para merecer aquilo tudo. Para expressá-lo doutro modo, jamais devemos humilhar outra pessoa. Se ao punir ou ministrar disciplina ou correção cometermos o erro de humilhar o filho, é

claro que nós mesmos precisaremos ser disciplinados. Nunca humilhemos ninguém! Certamente devemos castigar, se necessário, mas que seja uma punição razoável, baseada no entendimento. E nunca o façamos de modo que o filho pense que está sendo espezinhado e completamente humilhado em nossa presença, e pior ainda, na presença de outros.

Tudo isso, bem sei, pode ser muito difícil; porém, se somos "cheios do Espírito", faremos bom julgamento nestas questões. Aprenderemos que nossa ministração da disciplina jamais deverá ser apenas um meio de aliviar nossas

tensões emocionais. Isso é sempre errado; e nunca devemos deixar-nos governar pelo prazer de punir; tampouco, como já salientei, devemos pisar na personalidade e na vida do indivíduo com quem estamos lidando. O Espírito nos admoesta a sermos extremamente cuidadosos neste ponto. No momento em que a personalidade é posta para fora e esta rígida, dura e áspera idéia de punição entra, somos culpados das coisas contra as quais Paulo nos adverte. Então estaremos irritando e provocando a ira a nossos filhos, e os estaremos tornando rebeldes. Perderemos o respeito deles e os faremos pensar que estão senso maltratados; um senso de injustiça se inflamará dentro deles, e acharão que estamos sendo cruéis. Isso não beneficia nenhuma das partes e, portanto, jamais deveremos tentar aplicar disciplina desse modo.

Assim chegamos àquilo que, de muitas maneiras, é a última das nossas considerações em termos negativos. Nunca devemos deixar de reconhecer o crescimento e o desenvolvimento dos nossos filhos. Este é outro alarmante defeito paterno que, graças a Deus, não se vê hoje com tanta freqüência como antigamente. Ainda existem, no entanto, alguns pais que continuam a considerar os seus filhos a vida toda como se nunca tivessem saído da meninice. Os filhos podem ter vinte e cinco anos de idade, mas são tratados como se tivessem cinco. Esses pais não reconhecem que esta pessoa, este indivíduo, este filho que Deus lhes deu por Sua graça, é alguém que está crescendo e se desenvolvendo e amadurecendo. Não reconhecem que a personalidade do filho está florescendo, que ele está obtendo conhecimento, que sua experiência está se alargando, e que o filho está se desenvolvendo como acontecera com eles próprios. Isso é de particular importância no estágio da adolescência; daí, um dos maiores problemas sociais de hoje é o que está relacionado com o manejo e o tratamento do adolescente. É o problema das escolas dominicais, como também das escolas diárias. Os professores da escola dominical atestam que têm pouca dificuldade enquanto as crianças não chegam à adolescência, mas que, aí, tendem a perdê-las. Os pais acham a mesma coisa. Este período da adolescência é, notoriamente, a idade mais difícil, pela qual todos têm que passar e, portanto, precisa de graça especial, compreensão, e do mais cuidadoso manejo.

Como pais, nunca deveremos ser culpados de não reconhecer este fator, e temos que

procurar ajustar-nos a ele. Pelo fato de você poder dominar o seu filho, digamos até à idade de nove ou dez anos, não deve dizer: "Vou continuar agindo assim, dê no que der. A vontade dele tem que ser dobrada pela minha. Não me importa o que ele sinta, ou o que ele entenda, as crianças sabem muito pouca coisa, de modo que continuarei a impor-lhe a minha vontade". Pensar e agir assim significa que certamente você provocará a ira a seu filho e, com isso, irá causar-lhe grande dano. Irá causar-lhe dano psicológico, e até poderá causar-lhe dano físico. Criará nele vários tipos de enfermidades psicossomáticas, tão comuns nos dias atuais. Essa espécie de comportamento por parte dos pais é prolífico na produção desses efeitos e resultados. Nunca deveremos ser culpados desse erro.

"Como evitarei todos estes males?", você perguntará. Uma boa regra é

que nunca devemos impingir nossas idéias em nossos filhos. Até certa idade é certo e bom ensinar-lhes certas coisas e insistir nelas, e não haverá dificuldade nisso, se for feito corretamente. Eles até gostarão disso. Mas depressa chegarão a uma idade em que começarão a ouvir conceitos e idéias dos seus amigos, provavelmente na escola ou noutras agremiações. É quando a crise começa a desabrochar. Todo o instinto dos pais leva-os, muito acertadamente, a proteger o filho, porém, outra vez, isso pode ser feito de tal maneira que causa mais dano do que benefício. Se você der ao filho a impressão de que ele tem que acreditar nestas coisas simplesmente porque você acredita nelas, e porque seus pais também acreditavam, inevitavelmente criará uma reação. E antibíblico agir assim. E não somente é antibíblico, mas também põe à mostra uma triste falta de compreensão da doutrina neotestamentária da regeneração.

Surge neste ponto um importante princípio que se aplica não somente a esta esfera, mas também a muitas outras. Constantemente estou tendo que dizer a pessoas que se tomaram cristãs e cujos entes queridos não são cristãos, que tenham muito cuidado. Eles mesmos vieram a enxergar a verdade cristã, e não podem entender por que estes outros membros da família - marido, esposa, pai, mãe, ou filho - não a enxergam. Toda a tendência desses cristãos é de impacientar-se com eles e de forçá-los à fé cristã, de impingir neles sua crença. De modo nenhum se deve fazer isso. Se a pessoa em questão não foi regenerada, não poderá exercer fé. Precisamos ser "vivificados", antes de podermos crer. Quando a pessoa está morta "em ofensas e pecados" (Efésios 2:1), não pode crer; portanto, não se pode impingir fé nos outros. Eles não enxergam a verdade, não podem compreendê-la. "Ora, o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente" (1 Coríntios 2:14). Muitos pais caíram neste erro justamente neste ponto. Tentaram arrastar seus filhos, no estágio do adolescência, para a fé cristã; tentaram impingir-lhes seus conceitos, tentaram compeli-los a dizerem coisas nas quais na verdade não criam. Este método é sempre errado.

“Bem, o que se pode fazer?”, serei interrogado. Nosso interesse é tentar ganhá-los, é tentar mostrar-lhes a excelência e a racionalidade do que somos e do que cremos. Devemos ser muito pacientes com eles e tolerar as dificuldades que apresentam. Eles têm os seus problemas, embora estes não signifiquem nada para você. Contudo, para eles esses problemas são muito reais. Toda a arte de exercer disciplina está em reconhecer esta outra personalidade o tempo todo. Você deve colocar-se no lugar do seu filho, por assim dizer, e com real simpatia, amor e compreensão tentar ajudá-lo. Se os filhos recusarem e rejeitarem os seus esforços, não reaja violentamente, mas faça-os perceber que você sente muito, que você se entristece por amor deles, e que você acha que algo muito precioso está se perdendo. E, ao mesmo tempo, deve fazer-lhes tantas concessões quantas puder. Não deve ser duro e rígido, não deve negar-lhes nada automaticamente sem qualquer razão, simplesmente porque é o pai e este é seu método e seu modo de agir. Ao contrário, deve preocupar-se em fazer toda legítima

concessão que puder, ir tão longe quanto puder em matéria de concessão, mostrando com isso que você respeita a personalidade e a individualidade do seu filho. Isso, em si e por si, é sempre bom e certo, e sempre redundará em benefício.

Permitam-me resumir a minha argumentação. A disciplina deve ser sempre praticada com amor, e se você não puder praticá-la com amor, não tente aplicá-la de modo nenhum. Nesse caso, terá necessidade de tratar de si próprio primeiro. O apóstolo já nos disse que devemos falar a verdade com amor, num sentido mais geral, porém exatamente a mesma coisa aplica-se aqui. Fale a verdade, mas com amor. Com a disciplina é precisamente a mesma coisa; deve ser governada e dirigida pelo amor. “E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda (ou “excesso”), mas enchei-vos do Espírito.” Qual é “o fruto do Espírito”? “Caridade (ou “amor”), gozo, paz, longanimidade, benignidade bondade, fé, mansidão, temperança”. Se como pais, estamos cheios do Espírito, e produzimos tal fruto, a disciplina não será grande problema para nós. “Caridade, gozo, paz, longanimidade” - sempre com amor, sempre para o bem do filho. O objetivo da disciplina não é manter o seu padrão ou dizer: “Decidi que tem que ser assim, e assim será”. Você não deve pensar primordialmente em si próprio, e sim no filho. O bem do filho deve ser o seu motivo dominante. Você deve ter um conceito correto da paternidade e considerar o filho como uma vida que Deus lhe deu. Para que? Para guardar para você e moldar segundo o seu modelo, para impor-lhe a sua personalidade? Absolutamente não! Pelo contrário, foi colocado sob os seus cuidados e sob a sua responsabilidade por Deus, para que a alma dele finalmente venha a conhecê-10 e a conhecer o Senhor Jesus Cristo. O filho é uma entidade como você, dada, enviada por Deus a este mundo como você. Assim, você deve olhar para os seus filhos primariamente como almas, e não como você olha para um animal que você possui, ou para certos bens que lhe pertencem. Seu filho é uma alma queDeus lhe deu, e você deve agir como seu tutor e seu depositário.

Finalmente, a disciplina sempre deve ser exercida de modo que leve os filhos a respeitarem seus pais. Nem sempre eles entenderão e, provavelmente, por vezes acharão que não merecem castigo. Entretanto, se somos "cheios do Espírito", o efeito de nossa ação disciplinar será que eles nos amarão e nos respeitarão; e virá o dia em que nos agradecerão por havermos agido assim. Mesmo quando queiram defender-se, haverá alguma coisa dentro deles que lhes dirá que estamos certos. Terão um respeito fundamental pelo nosso caráter. Eles ficam vigiando as nossas vidas; observam a disciplina e o autodomínio que exercemos sobre nós mesmos, e vêem que o que fazemos com eles não é algo caprichoso, que não estamos apenas dando escape às nossas tensões emocionais e procurando alívio. Saberão que os amamos, que estamos interessados em seu bem-estar e em beneficiá-los neste mundo pecaminoso e mau; e assim haverá este respeito, esta admiração, esta apreciação e este amor subjacentes.

"E vós, pais, não provoqueis a ira a vossos filhos." Que tremenda coisa a vida é! Como são maravilhosas todas estas relações - marido, esposa, pais,

filhos! Vemos pessoas no mundo que nos cerca precipitando-se para o casamento e precipitando-se para sair do casamento. Quanto aos filhos, muitos deles não têm a mínima idéia do que a paternidade realmente significa! Para muitos pais os filhos não passam de um estorvo, ora exageradamente mimados, ora severamente punidos; muitas vezes deixados sozinhos em casa enquanto os pais saem para se divertirem; enviados a internatos escolares para que os pais tenham liberdade! Quão pouco se pensa no filho, em seu sofrimento, nas pressões que se exercem sobre a sua natureza sensível! A tragédia disso tudo é que as vidas dessas pessoas não são governadas pelos ensinamentos do Novo Testamento; não são "cheias do Espírito"; não tratam seus filhos como Deus nos trata, em Seu infinito amor, bondade e compaixão. Imagine, se Deus nos tratasse como freqüentemente tratamos nossos filhos! Ah, a longanimidade de Deus! Ah, a paciência de Deus! Ah, a admirável maneira pela qual Ele tolera as nossas maldades como fez com as maldades dos filhos de Israel da antiqüidade! Para mim, não há nada mais admirável que a paciência de Deus, e Sua longanimidade para conosco. Digo ao povo cristão, e a todos quantos de algum modo são responsáveis pela disciplina de crianças e jovens, "haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus" (Filipenses 2:5). E que o mesmo amor esteja também em nós, para que não provoquemos a ira a nossos filhos e, com isso, os envolvamos, e a nós também, em todas as más conseqüências do nosso fracasso.

EDUCAÇÃO CRISTÃ NO LAR Efésios 6:1-4

Já vimos que a exortação do apóstolo, dirigida aos pais, tem duas facetas. Há a faceta negativa a qual nos diz que não devemos fazer nada que exaspere os nosso filhos, que os irrite, que os provoque; e a faceta positiva: "criai-os na doutrina e admoestação do Senhor". Voltemo-nos, pois, agora, para esta faceta positiva da injunção apostólica.

A própria maneira pela qual Paulo coloca a sua exortação é interessante - "criai-os", diz ele, e esse é apenas outro modo de dizer, "edificai-os, educai-os para a maturidade". Noutras palavras, a primeira coisa que os pais têm de fazer é compreender a sua responsabilidade para com os filhos. Como temos acentuado, eles não são nossa propriedade, não pertencem definitivamente a nós, são-nos entregues por Deus por algum tempo. Com que propósito? Não para obtermos o que quisermos deles e usá-los simplesmente para nosso agrado, para gratificar os nosso desejos. Não; o que nos compete é dar-nos conta de que eles precisam ser "edificados", "criados", "educados", "preparados", não somente para a vida deste mundo, e sim especialmente para o estabelecimento de uma correta relação das suas almas com Deus. Estas injunções nos lembram a grandeza da vida; e não há nada mais triste e trágico quanto ao mundo atual do que a incapacidade das multidões para receberem essa grandeza.

Que coisa tremenda é existirmos e vivermos como indivíduos! E quando consideramos a esfera do lar e da família, esse fato se toma mais maravilhoso ainda. Que grande concepção da paternidade e sua função o ensino do apóstolo nos dá! Diz ele que os filhos nos são dados para que os criemos, os edifiquemos e os treinemos como convém. Os jornais nos lembram constantemente o cuidado e a atenção que as pessoas dedicam à criação de diversos tipos de animais. Não é fácil treinar um animal, seja um cavalo ou um cão ou outro qualquer. Requer muito tempo e atenção. É preciso pensar na alimentação, planejar os exercícios, providenciar adequado abrigo; é preciso proteger o animal de vários perigos; e assim por diante. As pessoas pagam grandes quantias, gastam muito tempo e dedicam muito do seu pensamento para a criação e o treinamento de um animal que pode vir a ganhar prêmios nas exposições. Mas às vezes temos a impressão de que muito pouco tempo, cuidado, atenção e pensamento são dedicados à criação dos filhos. Essa é uma importante razão por que o mundo está como está hoje, e por que nos defrontamos com agudos problemas sociais nesta época. Se as pessoas tão somente dedicassem tanta consideração à criação dos seus filhos como dedicam

à criação de animais e ao cultivo de flores, a situação seria muito diferente. Elas lêem livros e ouvem palestras sobre esses assuntos e querem saber exatamente o que precisam fazer. Mas quanto tempo é dedicado à consideração do grande assunto da criação dos filhos? Esta é tomada como coisa sabida, é feita de qualquer maneira, e

as conseqüências são dolorosamente óbvias.

Portanto, se é que havemos de cumprir a injunção apostólica, devemos sentar-nos por um momento e ponderar sobre o que fazer. Quando chega o filho, devemos dizer a nós mesmos: somos os guardiães e os depositários desta alma. Que terrível responsabilidade! Nos negócios e nas profissões os homens estão bem cientes da grande responsabilidade que pesa sobre eles quanto às decisões que têm de tomar. Todavia, estarão eles cientes da responsabilidade infinitamente maior que eles têm com respeito aos seus próprios filhos? Dedicarão a isso a mesma soma de tempo, pensamento e atenção - para não dizer ainda mais tempo? Pesará tanto essa responsabilidade sobre eles como a que sentem quanto a estas outras áreas? O apóstolo nos concita a considerarmos esta como a maior atividade da vida, a maior coisa que existe para manejar e negociar.

O apóstolo não pára ai: "... criai-os", diz ele, "na doutrina e admoestação do Senhor". Os dois vocábulos que ele utiliza são carregados de interesse. A diferença entre eles é que o primeiro, "doutrina" (ou "educação" ou "ensino"), é mais geral do que o segundo. É a totalidade do ensino, da instrução, da criação do filho. Portanto, inclui a disciplina geral. E, como todas as autoridades concordam em assinalar, sua ênfase recai nas ações. O segundo vocábulo, "admoestação", refere-se mais às palavras ditas. "Doutrina" é mais geral e inclui tudo o que fazemos pelas crianças. Inclui em geral todo o processo de cultivo da mente e do espírito, a moralidade e o comportamento moral, a personalidade completa da criança. Essa é a nossa tarefa. É olhar pela criança, cuidar dela, protegê-la. Já encontramos esse termo quando estivemos tratando da relação de maridos e esposas, onde nos foi dito que o Senhor "alimenta e sustenta" a Igreja (ou "alimenta a Igreja e dela cuida", Efésios 5:29). "Porque nunca ninguém aborreceu a sua próprio carne; antes a alimenta e sustenta, como também o Senhor à Igreja." Aqui nos é dito que façamos a mesma coisa quanto aos nossos filhos.

A palavra "admoestação" tem praticamente o mesmo sentido que "doutrina" exceto que dá maior ênfase ao falar. Assim, há dois aspectos desta matéria. Primeiro temos que tratar da conduta e do comportamento gerais, das coisas que temos que realizar mediante ações. Depois, em acréscimo, há certas admoes-tações que devem ser dirigidas ao filho, palavras de exortação, palavras de encorajamento, palavras de reprovação, palavras de censura. O termo empregado por Paulo inclui todas estas coisas; na verdade inclui tudo o que dizemos aos filhos em palavras reais, quando estamos definindo posições e indicando o que é certo e o que é errado, animando, exortando, e assim por diante. Esse é o sentido da palavra "admoestação".

Os filhos devem ser criados "na doutrina e na admoestação" - e em seguida vem o acréscimo mais importante - "do Senhor": "doutrina e admoestação do

Senhor". É aí onde os pais cristãos, engajados em seus deveres para com os seus

filhos, estão numa categoria completamente diferente de todos os outros pais. Noutras palavras, este apelo dirigido aos pais cristãos não eqüivale simplesmente a exortá-los a criarem os seus filhos em termos da moralidade geral ou das boas maneiras ou de uma conduta recomendável em geral. Naturalmente isso está incluído; todos devem fazê-lo; os pais não cristãos devem fazê-lo. Devem estar preocupados com boas maneiras, com boa conduta em geral, com a fuga do mal; devem ensinar seus filhos a serem honestos, cumpridores do dever, respeitosos, e tudo mais. Essa é somente a moralidade comum, e o cristianismo não partiu daí. Mesmo escritores pagãos, interessados na boa ordem da sociedade, sempre exortaram os seus semelhantes a ensinar esses princípios. A sociedade não pode sobreviver sem um mínimo de disciplina, lei e ordem, em todos os níveis e em todas as idades. O apóstolo, porém, não está se referindo somente a isso; diz ele que os filhos dos cristãos devem ser criados "na doutrina e admoestação do Senhor".

É neste ponto que o pensamento e o ensino peculiar e especificamente cristãos devem entrar. Em primeiro lugar, nas mentes dos pais cristãos sempre deve estar a idéia de que os filhos precisam ser criados no conhecimento do Senhor Jesus Cristo como Salvador e como Senhor. Essa é a tarefa peculiar para a qual somente os pais cristãos são chamados. Esta não é somente a sua tarefa suprema; seu maior desejo, sua maior ambição quanto aos seus filhos deve ser que eles venham a conhecer o Senhor Jesus Cristo como seu Salvador e como seu Senhor. Seria esta a nossa maior ambição com respeito aos nossos filhos? Isto vem em primeiro lugar? Queremos que venham a "conhecer Aquele a quem conhecer é a vida eterna", que O conheçam como Seu Salvador e que O possam seguir como seu Senhor? "Na doutrina e admoestação do Senhor!" São estes, pois, os termos empregados pelo apóstolo.

Chegamos agora à questão prática sobre como se deve fazer isto. Aqui, de novo, está uma questão que requer a nossa mais urgente atenção. Na própia Bíblia há abundante ênfase posta no treinamento dos filhos. Tomem, por exemplo, certas palavras que se acham no capítulo seis de Deuteronômio. Moisés tinham chegado ao fim da vida, e os filhos de Israel estavam prestes a entrar na terra prometida. Ele os fez lembrar-se da lei de Deus e lhes disse como deviam viver quando entrassem na terra da sua herança. E, entre outras coisas, foi muito cuidadoso ao dizer-lhes que deviam ensinar a lei aos seus filhos. Não bastava que a conhecessem e a praticassem, deviam passar adiante o seu conhecimento. Os filhos deveriam receber o ensino, e nunca mais esquecê-lo. Por isso ele repetiu a injunção, registrando-a duas vezes no mesmo capítulo. Ela volta a aparecer no capítulo 11 de Deuteronômio, e freqüentemente, aqui e ali, através de todo o Velho Testamento. Semelhantemente se acha no Novo Testamento.

É muito interessante observar, na longa história da Igreja cristã, como este assunto particular sempre reaparece e recebe grande proeminência em todos os períodos de avivamento e despertamento. Os reformadores protestantes preocu-

param-se com isso e deram grande proeminência à instrução das crianças em questões morais e espirituais. Os puritanos lhe deram ainda maior proeminência e os líderes do Despertamento Evangélico, há duzentos anos, fizeram também a mesma coisa. Livros têm sido escritos e muitos sermões têm sido pregados sobre este assunto.

Naturalmente isto acontece porque, quando as pessoas se tomam cristãs, isto afeta inteiramente as suas vidas. Não é uma coisa meramente individual e pessoal; afeta a relação matrimonial e, assim, há muito menos divórcios entre os cristãos do que entre os não cristãos. Afeta a vida da família; afeta os filhos, afeta o lar, afeta todos os departamentos da vida humana. As épocas mais grandiosas da história da Inglaterra, e doutros países, sempre foram os anos que se seguiram a um despertamento religioso, a um avivamento da religião verdadeira. O tom moral da sociedade se elevou nesses períodos; mesmo os que não se tomaram cristãos foram influenciados e afetados pelo avivamento.

Noutras palavras, não há esperança de tratamento dos problemas morais da sociedade, a não ser em termos do evangelho de Cristo. O que é direito jamais será estabelecido se não houver vida piedosa; mas quando as pessoas se tomam confiantes em Deus, começam a aplicar os seus princípios o tempo todo, e se vê justiça na nação em geral. Contudo, infelizmente, temos que encarar o fato de que, por alguma razão, este aspecto da questão tem sido tristemente negligenciado no presente século. É parte do colapso que estivemos considerando, na vida, na moral e na família, no lar, e noutros aspectos da vida. É parte da louca afobação em que todos estamos vivendo e pela qual estamos tão influenciados. Por uma razão ou outra, a família não tem o valor de outrora, já não é o centro e a unidade que era anteriormente. Toda a idéia de família de algum modo sofreu declínio; e deploravelmente, isto em parte é um fato nos círculos cristãos também. A importância central da família, que se vê na Bíblia e em todos os grandes períodos a que nos referimos, parece que desapareceu. Não se lhe dão mais a atenção e a proeminência que outrora recebia. Isso toma muitíssimo importante que descubramos os princípios que devem governar-nos neste sentido.

Primeiro e antes de tudo, a criação dos filhos "na doutrina e admoestação do Senhor" é algo que deve ser feito no lar e pelos pais. Esta é a ênfase presenta na Bíblia toda. Não é uma coisa que se possa confiar à escola, por melhor que ela seja. É dever dos pais, seu primordial e essencial dever. É sua responsabilidade, e eles não devem passá-la a outrem. Dou ênfase a isto porque estamos todos cientes do que está acontecendo cada vez mais no presente século. Cada vez mais os pais estão transferindo as suas responsabilidades e os seus deveres para as escolas.

Considero isto uma coisa sumamente grave. Não há influência mais importante na vida de uma criança do que a influência do lar. O lar é a unidade fundamental da

sociedade, e as crianças nascem num lar, para integrar uma família. Ali temos o círculo que vai constituir a principal influência na vida delas. Não há dúvida sobre isso. Este é o ensino bíblico, de capa a capa; e é

sempre nas civilizações, assim chamados, em que as idéias concernentes ao lar começam a deteriorar-se, que a sociedade acaba por desintegrar-se. E assim, cabe ao povo cristão considerar e reconsiderar com muito cuidado toda a questão das escolas com internato, quanto a se é direito mandar os filhos para algum tipo de vida institucional onde passam a metade de cada ano, ou mais, longe de casa e da sua influência especial e peculiar. Poderá isso conciliar-se com o ensino bíblico? A questão é urgente porque isto se tornou mais ou menos o costume e a prática de virtualmente todos os cristãos evangélicos que dispõem de recursos para isso.

O ensino das Escrituras é que o bem-estar do filho, a alma do filho, sempre deve ser a consideração primordial; e todos as questões de prestígio - para não empregar outra expressão - e todas as questões de ambição devem ser rigorosamente postas de lado. Qualquer coisa que milite contra a alma do filho e contra o seu conhecimento de Deus e do Senhor Jesus Cristo, deve ser rejeitada. Invariavelmente, o primeiro objeto de consideração deve ser a alma e sua relação com Deus. Por melhor que seja a educação oferecida por um internato escolar, se esta milita contra o bem-estar da alma, deve ser posta de lado. A promoção desse bem-estar é o elemento essencial da "doutrina e admoestação do Senhor", e constitui a principal tarefa e dever dos pais.

No Velho Testamento se vê com muita clareza que o pai era um espécie de sacerdote em sua casa e entre os seus familiares; ele representava a Deus. Era responsável não somente pela moralidade e pelo comportamento dos seus filhos, mas também por sua instrução. A ênfase da Bíblia, em todas as suas partes, é que este é o principal dever e missão dos pais. E continua sendo assim. Se afinal somos cristãos, temos que entender que esta grande ênfase se baseia nas unidades fundamentais ordenadas por Deus - o casamento, a família e o lar. Não se pode facilitar nestas coisas. E inútil dizer, como muitos dizem, sobre o envio dos filhos a internatos ou educandários: "E o que toda gente está fazendo, e isso garante um excelente sistema de educação". A questão deveras importante é: isso ébíblico, é cristão, é realmente servir aos interesses atuais e eternos da alma do filho?

Aventuro-me a profetizar que a recuperação da espiritualidade e da moralidade na Grã-Bretanha poderá muito bem vir nesta linha de ação. Os cristãos deverão voltar a pensar por si mesmos. Precisamos tornar a ser pioneiros, como o povo de Deus no passado em geral era, sendo então seguidos pelos outros. Devemos ponderar sobre até que ponto o sistema de internatos, mantendo os filhos longe de casa, é responsável pelo descalabro da moralidade neste país. Não estou pensando apenas nos pecados individuais das pessoas, e sim em toda a atitude dos filhos para com os seus respectivos lares. O lar não deve ser um lugar onde os filhos passam suas férias

e os seus feriados. Entretanto, há muitas crianças cujos lares não passam disso; e seus pais, em vez de tratá-los como devem, tendem a dar-lhes tratamento indulgente por estarem em casa por pouco tempo. Nesse caso, perdeu-se toda a idéia de disciplina, e da criação dos filhos "na doutrina e admoestação do Senhor". Mas, talvez argu-

mentem, existem muitas circunstâncias especiais. Havendo realmente circunstâncias especiais, eu concordo. Todavia, se não houver circunstâncias especiais, o princípio que expus deve ser a regra; e são bem poucas as circunstâncias especiais. A tarefa primordial do lar e dos pais é muito clara.

Que é que os pais devem fazer? Devem suplementar o ensino ministrado pela Igreja, e devem aplicar o ensino da Igreja. Tão pouco se pode fazer num sermão! Este deve ser aplicado, explicado, ampliado, suplementado. É onde os pais têm seu papel a desempenhar. E se isso sempre foi certo e importante, quanto mais hoje! Pergunto aos pais cristãos: vocês já pensaram seriamente neste assunto? Vocês enfrentam, talvez, tarefa maior do que a que seus pais jamais enfrentaram, e pela seguinte razão: considerem o que ora se ensina às crianças nas escolas. A teoria e hipótese da evolução orgânica lhes está sendo ensinada como sendo um fato. Não a apresentam como mera teoria ainda não comprovada, porém lhes dão a impressão de que é um fato absoluto, e de que todas as pessoas possuidoras de conhecimento científico e de boa cultura acreditam nela. E os que não a aceitam são considerados estranhos. Temos que enfrentar essa situação. A Alta Crítica referente à Bíblia está sendo ensinada, com os seus supostos "resultados seguros". Nas escolas há professores que conheço pessoalmente, os quais estão utilizando livros-textos publicados há trinta ou quarenta anos. Poucos deles têm consciência das mudanças ocorridas, mesmo entre o propugnadores da Alta Crítica. Ensinam-se nas escolas coisas perversas às crianças, e estas as ouvem pelo rádio e as vêem na televisão. Toda a ênfase é contra Deus, contra a Bíblia, contra o vero cristianismo, contra o miraculoso e contra o sobrenatural. Quem avançará contra estas correntes? Essa é precisamente a incumbência dos pais - "Criai-os na doutrina e admoestação do Senhor". Isto exige dos pais grande esforço na presente época, porque as forças contra nós são muito poderosas. Os pais cristãos hoje têm esta missão extraordinariamente difícil de proteger os seus filhos contra essas poderosas forças adversas que estão tentando doutriná-los.

Eis, pois, o cenário! Para ser prático, quero, em segundo lugar, mostrar como não deveria ser feito. Há um modo de tentar lidar com esta situação que é completamente desastroso, e que faz mais mal do que bem. Como não fazer isso? Nunca devemos fazê-lo de maneira mecânica, quase que "por números", como se fosse uma espécie de tábua de exercícios. Lembro-me duma experiência que tive, com relação a isto, faz uns dez anos. Fui hospedar-me com alguns amigos, quando estive pregando em certo lugar, e encontrei a esposa, a mãe da família, num estado de aguda angústia.

Conversando com ela, descobri a causa da sua angústia. Certa senhora estivera fazendo palestras justamente naquela semana, sobre o tema: "Como criar todos os filhos, em sua família, como bons cristãos". Foi um trabalho esplêndido! A preletora tinha cinco ou seis filhos, e organizara o seu lar e a sua vida de tal maneira que terminava todo o seu trabalho doméstico às nove horas da manhã, e depois se dedicava a várias atividades cristãs. Todos os seus filhos eram excelentes cristãos; e tudo era tão fácil, tão maravilhoso! A mãe que me falava, que tinha dois filhos, estava

dominada por um sentimento de verdadeira aflição, achando-se um completo e total fracasso. Que poderia dizer-lhe? Isto: "Espere um momento; que idade têm os filhos daquela senhora?" Acontece que eu sabia a idade deles, e a senhora em aflição também sabia. Nenhum deles, naquela ocasião, tinha mais de dezesseis anos, ou por aí. Eu continuei: "Espere e veja. Aquela senhora lhe disse que todos os filhos dela são cristãos, e o que você precisa é de um esquema que deve executar com regularidade. Esperem um momento; a situação poderá ser diferente dentro de poucos anos." E, lastimavelmente, veio a ser muito diferente. É duvidoso se mais de um daqueles filhos são cristãos. Vários deles são francamente anticristãos e deram as costas a tudo que tinham recebido da mãe. Não é possível levar os filhos a serem cristãos daquela maneira. Não é um processo mecânico e de forma alguma pode ser feito de modo tão frio e clínico. Ouvi dizer que a mesma senhora fez a mesma palestra noutro lugar. Ali esteve presente uma pessoa que tinha algum entendimento e algum discernimento. Tendo ouvido a preleção, esta outra senhora fez o que considerei um comentário muito bom. Quando deixava o recinto, virou-se para algumas amigas e disse: "Graças a Deus que ela não é minha mãe!" É para fazer rir, mas, ao mesmo tempo, há algo de trágico nisso. O sentido daquele comentário era que não havia amor ali, não havia calor. Eis aí uma mulher que se orgulhava de si mesma; fazia tudo "por números", mecanicamente. Que mãe maravilhosa ela era! Esta outra mulher percebeu que não havia amor ali, que não havia compreensão real, que não havia nada que aquecesse o coração do filho. O filho não é uma máquina, e, portanto, não se pode fazer este trabalho mecanicamente.

Tampouco se deverá agir de maneira inteiramente negativa ou repressiva. Se você der aos filhos a impressão de que ser religioso é ser infeliz, e que a vida religiosa consiste de proibições e de constantes repressões, você os lançará nas garras do diabo, e no mundo. Nunca seja inteiramente negativo e repressivo. Constantemente encontro tragédias nesse campo. Pessoas há que conversam comigo depois do culto e me dizem: "Esta é a primeira vez que entro num templo, depois de uns vinte anos". Eu lhes pergunto: "Como é isso?" Então me contam que haviam reagido contra a aspereza e contra o caráter repressivo da religião em que tinham sido criadas. Não possuíam nenhuma concepção válida do cristianismo. O que viam não era cristianismo, mas uma severa religião feita pelo homem, um puritanismo falso. É pena, todavia ainda existe gente que representa uma caricatura do puritanismo

verdadeiro, e nunca chegaram a compreender os seus reais ensinamentos. Viram o lado negativo, porém nunca viram o lado positivo. Isto causa grande dano.

Em terceiro lugar, ao criarmos os nossos filhos “na doutrina e admoes-tação do Senhor”, nunca deveremos fazê-lo de modo tal, que os tome pequenos fingidos e hipócritas. Também tenho visto muito disso. Para mim é muito triste, muito revoltante mesmo, ouvir crianças dizerem frases piedosas que não entendem. Mas seus pais se orgulham delas e dizem: “Ouçam-nas, não é maravilhoso?” As crianças são novas demais para compreenderem tais coisas. Sei que muitas crianças gostam de brincar de pregar. Essa conduta infantil pode

ser desculpável, porém quando se vêem pais achando isso maravilhoso e mandando as crianças fazerem isso diante da extasiada contemplação de adultos, é quase blasfêmia. Certamente é muito prejudicial às crianças. É transformá-las em pequenos fingidos e hipócritas.

Minha última negativa neste ponto é que nunca deveremos forçar a criança a tomar uma decisão. Que problema e que estrago essa atitude produz! “Não é maravilhoso?", dizem os pais, “o meu pequeno Fulano, um simples rapazinho, decidiu-se por Cristo.” Fora feita pressão constrangedora na reunião. No entanto, nunca se deveria fazer isso; é fazer violência à personalidade da criança. Em acréscimo, naturalmente, é demonstrar profunda ignorância do método de salvação. É possível levar uma criança a decidir-se por qualquer coisa. Os pais têm poder e habilidade para isso; mas é errado, é anticristão, não é espiritual. Noutra palavras, jamais devemos ser muito diretos nesta questão, especialmente com uma criança; jamais devemos agir demasiado emocionalmente. Se o seu filho fica aborrecido quando você lhe fala de assuntos espirituais, ou se quando você fala com o filho de alguém e ele se aborrece, é evidente que o seu método é errado. Jamais se deve levar o filho a aborrecer-se com os assuntos espirituais. Se acontecer isso é porque estamos sendo diretos demais, ou estamos apelando demais para o emocional, ou estamos coagindo a criança. Não é assim que se faz esta obra.

Também nesta área sei de algumas verdadeiras tragédias. Lembro-me do caso de dois jovens em particular, antes de chegarem à idade de quinze ou dezesseis anos. Seus pais sempre os impulsionavam para diante. Num caso, um dos pais costumava escrever sobre os seus filhos e dava a impressão de que eles eram cristãos notáveis. Todavia, estes jovens repudiaram inteira e completamente a fé cristã, e hoje não vêem nela nada de proveitoso. Os pais cristãos sempre devem lembrar-se de que estão lidando com uma vida, uma personalidade, uma alma. Meu conselho é: não coajam os seus filhos. Não os forcem a decidir-se. Conheço a ansiedade dos pais. É muito natural; porém, se somos espirituais, se somos “cheios do Espírito”, nunca faremos violência a uma personalidade, nunca faremos qualquer pressão injusta sobre os filhos. Portanto, os nosso ensinamentos nunca deverão ser exageradamente

diretos, nem exa-geradamente emocionais. Jamais deveremos agir de maneira que os filhos sejam levados a sentir-se desleais para conosco, se não professarem a fé. Isso é imperdoável.

Pois bem, qual é o método verdadeiro? Permitam-me dar algumas sugestões. Houve tempo em que era costume haver nas casas - e ainda o vejo às vezes - um pequeno quadro afixado na parede, com esta frase inscrita: “Cristo é o Chefe desta casa”. Não sou defensor dessa prática, mas havia uma coisa boa nessa idéia. Lemos no Velho Testamento que foram dadas instruções aos filhos de Israel, nestes termos: “E as escreverás (as palavras do Senhor) nos umbrais de tua casa, e nas tuas portas” (Deuteronômio 6:9), em razão de que somos criaturas esquecidiças. Os protestantes primitivos costumavam pintar os Dez Mandamentos nas paredes dos seus templos, em parte pela mesma razão.

Entretanto, quer exibamos um quadro quer não, sempre devemos dar a idéia de que Cristo é o Chefe da casa ou do lar.

Como dar essa idéia? Principalmente por nossa conduta geral e por nosso exemplo! Os pais devem viver de modo que os filhos sempre percebam que eles estão subordinados a Cristo, que Cristo é o seu Chefe. Esse fato deve ser óbvio em sua conduta, em seu comportamento. Acima de tudo, deve imperar uma atmosfera de amor. “E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito.” Esse é o nosso texto dominante, nesta como em todas as demais aplicações particulares. O fruto do Espírito é amor, e se o lar estiver impregnado de uma atmosfera do amor produzido pelo Espírito, a maior parte dos seus problemas será solucionada. É isso que realiza a obra; não as pressões e os apelos, e sim uma atmosfera de amor.

Que mais? Conversação geral! À mesa ou onde quer que estejamos, a conversação geral é sumamente importante. Ouvimos, talvez, as notícias pelo rádio, e começa a conversação sobre as notícias. Grandes temas são mencionados - negócios internacionais, política, problemas industriais etc. Uma parte da nossa tarefa, na criação dos nosso filhos “na doutrina e admoestação do Senhor", é ver que mesmo essa conversação geral seja sempre conduzida em termos cristãos. Sempre devemos introduzir o ponto de vista cristão. Os filhos vão ouvir outras pessoas falando acerca das mesmas coisas. Talvez, ao caminharem pela rua, ouçam dois homens argumentando sobre as mesmas coisas que ouviram discutidas em casa. Depressa notarão uma grande diferença: toda a abordagem era diferente em casa.

Noutra palavras, o ponto de vista cristão deve ser introduzido na totalidade da vida. Quer vocês estejam discutindo questões internacionais quer locais, ou assuntos pessoais ou de negócios - seja o que for, tudo deverá ser considerado sob o título geral de cristianismo. Este é um ponto deveras vital, pois quando se faz isto, os filhos inconscientemente se dão conta do fato de que há um princípio normativo nas

vidas dos seus pais; seu modo de pensar e tudo a seu respeito é diferente de tudo o que eles vêem e ouvem no mundo incréu. Toda a atmosfera é diferente. Assim os filhos, gradativamente, e em parte inconscientemente, vão sabendo que existe um ponto de vista cristão. Essa é uma realização veraz, Uma vez que se apossam desse fato, o problema fica muito mais fácil.

O ponto subseqüente é a resposta a perguntas. Aí os pais cristãos têm uma grande oportunidade. Às vezes é extremamente difícil, eu sei; mas nos é dada a oportunidade de responder perguntas. Gosto da maneira como esta matéria é apresentada no capítulo seis de Deuteronômio, versículos vinte em diante: "Quando teu filho te perguntar pelo tempo adiante, dizendo: Quais são os testemunhos, e estatutos, e juízos que o Senhor nosso Deus vos ordenou? Então dirás a teu filho: Éramos servos de Faraó no Egito, porém o Senhor nos tirou com mão forte do Egito", e assim por diante. Noutras palavras, virá o dia em que os filhos farão perguntas como estas: " Por que vocês não fazem isto ou aquilo? O pai e a mãe do meu amiguinho fazem isto; por que vocês não fazem?" Aí vocês

estarão recebendo uma oportunidade para criar o seu filho "na doutrina e admoestação do Senhor." Contudo, se havemos de aproveitá-la, precisamos saber a resposta certa e ter habilidade para apresentá-la. Não poderão "dar a razão da esperança que há em vós" (1 Pedro 3:15), não poderão criar seus filhos "na doutrina e admoestação do Senhor", se não conhecerem a Bíblia e os seus ensinamentos. "Por que vocês fazem isto, por que não fazem aquilo? Os pais dos meus amigos passam as noites em casas de diversão; vocês não. Passam as noites em clubes, passam as noites dançando; vocês não. Por que? Qual a diferença?" Quando interrogados dessa maneira, vocês não devem menosprezar o filho e dizer: "Ora, somos diferentes, você vê, e é como preferimos." Não; antes, vocês dirão ao seu filho: "No fundo, somo todos iguais, para começar; e não é por sermos naturalmente melhores do que os outros que nos portamos desta maneira diferente. Não é essa a explicação. Não é porque nós temos certos temperamentos e os outros pais têm outros diferentes. Todos nascemos "em pecado", todos somos, por natureza, escravos de várias coisas. Há algo de errado dentro de todos nós, há um mau princípio em nós, e nenhum de nós conhece verdadeiramente a Deus. Você vê, a diferença é esta, que Deus nos fez ver como são erradas certas coisas. Mas nós continuaríamos sendo semelhantes aos pais dos seus amigos, se não tivéssemos crido e conhecido que Deus enviou ao mundo o Seu Filho único, o Senhor Jesus Cristo, a respeito de quem você já ouviu, para resgatar-nos, para libertar-nos". É assim que se introduz o evangelho; vocês terão que décidir quanto comunicar. Depende da idade do filho. Mas respondam as suas perguntas, façam-no saber, façam-no saber com exatidão, quando ele fizer suas perguntas, por que vocês vivem como vivem. Vocês não devem impingir nada nele, não devem pregar para ele; mas, se ele fizer perguntas, falem com ele, falem com muita simplicidade. Digam-lhe cada vez mais coisas, à medida que ele vá crescendo; mas estejam sempre prontos para responder suas perguntas.

Procurem conhecer bem os fatos, compreender bem o evangelho, estruturem-se sobre o evangelho para poder transmiti-lo e infundi-lo. Assim vocês poderão criar os seus filhos "na doutrina e admoestação do Senhor".

Depois, vocês poderão orientar a leitura deles. Levem-nos a lerem boas biografias. As biografias exercem atração sobre eles. Orientem a leitura deles de várias maneiras; induzam-lhes a mente na direção certa, e procurem familiarizá-los com as glórias da fé cristã em ação.

Que mais? Sempre tenham o cuidado de, toda vez que fizer alguma refeição, dar graças a Deus por ela, e pedirem a bênção de Deus sobre ela. Quase ninguém faz isso hoje em dia, exceto os que de fato são cristãos. Se os seus filhos se habituarem a ouvi-los darem graças, e a repetirem a ação de graças, e a suplicarem bênção, isto lhes fará algum bem. Vão além. Tenham o que se chama altar familiar (ou culto doméstico), o que significa que pelo menos uma vez por dia vocês e os seus se reunirão como família ao redor da Palavra de Deus. O pai, como chefe da casa, deverá ler uma porção das Escrituras e elevar uma oração singela. Não precisa ser longa, mas que leve ao reconhecimento de Deus e a

agradecer a Deus a dádiva do Senhor Jesus Cristo. Vocês devem levar os filhos a ouvirem com regularidade a Palavra de Deus. Se lhes fizerem perguntas sobre ela, respondam-lhes. Dêem-lhes a instrução que puderem. Sejam prudentes, sejam judiciosos. Não façam da sua instrução uma coisa desagradável, odiosa, maçante; façam dela algo que eles mesmos busquem, de que gostem, em que achem prazer.

Noutras palavras - em suma - o que nos compete fazer é apresentar um cristianismo atraente. Devemos dar aos nossos filhos a idéia de que o cristianismo é a coisa mais maravilhosa do mundo; e de que não há nada no mundo que se compare a ser cristão. Devemos criar dentro deles o desejo de serem parecidos conosco. Eles nos observam e vêem a alegria que sentimos, e o modo como nos maravilhamos e nos enchemos de admiração pela vida cristã. Oxalá digam a si mesmos: espero chegar à idade dos meus pais, para poder ter o gozo que obviamente eles têm. Nosso método jamais deverá ser mecânico, legalista, repressivo. Nosso testemunho nunca deve ser forçado, mas, em tudo o que somos, fazemos e dizemos, saibam eles que somos "escravos cativos de Jesus Cristo", que Deus, em Sua graça, abriu os nossos olhos e nos despertou para a coisa mais gloriosa do mundo, e que o nosso maior desejo para com eles é que entrem no mesmo conhecimento e tenham o mesmo gozo, e tenham o mais alto privilégio possível neste mundo, o de servir ao Senhor e de viver para o louvor da glória da Sua graça (cf. Efésios 1:6,12,14). Seja qual for o seu trabalho, seja negócio ou profissão liberal ou trabalho manual ou pregação, façam todas as coisas para a glória de Deus, e, desse modo, estarão criando os seus filhos "na doutrina e admoestação do Senhor".

TRABALHO

Efésios 6:5-9

5 Vós, servos, obedecei a vosso senhores segundo a carne, com temor e tremor, na sinceridade de vosso coração, como a Cristo;

6 Não servindo à vista, como para agradar aos homens, mas como servos de Cristo, fazendo de coração a vontade de Deus;

7 Servindo de boa vontade como ao Senhor, e não como aos homens.

8 Sabendo que cada um receberá do Senhor todo o bem que fizer, seja servo, seja livre.

9 E vós, senhores, fazei o mesmo para com eles, deixando as ameaças, sabendo também que o Senhor deles e vosso está no céu, e que para com ele não há acepção de pessoas.

AS COISAS QUE PERTENCEM A DEUS Efésios 6:5-9

Chegamos aqui a mais outra aplicação firmado pelo apóstolo no capítulo anterior, principalmente nos versículos 18 e 21. O pensamento dominante, como antes, é: "E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda (ou "excesso"), mas enchei-vos do Espírito". Depois, o princípio geral da ampliação disso acha-se no versículo 21: "Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Deus". É essencial ter em mente que esse é o cenário de fundo. Aqui vamos examinar a terceira ilustração usada pelo apóstolo para mostrar como, sendo cheios do Espírito, devemos sujeitar-nos uns aos outros.

Estas palavras não são dirigidas ao mundo como tal. O mundo é incapaz de fazer o que se ensina aqui. A obediência piedosa só é possível aos que são "cheios do Espírito". Igualmente, de novo esta passagem nos recorda certas verdades importantes. Uma delas é que o nosso cristianismo deve cobrir a nossa vida inteira e afetar todas as nossas relações. Nada que o cristão faça é igual ao que é feito pelo não cristão. Este pode fazer as mesmas coisas, porém as realiza de modo diferente. O cristianismo não se restringe aos domingos; é algo que se manifesta na totalidade da vida. Não existe no mundo nada mais prático do que a fé cristã e do que o ensino cristão. A maneira pela qual o apóstolo se empenha em elaborar o seu princípio central nestes diversos departamentos da vida é em si mesma uma prova disso. Ele não se contenta em dizer: "Ora, aqueles que, dentre vós, são cheios do Espírito, devem sujeitar-se uns aos outros", parando aí. Como sábio mestre, ele sabe que é necessário descer a minúcias, tomar estes pontos um a um e aplicá-los. Por isso ele

usa esses exemplos, e são exemplos típicos da vida diária, especialmente onde as tensões e pressões da vida tendem a manifestar-se com maior freqüência. É evidente que essa foi a regra que deve tê-lo guiado na escolha destas ilustrações particulares. A relação mais delicada é a relação matrimonial, pelo que, por essa mesma razão, as tensões, as pressões e as torções propendem a chegar ao nível máximo ali. Depois, em seguida à relação matrimonial, vem a família. Esta é, de novo, uma relação muito íntima e delicada, e o diabo sempre está ocupado em seus esforços para romper o lar e sua santidade.

A terceira relação é a de senhores e servos. Esta segue as outras duas como uma esfera em que as tensões, as pressões e as torções particularmente tendem a ocorrer. As condições dominantes na esfera industrial hoje são uma prova suficiente dessa afirmação. Mas essa relação particular sempre causou muita dificuldade através de toda a história da raça humana. O Velho Testamento e os

livros de história fornecem abundantes ilustrações. E continua sendo um dos agudos problemas com que se defrontam a Grã-Bretanha e todos os países do mundo na presente hora. Aventuro-me a ir mais longe; sempre será um grande problema. Enquanto o homem estiver em pecado, e enquanto, em conseqüência disso, ele for sempre primária e essencialmente egoísta e egocêntrico, haverá necessariamente tensões nesta relação particular. Durante o presente século, na verdade durante a segunda metade do século anterior também, multiplicamos mecanismos para tratar deste problema particular de maneira deveras excepcional. Organizações, sociedades, Atos do Parlamento, tratam de todo o problema do trabalho, das relações entre senhor e servo. Contudo, a despeito de todas essas medidas, continua sendo um dos maiores problemas que confrontam empregadores e empregados, políticos e muitos outros. Não deveríamos ficar surpresos com isso, porque o homem em pecado é essencialmente egocêntrico e egoísta. E como isso vale para todos, seja qual for a sua situação na vida, é inevitável que haja estes problemas, dificuldades e pressões. Felizmente para nós, o apóstolo dá-se ao trabalho de tratar do assunto, e de fazê-lo minuciosamente.

Certamente, este é um assunto vasto, complexo e muito difícil. Portanto, devemos focalizá-lo com particular cautela. Proponho-me a oferecer uma série de pontos para consideração. É bom lembrar que nenhum deles diz tudo; cada um deles é condicionado pelos restantes. A principal dificuldade em conexão com este problema é que muitas vezes ele é tratado mediante lemas que as pessoas lançam umas às outras. Mas os lemas não fornecem soluções. Esta questão precisa ser ponderada acuradamente e considerada com muito cuidado, à plena luz dos ensinamentos bíblicos.

À luz do que o apóstolo nos diz aqui, começo acentuando que há certas características gerais do ensino cristão que enfeixam esta matéria em particular. A

primeira é que é inteiramente única, singular. O que estamos estudando é algo que não se encontra em nenhum outro lugar. Há outros ensinos parecidos, porém é que foram copiados deste. Há muitos tipos de filósofos que se apropriaram do ensino cristão. Embora não cristãos, viram a excelência de certos aspectos do ensino cristão e os copiaram e os usaram, adequando-os aos seus propósitos. Assim, há ensinamentos que imitam o ensino cristão, mas que sempre deixam fora o que há de mais vital. Desse modo, eles confirmam a singularidade deste ensino e sua diferença essencial de todos os demais.

A segunda característica é que este ensino pressupõe que, devido sermos cristãos, devemos passar por uma profunda mudança no âmago das nossas vidas. Eu já disse que este ensino não se dirige ao mundo. Seria completamente inútil tomá-lo e aplicá-lo a assembléias de trabalhadores ou de empregadores não cristãos. Fazê-lo significaria que não cremos na regeneração; significaria que não acreditamos que, por natureza, o homem é totalmente pervertido, em conseqüência do pecado; significaria que não concordamos que o homem é essencialmente egoísta e egocêntrico. Entretanto, todo o ensino se baseia nessa suposição. Portanto, estas epístolas são endereçadas unicamente às igrejas, aos

membros da Igreja cristã. Não são comparáveis a artigos jornalísticos da imprensa diária. Não existem jornais nos tempos antigos, mas, mesmo que existissem, estas epístolas jamais teriam aparecido neles. Estas epístolas são para as igrejas, para os membros delas, somente para os cristãos; noutras palavras, para pessoas que nasceram de novo, que têm uma nova natureza, uma nova perspectiva, que são "novas criaturas", pessoas a respeito das quais é verdade que "as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo" (2 Coríntios 5:17).

O apóstolo fez lembrar extensamente aos efésios estas verdades nos três primeiros capítulos. Depois resumiu tudo no capítulo 4, começando no versículo 17, e especialmente na frase, "vós não aprendestes assim a Cristo" (versículo 20). Depois, outra vez, no capítulo 5, versículo 8, "noutro tempo éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor". Os efésios eram novas criaturas, e o apóstolo pressupõe isso em seu ensino.

Este princípio tem particular significação hoje. Existem pessoas cujos nomes e cujas afirmações aparecem constantemente na impresa. São pessoas tidas como peritas no conceito cristão sobre a indústria e questões similares, mas, muitas vezes, as suas declarações indicam claramente que jamais captaram o princípio que enunciei. Acham elas que o cristianismo é ensino que pode ser oferecido ao mundo como ele é, e concitam o povo para que o ponha em prática. Com isso, negam os princípios fundamentais do cristianismo e desperdiçam o seu fôlego. Seus esforços nunca produzem os resultados desejados. "Em verdade vos digo que já receberam o seu galardão", diz o Senhor Jesus sobre tais pessoas (Mateus 6:2), e o galardão é a

publicidade que recebem; porém elas nem chegam a tocar na situação; não conseguem fazer nenhuma diferença no curso dos acontecimentos. Todavia, acima de tudo, digo eu, suas idéias são uma completa negação de toda a base do ensino cristão, o qual pressupõe que uma radical e tremenda transformação aconteceu nas pessoas às quais dirige os seus apelos.

A seguir, no entanto, em terceiro lugar, o ensino do apóstolo pressupõe mais uma coisa, a saber, que os cristãos têm conhecimento da doutrina e têm capacidade para pôr em ação essa doutrina. Esse conhecimento e essa capacidade são pressupostos no ensino neotestamentário sobre o viver cristão. O Novo Testamento não nos diz: "Como cristão, você é obrigado a ter certos problemas e dificuldades. Você quer saber como portar-se como empregado, como empregador, o que deve fazer. Ah, a única coisa a fazer é: "Leve isto ao Senhor"; basta orar sobre isto, e Ele lhe mostrará o que fazer; na verdade, Ele o fará para você". Mas não é esse o ensino do Novo Testamento, de modo nenhum. No ensino do Novo Testamento, primeiro nos é dada a doutrina, o ensino; depois nos é dito que devemos aplicar isso às nossas circunstâncias pessoais. Obviamente, se não conhecermos a doutrina, não poderemos aplicá-la; se formos faltos de compreensão do ensino, não poderemos pô-lo em ação. Primeiro temos a instrução; temos que recebê-la e compreendê-la; depois dizemos: "Agora, à luz desta instrução, isto é o que tenho que fazer". Essa é a

doutrina neotestamentária da santificação; e o que temos aqui é simplesmente um exemplo prático e uma ilustração de como demonstrar, de maneira prática, que estamos sendo santificados. Essa é a vida santificada, nesta questão de "servos e senhores". Contudo, sem conhecer e crer a doutrina, não se pode fazê-lo.

A última observação geral que ofereço é, mais uma vez, um comentário sobre o equilíbrio e a validade do ensino. Começa com os servos. Em cada caso, vocês se lembram, o apóstolo começa com os que são instados a sujeitar-se - a esposa ao marido, os filhos aos pais, e agora os servos aos senhores segundo a came. Mas, com que cuidado ele coloca os dois lados! Nunca age com injustiça, nunca de maneira desleal. Aos maridos ele fala dos seus deveres, aos pais dos seus deveres, e aos senhores lhes lembra seus deveres deste modo - "E vós, senhores, fazei o mesmo para com eles, deixando as ameaças, sabendo também que o Senhor deles e vosso está no céu, e que para com ele não há acepção de pessoas". Lembro-lhes o equilíbrio porque é uma das grandes glórias deste ensino; é o que o toma inteiramente único. Não há outro ensino que faça isso como as Escrituras o fazem. Para mim isto é, em si mesmo, prova suficiente de que este ensino é a própria Palavra de Deus. Deus das alturas olha para nós e para todas as divisões e distinções que tanto valorizamos; Ele coloca todas estas coisas no nível certo, mostra a perspectiva certa, isto é, que todas as coisas estão sob o Seu poder.

Assim nos vemos encaminhados ao grande problema. "Servos" - como o

interpretamos? Neste ponto as nossas versões são um tanto infelizes; não nos dão a verdadeira idéia do sentido da palavra. Realmente significa “escravos”. Escravos! O apóstolo não estava tratando do caso de servos pagos. No mundo civilizado daquele tempo havia servos assalariados; havia servos domésticos que eram contratados e recebiam salário. Não é deles, no entanto, que o apóstolo está tratando primariamente; está tratando de escravos. A escravidão era universal na época, e muitos cristãos primitivos eram literalmente escravos. A palavra que o apóstolo empregou é, em si mesma, prova suficiente disso. Empregou o termo que é sempre empregado para escravos, não para servos assalariados; porém, se resta alguma dúvida, é dirimida pelo versículo 8 -“Sabendo que cada um receberá do Senhor todo o bem que fizer, seja servo” -isto é, um escravo - “seja livre”. Assim, o contraste é entre um escravo e um homem livre. Noutras palavras, o apóstolo está definida e especificamente tratando aqui da questão da escravidão e de como o escravo deve conduzir-se. Por isso não podemos expor este parágrafo sem encarar o problema da escravidão, e em particular o ensino bíblico concernente à escravidão.

Não é preciso dizer que estamos examinando um assunto altamente difícil e controvertido. Há pessoas que dizem que a sua principal razão para não serem cristãs é a atitude da Bíblia, e em particular do Novo Testamento, para com a escravidão. Argumentam que isso é suficiente para condená-la e, portanto, não têm por que importar-se com ela. Na verdade, isso muitas vezes tem sido uma causa de grande perplexidade para muitos cristãos. Imaginem como deve ter

sido a situação há cento e sessenta anos, quando Wilberforce estava promovendo sua grande campanha em favor da abolição da escravatura nas possessões ultramarinas da Grã-Bretanha. Façam retroceder suas mentes também para a década de sessenta do século passado, quando foi travada a guerra civil nos Estados Unidos por causa da mesma questão. Vê-se logo como este problema é realmente sutil, difícil e complexo. E ainda existe muita confusão a respeito dele. Mas quero anotar, ademais, que, ao examinarmos esta questão, concomi-tantemente estaremos examinando também um bom número de problemas correlates. Estaremos examinando todo o problema da relação entre o cristão e o Estado, todo o problema da relação do cristão e o comércio e os negócios na presente época, e em particular entre o cristão e os sindicatos de operários. Na verdade, estaremos examinando todo o problema da atitude do cristão para com as condições sociais, a política, as reformas, e até possíveis revoluções e rebeliões. Tudo isso está implícito aqui.

O Novo Testamento trata de grandes princípios; ele os impõe à nossa atenção. Seria insensato dizer: “Bem, se trata da escravidão, que é que isso tem a ver comigo?" A resposta é que a escravidão é apenas uma das possíveis relações entre os homens; e o apóstolo está preocupado com o comportamento, a conduta e a reação de cristãos que estejam nalguma posição de submissão a outros; cristãos empregados em qualquer serviço. Isto vai mais longe; todos somos submissos ao Estado, às leis

sociais e às condições sociais. Daí, este assunto, se é que havemos de estudá-lo honesta e completamente, nos introduzirá naquelas diversas esferas. Aqui o tema é a escravidão, e surge a questão: como o escravo cristão deve conduzir-se? Deverá procurar libertar-se? Deverá tentar abolir a escravidão? Isto imediatamente leva a todas as outras questões, a todas as formas concebíveis de emprego, a todas as espécies de relações sociais e econômicas. Esta é mais uma razão pela qual devemos dar graças a Deus pelas Escrituras. Há pessoas que olham estas coisas superficialmente e que dizem que serem cristãs não as ajuda a decidir se devem ou não filiar-se a um sindicato de trabalhadores, pois na Bíblia não há nada sobre sindicatos simplesmente porque não os havia nos tempos antigos. Entretanto, o princípio normativo dessa questão está aqui, neste parágrafo. Portanto, o que nos compete é compreender o parágrafo, apegar-nos ao princípio, e depois aplicá-lo ao particular aspecto do problema com o qual nos defrontamos.

Indubitavelmente, a melhor maneira de abordar toda esta complexa matéria é tomar em conjunto o relevante ensino da Bíblia em sua inteireza. Há bom número de passagens que tratam disso. Vejam, por exemplo, Mateus 22, versículo 15 a 21, onde se nos diz que certos fariseus e herodianos se aproximaram do Senhor Jesus e Lhe fizeram a sua pergunta-armadilha: "É lícito pagar o tributo a César, ou não?" Notem a resposta do Senhor: "Mostrai-me a moeda do tributo". Examinou-a e disse: "De quem é esta efígie e esta inscrição?" Eles disseram: "De César". Então Ele lhes deu esta resposta decisiva: "Dai pois a César o que é de César, e" - uma coisa sobre a qual eles não tinham perguntado, mas Ele acrescentou - "a Deus o que é de Deus". Diz-

nos a passagem que "eles, ouvindo isto, maravilharam-se, e, deixando-o, se retiraram". Podemos entender a consternação deles. Receberam em troca mais do que esperavam; ouviram um ensinamento que nunca tinham previsto.

Outro exemplo muito interessante desta mesma coisa, um exemplo freqüentemente deixado de lado, acha-se em Mateus, capítulo 17, versículos 24 a 27: "E, chegando eles a Capernaum, aproximaram-se de Pedro os que cobravam as didracmas, e disseram: o vosso mestre não paga as didracmas? Disse ele: Sim. E, entrando em casa, Jesus se lhe antecipou, dizendo: Que te parece, Simão? De quem cobram os reis da terra os tributos, ou o censo? Dos seus filhos, ou dos alheios? Disse-lhe Pedro: dos alheios. Disse-lhe Jesus: logo, estão livres os filhos; mas, para que não os escandalizemos, vai ao mar, lança o anzol, tira o primeiro peixe que subir, e, abrindo-lhe a boca, encontrarás um estater; toma-o, e dá-o por mim e por ti".

Outra afirmação crucial é a que se acha na Epístola aos Romanos, no início do capítulo 13: "Toda a alma esteja sujeita às potestades superiores; porque não há potestade que não venha de Deus; e as potestades que há foram ordenadas por Deus. Por isso, quem resiste à potestade resiste à ordenação de Deus; e os que resistem

trarão sobre si mesmos a condenação. Porque os magistradores não são terror para as boas obras, mas para as más". Depois temos a Epístola a Filemom, que trata direta e especificamente de toda a questão da escravatura. Há também uma referência ao mesmo assunto, ao mesmo princípio, na Primeira Epístola de Pedro, capítulo 2, começando no versículo 13: "Sujeitai-vos pois a toda a ordenação humana por amor do Senhor; quer ao rei, como superior; quer aos governadores como por ele enviados para castigo dos malfeitores, e para louvor dos que fazem o bem". E o apóstolo prossegue: "Como livres, e não tenho a liberdade por cobertura da malícia, mas como servos de Deus... Vós, servos, sujeitai-vos com todo o temor aos senhores, não somente aos bons e humanos, mas também aos maus". E convém lembrar que as ordens sobre a obediência às "potestades que há" foram escritas quando o imperador não era outro senão aquele déspota cruel, Nero. Os cristãos deviam sujeitar-se a ele e a todas as autoridades semelhantes.

Aí temos exemplos de ensino direto, porém, em acréscimo, há ensino indireto. Um exemplo disso é o que consta no Livro de Daniel, onde temos relatos da conduta e comportamento de Daniel, especialmente nos capítulos 3 e 6. Há também um ensinamento implícito, muito interessante, no capítulo dezesseis do Livro de Atos dos Apóstolos, onde se conta que o apóstolo Paulo e Silas foram presos, agredidos, açoitados, e lançados no cárcere interior. Mais tarde se nos diz que as autoridades mandaram libertá-los, mas o apóstolo se opôs e disse que, como eram cidadãos romanos que foram submetidos erroneamente àquele tratamento e à prisão, viessem elas mesmas, pessoalmente, e os libertassem. Esta é uma interessante luz indireta sobre toda a questão em foco. E há mais um exemplo em Atos, capítulo 25, onde o apóstolo Paulo apela para César. Como cidadão romano, tinha direito de fazer isso, e exerceu esse direito.

Enquanto examinamos estas passagens das Escrituras, sinto-me cons-

trangido, mais uma vez, a fazer alguns comentários gerais. Primeiro, será que alguma vez vocês ficaram chocados pelo fato de haver relativamente pouco ensinamento nas Escrituras sobre este assunto, direta e especificamente? Elas tratam dele de maneira geral, e estabelecem princípios que devem comandar esta questão. Mas, por que seria que a Bíblia não dá mais atenção a tais problemas? Por que não nos dá mais ensinamento direto a respeito do problema imediato que se nos apresenta, problema sempre presente, era após era, na vida da raça humana? Por que essa escassez de ensinamento? A resposta, com certeza, deve ser que o principal interessa da Bíblia toda está na relação do homem com Deus. Toda a sua força, toda a sua ênfase é posta *nesse* problema. Como vemos ilustrado na resposta do Senhor aos fariseus e herodianos, é isso que toma tão significativo o incidente. De muitas maneiras estas duas seitas eram representantes típicos do homem moderno. Eles perguntaram: "Mestre, é lícito pagar tributo a César, ou não?" Hoje as perguntas são: "Que é que a Igreja tem para dizer sobre "apartheid", sobre as vítimas da segregação racial? Que

é que a Igreja tem para dizer sobre economia? Que é que a Igreja tem para dizer sobre a guerra?" Embora os temas reais possam mudar quanto à forma, o princípio que está por trás das questões permanece sempre o mesmo. Nunca há uma palavra acerca da relação do homem com Deus! O tema, em todas as suas variações, é sempre a relação entre seres humanos - os direitos do homem, como os homens tratam os seus semelhantes, e assim por diante. A resposta do Senhor Jesus também continua sendo a mesma. Ele introduz o "E" - aquilo que esquecemos, aquilo que nos mete em confusão quanto a estes problemas particulares - "E a Deus o que é de Deus". Esse é um exemplo perfeito da ênfase típica da Bíblia. Seu interesse é a relação do homem com Deus. Essa é a sua grande mensagem, a sua mensagem principal.

Tomemos outra ilustração. Um escriba aproximou-se do Senhor Jesus e Lhe perguntou: "Qual é o primeiro de todos os mandamentos?" Esse escriba também, como os fariseus e os seus colegas, passava muito tempo em discussões sobre os pormenores da lei, e a pergunta virtualmente foi: qual é o maior destes seiscentos e treze mandamentos? Um dizia este, outro dizia aquele; os argumentos eram intermináveis. O homem foi ao Senhor e Lhe perguntou: "Qual deles dizes que é o maior?" E o Senhor respondeu: "Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças." Esse é o primeiro mandamento - o principal. "E o segundo" - sim, mas é apenas o segundo - "semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Marcos 12:28-31). O Senhor não coloca o segundo em primeiro lugar. As relações humanas não vêm primeiro; nunca vêm primeiro na Bíblia; primeiro vem sempre a relação do homem com Deus. O Senhor Jesus rompe toda a atitude legalista e velhaca. Diz Ele que o problema com os fariseus e os escribas é: "Dizimais a hortelã, o endro e o cominho, e deprezais o mais importante da lei." "Percorreis o mar e a terra para fazer um prosélito... mas esquecestes o amor de Deus" (cf. Mateus 23:15,23). Omitiam a coisa principal, a coisa grandiosa, a coisa central, aquilo que a Bíblia

salienta de capa a capa. Com estes pensamentos em mente, leiam de novo a nossa passagem, em Efésios 6: "Vós, servos, obedecei a vossos senhores segundo a carne, com temor e tremor, na sinceridade de vosso coração, como a Cristo; não servindo à vista, como para agradar aos homens, mas como servos de Cristo, fazendo de coração a vontade de Deus". O Senhor eleva a questão à esfera de Deus e da nossa relação com Ele. E Paulo tem o cuidado de dizer a mesma coisa aos senhores: "Sabendo também que o Senhor deles e vosso está no céu, e que para com ele não há acepção de pessoas". Então, tratemos de manter em mente a regra que não varia.

Meu segundo comentário é detestado por muitos hoje, que se dizem homens práticos, homens de negócio. A Bíblia sempre considera a vida neste mundo como tendo importância secundária; é apenas uma peregrinação, uma jornada. Que somos?

“Peregrinos e forasteiros”, diz Pedro (1 Pedro 2:11). Vemos esta ênfase em todo o Velho Testamento; isto vem resumido magni-ficamente no capítulo onze da Epístola aos Hebreus, essa galeria de retratos dos santos e dos heróis da fé. Essa passagem nos diz que aqueles homens estavam esperando “a cidade que tem fundamentos, da qual o artífice e construtor é Deus”. Consideravam-se “estrangeiros e peregrinos na terra”. Eram viajores. É por isso que Moisés, um deles, “tinha em vista a recompensa”. Por isso preferiu sofrer opressão com Cristo e Seu povo a “por um pouco de tempo ter o gozo do pecado”. Estes vultos bíblicos viveram neste mundo com muito desprendimento. Não quiseram estabelecer-se neste mundo; sabiam que estavam destinados a outro. Ê o outro reino que importa, é o outro, o reino eterno, que conta. Este ensino se acha em todo o Novo Testamento. Os ensinamentos do Senhor Jesus estão repletos dele, e o vemos nas epístolas, como, por exemplo, nas palavras: “Pensai nas coisas que são de cima, e não nas que são da terra” (Colossenses 3:2). Também é esse o grandiosa tema do Livro de Apocalipse.

É muito importante que nos lembremos disto, porque são essas verdades que constituem o princípio que comanda o ensino da Bíblia sobre a escravidão e todas estas outras questões. O princípio normativo é a relação do homem com Deus, e o conceito de que a presente vida é algo passageiro, temporário e fugaz. Não significa, é claro, que esta vida e este mundo deva ser ignorados; não significa que devam ser desprezados como se não tivessem nenhuma importância. Menos ainda significa que o cristão deva decidir-se a tomar-se monge, eremita ou anacoreta, segregando-se do mundo. Esta foi, por certo, uma compreensão completamente equivocada do ensino em foco. Todavia significa, sim, que não colocamos esta vida em primeiro lugar, não pensamos somente neste mundo. Este mundo só é considerado e entendido à luz do outro mundo. Somos peregrinos da eternidade; somos “uma colônia do céu”; “a nossa cidadania está no céu”; ao céu pertencemos (Filipenses 3:20-21). Ainda estamos vivendo neste mundo, mas o nosso verdadeiro lar está no outro; lá se acha o centro dos nossos interesses; a sede do nosso governo está no céu. Não sei de coisa alguma que, nesta época, seja mais importante que a compreensão deste princípio determinante - o homem em sua relação com Deus, o homem em sua

correta relação com este mundo. Este mundo e o homem são secundários, não primordiais. Primeiro Deus, primeiro o céu, primeiro “a glória”. Esta existência é temporária, preparatória, não duradoura. Estamos de passagem . Não negligenciamos este mundo, não procuramos evadir-nos do mundo; mas o mantemos em sua posição certa e subordinada. É à luz desse princípio, e dele somente, que podemos compreender o ensino de que estamos tratando.

Nossa dedução do que acima foi dito é que esta ênfase particular sempre deve constituir a característica primária da Igreja e seu ensino. O que compete à Igreja é expor as Escrituras; e estes são os princípios normativos que encontramos nas Escrituras. Portanto, devem ser estes os princípios normativos presentes na pregação

e no ensino da Igreja. A incumbência primordial da Igreja não consiste em tratar das condições deste mundo, e sim, antes, da relação do cristão com elas, e da sua conduta enquanto estiver inserido nelas. Assim como a Bíblia sempre coloca sua principal ênfase no homem em sua relação com Deus e em sua temporária relação com este mundo passageiro, assim deve proceder a Igreja.

A Igreja não deve gastar seu tempo e suas energias tratando das condições deste mundo como tais. Essa não é sua tarefa principal. E é interessante notar que ela não considerou isso como sua tarefa nos primeiros séculos. Não há censura no Novo Testamento contra a escravidão. Eu reitero que a tarefa da Igreja não é tratar das condições como tais, porém, ao contrário, com a maneira pela qual o cristão deve agir nas condições existentes, e com o modo como ele deve conduzir-se e portar-se. Jamais deveremos perder de vista essa verdade. Opino que, em grande parte, a condição atual da Igreja se deve ao fato de que este grande princípio foi esquecido. Não é meu desejo causar controvérsia -estou simplesmente expondo as Escrituras - entretanto não consigo achar nas Escrituras nenhuma justificativa para a idéia dos supostos lordes espirituais da Câmara dos Lordes. Não consigo achar nas Escrituras nada que justifique bispos e arcebispos tomarem assento na Câmara dos Lordes e participarem de debates sobre política e sobre as condições e as questões sociais. Apresso-me a acrescentar o seguinte: tampouco há justificação bíblica para os ministros não conformistas ou da Igreja Livre gastarem seu tempo pregando sobre política, economia e questões sociais. Ambos os grupos estão errados, tanto um quanto outro. A missão da Igreja é lembrar constantemente aos homens sua relação com Deus, a exemplo do que o Senhor Jesus fez. As pessoas nos procuram com suas perguntas, e nos compete ver que a ênfase esteja em Deus, que as suas relações com Deus sejam postas em primeiro lugar, e que também lhes ensinemos a correta atitude que devem ter para com a presente vida e este mundo. A tragédia da situação atual do mundo é, principalmente, que a maioria não vê nem percebe que os males do mundo se devem ao seu paganismo, à sua falta de fé, à sua irreligiosidade. Na Grã-Bretanha e em todas as outras terras os homens e as mulheres se esqueceram de Deus, da sua relação com Deus e do seu destino eterno. Apesar de ser essa a situação, a Igreja passa a maior parte do tempo tratando de questões secundárias, de questões transitórias, de questões

das quais a Bíblia trata apenas incidentalmente, e meramente como ilustrações dos grandes princípios gerais. Porventura, não é trágico que, enquanto os líderes da Igreja, assim chamados, estão sempre falando destes outros assuntos que o Senhor sempre coloca em posição subsidiária, a grande e central necessidade do homem vai ficando marginalizada?

Há outro aspecto geral desta questão que devo mencionar, antes de passarmos a tratar do ensino em seus pormenores. Há cristãos que tentaram abstrair-se totalmente do mundo, por assim dizer. Houve, e ainda há, aqueles que dizem que é errado um

cristão votar em eleições locais ou gerais. Acham que é pecado um cristão envolver-se com política local ou nacional.

Essa atitude é, de novo, um entendimento completamente errôneo do ensino; é um erro tão grave como os outros já mencionados, pois se afasta do equilíbrio perfeito das Escrituras. Não devemos sair do mundo, não deixamos de ser cidadãos deste mundo; e devemos exercer certas funções como cidadãos, enquanto estivermos neste mundo. Sim, mas devemos manter-nos no lugar certo, na posição certa. E sempre uma questão de prioridades e de ênfase, do que vem em primeiro lugar e do que vem em segundo.

Resumindo o que vimos: este assunto está cercado de tantas dificuldades e perplexidades, que a única maneira segura de abordá-lo é examiná-lo cuidadosamente nas Escrituras, reunir todos os pontos, comparar Escritura com Escritura, e jamais forçar um texto, isolando-o do seu contexto. Toda proposição deve ser tomada em seu contexto, tomada como um todo, e então colocada juntamente com as demais. Somente assim poderemos descobrir os grandes princípios do ensino bíblico. Também devemos examinar-nos a nós mesmos, à luz da Palavra. Se não pudermos dizer que o nosso primeiro e principal interesse é a nossa relação com Deus, então, seja o que for que creiamos acerca destas várias questões, será mais ou menos irrelevante. Se não pudermos dizer que vemos nossa vida neste mundo como temporária, passageira e fugaz, outra vez estaremos errados. Se de qualquer maneira ou forma, em nosso pensamento e em nosso falar, dermos a impressão de que este mundo e esta vida são tudo para nós, e que sempre estarão no centro dos nossos interesses, digo que já não estamos mais numa posição condizente com o NovoTestamento. Os problemas estão aí, e temos que fazer alguma coisa com eles; temos que compreender nossa relação com eles. Contudo, se falharmos, não agindo do modo ensinado pela Bíblia, se deixarmos de lembrar que tudo é efêmero e temporário, e que o que realmente importa é que também pertencemos a outro reino, não estamos na posição cristã, de maneira nenhuma e, portanto, quase certamente as nossas deduções serão errôneas.

Ditas estas coisas, podemos agora começar a considerar o ensino das Escrituras, primeiramente e antes de tudo, com vistas à escravidão, mas também, por inferência, com vistas a cada uma das situações em que nos envolvemos com outras pessoas - no emprego, ou sob o Estado, ou em qualquer que sej a. E também devemos ter em nossas mentes a questão sobre se a rebelião é sempre justificada ou justificável. Nossos ancestrais tiveram que enfrentar

estes problemas nos séculos passados; e no mundo são muitos os que têm que encarar urgentemente estes problemas no presente. O fato de que talvez sejam menos graves na Grã-Bretanha não é razão para não pensarmos neles. Devemos saber o que faríamos, se surgisse tal situação aqui. Em todo caso, devemos ser capazes de ajudar

outros. É possível que você tenha amigos ou parentes noutros países, que lhe escrevam e lhe perguntem: "Você é cristão, diga-me, que devo fazer?" È nosso dever conhecer o ensino bíblico para podermos aplicá-lo a nós mesmos e ajudar outros a fazê-lo a si mesmos. Queira Deus dar-nos graça para fazermos isso, para a glória do Seu santo nome!

AS PRIORIDADES DO CRISTÃO Efésios 6:5-9

Tendo notado os princípios bíblicos envolvidos na obediência do cristão a senhores, empregadores, governos e outros, em seguida consideramos a aplicação prática dos princípios, lembrando que a função da Igreja não é tratar das condições políticas ou sociais ou econômicas como tais. Todavia, neste ponto alguns objetam e dizem: "Mas, que dizer dos profetas do Velho Testamento? Não estavam sempre tratando destes problemas e condições de natureza prática?" A resposta é simples: a nação de Israel também era a Igreja. Naquele tempo não havia divisão entre o Estado e a Igreja; o Estado e a Igreja eram um. De modo que, quando os profetas dirigiam as suas advertências à nação, as estavam dirigindo ao povo de Deus, aos crentes. O que sempre cabe à Igreja é tratar das condições da Igreja e, como naqueles dias a Igreja e o Estado eram um, competia à Igreja tratar de problemas políticos e outros. Mas no momento em que chegamos ao Novo Testamento, encontramos uma situação inteiramente diversa. Aqui a Igreja é separada do mundo e reunida aparte dele. Ela tem sua relação com o Estado, porém já não é unida a ele. E vital que observemos esta distinção. Não há contradição entre o Velho e o Novo Testamentos; a atenção é sempre dada à Igreja, ao povo de Deus, e ao povo de Deus em sua relação com Ele como peregrinos da eternidade.

Portanto, a dedução que tiramos é que, primariamente, a tarefa da Igreja é evangelizar, é levar as pessoas ao conhecimento de Deus. Depois, tendo feito isso, deve ensiná-las a viver sob Deus, como Seu povo. A Igreja não está aqui para reformar o mundo, pois o mundo não pode ser reformado. A ocupação da Igreja é evangelizar, é pregar o evangelho da salvação a homens cegados pelo pecado e que se acham sob o domínio e o poder do diabo. No instante em que a Igreja começa a entrar nos detalhes da política e da economia, está fazendo uma coisa que milita contra a sua missão primordial de evangelizar.

Como um exemplo óbvio, vejam o caso da Igreja e o comunismo. Meu ponto de vista é que não cabe à Igreja cristã denunciar o comunismo. Ela está despendendo muito tempo fazendo isso no presente. É errado por esta razão, que a tarefa primária da Igreja é evangelizar os comunistas, abrir-lhes os olhos, levá-los à convicção de pecado e à conversão. Seja qual for a posição dos homens, ou seus conceitos políticos, sejam eles comunistas ou capitalistas ou qualquer outra coisa, devemos considerá-los a todos como pecadores, e igualmente pecadores. Estão todos perdidos, condenados, e todos precisam ser convertidos, todos precisam nascer de

novo. Assim, a Igreja olha o mundo e os seus povos

de maneira inteiramente diferente dos não cristãos. Se, pois, a Igreja gastar o seu tempo denunciando o comunismo, estará mais ou menos fechando tão hermeticamente quanto possível a porta da evangelização entre os comunistas. Diz o comunista: "O seu cristianismo é anticomunista e pró-capitalista; não vou dar ouvidos a essa mensagem". Daí não podermos evangelizá-lo. A Igreja não foi destinada a tratar diretamente de posições políticas e outras; sua tarefa é pregar o evangelho a todos e a cada um, não importa o que sejam, e levá-los ao conhecimento de Cristo. Ela deve abster-se de entrar em pormenores, para que a sua missão primordial de evangelização não sofra impedimento e atraso, e para que não suceda que ela mesma feche a porta contra a própria coisa que ela alega estar fazendo. E isso que se deduz em geral do ensino bíblico. Sempre devemos fazer o que o apóstolo faz aqui, o que vimos que o Senhor Jesus fez, e o que todos os escritores e mestres bíblicos fazem, quer do Velho Testamento, quer do Novo.

Quais são, porém, os princípios pormenorizados que deduzimos disso

tudo?

O primeiro princípio é que, obviamente, o cristianismo não suprime a nossa relação com as condições sociais, políticas e econômicas existentes. É necessário dizer isso porque alguns dos cristãos primitivos erraram neste ponto, e há muitos que ainda erram. Há os que continuam pensando como pensavam alguns cristãos primitivos que, uma vez que um homem se tornava cristão, não estava mais preso à sua esposa, se ela não era cristã. Por isso Paulo teve que escrever o capítulo sete da Primeira Epístola aos Coríntios. Isso estava acontecendo nos dois lados. O homem, por exemplo, argumentava desta maneira: "Nós nos casamos quando éramos pagãos e incrédulos, mas agora sou cristão e vejo tudo diferentemente. Minha mulher não é cristã, de modo que não estou mais preso a ela, pois isto seria um obstáculo para a minha vida cristã". Amesma coisa com a mulher. Os cônjuges convertidos tendiam a abandonar os cônjuges não convertidos. Mas o apóstolo lhes escreveu e lhes disse que não fizessem isso. Havia filhos tendentes a proceder da mesma maneira. Haviam sido convertidos, mas os seus pais continuavam pagãos; então diziam: "Naturalmente os nossos pais não mandam mais em nós. Eles não entendem, são pagãos e, portanto, não precisamos sujeitar-nos mais a eles e à sua direção". Paulo, no entanto, os ensina de outro modo. E assim foi com esta questão dos servos em sua relação com os senhores. De fato, vemos na Segunda Epístola aos Tessalonicenses, no capítulo três, que havia alguns cristãos que até pararam de trabalhar. Argumentavam que agora estavam num novo reino e iam passar o tempo aguardando a volta do Senhor. Por isso, abandonaram as suas tarefas diárias e só ficavam a olhar para os céus e a esperar o aparecimento do Senhor. O apóstolo teve que lhes dizer com toda a franqueza: "se alguém não quer trabalhar, também não coma". O que estavam fazendo

era devido à completa incompreensão do cristianismo.

No caso do relacionamento entre servos e senhores, a tendência era de argumentarem erroneamente, baseados no fato de que somos todos iguais aos

olhos de Deus, e de dizerem: "Porventura o apóstolo Paulo não ensina que "não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus"? Somos todos iguais agora. Já não há diferença entre homens e mulheres; assim, que as mulheres sejam ministras do evangelho e preguem, e que os servos não sejam mais sujeitos aos seus senhores. O fato de sermos cristãos aboliu as relações antigas." Outra vez uma completa incompreensão do cristianismo! O que o apóstolo ensina aí é que não há diferença do ponto de vista da possibilidade de salvação. No entanto, isso não acaba com as ordens da sociedade, não elimina a diferença inerente que há entre um homem e uma mulher, nem estes outros diversos relacionamentos.

A história da Igreja cristã mostra que as pessoas constantemente caem neste erro. A seita conhecida como anabatismo, que surgiu no século dezesseis, fez isso, e dizia que os cristãos nada deviam ter com o Estado. Procuravam isolar-se, segregar-se do mundo em todos os sentidos. Ainda há gente que tem a propensão de seguir nesse rumo; alguns acham que é errado o cristão pagar taxas e tarifas e, para outros, é um erro o cristão participar da política. Não votam nas eleições, e assim por diante. Ora, isso tudo decorre de não levarmos em conta este primeiro princípio - que o fato de nos termos tomado cristãos não dissolve nem elimina a nossa relação com o Estado e com as condições sociais, políticas e econômicas.

Aqui o apóstolo chega ao ponto de dizer que o fato de nos fazermos cristãos não põe fim à escravidão automaticamente. Ele não diz aos escravos que, uma vez que se tomaram cristãos, as condições anteriores são abolidas; na verdade ele diz exatamente o oposto. Os escravos devem continuar como antes, mas com novo ponto de vista e com uma nova atitude que aqui ele ensina. Sua Epístola a Filemom ensina exatamente a mesma coisa. Entretanto, talvez a mais clara exposição disso tudo seja a que se encontra em 1 Coríntios capítulo 7, versículos 20 a 24: "Cada um fique na vocação em que foi chamado. Poste chamado sendo servo (escravo)? Não te dê cuidado; e, se ainda podes ser livre, aproveita a ocasião. Porque o que é chamado pelo Senhor sendo servo (escravo), é liberto do Senhor; e da mesma maneira também o que é chamado sendo livre, servo (escravo) é de Cristo. Fostes comparados por bom preço; não vos façais servos (escravos) dos homens. Irmãos, cada um fique diante de Deus no estado em que foi chamado". Essa é a declaração clássica sobre esta questão. "Foste chamado sendo servo? Não te dê cuidado." Não faça disso a coisa mais importante da sua vida; não fique aflito por isso; não deixe que isso absorva toda a sua atenção; não permita que isso ocupe o centro do seu pensamento. "Não te dê cuidado; e, se ainda podes ser livre, aproveita a ocasião." O fato de que

nos tomamos cristãos não elimina as nossas relações com as condições sociais, políticas e econômicas.

O segundo princípio parece espantoso, de início. O cristianismo não somente não muda a nossa relação com estas condições, nem sequer condena coisas como a escravidão diretamente como sendo pecaminosas. Isso tem sido uma grande pedra de tropeço para muita gente, e particularmente durante este

século. Mas o que nos compete é expor as Escrituras. Ás pessoas argumentam no sentido de que a escravidão é patentemente um mal e um pecado e, portanto, o cristianismo deve necessariamente denunciá-la. Elas argumentam do mesmo modo acerca de várias outras coisas no presente - os conflitos e a guerra, por exemplo. Dizem elas: "Mas é óbvio, toda gente pode ver que é um mal; até o não cristão pode ver isso; todo aquele que tem senso de bondade e de justiça, e noção da dignidade do homem, só pode ver logo que isso é completamente errado". Todavia, o fato puro e simples é que a Bíblia não condena a escravatura desse modo tão direto. Se ela tivesse a intenção de fazê-lo, certamente Paulo o teria feito aqui; contudo não o faz. Escrevendo a Filemon, ele não faz isso, e não o faz em nenhum outro lugar. O Senhor Jesus também não o fez.

Esta é uma coisa que o homem natural simplesmente não pode entender, de jeito nenhum; e os racionalistas e humanistas de hoje - estes críticos do cristianismo - pensam ter um argumento irrespondível aqui. Naturalmente, a simples resposta a eles é que nunca nem sequer começaram a ver os dois grandes princípios normativos que já firmamos. Não conseguem ver que o que importa fundamentalmente é a relação do homem com Deus, e que no momento em que o homem enxerga isso, tudo mais, a escravidão inclusive, passa a ser diferente para ele. Embora continue escravo, não vê isso como via antes; agora ele é um "liberto de Cristo". É porque estes humanistas são cegos para o sobrenatural, cegos para o espiritual, porque não enxergam nada senão este mundo, nada senão esta vida, que todo o seu pensamento é pervertido. O pensamento cristão é diverso do pensamento natural em todos os pontos. É por isso que, para mim, é trágico ver atualmente homens que se dizem cristãos se juntarem a estes racionalistas não cristãos e participarem das suas atividades. A abordagem toda, todo o modo de pensar é inteiramente diverso. Fazemos notar, então, que o cristianismo nem mesmo condena diretamente a escravidão como pecaminosa; e essa é, sem dúvida, a razão por que a escravidão persistiu durante muitos séculos.

Partindo para o nosso terceiro princípio, observamos que, conquanto o cristianismo não condene a escravidão, tampouco a justifica. Aqui, mais uma vez, tem havido muito mal-entendido. Tem havido cristãos que julgam, que o cristianismo é apenas uma justificativa do "statu quo". Espanta-me a cegueira de pessoas que presentemente estão caindo na armadilha católica romana. O catolicismo romano

está combatendo o comunismo, e está convidando os protestantes e todos os que usam o nome de cristãos, para se juntarem a ele nessa empresa. Os que aceitam o convite não vêem que o catolicismo romano está mais interessado em defender a sua modalidade particular de totalitarismo. É simplesmente o caso de um sistema totalitário contra outro, uma defesa do "statu quo". O cristianismo nunca faz isso. Ele não condena a escravidão, mas não a desculpa nem a justifica. Então, qual é a sua atitude? Já expliquei: o cristianismo está interessado é no modo como o escravo se porta para com o seu senhor, e como o senhor se porta para com o seu escravo. Ele não trata diretamente da questão da escravatura propriamente dita.

O problema hoje é que os líderes da Igreja cristã estão despendendo muito do seu tempo para tratar destas coisas diretamente. Estão sempre pregando sobre elas, enviando mensagens e protestos aos governos, tomando parte em marchas. Ação direta! A Bíblia nunca faz isso; o que lhe interessa, e muito, é como os cristãos dos dois lados do problema e da situação se comportam.

Este ensino é de tão vital importância que devo colocá-lo ainda de outra maneira. O cristianismo não está interessado em perdoar práticas como a escravidão; não faz defesa do "statu quo". Ouço falar tanto hoje sobre a defesa da civilização ocidental contra várias formas de agressão! Está tudo errado! Como cristão, não estou interessado primordialmente na civilização ocidental, estou interessado no reino de Deus; e estou desejoso de que os homens atrás da Cortina de Ferro sejam salvos, bem como os que se acham deste lado dela. Não devemos tomar uma posição de antagonismo para com os que desejamos conquistar para Cristo. Se passarmos todo o nosso tempo falando contra eles, nunca os conquistaremos. É por isso que eu nunca prego o "Sermão de Temperança", assim chamado - quero ver os beberrões convertidos. Nossa função não é denunciar a bebida; é levar o pobre ébrio a crer no Senhor Jesus Cristo; porque somente isso poderá libertá-lo. Constantemente, porém, a Igreja se engana neste ensino e entra nas minúcias destas coisas.

Outro modo de argumentar sobre isso é dizer que não cabe à Igreja apregoar o divino direito dos reis. Houve tempo em que a Igreja fazia isso. Tiago Primeiro era muito astuto. Ele dizia: "Nenhum bispo, nenhum rei!" Assim, ele e a igreja episcopal permaneceram unidos, e a igreja se tomou uma defesa e um baluarte em prol do divino direito dos reis. Agindo assim, ela abrogou sua posição e foi se tomando desleal à sua doutrina. A missão da Igreja não é defender algum sistema particular - político, social ou econômico. O cristianismo, digo e repito, embora não condene a escravidão, não a desculpa. Sua atitude é destacada, visando a princípios e neles interessada.

Isso leva ao quarto princípio. O interesse da Bíblia, o interesse do cristianismo, relaciona-se com o modo como o cristão deve reagir a estas coisas e como deve viver num mundo como este. Essa é a essência do ensino, e aqui a temos. Paulo,

quando passa a falar dos “servos e senhores”, não se põe a dar suas opiniões como certos cristãos fazem sobre a questão da escravatura. “Vós, servos”, diz ele, “obedecei a vossos senhores segundo a came, com temor e tremor, na sinceridade de vosso coração, como a Cristo; não servindo à vista...” Noutras palavras, seu único interesse é quanto a se conduzirem eles como cristãos naquela situação. Igualmente com os senhores. “E vocês, senhores, façam o mesmo para com eles.” Não lhes fala que renunciem aos seus escravos; em vez disso, diz: “Não os ameacem, não sejam maldosos, não sejam cruéis com eles”, - “sabendo também que o Senhor deles e vosso está no céu, e que para com ele não há acepção de pessoas”.

Temos o mesmo ensinamento na Primeira Epístola de Pedro, capítulo 2: “Vós, servos, sujeitai-vos com todo o temor aos senhores” - e, observem - “não somente aos bons e cortezes, mas também aos maus”. Ele não diz aos escravos

que se levantem e se rebelem contra os senhores. A Bíblia nunca faz isso. Mas está muito interessada em asseverar que o cristão jamais deverá abusar da sua posição - “não tendo a liberdade por cobertura da malícia”. Esse é o perigo, que o cristão venha a usar sua posição cristã para acobertar a malícia que há nos seu coração. Isso tem acontecido com freqüência; em nome do cristianismo têm sido feitas coisas que jamais deveriam ser feitas. E isso faz inenarrável dano ao cristianismo. Tem acontecido de ambos os lados. É sempre porque os homens e os senhores esquecem que o seu dever é para com Deus, seu Senhor que está no céu, que surgem os problemas.

Facilmente poderíamos alongar-nos sobre estes problemas. Hoje há muitos que dizem que as classes trabalhadoras, assim chamadas, estão fora da Igreja porque a Igreja da época vitoriana era, em grande parte, uma Igreja de senhores. Vá às regiões mineiras de qualquer parte da Grã-Bretanha, e sistematicamente ouvirá isso. Farão você lembrar-se de que, no século passado, com muitíssima freqüência, o chefe no emprego e no templo era o mesmo, o líder dos oficiais da Igreja geralmente era o gerente das obras. Dizem aqueles operários que foi por isso que se revoltaram contra o cristianismo e contra a Igreja. Isso com certeza aconteceu em grande medida na Rússia. A monarquia na Rússia estava sob a forte influência da Igreja Ortodoxa Russa, com aquele mau frade Rasputin dominado a família real. Assim, o povo russo identificava com o cristianismo esse horrível abuso; e jogou fora o que pensava que era o cristianismo. Na realidade não estava fazendo nada disso; estava rejeitando uma horrível perversão do cristianismo, que absolutamente não era cristianismo. No entanto, isso tem acontecido muitas e muitas vezes; tem acontecido dos dois lados (dos servos e dos senhores); e isso em grande parte porque ambos não praticaram e não entenderam o princípio que o apóstolo enuncia aqui. O que nos compete primordialmente é relacionar-nos corretamente com as posições em que nos achamos.

Em Romanos capítulo 13 encontramos exatamente o mesmo ensino. Ali o apóstolo diz aos cristãos que se sujeitem "às potestades superiores; porque não há potestade que não venha de Deus; e as potestades que há foram ordenadas por Deus. Por isso quem resiste à potestade resiste à ordenação de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmos a condenação". Estas palavras foram escritas a pessoas que estavam debaixo do maligno poder do imperador Nero. Mas é o que cabe ao cristão fazer. Seu interesse principal é ser servo de Deus e de Cristo. Seja qual for a sua posição, sejam quais forem as circunstâncias, seja ele senhor ou servo, rei ou súdito, nada disso importa. Todos devem sujeitar-se juntamente, e devem cuidar para, por todos os meios, comportar-se como pessoas cristãs. Não devem preocupar-se primariamente com as situações e condições como tais; sua preocupação como "peregrinos da eternidade", como "estrangeiros e peregrinos", deve ser a de serem fiéis ao seu Senhor e se prepararem para o seu lar eterno.

Passo agora ao quinto e último princípio. Alguém poderá perguntar: "Pois bem, que dizer de melhorar as condições? Não está você, na realidade, tomando

apenas e afinal de contas uma defesa desse "statu quo"? Você afirma que não está fazendo isso, mas com efeito é o que está fazendo. Diz você que o cristão não deve ficar preocupado com as condições, porém que deve concentrar-se em ter um comportamento semelhante ao de Cristo nas condições existentes". A resposta a esta questão é muito simples. Não cabe à Igreja preocupar-se em melhorar as condições; o que lhe compete sempre é propor os princípios bíblicos que venho expondo. Jamais deverá atacar diretamente as circunstân -cias e as condições. Entretanto, ao mesmo tempo, não significa que o cristão individual, como cidadão de um país, não deva preocupar-se em melhorar as condições. Aí, parece-me, está a linha divisória. O cristão individual nunca deve agir como indivíduo isoladamente. Mas isso não significa que, como cidadão do país a que pertence, não tenha o direito de tomar parte no melhoramento das circunstâncias e condições em que ele e outros vivem.

Funciona da seguinte maneira: a mensagem cristã visa, antes de tudo, produzir cristãos. Difunde a pregação do evangelho, convence os homens do pecado, chama-os para o sangue de Jesus, trá-los a esta Palavra pela qual eles podem nascer de novo mediante o poder do Espírito, enfim, transforma-os. Depois, tendo-os transformado desse modo, prossegue, ensinando-lhes estes grandes princípios. Essa é a direta missão e atividade própria da Igreja. Todavia, à medida que realiza isso, a Igreja faz indiretamente mais uma coisa; obviamente influencia a personalidade completa dessas pessoas - sua mente, seu pensamento, seu entendimento. E no momento em que isso começa a acontecer com os homens, eles passam a ver as coisas de maneira diferente e começam a aplicar seu pensamento ao viver diário.

Pode-se achar uma ilustração do que digo, por exemplo, no Desper-tamento Evangélico ocorrido há duzentos anos. Antes desse tempo, a maioria do povo comum

da Inglaterra era ignorante, analfabeta e levava uma vida de pecado e sordidez. Os fatos podem ser encontrados nos livros de história seculares. Havia poucas escolas; o povo estava numa condição de ignorância, analfabetismo, pecado grosseiro e vil. Por que aquela situação se tomou muito diferente no século passado, e mais diferente ainda neste século? Foi porque a Igreja cristã dirigiu uma grande campanha social e política? Não é essa a explicação. Sempre houve líderes individuais da Igreja que tentavam fazer tais coisas; mais isso nunca levou a nada de valor. A mudança foi produzida pela obra de evangelização inflamada e apaixonada de George Whitefield, dos Wesley e de outros, e a situação se transformou. Qual era a mensagem deles? O que Whitefield e os Wesley pregavam às multidões populares, por exemplo aos mineiros das vizinhanças de Bristol? Falavam das condições sociais, de salários e das horas de trabalho? Acaso os incentivavam para a agitação e protesto contra as suas misérias, e para se levantarem em rebelião? A resposta se acha nos seus diários. Whitefield pregava uma mensagem que levava os homens a verem que eram pecadores nas mãos de um Deus irado que, não obstante, providenciara um meio para obter-se perdão. Pregava-lhes sobre as suas almas, não sobre os seus corpos, não sobre as circunstâncias e condições

em que viviam. Na primeira vez que João Wesley pregou nas ruas do distrito mais pobre de Newcastle-on-Tyne, seu texto foi o de Isaías 53: “Ele foi ferido pelas nossas trangressões, e moído pelas nossas iniqüidades: o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados”. A mesma coisa acontecia em toda parte. Os evangelistas sempre tratavam os homens como homens, e o resultado da sua pregação era que as pessoas mudaram e eram convertidas. Tomaram-se cristãs, nasceram de novo. Com que resultado? Os convertidos começaram a usar suas mentes. Não as usavam antes; viviam para beber, jogar e entregar-se a esportes cruéis como a briga de galos. Agora, porém, tendo sido despertados espiritualmente, a personalidade toda se despertou. Descobriram que possuíam mentes. A primeira coisa que desejaram fazer foi ler a Bíblia, mas muitos não sabiam ler, e pediram que se lhes ensinasse a ler; não para poderem estabelecer sociedades e agremiações políticas, e sim para poderem ler a Bíblia. E assim os ensinaram a ler. Dessa maneira foram despertados e iluminados, e começaram a compreender a verdade sobre o homem, e sobre a personalidade e a dignidade do homem. E tendo avançado tanto, foram mais longe ainda; começaram a examinar as circunstâncias e condições em que viviam. Começaram a inquirir se essas condições eram boas, justas e retas e, chegando à conclusão de que não eram, puseram-se a tomar medidas para mudá-las.

Isso era certo e bom; e inteiramente de acordo com o ensino escriturístico. Esse ensino não denuncia a escravidão, e não a desculpa. Não espera que os homens se levantem e a mudem; tampouco mantém simplesmente o “statu quo”. Cuida primeiro do homem, e depois, sob a influência deste ensino, e com este novo entendimento, o próprio homem começa a examinar a situação e lidar com ela.

Podemos resumir isso da seguinte maneira: a Igreja não manda fazer nenhuma dessas mudanças; nunca mandou. Não há uma palavra na Bíblia que diga aos homens que suprimam a escravidão; e, contudo, sabemos que foram homens cristãos que finalmente fizeram isso acontecer. E isso está exatamente de acordo com o ensino bíblico. Não há mandamento para fazê-lo; a Bíblia não trata dessas coisas diretamente, todavia, quando os homens se tomam cristãos, começam a pensar, e pensam sobre os dois lados da questão. Já dei um exemplo de como os operários começaram a pensar. Mas, por outro lado, vejam William Wilberforce. Era rico, nascido no regaço do luxo. Por que passou a preocupar-se com a questão da escravatura? Há somente uma resposta para essa pergunta: foi sua conversão. William Wilberforce passou pela experiência de uma conversão tão radical como a dos mineiros beberrões das cercanias de Bristol. Ele foi inteiramente transformado e, de almofadinha da sociedade, veio a ser um grande reformador, e conforme a sua mente ia se tomando cada vez mais cristã, foi examinando a questão da escravatura e viu que esta era um mal. Não porque tivesse achado algum mandamento especial na Bíblia, porém devido ao seu modo de pensar em geral, e da sua perspectiva cristã em geral! A mesma coisa se aplica ao Conde de Shaftesbury, principal responsável pelos Atos sobre a

Indústria, ou seja, pelas leis trabalhistas inglesas do século passado. Era outro homem, aristocrata dos aristrocatas, nascido na riqueza e no luxo, alguém que experimentou uma conversão bíblica. No entanto, posto que sua mente fora renovada em Cristo, ele começou a ver tudo diferentemente e veio a preocupar-se com as condições predominantes nas fábricas e nas minas. A mesma coisa se pode dizer do doutor Bamardo, fundador do Lar das Crianças Desamparadas.

E sempre aconteceu assim! Não é tarefa da Igreja tratar desses problemas diretamente. A tragédia hoje é que, enquanto a Igreja fica falando desses problemas particulares e tratando diretamente de política e das condições econômicas e sociais, não estão sendo produzido cristãos, as condições estão piorando e os problemas estão se avolumando. É quando a Igreja produz cristãos que ela muda as condições, mas sempre indiretamente.

Darei outra ilustração deste mesmo ponto. Li num artigo muito recente uma coisa que já soubera, uma coisa que de algum modo me havia fugido da memória. Referia-se ao grande Charles Simeon, um clérigo anglicano que serviu em Cambridge de 1782 a 1836, e que foi uma das maiores influências na igreja anglicana até por volta de 1860, e na verdade além dessa data. Foi o seguinte fato que o artigo me fez recordar. Charles Simeon esteve pregando em Cambridge durante todo o período das guerras da Revolução Francesa e das guerras napoleônicas, de 1790 a 1815, e durante todo o transcurso desses vinte e cinco anos, a despeito de todas as crises, alarmes e temores, Charles Simeon não pregou nem uma só vez sobre as guerras. Nem uma só ocasião! Foi amarga e severamente criticado por isso. Por que não tratou desses

acontecimentos? Por que não dedicou tempo aos fatos correntes e não tratou deles, como se supõe que um clérigo deve fazer? Havia muitos outros que estavam fazendo isso, mas já faz tempo que os seus nomes foram esquecidos. Esses pregadores, de sermões tópicos podem ter sido populares em seu tempo, mas ninguém sabe nada a respeito deles hoje - nem mesmo os seus nomes. Não tiveram efeito sobre as condições da sua época; não fizeram a mínima diferença para Napoleão, nem para as guerras, nem para coisa nenhuma; porém no seu tempo os seus nomes estavam nos jornais e nas manchetes! Mas isso não levou a nada; foi fôlego perdido. O pregador anglicano que realmente influenciou a vida da nação foi Charles Simeon; e o fez pelo método bíblico, isto é indiretamente. Ele o fez pregando o evangelho e transformando homens.

A Igreja não pode mudar as condições; e não foi destinada a mudá-las. No momento em que tenta fazer isso, de várias maneiras fecha a porta da oportunidade evangelística. Se eu atacar o comunismo, os comunistas ficam logo na defensiva, e não se dispõem a ouvir o meu evangelho; nem sequer lhe dão ouvidos. Tenho que evitar isso. Não devo lançar um ataque direto a nenhuma destas coisas, quaisquer que sejam. Minha preocupação como pregador do evangelho é com as almas dos homens, minha função é produzir cristãos; e quanto maior for o número de cristãos, maior será o volume de pensamento cristão. Aos cristãos individuais compete entrar no Parlamento, como fez Wilberforce, ou falar na Câmara dos Lordes, como fez o Conde de Shaftesbury,

ou candidatar-se à eleição num conselho ou câmara local, e em geral atuar como bons cidadãos. Vocês são cidadãos - procedam de acordo. Não permitam que estas atividades absorvam todo o seu tempo; não façam delas a coisa principal da sua vida. Muitas vezes tem sido esse o erro. Acredito que, em grande parte, as condições das nossas igrejas hoje se devem a esse fato. Sou suficientemente idoso para lembrar o tempo em que, neste país, a principal diferença entre a igreja anglicana e a capela não-conformista era a diferença entre o torysmo e o liberalismo. O torysmo defendia o "statu quo" e, no outro lado, o não-confor-mismo apresentava reformas. Quanto ao não-conformismo, a época era dos pregadores políticos. Como eu já disse, o pregador político é tão repreensível como os bispos e arcebispos que muitas vezes têm sido apenas capelães do palácio. Juntos eles têm, com freqüência, desviado a atenção do povo para longe da mensagem da Palavra de Deus. Certamente não conseguiram produzir cristãos; e é porque existem tão poucos cristãos no mundo atual que prevalece a impiedade.

Temos, pois, até aqui considerado os cinco princípios bíblicos que regulam as relações de governantes e governados, senhores e servos, empregadores e empregados. Devemos ir adiante para descobrir como as Escrituras nos dão mais orientação sobre a maneira de pôr em execução estes cinco princípios. Precisamos dessa orientação e, graças a Deus, ela se acha aqui para nós. Todavia, se omitirmos a

ênfase principal, os princípios centrais, qualquer outra consideração adicional será pura perda de tempo. A questão que eu gostaria de levantar é: qual é o seu interesse obcecante? São as condições sociais e políticas em que você se encontra, ou é a sua relação com Deus e com a eternidade? Se estiver obcecado por suas condições atuais; se estiver agitado, irritado e amargado por causa delas, e simplesmente estiver condenando as pessoas de um lado e do outro, você já está fora da posição do Novo Testamento. O interesse ardente do cristão é sua relação com Deus, com o céu e com a eternidade e, sendo assim, considera secundárias todas as outras questões. Ele as observa fria e serenamente, compreendendo que a sua primeira função é relacionar-se como cristão com tudo o que a vida envolve. Ele é diferente dos não cristãos. É somente quando o seu espírito está certo desta forma, que ele começa a considerar se, como cidadão que vive neste mundo, deverá tentar mudar ou melhorar ou conservar isto ou aquilo - seja qual for o seu ponto de vista. Mas o interesse final, o interesse vital é sempre este: “Meu Senhor está no céu”; seja eu servo ou senhor, seja eu empregado ou empregador, será que estou me sujeitando ao Senhor e vivendo para a Sua glória?

OS SANTOS NA SOCIEDADE Efésios 6:5-9

Venho acentuando que a obra da Igreja de Deus consiste em pregar, não política ou reconstrução social, e sim o evangelho em sua plenitude. Ao mesmo tempo, tenho declarado que é correto e legítimo tratar de mudar as condições ruins, e que o cristão individual deve tomar parte nessa tarefa. Contudo, neste ponto alguém poderá contrapor, dizendo: "Que dizer dos mártires? Que dizer dos homens que, no passado, foram levados à morte pelo Estado - os mártires cristãos primitivos, por exemplo. Aqueles mártires recusaram-se a declarar que César era Senhor, e foram atirados aos leões, na arena de Roma. Que dizer dos mártires protestantes do século dezesseis? Que dizer dos mártires puritanos da Inglaterra e dos pactuários da Escócia, no século dezessete?" Minha resposta é que aqueles santos não foram mortos por estarem pregando política, ou por estarem fazendo alguma coisa diretamente contra o Estado. Morreram pela verdade, morreram pela fé. Os cristãos primitivos não atacavam o Império Romano. Não eram agitadores políticos. Tudo o que eles desejavam era pregar o evangelho e viver a vida cristã. Então, por que foram mortos? A resposta é que o Estado foi a eles e tentou compeli-los a dizer, "César é Senhor". Negaram-se a fazê-lo. Por que não podiam dizer estas palavras? Porque sabiam que "Jesus é Senhor", e que não há nenhum outro (cf. Filipenses 2:11). Eles preferiram morrer a render-se. Foram resistentes passivos, não ativos. Meteram-se em dificuldades, não por causa da sua atividade, e sim por sua recusa a cometer pecado mesmo pela imposição do Estado. A mesma coisa quanto aos mártires protestantes do século dezesseis, e quanto aos pactuários e outros do século dezessete. Admito que, às vezes, a linha de separação entre o espiritual e o político era muito tênue; e, como todos os homens são humanos, havia às vezes a tendência de intrusão do elemento político. Entretanto, falando em termos gerais, o que venho afirmando é a simples verdade histórica.

Este problema se apresentou muito agudamente na guerra de 1939 a 1945, e está se apresentando em muitos países hoje. E pode surgir em qualquer dos nossos países num futuro não remoto, Deus o sabe. Essa é uma razão pela qual é tão importante considerar estas questões. Veja-se a situação dos cristãos da Alemanha no período anterior à guerra, com Hitler e o nazismo no poder. Que deveriam fazer? É muito difícil ser escriturístico em nossa visão disso tudo. Alguns de nós são naturalmente cultuadores de heróis. Admiramos o homem de coragem, o homem disposto a lutar e a fincar pé por princípios; e, daí, o nosso julgamento está sujeito a ser preconceituoso e poderemos chegar a uma atitude

antibíblica. Todos nós já ouvimos falar de pastores e pregadores que tomaram sua posição na Alemanha, antes da guerra, e criticaram o seu governo e, por isso, foram parar na cadeia ou em campos de concentração. Enchemo-nos de admiração por eles, por serem homens de coragem e de convicção. Mas, talvez, afinal de contas, não sejam os homens que realmente deveríamos admirar. Havia muitos pastores

desconhecidos, de cujos nomes nunca ouvimos falar, na Alemanha e países que tais, que nunca foram postos na prisão, nem em campos de concentração, porém que pregavam fielmente o evangelho domingo após domingo. As personalidades bem conhecidas eram punidas, em geral eram condenadas pelas autoridade por que pregavam política, o que, se a nossa exposição é correta, não deviam fazer. Isso atrai o homem natural, é claro, em termos de heroísmo. No entanto, devemos levantar a questão quanto se isso é bíblico. O apóstolo Paulo não se portava dessa maneira; nenhum dos apóstolos se portava assim. Seguramente os homens que se amoldavam mais ao padrão escriturístico eram os pastores que pregavam o evangelho da salvação domingo após domingo, fazendo crescer o número de pessoas cristãs, edificando os santos e ajudando-os a resistir à tirania e a ajustar-se a ela. Eram os homens que faziam o trabalho realmente difícil e verdadeiramente cristão. Por isso demos graças a Deus por muitos humildes pastores semelhantes a esses, os quais estão fazendo a mesma coisa hoje em muitos países - e os lembremos em nossas orações. Devemos ter muito cuidado para, em todas as ocasiões, excluirmos aquilo que for puramente político e natural, e para assegurar-nos de que estamos nos conduzindo à luz do ensino bíblico.

Isso nos leva a outra questão ou problema que tem sido muito discutido e que tem deixado perplexos a muitos. Estes não podem entender a defasagem que ficou tão evidente na história sobre esta questão da escravatura, por exemplo. Freqüentemente se coloca assim o problema: as pessoas dizem que não podem compreender como foi que a Igreja e o povo cristão, ao que parece, não fizeram nenhum protesto contra a escravidão até por volta do século dezoito. Este é o conhecido argumento do racionalista moderno, do intelectual moderno que não é cristão. Esta é uma das suas substanciais razões para não ser cristão. Acaso não fica logo patente, argumenta ele, que a escravidão é um mal? Não é completamente errado, em princípio, que um homem seja dono de outro? É tão óbvio, diz ele, que toda gente vê isso claramente, e concorda com essa maneira de ver hoje; e, todavia, o cristianismo existiu durante quase dezoito séculos antes de ser feita alguma coisa a respeito.

Como, na qualidade de cristãos, podemos explicar esse tempo perdido? É uma indagação perfeitamente justa. Nós a abordaremos, e teremos que enfrentá-la. E ela está em pauta no pensamento, na época presente, hoje não tanto sobre a questão da escravidão, mas sobre certas questões nas quais as pessoas utilizam o mesmo princípio e a mesma abordagem. Há muita coisa escrita nestes dias, e principalmente em revistas religiosas, no sentido de que a grande necessidade do momento é atualizar a nossa teologia. Certos escritores acham que muitos dos problemas do passado eram devidos a uma teologia errada. A

Igreja, dizem eles, apegada a certos conceitos e ensinamentos falsos, tem sido um empecilho para o desenvolvimento da raça humana; e eles dizem que, num sentido, isto continua sendo verdade. Nossa cultura e nossos conhecimentos nas áreas da

antropologia, sociologia e ciência, e especialmente com respeito ao desenvolvimento da estrutura humana, trouxeram nova luz, dizem eles, mas a Igreja continua presa ao passado.

A que se referem eles? É um assunto insípido, porém, como está sendo discutido livremente, e como são aprovados Atos do Parlamento acerca destas questões, devo mencioná-lo. Refiro-me ao que está sendo dito, por exemplo, com relação às perversões sexuais. A mesma coisa está sendo dita sobre a questão do casamento e do divórcio, e também quanto à questão da ordenação de mulheres ao ministério cristão e de lhes permitir que preguem a congregações mistas. O argumento segue esta linha: no passado a Igreja sempre foi rígida sobre estas questões; sempre denunciou o homossexualismo como sendo uma perversão, um pecado, um mal, um crime. Dizia-se que, por definição e por natureza, as mulheres não devem ser ordenadas ao ministério cristão e não devem pregar; e, quanto ao casamento, ela tem afirmado a indissolubilidade do matrimônio. Agora, porém, dizem eles, sabemos que essa atitude foi um erro. Com o nosso novo conhecimento do homem em termos da anatomia e da fisiologia, da psicologia e da antropologia, sabemos que aquilo que, no passado, sempre foi considerado como uma perversão, e como uma coisa horrível e pecaminosa, para alguns é normal e natural, e não deve ser considerado crime. Nem sequer deve ser considerado pecado; alguns chegam a dizer que é uma coisa bonita. Aquele antigo e errôneo conceito, dizem eles, baseava-se inteiramente no ensino bíblico. Assim, a conclusão é - e eu a li recentemente numa publicação religiosa - que a grande necessidade no momento é "atualizar" a teologia da Igreja e amoldá-la ao conhecimento moderno. Para mim, esse é um dos mais graves abandonos do ensino bíblico que se pode imaginar; e por esta razão: elimina inteiramente a reivindicação de que a Bíblia é a autoridade final em matéria de fé e conduta. Segundo aquele modo de ver, a Bíblia não deve mais ser considerada como revelação de Deus, da Sua verdade, da Sua vontade e da Sua mente. Qual será a nova autoridade? O conhecimento moderno, os progressos modernos do conhecimento e especialmente do conhecimento científico. Daí, tudo no passado estava errado; unicamente o homem moderno está certo. Os que pensam assim, certamente são cegos para o fato de que a lógica da sua posição é que, no prazo de cinqüenta anos, ficará demonstrado que aquilo que eles agora afirmam dogmaticamente é errôneo. Logicamente, as suas alegações chegam a isto: afinal de contas, não existe o certo; estamos numa escala de variáveis; o certo de hoje é o errado de amanhã; não existem padrões absolutos.

Em segundo lugar, no entanto, essa tese presume que o conhecimento moderno está sempre certo. Respondo que nenhum conhecimento científico pode provar que estas horríveis perversões são naturais. Dizer que são naturais não passa de mera afirmação dogmática. A mesma coisa se aplica à questão de

mulheres pregadoras; e também à questão do casamento. A situação continua sendo

que a verdade fundamental só se acha na Bíblia e que os nosso dissabores e problemas modernos se devem ao fato de que o mundo não quer aceitar o ensino das Escrituras. Os conceitos modernos é que estão errados. Não há necessidade de mudança; o que é necessário é retomar à Bíblia e ao seu ensino. É porque os homens e as mulheres estão abandonando a Bíblia, que temos a balbúrdia moral da sociedade de hoje. É por isso que as mas de Londres estão ficando cada vez mais perigosas à noite, e que coisas horríveis estão envergonhando e alarmando a comunidade.

Contudo, nos é dito que devemos pôr de lado a Bíblia ou amoldá-la ao conhecimento moderno e ao entendimento moderno. Essa é a máxima profundeza do pecado e da rebelião contra Deus e Sua santa lei. A grande necessidade é voltar para a Bíblia. Não estou negando que houve ocasiões em que o povo cristão interpretou mal a Bíblia. Veja-se, por exemplo, o famoso argumento que alguns cristãos imaginam que põe fim a esta questão. Dizem eles: "Você sabe, foram os cristãos que se opuseram à moderna concepção do cosmos, e estavam muito errados quanto à astronomia. Diziam que a Terra era chata, ou até quadrada, e puseram obstáculos aos progressos havidos há uns quatrocentos anos". A resposta é mais que simples: a Bíblia não diz que a Terra é chata. No passado, certas pessoas, por não compreenderem a natureza das figuras bíblicas e por seguirem a filosofia grega, chegaram à conclusão de que a Bíblia falava daquela maneira. Mas interpretaram mal as Escrituras e inseriram nelas as suas concepções erradas. Todavia, isso não significa que a Bíblia esteja errada. A mesma coisa é válida com respeito a outras questões. O ensino bíblico é fundamental, pois é a verdade de Deus. Não há contradição entre a verdade de Deus e a verdadeira ciência; há muita contradição entre a verdade de Deus e as teorias dos homens. Mas essas teorias não são verdadeira ciência; pertencem à filosofia e aos domínios da especulação. Não é essa, então, a explicação do tempo perdido.

Nesse caso, qual é a explicação? Primariamente, é a que venho propondo desde o começo, a saber, que o principal interesse da Bíblia é pelo homem em sua relação com Deus e com a eternidade. Entretanto, há uma segunda explicação, e é que o reino de Deus é comparado com o "fermento". Também é comparado com uma "semente semeada no campo", e com uma árvore em crescimento. Naturalmente, a verdade ensinada por todas estas analogias é que o reino de Deus se propaga por um processo muito lento de penetração, crescimento e desenvolvimento. É esse o ensino do Senhor Jesus sobre o Reino em toda parte no Novo Testamento. Isso não muda tudo repentinamente, como por Atos do Parlamento ou por alguma similar promulgação de leis. O reino de Deus não é assim; é como o fermento, requer tempo, parece ser um processo muito vagaroso. A mesma coisa é verdadeira quanto ao método de Deus na natureza; por vezes pensaríamos que não está acontecendo nada; mas o desenvolvimento está ali, embora invisível. É como o Senhor disse numa parábola: um homem mete uma semente no campo, vai para a cama, levanta-

se, vai para o leito de novo, e isto repetidamente. Nada parece acontecer; porém em breve se vê o resultado. O processo foi gradual. Essa é a verdade quanto ao reino de Deus. Quando examinamos a história dos dois últimos mil anos, vemos esta verdade em ação.

Outrossim, a fé cristã nunca disse que sua função é reformar e mudar o mundo. Ela não foi aparelhada para fazer isso, não foi destinada a fazê-lo. Todas as transformações e todos os progressos da civilização são resultados indiretos do cristianismo, não diretos. E os resultados indiretos sempre tomam muito mais tempo. Noutras palavras, o tempo perdido é devido a uma só coisa, a saber, as condições do mundo. A civilização sempre foi um processo muito lento. A história dos empreendimentos missionários o comprova. Pregadores foram para países não civilizados e pregaram o evangelho. Houve conversões, mas levou muito tempo para persuadir os convertidos a mudarem a totalidade da sua vida.

De muitas maneiras, porém, a razão mais importante disso tudo é que o cristianismo realmente resolveu o problema da escravidão no princípio. Essa é a mensagem da Epístola a Filemom. "Filemom", diz o apóstolo noutras palavras, "estou lhe enviando de volta este seu escravo fugitivo Onésimo. Aconteceu que ele esteve na mesma prisão que eu, e se tomou cristão. Eu o estou enviando de volta a você, não somente como escravo, e sim agora como irmão. Você é cristão, Filemom, e Onésimo também é. Ele retoma a você para ocupar a antiga posição, mas, naturalmente, agora ele é um homem diferente. Portanto, embora a situação de fato e a relação externa não tenham mudado, na realidade tudo mudou. Agora Onésimo é um irmão muito amado. Receba-o como tal." Aqui temos a real solução do problema da escravatura; os dois homens, o senhor e o escravo, tomaram-se cristãos. Todavia, vocês vêem que, conquanto "solucione" realmente o problema em sua essência, deixa-o em existência como problema político e social. Esse é o método do cristianismo.

Por que é esse o método do cristianismo? Aí está, parece-me, o segredo real, a real resposta ao problema. Se o cristianismo tivesse tentado alguma outra coisa, alguma coisa drástica no sentido político e social, teria sido exterminado logo no início. Imaginemos que a Igreja cristã, em acréscimo à pregação do evangelho, tivesse começado a atacar toda a instituição da escravatura. Que teria acontecido? Sem nenhuma dúvida, todo os cristãos teriam sido assassinados. O Império Romano poderia ter esmagado o cristianismo. Não o teria denunciado apenas; tê-lo-ia exterminado. Os cristãos nunca interferiram nas questões políticas, sociais ou econômicas, mas a história nos conta que, mesmo assim, toda vez que alguma coisa ia mal no Império Romano, sempre os cristãos levavam a culpa. Os livros de história seculares mostram isso com bastante clareza. Toda vez que alguma coisa saía errada em Roma, quando Roma foi incendiada, ou quando se perdia uma guerra, os homens diziam que a culpa era dos cristãos, que se recusavam a adorar os deuses antigos. Os cristãos eram considerados ateus porque não criam nos vários deuses, que, segundo

se acreditava, controlavam os elementos e, daí, eram responsabilizados pelos terremotos e pelas pestes. Milhares deles foram mortos, não por terem feito algo

errado, e sim porque foram falsamente acusados de serem rebeldes e de particiaparemde insurreições. E com freqüência tem acontecido a mesma coisa desde então, na história da Igreja. Os primeiros metodistas foram acusados falsa e maliciosamente, denunciados como jacobitas (seguidores da casa dos Stuart, após a revolução de 1688). Assim, se o cristianismo se tivesse apresentado no primeiro século com um grande programa político e social, e tivesse afirmado que a escravidão era um mal, e tivesse tentando reformar todo o sistema social, sem dúvida teria sido exterminado imediatamente.

Vemos, pois, a sabedoria de Deus nesta questão. Apesar do fato de que o sistema de escravatura permaneceu, homens e mulheres se convertiam em decorrência da pregação do evangelho. Embora muitos ainda continuasssem na escravidão, eles se alegravam "com gozo inefável e glorioso" (1 Pedro 1:8), porque sabiam que eram cidadãos do céu. Isso não justifica a escravidão, mas nos ajuda a entender por que houve esta defasagem no tempo, esse atraso. Foi o mundo que levou dezoito séculos para enxergar o mal da escravidão, não o ensino cristão. O ensino cristão percebe que não pode transformar a sociedade como um todo; e temos que continuar confiantes em que, gradativamente, o ensino agirá como um fermento, e que os homens serão cada vez mais esclarecidos. O atraso não deve ser explicado em termos de falhas do ensino bíblico; deve ser explicado em termos da cegueira do mundo face ao ensino cristão. Aos cristãos Deus concede a sabedoria e a capacidade de esperarem com paciência até chegar a hora certa para a ação.

São estes, pois, os nossos princípios normativos. Contudo, devo desenvolver um pouco isto, com pormenores. É difícil, é complexo; e talvez alguns perguntem se é necessário fazê-lo, pois não é um problema pessoal para eles. Mas, como eu já disse, neste mundo moderno o cristão bem poderá ver-se nessa espécie de situação um dia. De qualquer forma, sempre é nosso dever pensar nos outros. Que dizer dos cristãos atuais da China, de partes da Rússia e doutros territórios similares? Devemos levar "as cargas uns dos outros" (Gálatas 6:2), devemos dispor-nos a entender estas coisas a fim de podermos ajudar outros, bem como a nós mesmos. Todos o cristãos do mundo poderão vir a enfrentá-las em breve, pois vivemos em dias ominosos.

Vão aqui alguns promenores práticos que os cristãos devem pôr em ação. Refiro-me, é claro, ao cristão individual. Ele deve dar-se conta, primariamente, de que o Estado e o governo, a lei e a ordem na sociedade são ordenados por Deus. "As potestades que há foram ordenadas por Deus" (Romanos 13:1). É Deus quem ordena magistrados, juizes e demais autoridades, primariamente para restringir o mal. Os

homens não inventaram o Estado, não inventaram reis e governadores, magistrados e autoridades. Deus os ordenou para manter o mal dentro de limites. Não são destinados a fazer mais que isso; porém certamente não devem fazer menos. Se Deus não os ordenasse, o mundo estaria num estado de completa anarquia. As condições são bastante más, sendo as coisas como são, mas se não houvesse lei e ordem, Atos do Parlamento e polícia, a situação seria infinitamente pior. Tudo isso foi plano de Deus para manter o mal e o pecado

dentro de limites, para impedir que cubram de chagas a vida e a destruam. As "potestades que há" são um requisito básico. Sejam quais forem as condições políticas em que nos achemos como cristãos, e por mais adversas que nos sejam, devemos dizer: "Bem, afinal de contas, o Estado e todos estes poderes foram postos aí por Deus". Eu não devo dizer: "Suprimam-se as leis". Não, é preciso haver ordem, é preciso haver governo, é preciso haver sistema. Isso é invenção de Deus.

Em segundo lugar, devemos compreender que nenhum sistema é perfeito. O problema, muitas vezes, no passado, foi que alguns tinham a idéia de que o seu sistema político, e somente o seu, era perfeito. Alguns acreditam numa oligarquia, outros numa monarquia constitucional, outros naquilo a que chamam democracia, outros crêem no republicanismo, outros no comunismo, num Estado sem classes, etc. E a dificuldade surge em geral porque cada um destes partidários alega que as suas idéias são as únicas certas, e o seu sistema é o único certo, o único verdadeiro, o único perfeito; e eles lutam em tomo destas coisas.

O cristão examina com cuidado isso tudo; ele sabe que nenhuma destas ideologias é perfeita, nenhuma delas. A Bíblia não receita nem defende nenhuma delas. Tudo isso é matéria para discussão, matéria de opinião humana; e os homens devem investigar estas coisas como cidadãos do Estado. Quanto absurdo tem sido dito sobre estas questões, por todos os lados! Alguns defendiam uma oligarquia ou uma monarquia absoluta, e falavam do "direito divino dos reis". A Bíblia nos mostra claramente que não existe tal coisa. Lembramo-nos do que Deus disse aos filhos de Israel quando desejaram ter um rei pela primeira vez. Mas então, no outro extremo, vemos homens se levantarem e dizerem: "Todos os homens são iguais"; não devem existir divisão de funções, nem governo algum, nem ordem. Muitas vezes isso tem sido um grande lema. Entretanto, simplesmente não é verdade. Certamente todos os homens são iguais diante de Deus; a Bíblia ensina isso. Todavia, isso não é o mesmo que dizer que todos os homens são iguais, pois é mais que evidente que os homens não são iguais. Não há dois homens idênticos. Não se pode dizer que dois homens são iguais quando um deles é um pessoa capaz e a outra é lerda e bronca. Não se pode afirmar que todos os homens têm os mesmos atributos, as mesma aptidões naturais, as mesma propensões. Um tem melhor intelecto do que outro; um tem uma qualidade de liderança que falta a outro. Nascem assim, e evidentemente não são iguais. A

sabedoria comum e geral da raça humana sempre entendeu que se deve aceitar certas divisões a fim de poder-se organizar a sociedade e tomar a vida possível. Os lemas sempre são perigosos.

Tudo isto é demonstrado presentemente na Rússia, onde acreditam (ou acreditavam!) na teoria de uma sociedade sem classes. Mas lá está se desenvolvendo uma nova classe - a do Comissário, o líder, o homem que está na burocracia, o servo civil. Está surgindo uma classe de dirigentes. Podem decidir abolir as referidas diferenças, podem tentar acabar com todas as distinções e divisões naturais, porém voltarão, são forçados a voltar, porque os homens não são iguais. Um homem dotado de habilidade e inteligência, com certeza estará

na dianteira, e os outros naturalmente recorrerão a ele em tempo de crise. Igualmente grandes reivindicações têm sido feitas pelos defensores da democracia. Os próceres da Revolução Francesa proclamavam "liberdade, igualdade e fraternidade", todavia isso depressa levou à tirania, ao ateísmo e a muitas outras más conseqüências.

O ponto que defendo é que, quando o cristão individual olha para todas estas coisas, vê que nenhum sistema é perfeito. Portanto, não devo "perder o controle", não devo dedicar a minha vida inteira à defesa de um sistema qualquer e pretender que ele é perfeito e que solucionará todos os problemas; porque simplesmente isso não é verdade. Os problemas e os dissabores continuarão existindo sob todo e qualquer sistema que se possa imaginar; e sempre será assim. É desse modo que o cristão individual deve ver os problemas da sociedade.

O próximo passo segue-se logicamente. Reconhecendo que não existe sistema perfeito, o cristão deseja ter o melhor possível e fazer o que pode para produzi-lo. Ele não "perde a cabeça" por isso, não fica entusiasmado com isso como, infelizmente, foi o caso de tantos antepassados nossos. Durante os cem anos passados, muitos dos nossos pais não-conformistas esqueceram-se do evangelho e de fato acreditaram que o Partido Liberal ia introduzir o reino do céu na terra pela legislação social. O cristão jamais deverá cair nesse erro colossal. Ele acredita que devemos procurar conseguir o melhor possível, e está disposto a trabalhar para esse fim; e isso está de acordo com o ensino bíblico.

Então o cristão passa a dar o último passo. A tirania, a opressão e a injustiça, argumenta ele, são patentemente contrárias ao ensino bíblico concernente ao Estado e suas funções. Portanto, ele tem direito de lhes fazer objeção. Ao fazê-lo, não está se colocando como um agitador político; está dizendo que, quando pesa sobre o Estado a culpa de tirania ou opressão, ou de perpetrar injustiças, não está se ajustando ao que o apóstolo Paulo diz em Romanos, capítulo 13. Daí, ele se junta a outros em protesto contra o erro e em esforços para corrigi-lo. O próprio apóstolo Paulo portou-se dessa maneira, com relação ao seu injusto aprisionamento em Filipos, como vimos. Ele não estava promovendo agitação contra a lei; simplesmente

estava dizendo que a lei devia ser executada, e executada corretamente. Estava fazendo um protesto legítimo; como cidadão. Ele não pregava sobre estas coisas, mas na prática fatual, como indivíduo privado, insistiu em que a lei, sob a qual ele e outros viviam, devia ser administrada retamente. É sempre essa a conduta certa para o cristão individual.

Assim, como indivíduo, o cristão tem todo o direito de tentar causar mudança, com o fim de obter as melhores condições possíveis, para si e para os outros. Chego até a dizer que, se for necessário, e se houver grande massa de opinião apontando nessa direção, justifica-se a sua participação numa rebelião ou numa revolução. Não deverá agir como o povo agiu no tempo da Revolução Francesa; não deverá prestar culto a "Liberdade, Igualdade e Fraternidade"; não deverá despedir a Deus e dizer: "Todos os homens são iguais". Nunca! Não deverá agir por nenhum motivo ou razão egoística ou pessoal. Deverá procurar

sempre o melhor para o Estado e para o povo. Nesta altura penso na posição de alguns dos puritanos do século dezessete. Era-lhes difícil decidir o que fazer. Deveriam entrar na guerra contra Carlos I, ou não? Estou tentando justificar a posição de Cromwell e outros na rebelião. Não estou justificando tudo o que cada indivíduo fez, porém estou dizendo que, se um homem chega à conclusão de que ele e outros estão sendo submetidos a uma tirania e a uma injustiça oposta ao ensino bíblico sobre o modo como os reis e os governantes devem portar-se, terá até o direito de tomar parte numa rebelião ou numa revolução. Contudo, é preciso que ele seja cuidadoso quanto à maneira pela qual fazê-lo.

Isso me leva às minhas palavras finais. E, portanto, evidentemente, deveras correto que um cristão participe de todo movimento ou de todos os preparativos e acertos destinados a produzirem as melhores condições possíveis para os seres humanos enquanto estiverem nesta vida e neste mundo. É perfeitamente legítimo que um cristão tome parte na política, adestre-se nela, e não apenas vote, mas seja um conselheiro local (ou vereador) ou um membro do parlamento (ou um deputado). Com base no mesmo princípio, é igualmente válido que um cristão pertença a um sindicato. As leis do país legitimaram a realização de reunião dos homens para a consecução da justiça e dejogo limpo. Também têm direito legal à greve e a recusar-se ao trabalho. A lei também reconhece organizações similares formadas por empregadores. Pertencer a um ou a outro tipo de sindicato é legítimo; é certo.

Há, porém, muitos cristãos que acham pecaminoso pertencer a um sindicato; mas isso é entender de maneira completamente errada o ensino bíblico. Pertencer a tal organização de maneira nenhuma será uma contravenção do ensino apostólico sobre servos e senhores. Diz este ensino que sempre devo ajustar-me de maneira legal à situação vigente, porém que, se eu puder mudar legitimamente as condições, tenho direito de fazê-lo. Tenho direito de dar cabo à escravidão, se puder fazê-lo do jeito

certo e legítimo. Não devo fazê-lo de modo precipitado ou ilegal. Jamais deverei prejudicar a reputação da causa cristã. Mas, pelos meios certos e legítimos, exercendo meu voto, falando, conversando, organizando, sendo tudo isso legítimo - posso fazê-lo. Assim, o cristão individual pode pertencer a estas várias sociedades, organizações e instituições e, ao fazê-lo, de modo nenhum estará violando os seus princípios cristãos. Há pessoas cristãs nos diversos partidos políticos; e poderemos achá-las nos diferentes grupos sociais e industriais. Todas estas divisões são condizentes com a profissão da fé cristã.

Resta acentuar uma questão de extrema importância. O cristão, em sua situação pessoal e particular, deve ter o cuidado de conduzir-se de maneira verdadeiramente cristã. Ele não tem por que ficar confuso acerca destas coisas. Só porque ele pode discordar de um sistema, não deve tomar a lei em suas mãos e agir contra ela. O apóstolo nos exorta a, como crentes, vivermos sempre de maneira obediente às leis, sejam quais forem as circunstâncias e as condições. Se é possível melhorar a situação de maneira reta e legítima, estamos livres para unir-nos a outros para conseguí-lo. No entanto, não devemos permitir que isso

interfira em nossa presente conduta. Havia cristãos vivendo no Império Romano, sob aquele horrível déspota, o imperador Nero. Não lhes foi dito que se levantassem e se rebelassem contra ele e o derrubassem. Foi-lhes dito que fossem obedientes. Mas, numa visão mais ampla, como cristãos individuais, deviam sentir-se livres para utilizar quaisquer meios e métodos legítimos para abolir semelhantes tiranias e introduzir a melhor forma de governo concebível neste mundo pecaminoso e mau.

Acabamos de tratar de algo que, sem dúvida, é o aspecto mais difícil desta questão. Passaremos a examiná-la de modo muito mais simples e mais direto. Queira Deus iluminar-nos e ensinar-nos a pensar de maneira cristã e a ver todas as coisas à luz destes grandes princípios enunciados na Palavra de Deus! Quem sabe se a sua conduta, como servo ou senhor, venha a ser o instrumento pelo qual você venha a atrair e cativar alguém, e a despertá-lo para a verdade deste glorioso evangelho, que muda o homem e toda a sua perspectiva. Assim, simplesmente fazendo o seu trabalho, seja qual for e seja qual for a sua esfera, e até mesmo, talvez, suportando o mal de maneira cristã, você poderá ser um embaixador de Cristo, um evangelista do reino de Deus.

ESCRAVOS DE CRISTO Efésios 6:5-9

Chegamos à conclusão geral de que compete ao cristão amoldar-se às circunstâncias e condições em que se acha. Ele não deve libertar-se ou tentar libertar-se por haver se tomado cristão. Vimos também que ele tem direito de juntar-se a outros para melhorar e mudar as condições de vida. Ele o faz dentro dos limites da lei; e tem o direito de agir assim. Mas o princípio dominante é que a principal tarefa e o

principal objeto do cristão devem consistir em descobrir como ajustar-se, com este novo entendimento que agora ele tem, às circunstâncias em que se acha.

Disso tudo podemos tirar certas conclusões. Não há nenhum pecado envolvido quando o cristão faz coisas ligadas a um sistema no qual ele está envolvido, embora possa preferir não fazer essas coisas. Por exemplo: eis aí cristãos envolvidos numa situação parecida com a dos escravos do tempo em que o apóstolo estava escrevendo. Como cristãos, exige-se deles que façam coisas que eles gostariam de não fazer, coisas que talvez até possam considerar definitivamente errôneas; todavia, parece-me, o ensino bíblico é que eles devem fazer essas coisas. Devem prestar obediência porque isso faz parte do sistema no qual estão envolvidos. Não foi dito ao escravo que ele devia procurar livrar-se, aliviar-se da sua situação. Não, ele tinha que se amoldar, tinha que prestar obediência. Este é um princípio muito importante. Permitam-me aplicá-lo às condições atuais.

Há muitos cristãos envolvidos em negócios ou na indústria e que recebem ordem para trabalhar no domingo. Muitas vezes ficam perplexos sobre isso, e perguntam: "Estarei pecando por trabalhar no domingo?" A título de resposta, geralmente questiono a pessoa do seguinte modo: "Se você estivesse em completa liberdade, e tivesse direito absoluto de fazer sua escolha nesta questão, escolheria trabalhar no domingo? Você me diz que recebe pagamento dobrado por trabalhar no domingo. Muito bem, eis minha pergunta: se você estivesse em absoluta liberdade, renunciaria a esse pagamento em dobro para poder participar do culto público na casa de Deus?" E se a pessoa me disser que pode afirmar com toda a sinceridade que é o que ela escolheria, isto é, estar na casa de Deus, então lhe direi que não estará pecando se trabalhar no domingo, se isso faz parte do sistema em que ela está envolvida. Se se negar a trabalhar no domingo, perderá o seu posto, o seu emprego; e o cristão não é chamado para agir dessa forma. Ele está envolvido num sistema no qual pode não acreditar, como acontecia com os escravos; porém a injunção é que ele deve dar

obediência dentro do sistema, embora às vezes isso possa incluir a prática de coisas que ele mesmo não escolheria para si.

Deixem-me dar outra ilustração. Há pouco tempo começou-se a falar da possibilidade de uma greve de profissionais da medicina. Muitas médicos cristãos ficaram preocupados, e indagaram: "Podemos, como cristãos, participar da greve?" Minha resposta foi: "Claro! Vocês não se acham em nenhuma situação nova ou excepcional". A mesma questão surge com qualquer cristão envolvido em qualquer ocupação. Quando se propõe uma greve, o cristão deve tomar parte nela? De novo, a resposta me parece bastante clara. Seja qual for a sua opinião, ele está envolvido no sistema. Hoje em dia a indústria está organizada de tal maneira que o operário não tem contato pessoal com os seus empregadores; ele é um do grupo, e os seus patrões provavelmente pertencem a um grupo também. O elemento pessoal está

desaparecendo, na verdade em grande parte já desapareceu. O operário é uma parte do sistema; normalmente, ele tem que pertencer a um sindicato para conseguir um cargo. Assim, o cristão realmente não tem escolha aqui; tem de ajustar-se ao sistema. E se a maioria das pessoas com quem ele trabalha parte para a greve, ele se junta ao movimento, sejam quais forem as suas opiniões pessoais. Doutro modo, sua vida se tomará impossível e, por último, manchará a reputação do cristianismo, porque ele parecerá ridículo aos olhos dos demais. Todo cristão deve pensar nesse assunto e pô-lo em ação por si próprio. O princípio é que o cristão tem de fazer parte do sistema em que se acha. Poderá fazer o melhor que puder, junto com outros, para mudar o sistema ou para melhorá-lo; todavia não deverá agir como rebelde, não deverá ir contra o sistema como indivíduo só porque é cristão.

O segundo ponto - e me apresso e acrescentá-lo porque é uma restrição a tudo que estive dizendo - é que há um ponto em que o cristão deve assumir uma posição absoluta. É quando se lhe pede que faça alguma coisa, ou quando se envolve numa situação que afeta a sua relação pessoal com Deus e com o Senhor Jesus Gristo. Aí ele terá que tomar uma posição firme a absoluta, sejam quais forem as conseqüências. Se for colocado numa situação em que, de algum modo, tenha que negar a seu Senhor, deverá recusar-se a fazê-lo. Precisa ter cuidado. Ele é governado por estes dois princípios. Não deve agir de modo que venha a merecer a acusação de escrupulosidade mórbida e, todavia, sempre deve saber onde traçar esta linha divisória. É quando a questão é da sua relação pessoal com o Senhor e de tudo quanto diz respeito à salvação, que ele toma sua posição de resistência. Aqueles cristãos primitivos continuaram a servir como escravos; porém nunca diriam "César é Senhor". Morreriam, mas não diriam isso.

Há uma boa ilustração deste ponto no capítulo primeiro do Livro de Daniel. Daniel viu que em certo ponto ele tinha que tomar posição de resistência. Ele o fez de maneira muito razoável, e venceu. No entanto, cada qual deve julgar por si mesmo, em cada caso. Jamais deverá fazer qualquer coisa que envolva uma negação do seu Senhor, ou que, de alguma forma, interfira na questão da sua salvação.

Esse é o aspecto geral da matéria. Isso nos habilita agora a ir adiante e a considerar os aspectos mais práticos do comportamento quanto a servos (escravos) e senhores, nos termos do ensino do apóstolo. Os escravos devem continuar escravos, mas como? Como devem conduzir-se? Agora, como cristãos, como devem conciliar o seu novo ponto de vista com a situação na qual deverão continuar? A resposta parece dividir-se muito naturalmente em duas partes. Em primeiro lugar, como devemos servir? De novo o apóstolo divide isso em duas partes - estou seguindo as divisões dele, não as minhas. Ele enfrenta grande dificuldade sobre isto, e entra em detalhes. Primeiro lança um ponto negativo. Eles devem ser obedientes aos seus senhores; mas, "não servindo à vista". Esse é o elemento negativo, no começo do versículo 6.

Como devemos entender a expressão, “não servindo à vista”? É uma coisa que todos nós conhecemos bem. Significa que os servos devem obedecer aos seus senhores, porém não devem estar sempre com os olhos postos no senhor, não devem olhar mais para o senhor do que para a sua tarefa particular. Noutras palavras, não devem fazer apenas o mínimo, apenas o suficiente para ficarem livres de problema. Há um tipo de servo que, seja o que for que estiver fazendo, sempre está de olho no senhor, vendo se ele vem vindo ou se está vigiando. Se ninguém estiver observando, ele não faz nada, ou faz o mínimo; contudo, quando o senhor está por perto, ele trabalha arduamente, e dá a impressão de que é um servo cumpridor do dever. Servir “à vista” é isso; e diz o apóstolo que o cristão nunca deve portar-se dessa maneira, fazendo o mínimo possível que seja compatível com o recebimento do seu salário ou de qualquer tipo de recompensa. O apóstolo está condenando a atitude daquele que se preocupa meramente em ficar sem problemas e em manter as coisas funcionando, a atitude de quem não está nem um pouco interessado no trabalho, que não está preocupado em fazê-lo, que, de fato, está preocupado em fazer o mínimo possível, a atitude do homem que só trabalha quando está sendo vigiado. Servir “à vista”, diz o apóstolo, é totalmente incompatível com a atitude genuinamente cristã.

Então, que devemos fazer? Devemos ser o exato oposto do tipo que faz o serviço à vista. Observem o método do apóstolo. Ele nunca se contenta com positivos somente. Muita gente insensata hoje não gosta de negativas. Contudo, em grande parte o mundo está como está hoje porque as pessoas não observam as negativas. É tão importante que nos seja dito o que não devemos fazer, como

0 que devemos fazer. Então, como devemos servir? “Vós, servos, obedecei a vossos senhores segundo a carne, com temor e tremor.” Notem que o apóstolo emprega esta mesmíssima expressão noutros lugares, como, por exemplo, em

1 Coríntios 2:3, onde ele diz aos coríntios: “E eu estive convosco em fraqueza, e em temor, e em grande tremor”. Temo-la de novo em 2 Coríntios 7:15, onde, referindo-se a uma visita de Tito aos coríntios, ele diz: “E o seu entranhável afeto para convosco é mais abundante, lembrando-se da obediência de vós todos, e de como o recebestes com temor e tremor”. Outra vez, na famosa passagem de Filipenses 2:12: “De sorte que, meus amados, assim como sempre obedecestes, não só na minha presença”. Aqui de novo encontramos a mesma

idéia. “Sempre obedecestes”, afirma Paulo, “e não somente quando eu estava convosco”; isto é, “não estais prestando obediência servindo à vista, ou como os que querem agradar os homens”. “Bem sei”, diz ele, “que, esteja eu convosco ou não, continuareis portando-vos deste modo. De sorte que, meus amados, assim como sempre obedecestes, não só na minha presença, mas muito mais agora na minha ausência, assim também operai a vossa salvação com temor e tremor”.

As outras passagens citadas ajudam-nos a interpretar o que aqui se quer dizer. Não significa que Paulo está exortando estes escravos a viverem num estado de perpétuo temor e tremor dos seus senhores, a terem uma espécie de medo covarde e mórbido - o medo do pobre escravo que pensa no senhor com o seu capataz e o seu cruel chicote. Não significa que eles sempre devem estar tremendo de medo ante o que possa acontecer-lhes. Isso é inconcebível, e impossível como interpretação aqui e nas outras passagens.

Para descobrirmos o que significa, precisamos observar o próprio apóstolo, quando foi pregar em Corinto. Diz ele que foi "em fraqueza, e em temor, e em grande tremor". Qual terá sido a causa desse temor que o fez tremer? Obviamente não é que ele tivesse medo dos coríntios. O apóstolo não tinha nenhum temor desse tipo. Ele não teve medo dos epicureus e dos estóicos em Atenas, nem de reis como Herodes, nem de governadores romanos, como Félix e Festo. Ele não tinha necessidade de temer ninguém. Ele não era somente bom parceiro intelectual de quem quer que o ouvisse; era intelectualmente superior. Ele não temia nenhum dos judeus em matéria de conhecimento da lei, e sabia que os gentios eram ignorantes no que diz respeito a Deus. Portanto, não era essa espécie de temor.

O temor do apóstolo era que, de um modo ou outro, chegasse a apresentar mal seu Senhor e Mestre e o evangelho que ele tinha que pregar. Ele sempre achava que era uma coisa tremenda ser pregador deste evangelho. Sabia do perigo que corria de levar as pessoas a se colocarem contra o evangelho. Daí, temia e tremia. O apóstolo considerava a pregação do evangelho uma coisa muito séria. Há pessoas que estão prontas a correr para o púlpito a qualquer hora. O apóstolo não! Se não se sentisse constrangido pelo amor de Cristo, e se não pudesse dizer, "ai de mim, se não anunciar o evangelho!" (2 Coríntios 5:14; 1 Coríntios 9:16), ele nunca teria pregado. Nós "operamos a nossa salvação" da mesma maneira. Não que os cristãos sejam exortados a serem mórbidos; e sim que devemos dar-nos conta de que aquilo que realizamos nesta vida e neste mundo é tremendamente importante. "Porque todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo" - cada um de nós - "para que cada um receba segundo que tiver feito por meio do corpo, ou bem, ou mal" (ou, segundo a Versão Autorizada,"... e prestar contas dos atos praticados enquanto no corpo, bons ou maus", 2 Coríntios 5:10). É esse o seu significado. É, pois, o "temor e tremor" de apresentar algo mal ou de não fazer bem feita alguma coisa. Diz o apóstolo que os escravos devem ser obedientes a "seus senhores segundo a carne" daquela maneira. Que coisa tremenda é ser cristão! Isto eleva tudo - até esta

condição de escravidão - e coloca tudo num contexto mais elevado. Eis aí, então, o pobre escravo fazendo um serviço manual subalterno; é-lhe dito que o faça do mesmo modo e com o mesmo espírito com que o próprio apóstolo pregava o evangelho.

A expressão subseqüente é, “na sinceridade de vosso coração” (AV, “com um só coração”). É semelhante ao que o Senhor Jesus disse no Sermão do Monte e noutras passagens sobre os “bons olhos” (AV, “olho ou olhar único”, cf. Mateus 6:22). Significa o oposto da visão dupla; o oposto da realização ou da visão de duas coisas ao mesmo tempo. O “olhar único” denota focalização, concentração. Significa que devemos fazer o que nos compete com atenção e esforços indivisos. Aqui o apóstolo está pensando em motivos, e especialmente em ter-se um motivo único. Nosso motivo deve consistir em fazermos o melhor trabalho possível, para podermos de fato fazê-lo da melhor maneira possível e, acima de tudo, para agradar ao Senhor. Será que todos nós, como cristãos, compreendemos a aplicação disto a nós mesmos? O apóstolo está dizendo a estes escravos que façam o seu trabalho desse modo; não como gente que tem os olhos postos no seu senhor, o qual pode voltar a qualquer momento, não “servindo à vista”. Uma vez que são cristãos, não deverá importar se o senhor está â vista ou não, porque deverão realizar com “um só olhar”, “com sinceridade de coração” a tarefa que lhes foi designada. Deverão concentrar-se nela e dedicar-lhe atenção indivisa.

Isto significa, entre outras coisas, que cabe ao servo, cabe ao empregado - independentemente de quem seja o seu empregador - dedicar-se totalmente ao seu trabalho e ao seu senhor ou patrão, enquanto for esse o seu trabalho. Seu tempo não lhe pertence; pertence ao seu senhor. O dinheiro que manuseia não é dele; é do seu senhor. Tudo quanto se relacione com o seu trabalho pertence ao seu senhor. Noutras palavras, eu diria que o cristão está desobedecendo à injunção do apóstolo se, durante o tempo pertencente ao seu empregador, e quando deveria estar fazendo o trabalho devido ao empregador, ele está dirigindo a atenção a algum outro interesse.

Não tenho o direito de usar o tempo pertencente ao meu patrão, nem mesmo para evangelizar! Há muitos cristãos que erram neste ponto. Conquanto pagos para fazer o seu trabalho, usam parte do tempo - que não é deles, mas do seu empregador - para falar da fé cristã, da alma, da salvação. Gastam horas nisso, durante a semana, e incontáveis horas durante o ano. E, no entanto, uma completa desobediência a esta injunção apostólica; é uma prática desonesta, é uma forma de roubo. Diz o apóstolo que devemos obedecer com “sinceridade de coração”, com “um só coração”, que devemos concentrar-nos na obrigação, dedicar nossa atenção ao dever, sem dividi-la. Não temos direito de apropriar-nos, por melhor que seja o nosso motivo, daquilo que pertence ao nosso patrão. Contudo, alguém dirá: “Certamente, se for para o bem da alma de alguém, só pode ser correto”. Mas não é! Você não foi empregado como evangelista. Isso não consta nos termos do seu contrato; não foi mencionado quando você se encarregou do serviço. Você não tem nenhum direito de fazer isso, não foi

destinado a fazê-lo, e finalinente estará causando dano ao evangelho, se se portar dessa maneira.

Isto se aplica a tudo que pertence ao empregador. Vez por outra fico chocado quando recebo convite para falar numa União Cristã ligada a um departamente do governo, ou a alguma grande casa comercial, ao ver que o convite foi escrito em papel de carta do governo ou da casa comercial. É grave, pois é uma forma de furto e roubo. O cristão não tem direito de expedir comunicações sobre as atividades de uma associação cristã valendo-se de papel de carta da companhia ou do escritório em que trabalha, a menos que tenha recebido autorização específica para fazê-lo. Ele está se apropriando de algo que não lhe pertence. Já não é mais servir com "um só coração". Devemos desenvolver essa verdade em termos de tempo, posses e de todos os demais aspectos. O cristão precisa ser cuidadoso nestas coisas.

A expressão que, a seguir, o apóstolo emprega é, "fazendo de coração a vontade de Deus". "Não servindo à vista, como para agradar aos homens, mas como servos de Cristo, fazendo de coração a vontade de Deus". Uma tradução melhor seria: "de alma". Notem que as três expressões aqui utilizadas são virtualmente as que o Senhor Jesus empregou quando Lhe perguntaram qual é o primeiro e grande mandamento. Disse Ele: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento" (Mateus 22:37). Já vimos a questão do coração; agora estamos vendo a da alma. Depois, sob a expressão "boa vontade", temos a mente. Noutras palavras, a ênfase é dada ao homem completo. O apóstolo está dizendo que a personalidade toda deve concentrar-se no trabalho. A expressão "de alma" significa "sincera e cordialmente", "fazei-o das profundezas do vosso ser". "Não o façam de má vontade."

Ah, isto chama a atenção para uma falha comum! As pessoas fazem seu trabalho de má vontade. Prefeririam não fazê-lo, e gostariam de não ter que fazê-lo. Não há nobreza na maneira como o fazem; dão a impressão de que é tudo "a contragosto". Fazem-no com impertinência; tem que ser arrancado delas, por assim dizer. Diz o apóstolo que não é dessa maneira que devemos trabalhar, mas sim devemos sempre trabalhar "de coração", de alma, das profundezas do nosso ser. Devemos ser transparentes e mostrar aquela dedicação irrestrita. "Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças" (Eclesiastes 9:10). Seja um só, seja uno, aja de maneira que tudo venha diretamente das profundezas da sua alma. Dessa maneira os escravos devem obedecer a seus senhores, diz o apóstolo Paulo. E é como todos nós, no emprego, seja este qual for, devemos conduzir-nos e comportar-nos; não com um espírito amargo, mas com um espírito aberto e com dedicação total e sincera.

A derradeira frase é "servindo de boa vontade". Boa vontade! Isto, como eu já disse, refere-se à mente e ao entendimento. Noutras palavras, o cristão deve mostrar que ele pensou bem nisso tudo; ele não está confuso. Aqui temos, de novo, um tema que bem poderia ocupar-nos por algum tempo. Com freqüência pessoas me procuram com perplexidade como a seguinte: eis alguém

que ensina literatura inglesa. De repente se converte, toma-se cristão, e logo se defronta com um problema. “Poderei continuar fazendo este trabalho?”, pergunta ele. “Não se trata de algo especificamente cristão. Aqui estou eu, ensinando Shakespeare a crianças não cristãs, e Shakespeare não tem nenhum ensino especificamente cristão. Será certo eu continuar deste modo?” Assim os cristãos ficam confusos, e desenvolvem mente dividida. Não fazem mais o seu trabalho “de boa vontade”. Eles não estão muito seguros. Algo neles diz que isso é errado; algo diz que é certo. Daí, não sabem o que fazer. O apóstolo dá a resposta a todos os problemas semelhantes a este com as palavras, “de boa vontade”. Procure ter as coisas bem claras em sua mente, veja o lugar da cultura na totalidade da visão cristã da vida; então você será capaz de fazer o seu trabalho de boa vontade.

O problema merece maior atenção, pois, na experiência de muitos cristãos, vem o tempo em que vão achar que deverão ser, como eles o colocam, “obreiros cristãos de tempo integral”. “Uma vez que sou cristão, não devo fazer nada que não seja obra cristã.” Isso é completamente contrário ao ensino do Novo Testamento. Se você for chamado para o serviço cristão de tempo integral (assim chamado), bem, vá fazê-lo. No entanto, se não for chamado para isso, fique onde está (1 Coríntios 7:20). Você não deve dizer automaticamente: “Preciso abandonar tudo para viver como cristão”. Eu não seria pregador e pastor se não tivesse sido chamado por Deus para essa obra, se eu não pudesse dizer que não poderia fazer nenhuma outra coisa. Se você pode fazer alguma coisa, continue fazendo essa outra coisa; e quando não pode, fique certo que Deus o chamou para uma obra especificamente cristã. O que estou condenando é a idéia de que, porque você se tomou cristão, e porque o trabalho que está fazendo não é diretamente cristão, isso não é compatível com a sua vida como cristão. Provavelmente é! “Vós, servos, obedecei a vossos senhores segundo a came.” Procure ter a coisa clara em sua mente, e então você será capaz de fazer o seu trabalho com boa vontade. O seu entendimento será claro, a sua atitude será clara, você não será hesitante, relutante, você não fará o seu trabalho com mente dividida. “Boa vontade” - a totalidade do seu ser estará nele, e você o fará de maneira salutar.

Isso nos leva à segunda parte da divisão principal. Por que o apóstolo exorta estes escravos a conduzir-se deste modo para com os seus senhores? E *nós,* por que devemos trabalhar desse modo? Esta questão é importante, por este motivo: se não compreendermos o ensino desta segunda parte, jamais poderemos pôr em execução o ensino da primeira parte. Somente quando compreendermos isso é que estaremos habilitados para realizar o nosso trabalho, “não servindo à vista”, mas “de coração” e com “boa vontade”, das profundezas da alma.

Mais uma vez o apóstolo divide a sua declaração em um elemento positivo e um negativo. Não é minha divisão, é dele. Eis os termos negativos: “Não servindo à vista, como para agradar aos homens”. Não devem fazer o seu trabalho, diz ele, com aquela espécie de serviço “à vista” que mantém os olhos

fixos nos senhor, tendo como principal motivo ser bem visto pelo senhor, agradar aos homens. Não devem agir como os que querem agradar aos homens. Ele repete o pensamento no versículo 7, e o faz porque é muito importante: "Servindo de boa vontade como ao Senhor, e não como aos homens". A repetição da negativa é feita com vistas à ênfase. Noutras palavras, a primeira coisa que temos que entender é que não devemos estar olhando para os homens. Não seria esse todo o problema relativo ao não cristão e à vida não cristã? O não cristão está constantemente com os olhos postos nos homens - em si próprio e noutros homens; está constantemente indagando: como isto irá afetar-me7 Como irá beneficiar-me? E se, como cristão, esse for o meu motivo, terei sempre os meus olhos postos nos outros. Que pensam de mim? Que pensam da minha aparência? Que pensam de mim como homem? Que pensam da minha capacidade? Que pensam de mim como pregador? Que pensam de mim numa centena de aspectos? As considerações dominantes virão a ser estas: que pensam as pessoas dos vizinhos? Que pensarão as outras pessoas no escritório ou na fábrica? Toda a vida será assim controlada pelos homens e por suas opiniões. "Como aos homens." Toda a vida do incrédulo, pobre sujeito, é inteiramente governada e confinada pelo homem. Ele deseja o louvor do homem, pelo que sempre está com os olhos voltados para os homens, sempre a observar outras pessoas. Mas não se deve poder dizer isso do cristão - "não... como para agradar aos homens". Não deve ser nossa ambição agradar aos homens.

Volvendo ao elemento positivo, vemos que o apóstolo tem quatro frases sumamente interessantes. A primeira acha-se no versículo 5, "como a Cristo". "Obedecei a vossos senhores segundo a carne, com temor e tremor, na sinceridade de vosso coração, como a Cristo." A próxima ocorre no versículo 6, "Não servindo à vista, como para agradar aos homens, mas como servos de Cristo". E a outra, "fazendo de coração a vontade de Deus" - não a dos homens; "servindo de boa vontade como ao Senhor, e não como aos homens".

Lembrem-se de que Paulo exortara as esposas exatamente da mesma maneira. "Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor." "Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou..." "Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais no Senhor." Tudo é "no Senhor". Assim aqui vemos, em conexão com estes escravos - "como a Cristo", "como servos de Cristo", "fazendo... a vontade de Deus", "como ao Senhor, e não como aos homens". Aqui temos a chave de toda a posição do apóstolo. Ninguém pode falar dessa maneira, exceto o cristão. O homem do mundo não está interessado nisto, não pode compreender absolutamente nada disto. Mas isto é a marcà típica, a pedra de toque do cristão. No momento em que um homem se toma cristão no sentido real do termo, enxerga tudo de diferente maneira - seu trabalho, sua esposa, seus filhos, seu lar, suas tarefas mais subalternas. Toda a sua maneira de ver muda. Nada permanece como antes - "as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo" (2 Coríntios 5:17).

Podemos demonstrar como isto funciona tomando estes termos e colo-

cando-os de forma diferente. O maior desejo do cristão é fazer a vontade de Deus, "fazendo de coração a vontade de Deus". Agradar a Deus é o primeiro e o principal desejo do cristão. Que é um cristão? Em primeiro lugar, é alguém que chegou a dar-se conta de que é um pecador. E o que é um pecador? Não é apenas alguém que faz certas coisas que não devia fazer; um pecador é, primariamente, alguém que não vive para a glória de Deus. "Este é o primeiro e grande mandamento: amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento e de todas as tuas forças." "O fim principal do homem é glorificar a Deus e gozá-lo para sempre", como nos diz o Breve Catecismo (de Westminster). Que é pecado? Pecado, em sua essência, é alguém negar-se a fazer isso. O pecado indica que o homem não está vivendo para fazer a vontade de Deus. Quando um homem chega ao conhecimento de que é um pecador, percebe que não estava vivendo para essa grande finalidade e obj etivo. Vivia para si mesmo e para os seus comparsas no pecado, e então diz: "Ai de mim! Jamais vivi para Deus e para fazer a vontade de Deus. Tenho agradado a todos, menos a Deus. Nunca achei que agradar a Deus devia ser a primeira coisa em meu viver". Mas agora ele enxerga isso. Essa é a primeira coisa típica de um cristão. Ele é alguém que passou a ver que a sua primeira consideração, sempre e em todos os departamentos e áreas da vida, deve ser conhecer e fazer a vontade de Deus; e está determinado a viver dessa maneira. Sua primeira consideração sempre deve ser: qual é a vontade de Deus quanto a mim? E que eu continue a ser como sou? Ou devo mudar e tornar-me outra coisa? Seja o que for que ele acredite ser a vontade de Deus, põe-se a fazê-la.

No entanto, observemos a segunda frase notável: "Não servindo à vista, como para agradar aos homens, mas como servos de Cristo". "Servos" deveria ser vertido para "escravos", como no versículo 5.0 que Paulo diz é, com efeito, o seguinte: "Meu caro amigo cristão, como escravo que é na casa de César, ou onde quer que esteja; eis o que lhe digo: quando você despertar amanhã de manhã, não comece dizendo a si mesmo: "Bem, aí vem outro dia. Tenho que fazer um trabalho duro, e serei espancado se não o fizer. Não receberei comida suficiente; sou apenas um escravo; isso tudo está errado. Estes senhores pagãos não entendem; não vou agüentar isso; vou rebelar-me". "Não", diz o apóstolo, "não deve falar desse modo. Quando acordar amanhã cedo, diga a si próprio: "Incidentalmente sou escravo deste homem; porém, na realidade, sou escravo do Senhor Jesus Cristo, e farei meu serviço como para Ele." É o que Paulo sempre diz acerca de si mesmo, especialmente nas introduções das suas epístolas: "Paulo, servo de Jesus Cristo." Com isso ele quer dizer, "escravo de Cristo". Com essa estrutura mental ele fazia todo o seu trabalho - como escravo de Cristo. E faz lembrar a estes escravos que esta verdade valia para eles.

Quanto a nós, é essencial compreendermos que fomos "comprados por preço" (1

Coríntios 6:20); que não nos pertencemos mais a nós mesmos. Como cristãos, não temos direito de determinar o que queremos fazer, nem o que pensar e dizer. Por natureza humana, o cristão poderá ser um político ou um agitador social; poderá querer levantar a ralé e despedaçar sistemas. Contudo,

já não deve pensar, falar e portar-se desse modo, diz o apóstolo Paulo. E se é um senhor, tampouco deverá pensar desse modo. Não ameaçará mais os seus operários, porque se dá conta de que ele próprio é um escravo também. Na qualidade de cristãos, somos todos "escravos de Jesus Cristo". Ele morreu por nós, Seu corpo foi partido, Seu sangue foi derramado por nós. Ele nos comprou e nos tirou do mercado, resgatou-nos, redimiu-nos; pertencemos a Ele. Não devo ter mais os meus próprios pensamentos; devo ser dominado e dirigido por Ele, tanto no meu pensamento como na minha prática. Jamais se esqueçam de que são "escravos de Cristo" - é o que diz o apóstolo.

O terceiro princípio que deduzo é que, uma vez que o que acima foi dito é válido quanto ao cristão, o seu principal e único desejo é agradar a seu Senhor e Salvador, e proclamar as Suas excelentes virtudes e o Seu louvor. "Servindo de boa vontade como ao Senhor, e não como aos homens." Noutras palavras, o principal motivo do cristão é glorificar a Deus e a Cristo, e agradar a Deus e a Cristo, em todas as coisas.

Resumindo a matéria, podemos colocá-la deste modo: mostramos que somos governados por estes três princípios pelo modo como fazemos o nosso trabalho. É o que o apóstolo está dizendo. Mostramos que a nossa principal ambição na vida é fazer a vontade de Deus, demonstrar que somos escravos de Cristo, comprados pelo preço do Seu precioso sangue. E isso será manifesto pelo modo como realizarmos a nossa tarefa diária.

Tudo isso é de excepcional importância na hora presente. Estamos vivendo num país onde somente uns dez por cento do povo alguma vez freqüenta um local de culto. Assim, por melhores que os pregadores sejam, não podem fazer muita coisa, porque as pessoas não vão ouvi-los. O cristão individual, porém, trabalha diariamente com essas pessoas, e está sempre entre elas; portanto, ele vem a ser um evangelista, por assim dizer. Como pratica a sua ação evangelizante? Comportando-se como servo em seu trabalho, seja este qual for! Ali está a sua oportunidade. A coisa vem a dar nisto: um trabalho mal feito é a pior recomendação do cristianismo; trabalho negligente, trabalho feita às pressas, aos atropelos, trabalho feito com indiferença ou desânimo, é um mau testemunho completo e total. É assim que o homem do mundo trabalha! Faz o mínimo pelo máximo de recompensa. Se pode evitar algum serviço, evita. Se o senhor não está por perto, ele apenas faz que trabalha, de modo que, se de repente o senhor vier, parecerá estar fazendo o seu trabalho. Mas o cristão é exatamente o oposto disso. Num cristão, todo tipo de trabalho mal feito,

todo trabalho feito negligentemente, é um testemunho paupérrimo; e faz dano ao reino de Deus. Isto se aplica em todas as esferas. Um mau trabalhador, qualquer que seja o seu trabalho, é uma traição ao Filho de Deus e ao reino do céu.

Sempre me aborreço e me entristeço quando um estudante cristão fracassa num exame. "O, sim", diz ele, "mas tomei tempo para a obra da União Cristã; estive realizando muito trabalho de evangelização." Todavia, o estudante não vai à escola para evangelizar, vai para preparar-se, habilitar-se para alguma profissão ou carreira; e se ele usar o tempo e o dinheiro dos seus pais e do Estado

que o ajudou a chegar ali, se usar esse tempo para fazer a tal obra evangelística, em detrimento dos seus estudos propriamente ditos, realmente estará traindo a causa cristã. Qualquer fracasso de um cristão é um mau testemunho. O cristão sempre deve fazer bem feito o seu trabalho. Isto se aplica não somente ao trabalho manual e aos exames escolares; aplica-se igualmente às profissões liberais. O homem que é negligente em seu trabalho profissional presta um grande desserviço ao reino de Cristo. Um cristão desagradável, seja ele médico ou advogado ou negociante ou outra coisa qualquer - digo desagradável no trato de outras pessoas que se acham acima ou abaixo dele - está dando um testemunho muito pobre e, provavelmente, está causando um grande malefício. Pouco importa se ele pode pregar ou manter uma conversação piedosa de vez em quando. É a conversa comum do homem, o seu comportamento comum que as pessoas observam; e julgam a Deus e a Cristo pelo que vêem nele.

Pois bem, permitam-me fazer uma colocação positiva. O cristão sempre deve ser o melhor, em todo e qualquer departamento. Não estou insinuando que o cristão é sempre o homem mais competente do seu grupo. Pode não ser; talvez haja outros muito mais competentes, e que não são cristãos. Tomar-se cristão não transforma um homem sem inteligência em inteligente. Mas o que a conversão faz é essencialmente isto - e este é o ponto defendido por Paulo - faz com que a pessoa sempre use ao máximo o potencial que tem, seja qual for. Esse é o segredo. Outros podem ter maior potencial; não é esse o ponto. Se o cristão usar ao máximo o seu potencial, provavelmente fará melhor obra que os outros. Essa é a exortação. O cristão deve ser zeloso, sempre industrioso, sempre honesto, sempre veraz, sempre fidedigno, sempre prestativo, sempre digno de confiança. É isso que sempre deve sobressair no cristão. Não podemos dar-lhe novas habilidades naturais, ou novas propensões; porém o cristão, por pouco inteligente que seja, pode ser honesto, reto, confiável, estável, fidedigno, verdadeiro, homem cuja palavra é a sua garantia - sempre um homem com quem podemos contar. E tudo isso porque é cristão. É precisamente o que o apóstolo ensina aqui. "Vocês escravos", diz ele, "estejam sempre em sua melhor possibilidade, façam o seu trabalho tão bem feito como for possível, esforcem-se nele, seja ele qual for; conquanto escravos, façam o máximo, dêem tudo de si".

Por que o cristão acha que deve portar-se assim? A resposta é óbvia. Agindo assim, o cristão honra a Deus e O agrada. Esta é a vontade de Deus quanto a ele. Portanto-se desse modo, ele vai se aproximando cada vez mais de como era o homem na criação original, e Deus se agrada ao vê-lo assim. De novo, como eu já disse, é uma grande oportunidade missionária, e está aberta para todos.

Vemos isto constantemente ilustrado na Bíblia. Lembrem-se da história de José. Embora pertencente ao povo de Deus, José tomou-se escravo de pagãos. Contudo, porque era um homem piedoso, tomava-se o elemento favorito onde quer que trabalhasse, e era promovido. Por que? Não era porque pregasse a outros, mas porque, sendo um homem de Deus, fazia tudo que lhe era

dado para fazer com todas as suas forças. Assim, quando estava na casa de Potifar; foi promovido; quando estava na prisão, foi promovido; onde quer que o colocassem, este homem sempre ocupava uma posição favorecida, porque era homem piedoso e porque sempre servia com o máximo da sua capacidade, fosse qual fosse a tarefa. A mesma coisa se pode dizer de Daniel e de Neemias. Há exemplos disto em todas as Escrituras. .

A mesma coisa aparece claramente na história dos primeiros tempos da Igreja cristã em Roma. Foi por isso que, afinal, o imperador Constantino, com sua astúcia, decidiu tomar-se cristão, e o Império Romano tomou-se nominalmente cristão. Os astutos políticos daquele tempo descobriram que o fator mais estabilizador do Império era a presença do povo cristão. Era um povo cumpridor da lei, pacífico, tranqüilo, era diligente no seu trabalho e, assim, finalmente veio a ser bem visto. Isso envolvia outros problemas, eu sei, mas o princípio continua sendo válido.

Inclino-me a entender que a mesma coisa aconteceu na Rússia, durante a guerra de 1939 a 1945. Lembro-me de haver lido num jornal; durante a guerra, que as leis e normas concernentes ao cristianismo na Rússia foram subitamente relaxadas por Stalin, para todo o povo! Todos ficamos admirados. A explicação, eu entendo, é que, mesmo Stalin observou que os trabalhadores mais confiáveis de todo o seu território eram os cristãos. Ele podia confiar em que fariam o trabalho deles. Daí resolveu não ser muito duro na maneira de tratá-los. Ele não se fizera cristão - longe disso! - mas fizera aquela observação. O cristianismo, na prática, estava causando boa impressão. Sempre o faz.

Este é um dos melhores meios de efetuar a evangelização. Isto explica, em grande parte, como o cristianismo se propagou nos primeiros séculos. Não fizeram campanhas gigantescas, com grande propaganda e vultosos gastos. O cristianismo se espalhou mediante "infiltração celular", como até aqui se espalhou o comunismo. Cada pessoa fala com o seu vizinho ou com o seu colega de serviço. Esse é o principal método pelo qual se deve realizar a evangelização hoje. Todos nós temos oportunidade para isso, onde quer que estejamos, e o que quer que sejamos. As

oportunidades são intermináveis.

Por último, observo que não há nada que mostre tanto a importância, a dignidade, de tudo que fazemos na vida como este ensino. Tudo o que nós fizermos como cristãos, deverá ser feito como se fosse para Cristo, "como ao Senhor", e como se fosse para Deus. Esta foi a impressionante descoberta feita por Martinho Lutero. Ele fora criado no falso sistema do catolicismo romano, com a idéia de que os cristãos estavam divididos em dois grupos - os religiosos e os comuns (os leigos). Se um homem realmente queria ser religioso, deixava o mundo e se tomava monge; e foi o que Lutero fez. Entretanto, não pôde encontrar paz ou satisfação. Repetinamente foi despertado para a grande doutrina da justificação pela fé somente; e isso abriu-lhe os olhos para a situação toda. Então passou a compreender que quando uma empregada doméstica varre uma sala, pode estar trabalhando para Deus. Não precisamos virar monges e ficar o tempo todo numa cela contando as contas do rosário, suando e orando a

fim de trabalharmos para Deus. Absolutamente não! Uma jovem empregada pode servir igualmente bem a Deus, se não melhor! Essa descoberta transformou-lhe a totalidade da vida. Não precisamos tomar-nos monges ou anaco-retas ou heremitas para sermos cristãos. Não precisamos ser todos pregadores. Onde quer que estejamos, seja qual for o nosso trabalho - varrer um quarto ou qualquer outra coisa - façamo-lo com todas as nossas forças, de coração, "não servindo à vista, como para agradar aos homens", "servindo de boa vontade como ao Senhor, e não como aos homens". Vocês nunca sabem quando alguém poderá observar e dizer: "Este homem e esta mulher são diferentes dos outros. Nunca vi ninguém trabalhar deste jeito antes. Estas pessoas parecem estar realmente interessadas, estão fazendo o melhor que podem. Que será isto?" E assim vocês poderão desencadear uma série de pensamentos que eventualmente os levarão à pergunta: "Que devemos fazer para nos salvar? Que devo fazer para ser assim?" Não importa onde você está. Poderá ser como Paulo e Silas numa prisão, com seus pés presos no tronco, mas, unicamente portando-se como cristão você convencerá outros e os levará a fazer perguntas, e poderá trazê-los a Cristo.

Tal é, pois, este grande e sumamente glorioso ensino. Nada que o cristão faz é insignificante. Quando você se levantar amanhã cedo e for para o escritório, você estará indo lá, lembre-se, como escravo de Cristo, como servo de Deus. Não somente as pessoas que, como eu, pregam nos púlpitos, é que são servos de Deus. Se você é cristão, é um servo de Deus, é um "escravo de Cristo", exatamente como este vigoroso apóstolo era. Demonstre isso em seu trabalho, demonstre-o em tudo que você fizer - em casa, em suas alegrias, em sua recreação, no almoço, no chá, em toda parte e sempre, externe isto. Assim você verá que, seja qual for a sua carreira, seja qual for o seu quinhão ou a sua posição na vida, é algo glorioso. Como George Herbert o expressa em seu bem conhecido hino:

O servo nesta condição, direi, sua labuta toma alta e divina; quem varre a sala como por Tua lei, sua pessoa e sua ação sublima.

Nunca volte a ter a sensação de realizar fatigante labuta! Seu trabalho pode ser mecânico, repetitivo, ruim. Se for este o caso, assenhoreie-se desta idéia - "O servo nesta condição, direi, sua labuta toma alta e divina". Diga a si próprio: "Vou ser um escravo por amor a Cristo. Talvez alguém olhe para mim e me veja curtindo a labuta escrava e enfrentando-a com finura, elegância e glória que o mundo jamais consegue produzir, e talvez, de repente, fique persuadido e se convença do pecado, e passe a procurar o caminho da salvação. Livre-se da idéia de que você tem de estar pregando ou ensinando explicitamente para evangelizar. Você pode evangelizar onde está e simplesmente como você é. Fará isso primariamente com o seu viver, pelo modo como você realiza o seu trabalho diário. Você provará dessa maneira que é cristão, porque somente o cristão tem a possibilidade de fazê-lo dessa maneira. "Vós, servos, obedecei a vossos senhores segundo a carne, como a Cristo, como ao Senhor".

NOSSO MESTRE E SENHOR NO CÉU Efésios 6:5-9

Ao completarmos as nossas considerações em tomo desta grande declaração apostólica, devemos examinar a maneira pela qual o apóstolo lembra também aos senhores as suas responsabilidades e sua parte nesta situação. “E vós, senhores”, diz ele, “fazei o mesmo para com eles, deixando as ameaças, sabendo também que o Senhor deles e vosso está no céu, e que para com ele não há acepção de pessoas.” Mais uma vez nos impressiona o equilíbrio das Escrituras, esta completa eqüidade. Nesse aspecto, naturalmente, as Escrituras são únicas. Não existe nada na literatura do mundo que de alguma forma se lhe compare. E na Bíblia, em toda parte, do princípio ao fim, o equilíbrio é mantido perfeitamente. Já o vimos no caso dos cônjuges, e também no caso dos pais e dos filhos. Nunca se pode dizer que as Escrituras são parciais. Uma das suas características mais extraordinárias e gloriosas é o seu equilíbrio - sua imparcialidade, sua eqüidade.

Este é um dos meios pelos quais o ensino escriturístico soluciona os problemas da sociedade; e também isto ajuda a explicar por que nenhuma outra coisa soluciona estes problemas. O mundo atual dá eloqüente testemunho do que afirmo. Qual é a causa de todos os problemas, discórdias e conflitos? É evidente que conhecimentos e as habilidades dos homens não são capazes de dar-lhes o devido trato. Há um único meio capaz de resolver este problema de “relacionamentos”, e esse meio é a mensagem cristã, a fé cristã. E o faz à sua própria maneira, estupenda e única. Tudo se baseia na proposição fundamental registrada no versículo dezoito do capítulo cinco: “E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito”. Somente quando os homens são cheios do Espírito é que realmente podem viver em paz e concórdia, e praticar esta qualidade de vida. Pois quando as pessoas são cheias do Espírito, não há amargor. O amargor é a maldição da vida, é a principal causa de dificuldade nas relações. Todos os esforços dos homens para resolver os problemas são embaraçados pelo amargor. Este se acha em ambos os lados das contendas. Vemo-lo no demagogo que muitas vezes representa os servos. Seu desejo é melhorar as condições, e isso está certo, porém raramente procura fazê-lo sem produzir grandes doses de amargor. E há igual amargor no outro lado. Os homens nunca conseguem solucionar estes problemas, porque cada qual puxa para si e só vê o seu lado. O amargor surge por causa do egoísmo - o oposto de encher-se do Espírito. Mas quando os homens são cheios do Espírito, nos dois lados de um litígio, há esperança de solução, porque ambos estão sendo

animados e governados por um desejo comum.

Éexatamente isso que o apóstolo está interessado em mostrar neste ponto. Notdxas palavras, ele diz aos senhores: "Pois bem, tudo o que eu disse aos escravos, é igualmente aplicável a vocês”. Esse é o segredo do cristianismo; coloca todos na mesma posição. Primeiramente nos coloca a todos debaixo do mesmo denominador

comum - todos somos pecadores, todos estamos sob condenação, todos somos fracassos; não há diferença. "Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea" - "porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus" (Gálatas 3:28; Romanos 3:23). Depois recebemos a indicação do mesmo Salvador, do mesmo Deus, da mesma salvação. Assim, há um princípio comum pelo qual todos somos governados, e este princípio pode solucionar os mais diversos problemas.

Sigamos o apóstolo em seu desenvolvimento do assunto. Ele se volta para os senhores e lhes diz: "E vós, senhores, fazei o mesmo". O mundo nunca pode falar desse modo, porque sempre tende a polarizar posições e diferenças. Ele dirige um apelo aos servos, e faz um apelo diferente aos senhores. Mas o apóstolo diz: "Fazei o mesmo". Significa que eles têm que comportar-se, em suas relações, exatamente como os servos devem comportar-se nas suas. Têm que viver "com temor e tremor", apesar de serem senhores. O "temor e tremor", lembtam-se, não significa temor covarde, e sim o temor de desagradar o Senhor do céu, o temor de prejudicar o evangelho e o reino de Deus. Têm de viver "com temor e tremor", e sempre terão de portar-se, com relação aos seus escravos, "com um só coração" ("na sinceridade de vosso coração"), exatamente como os escravos devem proceder. Os senhores têm que fazê-lo "como a Cristo", "como servos de Cristo, fazendo de coração a vontade de Deus", e "servindo de boa vontade como ao Senhor, e não como aos homens". Nesses aspectos não há diferença entre eles e os escravos. Todos os princípios estabelecidos no caso do escravo são igualmente aplicáveis no caso do senhor.

Em seguida o apóstolo acrescenta uma negativa, como fizera no caso dos escravos. No caso destes, a negativa era: "Não servindo à vista". Vimos que esse é o perigo peculiar ao escravo, estar sempre de olho nos seus senhores, para trabalhar o mínimo e obter o máximo. Mas, qual será a tentação peculiar ao homem que está do outro lado - o senhor? "Ameaças"! Por isso Paulo acrescenta: "deixando as ameaças".

Vemos outra vez aqui o profundo discernimento psicológico do ensino cristão. Há muitos perigos que confrontam o homem que está na posição de senhor, porém o seu maior perigo é cometer o erro de ameaçar. O senhor que é cristão não deve maltratar o seu servo, não deve tratá-lo com crueldade, não deve açoitá-lo, esbofeteá-lo, insultá-lo, nem seria preciso dizer. Mesmo a decência geral e comum o ditaria. Mas o cristianismo vai muito além desses limites. O senhor não somente não deve fazer-lhes essas coisas, é o que Paulo diz; nunca devera ameaçá-los; nunca deverá mostrar má disposição para com eles, nunca deverá humilhá-los deliberadamente, nunca deverá fazê-los lembrar-se de que são escravos e de que você é senhor, pois isso é uma forma de

ameaça. É possível ameaçar pessoas sem dizer-lhes uma palavra, sem fazer-lhes

absolutamente nada. Um duro e frio olhar, uma atitude comum e brusca, podem ser equivalentes a ameaças. Mantê-los rigorosamente em sua posição de subordinação, fazê-lo saber que esse é o seu lugar e que ali serão mantidos; dar-lhes a entender que tratem de ter cautela - tudo isso pode ser feito, ainda que você não levante à mão, não pragueje, não amaldiçoe nem grite; poderá fazê-lo com a sua disposição de espírito, com todo o seu procedimento. O senhor que é cristão, diz o apóstolo, nunca deverá portar-se desse modo, nunca deverá ser injusto em espírito, muito menos na prática e nas ações.

O comentário perfeito disso tudo acha-se, mais uma vez, na Epístola de Paulo a Filemom, a quem pede que receba de volta o seu escravo fugitivo Onésimo, não somente como escravo, mas agora "como irmão amado" (versículo 16). Essa é a relação que deve existir entre o servo e o senhor - "deixando as ameaças". Jamais, de forma nenhuma, o senhor deverá aproveitar-se da sua posição para oprimir o espírito daquele que o está servindo.

O motivo dado pelo apóstolo aqui é exatamente o mesmo dado no outro caso. Permitam-me recordar-lhes isto. Os servos (os escravos) deviam servir "com temor e tremor, com um só coração, de boa vontade", etc. Deviam agir assim para poderem agradar ao Senhor, para poderem conquistar outros para Ele, e para poderem proclamar Sua glória e Seu louvor. Deste modo também deve o senhor servir ao Senhor Jesus. Deve ser esta a sua maior ambição na vida, o seu motivo realmente central .Ele, como o seu subordinado, é escravo de Jesus Cristo, e vive para a Sua glória, para o Seu louvor e para a Sua honra. Esse é o segredo que neste ponto o apóstolo revela; esse é o primeiro motivo que ele apresenta aos senhores.

Chegamos ao segundo motivo; e de novo se aplica aos dois lados. É salientado nos versículos 8 e 9 em particular, embora o apóstolo já o tenha insinuado no versículo 5. Eis como transcorre a exortação: "Sabendo que cada um receberá do Senhor todo o bem que fizer, seja servo, seja livre. E vós, senhores, fazei o mesmo para com eles, deixando as ameaças, sabendo também que o Senhor deles e vosso está no céu, e que para com ele não há acepção de pessoas".

Este é o segundo grande motivo que deve governar toda a vida cristã, todo o viver cristão; a saber, a nossa responsabilidade perante o Senhor Jesus Cristo. *É* a percepção do fato de que somos Seus escravos e de que teremos que prestar contas a Ele. Este é um princípio de que muitos não gostam hoje em dia; nà verdade, certa aversão pela idéia de prestação de contas e de juízo tem caracterizado grande parte do pensamento religioso durante todo o presente século. É uma idéia de que não gostam e que se tomou muito impopular. As pessoas dizem: "Ah, mas esse é um motivo muito indigno para viver-se a vida cristã". Devemos viver a vida cristã, dizem elas, porque é uma vida elevada e nobre. Não devemos vivê-la por medo do inferno ou pela esperança do céu. Devemos viver a vida pelo que ela é, por ser tão

boa e tão maravilhosa! Vocês encontrarão a expressão deste sentimento em alguns hinos. Eles condenam o

que consideram um motivo mercenário e egoístisco.

Há uma antiga estória freqüentemente citada em livros e sermões há uns cinqüenta ou sessenta anos. Fala de um homem de algum lugar da Arábia, ou de alguma outra região parecida, que um dia estava caminhando e levava uma tocha de fogo numa das mãos e um balde de água na outra. Alguém lhe perguntou: "O que você está fazendo com a tocha de fogo e com o balde de água?" "Bem", disse o homem, "uma coisa estou levando para pôr fogo no céu, e a outra para apagar o fogo do inferno." Ele era apresentado como sendo um idealista tão admirável, um homem de sentimentos tão nobres, que não estava interessado nem em evitar o inferno nem em ganhar o céu; acreditava na "bondade, na beleza e na verdade" pelo valor próprio delas.

Esse tipo de ensino surgiu em meados do século dezenove. Homens chamados "eruditos" começaram a dizer que a Bíblia não era divinamente inspirada num sentido único, e começaram a substituí-la pela própria filosofia deles. Colocaram "a bondade, a beleza e a verdade", abstratamente, como os grandes princípios pelos quais os homens deviam viver, e diziam que não era desejável que cada pessoa pensasse por si mesma. Mas essa de modo nenhum é a posição cristã; é filosofia, é idealismo, contudo, não é cristianismo. Falo assim por causa do ensino do Novo Testamento; na verdade, falo assim por causa do ensino da Bíblia inteira. Do começo ao fim a Bíblia mantém diante de nós a idéia de céu e inferno. Foi Deus quem designou os dois montes - o Monte Gerizim e o Monte Ebal - com vistas a ensinar uma lição de vital importância aos filhos de Israel, quando entraram na Terra Prometida. Conforme Lhe obedecessem ou não, receberiam bênção ou maldição.

O próprio Senhor Jesus ensinou esta mesma verdade, como se vê em Lucas, capítulo 12. Os servos da Sua parábola registrada nos versículos 42 a 48 deverão ser examinados quando o Senhor vier. Alguns serão castigados com poucos açoites, outros com muitos. Também noutras parábolas Ele ensina a mesma verdade, por exemplo, nas parábolas das dez virgens e dos dez talentos em Mateus capítulo 25, e na parábola das minas em Lucas 19. Tudo foi dito com o fim de acentuar a idéia de juízo e recompensa. Em 1 Coríntios, capítulo 3, o ensino é claro e explícito: "A obra de cada um será julgada", é o que Paulo diz. O mestre cristão, como construtor, deve ver com cuidado como constrói sobre o fundamento já posto, porque "a obra de cada um se manifestará" (versículo 11-15). Depois, de novo, em 2 Coríntios 5, a mesma verdade é apresentada com muita clareza: "Porque todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo" -todos nós, cristãos - "para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem, ou mal" (versículo 9 e 10). Esse é o ensino do Novo Testamento. Portanto, devemos desfazer-nos do falso ensino idealista.
É justamente aqui que este mostra suas cores reais. Ele se apresenta como uma coisa

superior às Escrituras - uma pura e simples impossibilidade!

O mais elevado, no entanto, o mais irrefutável argumento em prol deste ensino encontra-se na Epístola aos Hebreus, capítulo 12, versículo 3. Lemos ali que até mesmo o Senhor Jesus foi mantido firme pela idéia daquilo que O

aguardava. Somos exortados a deixar "todo o embaraço, e o pecado que tão de perto nos rodeia" enquanto corremos esta carreira; "olhando para Jesus, autor e consumador da fé, o qual pelo gozo que lhe estava proposto suportou a cruz, desprezando a afronta". "Pelo gozo que lhe estava proposto"! Foi o que O ajudou e O sustentou.

Naturalmente as Escrituras não querem dizer que obtemos a salvação fazendo estas coisas. Não! A salvação é inteiramente pela graça, é um livre dom de Deus. As Escrituras ensinam que pela graça somos salvos, por meio da fé; e isto não vem de nós; é dom de Deus. O homem é justificado somente pela fé, não "pelas obras da lei" (cf. Efésios 2:8; Romanos 3:20). Todos somos salvos exatamente da mesma maneira, isto é, pela fé no Senhor Jesus Cristo. Não importa se éramos bons ou maus, no sentido moral, antes da nossa conversão, se tínhamos cometido muitos pecados ou poucos - todos somos colocados no mesmo nível, e somos salvos e justificados somente mediante a fé, pela graça. Todavia, tendo esclarecido bem isso, as Escrituras vão adiante e ensinam que haverá uma avaliação da nossa vida cristã e das nossas obras, e que, apesar de sermos todos igualmente salvos, há um tipo de diferença. Diz o apóstolo com muita clareza que aquele que está edificando com "madeira, feno, palha" sobre o fundamento único, Cristo Jesus, verá naquele grande dia que toda a sua obra se queimará, e que ele "sofrerá detrimento, mas o tal será salvo, todavia como pelo fogo" (1 Coríntios 3.T1-15). Noutras palavras, embora o homem que construiu com madeira, feno e palha permaneça justificado pela fé, sofrerá perda. Como, não sabemos. Mas sabemos, sim, que haverá um juízo para recompensa ou galardão, que todos compareceremos diante do "tribunal de Cristo" e receberemos recompensa, segundo o que cada um "tiver feito por meio do corpo, ou bem, ou mal". Esse é o ensino apóstolico, e é precisamente o ensino que o apóstolo ministra aos escravos e aos senhores quanto a esta relação peculiarmente difícil entre empregador e empregado. É ensino que deve estar sempre em nosso coração, em nosso pensamento, e em todo o nosso viver. Propicia-nos grande alento.

Ao dar continuidade à sua exortação, o apóstolo emprega a palavra "sabendo", como fizera no versículo 8. Dirigindo-se aos servos, ele diz, "sabendo"; dirigindo-se aos senhores, de novo diz, "sabendo". Poderia muito bem ser traduzido: "sabendo como sabeis". Noutras palavras, o apóstolo toma isso como coisa líquida e certa. Esta não é alguma nova doutrina, estranha e maravilhosa, que de repente ele apresenta. Diz ele: "Vocês sabem", quer dizer, "para mim é ponto pacífico. Isto é uma coisa que

presumo que todo aquele que recebeu alguma instrução cristã sabe, e, portanto, porque sabe, deve ser governado por ela". Ele apenas os está fazendo recordar uma coisa que já sabiam.

Então, que sabiam eles? Aqui chegamos ao clímax de tudo que o apóstolo vem dizendo sobre este dever de sujeitar-nos uns aos outros. Esse tema foi iniciado no versículo vinte e um do capítulo 5. Uma nova declaração começa no versículo dez do capítulo 6. Mas o versículo nove dá-nos o clímax da doutrina

sobre sujeitar-nos uns aos outros por sermos cheios do Espírito e não de "vinho". Isto é o que sabemos - que tudo que nos acontece nesta vida e neste mundo é somente "segundo a carne". Paulo inicia a exortação no versículo 5: "Vós, servos, obedecei a vossos senhores segundo à carne". Isso realmente diz tudo. Mostra imediatamente o modo cristão de enfrentar o problema da escravidão. Eis aí um pobre sujeito, um escravo, talvez com correntes pendentes dos seus pulsos, e possivelmente com os seus pés presos também. Os seus movimentos são restringidos, e cruéis mestres de obras o vigiam, dão-lhe coisas demais para fazer, sempre prontos a puni-lo. Diz-lhe o apóstolo: "Obedece a teu senhor segundo a carne". Essa é apenas uma forma de relação, diz Paulo; há outra, e superior.

Neste ponto entra em cena o grande princípio. Tudo que nos acontece neste mundo pertence à ordem temporal; estas coisas só prevalecem enquanto estamos "na carne", enquanto estamos "no corpo". Esta existência é passageira e transitória; este mundo não é o mundo permanente. Dizemos que estamos "a caminho".

Aqui, enquanto o meu corpo me prenda, ausente do Senhor, vivo a vagar; contudo, cada noite eu armo a minha tenda, um dia de marcha mais perto do Lar.

"Segundo a carne". Assim, seja qual for a sua situação nesta vida e neste mundo, deixem-me lembrá-los de que esse é somente um arranjo provisório. Não é eterno. "As (coisas) que se vêem são temporais, e as que se não vêem são eternas" (2 Coríntios 4:18). Nada é mais importante do que compreender essa distinção, qualquer que seja a sua situação. Isto não se aplica somente a servo e senhor, marido e mulher, filhos e pais, e sim a todas as outras relações e circunstâncias. Talvez você esteja lutando com algum problema terrível que quase o está esmagando neste momento; talvez esteja numa situação que é quase impossível alguém suportar; ou talvez a sua dificuldade seja relacionada com a sua saúde; não importa o que seja, lembre-se de que, seja qual for a sua situação ou o seu problema, pertence apenas à ordem temporal. E passageiro, é "segundo a carne". Não é eterno. Graças a Deus por isso! A percepção desta verdade tem sido o segredo dos santos em todos os séculos, tem sido o segredo dos mártires e dos fiéis confessantes, dos homens que não diriam, "César é Senhor", dos homens que sorriam quando eram atirados aos leões na arena, dos homens que davam graças a Deus por "terem sido julgados dignos de padecer afronta pelo nome de Jesus" (Atos 5:41).

Não se esqueçam de que o Senhor disse a Seus discípulos: “Não temais os que matam o corpo, e depois não têm mais que fazer” (Lucas 12:4). Quando enviou os Seus discípulos a “pregar, a ensinar e a expelir demônios”, advertiu-os de que não seriam recebidos em toda parte de braços abertos, de que muitos os perseguiriam e de que, até, alguns conspirariam para matá-los. Não lhes disse

que se atemorizassem, que retrocedessem em sua mensagem e O negassem para salvar a vida. Pois há um limite para o que os homens podem fazer; eles podem matar o corpo, entretanto, além disso não há nada que possam fazer. E o Senhor prosseguiu, dizendo: “Temei aquele que, depois de matar, tem poder para lançar no inferno; sim, vos digo, a esse temei” - isto é, a Deus. Portanto, seja qual for a sua situação, lembrem-se sempre de que esta vida é apenas transitória, fugaz, passageira. Estamos “aqui hoje, e amanhã teremos partido” - “segundo a carne”.

A segunda frase de Paulo salienta a primeira, num sentido; coloca-a positivamente - “no céu”. Ele exorta os senhores a fazer “o mesmo, deixando as ameaças”, porque são senhores somente “segundo a carne”. Depois, positivamente, “sabendo também que o Senhor deles e vosso está no céu”. Aqui ele introduz o mundo eterno, a esfera do Espírito. Essa é a esfera da realidade; *este* mundo é o mundo das sombras e aparências. É justamente neste ponto que os homens que não crêem no evangelho são cegos. Pensam e dizem que são realistas, e falam insolentemente da crença sobre o outro mundo, das “mansões celestiais". Cá na terra é que temos a realidade, dizem eles - dinheiro, casas, automóveis - coisas sólidas e tangíveis. Naturalmente, a verdade é que todas essas coisas vão se dissolvendo mesmo enquanto os homens as estão usando e desfrutando. “Mudança e corrupção vejo em tudo.” Esta verdade é válida mesmo com relação aos nossos corpos físicos. Não temos em nossos corpos nenhuma das células que tínhamos há sete anos; tudo muda e se move. Não, esta esfera do que se vê é irreal, artificial; vai se esvaindo, e está destinada a dissolver-se e a desaparecer. Mas então há esta outra esfera “no céu” - a invisível, a eterna, a esfera dos absolutos, a esfera da infinidade e da perfeição em todos os aspectos. “No céu”!

O cristão é alguém que vive com os olhos postos nestas coisas. Paulo diz aos filipenses: “nossa cidade está nos céus” (Filipenses 3:20). Os cristãos são ali. E nesta Epístola aos Efésios ele diz a estes escravos que eles pertencem ao céu. Seus senhores não passam de senhores “segundo a carne”; o presente é apenas uma fase passageira; a permanente está adiante. Igualmente lembra ele aos senhores a esfera final. Nesta é que devemos fixar a nossa contemplação. Como o capítulo onze da Epístola aos Hebreus no-lo recorda, os homens de fé estavam sempre contemplando “a cidade que tem fundamentos, da qual o artífice e construtor é Deus”. Não há fundamentos sólidos neste mundo passageiro; todos eles estão se abalando no

presente, não estão? A bomba atômica e a de hidrogênio estão afinal começando a levar as pessoas a verem que este mundo não é estável nem eterno. Este velho mundo está se estremecendo e vai desaparecer. O único fundamento sólido e durável é o que só se pode achar lá - "no céu".

É isso que todos os cristãos, e especialmente os senhores, devem manter bem vivo em suas mentes, diz o apóstolo; pois os fará lembrar que lá está Alguém que é sobre todos e que está acima de todos, Aquele que domina todas as coisas e que "não muda". Ele é seu Mestre, afirma Paulo. Também é seu Senhor: "Sabendo que cada um receberá do Senhor todo o bem que fizer, seja

servo, seja livre."

A única maneira de resolver os problemas da sociedade acha-se aqui. À menção desta bendita Pessoa, os servos e os senhores se dobram juntos sobre os seus joelhos, elevam os olhos para o Seu semblante e se sujeitam a Ele. Agem assim porque Ele é "o Senhor". Ele é o Senhor dos senhores, o Rei dos reis. Ele é supremo, neste mundo e no mundo por vir. Toda autoridade Lhe foi dada no céu e na terra, e "todas as coisas subsistem por ele" (Colossenses 1:17). No momento em que olhamos para Ele, no céu, aí então, como diz o apóstolo, os termos "servo" ou "livre" tomam-se relativamente sem importância e quase irrelevantes. Diz ele também: "cada um receberá do Senhor todo o bem que fizer, seja servo, seja livre." Quando entramos na esfera do absoluto, todas as outras distinções se desvanecem, deixam de ter valor; nesta esfera os "senhores segundo a came" tomam-se servos e escravos, exatamente como os outros. "Servo" e "livre" são termos negativos, e são apenas temporais.

Finalmente, para assegurar-se de que o compreendemos, o apóstolo acrescenta a frase: "para com ele não há acepção de pessoas". Ele não vê nossas divisões e distinções humanas e terrenas como nós as vemos, não tem por elas o interesse que temos. O mundo de hoje acha-se tão cheio dessas distinções e divisões como o mundo antigo - judeus e gentios, povo escolhido e cães, gregos e bárbaros. O mundo todo estava e está dividido de várias maneiras. Mas isso é completamente irrelevante aos olhos deste Mestre, deste Senhor. Seu grande interesse é pela relação da pessoa com Ele próprio; para Ele a alma é de supremo valor. Aos Seus olhos não importa se você é inglês, ou americano, o russo, se pertence à China ou a Cuba, a uma grande cidade ou a uma aldeia obscura. Só uma coisa importa - você já viu que é um pecador aos olhos de Deus? Você confia completa e inteiramente no Senhor Jesus Cristo, que morreu por você e por seus pecados? Você sabe que é um miserável pecador salvo unicamente pela graça de Deus, que recebeu nova vida e que a única coisa que importa é essa vida nova, não a antiga?

A duras penas tenho procurado demonstrar que, conquanto o cristianismo fale nestes termos, não destrói nem elimina todas as manhas, divisões e distinções humanas. No

entanto, nos leva a vê-las corretamente, a colocá-las na perspectiva certa e, assim, a lidar com elas de molde a não causarem problema, infelicidade e miséria. Os senhores e os escravos devem compreender juntos que, para o Senhor, "Não há acepção de pessoas". De nada nos valerá naquele Grande Dia dizer que fomos isto ou aquilo no mundo, importantes ou não importantes. Isso não terá absolutamente nenhum valor. Mas o mundo não sabe disso; e não podemos esperar que saiba. Não poderá sabê-lo enquanto não tiver a mente renovada, isto é, a mente de Cristo. Contudo, quanto a todos os que se dizem cristãos, continuar dando importância e atribuindo significação a estas coisas, é negar a fé. Se pensarmos e vivermos como os não cristãos, e não pusermos em prática os princípios cristãos, o povo o verá e dirá: "Que diferença faz ser cristão? Eles estão se portando exatamente como se portavam antes. Onde entra o cristianismo?" E assim, prejudicamos o Reino e a Causa. Todavia,

quando o mundo vê o servo e o senhor falando um ao outro como irmãos, e prestando culto a Deus juntos, e orando juntos, diz: "Que é isto? Nunca vi acontecer isto antes; é único". E daí começa a investigar. E o senhor e o escravo podem dizer-lhes juntos: "Isso é porque somos novas criaturas em Cristo Jesus. "As coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo". Econômica e socialmente continuamos nas mesmas posições relativas de antes, mas somos "um em Cristo", naquilo que realmente importa; e sabemos que vamos passar a eternidade juntos." "Para com ele não há acepção de pessoas." NEle, todas as nossas distinções e divisões humanas são completamente irrelevantes.

Finalmente, a coisa chega a isto: o cristão é alguém que sabe disso tudo, e que sabe também que todos compareceremos diante deste bendito Senhor e Mestre e receberemos segundo o que tivermos feito "por meio do corpo, ou bem, ou mal." Diz o apóstolo no versículo 8: "Sabendo que cada um receberá do Senhor todo o bem que fizer". Ele o receberá! Há o juízo resultando em recompensas. Essa deveria ser a consideração dominante e determinante em todo o nosso pensamento e comportamento, em todos os aspectos. "Porque todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito, ou bem, ou mal" (2 Coríntios 5:10). Mesmo antes de chegarmos lá, recebemos grande parte nesta vida, não recebemos? Servimos a um Senhor muito generoso e igualmente muito justo. Ele recompensa, Ele anima. Haverá alguma coisa na vida, no mundo inteiro, comparável a Seu sorriso para nós, a Sua expressão de como se sente satisfeito conosco?

Pensemos especialmente, porém, nisso tudo em termos do juízo final e do nosso comparecimento diante dEle, e da questão de recompensa ou castigo. Há o elemento de castigo, ou de qualquer forma de privação, os poucos açoites, os muitos açoites, e a expressão do apóstolo, "sofrerá detrimento" (1 Coríntios 3:15). Não compreendemos isso plenamente; não nos foram dados suficientes pormenores sobre

isso; e é óbvio que não houve o propósito de fazer-nos sabê-lo com exatidão. Mas sabemos o quanto está escrito, e devemos estar sempre cônscios disso. O próprio apóstolo Paulo, em meio à sua obra de pregação e às suas outras atividades no reino de Deus, diz-nos que esta verdade estava sempre presente em sua mente. Isto explica por que ele fazia tudo "com temor e tremor"; porque ele conhecia "o terror do Senhor" e sabia que teria que comparecer "ante o tribunal de Cristo" e prestar contas dos seus feitos enquanto no corpo.

Muitas vezes me causa espanto o modo como pessoas cristãs se atrevem e se aventuram a fazer certas coisas, e também como deixam de fazer certas outras coisas. Muitos cristãos parecem imaginar que, porque crêem e estão "salvos", esse é o fim; eles esquecem inteiramente esta questão de recompensa ou galardão. Fazem o mínimo no reino de Deus e na Igreja de Deus, e parecem não entender sua verdadeira relação com Ele. Nunca se esqueçam de que tudo o que fizerem e tudo o que deixarem de fazer, Ele sabe, e vocês terão que encarar de novo os seus próprios feitos, e terão que prestar contas do que tiveram feito "por meio do corpo, ou bem, ou mal". O detrimento, a perda sofrida, a que Paulo

se refere deverá ser apenas temporária. Estou especulando; eu não sei; porém, há uma perda que se pode sofrer. Às vezes penso que é simplesmente uma questão de fitar Seu rosto e Seus olhos. Lembramos como, na meninice, quando fazíamos alguma coisa errada e ficávamos com medo de ser castigados pelos nossos pais, o castigo mais terrível que recebíamos era quando eles não nos faziam absolutamente nada. Eles tão somente nos fitavam, e a expressão dos seus olhos mostrava que eles estavam decepcionados conosco. E nós ficávamos envergonhados, e nos desprezávamos e nos odiávamos a nós mesmos. Tínhamos a sensação de que perdêramos algo muito precioso. Realmente nossos pais não nos privaram de nada, não nos puniram fisicamente, mas ai de nós, aquele olhar! "Assim como é o veremos" (1 João 3:2). Olharemos Seus olhos. Lembraremos como falhamos com Ele, em nosso egoísmo, em nossa pequenez. Não permita Deus que algum de nós sofra "detrimento", sofra perda!

Agora, vejamos o outro lado. Há uma recompensa. "Bem está, servo bom e fiel. Sobre o pouco foste fiel" (Mateus 25:21). Pelo que, Ele deu-lhe mais. Seu servo utilizara bem os seus talentos, negociara com eles. Demos-lhe mais, acrescentemos ao que ele já tem! Que recompensa! É inconcebível que possa haver alguma coisa mais maravilhosa do que tão somente ouvir essas palavras do Senhor: "Bem está, servo bom e fiel. Confiei-lhe este dom, você o honrou, aumentou a Minha dádiva, foi um mordomo maravilhoso. Eu estava olhando do céu e Me comprazi em você enquanto servia; gostei disso, alegrei-Me com isso; e agora Eu o recebo - "Entra no gozo do seu Senhor". Promoção inesperada! Como nos faz lembrar a passagem de Mateus 25, que fala de "ovelhas e bodes", pode muito bem acontecer que não estejamos cientes do que fizemos. Isso não faz diferença. Ele manteve atualizada a

conta. Ele a conhece tintim por tintim; e nos recompensará ricamente.

Diz-nos o apóstolo, em 2 Coríntios, capítulo 5, versículo 11: "sabendo o temor que se deve ao Senhor" (Versão Autorizada: "... o terror do Senhor"), "persuadimos os homens à fé". Havia dois grandes motivos que concitavam o apóstolo, que o impeliam, em todas as suas viagens e em sua pregação. "O *amor* de Cristo nos constrange", e "sabendo o *temor* que se deve ao Senhor" (2 Coríntios 5:14,11). Esses dois motivos sempre devem governar-nos como cristãos, quer sejamos servos, quer senhores. "Sabendo que cada um receberá do Senhor todo o bem que fizer, seja servo, seja livre". Ainda que o seu senhor terreno não o recompense, ainda que o trate com muita injustiça, e ainda que outros riam de você e o ridicularizem, e os seus colegas de serviço digam que você é um tolo, não se aflija; você receberá a sua recompensa, o seu galardão. O seu Senhor celestial o está vendo, e Ele jamais se esquece. Ele o recompensará rica e abundamente, seja qual for a sua situação. E se diz a mesma coisa aos senhores. "Senhores, lembrai-vos de que o vosso Senhor também está no céu, e de que para com ele não há acepção de pessoas."

Nós, cristãos, pertencemos à eternidade; somos cidadãos do reino de Deus, pertencemos à esfera do espiritual. Não permita Deus que qualquer de nós veja o seu trabalho em termos deste mundo. Este é apenas "segundo a came".

Estamos "aqui hoje, amanhã não mais". O que importa é que O "veremos face a face" (1 Coríntios 13:12). "Todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem, ou mal. Assim que - digamos com o grande apóstolo - "Assim que, sabendo o temor que se deve ao Senhor", tratemos de pôr em ação o ensino quanto a escravos e senhores, filhos e pais, maridos e esposas - seja qual for o relacionamento. "Sabendo o temor que se deve ao Senhor", vivamos para Ele e para a Sua glória; lembremos sempre que essa é a esfera que realmente importa. Este mundo, embora transitório e passageiro, tem, não obstante, sua influência sobre essa outra esfera, e determina se vamos sofrer perda ou se vamos receber uma grande e maravilhosa recompensa. Vivamos, pois, à luz da eternidade; vivamos como sabedores de que estamos sempre sob o olhar e na presença do nosso Senhor que "está no céu".

VIDA NO ESPIRITO

Ao contrário do caso de um pregador londrino do princípio do século passado, o qual reclamou de uma congregação em declínio quando suas pregações sobre Efésios chegaram ao capítulo cinco dessa epístola, os sermões do doutor Lloyd-Jones sobre Efésios 5:18 a 6:9 (contidos neste volume) foram os de maior influência durante o seu longo ministério na Capela de Westminster (1938-1968). Há várias razões para isso. Em primeiro lugar, esta passagem de Efésios, que se inicia com a exortação "Enchei-vos do Espírito", deu ao pregador a oportunidade para

demonstrar através do texto uma das suas convicções mais profundas, a saber, que o único cristianismo suficientemente vibrante e estimulante para penetrar e mudar a sociedade é aquele que manifesta o poder do Espírito de Deus.

Após cinco sermões de abertura sobre este tema, o autor segue o apóstolo Paulo e trata dos relacionamentos fundamentais da sociedade: casamento, lar e trabalho. Estes assuntos práticos, ele insiste, não podem ser compreendidos corretamente à parte dessas verdades profundas da fé cristã às quais Paulo os relaciona. Isolar a ética da doutrina é incorrer em desastre.

Se é verdade que a urgência caracterizou a pregação do doutor Lloyd-Jones, isso se manifesta na maneira em que ele trata destes assuntos. O lar e suas funções, a criação de filhos, os propósitos do trabalho — todos estes estão sendo questionados hoje em dia, enquanto experiência, permis-sividade e insatisfação com instituições estabelecidas, são fatores comuns na nossa sociedade contemporânea, a qual está em dissolução. A única esperança em tal situação se acha num retorno aos princípios básicos dos quais o bem-estar da vida do indivíduo e da sociedade estão absolutamente dependentes. Para conhecermos esses princípios precisamos da Bíblia e, em particular, deste trecho de Efésios exposto e aplicado neste livro.

PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS

Rua 24 de Maio, 116 — 3^{2} andar — salas 16-17 — São Paulo — SP